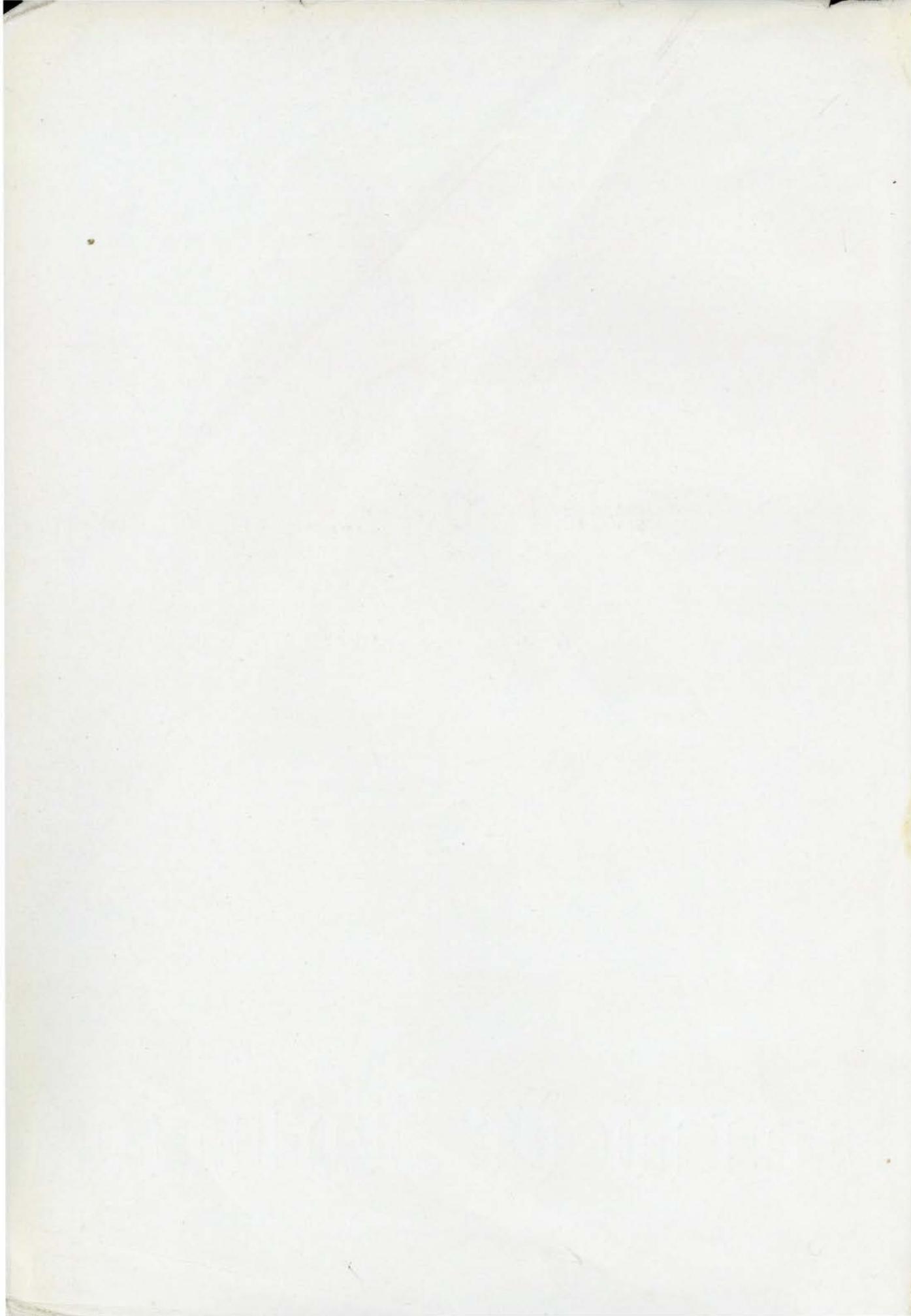




SEVATI  
1939

# Diario de Noticias

DA SUA FUNDAÇÃO ÀS SUAS BODAS DE DIAMANTE



# Diario de Noticias

DA SUA FUNDAÇÃO  
ÀS SUAS BODAS DE DIAMANTE

---

2.º VOLUME

---

Composto e impresso  
nas oficinas gráficas  
da Empresa Nacional  
de Publicidade

JOÃO PAULO FREIRE (MÁRIO)  
— COORDENOU E ESCREVEU —

DEPÓSITO LEGAL

MAR. 1962

P.

238

A.

29 de Dezembro de 1864

29 de Dezembro de 1914

29 de Dezembro de 1939

238

# O Diario de Noticias

DA SUA FUNDAÇÃO  
ÀS SUAS BODAS DE DIAMANTE

//

ESCÔRÇO DA SUA HISTÓRIA  
E DAS SUAS EFEMÉRIDES

//

2.º VOLUME

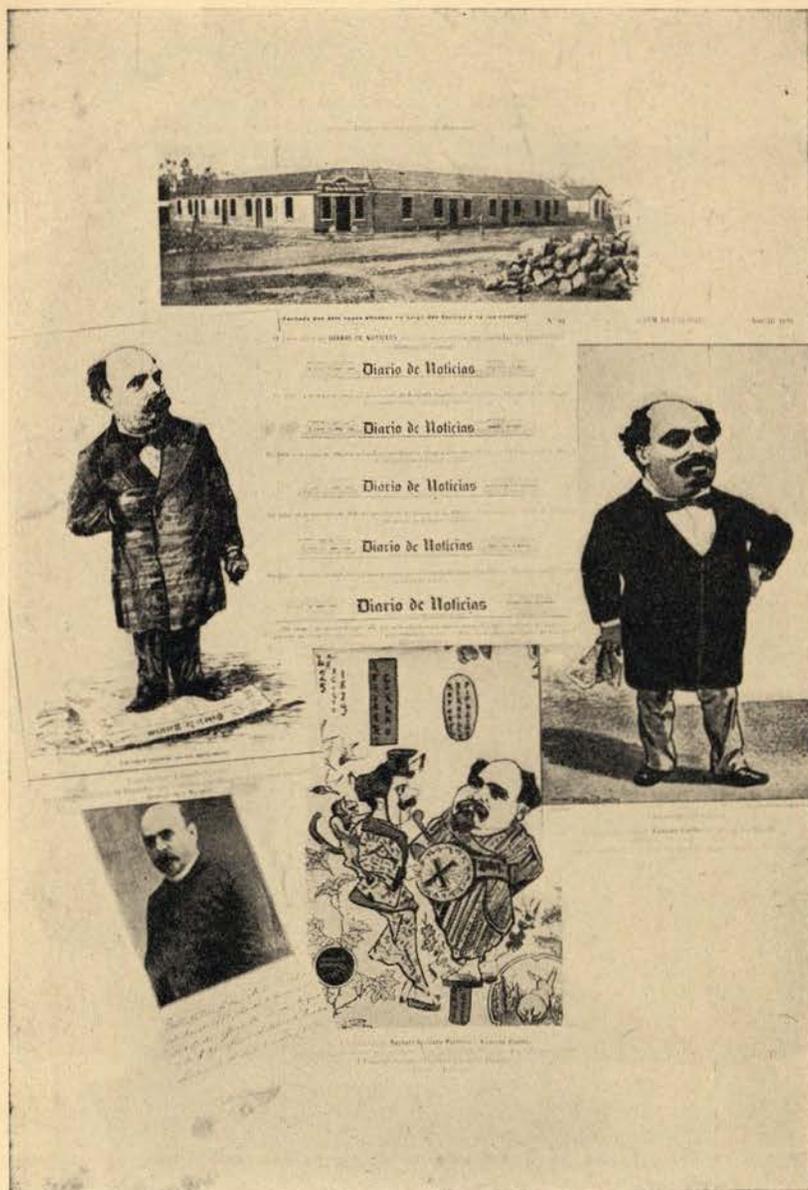
//

EDIÇÃO COMEMORATIVA  
DAS  
BODAS DE DIAMANTE  
DO  
Diário de Noticias



Central





Em cima ao alto, a fachada das sete casas situadas no Largo das Escolas e rua contígua, que constituem o Bairro «Diário de Notícias» em Benavente, a que nos referimos no 1.º volume; ao centro: cabeçalhos do «Diário de Notícias» segundo as modificações operadas na propriedade do jornal até 1900; à esquerda e à direita, caricaturas de Eduardo Coelho, respectivamente de J. Navarro e Rafael Bordalo Pinheiro, a 1.ª em *O Penacho* e a 2.ª no *Album das Glórias*; em baixo, à esquerda, Eduardo Coelho, retrato tirado em Madrid a 27 de Setembro de 1887 e oferecido a sua filha D. Maria Adelaide; ao centro, caricaturas de Rafael Bordalo e Eduardo Coelho executadas e oferecidas pelo primeiro, com os seguintes dizeres: «Lx.ª 25 Agosto 1879. A Eduardo Coelho — Rafael Bordalo Pinheiro — e ao fundo: Agradeço».



## ASSEMBLEIA GERAL

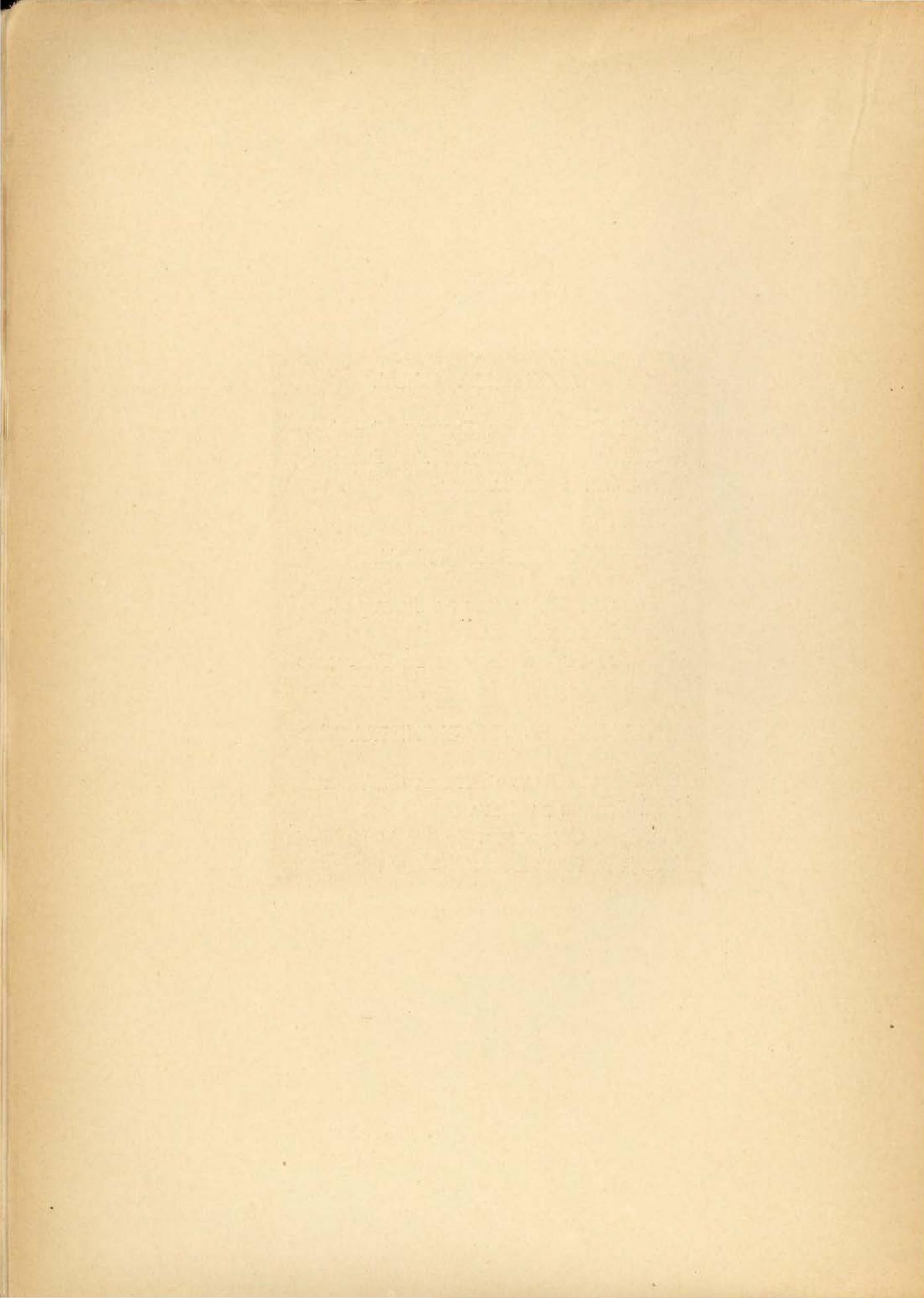
JOSÉ CARREIRA DE SOUSA	Presidente
DR. ABEL DE ANDRADE J. <sup>o</sup>	Secretário
ANTÓNIO ENES DA LAJE	»

## CONSELHO FISCAL

MANUEL GONÇALVES DA SILVA  
EUGÉNIO DE SOUSA  
DR. FERNANDO MARTINS DE CARVALHO

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DR. ADOLFO ALVES PEREIRA DE ANDRADE  
JOSÉ CARLOS DA SILVA  
DR. JOSÉ GONÇALVES  
DR. JOÃO PIRES DINIZ





DR. ADOLFO DE ANDRADE





JOSÉ CARLOS DA SILVA





DR. JOSÉ GONÇALVES





DR. JOÃO DENIS





## CAPÍTULO PRIMEIRO

Organização Geral





Empresa Nacional de Publicidade, sociedade anónima de responsabilidade limitada, proprietária do *Diário de Notícias*, rege-se actualmente pelos Estatutos que constam da escritura de 9 de Dezembro de 1927, notas do notário Tavares de Carvalho, publicada no «Diário do Governo» n.º 282, III série, de 16 de Dezembro dêsse ano.

Por escritura de 16 de Janeiro de 1928, outorgada nas notas do notário Tavares de Carvalho, publicada no *Diário do Governo* n.º 15, III série, de 19 de Janeiro de 1928, e de conformidade com o artigo 5.º dêsstes estatutos, o capital da Empresa Nacional de Publicidade, que era de 5.000.000\$00, foi elevado a 22.500.000\$00 por meio da emissão de mais 175.000 acções, tôdas subscritas e pagas na forma constante da referida escritura.

Em 18 de Março de 1929, por escritura publicada no «Diário do Governo» n.º 68, III série, de 23 dêsse mesmo mês e ano, foi alterado o artigo 32.º dos Estatutos, aumentando de mais um ano o primeiro exercício social, que, em vez de 30 de Junho de 1928, passou para 30 de Junho de 1929.

Por escritura de 24 de Dezembro de 1931, outorgada nas notas do notário Fernando Tavares de Carvalho, e ao abrigo da autorização constante da sentença do Juízo da 3.ª vara do

Tribunal do Comércio, datada de 12 do mesmo mês e ano, o capital da Empresa Nacional de Publicidade que, nos termos das escrituras de 9 de Dezembro de 1927 e 16 de Janeiro de 1928, era de escudos 22.500.000\$00, dividido em 225.000 acções do valor nominal de escudos 100\$00, cada uma, foi reduzido a escudos 15.000.000\$00 representado por 150.000 acções do valor nominal de escudos 100\$00, cada uma, tendo-se feito essa redução pela caducidade de 75.000 acções da Empresa que existiam na sua carteira.

O artigo 1.º dos Estatutos diz textualmente:

Sob a denominação de Empresa Nacional de Publicidade é constituída por tempo indeterminado, com sede em Lisboa, uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, que se fica regendo pelos presentes estatutos.

§ único. Tem a Empresa o seu escritório na Rua do Diário de Notícias, 78, desta cidade, e pode o conselho de administração instalar, manter, transferir e encerrar quaisquer escritórios e outros estabelecimentos, assim como sucursais, agências e outras formas de representação social.

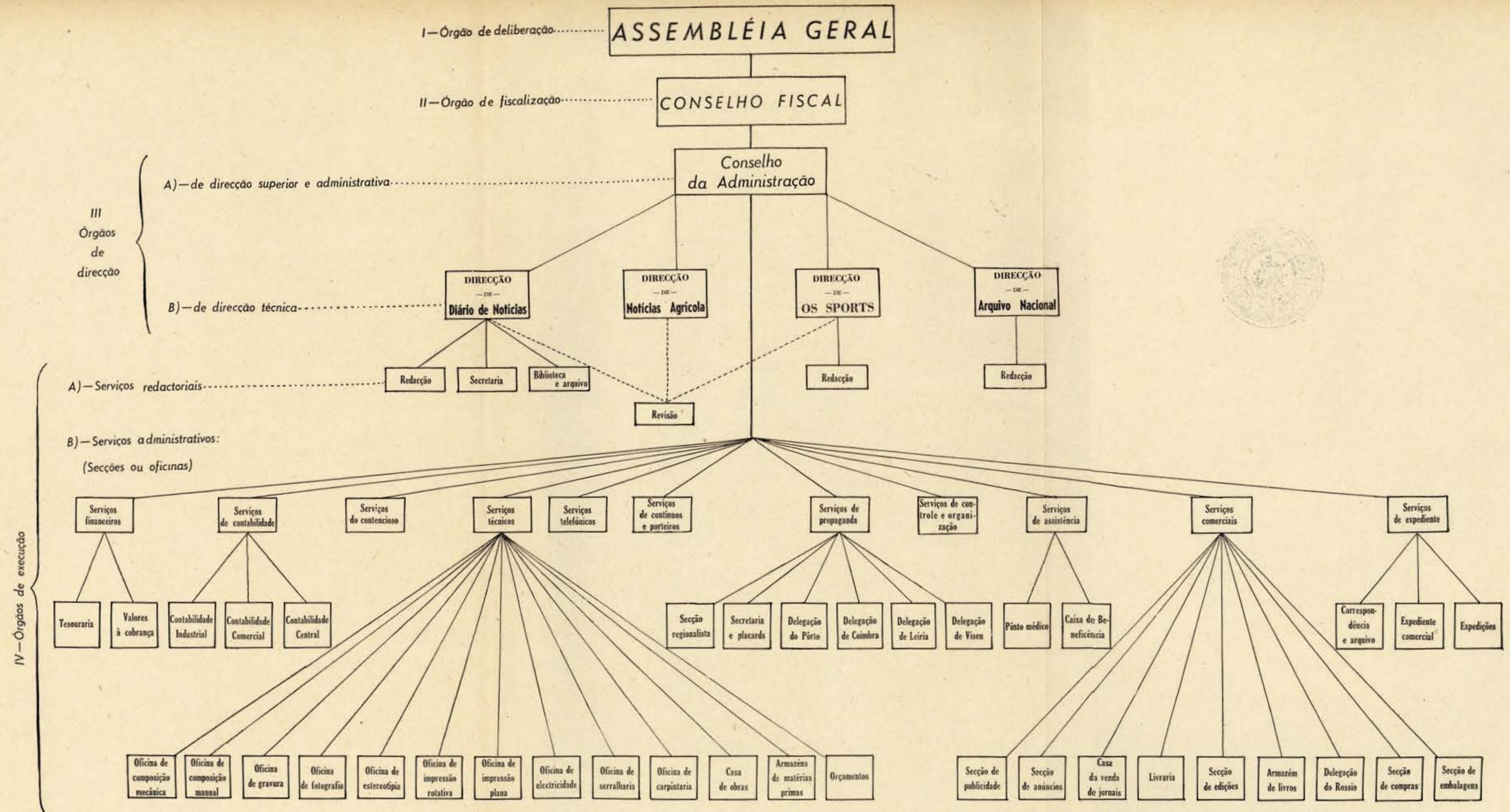
O *Diário de Notícias* é, como já vimos, um órgão de informação diária e de publicidade, cuja direcção técnica e política está presentemente confiada a um só director, tendo desaparecido, após a saída do sr. dr. João do Amaral, o cargo de subdirector. Os serviços redactoriais, de reportagem e de expediente privativo distribuem-se pela *Redacção, Secretaria, Biblioteca e Arquivo*.

Interessam-nos, neste ponto, os serviços administrativos, ou seja o *Diário de Notícias* por dentro. O *Diário de Notícias* na sua organização interna. Estes serviços distribuem-se por várias secções e oficinas. Abrangem os *serviços financeiros, de contabilidade, contencioso, serviços técnicos, telefónicos, propaganda, contróle e organização, assistência, comerciais e expediente*. Os serviços de contabilidade compreendem três ramos distintos: *contabilidade industrial, comercial e central*, que funcionam como secções autónomas, cada uma com o seu chefe. As duas primeiras são contabilidades analíticas. A contabilidade central é essencialmente sintética.



A nova sede do «Diário de Notícias» — A entrada vista de frente





ESQUEMA DA ORGANIZAÇÃO GERAL DA EMPRÊSA NACIONAL DE PUBLICIDADE EM 1939

Os serviços técnicos da Empresa são superiormente orientados por um engenheiro e compreendem os serviços das oficinas de *Composição mecânica*, *Composição manual*, *Gravura*, *Fotografia*, *Estereotipia*, *Impressão rotativa*, *Impressão plana*, *Electricidade*, *Serralharia*, *Carpintaria* e *Tipografia*, estando-lhe subordinados os *Armazéns de matérias primas* e a *Secção de Orçamentos*.

Possue o *Diário de Notícias* uma cabina telefónica de P. A. B. X., servida por cinco linhas ligadas à rede da Companhia, com extensões em tôdas as secções e oficinas, além dos telefones privativos dos senhores administradores e director do jornal.

Os serviços de assistência compreendem os tratamentos do pessoal, no Pôsto médico, as consultas e a beneficência.

A Caixa de Beneficência, dirigida por uma comissão administrativa, destina-se a distribuir por pessoas comprovadamente necessitadas as esmolas que lhe são enviadas, acrescidas com o produto dos bilhetes de teatro e cinema oferecidos pelas empresas e utilizados pelo pessoal do *Diário de Notícias*.

Os serviços comerciais são os das secções de *Publicidade* e de *Anúncios*, da *Casa da venda de jornais*, da *Livraria*, *Edições*, *Armazém de livros*, *Delegação do Rossio*, *Secção de compras* e *Secção de embalagens*.

Os serviços de expediente distribuem-se pelas secções de *Expediente* e *Arquivo*, de *Expediente comercial* e *expedições*.

O gráfico que se encontra entre páginas 21 e 23 dá a nota precisa e clara desta organização.

Esmiucemos:

Da ASSEMBLÉIA GERAL, pelo artigo 15.º, depende o exercício do direito de voto do averbamento de 1.000 ou mais acções da Empresa, ou do seu depósito nos cofres da mesma; do CONSELHO FISCAL, a fiscalização dos negócios; do CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO, a administração da Empresa e a sua representação em juízo e fora dêle.

As direcções dos jornais «Diário de Notícias», «Notícias Agrícola», «Os Sports» e «Arquivo Nacional» são autónomas no exercício das suas funções.

Quanto aos SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS (*órgãos de execução*) temos:

#### SERVIÇOS FINANCEIROS

#### TESOURARIA

Em 1926, existia a secção de Tesouraria e Valores Selados, exercendo o cargo de tesoureiro o sr. José Maria Carvalhosa, que deixou de ser empregado da Empresa em 1927 e foi substituído pelo sr. Luiz da Graça Reis, que saiu em 1930. Em 1928, desta secção organizaram-se duas: Tesouraria uma e Valores Selados a outra. Em 1930, pela saída do sr. Graça Reis, ficou interinamente a exercer a chefia da Tesouraria o sr. Carlos Robalo dos Santos, que foi definitivamente provido neste cargo em 1932 (1).

A Tesouraria tem actualmente (1939), além do chefe, os seguintes empregados: Manuel Teixeira, ajudante do tesoureiro, e Joaquim da Silva, caixa.

#### SECÇÃO DE VALORES À COBRANÇA

Como o seu nome indica, a função principal desta secção é cobrar todos os valores que ao jornal pertencem, quer da publi-

---

(1) Carlos Robalo dos Santos entrou para a Empresa Nacional de Publicidade em 1 de Março de 1926, como caixa, passou a ajudante de tesoureiro em 1927 e a tesoureiro em 27 de Agosto de 1932.



A nova sede — O átrio onde se acham instalados os serviços de anúncios, encomendas de trabalhos gráficos, venda de publicações e serviços de correio e telégrafo



cidade, quer das três contabilidades existentes. A sua fundação data de 1928. Para se avaliar do seu movimento basta dizer-se que o seu gasto, por mês, em selos para a selagem dos recibos dá uma média, aproximadamente, de três mil escudos.

Além do respectivo chefe, sr. Alberto Calderon Deniz (2), tem actualmente (1939) os seguintes empregados: João Moreira Ventura, Maria de Lourdes Valente, Acácio Barata, Emília Moreira, António Cardoso, Aureliano de Matos, Ribeiro da Silva; cobradores: José Caetano Nereu, José Mateus, Miguel Nunes, Júlio Pinheiro Abranches, José Valentim Serra, Luiz Miguéis, António Marques, Genésio Silva, Francisco Pereira.

### CONTABILIDADE INDUSTRIAL

As suas contas principais são: Conta da Laboração, Armazéns Gerais, Oficinas — Conta de Materiais, Devedores e Credores Gerais. Tôda a escrita tem o seu preciso desenvolvimento e a sua escrituração é feita em face de documentos, facturas e notas. É chefe desta secção o sr. António Matias Ferreira Gomes (3).

### CONTABILIDADE COMERCIAL

Esta secção tem a seu cargo a escrita comercial de todos os serviços da Empresa, tais como: exploração das publicações «Diário de Notícias», «Os Sports», «Notícias Agrícola», «Arquivo Nacional» e o «Mosquito»; das edições da Empresa; das

---

(2) Alberto Calderon Deniz. Entrou para o serviço da antiga Empresa do *Diário de Notícias* a 17 de Julho de 1920. Aquarelista e caricaturista por diletantismo, ilustrou em 1925, ano em que fez uma exposição de aquarelas e caricaturas, uma crónica semanal no jornal. Em 1928, encarregaram-no de organizar os serviços de cobrança de que foi nomeado chefe. Em 1935, foi delegado da Empresa junto da gerência da Sociedade de Diversões, L.<sup>da</sup>, que explorou em Lisboa o Luna Parque em 1935 e 1936.

Em 1938, tomou a seu cargo a organização e a parte artística da obra de Rocha Martins «Os Grandes Vultos da Restauração de Portugal», editado pela Empresa.

(3) Entrou para o *Diário de Notícias* no dia 2 de Setembro de 1916, como escriturário. Ajudante de guarda-livros em 1919. Chefe da Contabilidade industrial desde 1923.



Dr. Caetano Beirão



Ariosto Saturnino



Dr. António Filomeno Lourenço



Arnaldo José Faria de Oliveira



Carlos Robalo dos Santos



Alberto Calderon Deniz



António Matias Ferreira Gomes



José António da Costa Barros

edições alheias consignadas, entre as quais a «Enciclopédia»; da exploração da tipografia, da gravura e da fotografia; das contas de devedores e credores, contas de agentes, angariadores de publicidade, consignatários e consignantes de edições e outros clientes, e a escrita de assinantes. Era chefe desta secção o sr. dr. António Filomeno Lourenço, que em fins de 1936 passou a chefiar a Secção de Contrôlo e Organização, sendo substituído pelo actual chefe, sr. José António Costa Barros (4).

### CONTABILIDADE CENTRAL

Nesta secção, além da escrita oficial e auxiliar, estão integrados os serviços que respeitam às assembléias gerais, dividendos, obrigações, contribuições e impostos, licenças camarárias, pessoal, estatística, beneficência e expediente geral. Além do respectivo chefe, sr. Ariosto Saturnino (5), há os seguintes funcionários: Raul Homem Cristo, Rui Faria de Oliveira, José Abel Sáfera da Costa, D. Clotilde Roubaud y Pujol e os praticantes Fernando Pinto de Mesquita e Armando da Conceição Marques.

### CONTENCIOSO

Entre os vários serviços da Empresa Nacional de Publicidade figuram, como não podia deixar de ser, os do Contencioso, que, na organização geral da Empresa, constitue uma secção em ligação directa com o Conselho de Administração.

---

(4) José António Costa Barros. Nasceu em Lisboa, na freguesia de Santa Isabel, a 15 de Dezembro de 1896. Entrou para o serviço da Empresa Nacional de Publicidade, em 23 de Abril de 1923 para o lugar de subchefe da secção de Contabilidade Comercial, de que foi promovido a chefe, em fins de 1936.

(5) Ariosto Saturnino. Entrou para o *Diário de Notícias* como escriturário em 1 de Maio de 1907. Nomeado secretário da Administração em 1910. Nomeado administrador em 1912, por morte de João Pereira. Em 1919, quando o *Diário de Notícias* e a Tipografia Universal foram transformados em Sociedade Anónima, foi nomeado Chefe da Contabilidade e guarda-livros, ficando secretário da Administração até ter sido nomeado para este cargo Amâncio Caiola Zagalo. Em 1 de Maio de 1924, assumiu as funções de editor. É um dos funcionários mais antigos do *Diário de Notícias* e representa como que o traço de união entre o Passado e o Presente.



Dr. Alberto Reis



Dr. Horta e Costa



Abílio Barbosa Duarte Cruz

Dirige êsses serviços, há cêrca de dezoito anos, o consultor jurídico e advogado da Empresa, dr. Alberto Ramires dos Reis (6), coadjuvado, desde 1937, pelo dr. António Horta e Costa (7), e trata dos assuntos de procuradoria que lhes estão adstritos, também há cêrca de dezoito anos, o solicitador Abílio Barbosa Duarte Cruz.

Escusado será especificar tôda a acção que esta secção tem desenvolvido desde que se formou, visto tratar-se de serviços que são, como se sabe, indispensáveis em tôdas as grandes organizações comerciais e industriais. Não queremos, porém, deixar de frisar que por êste Contencioso — criado ainda no tempo da antiga Empresa Diário de Notícias e que conta já bastantes anos de existência — passaram grande número de problemas importantes, a que as manifestações da actividade desta Empresa e do seu jornal têm dado lugar.

O que sobretudo caracteriza o trabalho exercido por esta secção é a grande variedade de assuntos a que ela tem dado expediente, sôbre os quais tem sido chamada a pronunciar-se, o que é perfeitamente compreensível por se tratar do Contencioso duma empresa editora dum grande jornal, com o seu nome ligado a muitos empreendimentos e cuja actividade oferece os mais variados aspectos.

Impossível dar a conhecer tôdas as questões que, através de tantos anos, passaram pelo Contencioso e em virtude dos quais êle tem mantido relações não só com os Tribunais (incluindo os do Contencioso das Contribuições e Impostos), como

---

(6) Alberto Ramires dos Reis, advogado, natural de Lisboa, nascido em 12 de Fevereiro de 1892, filho de Eduardo António dos Reis e de D. Matilde Henriqueta Ramires dos Reis, já falecidos; formado em direito pela Universidade de Coimbra, onde obteve o grau de Bacharel em 20 de Outubro de 1913, com a classificação de 16 valores (distinto).

Pertenceu à antiga Associação dos Advogados de Lisboa e está inscrito actualmente na Ordem dos Advogados.

Foi consultor jurídico e advogado da Companhia Industrial de Portugal e Colónias e da antiga Empresa Diário de Notícias, depois da dissolução da qual passou a exercer idênticas funções na Empresa Nacional de Publicidade.

(7) António Miguel da Câmara Horta e Costa. Nasceu em Lisboa a 12 de Outubro de 1891. Bacharel em Direito formado pela Universidade de Coimbra em Junho de 1915. Escritor teatral de mérito. Entrou ao serviço da Empresa Nacional de Publicidade em 16 de Outubro de 1937 para adjunto do Contencioso.



**Nova sede** — A fachada do edificio  
na rua Rodrigues Sampaio



também com as mais diversas repartições e organismos oficiais, como Conservatórias (do Registo Predial, do Comercial e do da Propriedade Intelectual), Biblioteca Nacional de Lisboa, Repartição da Propriedade Industrial, Direcção Geral das Indústrias, Instituto Nacional do Trabalho, Câmaras Municipais, Secções de Finanças, Direcção dos Serviços de Censura, etc. Mas, dentre aquêles, não se deve deixar de salientar várias questões de imprensa, pareceres baseados em diversas leis e, designadamente, na legislação sobre o trabalho e no último Código Administrativo, assuntos de propaganda e publicidade, requerimentos e diligências junto da Direcção Geral dos Serviços de Censura; questões de contribuições, imposto profissional dos empregados, operários e jornalistas, e outros impostos; contratos da mais variada natureza, entre os quais os relativos a várias publicações periódicas e edições da Empresa, à instalação das suas sucursais e delegações, escrituras, requerimentos e representações a ministros e outras entidades oficiais, cobrança de dívidas ou acórdos sobre elas, e muitos outros casos que não cabe, nesta pequena resenha, designar.

É claro que o Contencioso, pela multiplicidade dos assuntos que lhe compete tratar, também tem de estar em contacto com a Direcção do jornal, das outras publicações da Empresa e com várias secções administrativas, designadamente a da Contabilidade Central.

Finalmente, deve-se ainda acrescentar que todo o pessoal da Empresa Nacional de Publicidade encontrou sempre no seu Contencioso uma assistência efectiva que tem levado êste a acompanhar, em posição de combate, pleitos complicados, incluindo uma série de incidentes e recursos da primeira à última instância.

Pelo que fica dito, se fará uma idéia do grande volume de estudos e trabalhos a que êste Contencioso se tem dedicado, que a conhecida exuberância da nossa legislação torna mais complexos ainda.

## SERVIÇOS TÉCNICOS

A Secção Técnica da Empresa Nacional de Publicidade, que tem como chefe o sr. engenheiro Gabriel Reis, competem vários serviços que se dividem da seguinte forma:

Serviços para o jornal .....	{	Composição
		Estereotipia
		Impressão em rotativas
		Fotografia
		Gravura
		Expedição
Serviços para a Casa de Obras .....	{	Composição
		Impressão em máquinas planas
		Fotografia
		Gravura
		Expedição

Como se vê, quatro destas secções (Composição, Fotografia, Gravura e Expedição) trabalham indistintamente para o jornal e para a Casa de Obras.

Vamos agora fazer a descrição de cada uma destas secções.

### COMPOSIÇÃO

Conforme todos sabem, a composição começou por se fazer manualmente. Depois a composição começou a fazer-se em máquinas de compor.

A E. N. P. adquiriu há muitos anos algumas destas máquinas e durante muito tempo manteve o sistema misto de composição. Assim, o texto do jornal era composto à máquina e manualmente todos os anúncios e títulos. A pouco e pouco foi adquirindo mais máquinas de compor e hoje pode-se dizer que, praticamente, está abolida a composição manual. Esta apenas serve agora para substituir qualquer máquina que tenha sofrido algum desarranjo, de maneira a não trazer atrasos à saída do jornal.

A nossa oficina de composição consta actualmente de 16

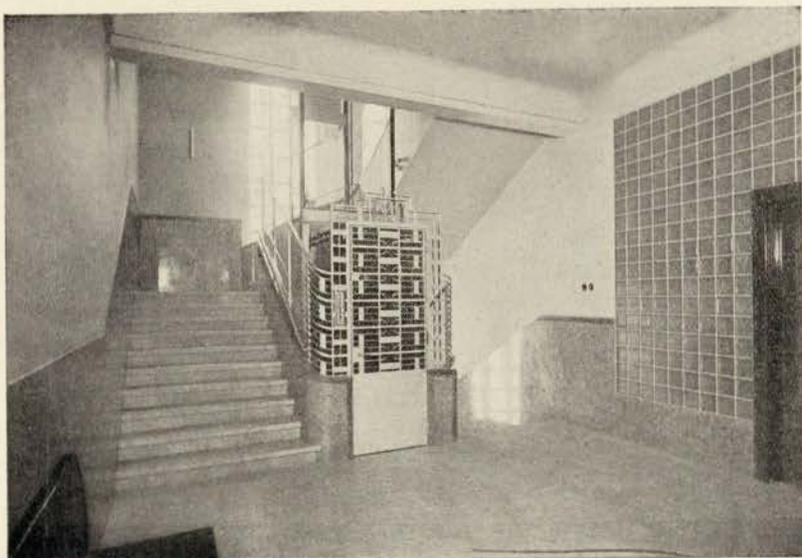


**Nova sede** — Outro aspecto do átrio para serviço do público. A esquerda e ao fundo, os grandes frescos de Almada Negreiros





Engenheiro Gabriel Reis



As novas instalações do «Diário de Notícias» — A escadaria principal e o ascensor

máquinas de compor, das quais 14 são «Linotypes» e 2 «Intertypes», e de uma máquina «Ludlow» de fundir títulos.

Daquelas 16 máquinas apenas 3 são antigas e as outras podem-se considerar modernas, satisfazendo a todos os requisitos de um grande jornal. Com elas e com a nova máquina de títulos consegue-se compor todos os anúncios, mesmo os mais complicados, como os que antigamente se imaginava estarem dependentes da habilidade do compositor.

Para trabalhar com a máquina de fundir títulos «Ludlow», os antigos compositores manuais colocam manualmente nos componedores matrizes especiais, com as quais fundem na máquina linhas perfeitamente idênticas às que saem das máquinas de compor. Desta forma se evitam as falhas de impressão que tão mau aspecto e tão grandes prejuizos trazem a um jornal.

Nesta secção trabalha-se durante a noite no jornal «Diário de Notícias» e durante o dia nas restantes publicações da casa, como «Os Sports», «Notícias Agrícola», «Arquivo Nacional» e outras obras.

As páginas do jornal são montadas na secção de paginação, hoje dependente e ligada à oficina de composição. No caso das outras publicações, a paginação e montagem das fôrmas faz-se na secção de composição de obras, ultimamente ligada àquela.

Actualmente a secção de Composição tem os seguintes empregados:

De noite — 1 chefe geral de noite, inspector destes trabalhos; 1 chefe de dia; 2 subchefes da composição mecânica; 1 chefe de paginação; e 19 oficiais maquinistas de dia; 27 oficiais maquinistas de noite; 4 meios oficiais; 5 paginadores e 25 oficiais compositores de anúncios e títulos.

Passemos à *Estereotipia*.

Os serviços desta secção dividem-se em dois trabalhos:

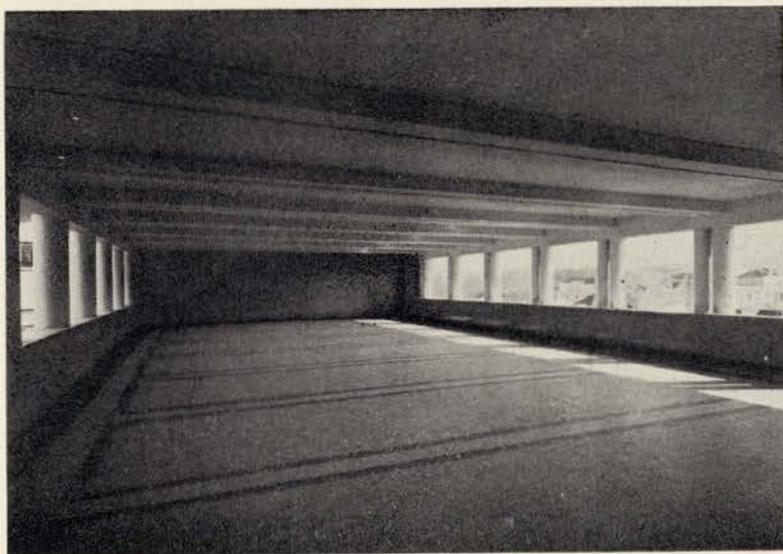
- 1) Passagem das páginas para a matriz;
- 2) Fundição dos «clichés».

1) *Passagem das páginas para a matriz:*

Antigamente esta operação fazia-se numa calandra onde a pressão na matriz se obtinha por meio de um movimento longi-



**A nova sede — Junto da grande rotativa**  
Da esquerda para a direita: Engenheiro Ângelo Ramalheira, Engenheiro I. Katel,  
Arquitecto Pardal Monteiro, Engenheiro Gabriel Reis, Mestre Zozino Rodrigues  
Lima, Felipe Rodrigues Vacas



**Nova sede — Um aspecto do terraço coberto, sôbre a Avenida da Liberdade**



tudinal do prato da calandra. Daqui resultava não ser essa pressão uniforme e a impressão tornar-se difícil e irregular.

Actualmente esta calandra serve apenas de reserva no caso da nova se estragar, e a passagem das páginas faz-se numa prensa onde a impressão na matriz se obtem por meio de um movimento vertical a uma pressão muito elevada (750 toneladas), ficando, portanto, toda a letra e gravuras muito regulares e uniformes. Esta prensa é da conhecida fábrica Winkler e faz a impressão a quente por meio de aquecimento eléctrico.

## 2) *Fundição dos «clichés»:*

Antigamente esta operação era feita manualmente. Havia um forno onde se fazia a fundição e o metal derretido era vasado a braços para uns moldes onde se moldavam os «clichés». Esta operação levava imenso tempo, constituía um perigo para os operários e fazia uma má fundição.

Hoje empregam-se duas máquinas automáticas Winkler, uma para 2.000 quilos e outra para 3.000 quilos de conteúdo de metal. Para fazer o jornal precisamos apenas de trabalhar com uma, pelo que temos sempre uma máquina de reserva.

Cada uma destas máquinas produz 2 «clichés» por minuto, sendo todas as operações feitas automaticamente, com segurança para os operários e sem que estes tenham de fazer esforços parecidos com os que se faziam anteriormente. Para complemento da fundição existem outras pequenas máquinas acessórias, tais como: secador a gás (para secar a matriz), fresa, laminador, este para fazer com que o «cliché» fique com uma espessura uniforme.

Empregamos nesta oficina 1 chefe, 1 subchefe, 1 fundidor, 5 estereotipadores e 4 serventes.

## IMPRESSÃO EM ROTATIVAS

Existem actualmente três máquinas rotativas, todas da casa M. A. N., sendo uma delas, a mais moderna, composta por dois elementos. Como todas estas máquinas se encontram, em virtude do número de anos de serviço, em estado muito deficiente, dando relativamente pequena produção horária, cada uma pouco mais

de 10.000 exemplares por hora em jornais com o formato máximo de 8 páginas, decidiu-se nas novas instalações da Avenida montar uma máquina rotativa da casa R. Hoe and Co., com as seguintes características:

É uma rotativa de grande velocidade, composta de 4 elementos, duas saídas de jornais, com dois cilindros para côres e alimentação das bobinas de papel feita verticalmente na sub-estrutura inferior, própria para fazer, no máximo da produção, ou sejam 80.000 exemplares à hora, jornais encasados de 16 páginas das mesmas dimensões do actual «Diário de Notícias» e de 32 páginas com metade da produção.

Nesta oficina empregamos os seguintes homens: 1 chefe, 8 impressores e 9 serventes.

#### IMPRESSÃO DE MÁQUINAS PLANAS

Nesta oficina, destinada a imprimir livros e revistas, empregamos as seguintes máquinas: 4 máquinas M. A. N. planas, duas das quais grandes, e duas mais pequenas, com uma produção média de 800 fôlhas à hora, tôdas elas com marginador manual.

1 máquina plana grande, «Linotype», com uma produção média de 2.000 fôlhas à hora e com marginador automático.

1 guilhotina «Krause» de grande capacidade e grande produção, além de 2 pequenas máquinas tipo «Phoenix» e «Minerva».

Nesta oficina empregamos 1 chefe, 1 subchefe, 4 oficiais impressores, 2 meios oficiais, 2 serventes.

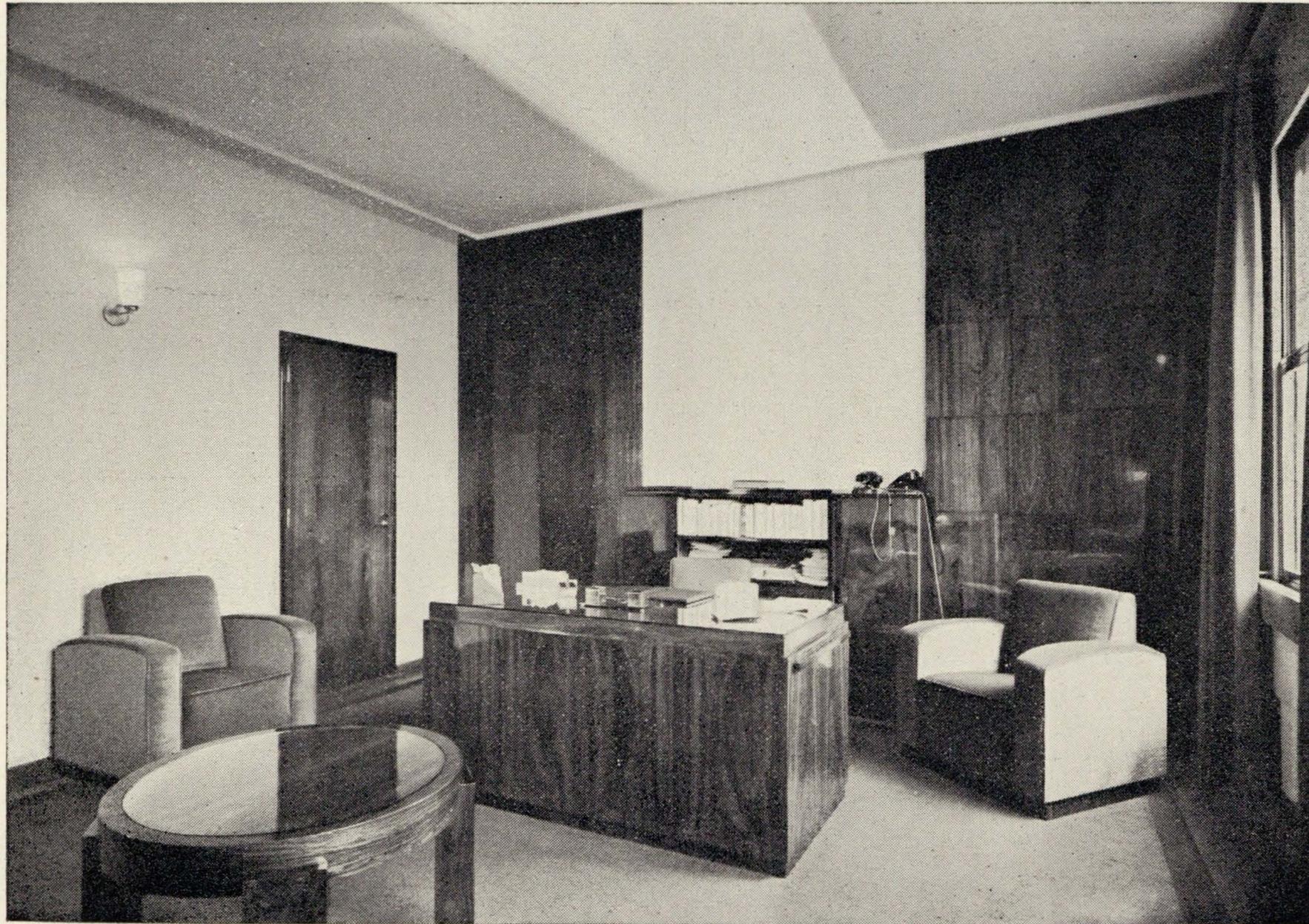
#### GRAVURA

Esta oficina, que está dotada dos aperfeiçoamentos mais modernos e que, além dos trabalhos da casa para o jornal e para as obras, também trabalha para fora, compreende as seguintes secções:

Fotogravura, onde trabalham 3 fotógrafos.

Impressão, onde trabalham 4 impressores.

Gravura e Zincogravura, onde trabalham 8 gravadores e 3 zincogravadores.



A nova sede do «Diário de Notícias» — O gabinete do Director



Montagem, onde trabalham 3 montadores.  
A oficina de gravura está a cargo de 1 chefe.

#### FOTOGRAFIA

Nesta secção, destinada a revelar as provas para o jornal tiradas pelos repórteres fotográficos, existe o seguinte pessoal: 1 chefe e 2 fotógrafos.

#### EXPEDIÇÃO

Nesta secção, destinada a fazer a expedição e venda do «Diário de Notícias» e das outras publicações da casa, trabalham: 1 chefe, 1 ajudante, 6 caixeiros da venda e 40 distribuidores.

#### SERVIÇOS TELEFÓNICOS

Como em tôdas as secções, a transformação é completa e radical. Em 1919, existia um pequeno aparelho, n.º 6, para 4 cavilhas e duas linhas telefónicas. Duas telefonistas: Sara e Maria da Luz, com uma suplente: Ludovina.

Em 1923, um aparelho, n.º 15, de pesos, chamado de parede. Três linhas. Doze cavilhas. Telefonistas: Sara, Fernanda, Maria da Luz.

Em 1930, um aparelho PBX. Cinco linhas e vinte extensões: Telefonistas: Sara, Maria da Luz, Gabriela, Brígida, Eulália, Maria Alice.

Em 1940, um aparelho PABX automático. Dez linhas. Sesenta extensões. Telefonistas: Sara, Maria da Luz, Gabriela, Brígida, Eulália, Ester e Fernanda.

A média diária de chamadas, nestes quatro períodos são, respectivamente: 50, 250, 350, 800.

#### CONTÍNUOS, MULHERES DA LIMPEZA E PORTEIROS

O mais antigo de todos os actuais funcionários menores do *Diário de Notícias* é o chefe dos contínuos da Redacção, que

entrou em 2 de Junho de 1895 e foi nomeado chefe, em 1920. Seguiu-se-lhe José Gomes que se encontra na situação de reformado, e depois Angelino Cifka, Alexandre Vilar (já falecido) e António Silvério. Em 1920, entraram João da Mata (já falecido), Manuel Firmino (subchefe), Amadeu Gonçalves e Germino Tavares. Em 1928: José Alves Mendes da Silva e António Rodrigues. Patrocínio José Peres entrou, em 1921, e Amadeu Gonçalves em 1920. Vicente da Fonseca entrou como supra em 1929, passando a contínuo em 1930. Também prestaram serviço, como contínuos, Tiago de Brito e Joaquim Silva. Actualmente (1939) o quadro dos contínuos que pertencem à Redacção consta de: Mariano Alves, chefe; e Patrocínio Peres, Manuel Firmino, António Rodrigues, Vicente Sequeira Fonseca, João do Carmo e José Alves Mendes.

À Administração: Carlos Viegas, chefe; Angelino Rafael Cifka, Luiz Miguéis, Germino Tavares, Aureliano Matos, José Fernandes, João de Almeida, Joaquim da Silva Ramos, António Ferreira Marques, Domingos Augusto, Agostinho Cardoso, Jaime Gomes, Albertino Unhão e José Silva.

Há doze mulheres de limpeza e sete porteiros: António Felix, José Fernandes, Tiago Brito, Tomaz Ferreira, Luiz Faria, Carlos Cresola e Mário Ferreira. Mais oito mulheres fazem os serviços de lavagem.

## SERVIÇOS DE PROPAGANDA

Secção de Propaganda e Províncias

O *Diário de Notícias* foi durante largos anos um jornal essencialmente lisboeta. A sua já grande tiragem era consumida quasi que exclusivamente em Lisboa. A província trabalhada muito lentamente não correspondia à expansão a que o *Diário de Notícias* tinha direito e assim o Administrador Delegado da Empresa resolveu estudar a fundo o problema e dar-lhe solução capaz de atirar o *Diário de Notícias* de norte a sul do País.

Estávamos em 1924, e feito o competente estudo do caso, foi encarregado Abel Moutinho, organizador metódico como poucos, de criar uma secção que tivesse a seu cargo a expan-



**Nova sede** — A venda de publicações no átrio destinado ao público



são do jornal nas províncias. A 9 de Fevereiro de 1924, criava-se a Secção Regionalista e Abel Moutinho, ao tempo redactor da secção dos estrangeiros, começou a erguer o edifício que mais tarde, dado o seu desenvolvimento, havia de dividir-se nas secções Regionalista e Propaganda e Expansão.

O trabalho foi árduo, mas foi possível conseguir-se em pouco tempo organizar uma vasta rede de correspondentes. Era a primeira etapa. As colunas do *Diário de Notícias* passaram a ser o porta-voz das necessidades e anseios de centenas de localidades que até então nunca tinham visto o seu nome nas colunas de um grande jornal.

A nomeação de correspondentes trouxe a conseqüente procura dos jornais nas terras onde êles actuavam.

O *Diário de Notícias* principiava a tomar posições na província, começava a conquistar Portugal. O mais pequeno acontecimento na mais ignorada povoação do Norte ao Sul do País era relatado no *Diário de Notícias* que, a pouco e pouco, deixava de ser o jornal essencialmente lisboeta para ser o grande órgão dos interesses nacionais.

O aumento de leitores nas províncias trouxe a necessidade de criar novas agências e êsse trabalho era ainda mais complicado do que o alargamento da rede de correspondentes.

Chegámos assim a 1927. Convulsão política violenta tinha abalado o País e o *Diário de Notícias* não deixou de lhe sofrer as conseqüências.

A-pesar-de tudo o *Diário de Notícias* promovia com a colaboração das forças vivas da capital a «Semana dos Hospitais», que deu a Lisboa, nessa semana, um movimento e vida extraordinários.

Estuda-se depois o problema da expansão do *Diário de Notícias* e verifica-se que num têtço do País o jornal ainda não é lido. Elabora-se um plano maduramente estudado, e criam-se os lugares de inspector confiados a Alexandre Certã e Nunes de Carvalho — a cuja acção o *Diário de Notícias* muito deve. Alexandre Certã tem a seu cargo 10 distritos do Norte e Nunes de Carvalho fica com 8 distritos do Sul.

O País é conquistado palmo a palmo. Vão-se criando agên-

cias e nomeando novos correspondentes. Decorrem 21 meses e o *Diário de Notícias*, nesse lapso de tempo, aumenta a sua venda nas províncias em mais 16 mil exemplares diários.

Vê-se, porém, que num País onde há uma percentagem formidável de analfabetos não é possível levar um jornal a uma grande tiragem. Lança-se então a Campanha do analfabetismo nas colunas do *Diário de Notícias*. O movimento interessa o País inteiro e os poderes constituídos. Tôdas as associações literárias e económicas dão a sua adesão à campanha. Nos quartéis intensifica-se o ensino. Criam-se escolas e várias empresas e companhias estabelecem cursos para os seus operários.

Outras iniciativas partem ainda da secção de Propaganda e Expansão. Em tôdas as exposições e feiras realizadas no País e em muitas do estrangeiro, aparecem «stands» do *Diário de Notícias* mostrando, através de gráficos e fotografias, o valor dêste grande jornal.

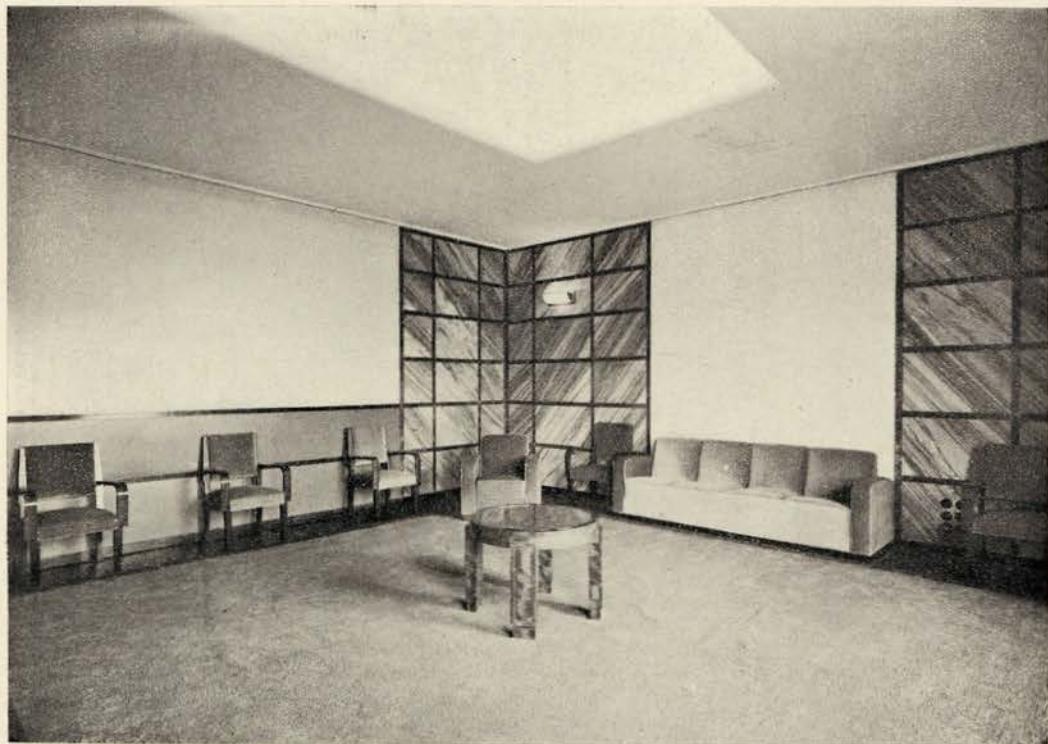
Uma noite, Lisboa assiste entusiasmada, em pleno Rossio, ao perpassar do *Notícias-Luminoso*. Foi mais uma iniciativa da Secção de Propaganda que durante anos faria lembrar a todos quantos passavam no Rossio o nome do nosso jornal.

O futebol passa a ser o desporto das multidões. Portugal inteiro vibra de entusiasmo com os desafios entre as equipas nacionais e muito principalmente quando os grupos representativos de Portugal se defrontam com os estrangeiros.

A secção de Propaganda sempre atenta ao interêsse do público começa a dar-lhe, através dos seus *placards*, cuja rêde foi notâvelmente desenvolvida, uma informação completa dos desafios.

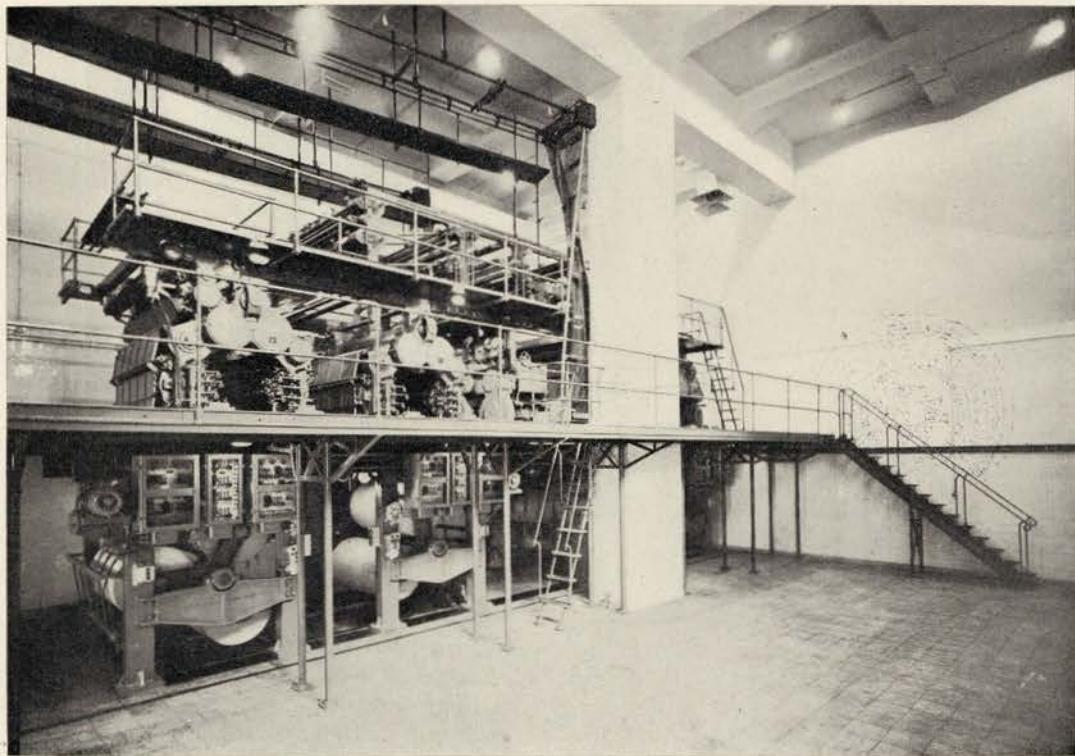
Chega, porém, o ponto culminante da informação, batendo o *Diário de Notícias* todos os «records». Em Maio de 1928 realizam-se em Amsterdão os Jogos Olímpicos e Portugal faz-se representar por uma equipa de futebol.

A secção de Propaganda, detentora de um curioso engenho denominado «Quadro eléctrico» que representava o rectângulo onde se fazem os jogos de futebol tinha uma pequena bola que rolava entre vidros, descrevendo tôdas as fases do jogo, faz a primeira exhibição dêsse quadro no Rossio.



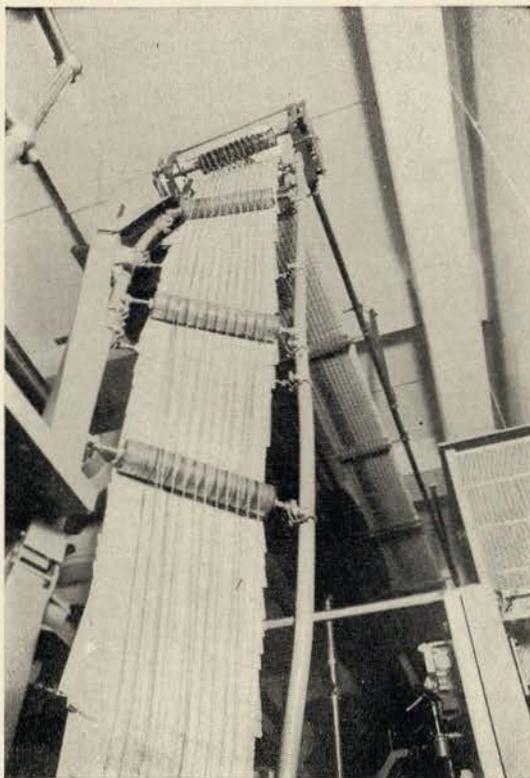
As novas instalações do «Diário de Notícias» — Sala de visitas do gabinete da Direcção





A grande máquina rotativa do *Diário de Notícias* de 9 m. de altura por 15 de comprimento, oficialmente inaugurada em 24-v-940





O ascensor da grande rotativa do *Diário de Notícias*, que transporta os exemplares do jornal directa e automaticamente da máquina à casa da expedição



Milhares e milhares de pessoas assistem ao desenrolar do jôgo, como se estivessem em Amsterdão. Pela T. S. F. e pelo telégrafo os nossos redactores em Amsterdão vão dando, passo a passo, o relato do jôgo, e, em Lisboa, a muitos quilómetros de distância, o público aplaude entusiásticamente, gritando e aclamando os nomes dos nossos jogadores que, pelo movimento da bola, êsse mesmo público sabe serem êles que a conduzem.

Portugal-Chile, Portugal-Iugoslávia e Portugal-Egipto são dados pelo nosso quadro eléctrico em Lisboa, Pôrto, Coimbra e demais capitais de distrito; e em todo o País os *placards* do *Diário de Notícias* marcam pela rapidez e precisão dos informes.

Em 1929, a exemplo do que se fazia em Lisboa, promovem-se em tôdas as capitais do distrito festas infantis comemorando o aniversário do *Diário de Notícias*. Foi um autêntico êxito para o nosso jornal e a iniciativa seguiu triunfante até hoje, sendo todos os anos aguardado ansiosamente pelas crianças das escolas e asilos o dia 29 de Dezembro, em que elas têm algumas horas de intensa alegria.

Desde a sua criação até ao presente a secção de Propaganda e Expansão, de novo confiada a Abel Moutinho (9) tem sido a fôrça animadora e impulsionadora da vida do *Diário de Notícias* nas províncias.

---

(9) Frequentou as Faculdades de Direito das Universidades de Coimbra e de Lisboa e entrou para a Redacção do *Diário de Notícias* em 1919, como redactor da Secção do Estrangeiro, cuja chefia assumiu poucos meses depois.

Em 1924, foi encarregado pela Empresa de organizar a expansão do jornal nas províncias, tendo então criado a Secção Regionalista que durante anos chefiou e cuja acção se fez sentir acentuadamente na vida do *Diário de Notícias*, já pela montagem duma larguíssima rêde de correspondentes e de agentes, já pelas iniciativas, de largo alcance, de propaganda e de expansão que foram realizadas com o maior êxito, constituindo algumas delas acontecimentos de grande interêsse nacional, como por exemplo, o Raid Hípico, a I Volta a Portugal em Bicicleta, o Dia das Misericórdias, os Grandes Concursos das «Terras de Portugal», «Riquezas de Portugal», «Marias de Portugal», etc. Foi graças ao esforço da *Secção Regionalista* do *Diário de Notícias* que o movimento regionalista em Portugal entrou numa fase de grande actividade, constantemente estimulada pela acção que o nosso jornal desenvolveu em todo o País.

Em 1926, foi nomeado Secretário da Direcção, cargo que exerceu até 1935. Neste ano sucedeu a Lourenço Caiola como Secretário Geral do *Diário de Notícias*, cargo para o qual foi nomeado pela Empresa e cujas funções desempenhou durante quatro anos. Quer como Secretário da Direcção, quer como Secretário Geral, Abel Moutinho exerceu, por várias vezes, interinamente, o lugar de Chefe da Redacção.

Actualmente, dirige os Serviços de Propaganda e das Províncias.

## DELEGAÇÕES

### DELEGAÇÃO DO PÔRTO

Em 1919, Agôsto, foi criada, no Pôrto, a Inspecção do Norte, sendo nomeado inspector o sr. João Duque, funcionário dos Correios e jornalista do *Primeiro de Janeiro*, que tinha como informador noticioso António Loureiro Dias e colaborador Júlio de Oliveira, do mesmo jornal portuense. Em Dezembro de 1924, foi admitido o redactor José de Miranda, tendo a colaboração de Júlio de Oliveira cessado em Dezembro de 1925.

Esta inspecção organizou os serviços de propaganda, venda e expansão, aproveitando tôdas as oportunidades para lançar o jornal no Pôrto e no Norte. Foram notáveis as suas propagandas especiais nas «Feira do Pôrto» e «Feira de Guimarães». Ao mesmo tempo estabeleceu um serviço especial de publicidade e aperfeiçoou a rêde de correspondentes e agentes na sua área.

Oito anos depois, Abril de 1927, criava-se na Avenida dos Aliados, 9, 1.º, a Delegação do *Diário de Notícias* no Pôrto, que ia ser a legítima sucessora da Inspecção do Norte na sua acção e desenvolvimento em prol dêste jornal. Ficou, como Delegado, o antigo inspector João Duque; chefe dos serviços redactoriais, José de Miranda; redactor, António Marques da Cunha; auxiliar, António Chaves; informadores, João Santos, Carlos Gonçalves e João Martins; cobrador, Manuel Bastos; e fotógrafo, Álvaro Martins. Em 1 de Junho de 1927, o auxiliar António Chaves foi substituído pelo repórter António Brochado, que dois anos depois, 1929, foi elevado à categoria de redactor. Por terem falecido João Martins, Carlos Gonçalves e Álvaro Martins, foram admitidos Guerreiro Aboim, Alfredo Ruas e José Mesquita.

Em Outubro de 1939, a Delegação era servida pelo seguinte quadro:

Delegado — João Duque (10).

(10) João José Duque, filho de Augusto César Duque e de D. Maria da Conceição Duque, nasceu em Elvas, a 19 de Dezembro de 1870. Fêz o curso dos liceus, no Liceu Central do Pôrto, tendo sido nomeado aspirante dos correios em 1895. Por concurso de provas públicas foi sucessivamente promovido até à categoria de Inspector dos Correios de Lisboa-Pôrto, cargo de que foi aposentado, a seu pedido, em Abril de 1928.

Trabalhou nos serviços administrativos de *O Primeiro de Janeiro* desde Outubro



Abel Moutinho



João Duque



José de Miranda



Rocha Junior

Chefe dos serviços redactoriais — José de Miranda (11).

Redactores — António Marques da Cunha e António Brochado.

Repórter — Daniel Felgueiras.

Informadores — Alfredo Ruas, Guerreiro Aboim, Alfredo Meireles.

Fotógrafo — José Mesquita.

Cobrador auxiliar da Administração — Manuel Bastos.

Dois «grooms». —

Para se avaliar da importância da Delegação basta dizer que esta se encontra sempre de serviço permanente, desde as 9 horas da manhã até às 4 da madrugada, ficando o noticiário das 4 às 6, a cargo do Chefe dos Serviços Redactoriais.

Sob o ponto de vista jornalístico a Delegação organizou a sua *Secção diária* pela seguinte forma:

- a) Nota do dia, em itálico;
- b) A cidade, noticiário;
- c) Artes e Letras — Movimento artístico e literário;
- d) Notas mundanas;
- e) Teatros e Cinemas;
- f) Datas memoráveis;
- g) Diversos;
- h) Notícias militares;

---

de 1897 até à sua entrada para o *Diário de Notícias*, como inspector do Norte, em 19 de Agosto de 1919.

A este incansável funcionário se deve a fixação e a expansão da Delegação do *Diário de Notícias* no Pôrto.

(11) José Maria Pinto (José de Miranda), nasceu a 7 de Dezembro de 1893, em Miranda do Douro. Chefe de serviço da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto. Entrou para o jornalismo profissional em 1914, como redactor do vespertino *O Norte*, dirigido por Jaime Cortesão. Tem o curso geral dos liceus. É Cavaleiro da Cruz de Cristo. Organizou e dirigiu a revista literária *A Labareda* e os semanários *A Verdade* e *A Rua*. Além de redactor de *O Norte* foi chefe de redacção de *A Tribuna*; redactor, no Pôrto, de *O Século*; redactor principal e director de *O Diário do Pôrto*; cronista de *O Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; correspondente de *A Província de Angola*; colaborador de *O Mundo*, *O Rebate* e *A Tarde*, e, desde 1 de Dezembro de 1924, chefe do serviço redactorial da Delegação do *Diário de Notícias*, no Pôrto. Pertenceu duas vezes à direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, do Pôrto. Foi ao Brasil (Rio de Janeiro), em viagem de estudo, em 1919-1920.

Politicamente fêz parte da Esquerda Democrática, que abandonou por discordância com a opinião daquele partido, conforme carta publicada em 11 de Outubro de 1925, em *O Primeiro de Janeiro*, data em que cerrou toda a sua actividade política.



As novas instalações do «Diário de Notícias» — O pessoal na secção de distribuição



As novas instalações do «Diário de Notícias» — Outro aspecto — Serviços administrativos (Secções de Contrôlo e Correspondência)



- i) Entrevistas;
- j) Movimento associativo;
- k) Necrologia;
- l) Interesses do Pôrto;
- m) Melhoramentos citadinos;
- n) Notícias de Matozinhos, Gaia, Valongo e Ermezinde, etc., etc.

Quere dizer: a *Secção diária* do Pôrto, tornou-se, para todos os efeitos, um jornal miniatura, completo.

Além disso compete à Delegação, a mais do encargo de toda a informação da Capital do Norte e arredores, a reportagem de todos os grandes acontecimentos nos distritos de aquém Aveiro.

Em Maio de 1927, iniciou as grandes reportagens fora do Pôrto com a visita do Ministro da Agricultura (General Alves Pedrosa) à região duriense; Congresso Eucarístico Nacional, em Guimarães; uma grande burla, em Barcelos; o julgamento do crime da Poça das Feiticeiras, em Viseu — ao mesmo tempo que no Pôrto se faziam as grandes reportagens de uma importante falsificação de lotaria espanhola e o Congresso Nacional de Medicina, etc.

Desde 1927 a 1939, do número de reportagens sensacionais feitas por esta Delegação, as mais importantes foram:

As visitas do Chefe de Estado ao Pôrto, Braga, Viana, Vidago e Vila Real;

As viagens do Presidente do Ministério ao Pôrto e Norte;

O julgamento dos portugueses inocentes de Manhufe, em Pontevedra; a greve dos ferroviários, em Orense; a morte do Cardial D. José Neto e a visita do Príncipe de Gales e do Duque de Kent a bordo do «Oropera», desde Santander, na sua viagem à Argentina; o descarrilamentô de Ribadavia — todos estes acontecimentos ocorridos em Espanha na sua zona do norte;

As grande reuniões de lavradores do Douro, na Régua, onde foram tratados os mais importantes assuntos a que a reportagem do *Diário de Notícias* deu o necessário e justo relêvo;

O crime da Paioa, em Paredes, que teve como protagonista

a célebre mulher-homem, cujas proezas o *Diário de Notícias* salientou;

A «Santa» de Lamego, reportagem que tanto apaixonou a opinião pública;

O «auto de fé» de Soalhães, estúpida selvajaria medieval, que o *Diário de Notícias* profligou com geral agrado de todo o País e principalmente das regiões nortenhas;

O crime da Giraldina, em Santo Tirso;

A passagem de Lindberg por Valença;

O aparecimento de um navio fantasma, ao largo do Pôrto;

A descrição pormenorizada de um navio em perigo à vista de Leixões;

O crime da Arrifana;

A criação do Entrepasto Vinícola do Pôrto;

As Festas do Trabalho em Barcelos, Braga e Famalicão, cuja importância foi devidamente marcada na sua grandiosidade expressiva e acentuadamente popular;

O repugnante assassinio do abade Loureiro, na Régua;

O crime de Vila Chã, em Espozende;

O caso de grande interêsse, para a defesa do nosso património artístico, da Virgem decapitada de que o País tomou conhecimento pelo *Diário de Notícias*;

D. Pedro Pitões e a tomada de Lisboa;

O Congresso das Misericórdias, simpático movimento que ao *Diário de Notícias* se deve;

O crime de Canelas, em Gaia;

Os trágicos naufrágios do «Gauss», do «Diester», e outros, ocorridos no Norte;

A chegada dos aviadores polacos, etc., etc.

Ao mesmo tempo, a Delegação ia alargando a sua acção regionalista com importantes reportagens em Paredes, Amarante, Vila Real, Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Póvoa de Lanhoso, Caminha, Monção, Amares, Chaves, Guimarães, Vizela, Penha, Vila Verde, Ponte do Lima, Oliveira de Aze-meis, S. Cosmado em Armamar, Braga, Castelo de Paiva, Sin-fães, Fafe, Famalicão, Bucelas, Bougado, Felgueiras, Vila Pouca de Aguiar, Arouca, Marco de Canavezes, Entre-os-Rios, Ovar,



**Nova sede** — Um trecho da oficina de composição



Paços de Ferreira, Gerez, Baião, Vila Flor, Mirandela, etc., o que dá a nota do seu esforço e da importância da sua missão regionalista.

Devemos frisar que, através desta Delegação, todos os acontecimentos citadinos e aspirações da capital do norte foram largamente tratados em artigos e entrevistas com as individualidades mais destacadas das elites nortenhas, especialmente os problemas da luz, água, saneamento, viação, caminho de ferro de cintura, pôrto de Leixões, mercados e impostos, problemas da mendicidade, assistência, tuberculose, alienados, exportação dos vinhos «Pôrto», etc., etc.

É justo recordar aqui a retumbância que teve em todo o País a entrevista feita com o Conselheiro João de Azevedo Coutinho, após a morte de D. Manuel II, quando aquê se encontrava nas Pedras Salgadas. Registamos acima que a *Secção diária* começava sempre pela *Nota do Dia*, em itálico, que mais tarde se chamou *Crónica de Abertura*. Esta nota foi sempre orientada no sentido de se atender o público e os legítimos interesses das classes, e visava a captar as simpatias dos interessados, o que se conseguiu, sendo grande o número dos leitores que nos deram por isso públicas manifestações de reconhecimento.

Sob o aspecto do interesse local imediato salientaremos que o público teve sempre e tem, para alimentar a sua curiosidade, um *placard* afixado na parede do edifício, com a notícia dos acontecimentos do dia, ocorridos no País e no Estrangeiro.

Em fins de 1927, a Delegação iniciou a distribuição duma fôlha volante (*Placard* impresso) por todos os estabelecimentos comerciais que a requisitavam, e se afixava em todos os *terminus* das linhas de carros eléctricos, em diversos locais da cidade e nos concelhos limítrofes.

Dêsse *placard* fazia-se ainda uma larga distribuição gratuita nos teatros e cinemas, completado já com notícias e pequenos artigos de interesse portuense, e visando, na medida do possível, quanto ao espaço, a propaganda das edições da Empresa Nacional de Publicidade, tudo isto feito sem encargos para

o *Diário de Notícias*, mercê da publicidade para êle exclusivamente angariada.

Em 1933, sempre com o desejo de auxiliar a maior propaganda e expansão, inaugurou-se o *Diário sonoro*, emitido pela *Sonora-Rádio* em retransmissão da Emissora Nacional, com as seguintes secções:

- b) Crónica de Abertura;
- a) O Caso do Dia;
- c) Notícias do Pôrto;
- d) Artes e Letras;
- e) Vida Feminina;
- f) Espírito e Humor;
- g) Teatros e Cinemas;
- h) Efemérides;
- i) Notícias de Lisboa;
- j) Últimas notícias de Lisboa, do País e do Estrangeiro;
- k) A fechar.

Êste jornal radiofónico teve o melhor acolhimento do público portuense e de todo o norte, e manteve-se até começos de 1938, com tanto interêsse que a própria Emissora Nacional, em carta de 27 de Junho de 1935, declarava que, logo que tivesse a necessária aparelhagem, o retransmitiria a todo o País. E tudo isto se fêz sem gasto de um centavo para o *Diário de Notícias*.

Como colaboradores, tanto nas páginas semanais como no *Diário Sonoro*, teve a Delegação alguns dos melhores nomes da elite intelectual nortenha: professores dr. Mendes Correia, dr. Damião Peres, Cardoso Júnior, dr. Ângelo Ribeiro, Emanuel Ribeiro, Bertino Dariano, dr. Almeida Garrett, dr. Barão de Lacerda, D. Alexandrina Reynaud, Armando Leça, José António dos Santos, dr. Bento Carqueja, dr. Pedro Vitorino, Joaquim Costa, dr. Joaquim Madureira (Braz Burity), dr. A. de Magalhães Bastos, Adolfo Mata (Rui Moreno), Fernando de Macedo Lopes, Morais Costa, dr. Campos Monteiro (pai), Vilas Boas Neto, dr. Alberto Pinheiro Tôrres, dr. Bernardo Lucas, Silva Leal, dr. Ângelo César, dr. Augusto Pires de Lima, D. Helena Pousada, Aurora Jardim, Nelma Esteves, general Sousa Dias, capitães Adriano Rodrigues e Barros Basto,



Aspecto parcial das instalações dos serviços administrativos das novas instalações do *Diário de Notícias*



As instalações dos serviços administrativos na nova sede do *Diário de Notícias*  
— Outro aspecto





A esquerda: projecto de ilustração para a capa do Brinde aos senhores assinantes do *Diário de Notícias* em 1871 — Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro; em cima, ao alto, o carro alegórico do *Diário de Notícias* no cortejo realizado por ocasião das Festas da cidade de Lisboa, em Junho de 1913, projecto e ornamentação de Augusto Pina; em baixo, o frontespício do Almanach do *Diário de Notícias* para 1885



José Augusto Fernandes, Eugénio Berta, e tenente Ribeiro Salgado, Júlio Brandão, João Grave, Carvalho Barbosa, escritores; os jornalistas Eleutério Cerdeira, Raul Tito, António Chaves, Júlio Caiola, Higino Assunção, Jacinto Júnior, José Miranda, Marques da Cunha e António Brochado, e os artistas Cunha Barros, D. Fuas, José de Brito, Manuel Monterroso, etc., etc. Tudo e todos em colaboração gratuita.

Em tôdas as «Voltas a Portugal em bicicleta» a Delegação organizou serviços especiais e originais de informação: transmitiu desafios importantes de futebol e exibiu numerosas vezes o «Quadro Eléctrico», aproveitando todos os ensejos para fazer uma larga propaganda do *Diário de Notícias* e das suas iniciativas.

Quando se deram as guerras da Abissínia e da Espanha montou serviços de informação especial na sede da Delegação e nos pontos centrais da cidade, distribuindo ainda *placards* noticiosos, estendendo estas informações aos *placards* da Província que lhe foram confiados pela sede.

Muitas e importantes foram as iniciativas tomadas pela Delegação do Pôrto.

Em Junho de 1934, e integrada no programa das festas de encerramento da Exposição Colonial Portuguesa, realizou a Primeira Grande Parada dos Bombeiros Portugueses, na qual tomaram parte 2.200 Bombeiros e mais de uma centena de viaturas de todo o País.

Em Junho de 1935, realizou em Lisboa a Segunda Grande Parada dos Bombeiros Portugueses, que foi incluída no programa das Festas da Cidade, com a participação de 3.500 Bombeiros e respectivas viaturas de tôdas as corporações do País.

Em Abril de 1935, organizou o I Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil, que inaugurou o X Salão Automóvel no Palácio de Cristal, a que concorreram 120 congressistas e mais de meia centena de teses foram apreciadas e discutidas.

Em Abril de 1937, organizou o II Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil, que encerrou o XI Salão Auto-

móvel, no Palácio de Cristal. Concorreram cêrca de 500 congressistas e foi apresentado grande número de teses.

Em Março de 1939, organizou o I Congresso Nacional de Transportes, que encerrou o XII Salão Automóvel. Tomaram parte mais de 1.100 congressistas, o que demonstra o valor do Congresso e representa um triunfo incontestável, tendo sido apresentadas cêrca de cem teses e Comunicações. Do programa fazia parte a Grande Parada de Viaturas Automóveis, que reuniu mais de mil camionetas de todo o País.

A inscrição nas Paradas e Congressos foi sempre gratuita e aos congressistas proporcionaram-se interessantes e dispendiosas festas.

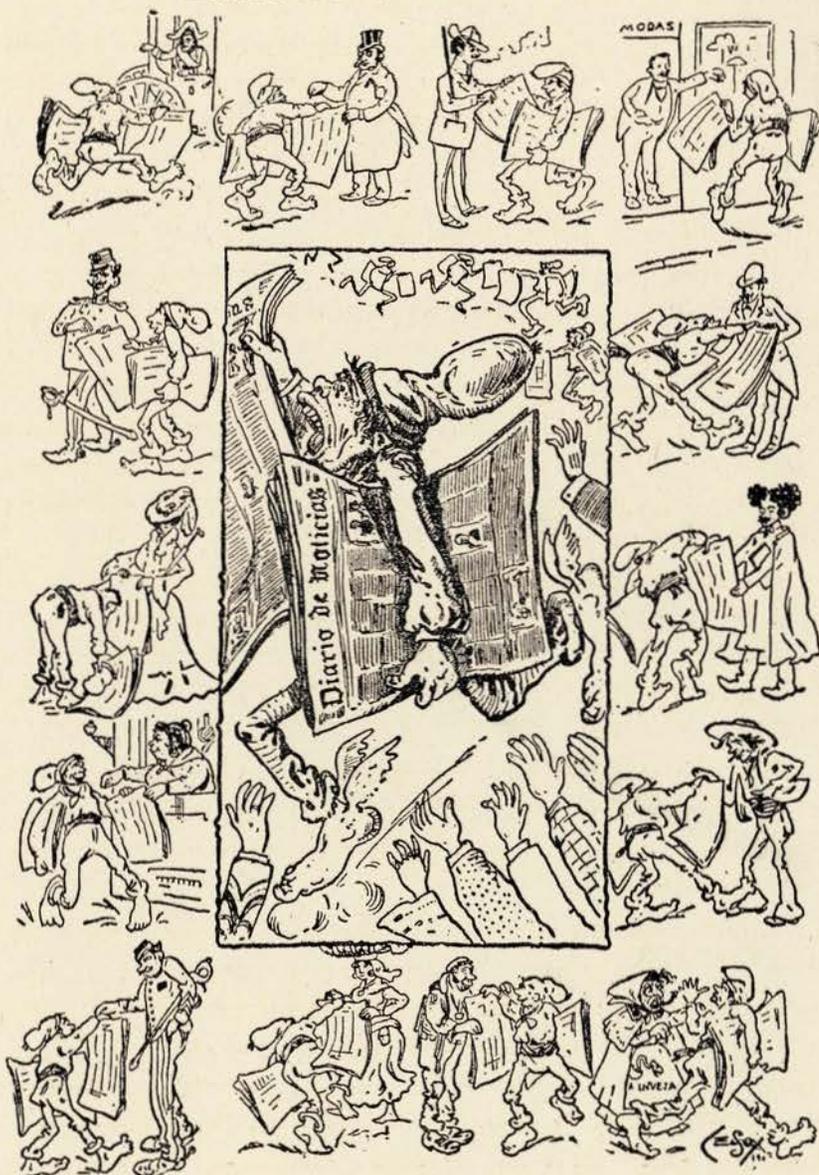
No I Congresso N. A. e A. foi-lhes dado um passeio a Vila do Conde e conseguiu-se, por intermédio da Delegação, que a Câmara Municipal e a Comissão de Turismo lhes oferecessem uma festa regional e um almôço a 220 convidados, que resultaram brilhantíssimos.

No II Congresso de H. A. Civil foi oferecido aos congressistas um lindo passeio ao Castelo da Feira, onde foram obsequiados com um lanche pela Câmara Municipal e pela Comissão de Vigilância do Castelo, e um grandioso concerto musical no Palácio de Cristal.

Há que salientar que, a-pesar-de se não ter recebido um centavo dos congressistas, se lhes distribuíram cartões de identidade, teses impressas, programa oficial, distintivos, galhardetes para automóveis, etc.

É justo registar que o chefe dos serviços redactoriais do *Diário de Notícias*, nesta Delegação, o jornalista José de Miranda, foi incansável como secretário geral e organizador das duas Grandes Paradas e dos três Congressos, e lançou e dirigiu o «Diário Sonoro». Igualmente foi o organizador das Páginas Semanais do Pôrto, e o autor das *Notas do Dia* e *Crónica de Abertura*, a que atrás nos referimos, bem como de numerosos artigos, entrevistas e campanhas Pró-Pôrto, dirigindo todos os serviços de redacção com a maior competência, comprovado zêlo e absoluta dedicação.

Diário de Notícias a 10 réis!



Caricaturas de CELSO HERMINIO  
no Diário de Notícias de 14 de maio de 1903

Uma página notável de Celso Herminio



A. Marques da Cunha, jornalista brilhante, foi o realizador do maior número de reportagens sensacionais.

António Brochado evidenciou-se um jornalista de qualidades e um elemento de valor.

Daniel Felgueiras afirmou-se, dentro da sua esfera de acção, um excelente auxiliar.

Por tudo isto se demonstra o alto valor desta Delegação, na vida do *Diário de Notícias*, e os benefícios directos e vantajosos para a esfera sempre crescente da sua valorização e da sua expansão.

#### DELEGAÇÃO DE COIMBRA

Esta Delegação foi fundada em Julho de 1932. Inicialmente, o pessoal constava de: Delegado, José Viana; encarregado da escrita, Anselmo Vieira; repórter, Hermano Arrôbas; contínuo, Raimundo Barros.

Actualmente, o pessoal consta do Delegado, Rocha Júnior; repórter, Adriano Peixoto; contínuo, António Ferreira.

O delegado Rocha Júnior (12) começou o seu exercício em Outubro de 1936. Deve-se a esta Delegação: o Baile do Romantismo, o Cortejo Medieval, e o Baile da Primavera, a favor do Ninho dos Pequenitos, uma campanha a favor do Turismo, uma tentativa em prol da Pousada de Coímbra, e uma cam-

---

(12) António da Rocha Júnior, nascido em Marco de Canavezes, a 16 de Junho de 1886. Foi chefe de secção no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Redactor de *O Mundo*, de Junho de 1908 a Fevereiro de 1909; de *O Século*, desta data a meados de 1910. A seguir: *A Capital e República*, desde a fundação dos dois; novamente *O Século*, como redactor, como subchefe e como chefe da redacção de *O Século* edição da noite. Entrou para o *Diário de Notícias* em 1921, para chefiar a edição da noite. Extinta esta, ficou como redactor da edição da manhã até 1924, data em que saiu, entrando para *O Século* em Dezembro deste ano, como chefe da redacção. Em 1926, regressou ao *Diário de Notícias* no mesmo posto que ocupava em *O Século*. Possui o officialato de Sant'Iago e de Isabel a Católica.

Bibliografia: *Terras Mouras, Veneno, O teatro em fralda, Olivença, Desenhos animados, Rouxinol cativo, Jesus, O homem dos mil segredos.*

Notáveis, a sua campanha em *O Século* da noite contra os letreiros em espanhol no cinema, que vingou; a viagem de avião a Paris por ocasião da ida de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, à Sorbonne; concurso da mulher mais bonita de Portugal, resultando do segundo a eleição de D. Margarida Bastos Ferreira, com quem casou, em segundas núpcias. Foi director da revista de literatura e crítica *Livros*, do Pôrto, 1906, onde publicou vasta colaboração em prosa e verso.

Colaborou em: *Ecos da rua, Independente, Retalhos (Pôrto), Liberal, Ressurreição*

panha em defesa dos campos do Mondego, que teve repercussão no Parlamento e provocou as desejadas medidas governativas.

Os principais serviços da Delegação foram as reportagens de todos os acontecimentos de vulto produzidos no distrito e fora d'êle (Aveiro, Guarda, Castelo Branco, etc.), entrevistas, reportagens de crimes, desastres, julgamentos, congressos, etc., sem intervenção directa da sede.

#### DELEGAÇÃO DE SANTARÉM

Dada a importância de Santarém, como capital de distrito e de Província, o *Diário de Notícias*, pela sua categoria, não podia deixar de ser representado aqui por uma Delegação.

Esta Delegação, além dos serviços de expediente e cobrança, presta bons serviços colhendo informes úteis e fazendo a propaganda do Jornal.

Quanto ao público, facilita-lhe informes que êste só poderia obter em Lisboa bem como a aquisição mais fácil e cómoda das publicações da Empresa.

À Polícia, à Câmara e às outras entidades oficiais também presta óptimos serviços através dos seus *placards*. Duma maneira geral, esta Delegação interessa a tôda a cidade.

Desde Outubro de 1939 tomou conta da Delegação o sr. Eurico Correia. Aberta das 9 às 23 horas, está habilitada a vender directamente ao público tôdas as publicações da Empresa, conjuntamente com as de outros editores, para o que possui secção própria.

Tem, também, secção de tabacaria e venda de franquias postais, com caixa de correio junta.

---

(Lisboa), *Civilização* (Pôrto), *Ilustração Portuguesa*, *Livro do Centenário de Camilo*, *O Diabo*, *Diário de Lisboa*, *Manhã*, *Vida Portuguesa*, etc.

Exerceu o cargo de presidente da Casa dos Jornalistas. Obteve uma menção honrosa, no Prémio Ricardo Malheiros, com os *Desenhos animados*.

Foi a sua reportagem da revolução monárquica do Norte que lhe valeu, do Governo da República, o Oficialato de Sant'Iago.

Jornalista de pulso, marca, há muito, nas fileiras das competências profissionais, um justo lugar de destaque.

A sua acção, à frente da Delegação de Coimbra, tem evidenciado, com notável saliência, as suas qualidades de profissional distinto.

DIRECTOR — ALVARADO DA SILVA  
N.º 15424 — 39.º ANNO — 1903  
Publicado em 14 de Abril de 1903  
Cada número custa 100 réis  
Anno 1903 — 39.º ANNO — 1903

# Diario de Noticias

REPUBLICA REPUBLICANA — TERÇA FEIRA 14 DE ABRIL  
1903

(551) Edição F. A. Martins — Camões, 35 — Lisboa

**BOLETIM PARLAMENTAR**  
Sessão de 13 de Abril de 1903  
Presidência do Sr. Sá de Oliveira

**ALMEIDA GARRETT**  
A. ALMEIDA GARRETT

**CARTA DE PARIS**  
PARIS, 13 de Abril de 1903

**Visita de sua magestade a Fátima**



**Fátima**  
Fátima, 13 de Abril de 1903

**Os Reis**  
Os Reis de Portugal e de Espanha chegaram a Fátima...

**Os Reis**  
Os Reis de Portugal e de Espanha chegaram a Fátima...

Reprodução, em tamanho natural, dum postal n.º 551 da Coleção F. A. Martins  
— Edição de 1903



1911/12 10/11/12



A Feira do Porto em 1923



## DELEGAÇÃO DE LEIRIA

A Delegação do *Diário de Notícias*, em Leiria, foi criada em 1934. Tem sede própria, placard e presta óptimos serviços naquela região. É nosso delegado o distinto jornalista e antigo correspondente, sr. Augusto Baltasar da Silva.

### SECÇÃO DE CONTROLE E ORGANIZAÇÃO

Foi criada esta Secção em Janeiro de 1937, confiando-se a sua chefia a António Filomeno Lourenço (13).

Nela se centralizou a escrituração da caixa, por servir de base ao contróle do numerário, e se montaram novos serviços tendentes a assegurarem, dum modo geral, a conferência dos vários valores da Empresa, a regularidade da entrega das receitas das Secções, o contróle da aplicação das tiragens dos periódicos, a verificação dos anúncios e reclamos inseridos e a cobrança das respectivas importâncias.

Os seus serviços mais destacantes, além da escrituração da caixa, são:

- a) A elaboração de inventários dos móveis, utensílios, máquinas e ferramentas adstritos a cada secção ou oficina;
- b) A contagem, para efeitos do balanço anual, de tôdas as matérias primas, produtos ou mercadorias existentes nos Armazéns;

---

(13) António Filomeno Lourenço, cujo nome completo é António Filomeno Lourenço de Sousa Leite, nasceu em 16 de Janeiro de 1896. Natural de Oliveira do Conde, é filho de Maria Filomena e de Camilo de Sousa Leite, já falecidos. Educando da Casa Pia de Lisboa, frequentou, a expensas deste pio estabelecimento de ensino, o Instituto Superior de Comércio de Lisboa, onde concluiu a licenciatura em ciências económicas e financeiras. Fêz parte do Corpo Expedicionário Português a França, como oficial miliciano da Administração Militar, encontrando-se na situação de licenciado. Concorreu a professor das escolas técnicas profissionais, pertencendo ao quadro efectivo desde 1925. Publicou: *Princípios de Economia Política* — 1933; *Compêndio de Economia Política* — 1935; e *Teorias de comércio* — 1939. É colaborador assíduo da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira nas matérias de Economia Política, Finanças, Administração e Comércio. Entrou para o serviço da Empresa em 3 de Abril de 1922, como encarregado da Secção de Agentes. Em Outubro desse mesmo ano, fêz parte duma comissão nomeada pelo seu director-delegado, dr. Caetano Beirão da Veiga, para proceder ao estudo duma reforma dos serviços da Administração. O projecto que apresentou serviu de base a essa reforma, que foi posta em vigor em 1 de Janeiro de 1923. Foi nomeado nessa data chefe da Contabilidade Comercial, lugar que desempenhou até assumir, em 20 de Janeiro de 1937, a chefia da nova Secção de Contróle e organização, cujas bases foi incumbido de estudar em Setembro de 1936.

c) O contrôle, por meio dos pagamentos efectuados e das facturas extraídas, das linhas de anúncios e reclamos inseridos no *Diário de Notícias* e nas outras publicações;

d) O registo do destino das tiragens e o contrôle do papel nelas consumido;

e) A conferência das receitas entregues na Tesouraria pelas secções de anúncios, filial e delegação;

f) A determinação da posição dos cobradores e a verificação dos recibos em seu poder;

g) A conferência das existências de estampilhas e valores selados e o registo do seu consumo;

h) A elaboração de gráficos demonstrativos do movimento de jornais e das linhas e importâncias da publicidade efectuada pelos anunciantes.

Ao chefe desta Secção compete ainda o estudo das modificações e reorganizações dos serviços administrativos que as necessidades do contrôle dos valores aconselharem.

A Secção conta presentemente 7 empregados, ao todo.

## SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA

Poucos meses depois da sua fundação, como já frisamos no 1.º volume, o *Diário de Notícias* inscrevia nas suas páginas, como enunciado dum programa que generosamente se propunha cumprir, esta frase lapidar no seu elevado significado de amor pelos desprotegidos: «Um dos mais nobres deveres da nossa missão é promover o alívio dos que padecem».

Com êste lêma, breve mas incisivo na sua altruista promessa de bem fazer, ficou talhado um caminho de que nunca o *Diário de Notícias* procurou afastar-se. Antes e ao contrário, desde a remota data da sua fundação — 1864 — e numa nítida compreensão das responsabilidades que tão nobre herança lhe impunha, o *Diário de Notícias* tem sido, na medida do possível, bálsamo para o infortúnio, alívio para as dores, carinho para os órfãos, pão e agasalho para os pobres.

Todos os gritos de angústia, as súplicas de aflição, as solicitações de amparo, têm encontrado no *Diário de Notícias* eco acolhedor e bondosa compreensão.



Júlio Cândido da Costa  
Antigo gerente das oficinas e chefe  
da Caixa de Beneficência



Major Júlio José Domingues



Raul Homem Cristo



Jaime Silva



Vasco Anjos Félix

Não podemos, nestas breves notas, fazer a história da larga e eficaz acção benemerente do *Diário de Notícias* desde o seu início.

Procuraremos, porém, num pálido resumo, reunir alguns dados curiosos, breves, mas claramente elucidativos. Desta sorte se prestará rendida e respeitosa homenagem à memória de quantos neste jornal combatem pela elevada causa de nobre solidariedade humana, ao mesmo tempo que aos novos se dará incentivo para animosamente continuarem essa obra benemérita.

Logo no primeiro número do jornal, os pobres foram lembrados; para êles se pediam casas baratas.

Em 1865, foram distribuídos 200\$00 de esmolas, aproximadamente.

A semente fôra lançada em boa terra e rapidamente germinou.

Os apelos do *Diário de Notícias* foram compreendidos pelos seus numerosos leitores que bondosamente acorriam com os seus óbulos. Por isso pôde o jornal alargar progressivamente a sua acção beneficente.

Num período de 10 anos — 1865 a 1875 — o produto total das esmolas distribuídas atingiu cêrca de 12.000\$00.

Em 1865, por meio de subscrições, pedidos e auxílios de vária ordem, conseguiu-se uma importância superior a 5.550\$00.

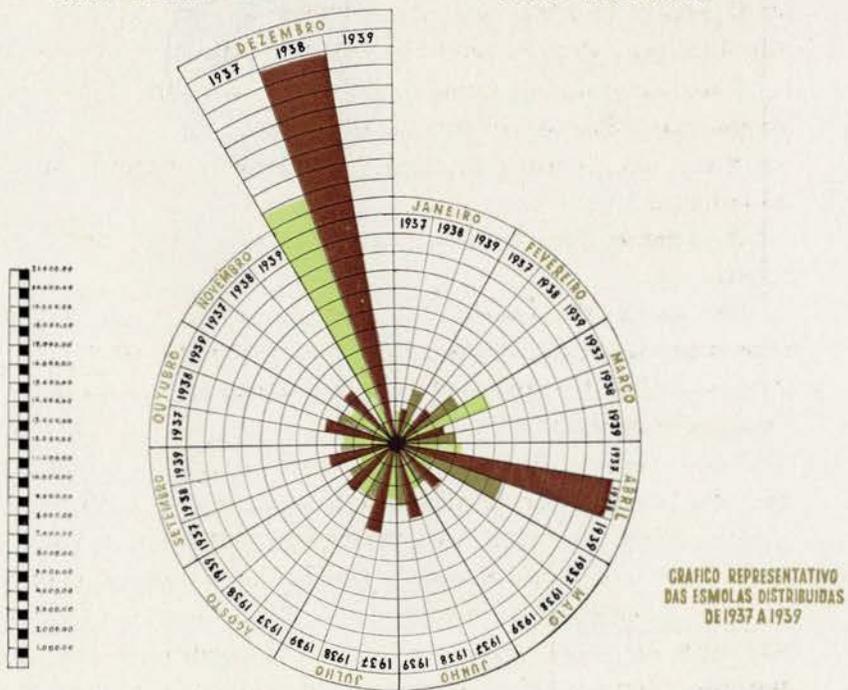
Mas a beneficência do *Diário de Notícias* tomava de ano para ano tal incremento, um desenvolvimento de tal modo crescente, que, em 1867, se viu forçado a organizar regularmente um serviço especial de recepção e distribuição de donativos.

Já no princípio dêsse ano tinham dado entrada no jornal 1.200 atestados de pessoas que ansiosamente pediam auxílio.

É de tôda a justiça recordar aqui os nomes de três dedicados encarregados de dirigir a secção nascente — Luiz Herculano César, António Maurício e Júlio Costa, três velhos e zelosos gerentes da Tipografia Universal.

O primeiro desempenhou as suas funções até Agôsto de 1903; o segundo, desde 1903 até 1912; o terceiro desde essa data até 1917, e todos o fizeram com inexcedível espírito de dedicação.

## CAIXA DE BENEFICENCIA E DONATIVOS DO DIARIO DE NOTICIAS



Organizado por Raul Homem Christó

Cumprimos ainda, e uma vez que falamos em nomes, o gostoso dever de lembrar os continuadores dêstes generosos obreiros, que como êles, bem merecem o preito da nossa agradecida homenagem — Jaime Silva, Major Júlio José Domingues, João Igrejas, Fernando Sousa, Vasco Félix e Raul Homem Cristo.

Mas sempre e cada vez mais o nosso jornal ia ampliando a sua obra de assistência.

As quantias distribuídas em dinheiro deverá acrescentar-se os donativos e géneros representativos dum quantitativo elevado, difícil de traduzir em números.

Não deve ainda por forma alguma esquecer-se a acção indirecta que por meio da sua publicidade o *Diário de Notícias* exerceu e exerce em favor de todos os desafortunados que nêle tiveram sempre o seu melhor e mais pronto auxílio.

— Recordamos, entre tantas outras, as seguintes instituições que ao nosso jornal devem, em grande parte, a possibilidade da sua existência: Albergue dos Inválidos do Trabalho, Mealheiro para as Viúvas e Órfãos dos Operários que morrerem em desastres no Trabalho, Albergue das Crianças Abandonadas, a Obra de Assistência Nacional aos Tuberculosos, Sanatório para Sargentos, etc.

Fastidioso seria pretender descrever minuciosamente as variadas formas por que o *Diário de Notícias* tem desenvolvido a sua vasta acção no campo da assistência.

A miséria, onde quer que se acoite e qualquer que seja o seu motivo determinante — doença, desastre ou calamidade — tem encontrado sempre neste jornal a mais devotada e generosa protecção. Basta lembrar as inúmeras subscrições abertas no *Diário de Notícias* que tiveram por parte dos seus leitores o melhor acolhimento e quási sempre atingem cifras consoladoramente avultadas.

Para melhor se compreender a elevada obra benemérita do nosso jornal, passamos a descrever, em quadros elucidativos, a sua acção nesse campo desde 1933.

**Importâncias recebidas e distribuídas com destino  
a esmolas**

Ano	Total	Número de esmolas distribuídas	Total
1933	40.935\$75	3.972	34.629\$70
1934	34.886\$52	4.039	38.888\$00
1935	35.100\$55	4.337	45.631\$00
1936	44.780\$57	3.343	35.772\$11
1937	39.127\$60	2.642	40.614\$00
1938	38.301\$27	3.893	63.156\$95
1939	78.251\$04	2.559	36.241\$15

**Importâncias recebidas e distribuídas com destino  
a legados**

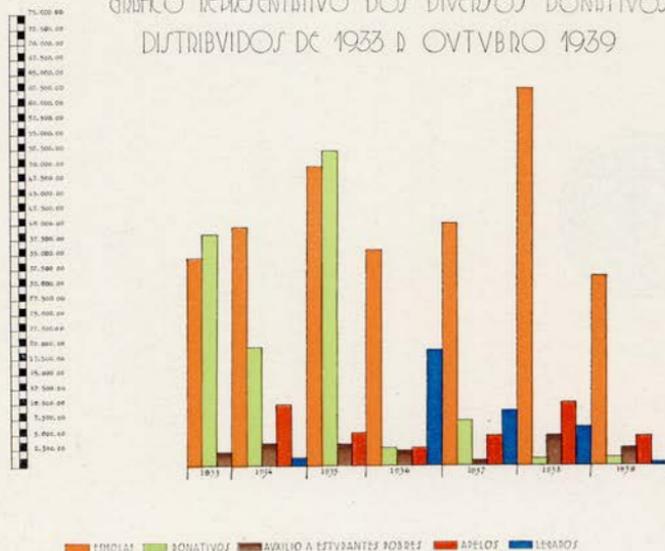
Ano	Total	Importâncias distribuídas
1933	—	—
1934	1.118\$00	1.078\$00
1935	1.118\$00	50\$00
1936	19.878\$59	19.934\$59
1937	9.605\$00	9.150\$00
1938	6.700\$00	6.356\$00
1939	35.937\$13	32.762\$00

**Importâncias recebidas e distribuídas com destino  
a donativos**

Ano	Total	Donativos distribuídos
1933	36.732\$70	38.413\$40
1934	20.085\$90	19.809\$10
1935	50.823\$30	51.087\$00
1936	2.113\$90	2.805\$90
1937	7.331\$85	7.286\$85
1938	2.566\$50	906\$10
1939	4.440\$30	6.792\$00

# CAIXA DE EFICIENCIA E DONATIVOS, O DIARIO DE NOTICIAS

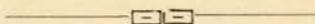
GRÁFICO REPRESENTATIVO DOS DIVERSOS DONATIVOS  
DISTRIBUIDOS DE 1933 A OUTUBRO 1939



Organizado por Raul Homem Christo

**Importâncias recebidas e distribuídas com destino  
a apelos**

Ano	Total	Importâncias distribuídas
1933	—	—
1934	11.364\$90	11.238\$80
1935	4.745\$35	4.871\$45
1936	2.815\$80	2.815\$80
1937	6.841\$50	4.963\$60
1938	11.077\$50	10.267\$60
1939	5.353\$65	8.041\$45



**Importâncias recebidas e distribuídas com destino  
a auxílio a estudantes pobres**

Ano	Total	Importâncias distribuídas
1933	—	2.290\$05
1934	150\$00	3.527\$87
1935	45\$00	3.500\$15
1936	10\$00	2.354\$30
1937	—	894\$90
1938	—	4.833\$20
1939	4.630\$30	2.780\$15

Os dois gráficos que nestas páginas intercalamos mostram claramente, e duma maneira bem expressiva, a acção benéfica exercida por êste jornal nos últimos anos.

E sôbre o ano de 1939, veja-se o seguinte mapa:

**MOVIMENTO EM 1939**

<b>RECEBIDO</b>	<b>DISTRIBUIDO</b>
<b>ESMOLAS:</b>	<b>ESMOLAS:</b>
Imposto do pessoal do «D. N.» pela utilização dos bilhetes de teatros e cinemas ..... 17.308\$55	Saldo de 1938 .... 24.916\$31
Juros de papéis de crédito .... 4.103\$44	2.559 pobres contemplados ..... 36.241\$15
Subsídio da E. N. P. .... 2.500\$00	<u>61.157\$46</u>
Diversas esmolas... 54.339\$05	<b>LEGADOS:</b>
78.251\$04	2.924 pobres contemplados ... 32.762\$00
<b>LEGADOS:</b>	<b>AUXÍLIO A ESTUDANTES POBRES:</b>
Saldo de 1938 ... 1.167\$00	Auxílio a 27 estudantes ..... 2.780\$15
Importâncias recebidas ..... 35.937\$18	<b>DONATIVOS:</b>
37.104\$13	N/ entrega ..... 6.792\$00
<b>AUXÍLIO A ESTUDANTES POBRES:</b>	<b>APELOS:</b>
Importâncias recebidas ..... 4.630\$50	N/ entrega ..... 8.041\$45
<b>DONATIVOS:</b>	<b>SALDOS:</b>
Saldo de 1938 .... 2.606\$70	Esmolas ..... 17.093\$58
Importâncias recebidas com vários destinos ... 4.440\$30	Legados ..... 4.342\$12
7.047\$00	Auxílio E. P. .... 1.850\$15
<b>APELOS:</b>	Donativos ..... 255\$00
Saldo de 1938 .... 2.687\$80	<u>23.540\$86</u>
17 apelos feitos no «Diário de Notícias» ..... 5.353\$65	
8.041\$45	
<u>135.073\$92</u>	<u>135.073\$92</u>

Lisboa, 31 de Dezembro de 1939.

## APANHADO MENSAL

RECEBIDO			DISTRIBUIDO		
Janeiro	Saldo do ano anterior	6.461\$50	Janeiro	Saldo .....	24.916\$31
»	Importânc. recebidas	2.307\$60	»	Donativos distribuidos	3.887\$70
Fevereiro	»	2.422\$05	Fevereiro	»	4.552\$80
Março	»	5.502\$50	Março	»	3.891\$70
Abril	»	3.779\$50	Abril	»	7.429\$00
Maiο	»	2.903\$00	Maiο	»	3.919\$30
Junho	»	2.260\$75	Junho	»	3.620\$00
Julho	»	3.382\$25	Julho	»	3.499\$80
Agosto	»	2.415\$80	Agosto	»	2.747\$50
Setembro	»	1.672\$35	Setembro	»	3.018\$00
Outubro	»	41.415\$34	Outubro	»	4.366\$40
Novembro	»	22.195\$50	Novembro	»	540\$00
Dezembro	»	38.355\$78	Dezembro	»	45.144\$55
				Saldo para o ano seguinte .....	23.540\$86
		135.073\$92			135.073\$92

Aqui tem o leitor, *grosso modo*, a acção do *Diário de Notícias* no seu aspecto beneficente.

### SERVIÇOS COMERCIAIS

Não têm êstes serviços chefia própria, e a êles pertencem as secções de publicidade (chefe: Arnaldo Faria de Oliveira), de anúncios (chefe: o mesmo), Casa da venda de jornais (encarregado: João Silva), Livraria (encarregado: Abel Guimarães), Edições (damos notícia em capítulo especial), Armazém de livros (encarregado: José da Cruz Coelho), Delegação do Rossio (chefe: Francisco Aloísio Pereira), Secção de Compras (chefe: Manuel Simplício), e Secção de embalagens, que se reparte pelos Serviços de Expediente e Serviços Comerciais.

### SECÇÃO DE EXPEDIENTE E CORRESPONDÊNCIA

A Secção de Expediente e Correspondência foi criada em 10 de Janeiro de 1923, de harmonia com a nova organização dos serviços administrativos da Empresa, então denominada do *Diário de Notícias*.

Foi a sua chefia confiada ao Dr. Caetano Maria de Abreu

Beirão (14), que — visto o serviço ser nesse tempo muito menos intenso do que actualmente, pois a única publicação da Empresa era o *Diário de Notícias*, com uma tiragem bastante inferior à de hoje em dia, — tinha então apenas como empregados uma escriturária e um dactilógrafo.

Segundo cálculo a que procedemos, pode-se afirmar que a média da correspondência entrada actualmente por esta Secção é de 470 volumes por dia, ou sejam, 171.550 por ano, assim distribuídos:

	Para a Redacção do D. de N. e das outras publicações	Para a Admi- nistração	Resp. a Anun- cios	Soma
Por dia .....	141	257	72	470
» ano .....	51.465	93.805	26.280	171.550

(14) Caetano Maria de Abreu Beirão, que usa assinar apenas Caetano Beirão, nasceu em Lisboa a 5 de Novembro de 1892. Filho do médico Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão e de D. Rosa Isabel de Abreu Beirão, formado em Direito pela Universidade de Coimbra (1915), sócio fundador do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, sócio correspondente da Sociedade Filipe de Oliveira, do Rio de Janeiro, sócio titular da Academia Portuguesa da História. Publicou: *Sonetos* (1918); *Uma Campanha Tradicionalista* (colectânea de artigos políticos e literários, com um prefácio de António Sardinha), 1919; *Elogio histórico do Dr. Adriano Xavier Cordeiro*, proferido na Associação dos Advogados de Lisboa, 1920; *O «Tradicionalismo» da Carta*, polémica com o conselheiro Luiz de Magalhães, na revista *Acção Realista*, 1926; *Quem são os responsáveis pela desorganização da Causa Monárquica*, em colaboração com Francisco Quintela, 1931; *Um sonho... mas talvez não*, tradução de *Un sogno ma forse no*, de Luigi Pirandello, (levado à cena no Teatro Nacional em 1931); *O problema da sucessão do Rei D. João VI*, na «*História de Portugal*» do sr. Fortunato de Almeida, 1932; *D. Maria I*, subsídios para a revisão da história do seu reinado, 1934; *Cartas da Rainha D. Mariana-Vitória*, apresentadas e anotadas por C. B., 1936; *Grandes reportagens de outros tempos*, publicadas com o pseudónimo de Amador Patrício, 1938, e *Via Latina*, crónicas de viagem, crítica e história.

Colaborou largamente nos jornais políticos *A Nação*, *A Monarquia*, *Acção Realista* e em muitos outros periódicos de Lisboa e da provincia, nos *Diário de Notícias*, *A Época*, *A Voz*, *Lourenço Marques Guardian*, etc., e nas revistas *Nação Portuguesa*, *Acção Realista*, *Integralismo Lusitano* e outras.

Monárquico integralista, fêz parte do movimento chamado Integralismo Lusitano, desde os seus primeiros tempos, foi director das Juventudes Monárquicas de Lisboa, um dos fundadores e membro da Junta Directiva da *Acção Realista Portuguesa*. Tem desempenhado ainda outros cargos na causa monárquica e sofreu prisão por motivos políticos.

Realizou várias conferências na Associação dos Advogados de Lisboa, ao microfone da Emissora Nacional e no Centro dos Estudantes Monárquicos de Lisboa, etc. Foi-lhe conferido o prémio «Alexandre Herculano» do Secretariado da Propaganda Nacional, em 1934, pela sua obra *D. Maria I*. Foi subdelegado do Ministério Público na 1.<sup>a</sup> vara de Lisboa. É colaborador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

O seu pessoal, em 1939, compõe-se de: chefe, subchefe, 2 dactilógrafos, 2 escriturários e 1 arquivista.

## SECÇÃO DE PUBLICIDADE

O quadro do pessoal da Secção de Publicidade do *Diário de Notícias* conta presentemente 20 empregados, na sua maioria com mais de 15 anos de serviço activo. Estão incluídos neste número, além do chefe e dois subchefes, um desenhador e quatro funcionários, que se encontram destacados na Delegação do Rossio, à frente da qual figura o sr. Francisco Álvaro Pereira.

É este, por assim dizer, o quadro privativo da Secção, mas há a contar ainda com os angariadores, a ela agregados, em número de 10, entre eles o sr. Rodrigo Simões Costa, o mais antigo de todos, que ao jornal tem prestado, com o melhor do seu esforço e dedicação, valiosos serviços.

A Secção de Publicidade foi chefiada pelos srs. João Cabral, Alfredo Henriques de Almeida, João da Costa Campos e Júlio Afonso. De 1919 para cá, isto é, há 20 anos, é o seu actual chefe Arnaldo José Faria de Oliveira (15) que tem dirigido os respectivos serviços.



Sob o aspecto do interêsse público, o *Diário de Notícias*, além de ser um jornal de grande informação, é também o órgão de mais larga publicidade do País. A ela recorrem todos os que possuem a nítida compreensão das vantagens que advêm do anúncio metódicamente orientado, reclamando os seus produtos e artigos de venda, que assim se acreditam e impõem à consideração do público. Tem sido por seu intermédio que milhares de pessoas conseguem colocações, se fazem os mais variados negócios e quem sabe se até fortunas se têm realizado. É que

---

(15) Depois de ter prestado serviços em dois escritórios comerciais, trabalhou publicidade em diversos diários da capital, havendo feito parte da redacção de *A Ordem* e *A Época*. Em 1912, entrou para o *Diário de Notícias*, contando 19 anos de idade. Em 1919, desempenhou neste jornal as funções de subchefe da Administração e em 1920 foi investido no cargo de chefe dos Serviços da Publicidade, exercendo, portanto, a sua actividade no *Diário de Notícias* há 28 anos.

o reclamo, para ser profícuo e vantajoso, deve ser feito através dum grande jornal publicitário, porque de outra forma não há empresa que prospere ou produto que triunfe. A propaganda por meio de cartazes, impressos, auto-falantes ou pela rádio é um processo que pode de facto produzir algum efeito, mas destina-se apenas a um reduzido número de pessoas, o que não se dá com o jornal, que tem uma expansão muito maior e exerce uma acção muito mais eficaz. É o caso do *Diário de Notícias* onde os efeitos da publicidade são manifestos e sobrejamente conhecidos e apreciados. Nem de outra forma se justifica que procurem o *Diário de Notícias* diàriamente cêrca de 900 pessoas para a publicação de anúncios, sendo superior a dez milhões as linhas publicadas num só ano.

A confirmar o que fica exposto é interessante salientar o desenvolvimento que vem tomando a publicidade neste jornal, e é pelo número de inserções que melhor se poderá avaliar o progressivo aumento de anúncios publicados. Assim destacando, ao acaso, do nosso registo de publicidade as inserções que se têm produzido em determinadas épocas, organiza-se o seguinte quadro, que bem mostra a marcha evolutiva do anúncio no *Diário de Notícias*:

Ano de 1865 .....	14.402 anúncios
Ano de 1885 .....	178.078 anúncios
Ano de 1913 .....	254.577 anúncios
Ano de 1925 .....	271.039 anúncios
Ano de 1935 .....	294.833 anúncios

A campanha regionalista, iniciativa tomada pelo *Diário de Notícias* em 1923, e que mais tarde veio a ser adoptada por quási todos os jornais portugueses, contribuiu para tornar mais bem conhecida a vida local de cada uma das terras do País, constituindo as sua páginas um valioso repositório dos centros de produção e actividades comerciais e industriais que se sucedem de norte a sul de Portugal, e cuja propaganda tem sido feita através de anúncios no nosso jornal.

Por tudo isto se pode avaliar a vantagem que a publicidade no *Diário de Notícias* oferece aos seus numerosos clientes e ao

público em geral. É certo que ainda há pessoas que ajuízam por forma errada diversas modalidades publicitárias querendo, por exemplo, que, lançado no mercado determinado produto, êste obtenha com dois ou três reclamos um retumbante êxito de venda. Não pode ser. Está comprovado que só a continuidade do reclamo é condição absoluta para o seu indispensável triunfo.

O recebimento de anúncios é feito na Sede, na Delegação do Rossio, na Filial do Largo Trindade Coelho, em diversas sucursais instaladas em alguns estabelecimentos distantes do centro da cidade, nas agências de publicidade, nas delegações existentes em diversas cidades do País, e ainda por intermédio dos agentes e correspondentes do *Diário de Notícias* nas províncias.

## BIBLIOTECA

A partir de 1924, António da Costa Leão tomou a seu cargo a chefia dêste importante sector da vida interna do *Diário de Notícias* e iniciou metódicamente a sua organização. Fêz-se o registo dos livros existentes, que por motivo de obras haviam saído dos seus lugares, e deu-se começo à sua catalogação. A biblioteca possui hoje (1939) cêrca de 7.000 volumes, incluindo nêles algumas das melhores enciclopédias mundiais. O Arquivo organizado também por Costa Leão (16), consta de chapas

---

(16) António da Costa Leão. Jornalista, ortografista e funcionário público, nasceu em Cercal do Alentejo, em 11 de Abril de 1886. Pertencente a modesta família de lavradores, cursou os liceus de Beja e do Carmo, de Lisboa, mas, tendo de abandonar os estudos, a que se destinava, do professorado liceal, dedicou-se durante anos ao magistério secundário particular.

Foi empregado no escritório do grande juriconsulto Veiga Beirão, de 1909 a 1918, e entrou depois para o Ministério do Trabalho mediante concurso de provas públicas, transitando ao Instituto de Seguros Sociais e em 1933 ao Instituto Nacional do Trabalho, onde é 1.º oficial.

Ingressou no jornalismo como revisor, primeiro na *Nação*, jornal miguelista dirigido por João Franco Monteiro, passando pouco depois, em Setembro de 1913, para o *Diário de Notícias*, sendo escolhido em Fevereiro de 1915 para chefe da Revisão do mesmo jornal, cargo que desempenhou até 1931.

Em 1924, começou, cumulativamente com aquelas funções, a cêfiar a Biblioteca, que reorganizou e organizou e desenvolveu os serviços do arquivo do jornal, remodelando e instalando o arquivo de gravuras que se pode considerar modelar.

Em 1935, deixou a chefia do Arquivo que foi confiada a Gomes Monteiro, e em

fotográficas e respectivo registo, revistas com índice remissivo de retratos e assuntos, recortes de jornais e verbetes de retratos e aspectos de terras portuguesas e estrangeiras.



António da Costa Leão



Gomes Monteiro

O Arquivo compreende ainda os muitos milhares de fotografuras e zincogravuras, tudo perfeitamente arrumado.

Abril de 1937, a da Biblioteca, ficando adstrito à Redacção encarregado de crítica literária e de alguns serviços do Arquivo.

Tendo adquirido conhecimentos lingüísticos e de ortografia, há revisto inúmeras obras literárias de diversos autores.

É sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Foi um dos primeiros Directores que lançaram a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

É membro da Comissão do Monumento a Camilo Castelo Branco, para cuja subscrição fêz publicar, com uma nota bibliográfica sua, *O Parente de Cinquenta e Três Monarcas* (separata do *Diário de Notícias* de 30-IV e 1-V-924), revertendo a favor do monumento o produto integral do folheto.

Tem colaborado em vários jornais e revistas.

Publicou: *Dr. Francisco António da Veiga Beirão — Notas bibliográficas*. In «Revista do Instituto Superior de Comércio», Ano I, n.º I, 1918.

*Prontuário de Ortografia*. Lisboa, 1921 — 8.ª edição, 1939.

*Camilo e o Povo fora dos dicionários — Subsídios para o Léxico português* — Lisboa, 1922.

*Problema bibliográfico: Camilo e os miguelistas*. Lisboa, 1924.

*Como se organiza uma biblioteca*. Noções práticas de arrumação e catalogação de livros. Lisboa, 1927.

Vai publicar brevemente *A Pontuação na Língua Portuguesa* e tem em preparação um *Manual da Língua Portuguesa*.

Sempre que a Redacção necessita de tratar qualquer assunto, como biografia de pessoas, terras atingidas por acontecimentos importantes, etc., recorre ao Arquivo que prontamente a satisfaz.

António da Costa Leão deixou a chefia destes serviços em 1937, e foi nessa data substituído por Gomes Monteiro, cujas notas bio-bibliográficas se encontram no capítulo respectivo ao *Arquivo Nacional*, de que é director.

### REVISÃO

Consultado sobre os serviços de revisão do *Diário de Notícias*, o seu actual chefe, sr. Frazão de Vasconcelos (17), forneceu-nos as seguintes informações:

Antes da minha admissão, como revisor, em Dezembro



Frazão de Vasconcelos



J. M. Cordeiro de Sousa

de 1909, sei que foram revisores do *Diário de Notícias*, José Maria da Silva e Albuquerque, também colaborador, que faleceu em 16 de Abril de 1879 e foi fundador do *Grémio Popular*, e

(17) Frazão de Vasconcelos (José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcelos). Primeiro oficial do Ministério da Marinha, académico correspondente da Academia Portuguesa da História, Cavaleiro da Ordem de Sant'Iago da Espada, etc. Foi redactor efectivo do diário legitimista *A Nação* (1911-1915); redactor correspondente do *Diário dos Açores*, da ilha de S. Miguel; correspondente do *Diário do Minho*, de Braga; etc. No *Diário de Notícias* foi durante 4 anos bibliotecário-arquivista.

Tem as seguintes habilitações oficiais: Curso de comércio; Exames de Direito natu-

João Baptista Borges, vendedor, revisor, redactor efectivo e editor responsável, falecido em 9 de Setembro de 1903. A estes se refere o sr. dr. Alfredo da Cunha nas *Efemérides*.

Em 1909, era chefe da Revisão António Leitão, já falecido, funcionário do Ministério da Justiça, que havia sucedido a Costa Primo, funcionário superior da C. P., ainda vivo. Nêsse tempo, e durante anos depois, trabalhavam normalmente em cada noite 7 ou 8 revisores.

A António Leitão sucedeu, na chefia, António da Costa Leão, que se conservou no lugar até 1931, em que lhe sucedi.

---

ral, público, civil e administrativo e Economia política e Legislação industrial do antigo Curso Superior de Comércio; frequência das cadeiras de Bibliologia e Biblioteconomia e de Arquivologia e Arquivoeconomia do Curso Superior de Bibliotecário Arquivista.

Foi admitido no Quadro do Pessoal de Escrituração da Administração dos Serviços Fabris do Arsenal da Marinha em 1912. Nomeado Secretário do Ministro da Marinha, (o então capitão de fragata Joaquim Pedro Vieira Júdice Biker), 1920. Nomeado, em 1921, para fazer parte de uma comissão presidida por Anselmo Braamcamp Freire, incumbida de coligir e coordenar todos os elementos referentes à história dos Açores. Mandado agregar, com outros cidadãos à comissão organizadora da 1.<sup>a</sup> Exposição de *Ex libris* Nacionais e Estrangeiros. Julho de 1927. Nomeado, em 1930, para fazer parte da comissão organizadora do Museu Naval, presidida pelo Almirante Gago Coutinho. Mandado prestar serviço na Biblioteca de Marinha, em 1930. Esta comissão terminou em 1934. Nomeado segundo oficial do quadro da Intendência do Arsenal da Marinha, em 1930. Nomeado, em 1934, para servir de secretário da comissão encarregada de levar a efeito uma exposição de bibliografia, iconografia, cartografia e outros elementos relativos à ciência náutica e à história das navegações portuguesas. Promovido a primeiro oficial do quadro da extinta Intendência do Arsenal da Marinha, em 1938.

Por alguns destes serviços foi oficialmente louvado, e tem as seguintes condecorações: Cruz «Pro Ecclesia et Pontifice», Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, Cavaleiro da Ordem de Sant'Iago da Espada.

Pertence às seguintes colectividades científicas:

Nacionais: Academia Portuguesa da História, Instituto Etnológico da Beira, Instituto Histórico do Minho, Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

Estrangeiras: Arcádia de Roma, Collegio Araldico (Roma), Real Academia Galega (Corunha), Conseil des Héraldistes de France (Lião), Société Suisse d'Héraldique (Basileia), Accademia di Lettere e Scienze (Nápoles).

Bibliografia:

Afora vários artigos históricos, heráldicos, bibliográficos e literários dispersos, publicou os seguintes opúsculos:

I. — Sobre História da Marinha:

a) *João Pereira Corte Real, conselheiro de guerra del Rei D. João IV e as naus da carreira da Índia*. Lisboa, 1921.

b) *André Pessoa, capitão da nau «Madre de Deus» afundada em Nagasaki em 1610*. Lisboa, 1927.

c) *Subsídios para a história da Marinha Portuguesa — I. O galeão «S. Bento» e a sua viagem à Índia em 1638-1640*. Lisboa, 1928.

Actualmente a Revisão compõe-se de:

1 chefe — Frazão de Vasconcelos.

1 subchefe — António Rosa.

2 revisores-principais — Mariano Franco e Américo Coelho.

20 revisores efectivos.

6 revisores-supranumerários.

Isto é, evidentemente, um índice do progresso e desenvolvimento do jornal.

Por esta Revisão têm passado vários elementos de valor no jornalismo e noutras profissões.

d) *Subsídios para a história da Marinha Portuguesa — II. A fábrica das naus da carreira da Índia no século XVII.* Lisboa, 1928.

e) *Exposição de Marinha realizada na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, de 10 a 16 de Novembro de 1930.* Resenha publicada nos *Anais do Clube Militar Naval*, Tomo LXI, n.ºs 11 e 12, págs. 218 a 228.

f) *Os pilotos dos séculos XV e XVI e a Nobreza do Reino.* Lisboa, 1932.

g) *As pinturas das Armadas da Índia.* Lisboa, 1932.

h) *Relação inédita da viagem do Conde de Aveiras para a Índia, em 1650.* Lisboa, 1946.

i) *Um documento inédito que importa à história da Marinharia dos Descobrimentos.* Lisboa, 1937.

j) *De re nautica — Galeões da Coroa de Portugal no tempo dos Felipes — nos Anais do Clube Militar Naval.* Lisboa, 1931.

k) *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII* (Notas e documentos inéditos, em aditamentos aos *Trabalhos Náuticos dos Portugueses*, de Sousa Viterbo, no *Arquivo Histórico da Marinha*, de que foi Secretário.

II. — Sobre outros assuntos:

a) *Ascendência materna do desembargador João de Barros.* Lisboa, 1917.

b) *Um micaelense ilustre do século XVII.* Lisboa, 1918.

c) *Ligeiros apontamentos sobre a família de Manuel Severim de Faria.* Separata do *Instituto*, de Coimbra. Imprensa da Universidade, 1922.

d) *António de Albuquerque Coelho. Notas genealógico-biográficas.* Lisboa, 1922.

e) *A sepultura de Fernão Soares, pagem do livro del Rei D. João III, existente no convento da Serra de Almeirim.* Lisboa, 1924.

f) *O Paço dos Negros da Ribeira de Muge e os seus almozarifos.* Lisboa, 1926.

g) *Subsídios inéditos sobre o capitão João Ribeiro, autor da «Fatalidade histórica da Ilha de Ceilão».* Lisboa, 1927.

h) *A aclamação del Rei D. João IV em Macau.* Lisboa, 1929.

i) *Subsídios inéditos sobre Eugénio dos Santos, architecto da Nova Lisboa.* Lisboa, 1930.

j) *O primeiro mapa impresso de Portugal.* Lisboa, 1930.

k) *Ortografistas portugueses dos séculos XVI a XVIII.* Lisboa, 1933.

l) *A fortaleza de S. Jorge da Mina, padrão glorioso do Império.* Lisboa, 1934.

m) *Timor. Subsídios históricos.* N.º 41 da *Colecção Pelo Império.* Lisboa, 1937.

n) *António Real, o primeiro malabar que se baptizou na Índia.* (Comunicação ao Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo). Lisboa, 1937.

Muitas pessoas conseguiram, trabalhando na Revisão, fazer os seus cursos e singrar na vida: advogados, médicos, etc. Por aqui têm transitado diversos redactores do jornal, como modernamente Manuel Rodrigues, chefe da secção do Estrangeiro.



Revisores do *Diário de Notícias* num almoço de confraternização, em 9 de Março de 1931. A este almoço assistiram, como convidados, Ernesto Teles Pinto, José da Câmara Manuel e Albino Forjaz de Sampaio, antigos revisores

E daqui têm passado para outros jornais, como o dr. José Ribeiro dos Santos, actual chefe da Redacção de *A República*.



Refere-se o sr. Frazão de Vasconcelos ao seu antecessor, sr. António da Costa Leão. Na rubrica anterior, n.º 17, já também a êle nos havíamos referido registando, em súpula brevíssima, as suas notas bio-bibliográficas. Como nota interessante se salienta agora que foi no desempenho das suas funções de chefe da Revisão que lhe surgiu a idéia de organizar e publicar o seu utilíssimo e tão precioso *Prontuário de Ortografia*, que a Empresa Nacional de Publicidade editou e já vai na 8.ª edição.

António da Costa Leão deixou como revisor-chefe do *Diário de Notícias* um óptimo renome que a sua vasta cultura e não menor erudição filológica perfeitamente justificam.

A OS vinte e nove dias de Março do ano Yascimento  
 de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e  
 trinta e um, domingo, se reuniram num almôço em  
 o retiro das Pedralvas, no Sítio de Benfica, José Augusto  
 do Amaral Frazão de Vasconcelos, Amadeu de Melo Bor-  
 ges, José Sebastião Franco, Aires Pereira da Costa, Júlio de  
 Abreu, Luis José Pereira, Francisco Camachio de Brito, José  
 de Macedo Ferreira, Adolfo Ultra, António Santos Maga-  
 lhães Moutinho, José Frederico Baptista Coelho, Manuel  
 Barbosa, Jorge Fernando Teixeira, Armando Lázaro, José  
 Gaspar de Almeida, Jacinto de Melo Garrido, António da  
 Costa Rodrigues, que compõem o corpo de revisores do jornal  
*Diário de Noticias*. Este almôço se fez para reunir pes-  
 soas da mesma arte, que entre si se dão bem e que têm por  
 prazer em permutar os ensinamentos da sua profissão. E  
 porque queiram deixar disso memória me incumbiram a  
 mim, Frazão de Vasconcelos, chefe do mesmo corpo, ser-  
 vindo de escrivão, de fazer este resumo que todos comigo  
 assinam.

O almôço constou *granel*: arroz à Valenciana. *Segun-  
 das provas*: peixe. *Prova de página*: bifes. *Fantasia*:  
 doce e frutas diversas. Esta ementa foi composta nas offi-  
 cinas típicas do supracitado retiro e impressa em prelos  
 Buccelas. Capitais impressas com a afamada Porto, univer-  
 manuais. Tintas das acreditadas marcas Termo, Colares e  
 salmente conhecida por *Port wine*. Durante o almôço  
 seguiram-se vários *linguados* e mataram-se algumas *gra-  
 lhas*. Reinou franca animação entre os *tipos*, uns novos  
 como *vidro*, outros já pesados como *chumbo*.

Para este almôço foram convidados e assistiram os  
 senhores Albino Forjaz de Sampaio, Ernesto Teles da Sil-  
 veira Pinto e José da Câmara Manuel, antigos profissio-  
 nais da arte, homens bons e competentes.

A hora do almôço estar na máquina deliberou-se  
 fazer em separata telegramas de saudações aos senhores  
 Eduardo Schwalbach, director; Dr. Caetano Beirão da  
 Veiga, administrador-delegado e seus colegas no conselho  
 de administração; a Abel Moutinho, Rocha Júnior e corpo  
 redactorial, ao pessoal da administração, aos quadros tipó-  
 gráfico, das máquinas de compor, da gravura, estereotipia  
 e impressão; aos revisores da grande e pequena imprensa  
 periódica do país e, por último, por proposta do sr. Forjaz  
 de Sampaio, ao senhor Dr. Joaquim de Carvalho, como  
 administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra,  
 a velha tipografia onde o licenciado Fernão de Oliveira foi  
 o primeiro «corrector da imprensa», de que há noticia, no  
 tempo del-Rey D. João III.

E estando tudo revisto pode imprimir-se.

Curiosa ementa de um almôço realizado pela Revisão do *Diário de Noticias* em 1931, constituída por uma *prova* tipográfica, devidamente emendada



## SERVIÇOS DE EXPEDIENTE COMERCIAL

O Serviço de Expediente Comercial tem a seu cargo as assinaturas das publicações periódicas da Empresa Nacional de Publicidade — *Diário de Notícias, Os Sports, Notícias Agrícola,*



Francisco de Paula Bastos



Raul de Moraes Coelho

*Arquivo Nacional.* Tõda a correspondência e liquidação de contas de agentes de venda e correspondentes dessas publicações. Foi criada em Novembro de 1936.

Exerce a sua acção intimamente ligada à Contabilidade Comercial.

Esse serviço é chefiado por Francisco de Paula Bastos (18).

## SECÇÃO DE EXPEDIÇÕES

Foi criada esta secção em Maio de 1925 e nela se encontram organizados todos os serviços de escrita para as expedições do

(18) Francisco de Paula Bastos foi admitido ao serviço do *Diário de Notícias* em Maio de 1918, como repórter. Um ano depois, era nomeado redactor da secção do «Estrangeiro», a qual depois chefiou. De 1926 a Maio de 1935, foi subchefe da Redacção. Em Julho de 1935, transitou para a Administração da Empresa, sendo, em 1936, com a criação do Expediente Comercial, nomeado chefe deste serviço.

Trabalhou igualmente na redacção do extinto jornal *A Noite*, da Empresa Nacional de Publicidade, desde o seu primeiro número até pouco antes do seu desaparecimento.

*Diário de Notícias, Sports, Notícias Agrícola e Arquivo Nacional* para todos os assinantes e agentes quer do Continente, quer das Ilhas, Colónias e Estrangeiro, e ainda para as diversas lojas da cidade. O seu primeiro chefe foi o funcionário Mário do Rosário, falecido a 11 de Março de 1933.

Em Maio dêsse ano foi escolhido para o substituir, o funcionário Raul de Moraes Coelho (19) que prestava serviço desde 1929, na Secção de Contabilidade Comercial, e foi nomeado chefe em Outubro de 1935.

## ARQUIVOS DE GRAVURAS

Esta secção, das mais importantes do jornal, encontra-se a cargo do funcionário sr. J. M. Cordeiro de Sousa (20), cuja

---

(19) Raul de Moraes Coelho nasceu em Lisboa, na extinta freguesia de S. João da Praça, hoje anexada à da Sé, em 18 de Maio de 1877. Têm o curso Geral dos Liceus e de Escrituração e Contabilidade Comercial.

(20) J. M. Cordeiro de Sousa entrou para o *Diário de Notícias* em 1 de Abril de 1936 para prestar serviço no Arquivo de Gravuras. Encarregado dos serviços de expediente do estrangeiro da Secretaria Geral em 14 de Dezembro de 1936. Encarregado do Arquivo das Gravuras em 3 de Junho de 1937. Nomeado chefe do mesmo Arquivo em 15 de Junho de 1938. É sócio correspondente da Academia da História de Madrid, da Academia Portuguesa da História, do Instituto de Coimbra, etc. Vogal da 2.ª subsecção da 6.ª secção (Antiquidades e escavações) da Junta Nacional de Educação. Cavaleiro da Legião de Honra de França, etc.

### Bibliografia:

- Catálogo de parte da livraria do falecido conselheiro Luciano Cordeiro* — 1917.  
*A sigla de Lourenço Afonso* — 1922.  
*Inscrições portuguesas do Museu do Carmo* — 1.ª, 2.ª e 3.ª séries — 1923-1925.  
2.ª edição. 1936.  
*Algumas siglas e abreviaturas usadas nas inscrições portuguesas desde o fim do século XII até o princípio do século XIX* — 1926.  
*Uma lápida quinhentista nos arredores de Lisboa* — 1927.  
*Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa* — 1927. 2.ª edição. 1935.  
*Marcas de canteiro* — 1928.  
*Apontamentos de epigrafia portuguesa* — 1928. 2.ª edição. 1937.  
*Uma campa de azulejos* — 1929.  
*Registo da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do lugar da Ameixoeira desde 1540 a 1604* — *Notas e índices* — 1931.  
*Bibliografia das inscrições portuguesas do século XII* — 1931.  
*A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral* — 1932.  
*As sepulturas dos Foios na igreja da Ameixoeira* — 1932.  
*O cemitério da Ordem de Santiago no adro da Sé* — 1932.  
*As sepulturas dos Perestrelas em S. Pedro de Tôrres Vedras* — 1933.

competência, nestes serviços, está sobejamente comprovada pelo método, organização e ordem em que êstes se encontram.

As gravuras que entram no Arquivo são imediatamente classificadas e arrumadas. Como as gravuras não são montadas, cada uma fica guardada com a própria ficha nas seguintes secções:

- |                             |  |
|-----------------------------|--|
| I — Retratos                | a) Até 1 col.<br>b) De 1 a 3 cols.<br>c) Mais de 3 cols. |
| II — Retratos de criminosos | a) Até 1 col.<br>b) Até 3 cols.                          |
| III — Terras portuguesas    | a) Até 3 cols.<br>b) Mais de 3 cols.                     |
| IV — Terras estrangeiras    | a) Até 3 cols.<br>b) Mais de 3 cols.                     |
| V — Diversos (*)            | a) Até 3 cols.<br>b) Mais de 3 cols.                     |

(\*) Principais colecções da secção de *Diversos*:

Assistência, autógrafos, automobilismo, aviação, brasões, caminhos de ferro, centenários, congressos, escultura, estradas, exército português, exposições internacionais, guerras, indústria, instrução, Legião Portuguesa, livros, mapas, medalhas, Mocidade Portuguesa, monumentos, pesca, quadros de autores estrangeiros, quadros de autores portugueses, revolução em Espanha, taças e trofeus, teatro, etc., etc.

---

*A inscrição da pedra de Dighton — 1934.*

*As sepulturas dos marqueses de Montemor em Santa Paula de Sevilha — 1935.*

*As sepulturas de Santa Luzia — 1936.*

*Índices das «Inscrições lapidares da Índia Portuguesa», de Cunha Rivara — 1936.*

*Índices das «Inscrições lapidares da Índia Portuguesa», de Cunha Rivara — 1936.*

*Luciano Cordeiro (Col. Pelo Império) — 1936.*

*As campas do claustro de S. Vicente — 1936.*

*Epigrafia torreana (Ed. da C. M. L.) — 1937.*

*As inscrições do castelo de Palmela — 1937.*

*As sepulturas dos Brandões em S. Francisco do Pôrto — 1938.*

*Notícias do Passado — 1939.*



## CAPÍTULO SEGUNDO

Descrevem-se minuciosamente as instalações do novo edifício





A nova sede do «Diário de Notícias» vista da Rotunda





QUEM sobe a nossa famosa e linda Avenida da Liberdade — famosa e linda pela sua posição topográfica, que não pelas suas desairosas construções — encontra lá em cima, no último quarteirão, à direita, quasi já na Praça Marquez de Pombal, o novo edifício do *Diário de Notícias*, de porte majestoso, a-pesar-de circunscrito ao espaço que lhe foi permitido conseguir naquele local, e em harmonia com as exigências de todos os seus serviços industriais, comerciais e administrativos que tão acanhados se encontravam há muito na velha moradia da Rua dos Calafates.

A expressão da sua frontaria, de sóbrias linhas modernas, entrada própria à esquerda, entrada para o público ao centro, entre as duas rasgadas montras com roda-pé de mármore roxo-negrais, é imponente, tôda de cantaria, vendo-se à esquerda o corpo que suporta a tôrre de azulejo preto. Cantaria lioz, ombreiras e peitoris de mármore azulino polido. Ao meio de cada uma das sete janelas, vêem-se duas colunas revestidas de mosaico cerâmico divididas por um tubo Neon iluminante, de alto a baixo, como um rio de luz a marcar-lhe a elegância das linhas architectónicas, auxiliado pelas cercaduras luminosas das duas portas de entrada, a do edifício pròpriamente dito, e a do público para o Grande Vestíbulo.

Entra-se neste e sente-se um deslumbramento. Na nossa frente, cheio de vida e de côr, de movimento e de beleza, em pintura mural, o grande painel a frêsko de 54<sup>m2</sup> de superfície,

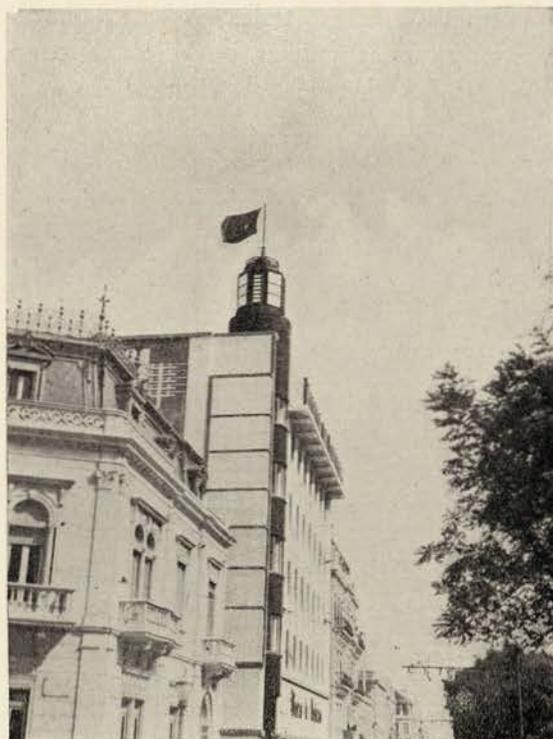
dando-nos, pelo pincel artístico de Almada Negreiros, em mapa-mundi, tôda a simbologia adequadamente expressiva dos quatro elementos e dos doze signos do Zodíaco, com aspectos da flora, da fauna, dos protótipos de cada raça nas diversas partes do globo, avicultura, elementos marinhos, o Neptuno ao centro, lá ao alto o Frio e o Vento, Tritões e Ninfas, num estonteamento de côres, numa graciosa apresentação do mural antigo em estilizações «século XX». À direita, também em pintura a fresco, do mesmo pintor, o Mapa de Portugal e as quatro estações, representadas por tipos portugueses, numa superfície de 18<sup>m2</sup>. Há mais de um século que se não faziam em Portugal frescos desta magnitude. À esquerda, a ligação do Vestíbulo com a entrada do edifício, coroada pela larga varanda da sala de recepções. Assente sôbre corpos de mármore, e a todo o comprimento do Vestíbulo, o grande balcão para o serviço do público, forrado a vidro azulado-escuro. O chão é de mosaicos de mármore preto, Imperial e S. Pedro. A luz vem-lhe indirectamente por dez sancas circulares harmònicamente dispostas. Nas nossas costas, olhando a Avenida, as duas montras de seis vidros cada uma. Junto à montra da direita a cabina telefónica para o público, e a seguir a secção de venda de livros com montra e balcão privativos. À esquerda do balcão principal, o elevador de serviço que põe esta secção em comunicação directa com as contabilidades. Ainda à direita, e para maior utilidade e comodidade do público, existe um Pôsto telégrafo-postal, de ligação directa subterrânea com o P. T. T. dos Restauradores.

A impressão geral que nos deixa êste Vestíbulo é a da beleza sem arrogância, de utilidade prática, de confôrto, e de respeito pelo público.

Subam-se agora os quatro degraus de mármore preto que temos à esquerda. Estamos no pequeno Vestíbulo da escadaria principal, com a sua cabina telefónica e gabinete do porteiro. A escada, de lambris de mármore, tendo na sua base o ascensor que serve todo o edifício, leva-nos em primeiro lugar à sôbre-loja, onde se encontra a Sala de Recepções, cuja varanda interior deita para o Vestíbulo. À esquerda a sala da Revisão, e ao fundo a Biblioteca, ligada à Redacção por um elevador de

serviço. A Revisão está automaticamente em contacto com a Redacção e as máquinas de compor, por meio de tubos pneumáticos. Ótimo serviço que, sem incómodo de maior, põe simultaneamente em comunicação êstes três sectores da vida interna do jornal, como em íntima colaboração com a Redacção se encontra a Biblioteca.

E saímos no 1.º andar.



O novo edifício visto do norte para o sul

A mesma disposição. Vestíbulo, Secretaria com amplas janelas, muito sol, muita luz, e, dum lado e doutro do corredor, gabinetes: do Director e do Secretário Geral, Sala de Espera, e, ao fundo, Sala de Reüniões. A Sala da Redacção fica ao meio dos dois edifícios. Quatro cabinas telefónicas. Paredes com absoluto isolamento e seus lambris de cortiça, para evitar, aos que trabalham, a maçada dos ruídos. A um lado, os tubos pneu-

máticos que a põem em comunicação com a casa das máquinas de compor e com a Revisão, e mais adiante o elevador de serviço para a Biblioteca. Neste andar encontram-se ainda três gabinetes reservados para colaboradores.

O 2.º andar, na mesma disposição topográfica, é todo êle destinado às outras publicações da Empresa e à Secção de Propaganda. As salas para *Os Sports*, *Notícias Agrícola*, Serviços de Propaganda e Expansão, Gabinetes dos Inspectores, do Contencioso, e outros gabinetes, tôdas as salas que olham para a Avenida, com grandes janelas de duplo sistema, *de abrir e de guilhotina*, de aço inoxidável. A meio do andar, o Pôsto Médico, com duas entradas, uma para os empregados dos escritórios, outra para o pessoal das oficinas.

Chegamos ao 3.º andar, ou seja aos Serviços Administrativos que ocupam, de fora a fora, as instalações dos dois edificios. Para o lado da Avenida, os Gabinetes dos Administradores e os Serviços de Publicidade, e para a Rua Rodrigues Sampaio, os Serviços de Contabilidade. Um grande salão. Corredor ao centro, ladeado pelas secções e pelos gabinetes dos Administradores. Vestiário. Cada empregado tem o seu armário próprio, de chapa de aço. Em todos os andares se encontram serviços sanitários com os indispensáveis requisitos modernos, incluindo, neste 3.º andar, um óptimo serviço de chuveiros.

No 4.º andar, do lado da Rua Rodrigues Sampaio, ficam o Refeitório, a Cozinha e a Dispensa. Belo salão. Larga varanda sôbre a rua, com um cenário cinematográfico. Ao fundo, a mancha prateada do Tejo, e para lá do Tejo, as terras pintalgadas do casario da Outra Banda. À esquerda, o Castelo, a Graça, S. José, pinhas de edificações multi-côres, a oferecerem-se em anfiteatro à contemplação dos nossos olhos extasiados, e reflectindo, nas janelas e nas ardosias, o oiro fulvo dos raios solares, numa policromia deslumbrante.

Sai-se do Refeitório para um terraço ao ar livre que tem, à direita, a tôda a largura do edificio até à Torre, a Alpendrada, com as suas sete varandas abertas sôbre a Avenida, e luz tubolar emergindo do vigaamento em suaves tonalidades. Do terraço de ligação avistam-se as terras do Parque Eduardo VII. À direita

da vasta e graciosa Pérgola, a Central Telefónica, e, a coroar tudo isto, a Tôrre Luminosa que há-de conjugar os seus efeitos com o tubo Neon que iluminará de alto a baixo o edifício. Tôdas as instalações, quer da Redacção quer da Administração, têm aquecimento central. No 2.º andar da Rua Rodrigues Sampaio, as Oficinas, cheias de imensa luz, lambris de azulejo branco, chão de mármore branco, as paredes, portas e janelas de tôdas as oficinas com isoladores de som, portas e janelas duplas, vestiários e instalações sanitárias, escada de serviço, monta-cargas, telefones, os serviços de gravura no 1.º andar com as suas secções divididas a ferro e vidro, ventilação higiénica e condicionamento de ar, serviço de incêndio, em cada patamar das duas escadas, e em tôdas as casas um serviço especial de aspiração de poeiras pelo vácuo. Na sôbre-loja a Composição Mecânica e a paginação, ligadas à Redacção e à Revisão por tubos pneumáticos. Tôda a composição é mecânica, 18 máquinas de compor e 2 máquinas exclusivas para a secção de anúncios. As páginas seguem para a estereotipia, que fica ao lado, e vão daqui, num elevador privativo, para a sala das rotativas. Ao fundo, o gabinete do chefe das oficinas. Na cave, a Sala da Grande Rotativa, sala aberta ocupando parte de dois andares: da cave e do rés-do-chão. O jornal é levado depois automaticamente para a Casa da Expedição que fica no rés-do-chão. O resto da Cave é preenchido pelos armazéns, caldeiras de aquecimento, maquinismos e bombas, duas casas-fortes, o pôsto transformador que recebe a energia eléctrica de alta voltagem, a transforma para baixa tensão e a distribue por todo o edifício e por tôdas as secções, por meio de um quadro blindado que é único em Portugal.

No armazém das bobinas há uma ponte volante para a sua distribuição. Junto ao largo portão da entrada da Rua Rodrigues Sampaio, ficam as salas de expedição e venda, para as quais a Grande Rotativa automaticamente envia os jornais que emmaçados aqui e entregues aos quatro camiões de transporte são assim simultâneamente atendidos. Ao fundo, à esquerda, a venda aos «ardinas». À direita, lá mais para o fundo ainda, oficinas de carpintaria, serralharia, reparações. A entrada do pessoal para as oficinas é tão ampla que nela cabe um camião



que pode conjugar directamente o seu serviço com o respectivo monta-cargas. A fachada, para esta rua, é tôda de cimento estucada, com faixas e pilastras de mosaico branco. Portas onduladas.

Esta descrição não dá sequer uma pálida idéia da sumptuosidade do edifício, das suas primorosas instalações, do seu conforto, da sua elegância, do meticuloso cuidado com que se atendem às necessidades do público e ao bem estar de todo o pessoal.

Jornalisticamente pode afirmar-se que as novas instalações da Empresa Nacional de Publicidade são únicas em tôda a Península, e se podem colocar, sem receio, ao lado das melhores que existem lá fora no seu género.

Os jornais portugueses devem sentir com esta edificação um justo título de orgulho, e Lisboa possui, a partir de 1940, um sumptuoso edifício que a honra sob todos os pontos de vista.

### CAPÍTULO TERCEIRO

Uma publicação em curso — «Os Sports» — O «Arquivo Nacional» — Duas grandes publicações cada uma no seu género — A cooperação ao desporto nacional — Episódios da História ao alcance do público





# OS SPORTS

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DESPORTIVOS PORTUGUESES

Publicado de manhã, de terça a sexta-feira. Preço: 100 réis. Anual: 10.000 réis. Semestral: 5.000 réis. Mensal: 1.000 réis. Número de exemplares: 10.000.

Director: RAUL DE OLIVEIRA



## 8.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

(Organização do "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" com a cooperação técnica de "OS SPORTS")

### DUAS JORNADAS DE LUTA ARDOROSA

A prova continua a ser valorosamente disputada, registando-se medias excelentes - Cabrita Mealha conserva com brio a camisola amarela - O Belenenses ocupa ainda com merecimento o primeiro lugar da classificação colectiva

**AGUIAR DA CUNHA**  
É o vencedor geral

Depois de uma jornada de luta ardorosa, o vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.

#### GALERIA DE VENCEDORES

- 9 DE AGOSTO:  
**ESTREMOZ-ELVAS (45 Km.)**  
Aguiar da Cunha
- ELVAS-PORTALEGRE (58 Km.)**  
Ildefonso Rodrigues



8.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA - Estremoz - Portugal. Um grupo de ciclistas a caminho de Estremoz.

#### GALERIA DE VENCEDORES

- 10 DE AGOSTO:  
**PORTALEGRE-CASTELO BRANCO (93 Km.)**  
José Albuquerque
- CASTELO BRANCO-FUNDÃO (48 Km.)**  
Aguiar da Cunha

**ESTREMOZ-ELVAS**  
O vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.

**AGUIAR DA CUNHA GANHOU A ETAPA ESTREMOZ-ELVAS**

Depois de uma jornada de luta ardorosa, o vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.



8.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA - Estremoz - Portugal. Um grupo de ciclistas a caminho de Estremoz.

**ESTREMOZ-ELVAS**  
O vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.

**AGUIAR DA CUNHA GANHOU A ETAPA ESTREMOZ-ELVAS**

Depois de uma jornada de luta ardorosa, o vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.

**AGUIAR DA CUNHA GANHOU A ETAPA ESTREMOZ-ELVAS**

Depois de uma jornada de luta ardorosa, o vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.



8.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA - Estremoz - Portugal. Um grupo de ciclistas a caminho de Estremoz.

**AGUIAR DA CUNHA GANHOU A ETAPA ESTREMOZ-ELVAS**

Depois de uma jornada de luta ardorosa, o vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.



8.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA - Estremoz - Portugal. Um grupo de ciclistas a caminho de Estremoz.

**AGUIAR DA CUNHA GANHOU A ETAPA ESTREMOZ-ELVAS**

Depois de uma jornada de luta ardorosa, o vencedor geral da 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta, Aguiar da Cunha, chegou a Estremoz-Elvas com uma vantagem de 1 hora e 15 minutos sobre o segundo classificado, Ildefonso Rodrigues. A chegada ocorreu às 18 horas, após uma jornada de 45 km, com um terreno muito variado e com algumas dificuldades técnicas. O vencedor mostrou-se muito satisfeito com o seu desempenho e com a organização da prova.

**ENSINAMENTOS DA "VOLTA"**

**O QUE O PUBLICO DEVE FAZER...**

Para obter a máxima satisfação e aproveitamento das corridas da "Volta", o público deve observar as seguintes regras:

1. Chegar cedo ao local da partida.

2. Não fazer barulho nem gritar durante a corrida.

3. Não fazer gestos de incentivo nem desaprovação.

4. Não fazer comentários de ordem pessoal.

5. Não fazer perguntas aos competidores.

6. Não fazer perguntas aos organizadores.

7. Não fazer perguntas aos jornalistas.

8. Não fazer perguntas aos espectadores.

9. Não fazer perguntas aos espectadores.

10. Não fazer perguntas aos espectadores.

**... E O QUE NÃO DEVE**

1. Não fazer barulho nem gritar durante a corrida.

2. Não fazer gestos de incentivo nem desaprovação.

3. Não fazer comentários de ordem pessoal.

4. Não fazer perguntas aos competidores.

5. Não fazer perguntas aos organizadores.

6. Não fazer perguntas aos jornalistas.

7. Não fazer perguntas aos espectadores.

8. Não fazer perguntas aos espectadores.

9. Não fazer perguntas aos espectadores.

10. Não fazer perguntas aos espectadores.



## «OS SPORTS»

**A** fundação deste jornal data de Abril de 1919. Foi seu fundador o então director de *A Capital*, Manuel Guimarães. Além da pequena suspensão de um mês, em Abril-Maio de 1920, suspendeu a sua publicação em Abril de 1924, só voltando a publicar-se em Setembro desse ano, mas já propriedade da empresa «Desportiva-Gráfica», sob a orientação de Campos Júnior. Em Dezembro, Campos Júnior cede o seu lugar a Cândido de Oliveira e o jornal ingressa no número das publicações do *Diário de Notícias*, onde passou a ser composto e impresso desde o n.º 804, Janeiro de 1928. Assumiu a sua direcção o brilhante jornalista Gomes Monteiro, que, no desempenho do seu cargo, mais uma vez demonstrou as suas altas faculdades de animador e de chefe.

A passagem de *Os Sports* para a Empresa Nacional de Publicidade coincidiu com a iniciativa da organização da I Volta a Portugal em bicicleta, que se disputou em Junho com grande êxito e foi o início das grandes actividades em que a fusão *Diário de Notícias-Os Sports* ia pôr em louvável equação o notável esforço a favor do desporto nacional. Com o n.º 1085, 16 de Abril de 1929, Gomes Monteiro abandonou o seu lugar que foi ocupado por Raul de Oliveira como redactor-principal, e director a partir do n.º 1493, de 10 de Abril de 1933.

Para maior facilidade da sua história sucinta, rápida e clara, apresentamos o seguinte *quadro cronológico*:

1919 — Abril 6 — Início da publicação. Propriedade do jornal *A Capital*, director Manuel Guimarães. Redactor principal: Abílio

- de Campos Júnior. Publicação: 5.<sup>as</sup> e domingos. 4 páginas. Preço, 40 centavos.
- 1920 — Abril 11 — Interrupção.  
 — Maio 13 — Retoma o seu curso normal. Preço, 10 centavos.  
 — Dezembro 5 — Passa para 2 páginas. Preço, 15 centavos.
- 1921 — Maio 1 — Volta a 4 páginas.
- 1923 — Outubro — Publicação às 3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sábados. Preço, 30 centavos.
- 1924 — Abril 5 — Nova suspensão.  
 — Setembro 25 — Reaparece, como propriedade da «Desportiva Gráfica», mas apenas bi-semanal: 2.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup>. Campos Júnior, director.
- 1925 — Abril — De novo tri-semanário: 2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e sábados.  
 — Dezembro 5 — Com o n.º 653 deixa a direcção de *Os Sports* Campos Júnior que é substituído por Cândido de Oliveira.
- 1926 — Janeiro 17 — Com o n.º 804, ingressa na Empresa do *Diário de Notícias*.
- 1927 — Abril 13 — Cândido de Oliveira deixa o seu cargo de director com o n.º 836, e é substituído por Gomes Monteiro (1).  
 — Novembro — Muda de formato: 8 páginas a metade das suas dimensões anteriores, e assim permanece até Abril de 1928.
- 1928 — Fevereiro 24 — Volta a bi-semanário: 2.<sup>as</sup> e sextas.
- 1929 — Abril 26 — Com o n.º 1.085, sai Gomes Monteiro e fica Raul de Oliveira, como redactor principal (2).
- 1933 — Abril 10 — A partir do n.º 1.493, Raul de Oliveira assume as funções de director.

---

(1) O *Diário de Notícias*, de 25-4-1927, publica (pág. 5, col. 2.<sup>a</sup>):

«OS SPORTS»

*Este tri-semanário inicia hoje uma nova secção*

«O popular tri-semanário *Os Sports*, que tanto e tão proficuamente tem pugnado pelo desenvolvimento da cultura física em Portugal entrou recentemente, sob a inteligente direcção do nosso camarada e distinto jornalista Gomes Monteiro, numa nova fase de desenvolvimento a que já começa a corresponder de maneira iniludível a preferência merecida do público. Hoje inicia o brilhante jornal mais uma secção — a de caça — para a qual por útil e curiosa, tem de chamar-se a atenção dos leitores, sobretudo porque se trata de um assunto de especialidade até hoje quasi descurado de todo, não obstante a sua inegável valia desportiva.

*Os Sports* procuram assim tornar-se o jornal mais completo do seu género em Portugal, tratando largamente os mais palpitantes acontecimentos desportivos nacionais e estrangeiros e inserindo uma excelente reportagem da última hora».

(2) Raul Pedro de Oliveira nasceu em Mafra no dia 4 de Março de 1895. Filho de um antigo jornalista, Jacinto Pedro de Oliveira, desde muito novo se dedicou ao jornalismo desportivo, no qual se iniciou em 1912, no antigo *Jornal de Sports*, dirigido



Não nos interessando directamente a acção de *Os Sports* no período que vai de 1919 a 1928, ano em que ingressou no número das publicações do *Diário de Notícias*, só a êste segundo período nos vamos referir mais de espaço para registar e provar que a actividade criadora e animadora de *Os Sports* manteve o seu ritmo inicial aumentando-o vantajosamente sob a direcção cuidada de Gomes Monteiro e de Raul de Oliveira os quais encontraram precioso apoio no espírito moderno e decidido do então administrador-delegado da Empresa, sr. dr. Caetano Maria Beirão da Veiga. Podem *Os Sports* orgulhar-se de ter cabalmente desempenhado a sua missão na Imprensa desportista, aliando ao cumprimento escrupuloso dos seus deveres de informação e crítica, a preocupação constante de orientar, de estimular novas actividades, esclarecer interesses, auxiliar todos os trabalhos meritórios, contribuindo, com larga parcela construtiva, para o desenvolvimento da expansão desportista nacional e divulgação do exercício físico disciplinado, factores essenciais na obra de ressurgimento nacional que nos últimos anos se vem operando no País. Numerosas organizações de vulto contam *Os Sports* no seu activo, em atletismo, basket-ball, bilhar, campismo, ciclismo e ciclo-turismo, escotismo, futebol, ginástica, hipismo, hockey em patins, motociclismo, natação, ping-pong, patinagem, tiro e volley-ball; campanhas de fundamental importância como as desenvolvidas em favor

---

por Alvaro de Lacerda. Em 1914, passou para o *Sport Lisboa*, que então se publicava sob a direcção do dr. Alberto Lima.

Interrompida a carreira jornalística durante a Grande Guerra, desde 1916 a 1919, por ter sido mobilizado para França, Raul de Oliveira começou depois a impôr-se pelo seu talento de organizador, evidenciado em várias provas, como o «Circuito de Lisboa em bicicleta», que obtiveram então êxito desusado.

Em 1927, Raul de Oliveira ingressou em *Os Sports*, onde tem firmado a sua reputação como jornalista de largos recursos e de grande iniciativa e cuja direcção assumiu em 10 de Abril de 1933. As numerosas competições a que tem dado alento, nas mais variadas modalidades, creditam-no como um grande propulsor do Desporto em Portugal. Entre essas competições avulta a «Volta a Portugal» em bicicleta, que tem pôsto em foco durante alguns anos as suas inegáveis qualidades de organizador confirmadas vitoriosamente em 1939, com a introdução do campismo na maior competição desportiva nacional.

da criação dos Jogos Desportivos Ibéricos e pela construção do Estádio Municipal do Pôrto; empreendimentos cuja grandiosidade ou influência na seqüência da vida desportiva nacional marcaram a sua importância decisiva, como o Congresso dos Clubes Desportivos, os Cursos Infantis de Gimnástica, a Volta a Portugal em bicicleta e os Jogos Desportivos Nacionais. Pode afirmar-se que um dos mais fortes se não o mais poderoso esteio da sua obra foi sempre o idealismo animador de toda a sua acção, todos os seus colaboradores em união perfeita com o pensamento do chefe, numa obra comum, homogênea e utilíssima.

Com Raul de Oliveira trabalha presentemente (Outubro de 1939) Raul das Neves Reis que exerce as funções de chefe de redacção, além de outros elementos de incontestável valor jornalístico e desportivo (3).

Vejamos cronologicamente, com exclusão de muitas outras pelo jornal patrocinadas, as organizações ou iniciativas de *Os Sports* directamente levadas a cabo, desde 1927 a 1939:

- 1927 — I Volta a Portugal em bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
  - Campeonatos Nacionais de Tiro aos Pratos.
  - Campeonatos Nacionais de Tiro aos Pombos.
  - I Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. de Pedrouços).
  - I Festival de natação na piscina do Estoril.
- 1928 — Subscrição pública para oferta duma medalha de ouro ao aviador Carlos Bleck.
  - Primeiras apresentações do Quadro Eléctrico em reprodução de jogos internacionais de futebol (colaboração com o *Diário de Notícias*).
  - II Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. de Pedrouços).
  - Oferta de medalhas de ouro aos jogadores olímpicos de futebol.

---

(3) Lista dos colaboradores com as datas do início da sua colaboração:

Raul de Oliveira, 26-4-27; Raul Neves Reis, 7-2-26; José Salazar Carreira, 14-11-20; Jorge Monteiro, 16-8-22; Alberto Freitas, 10-10-24; Ricardo Ornelas, 1-25; António Ribeiro dos Reis, 2-10-25; Reinaldo Monteiro, 12-25; Antero Nobre, 11-12-33; Abílio Gil Moreira, 21-7-33; Manuel Mota, 24-10-34; José Dias Pereira, 27-3-35; Fernando Teixeira, 1-36; Diamantino Dias, 30-8-37; João Santos, 12-11-37; Rodrigues Teles, 16-12-38; Carlos Correia da Silva, 12-2-39.

- 1929 — Novas apresentações do Quadro Eléctrico (colaboração com o *Diário de Notícias*).
- III Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. de Pedrouços).
  - III Festival de natação na piscina do Estoril.
  - I Concurso de Atletismo em pista.
- 1930 — II Concurso de Atletismo em pista.
- Festival no Estádio, comemorativo do 11.º aniversário, incluindo exhibições de basketball, rugby e jogos escolares.
  - Novas apresentações do Quadro Eléctrico (colaboração com o *Diário de Notícias*).
  - Subscrição pública para a aquisição das insígnias da Tôrre e Espada a oferecer em homenagem póstuma à família do dr. António Martins.
  - IV Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. de Pedrouços).
  - I Festival de natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
- 1931 — III Concurso de Atletismo em pista.
- I Circuito de Lisboa em bicicleta.
  - II Volta a Portugal em bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
  - Sarau comemorativo do 12.º aniversário, no Coliseu dos Recreios.
  - Medalhas de Honra, atribuídas a todos os desportistas que melhorassem oficialmente qualquer «record» em provas do programa olímpico.
  - I Concurso de novelas desportivas.
  - V Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. P.).
  - II Festival de natação na piscina de Algés (colaboração com S. A. D.).
- 1932 — IV Concurso de Atletismo em pista.
- I Cross Popular.
  - VI Cross dos Ases.
  - Primeiras corridas ciclistas em pista no Estádio do Lumiar.
  - II Circuito de Lisboa em bicicleta.
  - III Volta a Portugal em bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
  - Jornada de propaganda desportiva em Coimbra (atletismo, basketball, esgrima, box, atlética).
  - Criação dos Cursos Populares de Gimnástica Infantil.
  - Primeiras apresentações de «dirt-track» na pista do Lumiar.

- III Festival de natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
- 1933 — Primeiras apresentações de ciclismo sobre rólôs.
- Participação portuguesa na Volta a Pontevedra em bicicleta.
- III Volta a Lisboa em bicicleta.
- IV Volta a Portugal em bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
- Jornada de propaganda desportiva em Montemor-o-Novo (atletismo, basketball, jogos escolares, motociclismo).
- Competições desportivas da Semana Portuguesa em Vigo (cross, natação).
- Torneio de Solidariedade, em futebol.
- I Congresso dos Clubes Desportivos.
- I Parada desportiva.
- Relatos directos de jogos de futebol pela T. S. F. e comentários semanais pelo pôsto C. T. L. D. H.
- IV Festival de natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
- VI Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. P.).
- 1934 — I Lisboa-Madrid Universitário em atletismo.
- Primeiras competições de Cross Ciclo-Pedestre.
- V Volta a Portugal em bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
- Primeiras provas de Ciclo-Turismo.
- Recepção aos jornalistas espanhóis por ocasião do encontro de futebol Portugal-Espanha.
- Propaganda e divulgação do «Ring-Tennis».
- Festival de patinagem no Largo do Município (Semana da Criança).
- V Festival de natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
- VII Pequena Travessia de Lisboa a nado (colaboração com o C. S. P.).
- 1935 — II Cross Popular.
- Grande Prémio Ciclista da Montanha.
- Segunda Competição de ciclo-cross.
- Provas diversas de ciclo-turismo.
- VI Volta a Portugal em bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
- Escotismo: concurso inter-patrulhas.
- Escotismo: concurso de acampamentos entre grupos.

- Festival de Patinagem no Largo do Município (Festas da Cidade).
- VI Festival de natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
- Travessia do Tejo a nado (colaboração com a Ass. Nat. Lisboa).
- Sarau de encerramento da Semana da Criança (gimnástica e jogos).
- 1936 — Apresentação na pista do Estádio do Lumiar dos antigos corredores do Pôrto-Lisboa.
  - Provas da Pequena Maratona (3 corridas).
  - Primeiras 24 Horas Ciclistas de Lisboa.
  - I Dia da Bicicleta e Parada Ciclista.
  - Escotismo: 2.º Concurso de Acampamentos.
  - Festival escotista em Monsanto.
  - Dia náutico em Viana do Castelo (natação e remo).
  - Travessia do Tejo a nado (colaboração com a Ass. Nat. Lisboa).
  - I Dia de Natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
- 1937 — Jogos Desportivos Nacionais (colaboração com a Sociedade Estoril e Propaganda da Costa do Sol).
  - Custeamento da deslocação de Manuel Dias a Londres para participar na Corrida de Maratona do «Sporting Life».
  - Torneio Popular de Basketball.
  - Escotismo: festival e acampamento escotista.
  - Torneio de Preparação, em remo.
  - Travessia do Tejo a nado (colaboração com a Ass. Nat. Lisboa).
  - II Dia da Natação na piscina de Algés (colaboração com o S. A. D.).
  - Quinzena da natação.
- 1938 — Torneio Popular de Atletismo (colaboração com o Clube Internacional de Futebol).
  - V Concurso de Atletismo em pista.
  - I Prova de Marcha.
  - III Cross Popular.
  - VII Cross dos Ases.
  - Festival em Benfica a favor da participação portuguesa nos Campeonatos da Europa de Hockey em Patins.
  - Torneio Popular de Bilhar (colaboração com a Federação das Sociedades de Recreio).
  - VII Volta a Portugal em Bicicleta (colaboração com o *Diário de Notícias*).
  - II Corrida de 24 Horas Ciclistas em Lisboa (colaboração com os clubes participantes).

- Terceira Competição de Ciclo-Cross (3 corridas).
- I Festival Hípico (5 jornadas de concurso).
- Propaganda e divulgação do volley-ball; torneio inter-clubes.
- Dia da Natação na piscina de Alhandra.
- 1939 — Festival de propaganda desportiva no Seixal (Basket, tennis de mesa).

Seria interessante descrever pormenorizadamente tôdas estas organizações levadas a cabo pelo *Os Sports* — e êsse trabalho, embora inédito, já se encontra feito pelo sr. dr. Salazar Carreira (4), de cujos apontamentos nos temos servido — mas essa pormenorização levar-nos-ia demasiadamente longe, para além do esquema restrito desta obra.

A nótula sucinta, que damos acima, marca, porém, por uma forma clara e precisa, a projecção útil, interessante e jornalisticamente desportiva, que êste jornal vem desempenhando na vida intensa do desporto nacional. Há, no entanto, uma organização que merece referência especial, a que foi levada a cabo pelo *Os Sports* com assinalado êxito: o Congresso dos clubes desportivos.

Nas notas, a que acima nos reportamos, vem a descrição pormenorizada dessa obra e dêsse triunfo, que vale a pena registar aqui:

«O Congresso dos Clubes desportivos, que «*Os Sports*» promoveram e organizaram em Dezembro de 1933, foi seguramente o acontecimento mais notável dos últimos vinte anos e

---

(4) José Salazar Carreira, nascido em Lisboa, em 2 de Fevereiro de 1894, médico e professor na Escola Superior de Educação Física.

Desempenhou numerosos cargos dirigentes no meio desportivo, entre outros as presidências da Confederação Portuguesa de Desportos, Federações de Futebol e Atletismo, Associações de Lisboa de Atletismo e Rugby, Sporting Clube de Portugal.

Colabora em *Os Sports* desde 14 de Novembro de 1920, sendo, portanto, o mais antigo de quantos nêle ainda trabalham; após alguns periodos de afastamento retomou em Fevereiro de 1932 actividade mais intensa e que se tem mantido ininterrupta. Teve a seu cargo as secções de atletismo e rugby, ocupando-se presentemente de educação física, handball, volley-ball, além de colaboração doutrinária noutras modalidades.

Bibliografia: *Técnica e Preparação Atlética* (1922); *Regras e tática do Futebol Rugby* (1924); *Corridas planas e de barreiras* (1927); *Dicionário do Futebol* (1932); *A Máquina Humana* (1934).

aquêle que mais decisiva influência exerceu sôbre a evolução do ambiente desportivo em Portugal».

Destinado, no pensamento dos seus organizadores, a definir a situação do desporto, perante o Estado e a permitir ao desporto que, por intermédio dos seus dirigentes, tomasse consciência de si próprio, das suas conveniências e recursos, o Congresso «cumpriu perfeitamente o seu dever», usando da afirmativa categórica do ilustre director da Escola Superior de Educação Física, dr. Francisco Reis Santos, na conferência que a tal respeito pronunciou em 11 de Dezembro na Sociedade de Geografia.

Depois de longa campanha preparatória, agitando a questão das relações entre o Estado e o desporto, o jornal de 19 de Fevereiro de 1932 alvitrava em editorial: «As colectividades existentes no País, em presença duma situação que dificulta o desenvolvimento, remetem-se a um comodismo incompreensível. O Estado, que devia animar a já vasta organização desportiva nacional, tôda de iniciativa privada, e cujo objectivo é patriótico e humanitário, suga por intermédio dos seus tentáculos do polvo fiscal, a carne, os nervos e o sangue dessas corporações beneméritas; e os dirigentes, os orientadores, mantêm-se de braços cruzados, sem reclamação, sem gesto de legítima defesa. Reünam-se os delegados de todos os clubes desportivos, exponham às entidades oficiais a situação crítica em que vivem os agrupamentos que representam, e o Estado não se manterá certamente indiferente e tomará as providências que o caso requiere».

O número seguinte (22 de Fevereiro) anuncia, num artigo intitulado «Um Congresso de Clubes Desportivos», que *Os Sports* vão meter ombros à emprêsa, animados pelos incitamentos que o alvitre lhes trouxera com significativa prontidão.

Tornado assim público o projecto, afluem imediatamente as adesões: os primeiros clubes a manifestarem-se nêsse sentido foram o Sport Lisboa e Benfica, o Lisboa Gimnásio Clube e o Gimnásio Clube Português, a primeira federação a de Futebol, e de entre as associações regionais a de Natação de Lisboa. Na província o interêsse não foi menor e o Lusitano Gimnásio Clube de Évora e o Vilanovense Futebol Clube, de Gaia, vieram na

vanguarda dos inscritos; a repercussão do empreendimento alcançou, porém, muito mais longínquos territórios e os organismos desportivos angolanos acolheram-na com autêntico entusiasmo.

Entrando prontamente no campo das realizações práticas, *Os Sports* instalaram uma comissão organizadora da presidência de Raul de Oliveira e na qual figuravam como delegados do jornal o dr. Salazar Carreira e Raul das Neves Reis a quem foi confiado o trabalhoso encargo de secretário geral; a êstes três elementos foram ainda agregados representantes do Gimnásio Clube Português, Associação Naval de Lisboa, Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal e Lisboa Gimnásio Clube, mas nenhum dêles pôde, por motivos diversos, dar assídua assistência aos trabalhos da comissão, podendo dizer-se que o esforço de organização do Congresso foi levado a cabo quasi apenas pelos jornalistas acima citados.

As teses oficiais foram escolhidas e distribuídas a redactores idóneos, o programa estudado e elaborado cuidadosamente, a propaganda prosseguiu com firmeza e, quando foi fixada a data inaugural, 26 de Novembro, o número de colectividades inscritas era de 186, assim discriminadas: escolas 1 (Escola Superior de Educação Física); federações 9 (Atletismo, Automobilismo, Basket-ball, Ciclismo, Esgrima, Futebol, Hockey, Natação, Remo); associações distritais 11; associação académica 1; clubes de Lisboa 71; clubes do Pôrto 9; clubes da província 77; clubes de Angola 7.

A sessão solene inaugural efectuou-se na «Sala Portugal» da Sociedade de Geografia, presidindo S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República e com assistência dos srs. major Luiz Alberto de Oliveira, Ministro da Guerra, dr. Alexandre Sousa Pinto, ministro da Instrução, tenente-coronel Linhares de Lima, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, major Óscar de Freitas, Inspector Geral dos Espectáculos, Luiz Machado Pinto, Director Geral da Assistência Pública, etc., e decorreu com excepcional brilhantismo, pondo desde logo em evidência antecipada o êxito que estava reservado ao empreendimento.

O discurso de abertura foi pronunciado por Raul de Oliveira

que, depois de agradecer calorosamente a presença do venerando Chefe de Estado, dos ministros e restantes altas individualidades, pôs em foco a importância mundial da expansão desportiva e os resultados que dela havia a esperar para o País.

«Os representantes das colectividades desportivas — disse Raul de Oliveira — aqui reunidos em Congresso vão discutir vários assuntos de importância vital para as colectividades e para o futuro do desporto nacional. São elles o porta-voz da mocidade portuguesa, intérpretes fieis dos seus anseios de aperfeiçoamento, dos seus desejos de saúde, de fôrça, de vigor, de tôdas as qualidades que distinguiram no passado uma raça forte e empreendedora — e que precisam de afirmar-se no presente e no futuro para glória da Pátria e esteio da Civilização».

E concluiu:

«A idéia desportiva pressupõe, insofismavelmente, a idéia da Pátria. É pois pelo desporto, pela Pátria, que êste congresso vai trabalhar».

As sessões pròpriamente de trabalho começaram na noite do dia seguinte e decorreram sempre na maior elevação; o valor das teses apresentadas, os judiciosos reparos que sôbre elas incidiram, o estudo cuidadoso que aos congressistas mereceram todos os assuntos versados, demonstraram em alto grau a capacidade, o bom senso e as elevadas intenções da assembléia.

O programa geral de trabalhos compreendia a apreciação de 13 teses que a comissão organizadora incluíra nas quatro secções oficialmente estabelecidas para objectivo do Congresso: Secção I — Protecção e fiscalização do Estado ao Desporto; Secção II — Organização clubista; Secção III — Propaganda do Desporto no País; Secção IV — O Desporto nas Colónias.

A sessão do dia 27 de Dezembro funcionou na sede do Ateneu Comercial de Lisboa sob a presidência do sr. coronel Silvão Loureiro, comandante da Escola de Educação Física do Exército, e nela foram discutidas e aprovadas duas teses da Secção I: «O problema tributário» relatado pelo capitão António Ribeiro dos Reis, e «O auxílio do Estado às organizações desportivas: criação de Parques Municipais e Nacionais» cujo relator foi Raul das Neves Reis.

Na noite imediata o Congresso reuniu-se no Lisboa Gimnásio Clube, tendo presidido aos trabalhos o sr. Luiz Machado Pinto, ocupando tôda a sessão a tese da autoria de Ricardo Ornelas «Orientação nacional dum clube desportivo; condições a exigir para o seu reconhecimento oficial».

A terceira sessão, 29 de Novembro, celebrou-se na sala das instalações do Sport Lisboa e Benfica, em Benfica, e teve a presidir o dr. Francisco Reis Santos, director da Escola Superior de Educação Física. Foram apreciadas as teses «A entidade superior da organização desportiva e as suas relações com o Estado» relatada por Mário de Oliveira, «Clubes especializados e clubes ecléticos» de Belo Redondo e «Mentalidade desportiva» de Gilberto Tavares de Almeida.

Quarta sessão: em 30 de Novembro, no Automóvel Clube de Portugal, presidida pelo major sr. Óscar de Freitas. Teses aprovadas: «O movimento escotista e o movimento desportivo», por Antero Nobre, «Meios eficientes para difusão completa do desporto», por Raul de Oliveira e «Como conseguir instrutores especializados para os diversos desportos» pelo dr. Salazar Carreira.

Quinta sessão, no salão do Sporting Clube de Portugal, presidida pelo sr. Dario Canas. Apreciação das teses «Isenção de direitos para os artigos de desporto destinados aos clubes coloniais» por Alberto Freitas, «Intercâmbio desportivo entre a metrópole e as colónias», pelo dr. Salazar Carreira e «Educação física nos clubes de desporto» também da autoria do dr. Salazar Carreira.

Sexta sessão, realizada de tarde no gymnásio da Escola de Educação Física do Desporto e presidida pelo coronel Silvão Loureiro para aprovação da mensagem e conclusões do Congresso a entregar no dia seguinte ao sr. Presidente do Conselho.

Sétima sessão, no Gimnásio Clube Português e presidida pelo sr. Álvaro de Lacerda, presidente da Confederação Portuguesa de Desportos. Tese do professor Aníbal Pinheiro «O desporto escolar nas suas relações com a educação física» e encerramento do Congresso.

Na tarde de 29 de Novembro, a comissão organizadora promoveu no Coliseu dos Recreios um festival desportivo dedicado

aos congressistas, no qual foi apresentado pela primeira vez em Portugal o filme dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, sendo a exibição valorizada pelo comentário técnico de que se encarregou o dr. Salazar Carreira. O restante programa foi preenchido pelas exibições do curso infantil de *Os Sports* de Campo de Ourique dirigido pelo professor José Júlio Moreira e da classe de senhoras do Lisboa Gimnásio Clube comandada pelo professor Aníbal Pinheiro, assaltos de espada por distintos esgrimistas do Ateneu Comercial de Lisboa e de luta e jôgo do pau por elementos do Lisboa Gimnásio.

No sábado, 2 de Dezembro, foi oferecido pelo jornal organizador um banquete de gala no Casino do Estoril, festa que resultou de excepcional brilhantismo pela perfeita confraternização em que decorreu e pela atmosfera de camaradagem e desportivismo imposta pelas palavras vibrantes dos oradores. Presidiu Raul de Oliveira, ladeado pelos directores das duas Escolas de Educação Física, srs. dr. Reis Santos e tenente-coronel Silvão Loureiro, sentando-se em volta cêrca de duzentos convivas, entre êles algumas senhoras cuja presença foi mais um elemento de realce.

Muito interessantes foram as afirmações pronunciadas nessa noite, mas duas frases são dignas de arquivo nesta evocação por que traduzem com propriedade a impressão deixada pelos trabalhos do Congresso.

O sr. dr. Reis Santos declarou: «Nos tempos modernos não é com dogmas mas com acções que se impõem os ideais, e os homens de desporto são essencialmente práticos, desprezando a pragmática. Em Portugal não existia consciência nacional e serão os homens de desporto que a formarão».

No final do seu brinde Salazar Carreira reconheceu: «A gente do desporto deu com o seu congresso um exemplo de disciplina moral. Os homens de desporto merecem que se lhes dispense auxílio pelo seu trabalho persistente, mas não querem ser guiados como um ente cego, pois sabem bem o que desejam e como o desejam».

A mais gloriosa jornada do Congresso, verdadeira manifestação triunfal de esperança e de fé «em que a raça, pela bôca

da juventude, marcou o seu direito à vida», foi a de domingo 3 de Dezembro com a organização da imponente parada que, partindo do Parque Eduardo VII, desfilou pelas ruas da cidade até ao Terreiro do Paço, com o objectivo de acompanhar a Comissão Organizadora na missão de entregar a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente do Conselho os votos expressos pela grande reunião dos delegados das colectividades de desporto.

Após seis dias de trabalho intenso e útil, em que foram debatidos com elevação e nobreza invulgares no nosso País os problemas mais instantes do desporto, e estudados segundo critério de notável isenção e de espírito patriótico, o Congresso teve, sob o aspecto especial da propaganda da causa, o seu ponto culminante nesta parada que surpreendeu, pelo ineditismo, a população da capital e as esferas oficiais. O Sr. Presidente do Ministério assistiu impressionado a um espectáculo de que, possivelmente não suspeitava a grandeza, auscultando os sentimentos dessa juventude prometedora e ansiosa por ser útil à Pátria, viu e sentiu toda a magnitude e circunspecção desse espírito desportivo que é um código de lealdade e nacionalismo, não se limitando por isso, no seu célebre discurso de resposta, a vagas promessas sem significação.

Mais de 2.000 desportistas tomaram parte no cortejo que era aberto pelas delegações dos cursos infantis de *Os Sports* e alunos dos estabelecimentos de Assistência Pública; precedidos pelos congressistas, os atletas da capital, acompanhados pelos estandartes das respectivas agremiações, marcharam através da cidade com aprumo, disciplina e luzimento impressionantes.

De passagem pela Avenida da Liberdade, foram depositos ramos de flores junto aos monumentos dos Mortos da Guerra e do saúdoso precursor da educação física, professor Luiz Monteiro.

Chegado à Praça do Comércio, o cortejo formou frente ao edifício onde se encontra instalado o Ministério das Finanças e onde o sr. dr. Oliveira Salazar recebeu no seu gabinete a Comissão Organizadora que se fez acompanhar pelos srs. Álvaro de Lacerda, presidente da Confederação, Raul Vieira, presidente da Federação de Futebol e presidentes das restantes federações.

Raul de Oliveira leu então ao Chefe do Govêrno a mensagem com os votos do Congresso, leitura esta que um amplificador transmitia à multidão aglomerada na rua; a importância dêste documento, que sintetiza tôda a obra produzida pela reunião dos clubes desportivos, exige a sua transcrição sem a qual ficaria sem finalidade esta memória evocativa:

«As colectividades que em Portugal se dedicam ao cultivo e à propaganda dos desportos, reuniram em Congresso para análise conjunta de todos os problemas que à sua missão interessam. Numerosas teses foram discutidas com a dupla preocupação de mostrar ao público quão elevado e patriótico é o fim a que visam e qual o entusiasmo com que tentam realizar integralmente o seu ideal de aperfeiçoamento físico, moral e social do indivíduo pela prática racional dos desportos.

A finalidade superior dum movimento essencialmente reconstrutivo, como é este que cabe às colectividades de desporto, deu origem a afirmações doutrinárias que devem merecer a atenção de quantos, no país, têm a seu cargo questões de educação ou funções de relêvo na governação pública. Dar conhecimento delas é legítima aspiração dêste Congresso, e é tanto mais justo e oportuno tal desejo quanto é certo que o movimento desportivo pode representar uma das grandes forças de reconstrução nacional, pela sua repercussão no melhor apetrechamento da mocidade portuguesa. Nas diversas reuniões efectuadas no largo período duma semana, discutiram-se assuntos de fundamental importância, desde a definição clara do que se deve entender por mentalidade desportiva até à determinação rigorosa das condições em que o desporto deve ser cultivado — precedido e acompanhado pela prática de gymnástica — orientado por instrutores competentes, dependente da fiscalização médica e por ela acompanhado dia a dia.

Tudo, pois, que pode contribuir para realçar a função social, moral e educativa dos desportos, mereceu a melhor atenção ao Congresso de Clubes Desportivos. Ao findar os seus trabalhos tem o Congresso a certeza agradável de haver realizado uma obra útil para os interesses superiores do país, até mesmo quanto à necessária propaganda de todos os valores nacionais no campo nobre e glorioso dos torneios de desporto, espectáculos admiráveis de energia e vitalidade.

Reconhece-se, porém, que a missão a cumprir excede o âmbito das colectividades desportivas, para entrar na esfera das necessidades ou conveniências nacionais. O Congresso de Clubes Desportivos aceitou, por isso, em princípio que a amplitude e eficiência da sua acção possam justificar e merecer a honra do apoio dos Poderes Públicos. Não há o propósito de encaminhar o movimento desportivo num sen-

tido parasitário ou meramente burocrático. Há apenas o propósito de afirmar que a finalidade em vista é tão completa que pode ser, com a cooperação do Estado, atingida mais rapidamente, tanto sob o ponto de vista de protecção como na parte respeitante à fiscalização da sua acção educativa, oferecendo-se, a título compensador, o entusiasmo duma Causa que apaixona a mocidade e cujos objectivos traduzem um valor reconhecido e auxiliado no estrangeiro pelos governos.

Esta Comissão tem, por isso, a honra de trazer ao conhecimento de V. Ex.<sup>ª</sup> alguns dos votos formulados pelo I Congresso de Clubes Desportivos, e de, para êles solicitar a esclarecida atenção de V. Ex.<sup>ª</sup> e a simpatia de todo o Govêrno.

Os votos correspondem em absoluto ao sentido do Congresso e êste representa todo o movimento desportivo do país e das colónias, traduzindo pelas delegacias recebidas uma população associativa de setenta mil pessoas.

Os votos formulados são, pois, os anseios que traduzem de facto as aspirações da massa desportiva, a elas dando aplausos vibrantes a multidão que vem hoje apresentar ao Govêrno os cumprimentos de tôdas as agremiações da especialidade.

Auscultar o sentido de tôda esta multidão que vive à margem de questões políticas, entregue sòmente ao ideal patriótico e humanitário de tornar forte e sã a mocidade do país; apreciar de perto a vibração e utilidade do movimento que tem por objectivo um ideal superior; deferir as suas pretensões e facilitar a realização dêsse ideal será prestar notável serviço a uma obra profundamente meritória para o revigoreamento do povo pela melhor e mais completa educação da mocidade. Nesta ordem de idéias temos a honra de apresentar a V. Ex.<sup>ª</sup> as conclusões que o Congresso adoptou no que respeita às relações entre o Estado e o Desporto:

I — As relações entre o Estado e os Clubes de Desporto devem ser mantidas por intermédio dum só organismo, como legítimo representante de todo o movimento desportivo devidamente organizado.

Êsse papel deve ser desempenhado pela Confederação Portuguesa de Desportos, fundada em 6 de Agôsto de 1928 e reconhecida oficialmente pelo decreto n.º 17.046-A, de 28 de Julho de 1929, enquanto não fôr criado o Subsecretariado de Desportos e Educação Física, no qual ela deverá ingressar como entidade representativa do movimento desportivo.

II — O Estado deve proteger as agremiações desportivas e a prática dos exercícos ao ar livre, promulgando medidas tendentes a:

- 1.º Construção dum grande Estádio em Lisboa.
- 2.º Construção dum Estádio municipal no Pôrto.

3.º Construção nas sedes dos distritos de estádios, piscinas e carreiras de tiro.

4.º Construção de campos de jogos e gymnásios nos diversos concelhos e freguesias do País.

5.º Protecção e manutenção dos campos existentes, facilitando a sua conservação e subvencionando os clubes seus proprietários.

6.º Subvenção material e auxílio técnico das colectividades julgadas dignas de tal pela Entidade Superior do Desporto, incluindo neste capítulo a construção de campos e instalações desportivas e organização de campeonatos nacionais.

7.º Os espectáculos desportivos promovidos pelos clubes, associações ou federações nacionais não devem ser equiparados aos restantes espectáculos públicos.

8.º Os espectáculos desportivos devem ser isentos de contribuições.

9.º Não sendo possível a isenção total de contribuições e impostos, a taxa a aplicar deve incidir sobre o número de bilhetes vendidos.

10.º As cobranças de impostos respeitantes aos espectáculos desportivos devem destinar-se a fundo especial de protecção e auxílio aos ramos de desporto que vivem em condições deficitárias.

11.º Deve passar a ser gratuito o concurso da força pública nos espectáculos desportivos promovidos pelos clubes, associações ou federações.

12.º Todas as medidas de protecção aprovadas por este Congresso devem alargar-se aos clubes desportivos das colónias.

13.º Devem ser isentos dos exorbitantes direitos alfandegários actuais todos os artigos de material desportivo importados de Portugal, quando essa importação seja efectuada directamente pelos clubes coloniais.

14.º O reconhecimento oficial definitivo dum clube desportivo fica dependente dos resultados práticos conseguidos pela agremiação após os seus cinco primeiros anos de existência, pelo que os clubes receberão, ao fundar-se, uma autorização especial dos respectivos Governos Civis, para «funcionamento provisório».

III — A educação física nos clubes de desporto deve ser obrigatória e estabelecida em moldes uniformes, na dependência do Subsecretariado de Educação Física e Desportos, o qual orientaria, fiscalizaria e auxiliaria a organização e funcionamento geral, de forma que se consiga por seu intermédio um verdadeiro movimento nacional de resurgimento físico norteado numa uniformidade de princípios indispensável para o seu êxito.

A acção orientadora do Subsecretariado exercer-se-ia por intermédio duma regulamentação geral profusamente distribuída e ensinada em conferências e artigos; pela fundação duma Escola de Educação

Física, onde se formassem professores e monitores, espalhados depois pelo País; pela organização de manifestações periódicas de carácter educativo.

A fiscalização seria exercida por médicos e técnicos inspectores, escalados por zonas, e que teriam a seu cargo a verificação da forma como os clubes applicassem os preceitos regulamentares da educação física e praticassem o desporto, tanto no que se refere à applicação directa como as condições de hygiene de instalações.

Finalmente, a protecção manifestar-se-ia dentro do critério já indicado e ainda pelo subvencionamento das colectividades de desporto amador que tomassem a seu cargo a organização interna da educação física, ou pelo fornecimento gratuito de professores e monitores àquelas que, não o podendo fazer por iniciativa própria, disso mostrassem desejo.

#### IV — A necessidade de fortalecer a raça impõe:

1.º A criação obrigatória em todos os municípios dum dispensário municipal de protecção à infância, tornando obrigatório o tratamento anti-sifilítico dos pais em cujos filhos tenham sido verificadas taras sifilíticas.

2.º A vigilância obrigatória por inspecção médica mensal de tôdas as crianças cujos pais estejam tuberculosos ou tenham morrido por virtude dessa doença.

3.º Promover que a tôdas as crianças possa ser ministrada educação física racional e compatível com as indicações da sua ficha médico-pedagógica.

4.º Obrigatoriedade rigorosa da educação física em todos os institutos de ensino secundário e médio e universidades, nestas últimas com características desportivas.

V — O intercâmbio desportivo entre a Metrópole e as Colónias é um factor importante de portuguesismo, dando a êste têrmo o sentido da criação dum espírito nacional idêntico em todos os cidadãos portugueses espalhados pelos diversos territórios do Império. Neste sentido:

1.º Portugal deve organizar periòdicamente os Jogos Imperiais.

2.º Compete ao Estado o patrocínio, iniciativa e organização das manifestações de intercâmbio desportivo metropolitano-colonial, mormente a deslocação de atletas e grupos do continente às colónias ou das colónias ao continente.

3.º É indispensável e urgente a visita por via oficial às províncias ultramarinas, de individualidades competentes, técnicos em educação física e desporto, tendo a seu cargo o estudo da situação actual, a propaganda e o ensino das boas doutrinas.

4.º A futura emissora nacional de T. S. F. deve incluir nos seus

programas palestras de propaganda desportiva destinadas a estabelecer contacto immediato entre o desporto continental e colonial».

A esta leitura, secundada pelas aclamações entusiásticas dos milhares de desportistas aglomerados no Terreiro do Paço, respondeu o Sr. Presidente do Conselho com um discurso notável pelo seu conceito, mas altamente honroso para o Congresso pelas suas referências. Citaremos apenas alguns períodos:

«Li com atenção de interessado as teses discutidas no Congresso; se devo louvar os congressistas pela elevação das idéias ali representadas, é meu dever também não deixar se dispersem tão boas vontades sem uma palavra de incitamento e de esperança».

«Valem os povos pelo número dos seus habitantes muito pouco, mas muito pelas qualidades que elles possuem».

«Temos de reagir pela verdade da vida e dar aos portuguezes pela disciplina da cultura física o segredo de fazer duradoura a sua mocidade, em beneficio de Portugal. Eis porque muito bem compreendo o vosso sentir, as vossas aspirações, e porque creio, tanto como no resurgimento de Portugal, pelas virtudes da vossa mocidade, na realização metódica, mas certa, das que me são agora presentes. E porque a primeira de tôdas é a construção do Estádio Nacional, regozijemo-nos porque teremos em breve o Estádio Nacional».

As últimas palavras do Sr. Dr. Oliveira Salazar provocaram no público estrondosa ovação, que se prolongou até que S. Ex.<sup>a</sup> assomou a uma janela para receber a saüdação dos estandartes e assistir ao desfile em continência de tôdas as delegações incorporadas na parada.

Assim terminou o I Congresso de Clubes Desportivos, verdadeiro acontecimento histórico não só para o movimento desportivo português, mas também para a Nação.

A sua actividade, estendendo-se à apreciação de vários problemas de aspecto eminentemente patriótico, constituiu ensinamento para outros sectores da opinião e forneceu esplêndido exemplo de equilíbrio, que muitas vezes falha em reuniões de pseudo-intelectuais.

A maior glória do Congresso foi a isenção e a nobreza com que todos os diversos problemas se estudaram e discutiram;

pairou sempre nas sessões um espírito de elevação, de boa vontade e de desejo de acertar que trouxeram reflexamente para o meio desportivo prestígio inconfundível e respeito geral.

Na sessão de encerramento do I Congresso de Clubes Desportivos, Raul das Neves Reis, apreciando os benefícios da iniciativa declarou ser conveniente que, alguns anos volvidos, ela se repetisse para que os dirigentes tivessem possibilidade de tirar o ponto na rota da evolução desportiva e fazer ao mesmo tempo o balanço aos resultados práticos da primeira reunião. Calorosamente aplaudido pelo auditório afirmou ainda que *Os Sports* certamente assumiriam essa incumbência.

Em 21 de Fevereiro de 1936, o jornal anunciava de facto que ia dar seguimento ao projecto e as adesões afluíam sem demora, provando quanto o empreendimento do II Congresso de Clubes Desportivos era acolhido com entusiasmo pelo meio.

Ao cabo de meia dúzia escassa de meses de propaganda, o número de inscrições elevava-se a 197, figurando entre elas as das federações de Atletismo, Automobilismo, Ciclismo, Esgrima, Futebol, Natação e Associação dos Escoteiros de Portugal, associações distritais e clubes de Lisboa, Pôrto, Braga, Aveiro, Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real.

Em Setembro do mesmo ano *Os Sports* comunicavam que a iniciativa ia passar à segunda fase de organização, mas outros acontecimentos se impuseram e não mais se voltou a escrever sobre o assunto. Seria talvez oportuno fazê-lo ressurgir para 1940, por ocasião das festas do Duplo Centenário.

É uma sugestão que inteiramente aplaudimos, já pelo êxito incontestável do primeiro Congresso, já pela sua projecção eficiente na vida do desporto nacional.

Podíamos salientar ainda a influência social exercida na população citadina pela criação dos cursos populares de ginástica infantil, que marcou invulgar precedência sobre tôdas as organizações oficiais ou particulares, tendentes a divulgar e assegurar a educação física, cientificamente orientada, às crianças das famílias pobres residentes em Lisboa e arrabaldes. Sob o ponto de vista editorial, deram-nos *Os Sports* os volumes: *Técnica e*

*Preparação Atlética* (1922), *Regras e Preceitos de Rugby* (1927), *Máquina Humana* (1934), tôdas da autoria do dr. Salazar Carreira, e *Regras do Futebol* (1936), pelo capitão Ribeiro dos Reis e Ricardo Ornelas, que constituíram êxitos de livraria pela óptima aceitação que o público lhes dispensou.

Nada escapou à acção eficiente de *Os Sports*: o escotismo, cuja incontestável eficácia se demonstrou pela evolução dos acontecimentos, desde a criação de grupos privativos dalguns cursos infantis de gimnástica até o êxito dos diversos concursos e iniciativas levadas a cabo, o que deu lugar a um Diploma de Agradecimento e louvor aos *Sports*, em Fevereiro de 1936, pela entidade máxima do escotismo português, único louvor concedido em 23 anos de existência; os jogos desportivos nacionais, por intermédio dos quais algumas centenas de atletas entraram em actividade fornecendo sempre lutas emocionantes e ardorosas; concurso de novelas desportivas; esgrima; futebol, em que se deu a mais popular intervenção dos *Sports* com a apresentação do famoso quadro eléctrico, onde, de colaboração com o *Diário de Notícias* reproduziu por interessante sistema electro-magnético as evoluções da bola tal como lhe eram transmitidas pelos seus enviados especiais dos longínquos terrenos onde os encontros se estavam disputando; uma intensa divulgação do desporto hípico; motociclismo; natação; patinagem; tiro; e tudo quanto, desportivamente interessasse a vida portuguesa.

Em 1938, no 19.º aniversário do jornal fêz-se a grande exposição de trofeus com que êste havia dotado as várias competições da sua iniciativa ou por êle patrocinadas e se encontravam na posse de numerosas agremiações, exposição que traduziu brilhantemente o esforço de *Os Sports* ao serviço sempre vigilante e incansável do desporto nacional sob a égide do *Diário de Notícias*.



Raul de Oliveira



Rocha Martins

### «ARQUIVO NACIONAL»

O *Arquivo Nacional*, hebdomadário ilustrado, publicou o seu número-programa, em 15 de Janeiro de 1932, sucedendo à revista *A B C*, então instalada na Rua do Alecrim, 65. Direcção e propriedade de Rocha Martins (5) e editor Américo

---

(5) Francisco José da Rocha Martins nasceu em Belém a 30 de Março de 1879. Filho de José Dias Martins, guarda de Alfândega, e de Maria do Carmo da Rocha Martins.

Antigo aluno do Instituto Industrial e do Curso Superior de Letras, jornalista, deputado e vereador, sócio da Academia de Ciências de Lisboa e da Arcádia de Roma. Comendador de S. Tiago e do Leão Branco da Tcheco-Slováquia.

Seja o próprio Rocha Martins que nos forneça, inédita, a sua nota auto-biográfica:

«Nasci em Belém numa modesta casa que naquele tempo — 30 de Março de 1879 — tinha o número 36. Ostenta, actualmente, o 42, sob o azulejo antigo, no qual Fuas Roupinho, perseguindo um veado, que era o demónio, foi salvo de cair no abismo por Nossa Senhora da Nazaré.

Deu-me sempre que pensar esta lenda milagrosa depois de várias lutas com tantos diabos e de-certo com a assistência da Senhora cuja imagem brilha na casa onde vi a luz do dia.

Chamo-me Francisco José da Rocha Martins. A minha gente era pobre e humilde e sonhara para mim destino diferente do seu; meu pai, José Dias Martins, que fôra soldado, recebera a nomeação de guarda de Alfândega, anterior à Guarda Fiscal — e contava fazer do filho um militar. Minha mãe, Maria do Carmo da Rocha Martins, ajudava-o com a ternura e grandeza de ânimo das mulheres de sacrifício. Ele era vageiro; ela algarvia. Aliara-se no sangue que me corre nas veias a rude lida varreira e o sonho dos árabes.

Fui educado no melhor colégio belenense — o do Almada —; dei provas de cor-

de Oliveira. Os intuitos da revista, cujo subtítulo revelava o seu plano geral — arquivo de História Antiga e de crônicas contemporâneas — consistiam em formar «um album onde os estudiosos podem aproveitar; os amigos da literatura divertir-se, e as crianças encontram as páginazitas simples nas quais, em vez de contos de fadas, se lhes narra a mais surpreendente das Histórias: a de Portugal».

Acompanhando sempre, mais ou menos, os acontecimentos com as evocações históricas que se lhes assemelhasse, a revista interessou o público que lhe garantiu a existência, chegando

---

responder aos esforços de meus pais e embora sentisse, por vezes, a distância entre a minha grei e a dos meninos ricos, meus condiscipulos, tive sempre orgulho suficiente para não me mostrar servil.

Aos quinze anos compreendi, claramente, que a luta dos meus era demasiada. Quis trabalhar. Desejaram que fôsse oficial. O soldado, que vira Saldanha na sua última arrancada, de Ajuda, junto de uma peça, pretendeu ver o filho de charlateiras e entre continências. Houve quem achasse mais fácil fazer-me engenheiro maquinista da armada; as fardas, as dragonas, cobririam a ganga do serviço. Fui tirar o curso para a Escola Marquês de Pombal e depois para o Instituto Industrial. Detestava o desenho e as matemáticas. Queria ser escritor e do Instituto, com suas mecânicas e trigonometrias, preferia o Curso Superior de Letras. Andava praticando no Arsenal de Marinha. Abandonei tudo; dei um grande desgosto a meus pais e, para os ajudar, procurei trabalho. Em virtude de um anúncio, ofereci-me para o escritório da Companhia União Industrial, fábrica de cerveja do Atôrro, sempre com a idéia de poder freqüentar o Curso Superior de Letras, o que sucedeu mas sem o êxito ambicionado. Tive amarga discussão com o professor. Renunciei aos estudos e nessa data fui apanhado, no escritório, a fazer um conto para o *Diário Popular*, em vez de copiar a factura de umas grosas de caixas de cervejas.

Um dos directores da Companhia era Mariano Prezado, pai de Santiago Prezado e um dos redactores do jornal em cujas páginas eu publicava os contos com um pseudónimo de *Fratins*: a primeira sílaba do meu nome e a última do meu apelido.

Quando julguei que me punham na rua, abriram-me as portas do jornalismo mercê de Prezado. Um alemão generoso e de alma santa, Hermann Harberts, outro dos directores da fábrica, permitiu-me a cumulação de funções. Ganhava dezóito mil reis por mês e mais o que pingava a imprensa: uns seis.

Se não era profissão!

Como detestava o comércio com suas contas, partidas, dobradas e cifrões, entreguei-me de vez à imprensa. Tinha dezóito para dezanove anos. Meu pai desolava-se. Entrei na *Vanguarda* cheio de idealismo, tendo deixado a colaboração do *Popular*. Magalhães Lima lançou-me no folhetinismo; foi a minha perdição a-pesar-dos êxitos fáceis dos romances históricos que publiquei no jornal e depois foram editados pela Empresa do Recreio.

A *Maria da Fonte* causou sensação com o *Bocage* e a *Madre Paula* entre as camadas populares. Tornei-me um escritor do povo. Não fui outra coisa naquele tempo; julgo que não passei dessa honrosa craveira. Seguiram-se os romances *Gomes Freire*, *Mestre de Aviz*, *Rei Santo*. A *Vanguarda* terminara os seus dias. Passei para o *Jornal da Noite*, órgão do incipiente partido franquista. Era jornalista; quiseram ver-me como político. Contas largas que um dia relatarei. Fiquei sempre com a amizade de Magalhães

a obter tiragens de 12.000 e 15.000 exemplares como, por exemplo, quando da morte e funerais de D. Manuel, em Julho daquele ano.

No ano seguinte, também em Julho, prosseguiu o êxito alcançado, ao celebrar nas suas páginas o Centenário da entrada das tropas liberais em Lisboa, publicando uma carta do sr. dr. Oliveira Salazar que provocou enorme curiosidade no público. Tendo sempre o cuidado de não esquecer a capital do Norte, iniciou a série de artigos «Legendas da Cidade Invicta» que projectaram em páginas de muito interesse a História da cidade

---

Lima, de almirante Cândido dos Reis, de Tomaz Cabreira, de Artur Leitão e de outros republicanos a que juntaria, depois, a de António José de Almeida e Machado Santos.

O regicídio atirou-me de vez para a monarquia, mas guardei sempre o meu culto de liberdade. Não estou a traçar o meu perfil de jornalista de combate, mas apurando apontamentos para uma vaga biografia de homem de letras.

Em 1903 fui dirigir a *Ilustração Portuguesa*, e em 1906 com Malheiro Dias — quasi um irmão para mim — na nova série do semanário. Em 1911, deixámos ambos a revista, êle para ir para o Brasil, eu para recomeçar a vida. Saí de cabeça alta. Dirigi o *Jornal da Noite*, colaborei no *Liberal*; passei tormentos, abandonando a literatura pela luta política. Durante alguns anos fui um agitado combatente.

Conheci muitos bastidores revolucionários; guardava dentro em mim um fervor liberal, o da minha educação republicana. Pelejei sempre contra os que mentiam aos princípios. Nunca me servi de vitórias para arranjar empregos públicos.

Em 1920, cansado de causas teóricas, fundei o *A B C*, com Mimon Anahory e ali recomecei a minha vida literária com a intensidade de quem sentia ter perdido muito tempo.

Datam desse período até 1930 em que a publicação acabou, os volumes em cujas páginas desejei arquivar os movimentos políticos que se atravessaram. A minha obra sofre de muitíssimos defeitos. O jornalista transparece sempre porque nunca tive tempo para deixar de o ser.

Bem ou mal, vivo da minha pena que, pode não ser apurada e brilhante, mas é sincera e proba. Assim como os antigos cavaleiros não desembainhavam as espadas sem razão nem as volviam à bainha sem honra, eu pretendo ter praticado o mesmo com a arma que tem sido o meu arrimo, ganha pão, motivo de júbilo e também de desesperos.

Fui deputado e vereador monárquico. Desvanecem-me pouco estes títulos. Sou sócio da Academia de Ciências de Lisboa, o que me rouba a qualidade de autodidata sem títulos literários. Pertencer à Academia era uma das minhas mais queridas aspirações. Não a freqüento mas respeito-a.

Meu pai, que tanto gostava de uniformes para o filho, nunca me viu fardado sob o oiro dos bordados académicos, o chapéu armado e o espadim, simplesmente porque nunca mandei fazer o uniforme. Daria esta compensação a quem tanto quisera ver-me dentro de uma bela farda. Esta sempre valeria a da tropa ou a de engenheiro da marinha.

Foi melhor assim. A comoção tomá-lo-ia tanto como ao saber-me comendador de S. Tiago e do Leão Branco da Tcheco-Slováquia. Os seus oitenta anos tiveram algumas satisfações das que, avultando a seus olhos de simples, quasi me foram indiferentes.

Entre os meus livros figura a edição monumental de *D. Carlos, Historia do seu Reinado*. Quero-lhe muito, não tanto pelos proventos colhidos, mas sobretudo pela justiça

do Pôrto. Muitas narrativas de vulgarização tiveram sempre o seu lugar neste semanário, como o *Processo dos Távoras*, o *Processo do Marquês de Loulé*, o de *Gomes Freire*, os admiráveis estudos sobre o Governo Provisório da República Portuguesa, a Assembléia Constituinte, sendo quasi todos os números obra do seu director Rocha Martins até à data em que Gomes Monteiro começou de o auxiliar na qualidade de redactor principal.

Foi em Janeiro de 1938, que a Empresa Nacional de Publicidade adquiriu a propriedade da revista, ficando Rocha

---

que julgo ter feito nas suas páginas. Elas iniciaram a reabilitação da memória de um rei bem diferente do que no seu tempo o julgaram. Quando um homem de letras assim procede deve consolar-se com a sua obra. Para mim, *D. Carlos* ou *Gomes Freire*, injustamente acusados, merecem o mesmo cuidado.

Fundei, em 1932, o *Arquivo Nacional*, publiquei vários livros de história aos quais alguns críticos chamam «reportagens retrospectivas» com o que muito me honram, pois a reportagem indica a assistência aos actos que se descrevem e não pode haver maior elogio para um cultor do passado que descrevê-lo como se o tivesse visto.

Trabalhei, trabalho, trabalharei enquanto puder. Só servi um amo: o público que me acompanha ainda neste tempo de descrença no passado e no qual um futebolista vale mais que um escritor e até de que um sábio.

Parece que tenho inimigos; não sou santo; correspondo-lhes com a mesma intensidade de seus ódios; sei que tenho amigos; retribuo-lhes com affecto altivo e incorruptível.

Escrevo estas linhas cheio duma aspiração depois de tantas lutas.

Trabalhar mais uns anos a ver se consigo, sem preocupações materiais de monta, recolher-me a uma aldeia... principiar a obra que sonhei e da qual nunca consegui traçar a primeira linha.

Com ela escreverei as minhas *Memórias*, não para falar de mim mas do muito que vi, observei, e guardei junto de homens já pertencentes à História.

Eis o que se me oferece escrever com independência e a pena molhada em sincera tinta».

#### BIBLIOGRAFIA:

- Maria da Fonte*, 2 volumes (Edição de luxo), 6.º milhar.  
*Madre Paula*, 2 volumes (Edição de luxo). Esgotado.  
*Mestre de Aviz*, 2 volumes (Edição de luxo), 6.º milhar.  
*Bocage*, 2 volumes (Edição de luxo). Esgotado.  
*Gomes Freire*, 2 volumes (Edição de luxo), 6.º milhar.  
*Rei Santo*, 2 volumes (Edição de luxo), 6.º milhar.  
*Spartacus*, 1 volume, 6.º milhar.  
*O último vice-rei do Brasil — Independência do Brasil*.  
*Páreas*, 1 volume, esgotado.  
*João Franco e o seu tempo*.  
*Pimenta de Castro — Ditador*.  
*Côrte de Juhot em Portugal*, 3.º milhar.  
*Palmela na emigração*, 2.º milhar.  
*D. Manuel II*. Esgotado.

Martins como director e Gomes Monteiro no cargo acima indicado. Não se alterou sensivelmente o programa estabelecido. Apenas o editor Américo de Oliveira foi substituído por Amâncio Caiola Zagalo, em 29 de Julho de 1938. Foi aumentado o número dos seus colaboradores, entre elles o escritor Diogo de Macedo, o investigador Ângelo Pereira, o jornalista Oldemiro César, etc.

Em 26 de Julho de 1939, — Ano VIII n.º 394 — Rocha Martins, devido às suas muitas occupações, e ao estar elaborando o livro monumental «Os Grandes Vultos da Restauração de

---

*Memórias sobre Sidónio Pais* (27.000 exemplares da tiragem, edição do A. B. C.) e em livro, 4.º milhar. Esgotado.

*Correspondência do Visconde de Santarém* (Edição do Visconde de Santarém).

*Monarquia do Norte.*

*A Ribeirinha*, 4.º milhar.

*Flor da Murta*, 4.º milhar.

*A Independência do Brasil*, 5.º milhar.

*Pombal pupilo dos jesuítas*, 4.º milhar.

*O glorioso avô*, novela publicada em espanhol e editada pela *Prensa Gráfica*.

*D. Carlos — História do seu reinado.*

*D. Manuel II — História do seu reinado.*

*Heróis, Santos e Mártires da Pátria — Grandes amores de Portugal.*

*Fantoches* (Bastidores da política e dos negócios).

*Legendas de Portugal* — Folhetins do *Diário de Notícias*, em livro, 4 volumes.

*El Glorioso Abuelo.*

*O Patriota.*

*Natal de Mendiga.*

*O Marquês de Pombal desterrado.*

*História de Portugal.*

*História das Colónias Portuguesas.*

#### EM PREPARAÇÃO:

Comemoração do Centenário pela Empresa Nacional de Publicidade:

*Os Grandes Vultos da Restauração.*

#### A SALIENTAR:

Secção: *Vultos e Sombras*, no *Diário de Notícias*.

Secção: *Quadros Nacionais*, em *O Primeiro de Janeiro*.

Secção: *Factos doutros tempos*, no *Comércio do Porto*.

Encontra-se escrevendo, neste momento, *A Europa e a guerra actual*.

Dirigiu o *Jornal da Noite*, a *Ilustração*, fundou em 1920 o *A B C* que terminou a sua publicação em 1931, e fundou o *Arquivo Nacional* em 1932, que dirigiu até 1939.

Jornalista de pulso, escritor de renome justamente alcançado, Rocha Martins é um dos mais infatigáveis e operosos plumitivos da sua geração.

A sua colaboração no *Diário de Notícias* continua.

Portugal» para o Duplo Centenário, deixou a direcção do *Arquivo Nacional*, ficando a substituí-lo o redactor principal Gomes Monteiro (6), sem que por isso se alterasse a orientação mantida até ali.

---

(6) Joaquim Gomes Monteiro, espirito de ambição insatisfeita, e pensamento irrequieto, de poeta de realissimo mérito, é bem um transmontano em toda a expressão regionalista deste significado: tenaz, infatigável, de labor incansável e de lealdade exuberante. Nasceu em Boticas, a 5 de Junho de 1893. Temperamento de lutador, jornalista por vocação, a sua acção no jornalismo marca, na sua vida de plumitivo, a melhor conquista da sua personalidade literária. Colaborou em *A Montanha*, do Porto, *A Situação* (Lisboa), *O Século*, *A B C*, *Os Sports* de que foi director, e finalmente no *Diário de Notícias*, cuja secção do estrangeiro chefiou.

Publicou, entre outras obras, as seguintes:

«*Robayat*», Quadros do poeta persa Omar Khayyam (Século XI) — 1927.

*Vieira de Castro e a sua tragédia* — 1932.

*A freira que morreu de amor* — 1932.

*As mulheres que amaram Jesus* — 1932.

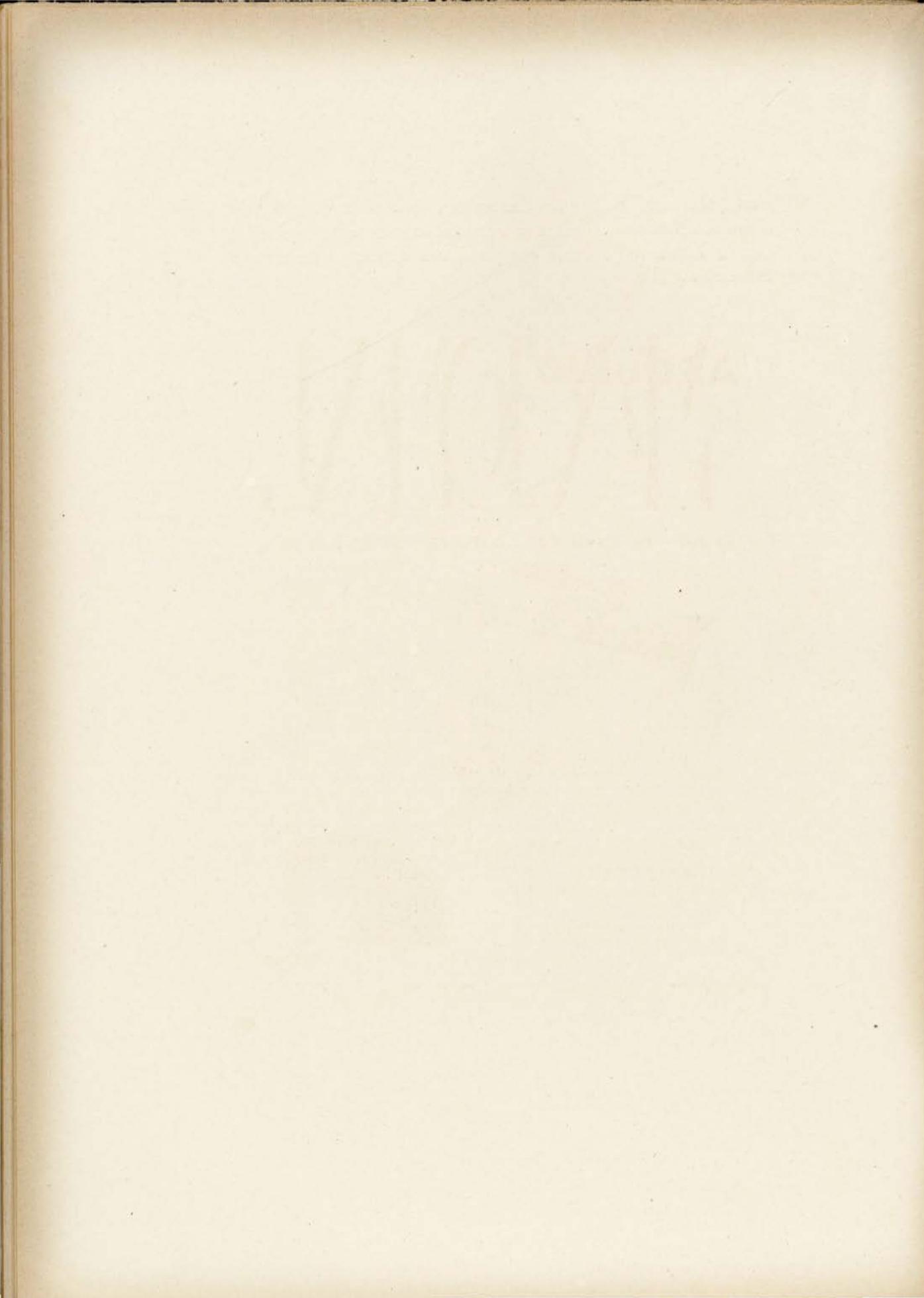
*A inocência de Urbino de Freitas* — 1933.

*A dama do seio mutilado* — 1934.

Fêz várias traduções por incumbência do *Diário de Notícias*.

O seu livro *As mulheres que amaram Jesus* foi musicado pelo maestro Rui Coelho e representado, com êxito, em S. Carlos.

Além do *Arquivo Nacional*, dirigiu a *Ilustração*, a que deu o melhor do seu esforço e da sua lúcida inteligência de jornalista profissional.



# ARQUIVO NACIONAL

UM NOVO ANO FELIZ!



O Bolo-Rei—O príncipe D. Luiz Felipe e o infante D. Manuel—  
Singularidades do destino

O INFANTE SAÚDADO COMO  
REI ANTE TODA A CORTE

Preço: 1 escudo

N.º 313

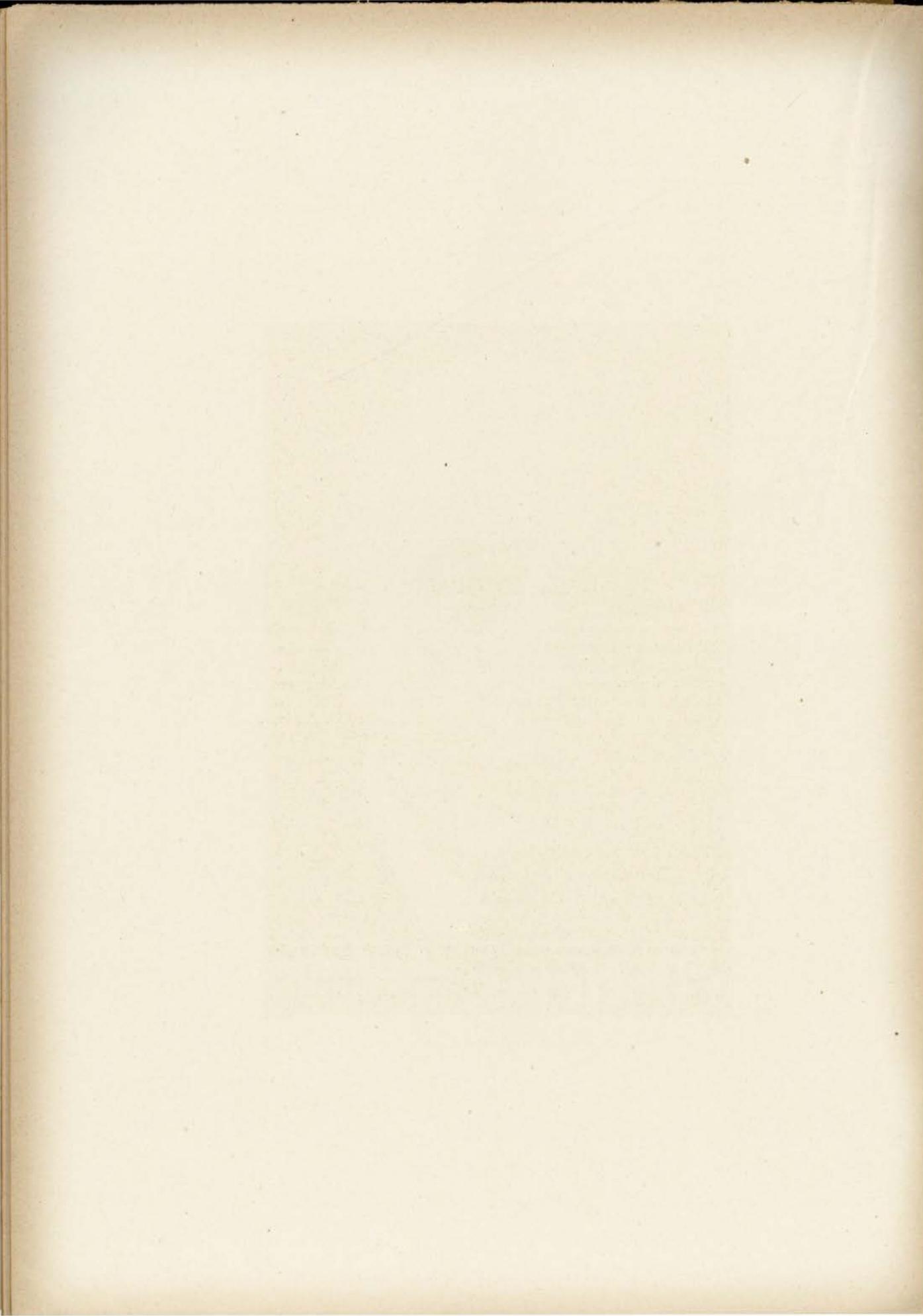
Reprodução a 1/4 do 1.º número do «Arquivo Nacional» quando passou a ser editado pela Empresa Nacional de Publicidade.

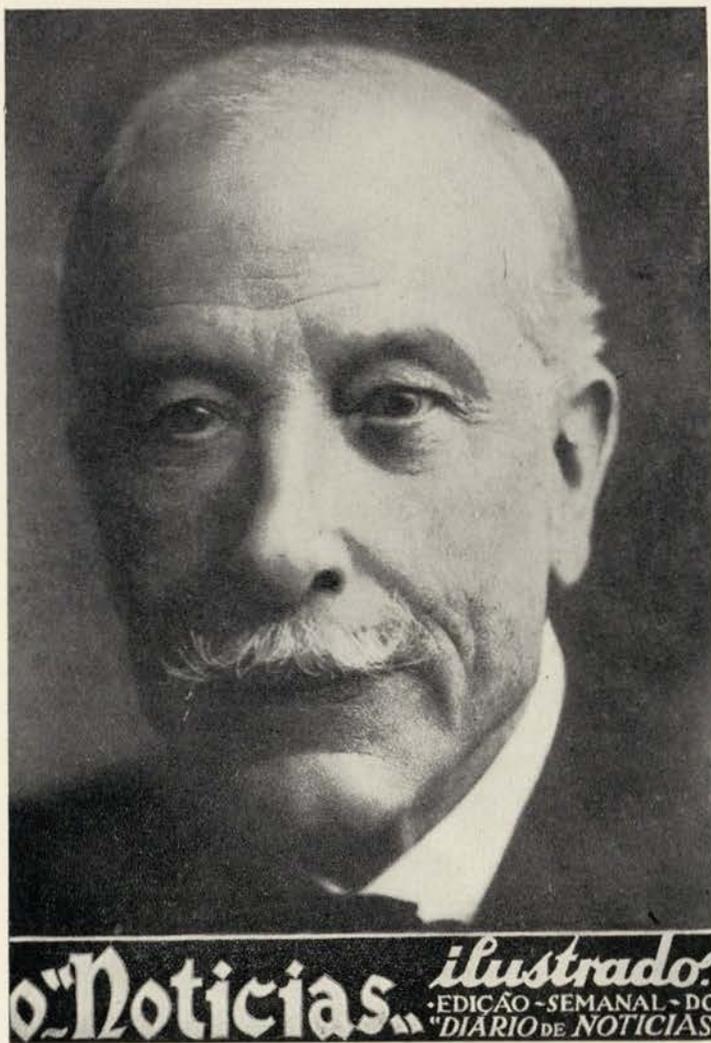




## CAPITULO QUARTO

Publicações que existiram — O «Notícias Ilustrado» — «Paris-Notícias», edição semanal do «Diário de Notícias» publicada em Paris — «Eva», revista feminina — «Brindes aos senhores assinantes do «Diário de Notícias» e Colecção «Diário de Notícias» — «Diário de Notícias» ilustrado, grande edição de luxo





Capa de o «Notícias» ilustrado



## O «NOTÍCIAS» ILUSTRADO

**I**M 17 de Junho de 1928, sob a direcção de Leitão de Barros (1), iniciou a sua publicação como edição semanal do *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, de 24 páginas em roto-gravura, que até 1935 foi a leitura predilecta da população alfacinha, com larga expansão em todo o País. Publicava-se aos sábados.

Continuou as tradições de *O Domingo Ilustrado*, que foi o seu antecessor, publicando-se aquêlo como 2.<sup>a</sup> série. *O Domingo ilustrado* que tinha o mesmo director, não pertencia

(1) José Leitão de Barros nasceu a 22 de Outubro de 1896, em Lisboa. Professor dos liceus. Diplomado pela Universidade de Lisboa. Pintor aquarelista, 1.<sup>a</sup> medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes e Medalha de Ouro do Rio de Janeiro, e expositor do Museu de Arte Moderna de Madrid, do Nacional e Arte Contemporânea de Lisboa, Viseu, etc. Como jornalista colaborou, entre outros, nos seguintes jornais: *A Capital*, *O Século*, *Correio da Manhã* e *Ilustração Portuguesa*. Fundou *O Domingo Ilustrado*, que durou seis anos, e dirigiu *O Notícias Ilustrado*. Tem os cursos do Magistério Secundário, Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa e o Curso Geral de Belas Artes, na Escola de Lisboa. É Cavaleiro de Sant'Iago. Como realizador cinematográfico fez os filmes: «Severa», «Maria do Mar», «Lisboa», «Pupilas do Sr. Reitor», «Nazaré — praia de pescadores», «Ir ao mar buscar sardinha», «Mal de Espanha», «Maria Papoila», «Varanda dos Rouxinóis», etc. Como autor dramático tem as seguintes peças representadas: «O homem que passa», «A greve», «O Colégio Universal para ambos os sexos», «70 H. P. — O ramo das violetas», «Um autor à procura de seis personagens» (réplica a Pirandello), etc.

Na sua bibliografia didáctica: «Elementos de História da Arte» para uso dos liceus. Foi director da Sociedade Nacional de Belas Artes, Vogal da Junta de Educação Nacional, do Conselho de Estatística Cidadina, da Comissão das Festas de Lisboa em 1934 e 1935, e Director Artístico da Companhia «Tobis Portuguesa».

Conhece a Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, Polónia, Austria, Itália, Checo-Eslóvaquia, Iugo-Eslávia e Suíça.

É actualmente director de *O Século Ilustrado*.

à Empresa do *Diário de Notícias*. O «*Notícias*» *Ilustrado* foi um excelente magazine, e nas suas páginas se arquivaram todos os grandes acontecimentos nacionais e internacionais, além de variadíssima colaboração literária e artística. A crítica de livros esteve a cargo de Teresa Leitão de Barros. A de cinemas, Chianca de Garcia. Música em discos, José Ângelo. Música, Nogueira de Brito. No número dos seus habituais colaboradores figuraram, entre outros: Feliciano Santos, Castelo de Morais, V. Chagas Roquete, José Sarmiento, Norberto Lopes, Norberto de Araújo, André Brun, Maria de Carvalho, A. Ferreira Gomes, Armando Ferreira, D. Tomaz de Almeida, Eugénio



Leitão de Barros



Paulo Osório

Vieira, F. da Silva Passos, Carolina Homem Cristo, Virgínia Lopes de Mendonça, Eduardo Frias, Luiz de Oliveira Guimarães, Augusto Cunha, Mário Duarte, Guedes de Amorim, Fernando de Pamplona, Maria Lamas, Aníbal Nazaré, Bastos Guerra, Urbano Rodrigues, Alice Ogando, Consiglieri Sá Pereira, Artur Portela, M. Teixeira Gomes, Manuel de Campos Pereira, Rogério Perez, Tomé Vieira, Augusto da Costa, Acácio de Paiva, Magnus Bergström, João Paulo Freire (Frei Gil de Alcobça).

Terminou a sua publicação com o n.º 382, de 6 de Outubro de 1935.

## «PARIS-NOTÍCIAS»

Edição semanal do *Diário de Notícias*, em língua francesa, publicada em Paris.

Foi por iniciativa do sr. dr. Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias*, que *Paris-Notícias* foi fundado em Paris sob a direcção do sr. Paulo Osório (2), director dos serviços do *Diário de Notícias* naquela capital.

*Paris-Notícias* publicou 67 números, ilustrados. O primeiro apareceu em 8 de Maio de 1921, o último em 24 de Agosto de 1922.

Inseriu:

Artigos políticos e literários de: Henri Lavedan, da Academia Francesa; Edouard Herriot, antigo Presidente do Conselho; Maurice Muret e Raphael-Georges Lévy, do Instituto de França; Charles Chaumet, antigo ministro; Jules Godin, antigo senador; Georges Le Gentil e Michel Revon, professores da Sorbonne; A. Willette, Philéas Lebesgue, Angel Marvaud, Camille Pitoulet, João Chagas, Augusto de Castro, Conde de Penha Garcia, Magalhães Lima, Jaime Batalha Reis, Chagas Franco, Paulo Osório, A. Jardim, Pina de Morais, Maurice de Waleffe, Franc-Nohain, Jorge Guerner, Marcel Aubry, Jean Talmont, Luiz Aníbal Falcão, Georges Géville, Anna Hanenko, A. d'Agular, Manuel Gahisto, André de Maricourt, etc.

Crónicas bibliográficas de Paul Lesourd.

Crónicas teatrais de André Brun e Charles Oulmont.

Crónicas militares do capitão Albert Hans.

Crónicas desportivas de Oliveira Valença e António Osório.

---

(2) Paulo Osório, autor de numerosos livros publicados em português e em francês, reside em França há cerca de 30 anos e é: Cavaleiro da Legião de Honra; Membro do Sindicato da Imprensa Estrangeira e da Federação Internacional dos Jornalistas; Delegado de Portugal no Conselho Director da Imprensa Latina; Delegado de Portugal no Conselho Director da União Internacional das Associações de Imprensa; Antigo presidente do Comité Colonial Internacional de Presse; Fundador e primeiro presidente da Associação dos Jornalistas de Língua Portuguesa em França (Brasil-Portugal).

Entre as suas reportagens mais importantes: a do caso do Angola e Metrópole, na Haia, e, em Bruxelas, a série de entrevistas com as mais altas personalidades da Bélgica, que abriu o caminho às negociações dos acordos coloniais concluídos há anos entre esse país e Portugal.

Crônicas financeiras de Guy de Verteuil.

Correspondências de Lisboa de Acúrcio Pereira.

Desenhos de Suzanne Bernard (modas) e Sil.

Traduções: da «Relíquia» de Eça de Queiroz, por Philéas Lebesgue e Manuel Gahisto; das «Rosas de todo o ano» de Júlio Dantas, por A. Varin d'Ainville; de versos e contos de Virgínia Vitorino, Eugénio de Castro, Eça de Queiroz, Augusto de Castro, António Patrício, Júlio Dantas, Paulo Osório, etc.

Lançou em França a iniciativa dos Congressos da Imprensa Latina.

Publicou a reportagem mais completa feita no estrangeiro da travessia do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Abriu uma subscrição para o Monumento aos soldados portugueses mortos em França durante a Grande Guerra, que produziu perto de 45.000 francos.

Consagrando-se sobretudo a tornar conhecido Portugal em França e a estreitar os laços de simpatia que uniram sempre os dois países, *Paris-Notícias* acompanhou também de perto as manifestações da vida parisiense o que o lançou com bastante êxito nos meios artísticos, literários e mundanos da grande capital. Alguns dos seus inquéritos de actualidade foram citados e reproduzidos na Imprensa francesa. As campanhas do *Paris-Notícias* corrigiram velhos erros espalhados lá fora sobre o nosso País. Graças a elas, algumas alusões desprimorosas em peças de teatro foram suprimidas. No *Paris-Notícias* começaram a sua carreira alguns jornalistas cujos triunfos se sucederam depois no jornalismo e na literatura. Citaremos, como exemplo, o sr. Paul Lesourd, que hoje dirige a crónica religiosa do *Figaro* e que figura entre os escritores mais apreciados nos meios católicos de França.

O aparecimento de *Paris-Notícias* foi saúdado oficialmente pelo Governo português, por dois ministros sucessivos de França em Portugal e por sociedades destinadas a promover a aproximação entre os dois países.

O primeiro aniversário do *Paris-Notícias* foi festejado em Paris num banquete que se realizou no restaurante «Portugal» sob a presidência do sr. dr. Cisneiros Ferreira, primeiro secre-

tário da Legação de Portugal, que representava o ministro, e ao lado do qual se sentavam o grande escritor Henri Lavedan, Georges Le Gentil, professor de língua e literatura portuguesas na Sorbonne, Maurice de Waleffe, secretário geral da Imprensa Latina, Armando Navarro, cônsul de Portugal em Paris, marquês de Faria, cônsul de Portugal na Suíça, muitos jornalistas e tôdas as personalidades em evidência na colônia portuguesa de Paris.



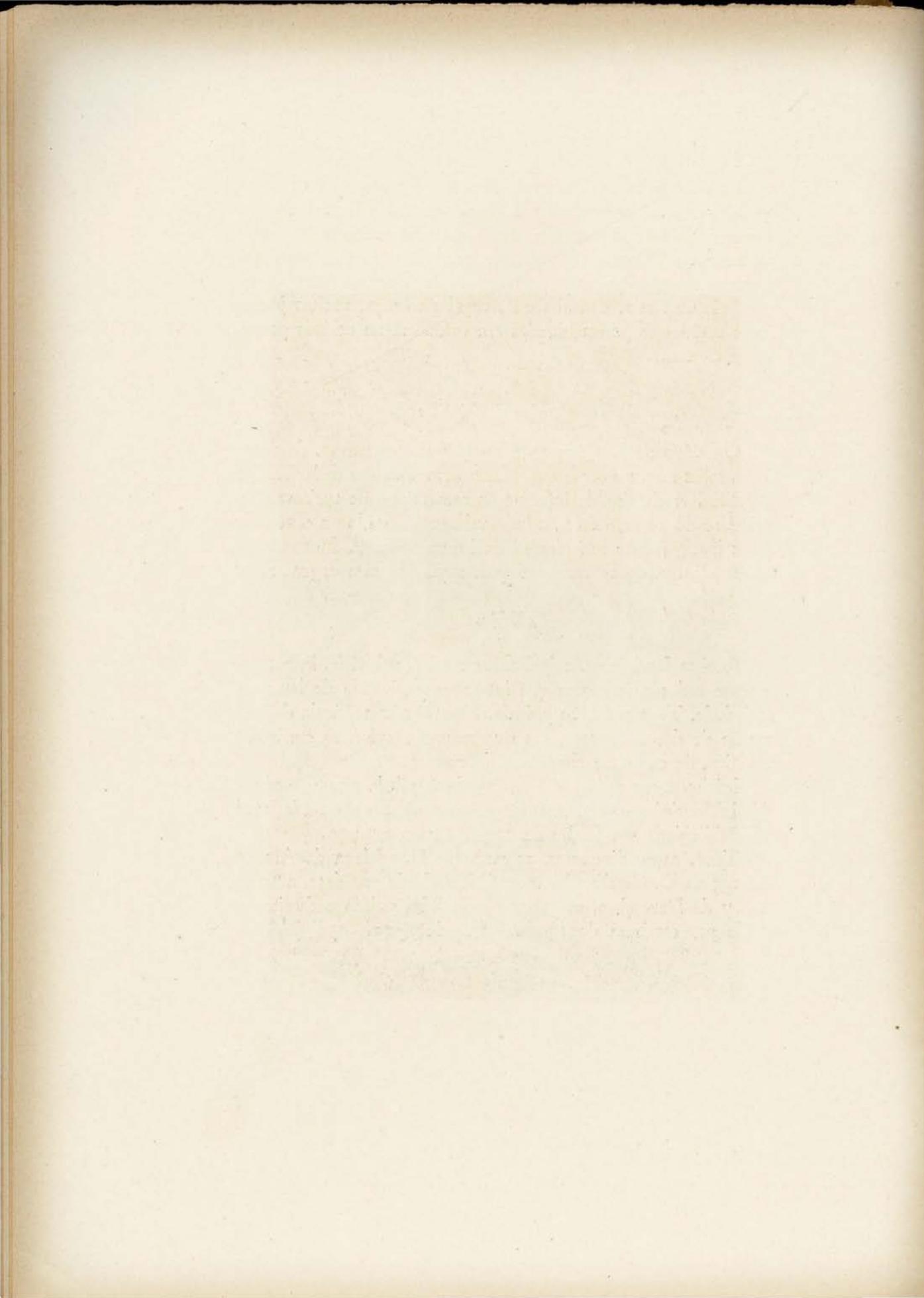
O *Diário de Notícias* teve, durante algum tempo, de 1927 a 29, salvo êrro, no *boulevard* Haussmann e na rua de la Grange Betelière, escritórios de informação comercial e de turismo. No primeiro dêsses escritórios, admiravelmente situado no centro de Paris inaugurou-se um *placard* de informações. A fundação da «Casa de Portugal» tornou depois supérflua essa organização.

#### «EVA»

Revista feminina. Artigos sôbre modas, culinária, literatura, e sôbre todos os assuntos que interessavam à vida do lar e na sociedade. Teve redacção própria. Manteve uma Escola de formação de donas de casa, em que se professavam os cursos de cozinha, de corte, de chapéus e de costura.

Iniciou a sua publicação em 25 de Abril de 1925 — editor Abel Moutinho — e deixou de pertencer à Empresa Nacional de Publicidade em Junho de 1939, com o n.º 730.

Teve, como directoras, as senhoras D. Helena de Aragão até 1932 e D. Carolina Homem Cristo, desde essa data, n.º 397 de 17 de Dezembro, até 1939, à qual foi cedido o direito ao título por escritura de 13 de Junho de 1939.





Capa do 1.º numero da revista «Evas»



## BRINDES AOS SENHORES ASSINANTES DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» E COLECÇÃO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

A páginas 234 e 236, do volume «O Diário de Notícias — A sua fundação e os seus fundadores» regista o sr. dr. Alfredo da Cunha, os XXXV «Brindes aos senhores assinantes do *Diário de Notícias*», respeitantes aos anos de 1865 a 1899, livrinhos encantadores, cuja colecção é hoje valiosa e rara no mercado livresco. Nela colaboraram alguns dos melhores nomes da elite intelectual dêsse tempo, como Andrade Ferreira, Eduardo Coelho, PINHEIRO CHAGAS, BULHÃO PATO, Júlio César Machado, Eduardo Augusto Vidal, CAMILO CASTELO BRANCO, Ernesto Marecos, Eugénio de Castilho, A. A. Teixeira de Vasconcelos, Oliveira Pires, Cândido de Figueiredo, Luciano Cordeiro, RAMALHO ORTIGÃO, Barão do Roussado, F. Gomes de Amorim, Sousa Viterbo, João de Mendonça, EÇA DE QUEIROZ, Mariano Frois, GOMES LEAL, Ana Maria Ribeiro de Sá, João Cesário de Lacerda, Brito Aranha, GUERRA JUNQUEIRO, Cristóvão Aires, Jaime Seguíer, Francisco de Almeida, Jaime Vítor, Leite Bastos, Gervásio Lobato, João de Sousa Araújo, Cesário Verde, Teotónio de Oliveira, Osório de Vasconcelos, Carlos Pinto de Almeida, M. Bulhões, Monteiro Ramalho, Andersen, Mariano Pina, TEÓFILO BRAGA, FIALHO DE ALMEIDA, Almeida de Eça, Mendonça e Costa, Eduardo Coelho Júnior, Manuel Emídio da Silva, G. de Vasconcelos Abreu, Luiz Quirino Chaves, Guiomar Torrezão, João Augusto de Ornelas, Alberto Pimentel, Alfredo Galis, Daniela, D. MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO, Zeferino Brandão, Caiël, Afonso Vargas, Rafael de Almeida, João de Mendonça, Alberto Teles, Rangel de Lima Júnior, Aristides Abranches, José António de Freitas, Lumbrosiola, Alfredo Mesquita, EUGÉNIO DE CASTRO, Narciso de Lacerda, Alfredo da Cunha, Lourenço Caiola.

Por esta simples resenha se vê a importância desta preciosa colecção, que ainda hoje se lê com absoluto agrado e verdadeiro prazer espiritual.

Fora dos contos e dos pequeninos romances, salientam-se os números XXI: (1885) «Victor Hugo, homenagem do *Diário*

de *Notícias* à memória do eminente poeta francês»; XXII (1886)  
«*Mendes Leal Júnior*, memórias políticas, literárias e biográficas»  
por Brito Aranha; XXVII, «*Eduardo Coelho*, A sua vida e a sua

## BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

INTRODUÇÃO, pelo sr. *Silva Tullio*, socio da Academia Real das Sciencias.  
SANTA CATARINA DE RIBAMAR, pelo sr. *J. M. d'Andrade Ferreira*, da mesma Academia.  
PERO ESTEVES, pelo sr. *Eduardo Coelho*.  
AGONIAS OSCURAS, pelo sr. *M. Pinheiro Chagas*

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DOS CALAFATES, 110

1866

Frontispício do 1.º volume dos Brindes aos Senhores  
assinantes do «Diário de Notícias»

obra — *Alguns factos para a história do jornalismo português contemporâneo*», por *Alfredo da Cunha*, que teve 2.ª edição em 1904, comemorativa da inauguração, em 29 de Dezembro dêsse ano, do monumento erigido em Lisboa ao fundador do

*Diário de Notícias*; e no XXIX, a «Demonstração do direito do Brasil, na questão dos limites do Brasil com a República Argentina», por José António de Freitas.

Em 1925, relembrando a série dos *Brindes*, o *Diário de Notícias*, remozando a tradição, com novos nomes e outro

## COLEÇÃO *Diário de Notícias*



EMPRESA DIÁRIO DE NOTÍCIAS EDITORA LISBOA

Frontispício do 1.º volume da Coleção  
«Diário de Notícias»

aspecto, lançava no mercado o primeiro volume da «Coleção *Diário de Notícias*», que se o enfileirarmos no número dos anteriores será o número trinta e seis.

Da sua colaboração consta: Camilo Castelo Branco: *A última vitória de um conquistador*; Augusto Gil: *A flauta de cana*;

Ladislau Patrício: *Noite de Neve*; Aquilino Ribeiro: *A passagem dos Pirinéus*; Manuel de Sousa Pinto: *Purificação*; Júlio Brandão: *A cata do «El-Dorado»*; Eduardo Schwalbach Lucci: *Fogo Sagrado*; Mário Beirão: *¡Ah, coubésemos nós erguer as mãos!*; Sousa Costa: *Uma hora de tragédia*; Cláudio Basto: *Do traje «à vianesa» em geral e do traje de Afife em especial.*

Mas os tempos eram outros, outras as exigências do público leitor e do mercado livresco, e esta tentativa não vingou.

Não se publicou mais número nenhum.

### «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» ILUSTRADO — GRANDE EDIÇÃO DE LUXO

A páginas 237 da obra citada, vem a lista pormenorizada dos números do DIÁRIO DE NOTÍCIAS ILUSTRADO, *Grande edição de luxo*, publicados desde 1895 a 1914.

Foram: Centenário de Santo António (1895), Centenário da Índia (1898), Páscoa de 1899, Carnaval de 1900, Páscoa de 1900 e Números do Natal (1898 a 1914). Ao todo vinte e dois números.

Capas de Casanova, Rafael Bordalo Pinheiro, José de Brito, João Vaz, Roque Gameiro, Gonçalves Coelho, Alberto Pinto, Raul Lino, José Malhõa, Veloso Salgado, Cândido da Cunha.

Colaboração literária de Lourenço Caiola, Luciano Cordeiro, D. João da Câmara, H. Lopes de Mendonça, Rangel de Lima, Eduardo Schwalbach, Sá de Albergaria, Urbano de Castro, Alfredo de Moraes Pinto (Pantarantula), Luiz de Magalhães, Cândido de Figueiredo, Alfredo da Cunha, Conde de Arnoso, Mousinho de Albuquerque, Sousa Viterbo, Guerra Junqueiro, Tomaz Ribeiro, Alfredo Mesquita, Teixeira de Queiroz, Luiz de Magalhães, Fernandes Costa, Wenceslau de Moraes, Alberto d'Oliveira, Júlio Brandão, Carlos Malheiro Dias, Conde de Monsaraz, Bento Moreno, Cristóvão Aires, A. de Campos Júnior, Afonso Lopes Vieira, Augusto de Lacerda, Eugénio de Castro, Rangel de Lima Júnior, Manuel de Sousa Pinto, Teixeira Lopes, Marcelino Mesquita, João Grave, D. Branca de Gonta Colaço, Joaquim Leitão, Júlio Dantas, Henrique de

# Diario de Noticias

Director AUGUSTO DE CASTRO



*Numero da Primavera*  
1922

Reprodução a 1/4 da 1.ª página do n.º 1 do «Diário de Noticias» ilustrado



Vasconcelos, Cândido da Cunha, José Coelho da Cunha, Antero de Figueiredo; e colaboração artística de Casanova, João Vaz, Cristino, Condeixa, Sequeira, Lupi, Rafael e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Gonçalves Coelho, Sousa Nogueira, Celso Hermínio, J. Bielman, Alfredo Keil, Joaquim Basto, Sousa Pinto, Salgado, EL-REI D. CARLOS, Alfredo de Moraes, Júlio Costa, José de Brito, Alfredo Guedes, Asano Koshiuu, Simões de Almeida, Roque Gameiro, Veloso Salgado, Moreira de Sá (música), Teixeira Lopes, Júlio Ramos, Alfredo Andrade, Carlos Reis, Francisco J. Ferreira Lima, António Carneiro Júnior, Óscar da Silva (música), RAINHA SENHORA D. AMÉLIA, G. Van Kricken, Manuel de Macedo, Pinho e Costa, Manuel Monterroso, Joshú, Alberto Sousa, Luiz Costa (música), Raul Lino, Acácio Lima, Shóshú, Jorge Colaço, D. Maria da Conceição Lemos Magalhães, Francisco Valença, L. Battistini, A. Marçal Brandão, Albert Mille, Júlio Neuparth (música), Cristiano de Carvalho, Eduardo Moura, António Mendía e António Ramalho.

Temos que acrescentar a êste registo, os anos de 1915 e 1916:

NATAL DE 1915 — Capa de José Malhõa. João Augusto Ribeiro — *Jovialidade infantil*, Frontispício; Hipácio de Brion — *Um salvamento* (conto), ilustrações de João Vaz; Guerra Junqueiro — *O embarque* (poesia), ilustrações de António Carneiro; Teixeira Lopes — *Figuras para um túmulo* (escultura); Júlio Brandão — *Uma eleição* (conto), ilustrações de Roque Gameiro; Guedes de Oliveira — *O Corvo e a Raposa* (poesia), ilustrações de Jorge Colaço; Marçal Brandão — *Colheita do milho* (fotografia); Augusto Machado — *Marcha infantil* (música), ilustrações de Eduardo Moura; Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro — *Caprichos da moda* (caricatura). Quadro separado: Cândido da Cunha — *Luz crepuscular*.

NATAL DE 1916 — Capa de João Augusto Ribeiro — Dr. João Monteiro — *O burgo em festa*; Júlio Dantas — *Os tutores da menina* (excerto duma peça inédita), ilustrações de Roque Gameiro; Guerra Junqueiro — *Sinfonia do ocaso* (poesia), ilustração de António Carneiro; Teixeira Lopes — *Bem-*

vindo!... (escultura); Lourenço Caiola — *História de Amor* (conto), ilustrações de Cândido da Cunha; Alfredo da Cunha — *Lisboa* (poesia), ilustrações de Raul Lino; Francisco de Lima — *Margens do Douro* (fotografia); Manuel Monterroso — *No Jardim da Europa* (caricatura); Moreira de Sá — «*O velho Menestrel*» (música), ilustração de A. Nogueira. Quadro separado — *Graciosa*.

Todos estes números foram compostos e impressos nas oficinas do *Comércio do Pôrto*.

Em 1922, o *Diário de Notícias* recomeçou, em *Nova Série*, sob a direcção de Manuel de Sousa Pinto, a tradição dos números ilustrados, já compostos e impressos nas oficinas da Empresa do jornal.

N.º 1 — NÚMERO DA PRIMAVERA DE 1922 — *Arauto*. Figurino de Raul Lino (Na capa) — *Nun'Alvares*. Desenho de Teixeira Lopes — João de Barros. *Primavera*. — Guerra Junqueiro. *Notas à margem de uma filosofia*. Desenho de Carlos Carneiro — Eugénio de Castro. *Eterna esperança*. — António Correia de Oliveira. *De entre os mortos*. — Júlio Brandão. *Pulchra ut lilium*. *Açucena*. Sanguínea de António Carneiro. — Augusto Gil. *Vaga melodia*. — Afonso Lopes Vieira. *As Estrêlas*. — Melo Viana. *S. João Baptista*. — Antero de Figueiredo. *Horas compostelanas*. — *Cabeça*. Desenho de Columbano. — Conde de Sabugosa. *Jograis e Segréis*. — Raul Brandão. *O Mistério da Arvore*. Desenhos de António Carneiro. — Branca de Gonta Colaço. *Páscoa*. — Virgínia Vitorino. *Ausência*. — Teixeira de Pascoais. *O Idílio das Cousas*. — *À beira-mar*. Desenho de José Malhóa. — Reinaldo dos Santos. *Nicolau Chanterene em Evora*. — António Nobre. Retrato inédito de Martin. — Mário Beirão. *Cidade Morta*. — Jaime Cortesão. *A queda no abismo azul*. — Alberto Osório de Castro. *No Bóro-Búdur*. — Ramiro Mourão. *O Mosteiro da Serra do Pilar*. — José de Figueiredo. *O retrato de D. Sebastião*. Quadro de Cristóvão de Morais. — João Barreira. *As velhas tabuletas*. Desenhos de Alberto Sousa. — Manuel de Sousa Pinto. *Desequilíbrio*. Desenho de J. Barradas. — *Presença de espirito e ausência de corpo*. Desenho de F. Valença. — Fotografias de Ferrujento Gonçalves.

N.º 2 — NÚMERO DO NATAL DE 1922. *Flores*. Quadro de Milly Passos. (Na capa). — *Menino*. Desenho de António Carneiro. — *Adoração dos Reis Magos*. Quadro de Gentile de Fabriano. Moldura de Armando Gonçalves. — Nunes Claro. *Jacob*. — António Correia de Oliveira. *Rondó do Berço*. — *Estudo*. Desenho de Miguel Ângelo Lupi.

— Henrique Lopes de Mendonça. *São Frei Pero Gonçalves*. 2 ilustrações. — *Velho pescador*. Desenho de J. J. de Sousa Pinto. — Eduardo Pimenta. *O Ateu*. Ilustrações de Carlos Carneiro. — *A dança*. Desenho de Vieira Portuense. Gravura de G. Queiroz. — Júlio Brandão. *Miniaturistas portugueses*. Miniaturas de Primavera, Tadeu e Francisca de Almeida Furtado, Santa Bárbara, João Baptista Bibeiro, P. H. Guglielmi e uma de autor desconhecido. — *Retrato de rapaz*. Quadro de Domingos António de Sequeira. — Manuel de Sousa Pinto. *A mulher do homem mau*. Ilustração de Stuart Carvalhais. — Américo Durão. *Cântico dos Cânticos*. — Matos Sequeira. *Elogio da tarde*. — Nas corridas da «Marinha». Desenho de Jorge Barradas. — *A colonização de D. Afonso Henriques*. 4 ilust. — *O mar em Cascais*. Fot. de Domingos Bertrand.

N.º 3 — NÚMERO DA PRIMAVERA (s/d. 1923) — *A luva verde*. Pastel de António Soares. (Na capa). — *Maternidade*. Desenho de Saavedra Machado. — *Póvoa de Varzim*. Estudo de João Vaz. — *Senhora*. Desenho de Bartholozzi. — Maria Sofia de Santo Tirso. *O coelhinho branco*. Ilustrações de Mamia Roque Gameiro. — *Ribeiro do Cerradinho*. Desenho de Alfredo Keil. — Maria de Carvalho. *Rosas*. — Nunes Claro. *Tarde de Janeiro*. — Augusto Casimiro. *Regresso -- Anunciação*. — *Leda*. Quadro de Viera Portuense. — Henrique Lopes de Mendonça. *A boneca alemã*. Ilustrações de Bernardo Marques. — *Hora côr de rosa*. Desenho de Carlos Carneiro. — Aquilino Ribeiro. *Vida da agreste beira-mar*. Des. de Alonso. Fots. de José das Neves Leal. — *Tuba da fama*. *Afonso Lopes Viera*. Desenho de Francisco Valença. — Melo Viana. *A casa da tristeza*. Desenho de António Carneiro. — Severo Portela. *O primeiro milagre de Fr. Bartolomeu dos Mártires*. Ilustrações de Alfredo Morais. — *Margens do Tâmega*. Fotografia de A. Franco.

N.º 4 — VERÃO DE 1923. *Flores*. Aguarela de Helena Roque Gameiro. (Na capa). — *Enlévo*. Desenho de Martinho da Fonseca. — *Na Trafaria*. Fot. de A. Franco. — Raul Brandão. *Sagres*. Com fotografias. — Virgínia Vitorino. *Serenidade*. Com um retrato. — Augusto Gil. *És feliz*. Ilustrações de J. Martins Barata. — *O Ninho*. Quadro de José Malhóia. — Maria Madalena. *Erva cidreira*. Ilustrações de Alice Rey Colaço. — *Novos hábitos*. Desenho de Emérico Nunes. — Branca de Gonta Colaço. *Nós outras, as poetisas*. Com fotografias. — *Ante-projecto de hotel*. Aguarela de Raul Lino. — Manuel de Sousa Pinto. *O martírio das águas*. Ilustrações de Carlos Carneiro. — Celestino David. *No Templo de Diana*. Fot. de Carlos Serra. — *Serra da Estrêla*. Fotografias de Pedro Ramos de Paiva. — *Contra-luz no Tejo*. Fot. de J. Fernandes Tomaz.

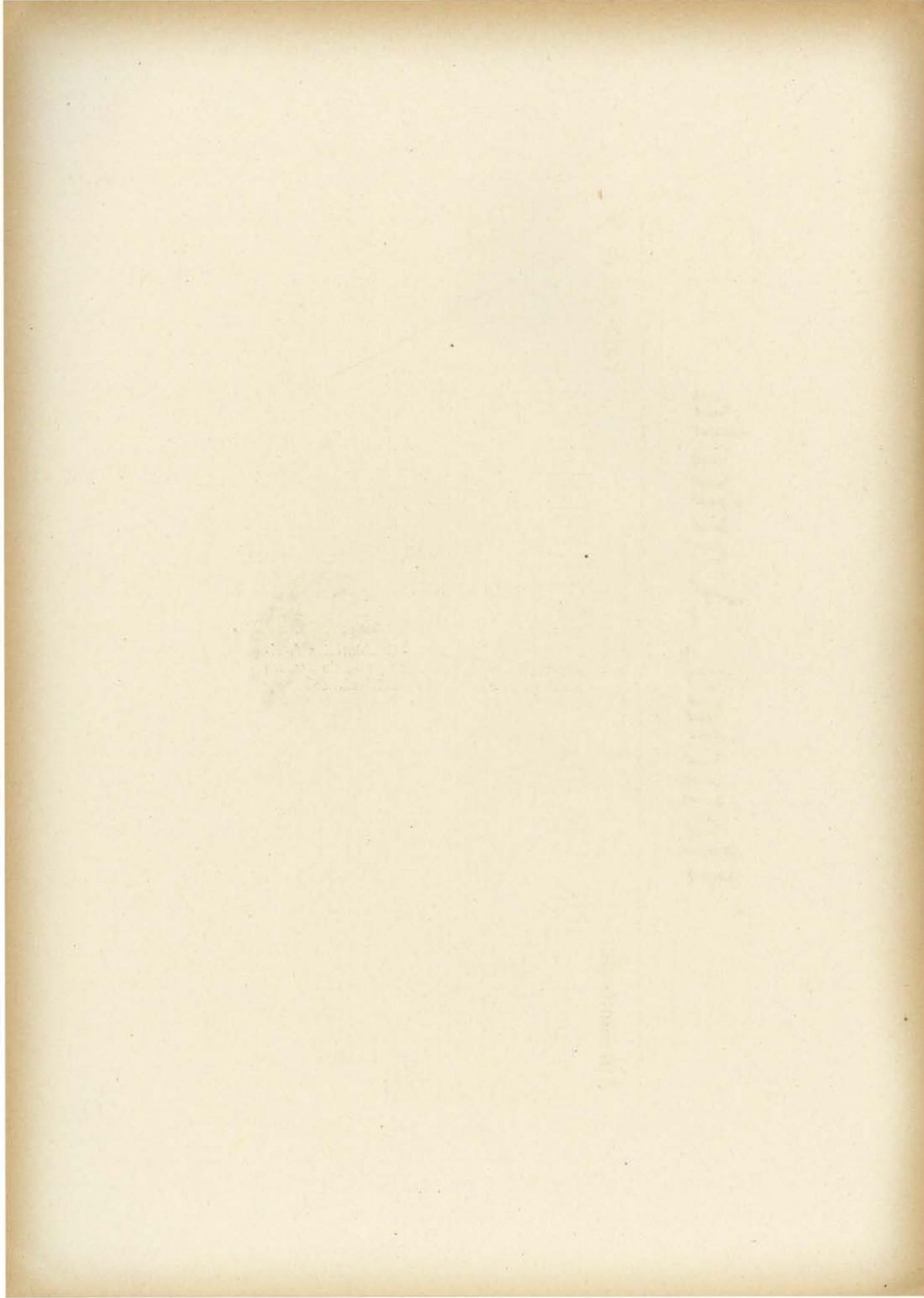
N.º 5 — NATAL DE 1923. *Anunciação*. Desenho de António Carneiro. (Na capa). — *Aldeã de Francelos*. Desenho de J. J. de Sousa

Pinto. — *Contemplando*. Fotografia de D. Alvão. — *A Virgem com o Menino*. Quadro de Botticelli. — *Nascimento de Cristo*. Quadro de Dürer. — António Correia de Oliveira. *Noite de Natal*. Música de Hermínio do Nascimento. — Joaquim Leitão. *Esfinge da Laguna*. Ilustrações de Carlos Carneiro. — *Crianças*. Sanguínea de Domingos António Sequeira. — Jorge de Mira. *Rosa, Lina, Lovínia, Madalena e o meu amor*. — Retrato. Desenho de António Soares. — Manuel de Sousa Pinto. *A Casa do Cipreste*. Ilustrações de Raul Lino. — *Estudo*. Desenho de Carlos Bonvalot. — *Janela manuelina*. Desenho de Alberto Sousa. — Maria de Resende. *Natureza morta*. — Celestino David. *Ao embalar dos meus filhos*. — *Estudo para o «Vira»*. Aguarela de Roque Gameiro. — Zulmira Falcarreira. *A outra casa. Um soldado* — Laura Chaves. *Pedras*. — *Enfermeira canadiana*. — Desenho de T. Leal de Faria. — Visconde de Vila-Moura. *Flores de vidro*. — *Guerra Junqueiro*. Retrato de Luiz de Ortigão Burnay. — Lourenço Caiola. *A mulher dos olhos negros*. Ilustrações de J. Martins Barata. — *Rua do Buçaco*. Fotografia de Domingos Bertrand.

Com êste número terminou a 2.<sup>a</sup> série.

## CAPITULO QUINTO

Cultura económica e cultura científica — O «Notícias Agrícola» — As suas publicações — A sua acção junto da lavoura nacional — A revista «Electricidade e Mecânica»



# “Noticias,, Agrícola

## Apresentação

Ao lançarmos a publico o *Noticias Agricola*, na sua nova fase, anfmá-nos não só o desejo de bem servir a nossa terra e a convicção de que ha pelo agro português muitas competencias, feitas através de vidas laboriosas, de largas experiencias, da pratica diaria e do diario contacto com a vida rural ou no estudo intenso dos laboratorios e dos gabinetes, cujos conselhos precisamos de ouvir e de difundir, em proveito da nossa mais importante industria — a agricultura — como tambem, e sobretudo, a vontade de fundar em Portugal um jornal que seja lido por todos os que labutam na vida do campo para os animar a produzir, convencê-los da necessidade de defender os seus interesses e colaborar conosco nesses prode defesa.

entendês, diremos que o *Noticia* virá preencher na imprensa injustificavel num Pais as characteristics economi-

mos moure-

## OS VINHOS DA EXTREMADURA

Ouvindo um viticultor do Sul.

O PROBLEMA VINICOLA

A questão do vinho da Extremadura não é nova mas sim uma questão de novo agitada, num momento identico a tantos outros já passados, em que não ha, nem no Norte, nem no Sul, mercados suficientes para o vinho que produzimos.

Tão usado está o termo, que recçiamos chamar-lhe questão nacional, sendo, como é, uma questão vital para toda a nossa economia. Como tal a vai tratar o «Noticias Agricola», pondo nisso a maior imparcialidade, sem se apaixonar por nenhum dos polos do País, pois interessa-lhe todo etc.

Neste proposito procuraremos ouvir as opiniões e os argumentos em opposição, fazendo votos porque, no fim, se chegue a uma conclusão a todos favoravel.

Iniciamos o nosso inquerito com o sr. Mario Galvão, viticultor de Vedras, pessoa assas conhecida do Conselho

A concorrência feita ao vinho do Porto nos mercados estrangeiros

— E tem o comercio de vinhos do Porto conseguido até aqui vencer a concorrência dos vinhos que nos mercados estrangeiros lhe disputam a freguesia?

— E' essa parte do consumo que os



MARIO GALVÃO

Contudo, essa confusão não era motivo de receios sem protestos enquanto o vinho da Extremadura era exportado sem garantia de origem, quasi anonimo. Porque é que o vinho da Extremadura se pode confundir melhor agora do que antes? Será agora mais facil a confusão do que enquanto ele não teve um titulo ou marca que o distinguisse? Sem marca official ele era tambem, e mais livremente, expostado de Portugal...

— Mas acerte-mos a hipotese: em certos casos o vinho do Porto barato e de qualidade inferior será, por vontade do comprador, substituido pelo vinho da Extremadura, e diremos por vontade do comprador, pois nós podemos aceitar a hipotese de tal coisa se fazer inconscientemente...

— De que mais dispõe o Douro para obrigar o consumidor a não fazer essa substituição, isto é, de que mais dispõe o Douro para obrigar o consumidor a não beber Porto? Evidentemente que não tem tais meios, pois o unico eficaz seria acabar com a produção no mundo de todos os vinhos concorrentes de forma a que o consumidor só tivesse para comprar vinho do Porto! Se o Porto...

## Palavras de fé

Empreendemos a publicação de um jornal de agricultura, artes e ciencias correlativas convencidos de que fazemos um bom serviço ao País. Embora a soma dos nossos recursos seja para menos do que o intento demanda, nem por isso detexaremos de pôr ombros á empresa. Anima-nos, neste empenho, a esperança de que se aproxima uma nova era para a nossa agricultura; presagiam-na circumstancias que não podem vir do acaso...

Assim abriu, ha 75 anos (5 de Maio de 1858) o artigo de «Introdução» do «Arquivo Rural», o primeiro dos jornais agricolas portugueses. Escreveu estas palavras de fé Rodrigo de Moraes Soares, um dos patriarchas da agronomia lusitana, cujo nome a geração actual perpetuou, numa das melhores avenidas da capital.

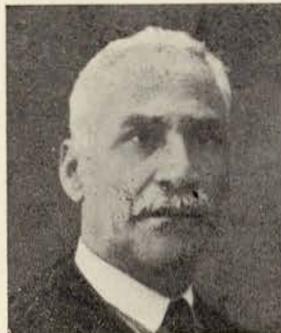
Durante muitos anos o «Arquivo» foi um jornal ben' português: instruiu e a elevava os poderes lho e a ex-nele expideias.



Não descurou o *Diário de Notícias* nem a cultura económica, nem a cultura científica. Desde o seu 1.º número, através de artigos, reportagens, campanhas, congressos, essa preocupação lhe foi constante e prestou ao País incontestáveis serviços. E nenhuma das nossas províncias foi esquecida, e nenhum dos grandes problemas ficou sem o seu carinhoso esforço, o seu auxílio, o seu concurso. E para que melhor se estabelecesse esse



Dr. Joaquim Pratas



Dr. Urbano de Castro

contacto, e todos os problemas se focassem com cuidadosa largueza, o *Diário de Notícias* iniciou a publicação das suas páginas de especialidade, duas das quais, uma sob o aspecto económico, foi a «Semana Agrícola», outra, sobre o aspecto técnico, devia dar mais tarde a revista de «Electricidade e Mecânica». Vejamos a primeira.



O «Notícias Agrícola» nasceu nas páginas do *Diário de Notícias* em Outubro de 1924, e dêle se destacou, como semanário, em Março de 1933.

Nessa altura muitos agricultores, sobretudo vinhateiros e cultivadores de trigo, haviam reconhecido a necessidade de se fundar, em Lisboa, um jornal caracteristicamente agrícola, e um grupo procurou os actuais directores do «Notícias Agrícola» convidando-os a dirigir êsse projectado jornal que êles desejavam lançar a público. Estes julgaram, porém, de seu dever levar ao conhecimento da Empresa Nacional de Publicidade a diligência e alvitram que o «Notícias Agrícola», já muito conhecido no País, adquirisse vida autónoma, com o que a Administração da E. N. P. concordou, não deixando, contudo, o *Diário de Notícias* de publicar semanalmente uma página sôbre assuntos agrícolas que passou a denominar-se «Semana Agrícola».

Teve o «Notícias Agrícola», sob a direcção dos Drs. Artur Urbano de Castro (1) e Joaquim Pratas (2), um notável êxito

---

(1) Artur Urbano de Castro, engenheiro-agrônomo diplomado pelo Instituto de Agronomia e Veterinária, em 1900. Foi analista do Laboratório de Nosologia Vegetal da Direcção Geral da Agricultura, chefe de secção e secretário do Mercado Central dos Produtos Agrícolas, chefe da Repartição de Estatística Agrícola e subdirector geral da Direcção Geral de Estatística, director geral das extintas direcções gerais da Economia e Estatística Agrícola e do Comércio Agrícola, secretário geral e inspector superior do Ministério da Agricultura, sendo êste último, o cargo que exerce actualmente (1939) na Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Presidiu ao Conselho Superior de Agricultura e foi vogal dos Conselhos Superiores do Comércio e Indústria, das Obras Públicas e dos Caminhos de Ferro, e membro de numerosas comissões de estudo e serviços officiais. Redigiu o antigo Boletim do Mercado Central de Produtos Agrícolas do *Diário de Notícias*, denominado primeiro «Notícias Agrícola», e depois «Semana Agrícola»; dirigiu com o médico-veterinário dr. Joaquim Pratas a «Colecção Rústica», editada pela Empresa Nacional de Publicidade; é autor e colaborador de vários folhetos desta Colecção, e tem colaborado em vários jornais e revistas agrícolas e agronómicas. Foi um dos fundadores da Sociedade de Ciências Agronómicas.

(2) Joaquim Pratas, agricultor diplomado pela Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, em 1904, e médico-veterinário pela Escola Superior de Medicina Veterinária, em 1909. Foi professor da Escola de Agricultura Prática de Queluz, director da Escola Profissional de Agricultura da Paiã, professor assistente da Escola Superior de Medicina Veterinária e médico-veterinário do quadro respectivo do Ministério da Agricultura.

Foi duas vezes eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa, tendo-se ocupado do pelouro dos Matadouros e Mercados. Desempenhou numerosas missões de serviço

no seu início, chegando a atingir uma tiagem superior a 15.000 exemplares.

No número dos seus colaboradores mais notáveis citaremos:

*Engenheiros agrónomos:* Prof. César Justino Lima Alves, prof. José Miranda do Vale, prof. Idalino Gondim, Mário dos Santos Pato, Gabriel Osório de Barros, Martinho Pereira Coutinho, António Peres Durão, J. Santos Garcia, Loureiro Ferreira.

*Médicos veterinários:* Prof. João Viegas Paula Nogueira, prof. José Miranda do Vale, prof. Idalino Gondim, Mário Coelho de Moraes, António Jesus Pereira, D. Juan Rof Codina, inspector de pecuária em Madrid.

Além destes, outros colaboradores houve ainda: capitão João Freire de Meneses, tenente Luiz Fontes Veiga, Leopoldo Cardeira, M. Leão Maia e A. Valadas, na página «Notícias Columbófilo»; D. Matilde Taveira Santos, na página «A Mulher no Campo» e o dr. Inácio Fiadeiro, no «Consultório».

¿Qual a projecção do «Notícias Agrícola» na vida económica do País? A resposta a esta pergunta seria difícil se a pretendêssemos esmiuçar. Não se nos antolha realmente fácil medir até que ponto um jornal contribue para aumentar a riqueza agrícola que por si é já o somatório de muitas actividades dispersas.

O que podemos assegurar é que o «Notícias Agrícola» sempre procurou e procura defender as justas causas e legítimas aspirações da Lavoura, quer abordando nos seus *fundos* os problemas que mais a preocupam, quer entrevistando os melhores valores, oficiais e privados, sobre a vida rural portuguesa. Nas suas diversas páginas se têm divulgado as modernas doutrinas e práticas que visam o melhoramento agro-pecuário, se dão a conhecer as medidas do Estado e dos organismos corporativos tendentes a desenvolver e regular a produção e o comércio

---

público e representou o País em vários congressos científicos no estrangeiro. Foi secretário geral do 1.º Congresso Nacional de Pecuária. Dirigiu com o engenheiro-agrônomo Artur Urbano de Castro a citada «Colecção Rústica», autor de vários folhetos desta Colecção e tem colaborado em numerosos jornais e revistas agrícolas e veterinárias do País e do estrangeiro.

agrícolas, se informa sobre o estado das culturas, a situação dos mercados internos e externos e os preços dos géneros, se transcreve e anota o que se escreve entre nós e no estrangeiro sobre matéria agronómica e veterinária, e, finalmente, se consulta sobre os mais variados assuntos, mesmo estranhos à sua feição agrícola. O número de consultas publicadas até hoje (1939) eleva-se a muito mais de 5.000, além de alguns centos que tiveram resposta directa.

Sob o ponto de vista das suas iniciativas e exitos, podemos registar que, logo após a sua fundação, o «Notícias Agrícola» tomou a iniciativa de organizar um *Curso Prático de Agricultura*, regido pelo engenheiro agrónomo, sr. Quartim Graça, então director do Pôsto do Fomento Agrícola, que se realizou na Associação Central de Agricultura Portuguesa, com grande êxito.

Publicou depois as lições do Curso intensivo de vinificação, realizado em 1936, na Estação Viti-vinícola da Beira Litoral, que um dos seus directores para êsse fim frequentou, tendo-se esgotado os números respectivos.

Tomou parte nas exposições e congressos nacionais e internacionais de interêsse agrícola realizados, durante o período da sua existência, no País, editando números especiais que as estações oficiais muito apreciaram, tendo-lhe sido concedido pelo Ministério da Agricultura, por ocasião do V Congresso Internacional do Vinho, um subsídio importante.

Tem importado e distribuído gratuitamente pelos seus assinantes sementes de espécies florestais, arbustivas e herbáceas, algumas desconhecidas entre nós.

No seu primeiro aniversário promoveu um sorteio pelos assinantes, de prémios (aves, material e produtos) oferecidos pelos anunciantes, os quais foram previamente apresentados numa exposição muito concorrida. Vem organizando anualmente, com crescente êxito e visível interêsse, cada vez maior, dos expositores e do público, uma exposição-concurso de aves canoras e ornamentais.

Por tudo isto se pode afirmar que o «Notícias Agrícola», preenchendo uma lacuna existente na vida económica portuguesa, tem desempenhado e continúa desempenhando um notável

papel no jornalismo da sua especialidade, muito contribuindo para um melhor e maior desenvolvimento agrícola do País, na defesa consciente e inteligente, ordenada e metódica, da sua vida económica, e dos respeitáveis e defensáveis interesses dos nossos agricultores, viti-vinicultores, floricultores e silvicultores, de tudo enfim quanto se relaciona com o aproveitamento do solo, que é, num país como o nosso, a sua melhor fonte de riqueza.



Quanto à cultura técnica do povo português, através do *Diário de Notícias*, percorrendo a sua colecção toma-se contacto com inúmeros artigos de carácter científico a cargo, como o leitor viu, das melhores autoridades dêsse tempo, nas matérias versadas. Até que, em 1929, surge na posse da Empresa, a revista já existente «Electricidade e Mecânica».

Façamos a seu respeito, uma breve resenha.

Em 15 de Janeiro de 1922, começou a publicar-se a revista «Electricidade e Mecânica», revista científica, de engenharia prática, ensino técnico e expansão industrial e comercial, de publicação quinzenal, sob a direcção do engenheiro-mecânico e electricista, sr. Luiz de S. Oliva Júnior (3). Fôra fundada em

---

(3) Luiz de Sequeira Oliva Júnior nasceu em Lisboa em 1877. Fêz o curso completo dos Liceus em Lisboa e tirou os cursos de engenheiro mecânico e electricista, respectivamente na University College e no Electrical Engineering Institute, de Londres.

Entrou em seguida, por concurso, em que obteve a primeira classificação, para a British Westinghouse Electric and Manufacturing & Co de Manchester, tendo transitado depois para a Société Anonyme Westinghouse, de Le Havre (França), onde durante quatro anos exerceu o cargo de engenheiro electricista, havendo obtido várias promoções pelo que adquiriu valiosos conhecimentos práticos, para o exercício da sua profissão, que não se ministram nas escolas. Enquanto nessa situação, escreveu vários artigos e monografias técnicas, que foram publicados nas principais revistas francesas de engenharia.

Regressando depois a Portugal, entrou como engenheiro electricista para a antiga e já extinta Empresa Industrial Portuguesa, e fundou em 1909 a Revista Electricidade e Mecânica, tendo consagrado toda a sua actividade quasi exclusivamente ao seu desenvolvimento. Terminada a 1.ª série desta Revista, com 11 volumes publicados, fêz várias viagens de estudo ao estrangeiro, bastante demoradas, aumentando consideravelmente a sua bagagem de conhecimentos sobre os processos industriais modernos de fabricação e da engenharia aplicada, bem como dos últimos métodos de organização de grandes fábricas.

De regresso dessas viagens, inventou «O Quadro Eléctrico» de que tirou patente

1909, e esta publicação representava, portanto, uma 2.<sup>a</sup> série. A sua redacção e direcção técnica era em Paris, no Boulevard des Capucines, 41, e a sua administração no Largo do Corpo Santo, 13, 2.<sup>o</sup>, Lisboa. Dezasseis páginas, profusamente ilustradas. No seu primeiro número não há artigo de apresentação. No número 15, correspondente a 15 de Agosto de 1922, a redacção deixa de ser em Paris e passa para a Rua Vitor Cordon, 30, s/loja, Lisboa, juntando-se-lhe na mesma sede a administração. No n.<sup>o</sup> 1 do Vol. II, número 25, de 15 de Fevereiro de 1929, após sete anos de suspensão, ressurgiu a revista, com o mesmo aspecto, a mesma direcção, mas já propriedade da Empresa Nacional de Publicidade, editor Francisco Cirilo de Melo, redacção e administração, Largo Trindade Coelho, 9, 10 e 11. Nesta revista se compendiam, nos seus sete volumes, entre variados assuntos da especialidade, as seguintes matérias: Curso Prático do Automobilismo, Curso de Televisão para o Amador, Curso de Montador Electricista, Electricista e Condutor de Trabalhos, Elucidário Tecnológico e Terminológico do Estudante, A T. S. F. para o Amador, Lições Práticas de Electricidade, Construção de Aparelhos pelo Amador, Artigos científicos,

---

e que foi utilizado durante alguns anos pelo *Diário de Notícias* para a reportagem rápida dos desafios de futebol, com o sucesso que o mesmo jornal ao tempo registou. Foi em seguida convidado para engenheiro da Empresa Nacional de Publicidade e para director da 2.<sup>a</sup> série da Revista *Electricidade e Mecânica*, propriedade e edição da mesma Empresa, de que se publicaram 7 volumes.

A Revista *Electricidade e Mecânica* publicou vários cursos práticos de instrução só por leitura, escritos em linguagem chã e clara, com grande número de exemplos, para serem compreendidos facilmente pelos electricistas e mecânicos práticos que não tivessem recebido instrução técnica em qualquer escola, elevando assim consideravelmente o seu nível de proficiência técnica.

Os cursos de matemática elementar, T. S. F., Automobilismo, Televisão e Electricidade obtiveram um grande êxito entre as pessoas estudiosas de todas as categorias sociais que desejavam melhorar, sem grande esforço intelectual, os seus conhecimentos científicos e técnicos.

Esta Revista contribuiu poderosamente para o desenvolvimento das aplicações da electricidade no nosso País, pois foi um invulgar órgão de vulgarização dessa ciência.

Além da Revista, publicou vários livros de instrução técnica e profissional, tais como o *Manual do Chauffeur*, o *Chauffeur Hâbil*, *A Anatomia do Automóvel*, *A Chave da Electricidade*, *O Montador Electricista*, *Motores e Geradores Eléctricos*, *A Electricidade em Acção*, *A T. S. F. para o Amador e Construção de Aparelhos Eléctricos pelo Amador*, editados pela Parceria António Maria Pereira.

Foi durante alguns anos (1917 a 1921) vogal da Comissão Técnica de Inspecção, Provas e Exames de Automóveis e Condutores, da Circunscrição Sul.

# Electricidade e Mecânica

REVISTA CIENTÍFICA, DE ENGENHARIA PRÁTICA, ENSINO TÉCNICO E EXPANSÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

<p><b>DIRECTOR</b>  <b>LUIS DE S. OLIVA JUNIOR</b>                  Engenheiro mecânico e electricista</p> <p><b>PROPRIETÁRIO E EDITOR</b>  <b>LUIS DE S. OLIVA JUNIOR</b></p>	<p><b>PREÇO DA ASSINATURA:</b></p> <p>PORTUGAL E ILHAS 1 Ano, 20\$00 Semestre, 10\$00                  Trimestre ..... 5\$00</p> <p>Colónias, 20\$00—Brasil (moeda brasileira), 27\$500                  Outros Países..... Francos 35</p> <p><i>Para as Colónias e Educação de se enviar em notas aéreas</i></p>	<p><b>REDAÇÃO e Direcção Técnica</b>                  41, Boulevard des Capucines, PARIS (2<sup>a</sup>)</p> <p><b>Administração</b>                  Largo do Corpo Santo, 13-2<sup>a</sup>—LISBOA</p> <p><i>Para onde se deve dirigir toda a correspondência</i></p> <p><i>Composto e Impresso na IMPRENSA LITOGRAFIA DA SILVA</i>                  Travessa do Fátima, 21—LISBOA—Telefone Norte 310</p>
--	---	--

**SUMÁRIO.**—1 Os Raios X Modernos serão um Perigo Público?, pag. 1.—O Animatógrafo Falante, pag. 2.—Automobilismo, pag. 3.—Construção de Aparelhos, pag. 5.—A Alimentação Científica, pag. 5.—Lições Práticas de Electricidade, pag. 6.—Curso de Telegrafia sem Fios, pag. 9.—Lições de Matemática, pag. 14.—Conselhos, Receitas, Notas, Fórmulas, etc., pag. 16

## OS RAIOS X MODERNOS SERÃO UM PERIGO PÚBLICO?

POR  
**G. CONTREMOULINS**  
CHEFE DO LABORATÓRIO RADIOGRÁFICO DO HOSPITAL DE PARIS

Em Abril de 1896, cinco meses depois da descoberta dos raios X, ou raios Roentgen, designação pela qual também são conhecidos, em honra do seu descobridor, era necessário fazer uma exposição de oito horas, para se obter uma radiografia correcta duma cabeça, do perfil, colocada a 25 cm. da placa sensível.

Em Abril de 1921 conseguiu-se obter uma imagem semelhante, com quatro horas de exposição, a uma distância de 78 metros do aparelho. Quer isto dizer, que a radiação com os aparelhos modernos de raios X é mais de vinte mil vezes mais forte do que a que se podia obter em 1896.

Com as muito fracas radiações que tenho empregado para as minhas experiências, o que

correspondem ao trabalho radiográfico e radioscópico ordinário, tem-me sido fácil obter imagens de objectos metálicos e de ossos humanos colocados sobre uma placa sensível, a uma distância de 4,5 metros da fonte de radiação, apesar dos raios terem de passar directamente através duma chapa de mármore de 2,5 cm. de espessura, duma folha de chumbo de 2,5 mm. de espessura, e dum sobrado de 20 cm., construído de tábuas de carvalho e de estuque.

**Os raios penetram um muro de 50 cm. de espessura**

A 4,5 metros de distância da mesma fonte de radiação consegui, em 4 horas, obter uma sombra numa placa fotográfica



Fig. 1.—As radições de raios X, depois de percorrerem uma distância de 78 metros através de vários edifícios, ainda foram bastante potentes para produzir a radiografia representada acima. A linha pontuada na gravura, balizador usado e percurso dos raios.



Conselhos, Receitas, Notas, Fórmulas, etc. Há nas suas páginas curiosos artigos sôbre submarinos, aviação, alimentação científica, matemática, Raios X, Hidro-glisseurs, Tratamento de árvores, Tratamento dos minerais pela via electro-magnética, Telefonia Prática, Relógios eléctricos, Barcos de alumínio, a iluminação por torrentes de luz, funcionamento de teares, emprêgo de tintas, frigoríficos para uso caseiro, etc., etc.



Dr. Magnus Bergström



Engenheiro Luiz de Sequeira  
Oliva Júnior



Bonifácio Guimarães

A sua publicação terminou em 31 de Agosto de 1934, com o n.º 156 — n.º 12 do Volume VII.

Convém salientar-se que, pelo facto de ter terminado a sua publicação a revista «Electricidade e Mecânica», não significa que o *Diário de Notícias* pusesse de parte esta necessária cultura científica. Deu-lhe outro rumo. Voltou aos artigos e às crónicas e segue e mantém nestes a mesma orientação.

## CAPÍTULO SEXTO

A secção de edições — Obras editadas — Êxitos obtidos —  
Algumas edições notáveis — Bibliografia geral



**A**NTERIORMENTE a 1928, o *Diário de Notícias* havia editado, sem plano definido, bastantes obras, como «As Églogas», de Francisco Rodrigues Lobo. «O Lima», de Diogo Bernardes, o «Código Comercial Português» (edição popular), muitos volumes da «Biblioteca dos Pequenininos», alguns fascículos da «Colecção Patrícia», romances populares (folhetins do *Diário de Notícias*), «Cinco mil francos por mês», de Reinaldo Ferreira, «Minha Mulher», de Fernández Florez, «Noite de Núpcias», de Lourenço Caiola, etc.

O êxito obtido com a venda dos romances populares, cujas tiragens eram assás elevadas, — nêsse êxito convém não esquecer a «Tôrre de Nesle», de Miguel Zevaco — o agrado com que também o público recebeu os primeiros fascículos da «Colecção Patrícia», dirigida por Albino Forjaz de Sampaio e louvada pelo Ministério da Instrução Pública, e, finalmente, a função altamente educadora da «Biblioteca dos Pequenininos», obrigaram a Empresa Nacional de Publicidade a criar, em 1928, a Secção de Edições, a qual teve, desde o seu início, o dr. Magnus Bergström por chefe (1).

---

(1) O dr. Magnus Bergström nasceu em Cidade da Praia, Ilha de S. Tiago de Cabo Verde, a 18 de Outubro de 1890, filho de Teodoro Segismundo da Silva e Sousa Bergström e de D. Cândida Paula Rosa. Cursou com as mais elevadas classificações os liceus de Faro, Lisboa (Lapa) e Coimbra, tendo concluído o 7.º ano (letras) com a média de 18 valores, o que lhe permitiu obter, logo no 1.º ano de Direito, a Bólsa de Estudo, auxílio êste que então só era concedido aos alunos mais distintos. Formou-se

A Secção de Edições, com o andar do tempo, foi crescendo e desenvolvendo-se, e pode dizer-se que a sua função cultural foi, durante onze anos, bastante apreciável, e que, em 1937 e 1938, entrou numa fase nova, com iniciativas editoriais muito interessantes.

Em Abril de 1935, o dr. Magnus Bergström é encarregado pelo livreiro João de Eça de, juntamente com o sr. António da Costa Leão e dr. António Maria Godinho, elaborar o programa duma vasta publicação, a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», de que a Empresa Nacional de Publicidade seria a distribuidora geral, o que levou a Secção de Edições não só a fazer a propaganda intensiva da obra como a montar os respectivos serviços. Depois, em Abril de 1937, apareceram os «Pequenos Mundos e Velhas Civilizações», da autoria de Ferreira de Castro, obra monumental em 10 tomos, (que obteve a tiragem excepcionalíssima de 6.000 exemplares e constitue a mais bela

---

em Direito na Universidade de Coimbra, em 1917, e, durante o tempo de estudante, leccionou sempre alunos do liceu e preparou muitos condiscipulos para os exames dos quatro grupos. Ainda estudante também escreveu, de colaboração com o dr. Vitorino da Silva, «Direito Civil» (3.º ano) e «Resolução de alguns problemas de Economia Política e de Estatística». O saúdoso e eminente professor da Universidade de Coimbra dr. Júlio Henriques, sábio conhecido em toda a Europa, pediu ao dr. Magnus que colaborasse com êle num trabalho sobre o *Abade Correia da Serra*, colaboração essa constituída pela correspondência do famoso Abade, que foi aproveitada na íntegra.

É professor agregado do 8.º grupo do Ensino Técnico Profissional, lugar que alcançou em concurso de provas públicas, em que foi o primeiro classificado.

Durante muitos anos chefiou a Secção de Edições da Empresa Nacional de Publicidade, secção a que sempre prestou a sua melhor actividade intelectual e o maior carinho.

Conferencista estudioso e erudito, tem realizado muitas conferências sobre problemas pedagógicos e arte. Dentre as suas melhores conferências podem destacar-se «O Amor e a Saúde em Portugal», que pronunciou no Teatro Nacional de Almeida Garrett, na primeira representação (1930), em português, da ópera «Crisfal», do maestro Rui Coelho, «Música Holandesa», «Música Grega» e «Música Espanhola».

Publicou com grande e justificado êxito: *O pseudo-crítico Dr. Alfredo Pimenta* (estudo crítico) e *Coitas de Amor*, já com 3 edições, e consagradas pela crítica.

Tem colaborado na imprensa, de preferência no *Diário de Lisboa* (artigos, em geral, de crítica literária e de impressões musicais). Foi, com António da Costa Leão e dr. António Maria Godinho, um dos organizadores e primitivos directores da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira».

O seu nome figura hoje na primeira fila dos nossos melhores valores intelectuais, pelo saber, pela erudição, e pelo cuidado da sua prosa sãdiamente portuguesa, de sabor castiço, sem se afastar dos progressos dialécticos do seu tempo.

Um nome e uma autoridade.



Aspecto do Catálogo de 1938



afirmação do progresso gráfico das Oficinas da Empresa Nacional de Publicidade).

O êxito editorial de «O Sexo 33», do dr. Augusto de Castro, da «História de Portugal», de Rocha Martins, de «D. Sebastião», do prof. dr. Queiroz Veloso, de «D. Maria I», do dr. Caetano Beirão, de «Pequenos Mundos e Velhas Civilizações», de Ferreira de Castro, de «A Selva» (ed. de luxo), de Ferreira de Castro, de «Profetas e Profecias», de João Paulo Freire (3 edições e cada uma de 5.000 exemplares), de «Coitas de Amor», do dr. Magnus Bergström (3 edições em pouco mais de um ano), deu grande desenvolvimento à Secção de Edições e tornou-a um organismo que rapidamente conquistou a simpatia dos mais ilustres escritores portugueses.

Outras obras editadas pela Empresa Nacional de Publicidade que obtiveram tiragens elevadas e conseguiram ter edições várias: em Fevereiro de 1933, apareceu «Salazar — O Homem e a sua obra», de António Ferro, cuja 1.<sup>a</sup> edição, de 25.000 exemplares, se esgotou em poucos dias; o «Prontuário de Ortografia», de António da Costa Leão, tinha, em 1931, 4 edições (cada edição com 5.000 exemplares), e, actualmente, conta 8 edições; o «Código Comercial Português» possui 7 edições e encontra-se actualizado, contendo os seguintes diplomas: lei das sociedades por quotas, Decreto de 21 de Outubro de 1907 (indústria e seguros), Decretos de 13 de Junho de 1930 e de 24 de Março de 1931 (protesto de letras), Decreto de 12 de Janeiro de 1927 (cheque), Decreto n.º 19:490, de 12 de Março de 1931 (extracto de factura); «Elementos de História de Portugal», do dr. Alfredo Pimenta, com 5 edições, «Elementos de Direito Comercial», do prof. dr. J. Pires Cardoso, 5 edições, etc.

A Empresa Nacional de Publicidade editou mais de três centenas de obras, o que representa, sem dúvida, um notável esforço que exerceu benéfica influência sobre a cultura portuguesa. Assim, a publicação das «Églogas», de Francisco Rodrigues Lobo, veio, mais uma vez, revelar aos que prezam a boa linguagem portuguesa o espírito priviligiado do grande poeta seiscentista, que, segundo Camilo Castelo Branco, nas pinturas dos quadros da Natureza distribue colorido admirável, aformo-

seado por uns toques de saúde e tristezas do êrmo; a «Colecção Patrícia», que mereceu rasgados elogios de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, dr. Mendes dos Remédios e Cunha e Costa, em fascículos interessantíssimos, e por preço insignificante, tornou mais conhecidas a biografia e as obras dos grandes autores portugueses, desde Fernão Lopes, Gil Vicente, Garcia de Resende, Sá de Miranda, Bocage e Marquesa de Alorna até Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Júlio Deniz, João de Deus, Gonçalves Crespo e Ramalho Ortigão. A *Colecção Patrícia* é a literatura portuguesa em comprimidos muito bem apresentados e fáceis de tomar e digerir» — escreveu, acertadamente, o dr. Cunha e Costa.

A «Colecção Rústica», dirigida pelo engenheiro-agrônomo sr. dr. A. Urbano de Castro e pelo médico-veterinário dr. Joaquim Pratas, constituída por fascículos destinados aos agricultores, pode considerar-se da maior utilidade, porque nela há preciosos ensinamentos sôbre viticultura, agricultura, arboricultura, horticultura, silvicultura, sericultura, praticultura, jardinagem, construções rurais, cunicultura, avicultura, etc. Estes fascículos, de tão alto valor científico, escritos em linguagem singela, representam a mais louvável iniciativa que, no género, ainda apareceu em Portugal: êles levaram a todos os cantos do nosso País, onde a terra se cultiva com carinho, os modernos processos de arrancar do solo aquela riqueza que nem sempre brota apenas do trabalho e do sacrifício.



Quanto ao Ensino Técnico, êste também recebeu alguns benefícios da Empresa Nacional de Publicidade: «Compêndio de Economia Política», da autoria do prof. dr. António Filomeno Lourenço é um livro que se impõe pela precisão da doutrina, pela clareza com que são expostos todos os assuntos, pelo equilíbrio dos capítulos, e, finalmente, pelas raras qualidades pedagógicas reveladas pelo seu autor em cada uma das páginas; «Elementos de Direito Comercial», do dr. J. Pires Cardoso, distingue-se pela forma metódica como a matéria do programa



Aspectos do Catálogo de 1933



está tratada e ainda pela própria simplicidade da linguagem sempre tão necessária aos alunos das Escolas de Ensino Técnico Profissional; «História Económica de Portugal», do prof. dr. Francisco António Correia, obra de erudita investigação histórica, em que a actividade económica do nosso País surge, como magnífica realidade, desde os tempos das lutas gigantescas que alicerçaram a nossa nacionalidade até o *ultimatum* de 1890; «Noções de Tecnologia e Mercadorias», pelo prof. dr. António Pedro Mendes, livro necessário a professores e alunos, onde se encontram estudados todos os processos modernos de que a indústria se serve para o seu maior e constante progresso; «Noções de Contabilidade», pelo prof. dr. F. V. Gonçalves da Silva, «Dactilografia» e «Estenografia», da autoria de Francisco Mendes Póvoas, e «Livro de Leitura» (para uso do 1.º e 2.º anos das Escolas Comerciais), pelos professores drs. Samuel de Matos Agostinho de Oliveira, Fernando Vieira Gonçalves da Silva e Manuel da Silva, são, pela sua finalidade e valor, quatro trabalhos didácticos que dignificam sôbremodo o nosso Ensino Técnico Profissional.

Bem andou a Empresa Nacional de Publicidade editando estes livros, porquanto o Ensino Técnico Profissional é dos mais úteis que existem em Portugal: êle ministra aos humildes filhos do povo, que labutam heróicamente nos vários ramos do comércio ou da indústria, aquêles ensinamentos práticos que os levam a poder triunfar na vida. Eis o motivo por que as referidas obras obtiveram a simpatia dos empregados do comércio e das classes operárias.



No campo da *História* estende-se igualmente a acção benéfica da Empresa Nacional de Publicidade:

«D. Sebastião» (1554-1578), pelo dr. Queiroz Veloso, aparecido em Maio de 1935, e que, em Novembro de 1935, já possuía a sua 2.ª edição, conseguiu, através de documentos pela primeira vez consultados pelo eminente professor catedrático, dar corpo e vida a estas célebres palavras de Alexandre Herculano: « A nossa história, mais ainda do que a de outras nações

da Europa, para surgir da sombra das lendas à luz clara da realidade, carece de indagações profundas, e de apreciações sinceras e desinteressadas». Nos dez capítulos desta obra de 450 páginas, com preciosas notas e um esplêndido índice alfabético, cabem perfeitamente *indagações profundas e apreciações sinceras e desinteressadas*, as quais revelam ao leitor estudioso, em prosa vernácula e sugestiva, a regência de D. Catarina de Áustria, a regência do Cardinal D. Henrique, um rei de catorze anos, o predomínio dos Câmaras e as dissensões da família real, os malogrados casamentos do rei, a primeira jornada de África, a obcecação do rei, a corrida para o abismo, as vésperas da catástrofe e Alcácer-Quibir.

«D. Maria I» (1777-1792), pelo dr. Caetano Beirão, com as suas 474 páginas, quatro heliogravuras e fac-similes de várias cartas, apresentou-se como um livro notável, em que o autor, à luz de documentos novos, descreveu e analisou um dos períodos menos estudados, ou sôbre os quais mais fantasias se têm tecido. Caetano Beirão, escritor de grandes recursos, neste seu belo trabalho, consagrado pela crítica mais exigente, mostra-nos, em prosa elegante, o fim dum reinado, a figura da Rainha piedosa, a reabilitação dos Távoras, a condenação e morte de Pombal, os grandes empreendimentos daquela época, os costumes lisboetas, as galas da côrte, o príncipe D. José, a loucura da Rainha, etc. A obra encontra-se valorizada pelas cartas autógrafas de D. Maria I para a família real espanhola e por um valioso inventário da iconografia de D. Maria I, e conta duas edições.

«Cartas da Rainha D. Mariana Vitória», pelo dr. Caetano Beirão, são também um trabalho de grande valor histórico.

Depois da «História de Portugal», que teve elevadíssima tiragem, Rocha Martins, por intermédio da Secção de Edições, da Empresa Nacional de Publicidade, presenteou o público leitor com a «História das Colónias Portuguesas», obra do mais formoso significado patriótico, em cujo magnífico prefácio se lêem estas palavras: «Ao terminar a publicação da «História de Portugal» talhei êste livro que, na mesma rota do seu primogénito, constitue obra de fim divulgador, escrita com o pensamento na Pátria e no Povo, o qual, desconhecendo os sacrifícios, as lutas,



Aspecto do Catálogo de 1938



as dores cimentadoras do domínio ultramarino, mal compreende o significado e o valor das colónias portuguesas. Quis que elle soubesse não ter sido a aventura mas a ciência e a arte de navegar o motor dos descobrimentos; desejei mostrar-lhe quantos arranços formidáveis se praticaram desde o montículo de Sagres até às salas das Conferências espoliadoras tramadas contra o nosso Bem pela Europa contemporânea; pretendi narrar-lhe como se tornou difícil manter o que custara sangue e heroísmos, expondo, ao mesmo tempo, à consciência nacional os erros de ontem, arautos do dever, para não os repetirem presentemente».

«Os Judeus e os Protocolos dos Sábios de Sião», por João Paulo Freire, trabalho histórico em quatro volumes, num total de mais de mil e quatrocentas páginas, estuda e descreve (para o que o autor consultou 500 obras) os inícios do judaísmo, os tempos que vão do nascimento de Cristo à queda de Jerusalém, a Diáspora, os judeus em Espanha e Portugal, e, finalmente, o texto dos «Protocolos», comentário ao texto e aos críticos, e demonstração irrefutável de tal falsificação. Trata-se duma obra única no seu género entre nós, obra em que o autor pôs todo o seu carinho e o melhor da sua intelligência.

Para a cultura portuguesa, o volume 3.º será o mais precioso: nêle aparecem, em nítidos quadros, os judeus no novo Condado Portucalense, a primeira sinagoga que existiu em Portugal (reinado de D. Afonso Henriques), a protecção concedida por D. Sancho I aos judeus, a magnanimidade de D. Deniz para com elles, a generosidade do Mestre de Aviz, as predições do celeberrimo Guedelha, a attitude de D. João II perante os judeus expulsos de Espanha, Zacuto e o seu horóscopo, o tenebroso *ukase* da expulsão em massa, o miserável decreto de 5 de Dezembro de 1496, as conversões, o ódio de D. João III aos judeus, a figura sinistra do renegado Henrique Nunes — o *Firme Fé*, os cristãos novos oferecendo dinheiro a D. Sebastião em troca de certas regalias, a vilania do Cardeal D. Henrique posta em acção contra os judeus, o Padre António Vieira — acérrimo defensor dos cristãos novos, a luta entre a Inquisição e D. João IV, os judeus com D. João V, as determinações de 1751, de 1768 e de 1773, etc.

«Évora» é outro trabalho de carácter histórico, que se impõe não só pela parte literária, como também pelas numerosas ilustrações. O estudo histórico acêrca da famosa cidade deve-se à competência de Matos Sequeira, que se esforçou por nos mostrar a Évora íntima, os seus conventos, a sua arte, a sua cultura e vida. São primorosos os desenhos de Alberto Sousa, que apresentam aspectos da Rua do Raimundo, a porta do Celeiro com decoração de ferro no estilo gótico, capitéis do Templo Romano, a janela da casa de Garcia de Resende, as talhas de barro seiscentistas na «adega dos Frades», a porta gótica na rua de Diogo Cão, um quintal na Rua das Fontes, o pátio da casa de D. João de Aguiar, o alpendre no Pátio de S. Miguel, o Pátio do Solar dos Cogominhos, a cozinha do Convento de Santa Helena do Calvário, a estalagem do «Calvário», o «Fresco» quincentista da casa de Vasco da Gama, etc. Para esta edição o grande artista fêz quatro lindíssimas aguarelas — *Rua Nova*, *Fonte quincentista das portas de Moura*, *Beco de Chantre* e *A Porta-Nova*. A capa reproduz outra aguarela de Alberto Sousa, de belo desenho e colorido.

«O Castelo de S. Jorge em Lisboa», pelo engenheiro militar A. Vieira da Silva, impõe-se à nossa admiração como trabalho da mais honesta e erudita investigação, trabalho em que o autor, com a sua invulgar competência, estuda e descreve de forma admirável a porta ogival do *castelejo*, a tôrre de Ulisses no *castelejo*, a tôrre da cisterna no *castelejo*, a frente sul do recinto do castelo sôbre a rua do Chão da Feira, a frente norte do castelo e porta de Martim Moniz, o busto de Martim Moniz sôbre a porta do castelo e o Paço real da Alcáçova.



A actividade editorial da Emprêsa Nacional de Publicidade estendeu-se nobremente até todos os modernos progressos científicos, e, assim, publicou: «A Justiça e a Ciência», do dr. Santana Rodrigues, distinto assistente da Faculdade de Medicina e do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, livro que se ocupa da justiça na antigüidade, das novas tendências da justiça, a

que não são indiferentes os métodos científicos na investigação, da medicina e os factores biológicos, da química e os seus métodos de análise nas pesquisas judiciárias, da fotografia e os novos processos fotográficos (sem esquecer a fotografia como testemunha e como método de investigação), da grafologia (seu valor no exame de documentos escritos), etc.

São dignos de menção os volumes que constituem a «Colecção de Vulgarização Médica»: «Conselhos aos diabéticos» (Como devo tratar a minha diabetes — Como pode o diabético disciplinado variar a sua dieta — Higiene e regulamento do diabético), pelo dr. Ernesto Roma, «Higiene e regime da primeira infância» (Actos e funções fisiológicas da criança, que a mãe deve constantemente vigiar — Higiene e cuidados a ter com a criança — Regime lácteo — O que é a criança saudável), pelo dr. Salazar de Sousa (Filho), «A Tuberculose» (O que é — Como se transmite — Marcha da doença — Sintomas — Sanatórios, Hospitais e Casas de Saúde), pelo dr. Cassiano Neves, «Para emmagrecer» (Tratamento da obesidade), pela dr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina Ramos, «Higiene da Bôca», pelo dr. E. J. da Graça Gonçalves.

Livro preciosíssimo se deve considerar «Mãe e Filho», do prof. dr. Ferreira de Mira, e daí o entusiasmo com que foi acolhido pela crítica e pelo público. Esta obra contém tudo quanto a ciência aconselha para a difícil e carinhosa arte de ser mãe.

A epigrafia encontra-se representada pelas seguintes obras, de grande utilidade para os estudiosos, e da autoria de J. M. Cordeiro de Sousa: «Apontamentos de Epigrafia Portuguesa» (2.<sup>a</sup> edição), «Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo» (2.<sup>a</sup> edição) e «Inscrições Sepulcrais da Sé de Lisboa» (2.<sup>a</sup> edição).

Consciente da sua função cultural, a Empresa Nacional de Publicidade publicou conferências, contos, novelas e romances, obras de direito e legislação, entrevistas (como as de António Ferro — «A Praça da Concórdia», «Salazar — O Homem e a sua obra» e «Viagem à Volta das Ditaduras»), estudos sociais e económicos, trabalhos sobre filologia, monografias, livros acerca de puericultura, obras teatrais, viagens, etc.



Algumas das principais obras publicadas pela Empresa Nacional de Publicidade:

*Églogas (As)*, por Francisco Rodrigues Lôbo.

*Lima (O)*, por Diogo Bernardes.

*Ronda de Lisboa*, por Francisco de Castro.

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS: mais de seis dezenas de obras diversas.

COLEÇÃO PATRÍCIA — fascículos publicados: *Camilo Castelo Branco*, — *Fialho de Almeida*, — *Os melhores sonetos brasileiros*, — *Alexandre Herculano*, — *Gomes Leal*, — *Eça de Queiroz*, — *Guerra Junqueiro*, — *Gil Vicente*, — *Camilo e o centenário*, — *Júlio Deniz*, — *Júlio Dantas*, — *Ex-libris*, — *Sonetos contemporâneos*, — *Sá de Miranda*, — *Nicolau Tolentino*, — *Garcia de Resende*, — *Latino Coelho*, — *Sóror Mariana*, — *Ramalho Ortigão*, — *D. João da Câmara*, — *Henrique Lopes de Mendonça*, — *A Cerâmica*, — *As «Cartas de Amor» de Sóror Mariana*, — *Júlio César Machado*, — *Manuel Bernardes*, — *Gonçalves Crespo*, — *Fernão Lopes*, — *Silva Pinto*, — *Oliveira Martins*, — *Augusto Gil*, — *Poetisas de hoje*, — *André Brun*, — *Tomaz Ribeiro*, — *António Feijó*, — *História Trágico-Marítima*, — *Cerâmica Portuguesa*, — *Guilherme de Azevedo*, — *Abel Botelho*, — *João de Deus*, — *Carlos Reis*, — *José Malhóa*, — *Delfim Guimarães*, — *Alberto Sousa*.

COLEÇÃO RÚSTICA: mais de três dezenas de obras.

*Almas dêste mundo*, por Bourbon e Meneses.

*Amor e o Tempo (O)*, por Dr. Augusto de Castro.

*Bocage*, de Rocha Martins.

*Cinco aventuras sem importância*, por Urbano Rodrigues.

*Coitas de Amor*, por Dr. Magnus Bergström.

*Desenhos Animados*, de Rocha Júnior.

*Espia Negra (A)*, por João Paulo Freire.

*Lendas de Portugal*, por D. Emília de Sousa Costa.

*Sexo 33*, do Dr. Augusto de Castro.

*Justiça e a Ciência*, pelo Prof. Dr. Santana Rodrigues.

*Pirene*, pelo Dr. Fidelino de Figueiredo.

*Método do Sistema Sueco de Educação Física (O)*, pelo Prof. Luiz Furtado Coelho.

*Experiência do Bolchevismo (A)*, por Artur Feiler e tradução de Osório de Oliveira.

*Moratória Brasileira e a Economia Nacional (A)*, pelo Dr. J. E. Dias Costa.

*Camilo e o povo fora dos dicionários*, por António da Costa Leão.

*Vocabulário Português-Árabe*, por José Ezaguy.

*Morte do Marquês de Loulé (A)*, pelo Dr. António Cabral.  
*O homem de dois corações*, de Rocha Martins.  
*Cinco mil francos por mês*, por Reinaldo Ferreira.  
*O Drama da Sombra*, por Ferreira de Castro.  
*Minha Mulher*, por W. Fernández Flórez.  
*Noite de Núpcias*, por Lourenço Caiola.  
*A que matou por amor*, por D. Emília de Sousa Costa.  
*O art. 438*, por D. Carmen de Burgos.  
*A Bailarina Negra*, por Guedes de Amorim.  
*A Arte de Educar*, pelo Prof. Dr. Ferreira de Mira.  
*Fábulas e Historietas*, por Acácio de Paiva.  
*Promontório Sacro (O)*, por Dr. Cândido Guerreiro.  
*Robaiyat*, por Omar Khayyam, interpretação de Gomes Monteiro.  
*Rouxinol Cativo*, de Rocha Júnior.  
*Tôrre do Tombo* — crónicas, por João Paulo Freire.  
*Amor*, pelo Dr. Augusto de Castro.  
*Inimigo (O)*, por Cristiano Lima.  
*Perfume do Pecado (O)*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Sol Poente*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Recompensa*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Consciência*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Duas Mães*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Imagens da Europa vistas da minha janela*, pelo Dr. Augusto de Castro.  
*O Pântano*, por João Paulo Freire.  
*Lisboa do meu tempo e do passado — Do Rossio ao Poço do Boratém*, por João Paulo Freire, etc., etc.



# BIBLIOGRAFIA GERAL

DAS OBRAS EDITADAS

PELA

## Emprêsa Nacional de Publicidade

(Secção de edições)

### BIBLIOTECA CLÁSSICA

Esta útil e simpática colecção de obras clássicas foi organizada pelo falecido escritor Dr. Manuel de Sousa Pinto

*Eglogas (As)*, por Francisco Rodrigues Lobo.

*Lima (O)*, por Diogo Bernardes.

Volume I — *Eglogas*. Volume II — *Cartas*.

*Ronda de Lisboa*, por Francisco de Castro

### BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

(Literatura infantil).

Dirigida por D. EMÍLIA DE SOUSA COSTA (2)

---

(2) D. Emília Teixeira Lopes de Sousa Costa nasceu em Lamego, a 15 de Dezembro de 1877. Professora particular de preparatórios e do Refúgio Masculino da Tutoria Central da Infância. Oficial de Sant'Iago. Jornalisticamente a sua acção tem-se repartido por inúmeros jornais: *Século*, *Capital*, *Primeiro de Janeiro*, *Eva*, *Modas e Bordados*, diversos jornais do Brasil, *Notícias*, de Lourenço Marques; *Renascença*, *Civilização*, *Caras e Cãretas*, *Lusitânia*, *La Prensa*, de Buenos Aires; *Epoca*, *Mala da Europa*, etc., etc. Fundou com outras senhoras uma associação de auxilio a Estudantes Pobres do Sexo Feminino. Pertence ao Instituto Etnológico da Beira, Instituto Histórico do Minho e Sociedade Martins Sarmento. Realizou conferências em Rio de Janeiro e Madrid. A sua bibliografia é vasta: mais de quarenta livros originaes de literatura infantil, viagens, conferências, educação, etc., e traduções do francês, italiano e espanhol. A sua exuberante produção mantém-se ainda hoje sempre com incontestável agrado público.

- 1 — *Os Contos do Joãozinho*, 1.<sup>a</sup> parte, por D. Emília de Sousa Costa.
- 2 — *Falam os Meninos*, por D. Cândida Aires de Magalhães.
- 3 — *História de El-Rei Camélo*, por Dr. Sousa Costa.
- 4 — *Contozinhos de Cristal*, por D. Maria Henriqueta.
- 5 — *Castelos no Ar*, por D. Emília de Sousa Costa.
- 6 — *A História do Coelhoinho Tic-Tic*, por D. Virgínia Lopes de Mendonça.
- 7 — *O Palhaço Francês*, por D. Maria Helena.
- 8 — *História da Rosalinha*, por D. Graciette Branco.
- 9 — *Os Contos do Joãozinho*, 2.<sup>a</sup> parte, por D. Emília de Sousa Costa.
- 10 — *El-Rei Bêbé*, por José Dias Sancho.
- 11 — *História da Raposa Raposeca e do Favo de Mel*, por D. Laura Chaves.
- 12 — *O Tapete Encantado*, por D. Oliva Guerra.
- 13 — *No País dos Sonhos*, por D. Maria O'Neill.
- 14 — *Aventuras de Carochinha Japonesa*, por D. Emília de Sousa Costa.
- 15 — *Quem não quiere ser Lobo...*, por D. Helena de Aragão.
- 16 — *Titó e Tátá nos Jardins da Fantasia*, por Armando Ferreira.
- 17 — *Vá de Roda*, música de Tomaz Borba, letra de autores diversos.
- 18 — *Bonecos de Estampar*, por D. Teresa Leitão de Barros.
- 19 — *No Reino do Prodigio*, por Henrique Marques Júnior.
- 20 — *Dias Felizes*, por D. Maria Paula de Azevedo.
- 21 — *Fadas e Encantos*, por Condessa de Proença-A-Velha.
- 22 — *Viagem Maravilhosa*, por Norberto Lopes.
- 23 — *As quatro Estações*, por D. Maria de Carvalho.
- 24 — *Canções de Amor à Terra*, versos de Oliveira Cabral, música de D. Estefânia Cabreira.
- 25 — *Toca a brincar*, por Leonor de Campos.
- 26 — *El-Rei dos Mil Palácios*, por Dr. Celestino David.
- 27 — *A Bruxa e os Malmequeres*, por João da Selva.
- 28 — *Histórias que o Vento Conta*, por D. Maria do Carmo Peixoto.
- 29 — *Piupi e o Gato Sábio*, por Condessa Clara Bartolomei.
- 30 — *Bazar de Brinquedos*, por D. Graciette Branco.
- 31 — *Provérbios*, por Olavo de Eça Leal.
- 32 — *O Pretinho de Angola*, por César de Frias.
- 33 — *Novas Florinhas de S. Francisco*, por Ramon Maria Tenreiro, tradução de D. Dulce de Figueiredo.
- 34 — *Aventuras de Cinco Irmãozinhos*, por Rosa Silvestre.
- 35 — *Caladinhos! Ora Escutem!* por Leonor de Campos.
- 36 — *Férias no Campo*, por Dr. Mário Gonçalves Viana.
- 37 — *A Nau Catrineta*, por Armando Ferreira.
- 38 — *A arca de Noé*, por D. Graciette Branco.
- 39 — *O Leão e o Rato*, por Henrique Marques Júnior.
- 40 — *O Palácio das Três Estrelas*, por D. Lutegarda Guimarães de Caires.
- 41 — *A Nêna de Traços*, por D. Virgínia Lopes de Mendonça.
- 42 — *Mestre Lobo e as Três Cabrinhas*, por Leonor de Campos.
- 43 — *O Príncipe Toleirão*, por D. Maria Rosa da Cunha.
- 44 — *Trinta Mil por uma Linha*, por D. Emília de Sousa Costa.
- 45 — *Bolas de Sabão*, por D. Custódia de Carvalho e Melo.
- 46 — *O Anão Tiro-Liro*, por D. Virgínia Lopes de Mendonça e versos de D. Laura Chaves.
- 47 — *Herói de Palmo e Meio*, por Miriam (D. Maria Rio de Carvalho).
- 48 — *Quem quiere Linhas, Agulhas e Alfinetes?*, por Condessa de Proença-A-Velha.
- 49 — *Os Patos de Cabeça de Mouro*, por Dr. José Viana.
- 50 — *Os Tamanquinhos do Gregório*, por D. Maria da Luz Sobral.
- 51 — *Aventuras de João Espertalhão*, por Leonor de Campos.

- 52 — *Bailam as Horas*, por D. Maria do Carmo Peixoto.  
53 — *No Reino do Sol*, por D. Emilia de Sousa Costa.

## NÚMEROS ESPECIAIS DO NATAL

D. EMÍLIA DE SOUSA COSTA

*Caixinha de Segredos.*  
*Contos dos Meus Netinhos.*  
*História da Feia Linda.*  
*História do Menino Jesus.*  
*Joânito Africanista.*  
*Perú Aviador.*  
*Tagaté — As de Futebol.*  
*Triste Vida a da Raposa.*

## NÚMEROS ESPECIAIS DA PÁScoa

*Canto Infantil*, versos do Dr. Afonso Lopes Vieira, música de Tomaz Borba, ilustrações de Raul Lino.  
*O Tesouro da Casa Amarela*, por D. Fernanda de Castro, ilustrações de D. Sara Afonso.

## NÚMEROS EXTRAORDINÁRIOS

*Auto das Flores*, número especial da Primavera, por A. L. de Carvalho.  
*Avião da Felicidade (O)*, número especial do Ano Bom, por Dr. Celestino David.  
*História Maravilhosa* (Homenagem a Camões), por D. Teresa Leitão de Barros.  
*Meu País de Maravilhas (O)*, por Dr. Celestino David.  
*Meu Portugal, Meu Gigante*, número comemorativo do 5.º centenário de D. Nuno Álvares Pereira, por Adolfo Simões Muller.  
*No tempo em que tudo falava*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*Rouxinol e o Grilo (O)*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*Santo António Milagreiro* (Homenagem a Santo António), por Aníbal Nazaré.

A *Biblioteca dos Pequenininos*, dirigida com superior critério por D. Emilia de Sousa Costa, com os seus encantadores volumes, magnificamente ilustrados, pode considerar-se das mais formosas e úteis iniciativas literárias que têm aparecido em Portugal. Os seus livros valem por esplêndidas lições de moral e patriotismo.

## BIBLIOTECA DE DIVULGAÇÃO DOMÉSTICA

- 1 — *Para tirar nódoas.*
- 2 — *A Mulher e a Beleza* (receitas para ser bela).
- 3 — *Os Insectos Inimigos da Casa* (sua destruição).
- 4 — *Fraudes Alimenticias* (maneira de as verificar).

## COLECÇÃO DO ESTUDIOSO

Revista e anotada por ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

*Arte de classificar (A)*, verbetes, fichas, apontamentos, recortes, por G. Guerguy, tradução de D. Margarida Barbosa.

## COLEÇÃO PATRÍCIA

Dirigida por ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Ciências de Lisboa

Louvada pelo Ministério da Instrução Pública

Cada fascículo de 16 páginas é uma síntese completa de um escritor ou de um assunto.

A *Colecção Patrícia* compreende as seguintes divisões

- A — As Antologias.
- A P — Arte Portuguesa.
- C — Os contemporâneos.
- E — Os Escritores.
- L — O Livro.
- M — Os monumentos.
- M F — Musa feminina.
- P — Os poetas.
- T — O teatro.

- 1 — *Camilo Castelo Branco* — E. — 5 gravuras e 1 fac-símile, 9 excertos em prosa e 5 em verso. A sua vida e a sua obra. (2.<sup>a</sup> edição).
- 2 — *Fialho de Almeida* — E. — 6 gravuras e um fac-símile, 7 excertos. Biografia. Bibliografia. (2.<sup>a</sup> edição).
- 3 — *Os melhores sonetos brasileiros* — A. — 2 gravuras, Estudo sobre o soneto, 24 sonetos e notas bio-bibliográficas de 21 poetas. (2.<sup>a</sup> edição).
- 4 — *Alexandre Herculano* — E. — 7 gravuras e 1 fac-símile, 5 excertos em prosa e 3 em verso. Tudo que êle escreveu e biografia pormenorizada.
- 5 — *Gomes Leal* — P. — 7 gravuras e 1 fac-símile, 10 excertos incluindo *A Duquesa de Brabante*. Vida e obra.
- 6 — *Eça de Queiroz* — E. — 8 gravuras e 1 fac-símile, Excertos das melhores páginas, Biografia e bibliografia.
- 7 — *Guerra Junqueiro* — P. — 8 gravuras e 1 fac-símile, 1 excerto em prosa e 10 em verso, Biografia e bibliografia.
- 8 — *Eugénio de Castro* — C. — 5 gravuras e 1 fac-símile, 11 excertos, Bibliografia, autobiografia inédita e notas.
- 9 — *Os eternos sonetos de Portugal* — A. — 4 gravuras, 24 sonetos e dados biográficos sobre 16 poetas.
- 10 — *A Batalha* — M. — 6 gravuras e 1 planta, História e descrição do edifício, Bibliografia. (Duas edições).
- 11 — *Bocage* — P. — 4 gravuras e 1 fac-símile, 17 excertos, A sua vida e o que êle escreveu.
- 12 — *Marcelino Mesquita* — T. — 5 gravuras e 1 fac-símile, 7 excertos das suas melhores obras, Vida e bibliografia.
- 13 — *As mais lindas quadras populares* — A. — 7 gravuras, Estudo sobre as fontes da poesia popular, Bibliografia.
- 14 — *António Nobre* — P. — 5 gravuras e 1 fac-símile, 7 excertos, Obra e biografia.
- 15 — *Marquesa de Alorna* — M F. — 4 gravuras e 1 fac-símile, 21 excertos, Vida, bibliografia e opiniões de coevos.
- 16 — *Gil Vicente* — T. — 6 gravuras e 1 fac-símile, 8 excertos, Vida, bibliografia, a Custódia de Belém e a cronologia dos autos.
- 17 — *Camilo e o centenário* — E. — A comemoração, Festas e homenagens, Biblio-

- grafia. Palavras de Albino Forjaz de Sampaio na Biblioteca Nacional. 5 gravuras e 1 fac-símile.
- 18 — *Júlio Deniz* — E. — Vida e obra, bibliografia e excertos, 5 gravuras, 1 fac-símile e 5 dos seus melhores trechos.
- 19 — *Júlio Dantas* — C. — 4 gravuras e 1 fac-símile. Vida, obra, autobiografia inédita e notas sobre a sua figura literária ainda não reunidas noutra trabalho. As suas melhores páginas.
- 20 — *Ex-libris* — L. — 24 gravuras. Estudo completo sobre as curiosas marcas de posse portuguesas e estrangeiras. História e Bibliografia.
- 21 — *Sonetos contemporâneos* — A. — Os melhores sonetos do nosso tempo. 3 gravuras. Sonetos de Coelho de Carvalho, Manuel da Silva Gaio, Alfredo da Cunha, Acácio de Paiva, Alberto Bramão, João Saraiva, Eugénio de Castro, Fausto Guedes Teixeira, Delfim Guimarães, Augusto Gil, Júlio Dantas, Campos Monteiro, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, António Correia de Oliveira, Ribeiro de Carvalho, João de Barros, Silva Tavares, Virgínia Vitorino, Maria de Carvalho, Nunes Claro, Américo Durão, António Boto, Anrique Paço de Arcos. Uma notícia sobre os autores.
- 22 — *Sá de Miranda* — P. — 8 gravuras e 1 fac-símile. A vida e a obra. O seu retrato. 13 excertos.
- 23 — *Nicolau Tolentino* — P. — 3 gravuras. 1 fac-símile. A vida e a obra. 9 excertos.
- 24 — *Garcia de Resende* — P. — 5 gravuras. 1 fac-símile. A vida e obra. 4 excertos em prosa e 2 em verso.
- 25 — *Latino Coelho* — E. — 3 gravuras. 1 fac-símile. A vida e a obra. Tábua cronológica da vida de Latino Coelho. 5 excertos.
- 26 — *Sóror Mariana* — M F. — 8 gravuras. Vida, bibliografia, prefácio das várias edições. A primeira carta em francês na 1.ª edição.
- 27 — *Ramalho Ortigão* — E. — 9 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 4 excertos.
- 28 — *D. João da Câmara* — T. — 5 gravuras e fac-símile. Vida e obra. Excertos (Do «Alcácer Quibir», dos «Velhos» e dos «Contos»).
- 29 — *Henrique Lopes de Mendonça* — C. — 3 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 4 excertos (2 de prosa e 2 de teatro).
- 30 — *A Cerâmica* — A P. — Síntese da arte ceramística mundial. 11 gravuras e 1 quadro com 39 marcas cerâmicas estrangeiras. História. Classificação dos produtos. Cronologia das descobertas. Cronologia da aplicação do esmalte à faiança. Cronologia da História da Porcelana.
- 31 — *As «Cartas de Amor» de Sóror Mariana* — M F. — 2 gravuras. As 5 cartas cada uma traduzida por seu escritor: Filinto Elísio, Morgado de Mateus, A. P. Lopes de Mendonça, Luciano Cordeiro e Jaime Cortesão.
- 32 — *Júlio César Machado* — E. — 6 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 5 excertos.
- 33 — *Manuel Bernardes* — E. — 5 gravuras. Vida e obra. 7 excertos.
- 34 — *Gonçalves Crespo* — P. — 2 gravuras e 2 fac-símiles. Vida e obra. 8 excertos.
- 35 — *Fernão Lopes* — E. — 4 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 6 excertos.
- 36 — *Silva Pinto* — E. — 2 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 8 excertos.
- 37 — *Oliveira Martins* — E. — 4 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 2 excertos.
- 38 — *Augusto Gil* — C. — 3 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 8 excertos.
- 39 — *Poetisas de hoje* — A. — Versos de 26 poetisas consagradas. 34 excertos. Notícias sobre as autoras.
- 40 — *André Brun* — E. — 7 gravuras e 1 fac-símile. Vida e obra. 5 excertos.
- 41 — *Tomaz Ribeiro* — P. — 1 gravura e 1 fac-símile. Vida e obra. 6 excertos.
- 42 — *António Feijó* — P. — 1 fac-símile. Vida e obra. 18 excertos.
- 43 — *História Trágico-Marítima* — L. — 8 gravuras. A 1.ª e a 2.ª edições. O 3.º volume. Naufrágios não incluídos. Como se tem formado o 3.º vol. Bibliografia.
- 44 — *Cerâmica Portuguesa* — A P. — 5 gravuras e 1 quadro com 25 tipos cerâmicos

populares e outro com 18 marcas cerâmicas portuguesas. História da cerâmica portuguesa. As fábricas, Azulejos, O que se fabrica, O Operário, Denominação do pessoal, Curiosidades da cerâmica popular, A cerâmica na arte e na literatura. A cerâmica nos museus públicos e colecções particulares. Classificação da cerâmica sob o ponto de vista da forma e da decoração, mercados e feiras, terminologia, bibliografia.

- 45 — *Guilherme de Azevedo* — P. — 3 gravuras, 10 excertos.  
46 — *Abel Botelho* — E. — 3 gravuras, 4 excertos.  
47 — *João de Deus* — P. — 7 gravuras, 11 excertos.  
48 — *Carlos Reis* — P P. — 1 retrato, 1 fac-simile da assinatura, 16 reproduções de quadros.  
49 — *José Malhóia* — P P. — 1 retrato, 1 fac-simile da assinatura, 1 caricatura, 16 reproduções de quadros.  
50 — *Delfim Guimarães* — E. — 1 retrato, 1 reprodução de autógrafo, 2 caricaturas, 1 reprodução de ex-libris, 11 excertos.  
51 — *Alberto Sousa* — P P. — 1 retrato, 15 reproduções de quadros.

## COLECÇÃO PROFISSIONAL

- 1 — *Carpintaria*, iniciação profissional.  
2 — *Fotografia*, iniciação profissional.

## COLECÇÃO RÚSTICA (folhetos do agricultor)

Dirigida por:

A. URBANO DE CASTRO, engenheiro-agrónomo  
JOAQUIM PRATAS, médico-veterinário

- 1 — *Medicina das Aves*, Doenças Contagiosas Microbianas, por Joaquim Pratas, médico-veterinário (2.<sup>a</sup> edição).  
2 — *Viticultura*, Videiras Americanas, por André Navarro, engenheiro-agrónomo.  
3 — *Aquicultura*, Peixes de Águas Interiores, por J. G. Alfaro Cardoso, engenheiro-silvicultor.  
4 — *Arboricultura*, Plantação e Grangeio de Pomares, por J. Vieira Natividade, engenheiro silvicultor e agrónomo (2.<sup>a</sup> edição correcta e aumentada).  
5 — *O Meio Físico e os Seres Vivos*, Solo Agrícola, por António Perez Durão e Artur Urbano de Castro, engenheiros agrónomos.  
6 — *Horticultura*, Culturas especiais, por José Joaquim dos Santos, engenheiro-agrónomo.  
7 — *Silvicultura*, Noções Gerais, por Horácio Eliseu, regente florestal.  
8 — *Sericicultura*, O bicho da seda, por Joaquim Pratas, médico-veterinário.  
9 — *Praticultura*, Ervagens de Leguminosas, por António Guerra Seabra, engenheiro-agrónomo.  
10 — *Jardinagem*, Plantas Ornamentais, por Artur Urbano de Castro, engenheiro-agrónomo.  
11 — *Construções Rurais*, O Galinheiro, por Joaquim Pratas, médico-veterinário.  
12 — *O Meio Físico e os Seres Vivos*, Correção do Solo, por António Peres Durão, engenheiro-agrónomo.  
13 — *Tecnologia Rural*, O Vinagre, por Manuel J. Coutinho, viti-vinicultor.

- 14 — *Jardinagem*, Noções Gerais, por Artur Urbano de Castro, engenheiro-agrônomo.
- 15 — *Cuniculicultura*, As melhores raças de coelhos, por Joaquim Pratas, médico-veterinário.
- 16 — *Tecnologia Rural*, Fabrico do Azeite, por A. Urbano de Castro, engenheiro-agrônomo.
- 17 — *Medicina das Aves*, Doenças dos Órgãos e da Nutrição, por Joaquim Pratas, médico-veterinário.
- 18 — *Horticultura*, Noções Gerais, por José Joaquim dos Santos e Artur Urbano de Castro, engenheiros agrónomos.
- 19 — *O Meio Físico e os Seres Vivos*, Preparação do Solo, por António Peres Durão, engenheiro-agrônomo.
- 20 — *Avicultura*, Criação de Patos, por Joaquim Pratas, médico-veterinário.
- 21 — *Avicultura*, O canário e os seus híbridos, por Joaquim Pratas, médico-veterinário (2.ª edição).
- 22 — *Plantas Têxteis*, Algodocero e Linho, por Artur Urbano de Castro, engenheiro-agrônomo e Joaquim Pratas, médico-veterinário.
- 23 — *Criação de cães*, por Manuel Castelo Branco.
- 24 — *Noções de apicultura*, por Quartin Graça, engenheiro-agrônomo.
- 25 — *Medicina das Aves*, Doenças parasitárias, Cirurgia aviária, por Joaquim Pratas, médico-veterinário.
- 26 — *O Exterior do Cavallo* (1.ª parte), pelo dr. José Miranda do Vale, médico-veterinário.
- 27 — *O Exterior do Cavallo* (2.ª parte), pelo dr. José Miranda do Vale, médico-veterinário.
- 28 — *Criação de Porcos*, pelo dr. Joaquim Pratas, médico-veterinário.
- 29 — *O Exterior dos Bovideos e suínos*, pelo dr. José Miranda do Vale, médico-veterinário.
- 30 — *Alimentação do Gado* (1.ª parte), pelo dr. C. Lima Alves, engenheiro-agrônomo.
- 31 — *Alimentação do Gado* (2.ª parte), pelo dr. C. Luiz Alves, engenheiro-agrônomo.

## COLECÇÃO DE VULGARIZAÇÃO ARTE

*Velha Lisboa (A)*, por Albino Forjaz de Sampaio.

## COLECÇÃO VULGARIZAÇÃO MÉDICA

- 1 — *Conselhos aos diabéticos*. (Como devo tratar a minha diabetes — Como pode o diabético disciplinado variar a sua dieta — Higiene e regulamento do diabético), pelo Dr. Ernesto Roma.
- 2 — *Higiene e regime da primeira infância*. (Actos e funções fisiológicas da criança, que a mãe deve constantemente vigiar — Higiene e cuidados a ter com a criança — Regime lácteo — O que é a criança saudável), pelo Dr. Salazar de Sousa (Filho).
- 3 — *A Tuberculose*. (O que é — Como se transmite — Marcha da doença — Sintomas — Sanatórios, Hospitais e Casas de Saúde), pelo Dr. Cassiano Neves.
- 4 — *Para emmagrecer*. (Tratamento da obesidade), pela Dr.ª D. Maria Carolina Ramos.
- 5 — *Higiene da Bóca*, pelo Dr. E. J. da Graça Gonçalves.

## CONFERÊNCIAS

*Costa Algarvia (A)*, por Alfredo de Carvalho.

*Epopéia Militar Portuguesa da Última Década do Século XIX e Mousinho de Albuquerque (A)*, por José de Magalhães e Meneses.

*Roteiro do Algarve*, por José Dias Sancho.

*Trindade Maravilhosa (A)*, (Praia da Rocha, Monchique, Sagres), por Mário Lyster Franco.

## CONTOS, NOVELAS E ROMANCES

- Almas dêste Mundo*, por Bourbon e Meneses.  
*Altar de Afectos*, por M. Duarte Lopes.  
*Amor e o Tempo (O)*, por Dr. Augusto de Castro.  
*Bocage*, de Rocha Martins.  
*Cinco Aventuras sem importância*, por Urbano Rodrigues.  
*Coitas de Amor* (3.<sup>a</sup> edição), por Dr. Magnus Bergström.  
*Colecção «Diário de Notícias»*, por diversos autores.  
*Comédia Sentimental (A)*, por Augusto da Costa.  
*Crueldade*, por António Eça de Queiroz.  
*Desenhos Animados*, de Rocha Júnior.  
*Divina Graça*, por M. Duarte Lopes.  
*Duquesa da Bacta (A)*, de Urbano Rodrigues.  
*Espia Negra (A)*, por João Paulo Freire.  
*Fogueira Eterna (A)*, de Amadeu de Freitas (Filho).  
*Ídolo de Carne*, de Urbano Rodrigues.  
*Lendas de Portugal*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*Mort de D. Juan (La)*, por Paulo Osório.  
*Pena Maior*, por D. Alice Ogando.  
*Quem tiver filhas no mundo...*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*Sempre Noiva*, por Mário Barros.  
*Sexo 33*, do Dr. Augusto de Castro.  
*Sinfonia Incompleta*, por Mário Barros.  
*Uma Mulher*, por Mário Barros.

## CRIMINALÍSTICA

- Justiça e a Ciência (A)*, pelo Prof. Dr. Santana Rodrigues.

Este notável livro interessa a médicos e magistrados. Nas suas 148 páginas, o autor, com grande erudição e clareza de linguagem, mostra o que foi a justiça na antiguidade; ensina o que é a química e os seus métodos de análise nas pesquisas judiciárias; descreve a utilidade da fotografia como testemunha e método de investigação; explica a identificação de sangue, o exame de letra e a classificação de documentos.

## CRÍTICA

- Pirene*, pelo Dr. Fidelino de Figueiredo.

## DESPORTO

- Football Association* — As regras do jogo, tradução de A. Ribeiro dos Reis e Ricardo Ornelas.  
*Máquina Humana (A)*, pelo Dr. Salazar Carreira.  
*Método do Sistema Sueco de Educação Física (O)*, pelo Prof. Luiz Furtado Coelho.

## DIREITO E LEGISLAÇÃO

- Código Comercial Português* — Edição actualizada e diplomas complementares (8.<sup>a</sup> edição).  
Esta edição contém, além do texto do *Código Comercial Português*, os seguintes diplomas:

- 1.º — *Código de Falências* (Decreto-lei n.º 25.981 de 26 de Outubro de 1935).
- 2.º — *Lei de 11 de Abril de 1901* (Sociedade por quotas).
- 3.º — *Decretos de 21 de Outubro de 1907*, n.º 17.555, *de 5 de Novembro de 1929*, n.º 17.556, *de 5 de Novembro de 1929*, n.º 21.977, *de 13 de Dezembro de 1932* (Sociedade de Seguros).
- 4.º — *Decretos n.º 1.645, de 15 de Junho de 1915*, n.º 4.118, *de 18 de Abril de 1918*, e *lei n.º 340, de 2 de Agosto de 1915* (Acções privilegiadas).
- 5.º — *Decreto n.º 19.490, de 21 de Março de 1931* (Extracto da Factura).
- 6.º — *Lei uniforme relativa às letras e livranças*.
- 7.º — *Lei uniforme relativa ao cheque*.
- 8.º — *Decreto-lei n.º 27.153, de 31 de Outubro de 1936* (Decreto que estabelece novos livros obrigatórios de escrituração e fixa o capital pelo qual devem ser tributadas diversas sociedades anónimas e comanditas por acções).
- 9.º — *Decreto-lei n.º 27.153 e Despacho Ministerial de 14 de Novembro de 1936*.

## ENSINO PRIMÁRIO

*Jogos de leitura e escrita segundo a metódica global do Dr. Decroly*, pela Professora D. Olinda Tavares dos Santos.  
*O meu quarto livro* (4.ª classe), por D. Jane Bensaúde.

## ENSINO TÉCNICO

*Compêndio de Economia Política*, pelo Professor Dr. António Filomeno Lourenço.  
*Dactilografia*, por Francisco A. Mendes Póvoas.  
*Electricidade e Mecânica* (revista científica), 7 volumes.  
*Elementos de Direito Comercial*, pelo Professor Dr. J. Pires Cardoso.  
*Estenografia*, por Francisco A. Mendes Póvoas.  
*História Económica de Portugal*, pelo Professor Dr. Francisco António Correia:  
     Volume I (D. Afonso Henriques a D. Felipe III)  
     » II (D. João IV ao ultimatum de 1890)  
*Livro de Leitura* (vol. I. — Para uso do 1.º e 2.º anos das Escolas Comerciais), pelos Professores Drs. Samuel de Matos Agostinho de Oliveira, Fernando Vieira Gonçalves da Silva, Manuel da Silva.  
*Noções de Contabilidade*, pelo Professor Dr. F. V. Gonçalves da Silva.  
*Noções de Tecnologia e Mercadorias*, pelo Prof. Dr. António Pedro Mendes.

## ENTREVISTAS

POF ANTÓNIO FERRO

*Praça da Concórdia*.  
*Salazar — O Homem e a sua Obra* (3.ª edição).  
*Viagem à Volta das Ditaduras*.

## EPIGRAFIA

*Apostamentos de Epigrafia Portuguesa* (2.ª edição), por J. M. Cordeiro de Sousa.  
*Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo* (2.ª edição), por J. M. Cordeiro de Sousa.  
*Inscrições Sepulcrais da Sé de Lisboa* (2.ª edição), por J. M. Cordeiro de Sousa.

## ESTUDOS SOCIAIS E ECONÓMICOS

*Experiência do Bolchevismo (A)*, por Artur Feiler e tradução de Osório de Oliveira.  
*Moratória Brasileira e a Economia Nacional (A)*, pelo Dr. J. E. Dias Costa.

## FILOLOGIA

*Camilo e o Povo fora dos dicionários*, por António da Costa Leão.  
*Prontuário de Ortografia*, segundo a reforma oficial, 7.<sup>a</sup> edição, muito acrescentada, por António da Costa Leão.  
*Vocabulário Português-Arabe*, por José Ezaguy.

## HISTÓRIA

*Cartas da Rainha D. Mariana Vitória*, pelo Dr. Caetano Beirão.  
*Elementos de História de Portugal*, pelo Dr. Alfredo Pimenta (4.<sup>a</sup> edição).  
*História das Colónias Portuguesas*, de Rocha Martins.  
*Morte do Marquês de Loulé (A)*, pelo Dr. António Cabral.  
*Pântano (O)*, (1580) de João Paulo Freire.  
*Portugal de Algum Dia* (cenas, costumes e usos de outro tempo), por Gustavo Matos Sequeira e Roque Gameiro (3 tomos publicados).  
*D. Sebastião*, pelo Prof. Dr. Queiroz Veloso.

A luz emanada de novos documentos, o eminente Prof. Dr. Queiroz Veloso conseguiu escrever o mais notável estudo histórico sobre a curiosa figura do rei D. Sebastião.

## MONOGRAFIAS

*Évora* (Evocação — A fisionomia da cidade — Évora íntima — Os conventos — A arte, a cultura e a vida), por Matos Sequeira e Alberto Sousa.

## MÚSICAS

*Bicho Homem (O)*, fado de Rui Coelho, letra de Câmara Manuel.  
*Fado Camilo*, por Tomaz Borba, letra de Alberto Pimentel (Edição vulgar).  
*Fado Terras de Portugal*, por Manuel Benjamim, letra de Câmara Manuel.  
*Marialvas*, (one step) por Rui Coelho, letra de Câmara Manuel.  
*Marias de Portugal*, (canção) por Rui Coelho, letra de Câmara Manuel.

## NOVELA ACTUAL

- 1 — *O Homem dos dois corações*, de Rocha Martins.
- 2 — *Cinco mil francos por mês*, por Reinaldo Ferreira.
- 3 — *O Drama da Sombra*, por Ferreira de Castro.
- 4 — *Minha Mulher*, por W. Fernandez Flores.
- 5 — *Noite de Nupcias*, por Lourenço Caiola. (Esgotado).
- 6 — *A que matou por amor*, por D. Emilia de Sousa Costa.
- 7 — *O Art. 438.º*, por D. Carmen de Burgos, tradução de Lopes de Sousa.
- 8 — *A Bailarina Negra*, por Guedes de Amorim.

## POESIA

- Caravela ao Mar*, pelo Dr. Pedro Homem de Melo, com prefácio do Dr. Agostinho de Campos.  
*Fábulas e Historietas*, por Acácio de Paiva.  
*Musa ao Volante*, quadras por J. F. Brito, com prefácio de Albino Forjaz de Sampaio.  
*Poema de Fátima*, por Augusto Santa Rita.  
*Promontório Sacro (O)*, por Dr. Cândido Guerreiro, (edição ilustrada com aguarelas de distintos artistas).  
*Robaiyat*, por Omar Khayyam, interpretação de Gomes Monteiro.  
*Rouxinol Cativo*, de Rocha Júnior.

## PUERICULTURA

- Mãe e Filho*, pelo Prof. Dr. Ferreira de Mira.  
*A Arte de Educar*, pelo Prof. Dr. Ferreira de Mira.

## ROMANCES POPULARES

(*Folhetins do «Diário de Notícias»*)

- Casa Misteriosa*, por Maurice Leblanc.  
*Colar da Morta*, por Henri Demesse.  
*Companheiros do Ódio*, por Gabriel Bernard.  
*Duas Mártires (As)*, por René Vincy.  
*Filha do Assassinado (A)*, por Henri Demesse.  
*Guida a Florista*, por Henri Demesse.  
*Juramento Sagrado*, por Jean Martet.  
*Linda Aparição*, por H. J. Magog.  
*Mistério da Mala Vermelha*, por H. J. Magog.  
*Mistério do Rápido de Paris (O)*, por René Pujol.  
*Na Pista do Automóvel Cinzento*, por H. J. Magog.  
*Prova de Amor*, por Gabriel Bernard.  
*Romance duma engeitada*, por Luiz Feuillad.  
*Satanaz*, por Gabriel Bernard.  
*Segrêdo das Chaves (O)*, por J. J. Joseph Renaud.  
*Segrêdo de Patrício (O)*, por Pierre Chainé e Noré Brunel.  
*Teia do Mal (A)*, por Albert Jean.  
*Torre de Nesle*, (ou Os Amores de Margarida de Borgonha), por Miguel Zévaco — dois volumes.

## TEATRO

- Amor*, pelo Dr. Augusto de Castro.  
*Auto de Aclamação de El-Rei D. João II* — Cruz de Guerra, de A. Cardoso dos Santos.  
*Auto das Flores* (Teatro Infantil), por A. L. de Carvalho, música do maestro Armando Leça e ilustrações de Maria Carneiro.  
*Este Pecado de Amar*, de D. Alice Ogando.  
*Inimigo (O)*, por Cristiano Lima.  
*Leonor de Lancastre* (tragédia duma grande alma), pelo Dr. Fernando Correia.  
*Mulheres — Dois Caminhos*, por D. Alice Ogando.

- Perfume do Pecado (O)*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Sol Poente*, pelo Dr. Ramada Curto.  
*Tesouro da Casa Amarela (O)*, (teatro infantil) por D. Fernanda de Castro e ilustrações de D. Sara Afonso.

## VIAGENS

- Como eu vi o Brasil*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*Jornadas de uma côrte marroquina*, por Urbano Rodrigues.  
*Jornal de um correspondente de guerra em Espanha*, por José Augusto.  
*Passeio a Marrocos*, por Urbano Rodrigues.  
*Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, por Ferreira de Castro.  
 Obra monumental em 10 tomos referentes a: Andorra — Ilha de Rodés — Irlanda e Calçada dos Gigantes — Ilha de Monte Cristo e Castelo de Iff — Maiorca (Balcares) — Cartago e Túnis — Córsega — Açóres — Malta, Pompeia e Nápoles — Madeira — Monte Carlo — Riviera Francesa — Riviera Italiana — Palestina: Jerusalém, Nazaré, Betlem, etc. — Egipto: Cairo, Alexandria, o Nilo, o Deserto, etc.  
 Esta obra é ilustrada com centenas de gravuras, lindas fotografias dos mais famosos ou mais pitorescos lugares que Ferreira de Castro descreve. Tem, além disso, esplendorosas tricromias, feitas por artistas célebres, e muitas das suas páginas são impressas a duas côres. O papel empregado é o *couché*, isto é, o melhor papel que existe para trabalhos dêste género.  
*Terras de Mistério (Marrocos)*, por Oldemiro César.

## OBRAS DIVERSAS

- Cartas a uma Brasileira*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*D. Carlos*, de Amadeu de Freitas, (Filho).  
*Cidade de Mármore*, por José Sarmento.  
*Cidade dos Fantasmas (A)*, por Belo Redondo.  
*Feira de Amostras*, por Luiz Teixeira.  
*Filosofia Elementar da Rádio*, pelo Eng. Paulo de Brito Aranha.  
*Fogueira Eterna (A)*, de Amadeu de Freitas (Filho).  
*Greta Garbo (História da sua vida)*, por César Arconada e tradução de Augusto Pinto.  
*Guia Hidrotéapico de Portugal*, pelo Dr. Ascensão Contreiras.  
*Imagens da Europa vistas da minha janela*, pelo Dr. Augusto de Castro.  
*Latino Coelho, Poeta e Amoroso*, por Arlindo Varela.  
*Mulher no Lar (A)*, por D. Emilia de Sousa Costa.  
*Poeira do Caminho (Vinte e sete anos de vida literária — Páginas escolhidas)*, por Albino Forjaz de Sampaio, com prefácio do Dr. Ricardo Jorge e retrato do autor pelo ilustre pintor Carlos Reis.  
*Por que me orgulho de ser português*, de Albino Forjaz de Sampaio.  
*Tôrre do Tombo*, por João Paulo Freire.  
*Kaiser Guilherme II*, por Emilio Ludwig.

## ÚLTIMAS OBRAS EDITADAS PELA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

- Castelo de S. Jorge em Lisboa (O)*, pelo Eng. A. Vieira da Silva.  
*Judeus e os Protocolos dos sábios de Sião (Os)*, por João Paulo Freire (Mário). 4 volumes.  
*Recompensa — Peça em 3 actos.*  
*As Duas Mães — Idem.*

*Consciência* — Idem.

de Ramada Curto.

*Cartas de Sá de Miranda* — 1 vol. — pelo Dr. Teixeira Leite.

*Grandes Reportagens de Outros tempos* — 1 vol. — pelo dr. Caetano Beirão.

*História de Portugal*, pelo dr. Monteiro Serra.

*O Imposto do Sêlo*.

*Frutos Maravilhosos da Arvore Nacional*, pelo Prof. Luiz Schwalbach.

*Pimpinela* — Peça infantil em 3 actos e 12 quadros, por Pereira Coelho e Dr. Norberto Lopes.

*Notícias do Passado*, por J. Cordeiro de Sousa.

*Profetas e Profecias* — 3.<sup>a</sup> edição — por João Paulo Freire.

*O Marquês de Pombal Desterrado*, de Rocha Martins.

*A Selva* (edição de luxo), por Ferreira de Castro.

*O Cão Amarelo*.

*Album de Maravilhas*.

*Lisboa do meu tempo e do passado — Do Rossio ao Poço do Borratém*, por João Paulo Freire.

*Os Amôres, os Ciúmes e a Graça de Camilo*, por António Cabral.

*Vida de Campo*, pelo Prof. Dr. Ferreira de Mira.

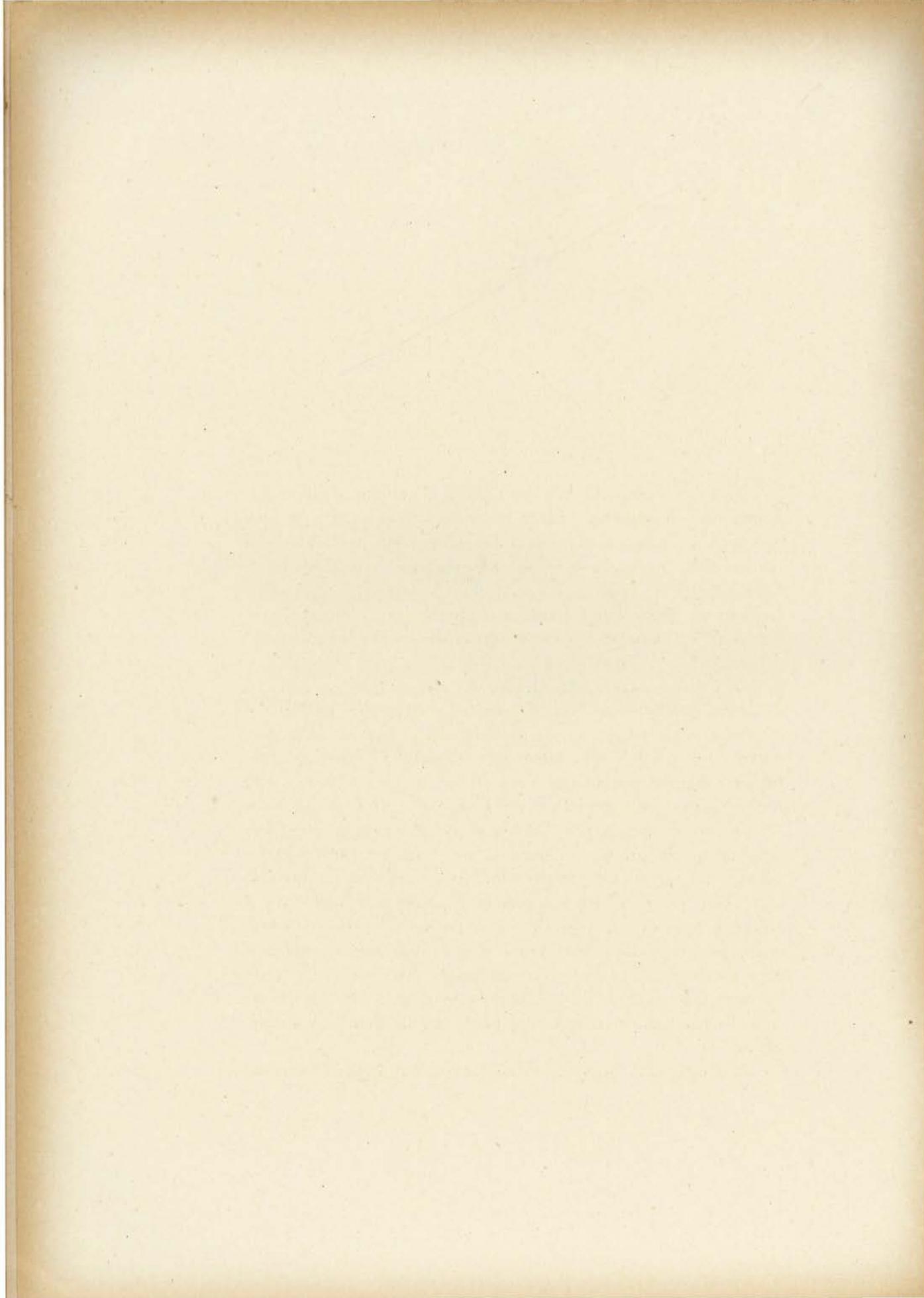
*História da Vida e Martírio da Gloriosa Virgem Santa Iria*, pelo Mestre Frei Isidoro de Barreira.

*Os Grandes Vultos da Restauração de Portugal*, de Rocha Martins.



## CAPÍTULO SÉTIMO

O que é, o que vale e o que representa, na vida social, desportista e económica do País a iniciativa da «Volta a Portugal em bicicleta». Como se faz, jornalisticamente, a reportagem da «Volta» — A Inglaterra e Portugal, segundo Urbano Rodrigues — Um episódio de relêvo, na vida de um repórter, depoimento de Belo Redondo



1 — A «Volta» é, como se sabe, a maior prova desportiva portuguesa — maior em tudo: em organização, que é a mais complicada e dispendiosa; em projecção no entusiasmo popular porque dura duas semanas e todos os dias tem um ou dois vencedores, à parte a classificação geral; em popularidade, porque o ciclismo é, depois do futebol, o desporto mais divulgado em Portugal; e, sobretudo, como extensão desportiva, isto é, como divulgação do desporto, pois os melhores atletas da especialidade e toda a vasta organização da «Volta» são conhecidos, graças à iniciativa do *Diário de Notícias*, em todos os pontos do País, até mesmo nos pequenos centros populacionais onde a idéa desportiva, em geral, é desconhecida, ou quasi. É, especialmente, sob este último aspecto que deve ser encarada a «Volta» pelo seu interesse como projecção do *Diário de Notícias* no País.

O facto de, de ano para ano, se variar, tanto quanto possível, o itinerário da prova, de modo a meter no percurso o maior número de terras, tem contribuído para aumentar o interesse local, bem patente, aliás, através das recepções e festas que é hábito fazerem-se nos finais de etapa e do elevado número de prémios com que todas as terras, até as mais humildes, contribuem para galardoar os melhores classificados ou — por um critério bairrista que também se revela aqui — para o 1.º que passar em tal parte, para o 1.º corredor beirão ou algarvio que se classificar, etc.

A propaganda do *Diário de Notícias* nas Províncias como

organizador da «Volta» deve ser das mais proveitosas. Sente-se em prova de tamanha envergadura, com uma organização tão perfeita e completa, o poder do «primeiro jornal do País». Isso deve ter o seu efeito nas populações provincianas que se habituam a ouvir falar do jornal e a ver as suas realizações.

A «Volta» representa para o *Diário de Notícias* um grande esforço, mas é também um grande factor de propaganda do Desporto e de propaganda do jornal.

2 — A reportagem da «Volta» para o *Diário de Notícias* não tem qualquer ligação directa com a organização geral. Sendo o assunto de manifesto interesse público e tratado, portanto, por todos os jornais, cujos representantes acompanham a prova, impõe-se à reportagem do *Diário de Notícias* não ser inferior à de qualquer outro periódico. E isto por duas razões: porque é lícito que seja êle — como organizador e único responsável pelas despesas — o que melhor partido possa tirar do acontecimento junto do público; e porque, afinal, também não se compreenderia que êle gastasse rios de dinheiro para que os outros, que não gastam um centavo, se aproveitassem jornalisticamente do assunto, prejudicando-o — ainda mais do que já o prejudicam...

A reportagem do *Diário de Notícias* tem, de resto, conseguido sempre possuir o condão de ser mais sugestiva, mais variada — e mais exacta.

Últimamente, a reportagem é feita por três elementos: um que explora o assunto sob todos os pontos de vista exteriores ao aspecto desportivo, isto é, sob os pontos de vista literário, anedótico, turístico, de comentário da projecção da prova no público, etc.; outro que descreve, dia a dia, a prova sob o ponto de vista desportivo e está encarregado das entrevistas com as figuras do dia, os atletas que mais se destacaram, etc.; e um terceiro incumbido dos comentários técnicos, que cuida das classificações e dos «tempos», que faz o relato das chegadas. Um destes três redactores ou um quarto encarrega-se das reportagens das festas locais, recepções, distribuições de prémios, etc.

Nos automóveis em que se deslocam êstes elementos ou em outros escolhidos especialmente para êsse fim, seguem os fotógrafos, geralmente dois, que recolhem os aspectos gráficos mais

curiosos, parando no percurso, adiantando-se ou atrasando-se, de modo a que não se percam os pormenores curiosos.

A chegada ao final da etapa, o chefe destes serviços, que é sempre um dos redactores, prepara o envio das reportagens para Lisboa. Escritos os relatos, retiradas das máquinas as chapas fotográficas, utiliza-se o automóvel ou a motocicleta para a expedição do serviço para Lisboa ou para ligação com os combóios, quando os há a horas convenientes e quando há tempo para o fazer. Em geral, porém, as reportagens são transmitidas para



Volta a Portugal em 1938, 19 de Agosto — Outro aspecto

Lisboa por telefone, mais raramente pelo telégrafo, às vezes pelos dois sistemas. Como em muitos sítios do País não há telefone, torna-se necessário que os redactores se desloquem, após terminada a etapa do dia, a outra localidade onde tal ligação seja possível com Lisboa. Essa é a parte mais «trágica» da reportagem...

Para a reportagem da «Volta» já se utilizou o avião.

Na redacção do *Diário de Notícias* em Lisboa, monta-se para o serviço da «Volta» uma secção especial. Como o serviço

vem, em geral, todo pelo telefone e há necessidade de o receber o mais rapidamente possível, organiza-se essa secção da seguinte maneira:

Em sala independente da Redacção, instalam-se dois ou três telefones, junto dos quais ficam duas pessoas — uma delas é, em geral, um repórter que se encarrega de ouvir o que lhe diz o seu colega que anda a fazer a reportagem da «Volta»; a outra pessoa é um dactilógrafo que, na sua máquina, vai escrevendo o que ouve pronunciar em voz alta ao repórter que está ao telefone.

As folhas dactilografadas com a reportagem transmitida por êste processo vão depois para as mãos de dois redactores que corrigem os erros de transmissão, de audição e do dactilógrafo, que esclarecem dúvidas, que modificam, reduzindo ou ampliando, conforme as exigências de espaço do jornal, etc.

Um chefe de secção revê todo o material, estuda a disposição gráfica, faz os títulos, escolhe e marca os tamanhos das provas de gravura pelas chapas fotográficas já reveladas, acompanha a paginação, etc.

Isto faz-se, geralmente, depois das 20 horas. Normalmente, os elementos encarregados da reportagem não jantam; e os que em Lisboa tratam do assunto não dormem, senão de madrugada alta...

Êste e tantos outros aspectos de sacrifício na reportagem da «Volta» são aspectos muito curiosos, mas que não vale a pena contar porque são vulgares, todos os dias, em outros serviços do jornal.

Ao lado da reportagem para o jornal, há outro serviço análogo — o da informação para os *placards*. Às vezes — como sucedeu em parte da «Volta» de 1939 — êste é feito por um dos redactores, mas, em geral, há e deve manter-se uma organização diversa com outros elementos. Aí, não há muito que escrever, mas é preciso ganhar tempo e lutar com os competidores para que o *Diário de Notícias* seja o primeiro a ser informado e a informar o público dos resultados do dia.

A luta toma aspectos «bélicos» quando, por acaso, há só uma linha telefónica na terra que é final de etapa, ou quando

não há linha alguma... Neste caso, recorre-se ao telégrafo ou à localidade mais próxima com telefone.

Em Lisboa, o serviço da recepção e distribuição de *placards* especiais da «Volta» para todos os pontos do País tem também a sua organização igualmente curiosa.

3 — Indubitavelmente, a popularidade do *Diário de Notícias*, popularidade alcançada através do próprio interêsse da prova chega a reflectir-se nos redactores que a acompanham. O nome do jornal anda de bôca em bôca por essas terras da província e pessoas que nunca leram o jornal aprendem a conhecê-lo. O interêsse que despertam os serviços de reportagem da prova é enorme. O desejo de querer conhecer «como se faz o jornal» é evidente. Êste contacto com uma grande organização jornalística constitue também magnífica propaganda para o *Diário de Notícias* na sua ânsia sempre crescente de bem servir o seu público.

#### FERNANDO TEIXEIRA (1)

---

(1) Fernando Ferreira Teixeira, 29 anos. Licenciado em Ciências Biológicas. Estudou nas Universidades do Pôrto e de Lisboa. Frequentou também a Faculdade de Medicina do Pôrto. Foi presidente da Associação Profissional dos Estudantes de Medicina, director da Associação Académica do Pôrto e fundador da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências da mesma cidade. Foi director da revista universitária «Germen» e promotor de vários movimentos de interêsse cultural e de assistência no Pôrto. Fêz conferências sobre «O perigo da lepra», «A função do estudante» e «A vida de Goethe» (1930-32). Tomou parte no Congresso dos Anatomistas (1931).

Em 1933, começou a trabalhar na Delegação do *Diário de Notícias* no Pôrto, fazendo a reportagem da Exposição Colonial. Em 1934, entrou para a redacção em Lisboa. Trabalha actualmente nas secções de Estrangeiro, Províncias e Crítica Cinematográfica. Tem feito também reportagens regionalistas e desportivas. Colaborou na realização das seguintes iniciativas do jornal: Parada de Bombeiros Voluntários, Concurso de Bandas Cívicas, I e II Congressos de Automobilismo e Aviação, Cortejo Folclórico, Congresso Nacional de Transportes, Organizações Automobilísticas e Volta a Portugal em bicicleta.

Em 1938, foi director do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Como profissional da Imprensa, tem trabalhado também nas seguintes publicações: *Imagem*, *O Volante*, *Movimento*, *Eva*, *Os Sports* e *Medicina*.



Dr. Fernando Teixeira



Urbano Rodrigues

## A INGLATERRA E PORTUGAL — segundo Urbano Rodrigues

Pedem-me que aponte o momento mais solene da minha vida de chefe da Redacção dêste jornal. Se me é permitido não recordarei qualquer episódio dessa minha nunca ambicionada nem estimada comissão de serviço e citarei o instante supremo da minha carreira no *Diário de Notícias*.

Está registado no número de 13 de Maio de 1937, nos seguintes dizeres impressos a normando no alto da 1.<sup>a</sup> página:

### SAUDAÇÃO DA INGLATERRA A PORTUGAL

**Anthony Eden dirige, através do Diário de Notícias, uma mensagem ao povo português**

Abrindo uma única excepção à velha tradição da Grã-Bretanha que impede os secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros de fazerem declarações à Imprensa, «The right honorable» Anthony Eden recebeu ontem o nosso enviado especial Urbano Rodrigues, com quem conversou largamente, tendo-lhe confiado uma mensagem ao Povo Português para ser transmitida através do *Diário de Notícias*.

Esta alta distinção, concedida no momento histórico da

sagração do novo Rei, para ser publicada no dia de hoje, assume um transcendente significado político. O *Diário de Notícias* honra-se em ser o porta-voz das palavras do Governo inglês, falando em nome da Nação aliada à Nação Portuguesa.

Eis o texto da mensagem:

*Dá-me grande satisfação ter esta oportunidade para dirigir, por intermédio do «Diário de Notícias», ao Povo Português os meus melhores votos pela continuação da sua prosperidade. Nenhum inglês esquece que Portugal é o seu mais antigo aliado, e todos sentem alegria em que a amizade que há tempo existe entre nós seja ainda hoje tão forte. É especialmente animador saber que tanto aqui como em Portugal se está cuidando do fortalecimento dos laços de cultura entre os dois países.*

*Palácio de Whitehall, gabinete do secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, 11 de Maio de 1937.*

(a) Anthony Eden

Para a minha modéstia é suficiente lembrar o facto de ter conseguido ligar o nome do *Diário de Notícias* a um instrumento diplomático.

URBANO RODRIGUES (2)

---

(2) Urbano Rodrigues iniciou a sua carreira jornalística na *Vanguarda* dirigido por Magalhães Lima, em 1906. Passou pelas redacções de *O Século* e do *País* e depois entrou para o *Mundo* onde foi subindo de posição até ser seu director. Sendo ainda estudante do Curso Superior de Letras, tomou, com Carlos Frederico Parreira, a iniciativa das manifestações nacionais a Teófilo Braga pelas suas bodas de ouro de escritor. Está publicado um livro *Cinquenta Anos de Vida Mental* em que o seu nome figura como organizador da homenagem.

Tem representadas algumas peças de teatro, entre elas *Maria da Graça* que subiu à cena no Teatro D. Maria II, em 1910. Publicou os seguintes livros: *Coração, A Duquesa de Baeta, O Idolo de Carne, Cinco aventuras sem importância* (romances), *Passeio a Marrocos* e *Jornadas de uma corte marroquina* (viagens). Entrou para o *Diário de Notícias* em Fevereiro de 1934.

## UM EPISÓDIO DE RELÉVO NA VIDA DE UM REPÓRTER — depoimento de Belo Redondo

Das minhas campanhas no *Diário de Notícias*, a que fiz em cooperação com o sábio professor dr. Azevedo Neves e que intitulei «Salvemos as raparigas!» foi a de maior repercussão no espírito público, tendo chegado, em prova da popularidade que alcançou, aos teatros de revista e a quási tôda a Imprensa portuguesa. O senso crítico nacional encontrou nela motivos de chalaceante pitoresco; mas ganhou-se um asilo para raparigas em perigo moral e aperfeiçoou-se o serviço de protecção às menores desamparadas.

A campanha a que mais quero, porém, a que deixou mais funda impressão na minha alma, pelo sofrimento e pela ventura que me deu, acentuando o prestígio do meu jornal, foi a da tromba de água na Serra da Estrêla. De tantos espectáculos horríveis, tenebrosos e comoventes que passaram na minha pena, em quási um quarto de século de trabalho, êsse foi o mais sentido.

Multidões angustiadas entregavam-se, sem esperança e sem remédio, à mágoa mais desesperadora. A Morte descera os socalcos da Estrêla e apagara a alegria nos casais floridos, enchera de luto os corações, levava o desconfôrto a tôda a parte. Devastadas as terras de sementeira, destruídas centenas de lares, cortadas as estradas, alterados os cursos dos rios, num espectáculo vivo de miséria e dor — senti-me contagiado da angústia geral e cheguei a escrever, de coração confrangido: — «Nunca mais voltará o arado a sulcar a terra bendita, fecundando-a ao som das canções dos límpidos arroios...»

Mas eis que, por um milagre do alto prestígio do *Diário de Notícias*, o espectáculo de desolação apareceu nítido, nas suas côres pungentes, aos olhos do País. Um ministro generoso — o sr. tenente-coronel Carvalho Teixeira — impressionou-se e acorreu ao local da catástrofe. E, quando a fome já rondava às portas dos camponeses, o Govêrno votou uma verba de 3 mil contos, para assistir aos sinistrados e reparar os prejuízos. Consertaram-se as estradas, desassoriou-se a gleba, reconstruíram-se

os casais, remoçaram as almas em alegria e o arado voltou a sulcar a terra bendita...

A catástrofe verificou-se na tarde de 20 de Maio de 1927. Uma grande nuvem negra surgiu do lado das Penhas Douradas, enchendo o céu. Foi engrandecendo-se e engrossando, como um ôdre gigantesco e pavoroso. De repente, eram 16 horas, rompeu-se com brusquidão e uma grande massa de água tom- bou sôbre os concelhos de Gouveia e Celorico da Beira.

Desde 1836 que não havia memória de ter-se dado na Serra tal desgraça. Sob o impulso demoníaco das águas em torvelinho rolaram pedras de postura secular, caíram como castelos de cartas as casas, os moínhos e os açudes transformaram em torrentes de lama as culturas. Num momento perdeu-se o trabalho de muitos anos, morreram dezenas de animais. E, à noite, ante as terras devastadas, as populações de Vila Cortês, Melo, Folgozinho, Linhares, Carrapichana, S. Cosme da Serra, Freixo e Figueiró mergulhavam no desespero mais aflitivo.

Por singular dictame do Destino, nem uma vida humana se perdera. E eis por que foi fácil, duas semanas depois, sob o impulso e pela generosa campanha do *Diário de Notícias*, ver florir em sorrisos o sofrimento de uma multidão restituída para as salutares alegrias do trabalho, mercê da generosidade de um ministro que sabia ler jornais...



Belo Redondo



A reportagem, que exige um conjunto complexo de qualidades pessoais e profissionais, é a arte primacial do jornalismo. E o «repórter», mórmente nos órgãos de informação, é o ele-

mento fundamental, o fulcro de tôda a acção. O *facto prima* sôbre a *opinião* e, por isso, no jornalismo de agora, o «repórter» supera o crítico, o comentarista, o técnico, por mais prestigiosos que estes sejam. Na sua paixão de esgotarem os assuntos, estes tomam, geralmente, muito espaço no jornal cada vez mais variado dos nossos dias, e por isso se tende a relegá-los para o livro, onde seus conceitos e pontos de vista podem ter maior amplitude.

O jornal fica quási só para o «repórter» — e tanto que o crítico está hoje limitado à função de simples noticiarista. Por outro lado, alargam-se os horizontes da reportagem. A notícia, para ser publicável, há de ter côr, conceito, dinamismo; é artigo, crónica e relato, ao mesmo tempo. A acção do «repórter» é, assim, a expressão viva e flagrante do jornalismo, nas suas impressionantes e sugestivas fulgurações.

### BELO REDONDO (3)

---

(3) Ernesto Belo Redondo, escritor e jornalista, nasceu em Lisboa, a 12 de Abril de 1900, e cursou o Liceu de Pedro Nunes e a Escola Comercial de Ferreira Borges.

Foi um dos fundadores do Escotismo em Portugal, tendo sido guia de uma patrulha e vice-presidente do Grupo de Escoteiros Lusitanos.

Desportista, praticou o futebol, remo, tiro de guerra, atletismo e hockey em campo, no Club Naval, Club Internacional de Futebol e Sport Lisboa e Benfica. Foi o criador do hockey em Setúbal e primeiro presidente da Associação regional daquele distrito. Foi campeão nacional da marcha atlética e fêz parte dos grupos vencedores dos campeonatos de hockey em 1926-27, 1927-28 e 1928-29. Colaborou largamente na Imprensa desportiva, sendo actualmente o mais antigo dos colaboradores de *Os Sports*.

Iniciou-se no jornalismo aos 14 anos. Em 1915, tinha apenas 15 anos, fêz, graciosamente, várias reportagens para o *Diário de Notícias*, principalmente no período da revolução de 14 de Maio. Em 1916, manteve uma larga colaboração em *O Século* (edição da noite) e, em 21 de Março de 1917, entrou no profissionalismo jornalístico, como repórter do *Diário de Notícias*. Foi redactor de *O Século*, onde exerceu os cargos de chefe das secções Política e de Ruas, devendo destacar-se, entre outros trabalhos seus, a parte policial da campanha respeitante à burla do Banco Angola e Metrópole, a do assassinio da actriz Maria Alves, a do crime da Poça das Feiticeiras, etc., reportagens que apaixonaram largamente a opinião pública.

Como enviado especial do *Diário de Notícias*, fêz quatro viagens à Alemanha, para estudar a evolução do nazismo, em 1929, 1930, 1932 e 1933, tendo visitado a França, a Bélgica, Holanda e Dinamarca. Durante seis meses — os primeiros da II República Espanhola — conservou-se em Espanha, como delegado do *Diário de Notícias*, tendo voltado ali, no final de 1937, durante a guerra civil, como enviado especial do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Em 1934, como enviado especial do *Diário de Notícias*, foi ao Brasil, para fazer a reportagem da visita do Cardial Cerejeira e a restauração do regime constitucional pelo Presidente Getúlio Vargas.

Foi o primeiro jornalista português que utilizou a telegrafia e a telefonia sem fios

na transmissão de reportagens e o primeiro que sentiu as emoções da acrobacia aérea, voando em 1919 com Gaston Bourgeois.

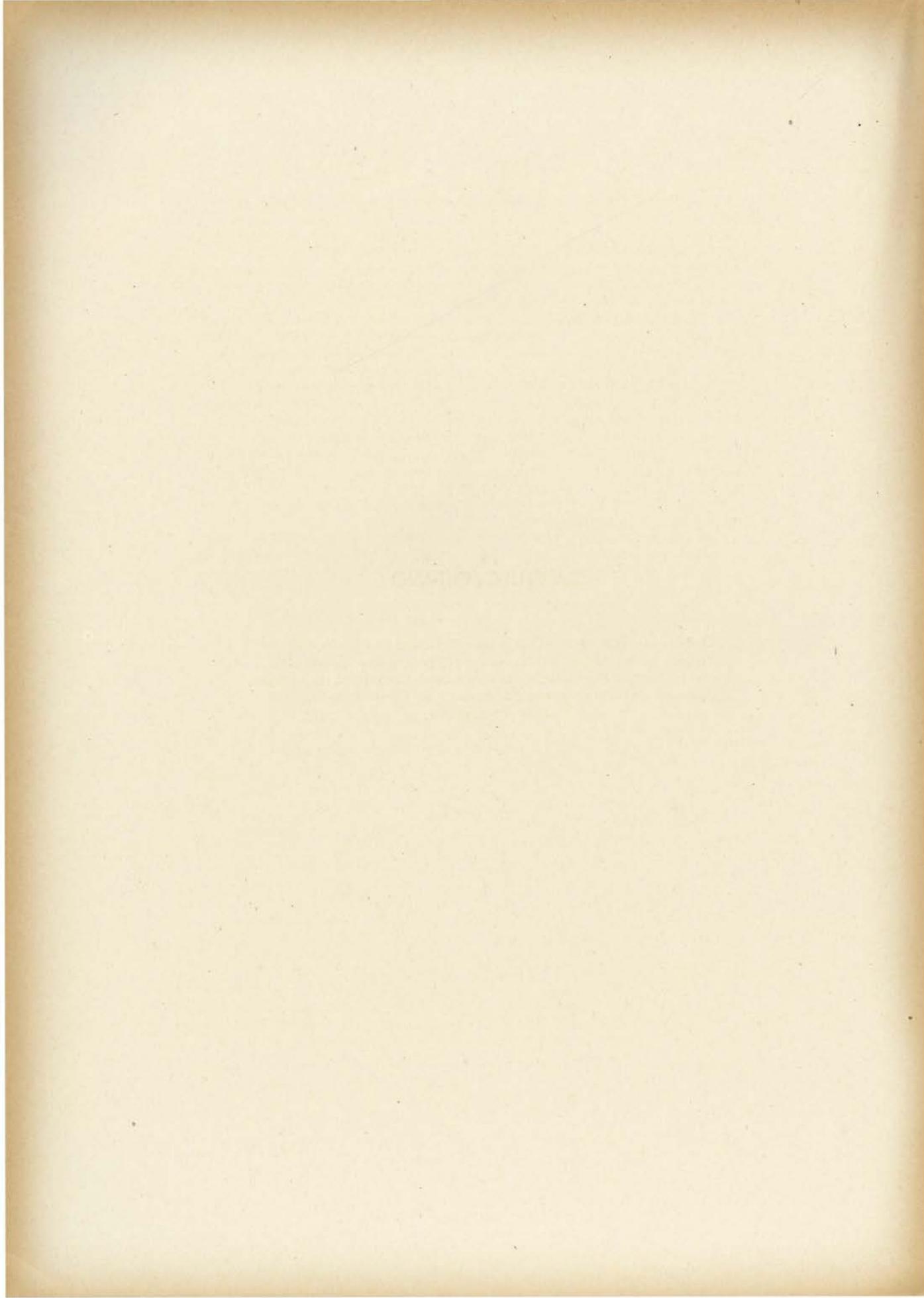
Devem-se lhe, entre outras campanhas, a da inocência do cantoneiro João Rasteiro, libertado por influência do *Diário de Notícias* ao fim de 6 anos de vida penitenciária; a intitulada «Salvem as raparigas!», de colaboração com o prof. dr. Azevedo Neves; a do «Oh, graxa!», em favor dos engraxadores ambulantes; e outra a favor dos sinistrados da tromba de água na Serra da Estrêla, em 1927.

Entrevistou, entre outros, Hitler, Marconi, Joffre, Diaz, Lloyd George, Alberto I, Conde de Eu, Vandervelde, Artur Bernardes, Epiácio Pessoa, Getúlio Vargas, Afrânio Peixoto, Octávio Mangabeira, Alcalá Zamora, Franco, Lerroux e quasi todos os grandes portugueses do nosso tempo. Na redacção do *Diário de Notícias* tem prestado serviço em tôdas as secções, havendo exercido algumas vezes, interinamente, o cargo de subchefe da redacção. Foi redactor-principal do diário *A Notícia* e colaborou, entre muitos outros jornais, no *Diário de Lisboa*, *Diário da Tarde*, *Repórter X*, *O Rebate*, *Notícias Ilustrado*, *O Diabo*, etc. Representa em Portugal o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.

Pertence à Associação Brasileira de Imprensa e foi fundador e director da Casa dos Jornalistas, Sindicato dos Profissionais da Imprensa e Caixa de Previdência do S. P. I. L.

Publicou os seguintes trabalhos literários: *Cantares*, 1918; *O homem que matou Barbosa*, 1925; *A Criminalidade e o Desporto*, 1928; *S. João do triste amor*, 1928; *A Cidade Maldita* (romance premiado), 1929; *A Cidade dos Fantasmas*, 1933 e 1934; e *Crimes e Criminosos Célebres*, de colaboração com Tomé Vieira, 1939. E colaborou em: *Uma hora de jornalismo*, 1925; *O Livro do Repórter X*, 1937; e *Congresso Geral de Transportes*, 1939.

Em 1935, com Silva Tavares, Xavier de Magalhães e Fernando Ávila, escreveu a revista *A Perna de Pau*, que esteve em cena no Teatro Apolo.



## CAPITULO OITAVO

O que representa o «Diário de Notícias» na economia da Nação, como fôrça construtiva — Depoimentos da Associação Industrial Portuguesa, da Associação Comercial de Lisboa (Câmara de Comércio) e da Associação Central da Agricultura Portuguesa



## DEPOIMENTO DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

**S**OU perguntado sôbre o que representa o *Diário de Notícias* na Economia da Nação, como força construtiva. Muito fácil e muito difícil, simultâneamente, se me afigura responder a tal pergunta.

Difícil porque o muito que de bom há que dizer a tal respeito, porventura encheria bastantes laudas; fácil porque a missão do *Diário de Notícias*, na sociedade portuguesa, não só no campo económico, como no da cultura e da orientação geral da população portuguesa, tem sido, desde a sua fundação, o mais activa e o mais benèficamente eficaz, que um órgão de Imprensa, em qualquer parte do Mundo, pode ser.

Reconhecendo-o, apenas presto justiça a um dos mais importantes cotidianos portugueses e, sem dúvida, honra da Imprensa de Portugal. Pelo que respeita à Economia Nacional, a acção do *Diário de Notícias* é bem de assinalar e de servir de modelo,



José Maria Álvares

pois nunca a Associação a que presido ou qualquer outro organismo similar recorreu à sua Redacção, que não encontrasse nela, imediato e valioso auxílio.

José Maria Álvares (1)

## DEPOIMENTO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA — CÂMARA DE COMÉRCIO

O 75.º aniversário do *Diário de Notícias* que êle com legítimo júbilo comemora, leva-nos a evocar que a Imprensa é sob múltiplos aspectos, na moderna idade da civilização, preciosa colaboradora nos progressos económicos das nações.

A produção industrial e agrícola, as irradiações do comércio exterior devem à propaganda que ela amplia e faz chegar a tôdas as regiões e continentes, os mais relevantes serviços.

Em Portugal êste facto demonstra-se ainda numa circunstância impressiva: — o aparecimento da nossa grande Imprensa diária e noticiosa coincide com o período em que, sob a Regeneração e a seguir a ela, a actividade económica do país entra na sua fase de definitivo desenvolvimento.

Os quinze lustros da vida do *Diário de Notícias* que assina-

---

(1) Álvares (José Maria). Industrial, nasceu em Borba, a 19 de Maio de 1875. Tem o curso da Cristal's Palace School of Practical Engineering. Foi ministro da Agricultura em 1920, e deputado, vogal do Tribunal de Contas, delegado do Governo junto do Consórcio Português de Conservas de Sardinhas, vogal das Juntas Autónomas das Estradas e Hidráulica Agrícola, presidente das comissões administrativas da Feira de Amostras da Indústria Nacional, realizada no Estoril, em 1929, e da Grande Exposição Industrial Portuguesa, levada a efeito, em Lisboa, no Parque Eduardo VII, em 1932 e 1933, e que atingiu, principalmente no primeiro ciclo, 1932, um extraordinário brilhantismo. É, já há alguns anos, presidente da direcção da Associação Industrial Portuguesa, e director da revista mensal *Indústria Portuguesa*. Goza, nos meios industrial e comercial, de excepcional prestígio, e desempenha os cargos de presidente do conselho de administração das fábricas Vulcano e Colares, administrador das Companhias Reunidas Gás e Electricidade e da Aero Portuguesa, membro do conselho fiscal da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, vogal dos Conselhos Superiores dos Caminhos de Ferro e Técnico das Indústrias e vogal da Comissão Revisora de Pautas e da Comissão de Superintendência da Bolsa de Mercadorias de Lisboa. Possui a grã-cruz do Mérito Industrial e o grande officialato da Ordem de Cristo, e pertence, entre outras agremiações, à Sociedade de Geografia de Lisboa e ao Rotary Club. Tem publicada a tese que apresentou ao 1.º Congresso da Indústria Portuguesa, efectuado em 1935, intitulada *Concorrência do Estado às actividades industriais particulares*.

lam o seu destacante lugar na Imprensa portuguesa, documentam esta verificação histórica. As suas páginas não notaram somente acontecimentos da nossa vida social e política. Muitas vezes trataram com estímulo dos progressos da economia nacional.

A Associação Comercial de Lisboa, que no terceiro e brilhante período da sua existência mais que centenária viveu e colaborou tão intensamente nessa obra de ressurgimento, pode testemunhá-lo recordando que a acção e iniciativas em defesa do Comércio Português têm encontrado no *Diário de Notícias* apoio e aplausos que ela regista sempre com o seu maior apreço.

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA (2)

### DEPOIMENTO DA ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUESA

Neste ano 1940, de gloriosas recordações, em que a alma portuguesa celebra os aniversários do nascimento da sua nacionalidade, fundação da sua Pátria, e o da sua definitiva indepen-

---

(2) Joaquim Roque da Fonseca, comerciante, industrial e publicista. Procurador à Câmara Corporativa. Presidente da Associação Comercial de Lisboa — Câmara do Comércio. Vogal: do Conselho Técnico Aduaneiro; da Comissão Revisora de Pautas; da Junta Autónoma de Estradas; do Conselho Superior de Viação; do Conselho de Turismo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Presidente da Assembléia Geral da Sociedade Nacional de Tipografia. Director dos Serviços Comerciais da Exposição do Mundo Português. Director do Automóvel Club de Portugal. Vice-presidente da Delegação Nacional Portuguesa da Câmara de Comércio Internacional. Vogal do Conselho de Administração da «Tobis Portuguesa».

Possue entre outras condecorações: Comendas: da Ordem de Cristo; da Ordem de Mérito Industrial e da Ordem de Sant'Iago da Espada; Grande Oficialato da Ordem da Águia Alemã com Estrêlas.

É sócio do Instituto de Coimbra, e sócio honorário da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro.

Tem publicado entre outros os seguintes trabalhos: *A migração de capitais* — Tese apresentada ao Congresso das Associações Comerciais e Industriais Portuguesas, Lisboa, 1923; *O Comércio de Lisboa, os Tribunais do Comércio e as leis comerciais* — Discurso proferido na reinstalação do Tribunal do Comércio na sua antiga sede, 1932; *Portugal, país de turismo* — Conferência realizada no Automóvel Club de Portugal, 1932 — Duas edições em português, uma em francês e uma em espanhol; *Le remplacement des passe-ports par des cartes d'identité et de tourisme* — Proposition présentée au Congrès de l'Alliance Internationale de Tourisme, Roma, 1933; *Expansão económica de Portugal* — Conferência realizada na Associação Comercial de Lisboa, 1933; *Cem anos em defesa da economia nacional* — História da Associação Comercial de Lisboa, 1934; *O centenário*



Roque da Fonseca



Conde de Penha Garcia

dência como nação livre, comemora o *Diário de Notícias* as suas Bodas de Diamante, ao cabo de três quartos de século de trabalho honrado e profícuo em prol da instrução popular.

O *Diário de Notícias* soube, pelo seu alto senso patriótico, impor-se na História da Imprensa de Portugal, como força construtiva e civilizadora, e como órgão eminentemente valioso da instrução popular.

Saúdamos vivamente o prestigioso diário, tão fecundo na função utilitária e educativa das suas valiosas Secções, e deseja-

---

*da Associação Comercial de Lisboa* — Elogio histórico pronunciado na Câmara Municipal de Lisboa, 1934; *Possibilidades da criação de uma união económica portuguesa* — Tese apresentada ao Congresso do Intercâmbio comercial com as Colónias, Pórtio, 1934; *Do turismo nacional e sua organização* — Tese apresentada ao I Congresso de Automobilismo e Aviação Civil, Pórtio, 1935; *A urbanização de Lisboa e o comércio da capital* — Conferência realizada na Câmara Municipal de Lisboa, 1935; *Croisières de tourisme en automobile* — Proposition présentée au Congrès de l'Alliance Internationale de Tourisme, Budapest, 1935; *A comissão de pautas* — Discurso proferido na sessão comemorativa do centenário da Comissão Revisora de Pautas, 1935; *O turismo e a economia nacional* — Discurso inaugural do I Congresso Nacional de Turismo, Lisboa, 1936; *Le Portugal et ses principaux produits d'exportation* — In Bulletin de la Société Belge d'Etudes et d'Expansion n.º 101, 1936; *Portugal e o seu comércio exterior* — Conferência realizada na Associação Comercial de Lisboa e repetida na Associação Industrial Portuense, 1938.

Tomou parte em vários congressos nacionais e internacionais.

mos-lhe um futuro sólido, e tão brilhante como brilhantes são as tradições do seu passado.

O Vice-Presidente da Direcção

JOSÉ PENHA GARCIA (3)

---

(3) Dr. José Penha Garcia (Conde de Penha Garcia). Licenciado em ciências económicas e financeiras pela Universidade de Genebra. Aluno da Escola de Ciências Políticas de Paris.

Desempenhou várias comissões de serviço (Comissão do Desemprego, Bolsa de Mercadorias de Lisboa, Fomento Pecuário, etc.).

Tem representado o nosso País em vários congressos internacionais e foi delegado do Ministério da Agricultura na Conferência Económica do Império.

Secretário Geral dos Congressos Internacionais de Olivicultura e da Vinha e do Vinho.

Também apresentou teses e relatórios em vários congressos nacionais e estrangeiros. Subsecretário de Estado da Agricultura. Deputado. Exerceu as funções de Presidente da Junta Nacional do Vinho.

Além da colaboração na imprensa diária e em revistas portuguesas e estrangeiras, publicou os seguintes trabalhos: *O direito da Nacionalidade* (Berlim); *Organisation politique et administrative de l'Empire Colonial Portugais* (1935); *La crise agricole* (Genève 1930); *O problema do azeite* (1938).

Faleceu em Lisboa a 25 de Abril de 1940 e da notícia da sua morte inserta no *Diário de Notícias* de 26-IV-40, recortamos as seguintes notas biográficas que completam as que acima registámos:

«O sr. conde de Penha Garcia — dr. José Capelo Franco Frazão — que ontem, de manhã, morreu na Casa de Saúde de Benfica, rodeado de seus filhos, irmãos e sobrinhos, foi uma das figuras mais prestigiosas da vida portuguesa, nestes últimos cinqüenta anos. O seu nome andava sempre estreitamente ligado a quanto, não só no País, mas também, e muitas vezes, no estrangeiro, se fazia a bem de Portugal.

Individualidade de relêvo, pela sua inteligência, cultura e distinção, as esferas oficiais e altos organismos particulares freqüentemente o escolheram como seu condigno representante, em manifestações de toda a natureza. Não têm conta as missões delicadas e importantes que exerceu no estrangeiro, como delegado de governos do País. Igualmente não é possível enumerar os postos eminentes que em Portugal ocupou, como presidente de vários congressos, comissões, direcções de grêmios culturais, desportivos, etc. A sua vida, pode bem dizer-se, foi de constantes e brilhantes serviços rendidos à Nação. É, portanto, uma personalidade que da Nação merece, na hora da sua morte, rendido preito de veneração e de pesar.

O sr. conde de Penha Garcia nasceu no solar de seus pais, em Capinha, no concelho de Fundão, em 1872.

Pertencia a uma família de lavradores-aristocratas da Beira Baixa. E êle próprio, ainda que homem de sociedade, cidadão, europeu, internacional em sua aparência, continuou sempre a ser um senhor de largas terras de cultivo, que estremecia, que vigiava e cuja produção orientava com muitos cuidados e carinhos.

Formou-se o conde de Penha Garcia em Direito pela Universidade de Coimbra e mais tarde em Ciências Morais e Políticas, na da Sorbonne. E como economista e colonialista se distinguiu especialmente pela vida fora.

A política tentou-o, em dada altura. Militou no partido progressista, foi deputado

em várias legislaturas e Ministro da Fazenda num governo formado por José Luciano de Castro, em Dezembro de 1905.

Quando da cisão João Franco, de quem era primo, acompanhou esse estadista na sua orientação política.

Freqüentador do Paço e amigo pessoal do Rei D. Carlos, como também, e mais tarde, amigo e conselheiro de seu filho D. Manuel, o conde de Penha Garcia, ainda que não político de combate, pois era isso contrário a seu feitio, foi um dos sustentáculos da monarquia portuguesa, nos últimos anos da vigência desse regime. O conde de Penha Garcia era o presidente da Câmara dos Deputados, ao advento da República.

Homisiou-se, então, voluntariamente, e voltou a Genebra, onde residiu alguns anos e onde era tão estimado e apreciado que esse burgo chegou a nomeá-lo seu cidadão honorário, dignidade raramente ali concedida a estrangeiros.

Esteve também noutras capitais europeias, onde fez conferências notáveis, a exaltar e engrandecer o nome português.

Durante a Grande Guerra foi notável a sua acção a favor dos prisioneiros portugueses na Alemanha.

Sem renegar credos, por espírito conciliador, patriotismo, e principalmente por seus méritos — que os tinha e muito de aproveitar — nunca deixou de ser útil ao seu País e também utilizado e mais tarde, acalmadas as paixões políticas, por governos da Nação em várias missões oficiais.

Os problemas coloniais (e as colónias portuguesas muito lhe deveram, pela acção exercida nalgumas dessas missões) principiaram a interessá-lo. E foi um perito e entendido em tais assuntos. Quando em anos sucessivos pertenceu à delegação portuguesa à S. D. N., esse organismo internacional, em determinado momento, elegeu-o membro permanente da sua Comissão de Mandatos, uma das mais importantes. A actuação do conde de Penha Garcia nesse lugar levar-nos-ia a largas e lisonjeiras considerações a seu respeito.

O conde de Penha Garcia — já o dissemos — ocupou muitos altos cargos oficiais e particulares. Era ainda, que nos lembre, presidente do Instituto Colonial Internacional, delegado ao «Comité» Olímpico Internacional, presidente da delegação desse «Comité» em Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde exerceu papel notabilíssimo, da Sociedade de Propaganda de Portugal, da comissão organizadora do Congresso Colonial, membro efectivo do Tribunal Permanente de Arbitragem, do Conselho Superior do Império, vogal do Conselho Superior das Colónias, da Academia Diplomática Internacional, director da Escola Superior Colonial, membro da Comissão Executiva dos Centenários.

Pertencera ainda à primeira direcção da União Velocipédica Portuguesa. O Instituto «Carnegie» tinha-o como dos seus membros mais dilectos.

Fôra, também, presidente do Rotary Clube de Lisboa, da Federação Portuguesa de Egrima, da Sociedade Promotora de Educação Física, etc.

Conferencista brilhante, orador muito equilibrado e calmo, publicista, cronista, o conde de Penha Garcia era pessoa de fino trato, conversando admiravelmente e sendo de superior encanto o seu convívio.

Foi um dos portugueses do nosso tempo que mais viajou e se instruiu nessas viagens.

O sr. conde de Penha Garcia possuía quasi tôdas as condecorações nacionais e mais de uma centena de estrangeiras.

A última conferência que fez, no estrangeiro, foi em Roma, há dois anos.

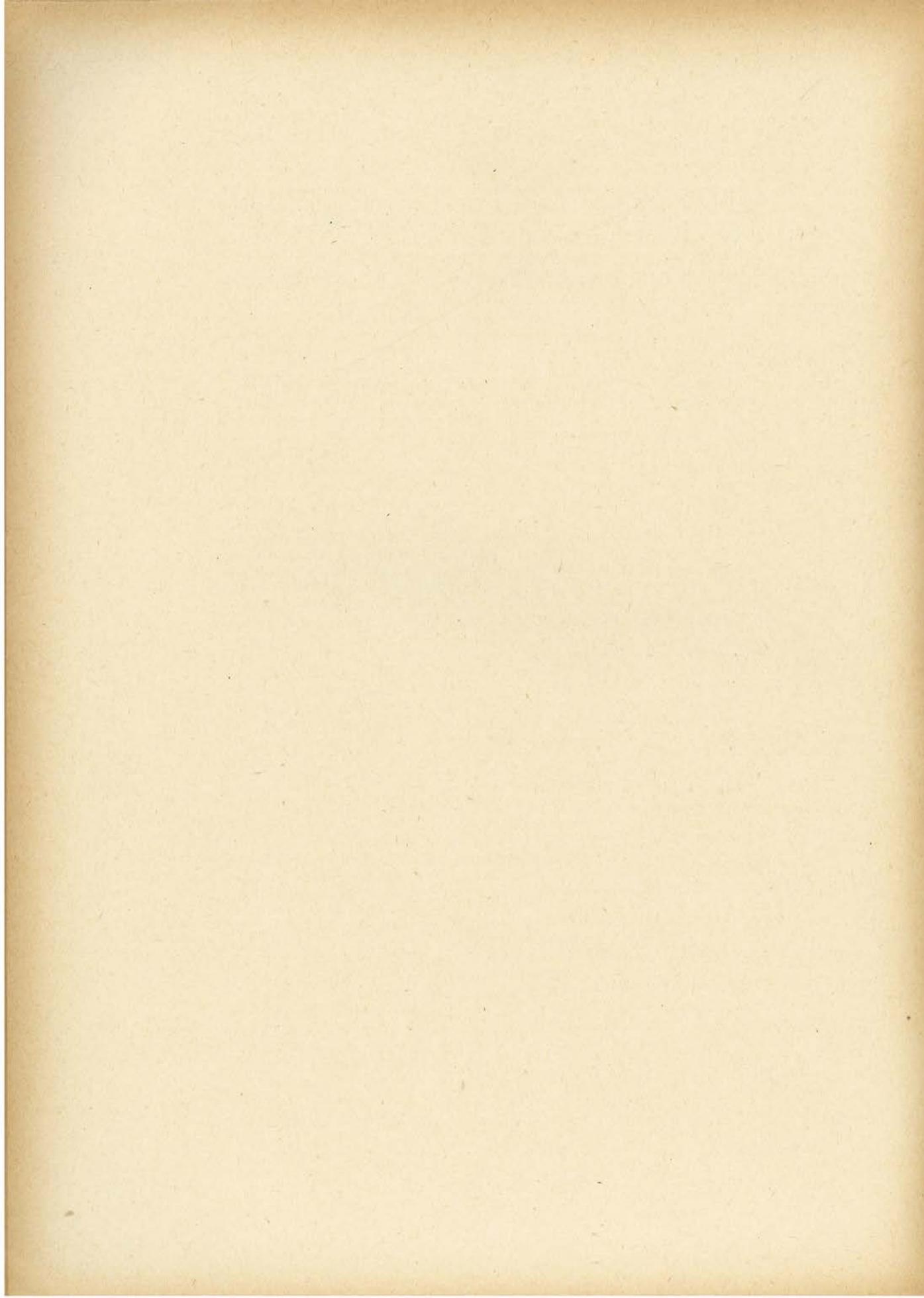
Uma das últimas viagens: a Pretória, há perto de dois anos, também, quando ali lhe nasceu um neto. E as últimas homenagens que se lhe renderam foram as da Câmara Municipal do Pôrto e da Universidade de Coimbra, convidando-o a pertencer às comissões de honra de seus congressos.

Uma das notas, mais conhecidas pelo grande público, da sua biografia, foi a do famoso duelo que teve com o dr. Afonso Costa, seu antigo condiscípulo e amigo, ainda

em tempo da monarquia, depois de o desafiar em pleno Parlamento, por causa das tão faladas cartas de Serpa Pimentel, e em que esse estadista ficou ferido num braço.

O sr. conde de Penha Garcia há cerca de mês e meio deu entrada na mencionada Casa de Saúde, a fim de ali fazer uma operação melindrosa.

Estava dela convalescente, quando, no domingo passado, um ataque de uremia lhe pôs em perigo a vida. E assim esteve até ontem, às 10.30 horas, em que exalou o último suspiro».



## CAPÍTULO NONO

O «Diário de Notícias» no Algarve — Depoimento  
do dr. Mário Lyster Franco



## O «Diário de Notícias» no Algarve

**D**EDEM-ME algumas palavras sôbre o que tem sido a acção do *Diário de Notícias* em terras algarvias. Tarefa, até certo ponto ingrata, essa que se me solicita. Ligado como estou, há cêrca de 12 anos, a essa mesma acção, de tal forma me sinto confundido e identificado com ela, que sou talvez a pessoa menos indicada para dar-lhe o justo relêvo. Ela me forçará a falar de mim, a ter que invocar um pouco daquilo que eu próprio fiz e, ainda que a minha actividade dentro do referido jornal haja sido sempre subordinada ao beneplácito e às instruções de quem o orienta superiormente e jamais teria sido possível sem essa aprovação e essas instruções, isto é, de uma forma geral, sempre espinhoso e sempre aborrecido.

Eu ainda sou do tempo em que o *Diário de Notícias*, no Algarve, nem sequer era apregoado pelas ruas. Jornal desde início eminentemente popular, mas feito principalmente para Lisboa, não atingia, nem de longe, os milhares que hoje comporta, o número dos seus leitores em terras algarvias. A situação era, ao que suponho, igual em tôdas as províncias e justo se torna salientar que foi precisamente a mesma pessoa que neste momento tão brilhantemente o dirige, que, na sua primeira passagem pela direcção a que voltou quasi por direito próprio, modificou a orientação até então seguida.

De grande jornal lisboeta, o *Diário de Notícias* pôde passar a afirmar-se «a maior tiragem e expansão de todos os jornais portugueses».

O meu afastamento do Algarve, no período que decorre de 1920 a 1927, impede-me de avaliar o que teria sido a acção do grande jornal dentro desse período. Mas regressado ao ninho meu paterno, após a formatura que coincidiu, como é natural, com a minha entrada na vida pública da província, eu posso recordar a memorável acção dispendida pelo sr. dr. Alfredo de Carvalho, ao tempo seu redactor cronista no Algarve, na brilhante série de entrevistas que por essa altura levou a efeito, a propósito da idéia, aliás por mim lançada na Imprensa local, da realização de um II Congresso Regional Algarvio. Não foi a iniciativa por diante, mas tudo quanto a província tinha de mais representativo acorreu então à chamada, que foi uma autêntica parada de valores, e essa brilhante série de entrevistas só encontrou rival na notável série de crónicas que o mesmo professor escreveu então, focando os mais importantes problemas regionais e tocando o sino grande da propaganda turística, que a proximidade da Exposição de Sevilha punha nesse momento em plena equação. Vem a talho de foice relembrar que o *Diário de Notícias* promoveu nessa época várias conferências de propaganda regional, sob o alto patrocínio da primeira autoridade do distrito, que lhe deu a honra de assistir a tôdas. E se, precisamente à primeira, àquela que eu próprio fui convidado a realizar em Lagos, na noite de 20 de Maio de 1928, faltou o brilho que as minhas pobres palavras lhe não podiam dar, essa deficiência foi bem compensada pelos notáveis trabalhos do sr. dr. Alfredo de Carvalho, que falou em Olhão sobre a «Costa Algarvia», e do malogrado escritor e meu saudável amigo José Dias Sancho, a quem a morte já rondava de muito perto, e que versou em Faro, com o talento de que era dotado e de forma curiosíssima, o tema que se propusera: «Roteiro do Algarve».

O afastamento do sr. dr. Alfredo de Carvalho das terras algarvias, levou-me ao lugar que êle tão brilhantemente desempenhara. Nas colunas do *Diário de Notícias* iniciou-se então uma larga campanha em prol das Caldas de Monchique. Em numerosos artigos e entrevistas, de nada menos de 26 dá notícia o meu arquivo, o problema da magnífica estância balnear do sul foi focado em todos os seus aspectos e pode-se afirmar mesmo, sem receio de desmentido sério, que a boa vontade e o interesse

que as Caldas nos últimos anos têm encontrado junto das entidades superiores, foram em grande parte resultado dessa campanha, pois as Caldas estavam esquecidas e ela marca, de forma iniludível, o início da época de ressurgimento que presentemente estão atravessando. Quási tôdas as câmaras da província, a Junta Geral do Distrito e o próprio governador civil, oficiaram então



O representante do «Diário de Notícias» no Algarve, falando, em Loulé, na cerimónia da inauguração do monumento ao escritor Ataíde Oliveira, iniciativa do «Diário de Notícias»

ao *Diário de Notícias* aplaudindo incondicionalmente e agradecendo os seus esforços. E tanta foi a repercussão que essa campanha teve no país inteiro, que meses depois, tendo eu visitado em Lisboa um estabelecimento termal, pelo respectivo proprietário me foi insinuado o desejo de que eu desenvolvesse pelas suas uma campanha semelhante, procurando informar-se ao

mesmo tempo junto de pessoas amigas, quantos contos de réis custara aquilo... Pois... nem sequer aos 5\$00 do banho, me costumam poupar quando lá vou...

Iniciada desta forma a minha humilde colaboração no referido jornal, pode dizer-se que não mais houve problema de interesse regional que nas suas acolhedoras colunas não fôsse interessadamente debatido.

As obras do pôrto comum de Faro-Olhão, dos portos de Portimão e Lagos e de todos os outros portos da província; as necessidades de todos os concelhos, desde «Alcoutim, a desprezada» até Vila do Bispo; as aspirações das pequeninas terras, Guia e Cachopo, Alte, Quarteira, Fuzeta e tantas mais, tão legítimas afinal, como as dos grandes centros; a campanha vitoriosa contra a «formiga argentina», que estava constituindo o grande flagelo dos campos algarvios; o abastecimento de águas a Albufeira, já transformado em viva realidade; a criação da freguesia de Armação de Pera, pouco tempo depois tornada um facto; o problema das novas instalações do Liceu de Faro, agora de novo em plena agitação, e o das escolas técnicas e primárias da mesma cidade; a questão agrária no Algarve; as obras indispensáveis, e pouco depois realizadas, para que se não arruinasse mais o castelo de Castro Marim; a defesa da Cruz de Portugal, em Silves, e a necessidade de reintegração da Sé da mesma cidade, agora quasi concluída e a que se não têm regateado os merecidos louvores; o problema da arborização da serra; o estabelecimento termal de Tavira, as ruínas do Milreu e as possíveis caldas de Benémola e Fonte Santa, no concelho de Loulé; a questão suscitada e sempre latente entre os cêrcos e as armações; o problema da emigração clandestina cujo debater provocou as disposições governamentais que reclamavamos; as várias crises que em diferentes épocas afectaram o comércio de exportação, a indústria das conservas e a indústria da pesca; o problema do Hospital de Faro e, de uma forma geral, o de toda a assistência no Algarve; a necessidade da realização do II Congresso de Pesca e de Conservas; a questão, em tempo tão debatida, do álcool de alfarroba; a campanha justamente vitoriosa dos escudos das terras da província que estavam sendo sistematicamente modificados; a idéia do monumento ao Infante, em Sagres, então lançada no *Diário*

de *Notícias* pelo falecido escritor Henrique Lopes de Mendonça; o problema da classificação de vários edifícios como Monumento Nacional e do indispensável resguardo de outros; o serviço de socorros a náufragos; êstes e outros problemas e tantíssimos outros mais, foram focados no *Diário de Notícias* em muitas centenas de artigos. Saliente-se ainda, por exemplo, a iniciativa do monumento ao escritor Ataíde Oliveira, em Loulé, que, lançada em 26 de Maio de 1929, era um facto em 10 de Agosto de 1930, data em que foi inaugurado, e a do monumento ao grande Bispo D. Francisco Gomes do Avelar, que, defendida com interesse em 1928, breve será realidade.

Se a todos êstes assuntos, a cada um dos quais se dedicou por vezes mais de uma dezena de artigos acrescentarmos uma intensa propaganda das belezas algarvias, do Algarve estação de inverno, das amendoeiras em flor, da Praia da Rocha e de tôdas as outras praias da província, e mais algumas dezenas de simples crónicas de interesse histórico e arqueológico, mas que mereceram, quási tôdas, a honra de ser transcritas não só na Imprensa regional, mas até, por vezes, pela Imprensa brasileira e argentina, e se a isto se acrescentar ainda a parte de reportagem pròpriamente dita, em que se deu o mais justo realce a tudo quanto na província e até no sul de Espanha, o merecia, de facto, e a parte pròpriamente noticiosa, emanada não só de Faro, mas também dos 61 correspondentes que o *Diário de Notícias* mantém no Algarve inteiro, poderemos avaliar com facilidade o que tem sido a acção desenvolvida pelo mesmo jornal nestas abençoadas terras do sul.

Inicialmente, antes da falta de espaço constituir o mais afliativo problema da grande Imprensa portuguesa, chegavam-se a



Dr. Mário Lyster Franco

publicar sobre o Algarve, 8 e 10 artigos por mês, na sua quasi totalidade ilustrados com os mais flagrantos aspectos da provincia, e a parte noticiosa ascendeu, por exemplo, em 1929, a uma média de mais de 100 noticias mensais.

São portanto algumas centenas de artigos e aproximam-se de um milhão, se é que o não excedem mesmo, as noticias que, na última década, o *Diário de Noticias* tem consagrado ao Algarve.

Ponho desde já os meus arquivos à disposição de quem duvide.

É esta a sua grande acção em prol das terras algarvias.

E eu, meditando um pouco, aqui deixo esta pergunta a que não temo a resposta:

¿Haverá por aí, qualquer jornal que tenha feito muito mais?

MÁRIO LYSER FRANCO (1)

---

(1) Mário Lyster Franco, filho do conhecido pintor dos mesmos apelidos — conservador adjunto do Museu Arqueológico de Faro —, bacharel formado em direito pela Universidade de Lisboa, nasceu em Faro, a 19 de Fevereiro de 1902. Desde muito novo que se tem dedicado ao jornalismo e, quando estudante do Liceu de Faro, dirigiu na mesma cidade um pequeno jornal de propaganda regionalista. Em Lisboa, quando escolar de leis, colaborou com certa assiduidade no *Tempo* e em *A Palavra* e foi redactor efectivo de *A Pátria*. Assumiu as funções de redactor distrital do *Diário de Noticias* no Algarve, em Outubro de 1928. Desde esse mesmo ano que faz parte da Comissão de Turismo da sua terra natal, a cuja Câmara Municipal já por duas vezes e por largos anos presidiu. Foi também vogal da Junta Geral do Distrito e faz presentemente parte da Comissão Regional das Comemorações Centenárias. Em vários pontos da provincia e mesmo em Lisboa, no Teatro do Ginnásio, por exemplo, tem realizado várias conferencias de propaganda regional. É sócio do Grupo Português de História das Ciências e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Tem já 3 ou 4 livros publicados e em preparação uma obra a que dedica o mais decidido interesse e em que trabalha há perto de 10 anos: «Subsídios para a bibliografia do Algarve». É também Oficial da Ordem Militar de Cristo e colaborador assíduo de grande número de jornais e revistas nacionais e estrangeiras, da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, etc.

## CAPÍTULO DÉCIMO

O «Diário de Notícias» no Império Colonial Português.  
Uma memorável campanha pró-Colónias — Depoimento  
do ilustre colonialista sr. coronel Lopes Galvão



**U**M grande jornal português tem de ser um jornal para todos os portugueses: portugueses d'aquém e d'além mar; portugueses da metrópole e das Colónias; portugueses de Portugal e do estrangeiro.

¿Em relação às nossas colónias, como cumpre o *Diário de Notícias* essa missão?

Para responder a esta pergunta, necessário se torna definir a missão.

¿Deverá ser de carácter meramente noticioso? Quere dizer: ¿deve o jornal ir dizendo, dia a dia, o que se passa em cada uma das Colónias, à semelhança do que faz dentro do território continental?

Essa função, interessante sem dúvida, é já hoje uma função do passado.

Quando no Ultramar não havia Imprensa, ou, quando nas Colónias onde a havia, ela não atingira um certo desenvolvimento, os coloniais que viviam na Metrópole e as famílias dos que pelas Colónias mourejavam, esperavam ansiosamente por lêr correspondências das terras ultramarinas onde tinham vivido, ou onde tinham os entes queridos.

Mas o desenvolvimento da Imprensa no Ultramar, por um lado, e a facilidade de comunicações pelo outro, vieram tirar a uma tal função todo o seu valor.

Hoje, quem se interessa pelo que se passa em Angola, em Moçambique, em Macau, ou na Índia, lê os jornais de lá.

E quem tem família nas Colónias carteia-se por avião. E assim, quando as notícias que os jornais inserem são do conhecimento do público, já são velhas para aquêles a quem mais podem interessar.

É certo que os jornais também podem dar notícias recebidas por avião, mas com a facilidade e barateza das comunicações particulares, e a divulgação que tem tido a Imprensa colonial, as correspondências do ultramar perderam de interêsse.

É por isso que hoje em dia nenhum jornal as insere.

Mas, quando elas tiveram oportunidade e fizeram a sua época, o *Diário de Notícias* soube corresponder a essa necessidade.

Muitos se devem recordar ainda das interessantes crónicas mandadas de Lourenço Marques durante mais de uma dezena de anos, pelo então capitão ou major de Engenharia Henrique Barahona e Costa. Êste distinto oficial, felizmente ainda vivo, foi durante muitos anos director das Obras Públicas da colónia de Moçambique e era o correspondente do *Diário de Notícias* em Lourenço Marques.

Desde 1893, ao que supomos, até 1910, ano em que deixou a colónia, mandou, com regularidade, as suas crónicas, sempre cheias de interêsse e até com muitas novidades... mesmo para os que lá viviam!

¿Então, porque é que hoje se não publicam já semelhantes correspondências?

Porque os tempos mudaram.

Quando porém acontecimentos de importância se dão em qualquer ponto do território ultramarino, as agências telegráficas com quem os jornais têm contratos, ou os próprios correspondentes dos jornais, que os há por toda a parte, apressam-se a dar dêles notícias, até com pormenores circunstanciados.

E não é só em Portugal que assim se faz. Lá fora é a mesma coisa.

Debalde se procuraria no *Times*, êsse grande jornal de importância mundial, crónicas telegráficas ou postais das colónias inglêsas.

O mesmo, pelo que diz respeito à França, à Holanda, etc.

O Império colonial francês rivaliza em área com o Império colonial inglês.

E nenhum dos seus jornais diários tem secções coloniais. Entretanto o *Diário de Notícias*, de-certo para dar satisfação a uma corrente de opinião que deseja encontrar no jornal que diàriamente lê, notícias do que se vai passando em todo o Império, ainda que tal noticiário seja falho de interêsse, porque não há todos os dias assuntos de grande importânca a divulgar, insere uma secção intitulada: ATRAVÉS DO IMPÉRIO.

Assim procura contentar a todos.

Mas a função de um grande órgão da opinião em relação ao Império Colonial é versar nas suas colunas os grandes acontecimentos e os grandes problemas que ao progresso ou à vida do Ultramar digam respeito. A sua acção não deve ser meramente noticiosa: deve ser esclarecedora dêsses problemas, desempenhando uma função construtiva na acepção mais lata do termo.

Os grandes problemas que nas Colónias há a resolver têm um aspecto técnico e um aspecto económico, quando não político, ou até mesmo social.

O aspecto técnico dos problemas é deixado à consideração das revistas da especialidade. Tôdas as nações as possuem e nós também as temos tido.

E quando elas não existem, suprem a falta as revistas técnicas feitas para o estudo dos problemas da Metrópole.

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, a *Revista da Associação Industrial*, o órgão da Associação dos Engenheiros Civis, etc., repetidas vezes se ocupam de assuntos coloniais, encarando-os pelo seu aspecto técnico e até muitas vezes pelo lado económico. Êste porém, bem como o lado político e social, já fica bem num órgão informativo e noticioso.



Debaixo dêste ponto de vista, o *Diário de Notícias* tem estado sempre na vanguarda do bom combate em defesa dos interêsses vitais das Colónias, esclarecendo os seus problemas e pugnando pela sua resolução.

O *Diário de Notícias* ouve os melhores coloniais, consulta as melhores fontes de informação, recolhe as mais esclarecidas opiniões, e de tudo dá conta aos seus leitores.

Elucida os assuntos, esclarece-os, e procura orientá-los pelo melhor critério.

Quem folheia as suas colecções encontra logo a prova disso. A cada passo se lhe deparam artigos referentes às colónias, versando os mais variados assuntos da sua administração, da sua economia, da sua actividade social.

A defesa do seu bom nome e da sua integridade territorial contra ambições estranhas mal contidas, tem-lhe merecido sempre especial atenção.

E teve a boa sorte de encontrar lá fora correspondentes solícitos, que exercem sôbre a Imprensa estrangeira vigilância acurada pelo que diz respeito às coisas do Ultramar.

Não há jornal ou revista que se intrometa com as nossas Colónias em sentido depreciativo que não sofra logo a sua intervenção, ou para as esclarecer quando é de admitir a sua boa-fé, ou para as castigar com os seus protestos quando a má-fé é manifesta.

Os chamados «balões de ensaio» a que a Imprensa estrangeira tantas vezes recorre, recebem imediata e condigna réplica e são logo «esvaziados», graças à sua intervenção.

E em Portugal sabe-se, sem demora, pelas reportagens que para cá enviam, onde estão os detractores do nosso bom nome, ou os instigadores das campanhas de descrédito e como foram ou devem ser tratados. Pelo menos, ficam sendo conhecidos.

### A situação colonial em 1924

Em fins de 1924, o nosso Império Colonial entrava novamente em crise aguda, mercê de erros que de longe vinham e já o tinham levado por mais de uma vez à beira do abismo, sendo a última em 1913, salvando-o então, milagrosamente, a Grande Guerra, mas à custa de vidas sem conta que perdemos e de uma desorganização económica e financeira de que ainda hoje estamos sofrendo as conseqüências.

A administração colonial havia caído em completo descrédito. O regime das autonomias financeiras e administrativas abrira falência. A panacea dos Altos Comissários para os governos das duas grandes Colónias, imposta pelo Areópago gene-

brino, ou a êste prometida para corrigir deficiências de administração e dar remédio a males crônicos, era exautorada em pleno Parlamento!

As campanhas jornalísticas lá de fora envergonhavam-nos.

Por tôda a parte, cá dentro e lá fora, se ouviam referências, em tom sempre depreciativo, à nossa capacidade colonizadora.

A Imprensa italiana atacava-nos violentamente.

Nomes categorizados daquele país escreviam, em importantes publicações suas, frases como estas: «a acção do Governo Português em Angola continua nula, hoje como no passado»; «a sobrevivência de um império português em África foi já definida como anacrónica».

O intuito de lançar mão de Angola já se manifestava às claras! E se então a colónia não sofreu a sorte que mais tarde teve a Abissínia, foi certamente porque havia mais pretendentes à prêsa, e todos queriam, pelo menos, compartilhar do esbulho. Assim, a Bélgica manifestava também as suas pretensões a parte do território do norte e a um condomínio para o sul, no Lobito, embora não exteriorisasse os seus desejos com as bravatas e com a linguagem despejada da Imprensa italiana.

Por sua vez, a União Sul Africana lançava já as suas vistas para o sul da colónia, a pretexto da delimitação de fronteiras que lhe ofereceria excelente oportunidade para se apossar do melhor que ali possuímos em gente, em terrenos e em possibilidades. Por motivos ignorados fazia em Londres pressão para que Robert Williams não obtivesse dinheiro para acabar o caminho de ferro de Benguela.

A União Sul Africana tinha igualmente os olhos postos sôbre a colónia de Moçambique, pretendendo, para começar, apossar-se, embora pacificamente, do pôrto e caminho de ferro de Lourenço Marques, oferecendo-nos, por favor, um condomínio... nominal. Uma tal ambição havia sido claramente posta ao General Freire de Andrade quando êste ilustre homem público fôra, em missão oficial, ao Cabo da Boa Esperança para negociar uma nova convenção entre Moçambique e a União Sul Africana.

Ali lhe foi claramente expressado o desejo de o Governo da União tomar conta do pôrto e caminho de ferro de Lourenço

Marques, sob a ameaça de ser isolado o distrito com uma cintura de ferro apoiada em Durban e na Beira, pôto que o general Smuts tratava já como coisa sua.

No momento em que a missão diplomática portuguesa ali estava, expressava-se êle por esta forma, num banquete político que lhe havia sido oferecido: «os *boers* não reconhecem limites aos seus domínios; os marcos de fronteira marcham à frente das suas ambições»...

Pode pois dizer-se que a situação era, em 1924, mais grave ainda do que em 1913. E para não lhe faltar semelhança, já se afirmava que o austero Austin Chamberlain havia concertado com a Alemanha um novo plano de partilha das colónias africanas. Lord Churchill em Genebra não nos tratava melhor.

Tornava-se, pois, necessário provocar uma grande reacção, cá dentro e lá fora, para que se não chegasse ao extremo de um condomínio aceito, embora com repugnância, ou de um esbulho imposto nalguma Conferência internacional como em 1885 acontecera.

Os poderes públicos, a-pesar-da sua boa vontade, ilaqueados pela acção parlamentar, mal podiam reagir. Em vão se sugeria que se intentasse acção contra alguns energúmenos americanos que haviam chegado ao cúmulo de promover o nosso descrédito em Genebra. Portugal sentia-se só. Nem a nossa velha aliada dava sinais de nos querer defender como lhe cumpria à face dos tratados. Pelo contrário. Os seus homens públicos contribuíam para mais ensombrar o quadro já de si tão carregado.

## UMA CAMPANHA MEMORÁVEL

### A acção do «Diário de Notícias»

Foi numa atmosfera destas, cheia de desânimos e de incertezas que o *Diário de Notícias* resolveu empenhar-se numa forte campanha pró-colónias, para as defender dos perigos que as ameaçavam. Cá dentro era preciso combater a indiferença de uns e o pessimismo de outros, despertando em todos o sentimento patriótico e o espírito colonial ao tempo bastante adormecido, infelizmente.

Lá fora tornava-se necessário desanuviar a atmosfera hostil que nos havia criado péssimo ambiente, e promover um movimento de simpatia a nosso favor onde fôsse possível criá-lo.

A intervenção tinha de ser rápida e enérgica, capaz de provocar uma forte reacção contra tôdas as ameaças que lá fora nos eram feitas e contra as aleivosias que nos eram assacadas.

Para a propaganda interna criou o *Diário de Notícias* o *Notícias Colonial* e promoveu uma série de conferências que se realizaram nas salas da Sociedade de Geografia. A campanha lá de fora foi conduzida por Paulo Osório que actuou nos meios onde ela podia ser mais eficaz. E como muitos estrangeiros nos atacavam por causa da mão de obra indígena, o *Diário de Notícias* mandou ainda um seu redactor a S. Tomé e a Angola para de lá esclarecer a questão com inteiro conhecimento de causa.

O *Notícias Colonial* era uma página quinzenal que começou a publicar-se em 26 de Dezembro de 1924. Os seus fins ficaram definidos no programa com que se apresentou. Dizia-se assim:

«Há uma obra colossal a realizar no nosso Império Colonial que em horas críticas nos permita afirmar ao Mundo moderno que os nossos direitos a nação colonial são alguma coisa mais do que meramente históricos. Há uma obra de propaganda e orientação a realizar pró-colónias e é para ela que o *Notícias Colonial* aproveitando a enorme publicidade do *Diário de Notícias*, poderá contribuir, cõscio de que prestará um bom serviço a todos os seus leitores e à Pátria.»

O *Notícias Colonial* publicou-se desde Dezembro de 1924 até Março de 1926. Ao todo apareceram 24 números. E não continuou a publicar-se, porque a Agência Geral das Colónias tomou sôbre si o encargo de editar uma publicação que o podia substituir. O *Boletim da Agência Geral das Colónias*, que ainda hoje se publica, foi naturalmente inspirado no *Notícias Colonial* que obteve notável êxito jornalístico.

No *Notícias Colonial* colaboraram os melhores valores do nosso meio colonial.

Eis alguns dêles: Freire de Andrade, Norton de Matos,

Lisboa de Lima, Almirante Ernesto de Vasconcelos, Engenheiro Ernesto Navarro, Dr. António de Aguiar, Dr. Augusto Soares, Tomás W. Fernandes, Almirante Hugo de Lacerda, Dr. Vasco Borges, Coronel Velhinho Correia, Artur Tamagnini Barbosa, Engenheiro Abel Noronha de Andrade, Augusto Casimiro, Dr. Jaime Cortezão, Dr. Bernardino Roque, etc., etc.

Em todos os números aparecia uma crónica chamada «Crónica quinzenal» devida à pena sempre esmerada de Lourenço Caiola, que a assinava com pseudónimo de D'jandol.

A alma da publicação, o seu coordenador e orientador era o Dr. Armando Cortezão, ao tempo Agente Geral das Colónias.

Todos os assuntos que podiam interessar à defesa e à valorização económica do nosso Império Colonial ali foram focados e tratados com elevação e discernimento.

Citemos alguns ao acaso:

A crise de Angola; Os negócios coloniais no Ministério dos Negócios Estrangeiros; As Colónias portuguesas e as Cartas Orgânicas; A administração das nossas Colónias e os altos Comissariados; Política Colonial; Crise Colonial; Angola e as pretensões dos Belgas; A mão de obra indígena e a raça branca em Angola; As Colónias portuguesas em face da Grande Guerra; Defendamos o nosso património Colonial; Exército Nacional e a defesa das Colónias; Portugal e a desforra colonial da Alemanha; Novo projecto de partilha das Colónias Portuguesas; O nosso futuro colonial; As nossas Colónias e os abutres; Lourenço Marques expoente máximo da nossa capacidade colonizadora; As colónias portuguesas e as ameaças de fora; A escravatura e a Sociedade das Nações; Os brancos nas Colónias e a questão das transferências; As nossas Colónias em foco, etc., etc.

De entre os artigos publicados, permitimo-nos destacar um, não por ser dos melhores, ou daqueles que versam grandes problemas, mas porque explicava, até certo ponto, a desorientação em que se vivia.

Intitulava-se o artigo «Reformas e reformadores» e era assinado pelo director geral do Ministério, general Cerveira de Albuquerque.

A actividade colonial do *Diário de Notícias* não se circunscrevia porém à publicação do *Notícias Colonial*. Constantemente

apareciam, em «fundo» do jornal artigos interessantes sobre coisas e aspectos coloniais. Nêles o *Diário de Notícias* assumia sempre uma atitude de absoluta intransigência contra tôdas as tendências desagregadoras.

O novo projecto de partilha das Colónias portuguesas, attribuído a Austin Chamberlain, levantou formidável protesto em que o *Diário de Notícias* tomou parte brilhante, vendo-se aquêl illustre estadista forçado a declarar que não era verdade ter feito qualquer sugestão ou proposta aos alemães.

Quando Angola e Moçambique se mostravam alarmadas com a questão bancária e o problema das transferências, logo o *Diário de Notícias* appareceu com uma série de artigos, esclarecendo o assunto e tranquilizando os interessados.

A viagem dos nossos aviadores às Colónias forneceram ao jornal excelente oportunidade para vários artigos de propaganda Colonial.

Ao mesmo tempo que no corpo do jornal e no *Notícias Colonial* a campanha pró-colónias prosseguia com êxito, outra iniciativa era tomada pelo *Diário de Notícias* para melhor esclarecer a opinião pública e chamar a atenção do país para o problema Colonial.

A nova iniciativa consistiu em promover uma série de conferências sobre os assuntos coloniais do mais palpitante interesse. Para as realizar foram convidadas figuras do maior relêvo nos meios coloniais.

Freire de Andrade falou sobre Moçambique; Norton de Matos sobre Angola; João Tamagnini Barbosa focou o problema português no Extremo Oriente; Ernesto Navarro tratou o problema dos caminhos de ferro coloniais; o Almirante Hugo de Lacerda falou sobre portos; Dr. António Correia de Aguiar occupou-se do problema indígena e Armando Cortezão expôs em duas conferências o problema colonial português nos seus múltiplos aspectos.

O coronel Leite de Magalhães fêz também uma notável conferência em que focou o problema da mão de obra, pulverizando as miseráveis campanhas de descrédito que lá fora se faziam, baseadas nas afirmações gratuitas do célebre Relatório Ross, desmascarado já em vários artigos do jornal.



A campanha no estrangeiro foi confiada ao jornalista Paulo Osório. A sua reportagem foi verdadeiramente notável. Ouvii os homens mais representativos da Bélgica e arrancou dêles afirmações honrosas para Portugal, as quais muito contribuíram para desfazer boatos e tranquilizar o espírito público, justamente alarmado com a insistente campanha que contra nós lá fora se fazia. Foi Paulo Osório que lançou, por ocasião dêsse inquérito, a idéia de uma conferência Luso-Belga, que mais tarde se realizou para regular questões relativas a Angola e ao Congo Belga.

Depuseram no seu inquérito figuras de grande relêvo como o grande colonial Francqui; Fernand Neuray, director do importante órgão da Imprensa belga «Nation Belge»; o Senhor Carton, então Ministro das Colónias; Émile Vandervelde, ministro dos Negócios Estrangeiros e figura de renome mundial; o Senhor Renkin, deputado por Bruxelas e grande influente político; Louis Frank, bem conhecido dos portugueses que tiveram ocasião de o ouvir na Academia das Ciências e na Sociedade de Geografia; o Senhor Joseph Wauters, chefe Socialista, Ministro do Trabalho e director do jornal «Peuple».

Por último obtive uma entrevista com o falecido Rei Alberto, acontecimento que, na época, produziu grande sensação.

Estas reportagens obtiveram assinalado êxito não só entre nós como na Bélgica, tendo merecido justificados elogios de notáveis publicistas como Louis Habran, no jornal «L'Essor Colonial et Maritime».

Como remate dêsse inquérito, inseriu ainda o *Diário de Notícias* uma entrevista com o Senhor Dr. Vasco Borges, ao tempo Ministro dos Negócios Estrangeiros. Nela começou êste ilustre homem público por afirmar que «a situação internacional das nossas Colónias não é alarmante», palavras que bem denunciavam a gravidade da situação. E prestando homenagem ao êxito jornalístico do *Diário de Notícias* afirmou: «A Imprensa é uma grande fôrça». E os factos bem o estavam comprovando.

Com efeito, verificava-se que os ataques feitos lá fora à nossa soberania perdiam de virulência e de importância à medida que a campanha do *Diário de Notícias* se firmava.

A missão às Colónias foi confiada a Armando Boaventura. A campanha contra Portugal lançara também mão do velho tema da escravatura e da mão de obra em S. Tomé e Angola, para nos acusarem, mais uma vez, de esclavagistas.

Então o *Diário de Notícias* resolveu enviar ali um redactor seu, para investigar *in loco* das condições em que a mão de obra era fornecida e utilizada e poder relatar, como verdade, no jornal, o que naquelas duas colónias se estava passando sôbre tal assunto.

Armando Boaventura enviou de lá uma série de brilhantes crónicas onde a mísera acusação foi mais uma vez pulverizada.

!O desafôro dos chocolateiros inglêses e americanos havia chegado ao ponto de irem até junto da Sociedade das Nações denunciar supostos actos de escravatura por nós praticados! Uns eram guiados pelo célebre Dr. Ross; outros pela mão de um negro despeitado.

Mas a acção do General Freire de Andrade, em Genebra, foi decisiva: Apoiado em provas documentais pôde desmascarar tão miserável campanha, quando a questão da mão de obra ali foi tratada.

Quando Freire de Andrade regressou ao país o *Diário de Notícias* obteve dêle uma entrevista através da qual se ficou sabendo o que se havia passado no areópago internacional e o triunfo que Portugal tinha obtido.

Os detractores do nosso bom nome haviam sido derrotados e destroçados. Não se ouviu mais falar dêles.

Com esta acção contra os chocolateiros em África e em Genebra terminara práticamente a campanha do *Diário de Notícias*.

A hostilidade da Imprensa estrangeira atenuara-se ou tinha desaparecido e cá dentro havia agora mais confiança nos nossos destinos imperiais.

Os objectivos primários haviam-se alcançado.

Esta campanha sustentada durante mais de um ano, é das que marcam na vida de um grande jornal.

Se o *Diário de Notícias* nada mais tivesse feito em prol das nossas colónias, êste serviço prestado em tão grave emergência e por sua própria iniciativa, tornava-o já crédor da maior gratidão do país.

Mas a sua acção não parou por aqui.

O jornal continuou a acompanhar de perto a actividade das Colónias como vamos ver.



Logo a seguir à campanha do *Diário de Notícias*, deram-se os acontecimentos do 28 de Maio.

O novo Governo presidido pelo General Gomes da Costa, ouvido pelo jornal em 30 de Junho declarava o seguinte:

«Devemos pôr de parte a doentia e mesquinha política interna para cuidarmos dentro e fora do país dos interêsses das Colónias, grande razão da nossa existência.»

Para dêles tratar convenientemente foi chamado a sobraçar a pasta das Colónias o comandante João Belo, que com tanta devoção e carinho iniciou o que bem se pode chamar: *A nova era do ressurgimento Colonial*.

O financiamento das Colónias e dos grandes organismos a elas ligados, salvando-os da ruína iminente; as suas medidas para a colonização dos vales do Limpopo e do Umbeluzi; o regime do álcool colonial; a regulamentação de mão de obra indígena; a reorganização das Missões religiosas, dando-lhes estatuto adequado; os seus planos de valorização económica e tantos outros problemas por êle abordados ou resolvidos, tiveram sempre no *Diário de Notícias* favorável acolhimento, propaganda pormenorizada e defesa calorosa.

A questão do pôrto da Beira, que tanto o deve ter preocupado, foi largamente tratada no *Diário de Notícias*, que soube esclarecer a opinião pública sôbre o verdadeiro significado das concessões feitas e que tanto haviam alarmado o país.

O caso foi aclarado e a confiança restabeleceu-se.

Foi João Belo quem, pelas suas inteligentes medidas sôbre a economia de Moçambique e oportuna proibição do recrutamento de mão de obra para as Minas, preparou o caminho para uma Convenção justa entre esta Colónia e a União Sul Africana.

O general Hertzog, então presidente do Governo da União,

veio a Lisboa e aqui mesmo negociou uma nova Convenção a que o *Diário de Notícias* fêz largas referências.

Os entendimentos com a Bélgica para a troca de terrenos entre Angola e o Congo Belga; a Convenção com aquêlê país acêrca do trânsito pelo pôrto do Lobito; a delimitação de fronteiras do Sul da colônia com o Sudoeste africano e as negociações complementares para a utilização das águas do Cunene, foram outras tantas negociações que aquêlê illustre colonial pôde levar a bom termo, porque o ambiente colonial se havia modificado completamente.

João Belo morreu quando mais falta fazia à obra tão inteligentemente delineada e que com tanto brilho conduzira.

Vieram outros homens e outras idéias; veio o Acto Colonial, magna carta do Império Colonial, documento que provocou acêsa discussão e sofreu largo debate no Congresso Colonial, então reünido na Sociedade de Geografia. E o *Diário de Notícias* com a sua larga reportagem muito contribuiu para o esclarecer.

Vieram depois as cartas orgânicas; veio a reforma administrativa; vieram as medidas drásticas para se conseguir os equilíbrios orçamentais; vieram várias outras disposições; e depois de tudo arrumado e em ordem, vieram os planos de fomento de Angola e Moçambique.

E tôdas estas medidas e tôdas estas reformas foram largamente divulgadas nas colunas do *Diário de Notícias* que lhes foi dando merecido relêvo.

A crise por que Angola passou e as dificuldades do seu govêrno provocaram uma série de artigos que puseram em destaque as dificuldades financeiras da Colônia e as esclareceram. O incitamento aos colonos para que produzissem cada vez mais e melhor deu excelentes resultados, ressurgindo Angola mais forte, mais florescente e mais produtiva do que nunca.

Enfim: não tem havido planos de fomento; não tem havido problemas de economia; não tem havido questões de colonização que nas suas páginas não hajam sido tratados e esclarecidos.

O *Diário de Notícias* nunca fêz política. É essa a sua grande força. Em todos os tempos e com todos os Governos divulgou planos e reformas, e apoiou medidas justas, esclareceu assuntos,

indicou perigos, e tratou todos os acontecimentos com inteira verdade e imparcialidade.

Uma reportagem bem notável foi a realizada por ocasião da primeira Conferência Imperial que se reuniu em Lisboa em 1 de Junho de 1933.

Na véspera da reunião, em 31 de Maio, publicou uma entrevista com o Dr. Manuel Fratel, Secretário Geral do Ministério, na qual êste ilustre funcionário mostrou a grandeza e a importância do acto que ia realizar-se. Pôs em destaque o seu

alto significado e as vantagens que da Conferência era lícito esperar.



Coronel Lopes Galvão

No dia da inauguração oficial, o *Diário de Notícias*, dando conta do acto solene que ia realizar-se, ilustrou o artigo com os retratos do Ministro, Dr. Armindo Monteiro e dos de todos os Governadores Coloniais, acompanhados de autógrafos em que cada um definia, em poucas palavras, o seu pensamento imperial.

O relato do dia seguinte, dando conta da sessão inaugu-

ral, era completo.

A reunião teve nas suas páginas um acolhimento caloroso.

A seguir e em dias sucessivos, inseriu interessantes entrevistas com cada um dos governadores coloniais que por intermédio do jornal deram a conhecer ao país o estado actual da Colónia que governavam e as medidas que tinham em mente para as fazer progredir.

O major Carvalho Viegas ocupou-se da Guiné; o capitão Amadeu Gomes de Figueiredo, de Cabo Verde; o capitão Vieira Fernandes expôs a situação de S. Tomé e Príncipe e falou da mão de obra, problema satisfatoriamente resolvido à face das leis humanitárias; o coronel Ferreira Viana ocupou-se da situação

de Angola e dos problemas que mais preocupavam ao tempo a Colónia; o coronel José Cabral expôs a situação de Moçambique, sempre próspera e sempre progressiva; o tenente-coronel António Bernardo de Miranda disse tudo o que havia a dizer sobre Macau; e finalmente o Dr. Manso Preto deu interessantes informações sobre a colónia de Timor.



Depois desta série de entrevistas publicou o *Diário de Notícias* um suplemento ilustrado dedicado a tôdas as colónias do Império. Além de muitos e valiosos artigos nêle inseridos, dava preciosas informações sobre as suas economias e as suas finanças, e inseria ainda numerosos dados estatísticos referentes a cada uma delas.

Abria o suplemento com um interessante artigo, devido à pena do herói das Campanhas de África, Conselheiro João de Azevedo Coutinho e que êste intitulara *Velhos artifices do Império*. Belas palavras de um grande português!

Enfim: muitas outras reportagens podiam ainda ser mencionadas para comprovar que o *Diário de Notícias* nunca perdeu oportunidade para colaborar na obra de engrandecimento colonial. E colaborou nela sempre com elevação e independência. O *Diário de Notícias* nunca andou acorrentado a políticos.

Um jornal que assim procede para com as Colónias; que se ocupa e se interessa pelos seus problemas; que acompanha de perto as suas actividades; que defende os seus interesses e os dos seus colonos, bem merece das Colónias e dos colonos e bem merece do país que tem no seu Império Colonial o orgulho da sua grandeza.

Como amigo das Colónias, aqui lhe rendo as minhas homenagens.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1940.

L. GALVÃO (1)

---

(1) João Alexandre Lopes Galvão, natural de Orca, concelho de Fundão — Beirão dos 4 costados —, bacharel formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, onde

foi aluno laureado e com o curso de Engenheiro Militar, civil e de minas pela Escola do Exército, onde foi premiado em todos os anos.

Tendo partido para Lourenço Marques, muito novo ainda foi nomeado engenheiro subdirector dos caminhos de ferro e engenheiro chefe da construção do caminho de ferro de Swazilândia.

Com a saída do engenheiro Lisboa de Lima, ficou a dirigir o pôrto e caminhos de ferro.

Em 1912, foi nomeado engenheiro inspector das Obras Públicas da África Ocidental Portuguesa, conservando-se em Angola até fins de 1916, quando teve de regressar à metrópole por ter sido mobilizado.

Fêz parte das forças expedicionárias ao Niassa, onde desempenhou o lugar de comandante de engenharia.

Depois da campanha, foi nomeado engenheiro inspector das Obras Públicas de Moçambique. Em 1926, foi nomeado administrador geral dos Serviços Hidráulicos. Nessa qualidade fêz parte da comissão que resolveu a grave questão do Douro Internacional. Em 1930, foi promovido a engenheiro inspector superior das Obras Públicas, fazendo parte do Conselho Superior das Obras Públicas. É também vogal do Conselho Técnico de Fomento do Ministério das Colónias.

Tomou parte em todos os congressos internacionais que se realizaram na África do Sul, enquanto ali permaneceu. Em 1908, esteve em Pretória, fazendo parte da delegação que negociou a Convenção Transvaal Moçambique, presidida pelo general Garcia Rosado. Em 1922, acompanhou o general Freire de Andrade na missão diplomática ao Cabo da Boa Esperança, para negociar uma nova convenção entre Moçambique e a União.

Tanto Angola como Moçambique devem-lhe vários melhoramentos. O caminho de ferro da Polama que se projectou e construiu em 30 dias é obra sua. A doca seca de Lourenço Marques foi mandada fazer por êle. O potente guindaste de 80 toneladas que guarnece o cais de Lourenço Marques, deve-se à sua iniciativa.

Em Angola, mandou construir o cais de cabotagem em alvenaria, que foi feito por degredados; o edificio onde funciona actualmente o liceu; o quartel general, etc.

Da sua acção tanto em Angola como em Moçambique existem muitos relatórios impressos. Os únicos planos da rede de caminhos de ferro de Angola e de Moçambique que ainda hoje existem são da sua autoria.

Tem colaborado em inúmeras revistas técnicas e coloniais. Foi um assíduo colaborador do *Notícias Colonial*. É membro do Instituto Colonial Internacional.

## CAPITULO DÉCIMO PRIMEIRO

A projecção do «Diário de Notícias» na cultura da Nação  
como força construtiva — Alguns depoimentos notáveis  
que abrangem tôdas as províncias de Portugal



## JORNALISMO E POESIA

(- "Qual tem sido a projecção do Diário de Notícias na cultura da Nação, como força construtiva?" -)

### I

E, ouvindo esta Pergunta de oceano,  
A Resposta ficou como um barquito  
Que, destinado à volta do infinito,  
Da vela teme, embora lusitano!

Eu, piloto da névoa, sonho e engano,  
Do sol-poente ou do luar aflito,  
Aqui eu devo dar, traçado e escrito,  
Sábio roteiro a todo um ciclo humano?!

Jornal: fôlha do Tempo que se esfolha;  
Ramo dos Ventos, onde a vida abrolha  
(Hoje! Amanhã...) em auray ou tufão.

A Imprensa, - em Bem ou Mal, - é como a lua:  
Pessoa ou preia-mar, sob ela estua,  
De pátria a pátria, a infinda Multidão.

## II

Ora, um poeta, à bruma e fantasia,  
Que sabe, o pobre! deste mundo? Nada!  
Mas, eis que eu vejo, súbito rasgada,  
A rota do meu barco... E respondia:

- Ó Pergunta, ouve lá: Não é Poesia  
A simula da luz <sup>por Deus</sup> ~~por Deus~~ criada?  
Não é ela a Beleza? o Beijo? a Espada?  
O Amor? a Torre? o Número? a Harmonia?

Dizem! Assim, também a olhar por ela,  
A dar-lhe alento, a honrá-la e engrandecê-la,  
Se faz Nação, e de alma! e de verdade!

Eu, quanto a mim (embora exemplo obscuro)  
Sobre este ponto, ando empalavra; e juro:  
O Diário... Merece a eternidade!

Novembro. 1939.  
Belinho.

Antônio Corrêa de Oliveira (1)

(1) Antônio Corrêa de Oliveira nasceu em S. Pedro do Sul, a 31 de Julho de 1679. Estudou no Seminário de Viseu. Não se sentindo com vocação para padre, renunciou aos estudos eclesiásticos, e voltou para a sua aldeia nas margens do Vouga, e aí em contacto com a natureza, compôs as suas primeiras obras: *Ladainha*, *Eivadas*, *Auto do fim do dia* e *Alívio dos Tristes*.

Em 1900, veio para Lisboa, já conhecido como um dos melhores poetas da sua

## 2.º

¿Qual tem sido a projecção do *Diário de Notícias* na cultura da Nação, como fôrça construtiva?

No Mundo moderno, tal como o afeiçoaram os progressos e arrojos da técnica e da indústria, no período que vem dos fins do século passado aos princípios do actual, bastas vezes temos visto como o interêsse material procura e consegue sublimar a sua materialidade, servindo com mãos rotas os interêsses do



António Correia de Oliveira



Dr. Agostinho de Campos

espírito. É o caso das universidades norte-americanas fundadas e mantidas pelas doações e legados de homens enriquecidos no negócio; é, por outro aspecto, a florescência de publicações magníficas e baratíssimas, oferecidas aos leitores por preço muito inferior ao custo, graças à abundância e valor da publicidade comercial.

geração, e aqui permaneceu até ao seu casamento, recolhendo-se depois à sua casa do Belinho, onde ainda hoje vive em plena produção literária.

Bibliografia: *Ladainha; Eivadas; Auto do fim do dia; Alívio dos Tristes; Cantigas; Romance do bérço; Raiz; Ara; Parábolas; Tentações de S. Frei Gil; O Pinheiro exilado; Elogio dos sentidos; Alma religiosa; Cravos; Auto das quatro estações; Dizeres do povo; Romarias; A Criação; Vida e história da árvore; A alma das árvores; Os teus sonetos; Menino; A minha terra; Estas mal notadas regras; Soldado que vais à guerra; Na hora incerta ou a nossa Pátria; Pão Nosso, Alegre Finho, Azeite da Candeia; Verbo Ser e Verbo Amar; Auto das quatro estações; Teresinha; Cartas em verso; Job; Patria Nostra; Roteiro de Gente Mõça; Eu falo em verso...*

Tanto quanto me lembro, o *Diário de Notícias* tem sido sempre dirigido por homens de vasta cultura, literatos e académicos, poetas, dramaturgos, novelistas, escritores da alta categoria de Alfredo da Cunha, Eduardo Schwalbach, Augusto de Castro. Com tais reitores — Reitores Magníficos — a espécie de universidade popular que é um diário de larga expansão não poderá deixar de exercer influência benéfica na cultura nacional, e tanto mais eficaz e fecundo será esse influxo, quanto mais larga margem de liberdade e iniciativa se dê a homens tais, para servirem altamente o Espírito com os seus altos espíritos.

Lisboa, 31 de Outubro de 1939.

## AGOSTINHO DE CAMPOS (2)

(2) Agostinho Celso de Azevedo Campos, nasceu no Pórcio em 1870. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1892. Passou furtivamente pela magistratura e pela advocacia, e optando pelo magistério, começou por exercer em Hamburgo, durante dois anos, o ensino da língua portuguesa. Durante esses dois anos apareceram no *Primeiro de Janeiro* alguns artigos seus de literatura e viagens. Em 1896, precedendo concurso por provas públicas, em que obteve a primeira classificação, foi nomeado professor do 3.º grupo do Liceu Central de Lisboa, cujas funções acumulou com as de professor da Casa Pia. Nos anos de 1898-1899 publicou *Gramática alemã*, *Leituras alemãs* (para o período transitório do ensino liceal) e *Leituras alemãs* (para a 3.ª, 4.ª e 5.ª classes do programa de 1895). Desde 1898 a 1905 colaborou assiduamente em vários periódicos de Lisboa e Pórcio, neles publicando numerosos artigos sobre ensino, educação, literatura, etc. De 1906 a 1910 exerceu os altos cargos de director geral da instrução pública e de director geral da instrução secundária, superior e especial. Em 1910, exonerado, a seu pedido, deste cargo, foi reintegrado no seu antigo lugar de professor efectivo do 3.º grupo e colocado no Liceu de Pedro Nunes. De 1911 até hoje, a sua extraordinária actividade de publicista tem-se manifestado, abundante e brilhantemente, pela publicação de inumeráveis artigos e ensaios sobre assuntos literários, linguísticos, pedagógicos e outros, artigos aparecidos nos mais reputados jornais e revistas de Portugal, Brasil, França e República Argentina. Foi colaborador da *História da Colonização portuguesa do Brasil*, *História da Literatura portuguesa ilustrada*, e da *Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, em que publicou os seus estudos: *Língua e literatura portuguesa (1521 a 1680)*, *Alvorecer da prosa literária sob o signo de Aviz e o Sobre o valor literário do Cancioneiro da Ajuda*.

Como conferencista, fez entre outras as seguintes: *Analfabetismo e educação* (1903), *A mulher e a política* (1919), *Lições de Moral e Cívica* (1919), *O problema actual da educação* (1920), *As três prosas* (1923), *O mundo actual e a educação e o poeta desconhecido (Camões)* (1926), *Frei Heitor Pinto e a língua portuguesa* (1930), *Camões, Espanha e América do Sul e O génio literário português* (1929), etc.

Em volume: *Ensaio sobre educação — Educação e Ensino* (1911), *Educar, na família, na escola e na vida* (1918), *A mãe de todos os vícios* (1922), *Crítica dos costumes, crítica literária e política — Jardim da Europa* (1918), *O Homem, a Ladeira e o Calhau* (1924), *Der de trüber* (1924), *Comentário da Grande Guerra — Europa em guerra* (1915), *O Homem, lobo do Homem* (1921), *Portugal em campanha* (1921), *Latinos e Germanos* (1921), *A carranca da Paz* (1925). E mais: 24 volumes de *Antologia Portuguesa*, além

### 3.º

Meu Ilustre camarada e velho amigo:

Pergunta-me:

— ¿Qual tem sido a projecção do *Diário de Notícias* na cultura da Nação, como força construtiva?

A sua pergunta poderia responder, satisfatòriamente, com as considerações feitas há tempos a-propósito das responsabilidades sociais do jornal moderno. Tracejei o âmbito dessas responsabilidades, em processo sumaríssimo, na conferência da *Casa da Espanha*, quando da notável *Exposição do Livro Espanhol* ali realizada. Evoquei a missão apostólica do quotidiano de hoje, em geral, no fito de marcar, em especial, a trajectória de *La Prensa*, de Buenos Aires — o grande diário platense a que dou a minha pobre colaboração — no desempenho do seu *munus* admirável de instrumento de cultura no Mundo argentino.

A bem da tese em equação propus-me pôr em foco o imperativo de reconduzir a Humanidade ao fértil grangeio dos ver-géis do espírito, suficientemente robustecida de corpo para satisfazer à máxima de Juvenal: — «mens sana in corpore sano». E procurei mostrar que não há sino de alarme capaz de suprir o diário de larga tiragem no levante colectivo pró-restauração do ser humano em concordância com as suas obrigações superiores.

É êste, mais ou menos, o tema a desenvolver na resposta ao quesito acima enunciado.

De facto, a Humanidade, empurrada pela primeira Grande Guerra para o atoleiro dos pecados mortais, na fome e sêde desvairadas de todos os regalos da matéria, ou retoma as trilhas que conduzem às altitudes espirituais, ou regressa ao primitivismo sórdido das cavernas.

Esqueceu lamentavelmente as fontes de água cristalina em

---

de várias traduções. Politicamente foi membro categorizado do partido Regenerador Liberal, e como tal redactor principal do *Diário Ilustrado*, em 1904. Por proposta do conselho escolar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi nomeado por convite, para exercer em comissão o lugar de professor catedrático de filologia românica (2.º grupo, 1.ª secção), em 1936. Colaborador há muito do *Diário de Notícias*, onde tem publicado magistras artigos da sua especialidade.

que se nutria de seivas e alentos para as conquistas que a sobrepujam ao plano do cevado e do ganso. Abandonou-as, em nome da urgência de atender ao corpo debilitado, ao corpo comprometido pelo desvio das suas funções primárias. Em nome do animal, o transitório, descurou o espiritual, o eterno. Nestas duas décadas de Maratonas desportivas e Olimpíadas hérculeas restaurou a fibra dessorada. São horas, porisso, de se reintegrar, são de corpo, nas sádias locubrações que lhe conferiram os louros de Minerva. E, na verdade, só o diário de tiragem opulenta, mercê do seu poder comunicante com as diversas camadas do



Dr. Sousa Costa

agregado social, pode operar o necessário e instante milagre — tanto mais necessário, tanto mais instante, quanto maior fôr a vida de relação do sub-solo da comunidade com os elementos preponderantes de acção directiva.

Seria ridículo, por inadaptable às realidades do todo orgânico, querer outorgar ao jornal a difusão da cultura no significado plenário que lhe atribue o isoterismo de Spengler. O insigne monitor dilata-lhe o raio de incidência até à criação de tipos

precisos de hierarquia mental, diferenciados ao sabor dos naipes constitutivos do conjunto de valores, cada tipo evoluindo para o processo definitivo da cristalização. Deus nos livre do jornal criador duma sociedade ilimitada de tipos à Newton ou à Bergson. Chocadeira de super-homens, acabaria em agente de manicómios. Não. A que se pretende do diário moderno, está ao nível das suas possibilidades e das necessidades do momento. Pretende-se que seja o difusor de cultura acessível aos grandes, aos médios e aos pequenos sem os transviar, acomodando-os antes, pela consciência dos seus actos, na órbita das suas funções ordinárias. Cultura, no significado acessível de onda concêntrica,

saturada de sugestões de natureza científica, literária e artística, alargando-se a tôdas e a cada uma das células da Nação. Jornal — escola facultativa de noções e conhecimentos. Jornal — cartilha complementar de princípios e postulados.

E nunca como hoje, nesta era do tenho pressa, nesta idade dos quinhentos à hora, o jornal foi em grau superlativo o obreiro da fecunda tese versada. Não apavora pelo volume. Atrai pelo chamariz do noticiário. Lê-se no intervalo obrigatório dos trabalhos forçados, no combóio, no eléctrico, no auto-carro. Assim, criado à imagem e semelhança do vento que passa, como o vento deve carrear no seio germens vitais para a fecundação de cérebros e corações.

¿Que tem feito o *Diário de Notícias* dentro dêste quadrante da actividade colectiva?

Chegamos ao ponto básico, à resposta directa ao quesito, a que indirectamente respondi naquelas mal alinhavadas regras.

O *Diário de Notícias*, ombro a ombro com quatro ou cinco pioneiros da sua linhagem, alinha entre os maiores da brigada lusa de semeadores que puseram a charrua da Imprensa ao serviço da cultura cívica, científica, literária e artística do País. É dos da ala vanguardista no grupo de ardorosos fazendeiros que aparelharam a gazeta pelo molde da caleira — caleira viva, trepidante, aliciante, que leva o grão do espírito à moenda do pobre e do rico. Cabe-lhe lugar destacado no troço de intrépidos lenhadores que se propuseram desbastar, a golpes certos, a densa floresta da ignorância e da rotina, rasgando clareira ao sol e ao ar das realidades contemporâneas.

Foi um dos periódicos portugueses que iniciaram a publicação do estudo de evocação histórica, do artigo de vulgarização científica, da crónica de sabor literário, da rima de timbre musical, — sob o govêrno de escritores da costela heraldica de Alfredo da Cunha e Augusto de Castro. Pelo que, todos nós, os que andamos à jorna, na cava desta ingrata vinha do Senhor, que é a ladeira famélica das letras portuguesas, lhe devemos incontáveis bemfeitorias. Sem a actividade cultural das gazetas da sua nobre ascendência o livro, a ciência, a literatura, a arte,

seriam factores tão afastados da visibilidade do grande público como a poalha das vias lácteas da esfera dos nossos sentidos.

Mas, devo dizê-lo ainda: — o *Diário de Notícias*, esforçando-se pela cultura da Nação, aparelhando obra eminentemente construtiva, não labora apenas em benefício da grei. Trabalha, a meias, em seu próprio benefício.

¿A era do tenho pressa, a que atrás me referi, não comporta o comércio com espessos volumes? É certo. Não é menos certo, entretanto, que, a vertiginosa lufa-lufa do tenho pressa, criou o hábito arreigado do menor esforço — duas modalidades do mesmo fenómeno, jogando em movimentos sincrónicos. ¿A época do tenho pressa, à leitura demorada do volume de cem páginas prefere o contacto rápido com o artigo de meia coluna? Também simultâneamente, ao maior, prefere o menor esforço na aquisição do conhecimento. De maneira que, o noticiário do jornal, que o obriga à imobilidade física, e à fixidês do olhar, e aos óculos de vista cansada, torna-se-lhe incomparàvelmente mais penoso do que a notícia da *Rádio*, apanhada pelo ouvido durante o passeio ou a refeição.

Isto prova que a *Rádio*, se declarou guerra de morte ao livro, não se mostra imaculadamente pacífica quanto ao jornal. Isto prova, sem sombra de dúvida, que o jornal precisa defender-se do inimigo. E a defesa está na racional e criteriosa aliança, na letra de fôrma, de todos os elementos de atracção e domínio directos. Na combinação sugestiva do útil e do agradável, do essencial e do acessório. Na dilatação dos horizontes jornalísticos para além das fronteiras comezinhas do comunicado da guerra, do crime, do sinistro — pratos de resistência ao alcance das emissoras dentro e fora de portas. Na criação de secções que recreiem o espírito, que embalem a sensibilidade, que orientem os instintos, fomentando o apêgo à conveniência diária do mentor — tornando-o querido e indispensável.

Lx. Out. de 1939.

SOUSA COSTA (3)

---

(3) Alberto Mário de Sousa Costa nasceu em Vila Pouca de Aguiar, a 10 de Maio de 1879. Delegado do Ministério Público na 7.<sup>a</sup> Vara Judicial de Lisboa. Escritor. Secretário da Federação Nacional de Protecção à Criança, e Curador de Menores na Tutoria

#### 4.º

É-me feita a pergunta: «¿Qual tem sido a projecção do *Diário de Notícias* na cultura da Nação, como força construtiva?»

Não pode haver dúvidas sobre a alta influência do *Diário de Notícias* na vida espiritual da Nação e, portanto, na sua cultura. Jornal fundado há 75 anos, destinado a ser lido pelas massas populares e não unicamente por intelectuais, com expansão que, durante êsse longo período de tempo, poucas vezes terá sido igualada e raramente excedida por qualquer outro jornal português, o *Diário de Notícias*, necessariamente, há de

---

da Infância. Como Secretário da Federação Nacional de Protecção à Criança colaborou na Lei de 27 de Maio de 1911, fazendo o respectivo relatório, comentando depois essa Lei na revista francesa, de Guillet, *L'Enfant*. Tem o curso de direito tirado em 1908-1909, na Universidade de Coimbra. Casou com a escritora sr.ª D. Emilia de Sousa Costa, no dia em que se matriculou na Universidade. Sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa desde 1916. A sua colaboração na imprensa começou no *Vilavealense*, *Estrêla do Minho* e *Distrito de Vila Real*; depois no *Primeiro de Janeiro*, *Correio da Manhã*, *País e Noite*, estes três do Brasil; *Diário de Notícias*, e *La Prensa*, de Buenos Aires. Foi um dos fundadores da Associação dos Homens de Letras, com sede no Teatro de S. Carlos, em 1926. Vogal da Comissão das Congregações Religiosas, desde 1910 a 1912. Esteve no Rio de Janeiro, onde realizou 4 conferências; em Madrid, onde igualmente fez uma conferência, e realizou viagens por Espanha e França.

A sua obra bibliográfica consta dos seguintes volumes:

#### ROMANCE

*Os que triunfam*, novela romântica (2.ª edição); *Fruto proibido*, cenas da vida de Coimbra (3.ª edição); *Sempre Virgem*, cenas da vida de Lisboa (3.ª edição); *Ressurreição dos Mortos*, cenas da vida do Douro (2.ª edição); *Miss Século XX*, cenas da vida do Minho (3.ª edição); *Coração de Mulher* (3.ª edição); *Regresso à Felicidade*, novela naturalista (2.ª edição); *A Pecadora* (3.ª edição); *Duas vezes amantes*, *Romeu e Julieta* (4.ª edição); *Romance duma carioca* (2.ª edição); *Uma divorciada* (Esgotado); *Fui eu que matei?*

#### CONTOS E NOVELAS

*Excêntricos* (2.ª edição); *Dramas da Serra*; *Canto do Cisne* (2.ª edição); *História de El-Rei Camelo*, novela infantil (2.ª edição); *Como se faz um ladrão*.

#### TEATRO

*Como se vingam mulheres*, comédia em 1 acto; *Que vergonha!*, farsa em 1 acto; *Frei Satanás*, drama em 3 actos; *A Marquesinha*, drama em 3 actos.

#### CRÓNICAS E VIAGENS

*Os meus peccados*; *Milagres de Portugal*; *Ilhas das três formosuras* — Madeira e Açores; *Em busca do Paraíso*, por Espanha, França, Portugal; *Mapa falado de Portugal*.

#### EVOCÇÕES HISTÓRICAS

I — *Páginas de Sangue*, Brandões, Marçais & C.ª (4.ª edição); II — *Páginas de Sangue*, Buíças, Costas & C.ª (5.ª edição); III — *Heróis desconhecidos*, Lisboa revolucionária (2.ª edição); IV — *Heróis, Santos e Pecadores*; *Primitivo Teatro Português e Teatro da Nova Rússia*.

ter sido um dos mentores, no jornalismo o mais poderoso mentor da Sociedade portuguesa. Num ou noutro momento da sua longa vida pode ter acontecido que outra publicação periódica pareça ter melhor acolhimento do público, mercê dum desses incidentes da vida política ou social que apaixonam os povos durante alguns dias. Mas passados êsses momentos de entusiasmo verifica-se que o *Diário de Notícias* mantém a sua situação calmamente, ininterruptamente.

Não é difícil descobrir o motivo pelo qual o *Diário de Notícias* tem conservado, durante 75 anos, o favor público. É que,



Dr. Ferreira de Mira

através das suas direcções e administrações tem permanecido sempre o cuidado de adaptar o jornal aos seus leitores. Uma publicação que deseja elevar o nível mental da Nação tem, quanto a mim, de tomar para ponto de partida o que está de harmonia com a inteligência e gosto populares e seguir de aí pouco a pouco, cautelosamente, para níveis superiores. Tem sido êste o caminho do *Diário de Notícias*. Se assim não fôsse, se quisesse repentinamente fazer dar um brusco salto ao nível intelectual da Nação, ficaria sem leitores. Procedendo de modo contrário,

isto é, limitando-se a banir noticiários sem preocupações de ordem intelectual e moral, não seria de proveito e até, possivelmente, fatigaria o público.

Bastaria, portanto, a circunstância de ser o *Diário de Notícias* um jornal de tão larga expansão, durante tantos anos, para se poder afirmar a sua grande influência na cultura portuguesa. Essa afirmação é ainda comprovada pela longa lista de homens peritos nas letras, ciências e artes que têm sido colaboradores do jornal. Pode dizer-se afoitamente que não tem havido, nestes últimos três quartos de século, cidadão português de merecido renome, que não tenha colaborado no *Diário de Notícias*. A qualquer acontecimento da vida intelectual da Nação, o jornal dá o merecido relêvo; e nunca uma reunião de colectividade

científica ou literária se realiza, que o *Diário de Notícias* lhe não mande um dos seus repórteres e lhe não faculte as suas colunas da melhor vontade.

Desejo também pôr em destaque a tolerância política, se assim posso exprimir-me, que tem havido neste jornal. Na sua longa vida têm passado transformações profundas da vida da Nação, que muitas vezes se acompanham de correntes impetuosamente apaixonadas. Até nos momentos de crise aguda, o *Diário de Notícias* se mantém calmo, e os seus colaboradores, desde que respeitem a índole do jornal, continuam sendo seus colaboradores. Esta circunstância é de maior valor para a expansão da cultura porque permite ao *Diário de Notícias* escolher a melhor colaboração científica, literária ou artística do país, seja qual fôr o campo onde ela se encontre.

Creio ter respondido à pergunta que me é feita sôbre a projecção do *Diário de Notícias* na cultura da Nação. Falta-me depor sôbre a fôrça construtiva dessa projecção.

Tôda a actividade nasce nos espíritos antes de se resolver em factos; o pensamento é, como já se disse, um acto em estado nascente. Melhorando a cultura da Nação, como tem feito, o *Diário de Notícias* desenvolve intellectualmente, fecunda os espíritos, determina a eclosão de idéias as quais serão, de momento ou mais tarde, propulsoras de actos. Assim como a narração duma miséria pungente dá lugar a que o leitor condoído envie um auxílio à pessoa que sofre, do mesmo modo assuntos de outra ordem tratados nas colunas do jornal levam à prática de actos que com êles se relacionam. Não se pode dizer que o *Diário de Notícias* construisse estradas ou fundasse escolas; mas não pode afirmar-se que na construção de estradas ou fundação de escolas êle não tenha tido alguma influênciã. E, sobretudo, pela sua larga expansão, abundante noticiário e variada e selecta colaboração, êle aproximando-nos a nós todos, portuguezes, uns dos outros, tem-nos levado a conhecermo-nos melhor, a apreciarmo-nos mütuamente, a sermos mais unidos, mais irmãos dentro desta grande irmandade que é a Nação Portuguesa.

M. FERREIRA DE MIRA (4)

(4) Matias Boleto Ferreira de Mira, nascido em Canha (conselho do Montijo) em 1875, médico pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1898, médico municipal e

## 5.º

A história do *Diário de Notícias* é já quasi um século da história de Portugal.

Tudo o que num longo período de setenta e tantos anos empolgou, emocionou, ou de qualquer modo prendeu o público, deixou o seu vinco nesta crónica popular, desde o registo da simples ocorrência até à larga individuação dos grandes acontecimentos e sucessos; desde as miúdas conveniências de ordem local até aos mais complexos problemas que se ofereceram aos cuidados dos governos e das colectividades.

---

do hospital da vila de Canha desde 1899 até 1910, ano em que, por motivo de doença, passou a sua residência para Lisboa.

Em 1911, frequentou o laboratório de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, sendo nomeado segundo assistente provisório de Fisiologia em 1912. Em 1919, precedendo concurso de provas públicas, foi nomeado primeiro assistente e encarregado da regência do curso de química fisiológica, que ainda conserva na situação de professor auxiliar.

Na Faculdade de Medicina tem realizado trabalhos de investigação científica, principalmente sobre fisiológica das glândulas endócrinas. Publicou um guia de exercícios práticos de química fisiológica (com a colaboração do dr. Mark Athias), um volume de lições do seu curso e um Manual de Química Fisiológica que tem 2.ª edição.

Fêz parte durante alguns anos da direcção da Associação dos Médicos Portugueses, a que presidiu, sendo por esse motivo chamado em 1918, na qualidade de major médico miliciano, a fazer parte da comissão oficialmente nomeada para estudar o serviço de mobilização militar dos médicos.

Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa, onde desempenhou em 1914 e 1915, o cargo de presidente da Comissão Municipal de Instrução Primária. Dirigiu também o pelouro de Instrução Primária na Comissão Administrativa do Município de Lisboa, de 1915 e de 1918. Um estudo sobre os assuntos do seu pelouro foi publicado em 1918 na Revista de Educação Geral e Técnica.

Foi eleito deputado em duas legislaturas pelo círculo de Santarém, pertencendo ao partido político «União Republicana», de que foi um dos *leaders* na sua câmara. Pertenceu também durante bastantes anos ao Directório do mesmo partido político.

A partir de 1912 colaborou assiduamente no jornal *A Luta*, a principio com artigos de vulgarização científica, depois também com artigos sobre instrução em geral, e dirigiu o mesmo jornal durante o tempo em que o dr. Brito Camacho, seu director, ocupou o cargo de Comissário da República em Moçambique.

Os seus artigos em *A Luta* foram origem da cláusula testamentária em que Bento da Rocha Cabral dispôs que se fundasse um Instituto de Investigação Científica. Entregou-se então aos trabalhos da fundação do Instituto, conforme a indicação do testador, e depois aos da sua direcção que ainda conserva. No Instituto Rocha Cabral efectuou muitos trabalhos de investigação que tem publicado em revistas nacionais e estrangeiras.

Durante este tempo continuou a dedicar-se à vulgarização científica que tem feito por meio de artigos de jornais e revistas, conferências e livros. São exemplos dessa actividade as «Crónicas médicas» que o *Diário de Notícias* publica há anos e uma colecção

É circunstância digna de notar-se, à medida que o jornal ia ganhando amplitude e que o seu curso alastrava por todo o país, o tom de moderação e de ponderação que era característica própria não se alterou, à semelhança dum rio que vai engrossando sem que na essência nada mude nêle. Dir-se-ia que a mesma voz, sempre calma e avisada, se continuou através do tempo. É que o espírito e a índole do *Diário de Notícias*, que fizeram dêle o periódico nacional por excelência, se mantêm inflexivelmente na mesma directriz que desde o primeiro número

de livros editados pela Empresa Nacional de Publicidade, dos quais foram já publicados quatro.

É sócio de várias sociedades nacionais e estrangeiras: Sociedade das Ciências Médicas, Sociedade das Ciências Naturais, Sociedade de Estudos Pedagógicos, Sociedade Portuguesa de Biologia, Association des Physiologistes, Société des Chimie Biologique, Deutsche Akademie der Naturforscher, etc.

#### BIBLIOGRAFIA:

- Artigos no jornal *A Luta*, durante anos, sob o título «Crónicas científicas».
- Artigos políticos e de vária ordem no mesmo jornal.
- Artigos no *Diário de Notícias*, durante anos, sob o título «Crónicas médicas».
- Artigos de vária índole em alguns jornais e revistas.
- Trabalhos de investigação científica, principalmente sôbre a fisiologia das suprarrenais, publicados em: Comptes rendus de la Société de Biologie de Paris; Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles; Medicina Contemporânea; Archives internationales de Physiologie; Journal de Physiologie et de Pathologie générale; Archives portugaises des Sciences biologiques; Lisboa Médica; Zeitschrift für Immunitäts-forschung; Medicina.
- Conferências sôbre assuntos de Biologia e outros, publicados principalmente na colecção intitulada «Actualidades Biológicas».
- Psicoses palustres*. Lisboa, 1898.
- Lições de Mimica Fisiológica Elementar*. Coimbra, 1925.
- As vitaminas*. Lisboa, 1925.
- Exercícios de química fisiológica* (de colaboração com M. Athias). Lisboa, 1921. 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra, 1927.
- Crónicas científicas*. Coimbra, 1928.
- Em viagem*. Lisboa, 1930.
- Manual de Química Fisiológica*. Coimbra, 1929. 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1934.
- Cartas de longe*. Lisboa, 1932.
- Como é a vida e como se defende. Noções gerais de Biologia*. Porto, 1933.
- Mãe e Filho. A arte de ser mãe*. Lisboa, 1936. 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1938.
- Química geral* (de colaboração com Pereira Forjaz e Kurt Jacobsohn), Lisboa, 1936.
- La lutte contre la tuberculose au Portugal* (de colaboração com Lopo de Carvalho). Lisboa, 1936.
- A arte de educar*. Lisboa, 1937.
- Alimentação, digestão e absorção dos alimentos*. Lisboa, 1937.
- Gente moça*. Lisboa, 1938.
- Química orgânica* (de colaboração com Pereira Forjaz e Kurt Jacobsohn). Lisboa, 1938.
- Sangue, metabolismo e emunetórios*. Lisboa, 1939.
- Vida de Campo*. Lisboa, 1939.

lhes traçaram os fundadores. E eis aqui o segredo do seu triunfo, a razão do acato com que é recebido e da autoridade que granjeou.

São os homens que orientam o rumo das instituições, tantas vezes sujeitas à versatilidade dos dirigentes. Mas o *Diário de Notícias*, que pela alta função que desempenha na sociedade portuguesa goza dos foros de instituição nacional, é êle próprio que dita normas e marca a rota aos seus timoneiros. Uma existência quási secular, a lição do passado, o prestígio justamente adquirido à custa duma honorabilidade exemplar, e mais ainda o sentido das responsabilidades, tudo isto cria por si próprio um sentimento de respeito e de prudência que se impõe à compreensão de todos os que nêle têm acolhimento.



Manuel Ribeiro

Acima das contingências dos regimes e Governos, e da própria evolução das idéias, o *Diário de Notícias* persiste na sua linha de conduta, guiado exclusivamente pelo interesse nacional, com uma firmeza que é sua, que vem dêle próprio. Uma instituição de tal ordem há-de ter, como tem tido, diri-

gentes da sua craveira, consoantes à importância e peso do cargo e com um tacto especialíssimo para reger tamanho aglomerado de forças e pô-las ao serviço da utilidade pública e das conveniências da pátria. Assim tem sido e continuará a ser, porque o *Diário de Notícias* é da nação e está integrado nela.



Tanto se tem escrito sobre o papel da Imprensa na civilização moderna e a influência dos grandes quotidianos nos domínios do político e do social, que difficilmente se poderá escapar ao lugar comum. Mas a monografia dum jornal, como o *Diário de Notícias*, é dos mais curiosos ensaios que podem tentar um

escritor de sensibilidade, mórmente se êsse escritor é jornalista e vive a vida do jornal.

João Paulo Freire que tomou a peito a tarefa de traçar, com invulgar pormenor, a história do *Diário de Notícias*, tem veia e pulso para saír-se bem do cometimento.

Ele nos contará como a pequena fólha, modestamente nascida na rua dos Calafates, a princípio jornal popular de Lisboa, medrou e cresceu a ponto de tornar-se dentro em pouco o órgão de todo o País. Veremos perpassar em saúdosa evocação os pioneiros que fundaram êste jornal, aquêles que continuaram e prepararam sua grandeza, os que consumiram e consomem nêle a actividade e o talento, na preocupação quasi sagrada de honrarem seus pergaminhos, manterem as suas tradições e de lhe aumentarem a eficiência e o brilho.

Nenhum intelectual verá com indiferença um tal empreendimento, porque aos que são mestres jamais o *Diário de Notícias* regateou os merecidos louvores, realçando-lhes o nome e fama, e aos simples aprendizes também não faltou nunca com uma boa palavra, desvanecidamente lembrada ao longo da vida.

MANUEL RIBEIRO (5)

## 6.º

Se me preguntarem qual a influência dum grande jornal, — como o *Times*, por exemplo — na cultura e na vida duma Nação como a Inglaterra, direi que foi, é e continuará a ser importante. Mas não perco de vista que a Inglaterra tem milhares de jornais de formidáveis tiragens, de revistas literárias e científicas, de publicações de tôda a espécie.

Na Inglaterra há um número infinito de sociedades culturais, desportivas, filosóficas, religiosas que criam, estabelecem, orien-

---

(5) Manuel Ribeiro nasceu em Albornoa, concelho de Beja, em 1881. Estudou no liceu de Beja e cursou na Escola Politécnica, Funcionário das secretarias da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 1905-1919. Demissão por greves. Publicação da *Catedral*, 1920. Director do periódico *Bandeira Vermelha*. Prisão no Limociro. Ida á Cartuxa de Burgos, conversão e publicação do *Deserto*, 1922. Outros livros: *Ressurreição*, *Colina Sagrada*, *Planície heróica*, *Vínculos eternos*, *Novos horizontes*, *Esplendor mais alto*. Bibliotecário da Biblioteca Nacional, 1931. Conservador da Torre do Tombo, 1932.

tam, dominam a opinião sôbre os assuntos que as interessam. Além disso há uma vida política, literária, artística, técnica, intensa, servida por *meeting's*, discursos, conferências, todos os meios de propaganda. E, a-pesar-de tudo isto, um grande jornal como o *Times* ou o *Daily Mail* ou o *New Cronicle* tem uma grande quota parte de responsabilidade no que de bom e de mau possa existir em Inglaterra.

O que digo dêste grande País, posso dizer de qualquer outro grande País. É só necessário substituir os nomes dos jornais.

A Imprensa, a grande Imprensa, sobretudo, já alguém a classificou como um novo Poder do Estado.

Eu não quero estabelecer um paralelo entre o que há nos grandes países citados e o que existe em Portugal. Deixo êsse



Dr. Ramada Curto

paralelo á livre opinião do leitor. E limito-me a concluir, sem esforço, que a influência na nossa terra, da grande publicidade, representada por um grande jornal, como o *Diário de Notícias*, é decisiva. Tem havido, desde que me conheço, pequenos órgãos de publicidade que influíram na vida social portuguesa, — responsáveis portanto, no que de bom ou mau nela haja. Eu sou do tempo do *Mundo*, da *Luta*, da *Vanguarda*, do *Correio da Noite*, das *Novidades* e de tantos outros. Li o *Mariano*, o

*Navarro*, o *Magalhães Lima*, o *José Dias*, do *Tempo*, o *Moreira de Almeida*, do *Dia*, o *Alves Correia*, do País — e, fico-me por aqui para não alongar a lista, deixando no escuro, nomes por exemplo, como o *António Enes*, o *Barbosa Cohen* ou o *Brito Camacho*. Nêsse tempo além de jornais, havia jornalistas com influência na opinião. Tudo isso passou — e o *Diário de Notícias* ficou. Necessariamente, nêsse tempo como agora, o jornal ou jornais, que, por qualquer motivo, eram os mais lidos, os de

maior expansão, influíam na medida dessa expansão, na vida do País. Mesmo, quanto mais não fôsse, por se conservarem alheios ao tumultuar das paixões intellectuais e políticas de que os outros jornais eram o porta-voz. O reclame dum produto industrial, dum talento literário, dum heroísmo guerreiro, ou da capacidade dum homem público, para a grande massa dependeu, num País como o nosso, sempre mais dum *entre-filet* dum jornal como o *Notícias*, do que dum artigo de fundo duma folha política.

Isto que, em certas Nações que já citei, seria impossível — em Portugal é um facto histórico. E porque o é, posso afirmar, que a responsabilidade histórica da vida nacional, com as suas luzes e as suas sombras, pode legítimamente encabeçar-se na grande Imprensa portuguesa, à frente da qual o *Diário de Notícias*, tem uma posição de privilégio.

Hoje então, em que, com o desenvolvimento da *rádio* e, possivelmente, a carestia do papel para as rotativas, há pouquíssimos jornais, direi que essa influêncía é quasi exclusiva. E não pode deixar de se afirmar também que essa influêncía tem sido *construtiva*. Basta considerar que, a Nação, pode legítimamente comparar-se a uma «construção» — feita pelas gerações que se sucedem. Ora, graças a Deus, que a Nação, tal como é, subsiste, perdura e vive. A grande Imprensa — *Notícias* à cabeça — condicionando a sua história, criando a sua opinião, valorizando, pela publicidade, os seus obreiros, tem no facto social português, uma preponderante e decisiva acção. E como, ao que parece, êsse facto social é merecedor de apreciações optimistas, grande será o orgulho do *Diário de Notícias* em ter contribuído para êle.

Nós, os contemporâneos, podemos apenas verificar os factos, passados e presentes. A História ainda não acabou. O meu desejo é que o *Diário de Notícias*, que é hoje, com o café da manhã, o meu primeiro alimento intellectual em português, só acabe — quando a História acabar.

RAMADA CURTO (6)

---

(6) Amílcar da Silva Ramada Curto nasceu em Lisboa, na rua da Cruz dos Poiais de S. Bento, a 6 de Abril de 1886, filho de João Rodrigues Ramada Curto e Delfina Guiomar de Oliveira e Silva Ramada Curto. Concluiu o liceu em 1904. Formado em

## 7.º

A resposta à sua pergunta sobre «qual tem sido a projecção do *Diário de Notícias* na cultura da Nação, como fôrça construtiva», é quasi impossível dá-la um homem que dispense o principal da sua actividade no estudo do passado, muito mais do que na fiscalização e comentário do presente. Vai um pouco titubeada, tolhida do receio de errar...

Creio que, numa sociedade de equilíbrio precário como é a nossa, de excitabilidade doentia só aparentemente curada, o *Diário de Notícias* tem sido um exemplo de ponderação e mesura. Por muito tempo, sobretudo, órgão de informação, cautelosa e sem sensível parcialidade, sempre que, através das suas fases,

---

direito em 1909-10. Foi classificado no seu curso. Em estudante fêz conhecido o seu nome pela sua activa propaganda do regime republicano. Ainda nos tempos da Monarquia foi proposto deputado por 4 círculos — como estudante — Setúbal, Leiria, Faro e Coimbra. Como o Directório de então não tivesse sancionado a sua candidatura, Coimbra republicana acompanhou-o e foi por esse círculo o candidato mais votado.

Já em 1905, fêz subir à cena no teatro Apolo o drama *Estigma* em 3 actos. Colaborando na *Vanguarda* publicou dois romances em folhetim: *A Moral Burguesa* (história dum pelega de provincia) e o *Crime dum padre*. Fundou a Liga Académica Republicana, a Escola 31 de Janeiro, os diários académicos *A Liberdade* e a *Marselhesa*. Em Coimbra fundou o Centro Académico Republicano, os jornais *Pátria* e *Revolta*. Em 1907 foi expulso da Universidade por 2 anos por causa da questão Académica. Foi deputado à Constituinte pela Covilhã, depois noutras legislaturas por Évora, Santarém e Pôrto. Como parlamentar foi membro sempre da Comissão de Finanças e Colónias. Dirigiu o diário *Pátria* em Lisboa, órgão do P. R. P. Foi ministro em 1919 e 1921 das Finanças e do Trabalho. Aderiu ao Partido Socialista em 1919, de que foi *leader* no Parlamento. Foi vogal e presidente do Conselho Superior de Finanças (Tribunal de Contas). Dirigiu ainda os jornais *O Povo* e *República Social*. É sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

É autor de vinte e três peças de teatro, tódas representadas e publicadas, excepção das peças *Redentores da Alegria* e *Estigma*. Como prosador e romancista publicou sob a rubrica «Vida Contemporânea», *Debaixo do Cedro* e *Vida amorosa de Malaquias Raposo* e mais *O caso doméstico do dr. Medeiros* e *Bianca Capêlo*. Tem colaborado em jornais e revistas literárias em prosa e verso.

### BIBLIOGRAFIA:

*Vida Contemporânea*: I — *Debaixo do Cedro*, 1 vol.; II — *A vida amorosa de Malaquias Raposo*, 1 vol.; *O caso doméstico do Dr. Medeiros*, romance; *Bianca Capêlo*, novelas, 1 vol. Teatro: 1 — *Segundas Nupcias*, peça em 4 actos; *Sombra*, 3 actos, 1 vol.; 2 — *A Boneca e os Fantoques*, 3 actos; 3 — *O Safo e a Doninha*, 3 actos; 4 — *Demónio*, 3 actos; 5 — *Sua Alteza*, 3 actos; 6 — *A Noite do Casino*, 3 actos; 7 — *O Caso do Dia*, 3 actos; 8 — *Justiça!*, 4 actos; 9 — *O homem que se arranjou*, 3 actos; *Três gerações*, 1 acto; 10 — *O Diabo em Casa*, 3 actos; 11 — *A Fera*, 4 actos; 12 — *A Cadeira da Verdade*, 3 actos; 13 — *Mascarada*, 3 actos; 14 — *Sol Poente*, 3 actos; 15 — *O Perfume do Pecado*, 3 actos; 16 — *Recompensa*, 3 actos; 17 — *Consciência*, 3 actos; 18 — *Duas Mães*, 3 actos.

tem querido assumir funções de orientador, jamais deixou de o fazer, nos erros como nos acêtos, com aquela serenidade de juízo e comedimento de palavra que constitue a pedagogia de que os portugueses mais necessitam.

Ao lado desta pedagogia moral e cívica, não custa reconhecer, na acção do *Diário de Notícias*, o eficaz propósito de ser, na cultura nacional, uma fôrça construtiva. O que o País conhece do seu património espiritual — e dos valores que continuam a enriquecê-lo — reduzido, como se sabe, o número dos leitores de livros e revistas, é à grande Imprensa que sobretudo o deve. Dizer que ela tem efectivado pelo melhor modo as responsabilidades que daqui lhe advêm, seria de um optimismo beato ou hipócrita que desvalorizaria todo êste depoimento. ¿Que se ganha em fingir ignorar que o público desempenha, nos jornais de grande categoria, funções de *redactor principal*? Não é êle que, por exemplo, impõe espaço muito maior ao desporto do que à cultura, à pormenorização do crime do que ao relato da conferência?

Seria, porém, injustiça não reconhecer que à acção cultural do *Diário de Notícias* outras limitações a não tolham além das de ordem geral, que têm quasi fôrça de *fatalidades sociais*. Não conhece, por exemplo, as limitações e os exclusivismos da antipatia sectária ou pessoal — e daí a maior largueza e eficiência de tal acção.



Dr. Hernani Cidade

#### HERNANI CIDADE (7)

(7) Hernani António Cidade nasceu no Redondo (Alentejo) em 7 de Fevereiro de 1887. Professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Foi professor de Liceu em Leiria, Póvoa de Varzim e Pôrto (Alexandre Herculano). Oficial do Corpo Expedicionário Português com uma brilhante fôlha de serviços, promovido por distinção no campo de batalha e condecorado com a Cruz de Guerra. Prisioneiro no 9 de Abril. Quando regressou foi logo nomeado professor contratado da extinta Faculdade de Letras do Pôrto.

## 8.º



Dr. Lopes de Oliveira

O *Diário de Notícias*, fundado por dois homens do povo, e destinado ao povo, guardou sempre através da sua acção cultural a indomável marca de origem.

Mais de trinta anos depois do seu primeiro número, publicava um artigo sobre *Os princípios de 1789*, celebrando a Grande Revolução. Esse artigo era de Eduardo Coelho: foi o seu último artigo: no dia em que apareceu nas colunas do *Diário de Notícias* a mão que o traçara imobilizava-se na gelidês da morte.

Quando abro o jornal de maior expansão no País, procuro sempre encontrar nêlo o espírito que presidiu à sua fundação.

Sofrendo eclipses que circunstâncias políticas ou sociais ocasionalmente produzem, êsse espírito tende sempre a reaparecer: — é a sua própria alma.

### LOPES DE OLIVEIRA (8)

ali professorando de 1919 a 1931. Tem o curso de habilitação para o Magistério Secundário e o curso teológico. Sócio da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e membro da Commission Internationale d'Histoire Litteraire, com sede em Paris. Tomou parte no Congresso da Federação Inter-aliada, como delegado da L. C. G. G. Politicamente fez parte do Directório da Aliança Republicano-Socialista em 1933, e do Conselho Directivo do *Diário Liberal*. Jornalisticamente tem colaborado na *Seara Nova*, *Apica*, *Primeiro de Janeiro*, *Revistas da Faculdade de Letras de Lisboa e Pôrto*, *Boletim de la Facultad de Filosofia y Letras de Compostela*, *Boletim do Centro de Estudos Filosóficos*, além de numerosos artigos de ocasião em vários jornais portugueses. Como conferencista são inúmeras as suas conferências. Foi presidente da L. C. G. G. de 1931 a 1934.

#### BIBLIOGRAFIA:

*Zara*, 1 acto em verso; *Conferências*, Pôrto, 1929; *A Marquesa de Alorna, sua vida e obras com algumas cartas inéditas*, Pôrto, 1930; *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*, Coimbra, 1929; *A obra poética do dr. José Anastácio da Cunha, com um método sobre o anglo-germanismo nos proto-românticos portugueses*, 1930; *Elogio Histórico do Dr. António José de Almeida*, Lisboa, 1930; *Lições sobre a cultura e a literatura portuguesas*, 1.º vol. (séculos XV a XVII), Coimbra, 1933. Conferências publicadas (2.ª série): *Montaigne, Molière, A Tcheco-Eslováquia, Lisboa, Os Lusíadas na formação da Pátria*.

(8) José Lopes de Oliveira. Nasceu em Vale de Açores, concelho de Mortágua,

## 9.º

O *Diário de Notícias* tem indubitavelmente direito à gratidão de todos os Portugueses.

Na sua longa jornada, êle tem sido um eloqüente exemplo de tenacidade construtiva, nobre moderação e elevada fé patriótica.

A sua linguagem há sido sempre a da Justiça e da Moral, instruindo e educando; tem sido realmente aquêlê *dedo indicador do Dever* de que falava o portentoso poeta dos «Miseráveis», ao definir-nos em termos de oiro e bronze a Imprensa.

Alheio a preconceitos e paixões sectárias, defensor estrénuo da Ordem e do Trabalho, — lema augusto da República Portuguesa — activo propagandista do Bem, do Bom Senso, da Fraternidade e de tôdas as causas nacionais, tem sido um laboratório de idéias sãs e fecundas, a criar um ambiente de pacificação na pátria

.....«*a mais formosa e linda  
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda*».

Tem servido a Arte, a Literatura, a Ciência, o Comércio, a Indústria, todos os ramos da actividade nacional em suma: têm sido um poderosíssimo factor do nosso progresso, muito se lhe devendo da obra que desde a implantação do Regime se vem realizando para despertar na alma dos Portugueses o grande ideal colectivo da defesa e prosperidade das nossas Colónias.

---

distrito de Viseu, em 25 de Dezembro de 1881. Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1905. Professor de História e Filosofia, por concurso de provas públicas realizado em 1904. Antigo director das Escolas Normais e reitor do Liceu Passos Manuel de Lisboa. Politicamente pertenceu ao Partido Republicano Português, antes de 1910 até 1920 e foi presidente do Partido Republicano Radical em 1925, o qual representou na Aliança Republicano-Socialista em 1933. Jornalisticamente tem colaborado em vários jornais: *O Mundo*, *O Século*, *A Manhã*, e, principalmente, no *Diário de Notícias*, onde em 1921-1922 publicou muitos artigos sobre terras de Portugal que lhe deram um volume com este título. Redigiu *A Beira*, em Viseu, de 1906 a 1911.

### BIBLIOGRAFIA:

Vários folhetos de propaganda política e social, entre outros: *A Mãe Língua*, *De Cava Erguida*, etc.

Séries Intelectuais: I *Bernardino Machado*; II *Camilo Castelo Branco*; III *Fialho de Almeida*; *Das ultimas gerações*; *Sousa Costa*; *A Justiça e o Homem*; *Por Terras de Portugal*; *A Propaganda Republicana* (na «História do Regime Republicano»).

Nunca as causas nacionais encontraram um auxiliar mais denodado, sendo incontestável que o Regionalismo, os Congressos Provinciais e outras iniciativas de carácter local contam nas suas páginas um constante instrumento de difusão activa e isenta. Pelo conhecimento pessoal que tenho do carinhoso interêsse do *Diário de Notícias* pelo Instituto Histórico do Minho e dos resultados desta inestimável cooperação, posso afirmar que a autoridade e prestígio do popularíssimo quotidiano são verdadeiramente decisivos para a fundação, organização e manutenção das colectividades culturais.

Profecto na idade, mas bem juvenil pelo seu espírito compreensivo, onde êle chega sente-se que um traço de luz irradiante e fecunda aparece, a edificar-nos e deslumbrar-nos avassaladoramente.



Júlio de Lemos

Possue uma extraordinária importância social, pelos entusiasmos que suscita, pelas energias que acorda, pelos interêsses que agita, pelo que estimula o culto da Verdade, da Beleza, da Bondade, da Acção e da Paz.

Precioso arquivo de subsídios para a História, há-de ser consultado pelos homens do futuro, que em suas páginas en-

contrarão as idéias e figuras das últimas décadas não só de Portugal como do estrangeiro.

O sólido renome de que goza é a justa recompensa do seu incessante esforço a bem da Nação. Como a nenhum outro jornal, esta deve-lhe os mais relevantes serviços a prol da cultura do nosso povo: — é o *Notícias Insular*, o *Notícias Colonial*, o *Notícias Pedagógico*, o *Notícias Literário*, a página *A Mulher*, o *Lar e a Criança*; são as conferências públicas sobre *Problemas Económicos*, os *Inquéritos Literários*; as secções *Vida Literária*, *Crónica Literária*, *O Livro*, *Falar e Escrever*, *Crónicas Cientí-*

ficas: — tôda uma vasta enciclopédia constantemente actualizada.

Que êle continue, por outras tantas décadas, a sua utilíssima carreira, encaminhando o País para a Civilização e a Beleza, para aquela «terra de Canaam» de que falava Vítor Hugo e «na qual não haverá em tôrno de nós senão irmãos e por cima de nós o céu» — que é êsse o forte imperativo dos nossos dias de inquietação e tristezas.

Viana do Castelo, 30 de Outubro de 1939.

### JÚLIO DE LEMOS (9)

(9) Júlio de Lemos nasceu em Ponte de Lima a 7 de Setembro de 1878. Concluiu o curso secundário no Liceu de Viana do Castelo, fêz o 1.º ano do curso teológico no Seminário Conciliar de Braga. Foi professor da Escola Normal de Braga, secretário da Câmara de Paredes de Coura e, por último, secretário da Câmara de Viana do Castelo, lugar em que se aposentou em Dezembro de 1938, com 37 anos de serviço. Foi louvado muitas vezes por aquelas municipalidades e, no final da sua carreira, pela Inspekção Geral de Finanças e Subsecretário de Estado das Finanças. Fundou o Instituto Histórico do Minho em 1916, sendo nomeado seu secretário perpétuo, cessando a sua actividade nesta academia regional em 1939.

É sócio correspondente da Academia de Ciências de Portugal, Real Academia Galega, Academia de Estudios Historico-Sociales de Valladolid, Sociedades de Geografia de Lisboa e de Madrid, Retiro Literário Português do Rio de Janeiro, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Institutos de Coimbra, Científico-Literário de Trás-os-Montes, Etnológico da Beira e Arqueológico do Algarve, Seminário de Estudos Galegos de Compostela, Asociación de Escritores y Artistas de Madrid, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto e Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro.

Membro das comissões nomeadas pelo Governo para redacção do Código Administrativo em 1919 e 1920 e do triunvirato que dirigiu a classe dos funcionários administrativos desde 1903 a 1909.

Redactor da *Revista dos Municípios*, de Lisboa, *Revista Municipal*, do Pôrto, *Gazeta dos Municípios*, da Chamusca, e *Revista Administrativa*, de Lisboa.

Tomou parte nos Congressos dos Funcionários Administrativos de Portugal em Coimbra, no Pôrto e Setúbal e nas reuniões magnas da sua classe em Lisboa e no Pôrto. Filiou-se no Partido Republicano em 1906 e no Partido Democrático em 1925.

Fundou as revistas literárias: *Miosotis e Limiana*; a fôlha política *Gazetilha de Coura* e o órgão dos funcionários administrativos *Gazeta dos Municípios*, que dirigiu.

Redactor de *A Aurora do Lima e Distrito de Viana*, de Viana, e da *Correspondência do Norte*, de Braga.

Colaborou nas revistas literárias: *Alvorada*, *A Arte*, *Boémios*, *A Ilustração Moderna*, *Civilização*, *Latinos*, *Gôndola*, *Hoje*, *Gazeta Ilustrada*, *Instituto de Coimbra*, *Arte Nova*, *Idéias e Verdade*, *Ave-Azul*, *A Memória*, *Ala Moderna*, *A Tradição*, *O Ocidente dos Açores*, *A Vida*, *A Ilustração Nacional*, *Boletim da Sociedade Luso-Africana*, etc.

Colaborou nos jornais: *O Repórter*, *A Crónica*, *Mala da Europa*, *O Popular*, *O Mundo*, *Novidades*, *A Época*, *Diário de Notícias*, *A Província*, *Geração Nova*, *Aliança*, *Fôlha do Norte*, *O Norte*, *O Lusitano*, *Jornal de Notícias*, *A Voz Pública*, *A Pátria*, *O Primeiro de Janeiro*, *Acção Liberal*, *Diário do Minho*, *Correio do Minho*, *O Inde-*

## 10.<sup>o</sup>

Se bem compreendo a pergunta que me fazem, o *Diário de Notícias* tem sido, a meu ver, uma força construtiva notável e a cultura da Nação muito lhe deve, tantas são as doutrinas valiosas que contém, e tanto contribue, por isso, para a sua divulgação e assimilação com os milhares de exemplares que diàriamente espalha por tôda a parte.

O velho, simpático e popular diário vem, há setenta e cinco anos, a expôr e tratar os assuntos mais variados e leva-os a conhecer, por forma atraente, a todos os recantos de Portugal. E seria absurdo afirmar que os seus inúmeros leitores se preocupam apenas com o noticiário e o anúncio, na parte em que estes podem ser banais e de pouco interêsse.

Quanto a mim, se me é permitido exemplificar com a mais apagada parcela dos apreciadores de tal periódico o que acima digo, não hesito em escrever que aprendi nêle, nas suas colunas de tipos diversos, muitas das coisas que hoje sei, lendo alto muitos dos seus números e apreciando com satisfação alguns dos seus melhores artigos.

---

*pendente, O Povo, Fôlha de Viana, República, Santa Luzia, O Lima, O Comércio do Lima, Cardial Saraiva, Rio Lima, etc.*

Publicou:

*Arte* — Os livros do sr. Alberto Pinheiro (1898).

*Misérias da Carne*, novelas (1899).

*Campesinas*, contos (1903).

*Memória*, elegia (1905).

*O Monumento a Miguel Dantas* (1916).

*A República em Paredes de Coura* (1916).

*José Augusto Vieira* (1917).

*Relatórios da gerência do Instituto Histórico do Minho* (3) — 1918 a 1920.

*O Cononel F. S. Lacerda Machado e a sua obra literária* (1921).

*O Instituto Histórico do Minho e os seus detractores* (1922).

*Limianismo* (1924).

Dirigiu os *Almanaques* de Viana de 1900, 1901, 1904 e 1908 e de Ponte de Lima de 1924.

Anotou e actualizou a obra *Anais Municipais de Ponte de Lima* por seu avô Miguel Roque dos Reis Lemos (1938).

Prefaciou os livros: *O Poema da Orfandade*, do P.<sup>o</sup> Silva Gonçalves; *Nenufars*, de Alvaro Pinheiro; *Sonhos e histórias*, de Eugénio Trigo; *Conversando*, do Dr. Manuel Vilas Bôas; e *Señardá*, de Aquilino Iglesia Alvariño.

Colaboração nos *In-Memorians* de Domingos José de Novais, Luiz Pinto Osório e Delfim Guimarães e nas obras: *Horas Serenas*, *Em honor de S. Francisco*, *Album de Menina e Mõça* e *Memorial Artístico comemorativo do 15.<sup>o</sup> aniversário da Junta Patriótica do Norte*.

O conhecimento de bastantes factos e de certos homens devo-o à leitura atenta das suas páginas. Em qualquer das suas secções há muito que aprender. Na bibliográfica, soube da existência de alguns livros, do mesmo modo que as minhas predilecções artísticas encontram na sua parte referente a Belas-Artes, conhecimentos do maior proveito.

Não duvido afirmar que no *Diário de Notícias* adquiri o primeiro grande estímulo para as leituras que fiz, ao fixar, nos seus itálicos e normandos destacantes, e nas suas gravuras nítidas e sugestivas, o pensamento e a fisionomia de gente nossa e de além fronteira.

Na leitura da vida do homem que figura ao alto do jornal — Eduardo Coelho — vi o que é a persistência e a boa-vontade, colhi a lição mais salutar acêrca do que valem o estudo e o trabalho. Um artigo de fundo do *Diário de Notícias* orienta e ensina. A Política, a Moral, a Arte, todos os problemas sociais êle trata.



Dr. Celestino David

O movimento literário, artístico, social consta das suas crónicas, leves ou profundas. A história contemporânea está tôda nos seus relatos minuciosos. Comércio, indústria, instrução, educação, são estudados, cuidadosa e proficientemente, pelos seus colaboradores, *elite* de valor indiscutível.

Vibrava em terras distantes o entusiasmo pelos desportos e logo o *Diário de Notícias* se fêz eco dêsse entusiasmo. O turismo actual, o desenvolvimento dos grupos de defesa do património artístico nacional, o regionalismo, tiveram no amor e expansão dêsse jornal o melhor dos veículos.

Bastaria o calor patriótico com que sustentou, durante anos, a necessidade de serem respeitados os nossos monumentos — e eu, e Évora muito lhe devemos nêsse sentido, — para que pudesse

garantir que êste diário serviu a cultura da Nação e representa uma prodigiosa força impulsionadora da mesma cultura.

Embora leitor assíduo e seu correspondente e redactor regionalista por muitos anos, não sou, bem o sei, uma testemunha de valia nêste inquérito, mas ousou dizer que, quantos tenham tal valor, de-certo pensam como eu, desejosos de continuarem a vê-lo na sua estimável obra cultural.

O *Diário de Notícias*, digo-o sem constrangimento ou qualquer espécie de lisonja, marca pelo seu todo enciclopédico, pela profusão dos ensinamentos que nos dá; e uma das suas facetas mais interessantes, e que não pode ser indiferente à cultura do povo português, é o seu profundo e arreigado nacionalismo, no sentido em que êste se impõe como um grande, um forte e louvável amor da Pátria.

Évora, 30-10-939.

CELESTINO DAVID (10)

(1) Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, secretário geral do Governo Civil de Évora desde 1912, lugar que só deixei, durante meses, quando estive, a meu pedido, em lugar igual no distrito de Santarém, fui antes administrador dos concelhos do Cartaxo e Campo-Maior, conservador do registo predial nas comarcas de Alfândega da Fé e Vila Viçosa e oficial do Governo Civil de Castelo Branco.

Em Coimbra, ainda estudante, publiquei os meus primeiros versos — *O Livro dum português* com uma carta-prefácio de Silva Pinto — e um livro de contos *Pela terra*, de colaboração com Anibal Soares, escritor e jornalista. Este Anibal Soares, com Carlos Amaro, José Lúcio, João de Deus Ramos, João de Barros, Marques Braga, Augusto de Castro e outros foram meus contemporâneos e amigos.

Nesse tempo e depois, colaborei em vários jornais e revistas, principalmente no *Diário de Notícias*, onde, durante oito anos, exerci obsequiosamente, o cargo de redactor regionalista. Prosa e versos, crónicas, contos, artigos de arte e etnografia, de tudo fiz no pouco tempo que me deixava livre o amanho dos officios na repartição.

O amor pela provincia alentejana e o empenho em defender e tornar conhecida Évora, levaram-me a substituir, quasi completamente, a minha actividade de escritor, pelo jornalismo de propaganda e pela acção a dentro do grupo Pró-Evora do qual fui fundador e me conservei presidente durante 16 anos, até ir para Santarém.

Sem enumerar os jornais e revistas em que colaborei, posso recordar: *A Democracia do Sul*, de Évora; *O Diário do Alentejo*, de Beja; *Brados do Alentejo*, de Estremoz; *A Revista Moderna*, do Pôrto, e a *Ilustração Alentejana*, de Évora, por mim dirigida, e tendo como director artistico Alberto de Sousa. Além disso há artigos meus no *Album alentejano*, no *Portugal ilustrado*, na *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, etc. Entre os assuntos que tratei, lembram-me os que se referem à organização do Museu Regional, à compra da Casa Amaral, à criação da Pousada Alentejana, à construção da estrada internacional por Mourão, à classificação das muralhas eborenses como monumento nacional, à restauração do claustro da Sé, à conservação do Convento do Calvário, etc.

Todavia, fugindo a essa actividade jornalística e à que fez de mim o cicerone gracioso de quantos, desde 1912, visitam Évora, compus muitos versos e muitas prosas. Daqueles, reüni em volume os do *Alentejo, terra de solidão*, poemas regionais, e tenho

— Aqui no norte lêem-se de preferência os jornais do Pôrto, por adiantarem um dia, porém como Lisboa é o centro da vida nacional, a leitura dos lisboenses é indispensável para quem deseja acompanhar o movimento intelectual, social e político.

Nestas condições, e marchando o *Diário de Notícias* na vanguarda e formando opinião pública, pelos altos valores que nêle colaboram, a sua acção social deve ser, e na verdade é, grande.

Sem querer discutir agora se a idéia conservadora é preferível à avançada, lembro apenas que o *Diário de Notícias* sempre se inclinou mais para aquela, labutando no engrandecimento nacional que é o que importa.

Eu assinei durante muitos anos o *Diário de Notícias* e só o suspendi quando os olhos começaram a emperrar naquele tipo



Abade de Baçal

---

para reunir em volume os de Évora — *catedral do silêncio*. Daquelas, reúni em volume: *Évora encantadora*, impressões, arte e história, com prefácio de Júlio Dantas; *El-rei dos mil palácios*, *Avião da Felicidade* e *O meu país de maravilhas*, contos infantis, editados pela Empresa Nacional de Publicidade.

Tenho ainda inéditos: *Évora-a sempre-bela*, continuação de *Évora encantadora*, dois livros de versos e um romance. E penso fazer editar uma biografia de Henrique Pousão que há pouco publiquei em 40 folhetins do *Notícias de Évora*, onde colaborei de vez em quando.

Escrevendo estas notas, faço-o de memória. Não podem, por isso, ser completas. *Enquanto o azinho arde*, peça em verso; *Cigana amorosa*, id.; *A canção do sol alentejano*, poemeto, são outras tantas coisas que escrevi e cito apenas como elementos que são para se avaliar do meu regionalismo: a paixão que tem pelo Alentejo o beirão que sou, nêle está naturalizado e aqui viu nascer os filhos.

Porque a minha maior preocupação, o meu maior motivo de estudo tem sido a história e a arte de Évora, a beleza e os costumes do Alentejo. Todos os versos e prosas que tenho escrito estão cheios de amor pela cidade-museu e pela província alentejana — aquela e esta exaltadas em vários folhetos de propaganda que fiz, nesse livrinho da coleção de Marques de Abreu intitulado *A arte em Portugal*, e, agora mesmo, no livrinho de contos *A Província dos Milagres — o Alentejo*, que vai sair em separata de *Brados do Alentejo*.

de letra miúda. Naquela altura a sua leitura, para mim, era indispensável a-fim-de colher notícias para os volumes das *Memórias Arqueológico-Históricas*, especialmente para o VII, onde trato dos bragançanos notáveis na virtude, letras, artes, nobreza, armas, etc.

a) FRANCISCO MANUEL ALVES  
Abade de Baçal (11)

12.º



Dr. Cândido Guerreiro

Leitor assíduo do *Diário de Notícias* há perto de cinquenta anos, em nenhum outro jornal encontrei maior escrupulo de imparcialidade, tanto sob o ponto de vista informativo, como sob o aspecto político e doutrinário. Isto, aliado a uma alta dignidade e compostura profissional e ao veemente propósito de bem servir a opinião pública, esclarecendo-a, orientando-a e pondo-lhe diante os grandes problemas que mais justa e intensa vibração lhe devem causar, um jornal benemérito da Pátria.

tem feito do *Diário de Notícias*

CÂNDIDO GUERREIRO (12)

(11) O padre Francisco Manuel Alves, arqueólogo, nascido na freguesia de Baçal; concelho de Bragança, a 9 de Abril de 1865, é uma das mais curiosas, interessantes e eruditas figuras da elite intelectual transmontana. Frequentou o Seminário de Bragança e ordenou-se presbítero a 13 de Junho de 1889, sendo investido nas funções de reitor da sua freguesia natal. Em 1925 foi nomeado director-conservador do Museu Regional de Bragança, que em sua homenagem se chama, desde 1935, «Museu Abade do Baçal». A sua bibliografia é vasta, mas a sua obra principal são as *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança* que já vão no décimo volume. É grande oficial da Ordem de Santiago, e um dos investigadores de maior e mais justificado renome em todo o País. Modestíssimo, alia «a uma docilidade de criança a sua rusticidade de montanhês».

(12) Dêste admirável poeta algarvio, damos as suas notas auto-bio-bibliográficas, absolutamente inéditas:

«O meu nome completo é Francisco Xavier Cândido Guerreiro. Nasci às 11 e meia

da noite de 3 de Dezembro de 1871, em Alte (concelho de Loulé), em casa de meus pais, José Cândido Guerreiro da Franca e Carlota Augusta Landeiro. Matriculei-me no Liceu de Faro em 1885. Por falta de recursos pecuniários e para condescender com a vontade de meus pais, que não estavam em circunstâncias de me dar um curso superior, entrei no Seminário de Faro em 1891, matriculando-me em Filosofia e Latim. Ali, num jornal de seminaristas, manuscrito, escrevi um artigo combatendo o celibato eclesiástico, artigo que escandalizou os mestres e foi motivo de gáudio para os alunos. Escrevi ainda outras enormidades em verso, e não escrevi mais, porque, passado um ano, voltava para casa, declarando perentoriamente que não podia ser padre.

Estive dez anos sem estudar, fazendo jornalismo e sustentando-me, precariamente, a mim e minha mãe (visto meu pai ter morrido em 1894). Em 1902, matriculei-me no 1.º ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, formando-me em 1907 e tomando o grau de Bacharel em 30 de Julho daquele ano, na sala dos Capelos. Comecei desde então a exercer a advocacia no Algarve, e sou notário desde 1910.

Livros que tenho publicado:

*Rosas desfolhadas*, 196 páginas, impresso em 1896 em Tavira, Tipografia Burocrática.

*Avé Maria*, 76 páginas, impresso em 1900, em Évora, Empresa Tipográfica Eborensis. Edição de 100 exemplares numerados que não entrou no mercado.

*Sonetos*, colecção de 51 sonetos, cuja impressão terminou em 31 de Dezembro de 1903 na Tipografia Democrática — Coimbra.

*Eros!*, 16 páginas. Edição da Livraria França Amado, Coimbra, 1907.

*Sonetos*, 2.ª edição (compreendendo 50 da 1.ª e acrescentada com 72) da «Renasença Portuguesa», Pôrto.

*Promontório Sacro*, edição da Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1929.

*Em Forlì (o primeiro sermão de Santo António)*. Impresso na Tipografia Minerva, Vila Nova de Famalicão. (Abril de 1931, VII centenário de Santo António).

Dos sonetos (2.ª edição) foram traduzidos alguns em castelhano e em alemão. Nesta língua tenho conhecimento de cinco traduzidos por W. H. J. Maass, no livro *Voltifche Poesie und moderne Lyrik Portugals*, Heidelberg, Julius Groos, Verlag, 1925.

*Em Forlì* foi traduzido por Guino Battelli, Stamparia Frattarolo, Via della Pergola, 37, Firenze.



## CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

A inauguração oficial da nova sede





Inauguração oficial da nova casa do *Diário de Notícias* realizou-se a 24 de Abril de 1940, e foi uma cerimónia, sob todos os aspectos, imponente. Sobre ela falou assim, o *Diário de Notícias*, do dia seguinte:

A inauguração oficial da Casa Nova do *Diário de Notícias* foi, como adiante se vai ler, o grande acontecimento de ontem. Um grande acontecimento da cidade e um grande acontecimento nacional.

A festa de inauguração foi condigna da casa. Houve a maior solenidade. Principalmente lha emprestaram as personalidades que nos trouxeram a sua presença, entre elas, e primeiro que outra qualquer, o Chefe do Estado, Sua Excelência o Senhor General Carmona. Com êle vieram também as figuras mais representativas do País, nos seus mais altos valores nacionais, culturais e sociais. Bem quizeramos, na distribuição dos convites, perto de mil, alargar o número a quantos nos merecem consideração, dedicação, amizade. Impossível. A pesar de muito grande, a casa não poderia albergar todos, neste dia festivo.

Queremos também, e antes de fazer o relato do acontecimento, agradecer do fundo do coração, não citando igualmente nomes, por ser enorme a lista, a quantos nos deram a colaboração prestimosa e afectuosa. Estamos-lhes reconhecidíssimos.

Sobre a tórre do edificio novo do *Diário de Notícias* flutua, desde ontem, presidindo ao trabalho dêste jornal, a bandeira verde-rubra da Nação. Isso indica, muito expressivamente, que a continuaremos a servir como ela merece — com todo o nosso amor.

Principiamos hoje uma fase nova da nossa vida. As tradições do *Diário de Notícias* serão mantidas. Mas isso não impedirá que procuremos tornar o nosso jornal, em tudo conforme com a casa que lhe vai servir de lar e moradia — moderna, actual, de 1940.

## A cerimónia da inauguração

Choveu há pouco, mas agora um Sol radioso enche de luz a cidade.

No mastro alto do novo edifício do *Diário de Notícias* flutua a bandeira nacional. E há Sol na fachada clara de mármore, nas copas verdes das árvores que enchem de sombras o passeio onde centenas de pessoas assistem ao espectáculo que lhe oferecem.

A cada momento, automóveis param em frente do edifício. Cada pessoa que entra no novo *Diário de Notícias* é uma individualidade, um nome de importância em qualquer das múltiplas actividades a



A inauguração oficial do «Diário de Notícias»  
A chegada do Chefe do Estado

que o nosso jornal — pela sua missão de servir — está de qualquer maneira ligado.

No átrio amplo e magnífico — mármore e fresco, materiais eternos — estão os srs. Carlos Ramires dos Reis, Alfredo Moreira, Ermete Pires e Manuel Gonçalves da Silva, directores da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, dr. Adolfo de Andrade, José Carlos da Silva, drs. José Gonçalves e João Pires Deniz, membros do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade; coronel Pereira Coelho, secretário geral do *Diário de Notícias*, Aprígio Mafra, chefe da Redacção, e Abel Moutinho, chefe da secção de Propaganda e Província.

O sr. José Casimiro Deniz, do Conselho de Administração da C. I. P. C., não compareceu por motivo de doença.

A cada momento vão chegando várias individualidades. O sr. Ministro do Interior é o primeiro membro do Governo que recebe os cumprimentos do sr. dr. Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias*. Minutos depois chegam os srs. dr. Francisco Vieira Machado, Ministro das Colonias, e dr. Carneiro Pacheco, Ministro da Educação Nacional.

O sr. Eduardo Schwabach, antigo director do *Diário de Notícias*, recebe os melhores cumprimentos do sr. dr. Augusto de Castro e dos dirigentes da E. N. P.



A visita do Chefe de Estado às novas instalações do «Diário de Notícias». O Sr. General Carmona aperta efusivamente a mão ao sr. Alfredo Moreira

Pouco falta para as 16 horas.

O átrio, agora, está cheio de gente.

Entre outras, lembra-nos ter visto as seguintes entidades: srs. general Eduardo Marques, presidente da Câmara Corporativa; comandante Tenreiro, em seu nome pessoal e no do sr. Ministro da Marinha; major Monteiro do Amaral, representando o sr. Subsecretário de Estado da Guerra; dr. Sousa Pinto, que representava o sr. Ministro do Comércio; dr. Roque de Pinho, que representava o Subsecretário de Estado das Corporações; Júlio Caiola, agente geral das Colónias; major Santos Pedroso, presidente da Junta de Província da Estremadura; general Peixoto e Cunha, governador militar de Lisboa; eng. Rodrigues de

Carvalho, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e seu secretário, dr. Ferreira de Andrade; Emídio Gonçalves, tenentes-coronéis Esmeraldo Carvalhais e Luiz Santana, do Protocolo do Estado; dr. Vieira Neves, chefe do gabinete do Ministro do Interior; coronel Eurico Cameira, director da P. S. P.; major Lourenço, director da Polícia Internacional; dr. Medeiros de Almeida do I. N. T. P.; Gonçalo Melo Breyner, que representava o sr. capitão Henrique Galvão, director da Emissora Nacional; dr. Silva Pinheiro, representando o sr. governador civil; dr. Lopes Dias, chefe dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa; dr. José Formosinho Sanches, Júlio Martins, Francisco Marques e Luiz Costa, vereadores da Câmara Municipal e dr. Silva Pinto, chefe da repartição cultural da Câmara Municipal.

O Secretariado da Propaganda Nacional fêz-se representar pelo seu director, sr. António Ferro e pelos srs. António Eça de Queiroz, subdirector daquele organismo, Guilherme Pereira de Carvalho e eng. Silva Dias; e a Comissão de Censura pelo seu director, sr. major Salvação Barreto.

Dos serviços de Imprensa diplomáticos estavam os srs. Marcus Cheke, adido de Imprensa na Embaixada Inglesa; Marcel Danny, da Legação de França; Leo Negrelli, da Legação de Itália, e Wilhelm Berner, dos Serviços de Imprensa Alemã.

A Imprensa portuguesa estava representada pelos srs. cónego Pais de Figueiredo, do Grémio da Imprensa Diária; dr. Guilherme Pereira da Rosa, representando a Sociedade Nacional de Tipografia e o director de *O Século*, cuja redacção estava ainda representada pelos nossos colegas srs. Acúrcio Pereira e Luiz Figueiras; dr. Moreira de Almeida, presidente da comissão administrativa do S. N. dos Jornalistas e do *Diário da Manhã*; a *Voz* pelos srs. conselheiro Fernando de Sousa, Pedro Correia Marques e Paulo Costa; as *Novidades*, pelo sr. dr. Tomaz Gambôa; o *Jornal do Comércio e das Colónias*, pelo seu director Deniz Bordalo Pinheiro; o *Diário de Lisboa*, pelos srs. dr. Joaquim Manso, seu director, e srs. Alfredo Vieira Pinto e Norberto de Araújo; o *Primeiro de Janeiro*, por Manuel dos Santos; Alfredo Marques e Francisco Rodrigues, pelo *Jornal de Notícias*, do Pôrto; Eugénio Correia Bettencourt, pelo *Comércio do Pôrto* e seu director sr. Ceara Cardoso. Mrs. Henry Buckley, do *Daily Express*, que ontem mesmo chegou de avião, também nos honrou com a sua presença, tendo a Imprensa estrangeira feito representar-se, ainda, pelos srs. Luiz Lupi, da Agência Associated Press of American; M. Fonchou, da «Havas»; e Adolfo Vieira da Rosa, da «United Press».

Entre muitos outros jornalistas encontravam-se os srs. dr. João Ameal, Alvaro de Andrade, José Parreira, dr. Augusto da Costa, Carlos Selvagem e outros. O sr. dr. Alfredo da Cunha, antigo director do *Diário*

de *Notícias*, por se encontrar doente, fêz-se representar por seu filho sr. dr. José Coelho da Cunha. A Associação de Socorros Mútuos dos Vendedores de Jornais fêz-se representar pelo sr. Américo Alves.

Fizeram-se igualmente representar as associações económicas e numerosos estabelecimentos comerciais e industriais, amigos do *Diário de Notícias*, entre os quais apontamos: Associação Industrial Portuguesa, pelo sr. José Maria Álvares; Associações Comercial de Lisboa, pelo sr. Alfredo Ferreira; e Comercial de Lojistas de Lisboa, pelo sr. Vergílio da Fonseca; Grémio Nacional dos Distribuidores de Filmes, pelo sr. Manuel Fernandes Baptista.

Numerosas foram as entidades que quiseram incorporar-se na festa do *Diário de Notícias*. Impossível se torna consignar os nomes de tôdas as pessoas que tiveram a amabilidade de nos visitar. Dos nossos apontamentos constam os seguintes: general Ferreira Martins, brigadeiros Ribeiro da Fonseca e Silveira e Castro; dr. Júlio Dantas; coronéis Pina Lopes, Linhares de Lima, Pinheiro Correia, Costa Veiga, Correia dos Santos, e Lopes Galvão; tenente-coronel Eduardo Vieira, que representava o sr. general Monteiro de Barros, comandante da Guarda Nacional Republicana; e Vergílio Pereira; capitães José de Melo, João Maria Loureiro, Maia de Loureiro e Joaquim Pedro Faria; drs. Ribeiro Lopes, Cau da Costa, Jorge da Cruz, José Lino, José da Cunha, Caldeira Coelho, Francisco Telo da Gama, Emídio Mendes, Levy Marques da Costa, Orlando Rêgo, Reinaldo Santos, João Correia dos Santos, José Arede Fernandes, Vasco Borges, Rodrigues Cavalheiro, Gonçalves Pereira, Augusto Isaguy, Queiroz Veloso, Costa Sacadura, João de Ortigão Ramos, Alfredo Luso Soares, João Martins Azevedo, Ricardo Jorge, António Vieira Monteiro, Aires Kopke, Rita Martins, Augusto da Cunha, Lopo de Carvalho, Álvaro de Magalhães, António de Figueiredo, Cláudio Olímpio Júnior, Proença Dias, Joaquim Nunes de Almeida, Caetano de Oliveira, Guilherme Braz Medeiros, Mário Alves de Sousa, Alberto Pimentel Saraiva e Artur Ribeiro Lopes, Eng.<sup>o</sup> Cancela de Abreu, Nazaré de Oliveira, Alfredo Andresen da Costa, Mário Santos e Nunes Correia; architectos Ribeiro de Oliveira, Faria da Costa, Rodrigues de Lima e Carlos Chambers Ramos; pintores Almada Negreiros e D. Sara Afonso; actores Robles Monteiro e Samwel Deniz, que representava o S. N. dos Artistas Teatrais; conde de Monte-Real, Élio do Rêgo, Guilherme Cardim, D. Francis Herédia, José Lino, Domingos Serra, Lampreia Gusmão, Jorge Botelho Moniz, João Ortigão Ramos, Fausto Figueiredo, Lopo Lauer, Joaquim Paço de Arcos, João Bastos, Jaime Silva, filho, Armando Pimentel Saraiva, José Castelo Branco, Jorge Silva, Armando Vilar, Leopoldo O'Donnell, António Martins Azevedo, Ernesto Marques da Costa, Pedro Costa, Henrique Morais David, Júlio Ferry Borges, Saul Saraga, Eugène Labat, Artur

Brandão, J. Nobre, Raul Pereira Eloy, José Lino Júnior, Eugénio Moura Coutinho de Almeida Eça, Manuel Soares de Albergaria, Luiz Pereira, Luiz Mayer, Vergílio Soares e as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Conceição Coelho Ribeiro, que representavam os descendentes de Eduardo Coelho, fundador do *Diário de Notícias*.

### A chegada do Chefe do Estado

Pouco passa das 16 horas — são precisamente 16 e 5 — quando chega o Chefe do Estado, imediatamente seguido pelos srs. general Amílcar Mota, comandante Silva Monteiro e dr. Óscar de Carmona e Costa.

No mastro alto, a flâmula presidencial — tôda verde — fica a atestar a presença do Chefe do Estado.

Há um momento de suspensão. Imediatamente a seguir o Sr. General Carmona recebe as saudações do sr. dr. Augusto de Castro, que o recebera à entrada do edifício. E as suas primeiras palavras para o director do *Diário de Notícias* traduzem bem os seus sentimentos:

— As minhas sinceras felicitações.

Mas já a orquestra ataca os primeiros compassos do hino nacional. Um por um, são apresentados ao venerando Chefe do Estado os dirigentes da C. I. P. C. e da E. N. P.

E a visita começa.

Antes, porém, o Sr. Presidente da República acede a declarar a um dos nossos redactores:

— Sinto uma grande alegria em encontrar-me entre os trabalhadores do *Diário de Notícias*, o grande jornal popular, que tem prestado tantos serviços à Nação.

Ladeado pelos srs. dr. Augusto de Castro e architecto Pardal Monteiro, o Sr. General Carmona, imediatamente seguido pelos membros do Govêrno e individualidades presentes, admira os magníficos frescos que decoram as paredes do átrio.

Ao centro, dominando o salão, um grande painel de 13 metros de comprimento por 4 metros e meio de largura, do pintor Almada Negreiros. É o maior fresco de composição que até hoje se fêz em Portugal. Representa a carta do Mundo, incluindo a fauna, a flora e as raças de cada região, com interessantes alegorias às quatro estações do ano, os 12 signos do Zodíaco e os quatro elementos — a terra, a água, o fogo e o ar.

No lado oposto, sôbre as grandes vitrinas, admiram-se as 12 horas diurnas e as 12 nocturnas da vida de um jornal, desde que o acontecimento surge, se interpreta, compõe, grava e imprime até que o «ardina» o leva por essas ruas nas fôlhas do periódico. Na parte sul

enche a parede um grande mapa de Portugal, com símbolos alegóricos das quatro estações do ano e tipos das províncias mais características: Minho, Trás-os-Montes, Alentejo e Estremadura. Estes frescos, que definem a «forma» definitiva de Almada, são de uma exuberante expressão alegórica e de uma delicadeza suavíssima de colorido que enriquecem e valorizam êste amplo e magnífico vestibulo.

A impressão dominante em todos os presentes pode-se traduzir, perfeitamente, por esta frase do Sr. General Carmona:

— Que lindo átrio!

E é lindo, de facto, com os seus mármore castanhos e negros, os painéis policromos, cheios de harmonia; a sua iluminação tão dis-



O Chefe do Estado inaugurando as instalações do «Diário de Notícias» em 24 de Abril de 1940

creta em que a luz, em vez de ferir, é mais um elemento que pesa neste conjunto em que tudo está certo e que se adivinha ter sido estudado longamente.

### **O Sr. General Carmona cortou a fita simbólica da inauguração**

E foi assim, entre um câro de louvores e de elogios, que o Chefe do Estado chegou à porta do vestibulo, onde uma fita de sêda com as côres nacionais barrava a passagem.

A gentilíssima menina Mirita Morais David, afilhada do arqui-

tecto Pardal Monteiro, apresenta, então, ao Sr. General Carmona, numa bandeja, a tesoura de prata para o acto simbólico.

Um gesto breve e o novo edifício do *Diário de Notícias* era inaugurado oficialmente.

Depois, um novo átrio com outro painel de Almada Negreiros sobre a acção da Imprensa, com uma valiosa legenda dum verso dos «Lusíadas» — «Quem não sabe arte não-na estima», e o Sr. Presidente da República tomou o ascensor da escada principal.

### A visita às várias dependências

A visita à sobre-loja do edifício principia pela bela sala de recepção, que domina o átrio. Admirado o seu conjunto de riqueza e sobriedade decorativa passa-se à sala da Revisão e à Biblioteca, onde o Sr. General Carmona teve oportunidade de conhecer e apreciar a organização dos nossos ficheiros.

Na Tipografia, chefiada pelo sr. Guilherme Pereira, o Chefe do Estado analisou pormenorizadamente o funcionamento das 16 máquinas de compor e máquinas para fundir títulos, assistindo à composição e paginação do nosso suplemento especial, trabalhos que lhe despertaram viva curiosidade, não ocultando o interesse que tudo merecia.

Quando se encontrava junto de uma das máquinas, o operário respectivo aproveitou a oportunidade para fixar no chumbo a seguinte linha de composição, que pode significar, na sua tocante simplicidade, a homenagem dos trabalhadores do *Diário de Notícias* ao Sr. Presidente da República: — *Viva o Sr. General Carmona!*

O Chefe do Estado agradeceu a saüdação, abraçando o linotipista.

Despertaram geral agrado as instalações sanitárias do pessoal e o sistema de ventilação das oficinas, estabelecido de modo a fazer sair os gases tóxicos e a renovar o ar, fresco no verão, quente no inverno.

No primeiro andar, os convidados dirigem-se, primeiramente, à oficina de gravura, chefiada pelo sr. Francisco Viana, e acompanharam todos os trabalhos, que fazem dela uma das primeiras do País. Dali passaram à redacção, onde se encontrava o respectivo chefe, sr. Aprígio Mafra, com todos os redactores e repórteres; foram admiradas as cabinas telefónicas, para recepção do noticiário, o sistema pneumático de transmissão de ordens à Revisão e à Tipografia. Foram visitados, a seguir, a sala de recepção do director, tóda em mármore verdes, e o gabinete do sr. dr. Augusto de Castro, onde, ao Chefe do Estado foi apresentado o primeiro número do *Diário de Notícias*, publicado em 29 de Dezembro de 1864, o que prendeu a atenção de todos durante alguns minutos.

No segundo andar, o Chefe do Estado visitou as dependências de *Os Sports*, do *Noticias Agricola* e do *Arquivo Nacional*, tendo-lhe sido apresentados os directores destas publicações da E. N. P., srs. Raul de Oliveira, drs. Urbano de Castro e Joaquim Pratas e Gomes Monteiro. Nos serviços de propaganda e províncias, chefiados pelo sr. Abel Moutinho, admiraram-se as comunicações directas com os dois mil correspondentes do jornal, tendo sido visitados ainda os serviços do contencioso, chefiados pelo sr. dr. Alberto Reis, e serviços clínicos, dirigidos pelo sr. dr. Afonso Tavares.

Quando o Chefe do Estado, ministros e restantes convidados entraram no terceiro andar ficaram agradavelmente impressionados com a magnífica disposição dos serviços de Administração, onde se encontrava a postos todo o pessoal, que tributou ao venerando Presidente da República uma carinhosa manifestação de simpatia.

No terceiro andar foram apresentados ao Sr. Presidente da República os chefes dos serviços de Administração e os de Publicidade, estes dirigidos pelo sr. Faria de Oliveira. Durante a visita, o Chefe do Estado e a sua comitiva fizeram as mais lisonjeiras referências à organização de todos os serviços e consideraram magníficas as instalações.

A boa luminosidade da sala, a disposição do material de trabalho, as amplas instalações de todos os serviços, deixaram em todos uma agradabilíssima impressão, traduzida em constantes palavras de aplauso.

Sempre acompanhado pelo nosso director, sr. dr. Augusto de Castro, e pelos membros do Conselho de Administração da E. N. P., o sr. General Carmona visitou ainda a Publicidade e outras dependências daquele andar, não regateando palavras de justa admiração pela boa organização de todos os serviços e magníficas instalações.

### Os discursos

**Ao fazer os seus agradecimentos, o sr. dr. Augusto de Castro afirmou: — «Um jornal é uma fôrça moral»**

Finda a visita, demorada e minuciosa, a tôdas as instalações, ofereceu a Emprêsa no terraço coberto, de onde se desfruta um extraordinário panorama sôbre a cidade, com o fundo azul do Tejo e as ondulações da Outra Banda a fechá-lo, um finíssimo e delicado «copo de água» ao Chefe do Estado, Ministros e demais seus convidados.

Para o efeito, todo o terraço fôra transformado num lindo e opulento jardim suspenso, a que presidiu o bom gôsto de Erico Braga, repetindo-se a profusão de flores, em artísticas pratas e cristofles, sôbre tôdas as quatro mesas que ocupavam o vasto recinto.

Altos falantes estavam dispostos para se proceder à transmissão dos discursos.

Brilhavam os cristais facetados, as porcelanas finas e circulava, atarefada, em impecáveis fatos brancos, uma legião de criados.

Serviço impecável, primoroso, da Pastelaria Versailles, da avenida da República, que se esmerou em apresentar as mais escolhidas iguarias numa abundante e variadíssima ementa.

Uma mesa transversal destinava-se ao Chefe do Estado, membros do Governo, director do *Diário de Notícias*, administradores da Empresa Nacional de Publicidade, membros do Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, sócios da Academia das Ciências, professores catedráticos das várias Faculdades, membros da Câmara Corporativa e outras pessoas de elevada categoria social.

*Senhor Presidente da República,*

*Senhores Ministros,*

*Meus Senhores, meus colegas e amigos:*

*Permita-me V. Ex.<sup>o</sup> Senhor Presidente, que lhe agradeça a honra da sua assistência a esta festa. A visita de Vossa Excelência constitue um prémio e um estímulo. O prémio é para a Empresa que, no meio das dificuldades da hora presente, levou a cabo, à custa de sacrifícios e de esforços que não será preciso sublinhar, uma obra que representa não apenas um valor industrial na nossa terra, mas um autêntico esforço nacional, que honra e ilustra Lisboa. Creio que o posso dizer, sem exagêro. Não me impedirá a minha situação no Diário de Notícias de exercer, para com a Empresa proprietária do jornal, este público acto de Justiça. Ficariamos todos de mal com a nossa consciência se eu não enaltecesse, interpretando um pensamento, em que, ao espirito de todos os que trabalham nesta casa se unem (estou disso certo) os sentimentos de todos os nossos visitantes de hoje — se não enaltecesse, repito, o que há de meritório, de corajoso, de patriótico no empreendimento a que Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, com o prestígio das suas altas funções e a autoridade da sua nobre figura, veio dar a consagração da sua presença. Os homens que tomaram e realizaram esta grande iniciativa, empregando nela capitais e energias valiosas, deram assim uma prova da sua admirável visão progressiva, merecem o aplauso que lhes endereço e em que Vossas Excelências todos me acompanham com certeza.*

*O prémio da honrosa presença de Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, é, pois, integralmente, para a Empresa Proprietária deste Jornal, que prestou um serviço à Nação e à Cidade — e para todos os que, à realização desta obra, deram o seu privilegiado*

*e ilustre concurso — desde o architecto Pardal Monteiro, meu querido amigo, artista eminente, de rara cultura, cujo nome e cuja competência profissional estão de há muito consagrados, até ao pintor decorador Almada Negreiros, singular temperamento, que representa um dos grandes e raros valores europeus da moderna Arte Portuguesa, passando pelo conjunto de engenheiros e obreiros, que foram dum e doutro preciosos auxiliares. Citarei apenas os senhores engenheiros Eduardo Rodrigues de Carvalho, Eduardo de Arantes e Oliveira, José Carlos de Arantes e Oliveira, Ângelo Ramalheira, Gabriel Ramires dos Reis, Henrique Leote Tavares, Katel e construtor Rodrigues Vacas.*



Na inauguração da nova sede do «Diário de Notícias»  
Vêm-se na gravura, da esquerda para a direita: o sr. dr. Adolfo de Andrade,  
o sr. José Carlos da Silva, o sr. dr. Augusto de Castro, o sr. General Carmona,  
o sr. Carlos Reis e o sr. Alfredo Moreira

*Mas a êste prémio dado ao esforço e ao mérito, junta-se, na significação da cerimónia de hoje, um estímulo — e êsse recebemo-lo nós todos. E dêsse quero eu também partilhar, em nome daqueles que são, dia a dia, os construtores espirituais da expansão dêste Jornal.*

*Um jornal é uma força moral. Esta imensa máquina, que, nas suas peças principais, no seu acabamento técnico e no seu complexo funcionamento material, nós visitámos hoje seria um simples edificio, prêso ao solo, uma construção grandiosa, mas inerte, se a não animasse a projecção duma idéia e a chama permanente do espirito. Estamos numa hora, nacional e internacional, em que tôdas as energias morais*

devem empregar-se para salvar do naufrágio do derrotismo e da violência tudo o que ainda resta de optimismo, de confiança, de fé e claridade no mundo. A Imprensa tem de ser uma lição e um exemplo. Ela não é apenas, cada manhã ou cada tarde, a animadora das boas e más novas, a intérprete e a informadora: é também a confidente e a conselheira. Nessa acção de fervor e de civismo temos todos o dever de perseverar, com sacrificio e dedicação.

A vinda aqui de Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, e dos Ilustres membros do Governo, os Ex.<sup>mos</sup> Ministros, cuja visita constitue uma enorme honra, a que este jornal se confessa imensamente grato, e a assistencia que nos cerca dos elementos mais representativos da vida official, intelectual, economica e artistica do País, à companhia de tantos dos nossos colegas dos outros jornais, que cumprio o dever de saudar, significam um encorajamento, uma indicação e um apoio. Recebo-os e agradeço-os. O Diário de Notícias procurará, nos novos destinos que lhe marcam a nova fase da sua história que hoje começa, ser fiel às dedicações que aqui vieram trazer-lhe mais uma vez a sua simpatia.

E permita-me agora Vossa Excelência, Senhor General Carmona, permitam-me Vossas Excelências, Senhores Ministros e meus Senhores, que conclua evocando os fundadores humildes do Diário de Notícias, os que o criaram, os que o dirigiram, (e tenho a alegria de ver perto de mim o meu velho e querido amigo Eduardo Schwalbach), os que neste jornal trabalharam e aqui deixaram o seu esforço, constituindo o patrimonio e o passado desta grande casa e desta grande obra, que só elles tornaram possível. Consintam Vossas Excelências que, movendo os olhos do passado e dominando o presente em que estamos, volva o meu pensamento para toda a imensa familia dos administradores, leitores, annunciâtes, agentes, redactores e correspondentes, colaboradores, trabalhadores de todas as categorias, artistas e operários, enorme legião deste Jornal, que constitue a sua força, saüdando a função nacional da Imprensa, que servimos e hoje aqui todos viemos honrar, Senhores Ministros, Meus Senhores e meus colegas e amigos — e saüdando acima de tudo Portugal, que Vossa Excelência, Senhor Presidente, simboliza e representa como Chefe do Estado!

### **O Senhor Presidente da República manifestou a sua entusiástica admiração pela obra do «Diário de Notícias»**

Após a prolongada salva de palmas que sublinhou as últimas palavras do nosso Director, ouvido em religioso silêncio, falou o Sr. General Carmona.

Dirigindo-se ao sr. dr. Augusto de Castro, disse:

— Tenho imensa pena, sinceramente o confesso, de não encontrar palavras com que possa corresponder à alegria que neste momento vejo nos rostos de todos os presentes, tão merecidamente satisfeitos com esta magnífica e brilhante cerimónia da inauguração do novo edifício do *Diário de Notícias*. Esta obra é realmente uma obra grandiosa. A inúmeras manifestações de vitalidade da nossa terra tenho com prazer assistido, mas a nenhuma com mais prazer do que esta, que se deve à iniciativa de uma empresa particular digna dos maiores louvores, que lhe não regateio e de todo o coração lhe manifesto.

Felicita por isso, calorosamente, o Director do *Diário de Notícias*, todos os membros da empresa proprietária, em face de tal obra, capaz de manifestar cabalmente todas as suas forças e energias.

— Eu e o *Diário de Notícias* — acrescentou o venerando Chefe do Estado — fomos moços, do mesmo tempo, da mesma idade. Ainda me lembro do *Diário de Notícias* do tempo do Passeio Público. Vimos coisas passadas, que os novos, feliz ou infelizmente, não sei bem, não viram. É uma superioridade que aos velhos cabe, pela qual não haverá talvez que felicitá-los. Recordo o tempo ido do *Notícias* a 10 reis, que por sinal bem poucas notícias nos dava e nem mais eram precisas. Mas o Mundo foi evoluindo, até que chegámos a esta fase magnífica, a esta altura na capacidade de propaganda e expansão, admirável sobretudo pela perseverança que demonstra, qualidade bem rara nos portugueses e por isso mesmo bem digna de ser imitada. Nesta magnífica obra vejo um grande exemplo a seguir, motivo por que muito me regozijo, certo de que dêste mesmo regozijo partilharão todos os portugueses.

Felicitou, por último, calorosamente, o architecto Pardal Monteiro, o artista Almada Negreiros, todos os engenheiros, técnicos e operários que com êle colaboraram, pedindo ao director do *Diário de Notícias* que iguais felicitações transmitisse ao pessoal sob as suas ordens.

Sabendo da existência de alguns operários com largos anos de serviço e de dedicado trabalho, com prazer os deseja condecorar, usando das suas prerogativas de Chefe do Estado, com a Ordem de Mérito Industrial.

Uma calorosa salva de palmas sublinhou o carinhoso discurso do Sr. Presidente da República, em que transpareceu a mais viva emoção e sinceridade.

**Foram condecorados com a Ordem do Mérito Industrial sete antigos tipógrafos do «Diário de Notícias»**

Seguidamente o sr. dr. Augusto de Castro fêz a chamada dos operários que iam ser agraciados, a quem abraçou entre salvas de palmas da assistência, e que são os seguintes:

Guilherme Pereira, chefe da oficina de composição, 49 anos de idade e 38 de serviço; Custódio Ribeiro dos Santos, 67 anos de idade e 50 de serviço; Ângelo dos Santos, 67 anos de idade e 49 de serviço;



Na inauguração da nova sede do «Diário de Notícias»  
O Chefe do Estado assina o Livro de Honra dos visitantes

Francisco Silva, 64 anos de idade e 40 de serviço; Henrique Gomes, 69 anos de idade e 36 de serviço; Tomaz do Nascimento, 53 anos de idade e 36 de serviço; Luiz da Fonseca, 70 anos de idade e 36 de serviço.

Com a devida vénia do nosso director, um dos condecorados, o sr. Francisco Silva, leu o seguinte discurso de agradecimento:

*Senhor Presidente da República, Senhor Director do Diário de Notícias, Senhores Administradores da Empresa: Os operários deste jornal estão duplamente jubilosos: pela inauguração de uma grande oficina que é um título de orgulho para todos e pela presença de V. Ex.<sup>ª</sup>, Senhor Presidente. Trabalhamos com os olhos postos nas nos-*

*sas famílias, mas sabemos que o nosso esforço disciplinado e útil é indispensável ao progresso da Pátria. Desta consciência de sermos organismos vivos da Nação tiramos os melhores motivos para saudar com alegria o Supremo Magistrado do País e o Estado Corporativo que ele representa.*

*Em meu nome e no dos meus colegas permita-me V. Ex.<sup>a</sup> que felicite o sr. Director do Diário de Notícias, chefe intelectual desta casa, e agradeça à Empresa os cuidados que, na construção deste edificio, ela mandou observar em favor do pessoal operário. E termino com dois «vivas»:*

*Viva o Sr. Presidente da República!*

*Viva o Diário de Notícias!*

Ambos estes «vivas» foram entusiástica e calorosamente correspondidos.

Da esplanada o Sr. Presidente da República desceu no montacargas à sobreloja e à cave, visitando os armazéns, a casa das caldeiras para aquecimento central e ventilação, as instalações para aspiração de poeiras pelo vácuo e a grande oficina de impressão.

### ○ êxito do nosso suplemento

#### **Ao pôr em movimento a nossa grande rotativa, o Chefe do Estado e os convidados tiveram uma agradável surpresa**

O Sr. Presidente da República tocou num botão eléctrico e pôs a magnífica rotativa «Hoe» a trabalhar à razão de 100 mil exemplares à hora. Então, com surpresa de S. Ex.<sup>a</sup> e de quantos o acompanhavam, surgiu um suplemento, incluído no número comemorativo do dia, com a reportagem gráfica e literária do que se passara desde a chegada do Chefe do Estado até dez minutos antes.

O Sr. Presidente da República não ocultou a sua admiração pela rapidez com que os nossos serviços de reportagem, redacção, composição, revisão, paginação, fotografia, gravura, esterotipia e impressão se revelavam assim naquele trabalho, que fica constituindo — tóda uma página em cêrca de uma hora — um autêntico *record* na Imprensa. É suficiente referir que a gravura a 4 colunas da cerimónia da inauguração, que normalmente levaria hora e meia, foi feita em 30 minutos.

A cada um dos presentes foi oferecido um exemplar do curioso número, de que se tiraram ainda alguns milhares de exemplares para venda ao público.

À saída no «hall» o Sr. Presidente da República e sua comitiva, bem como outros ilustres visitantes, assinaram o auto da inauguração.

À despedida o Sr. Presidente da República voltou a renovar as suas felicitações ao nosso director e aos administradores do jornal.

Aos membros do Governo ouvimos, no final da sua visita às nossas instalações, as mais expressivas palavras de entusiasmo por tudo quanto viram. Não ocultavam a sua admiração pelo modelar funcionamento dos nossos serviços e os termos em que definiram o seu pensamento sôbre a importância desta iniciativa grandiosa no plano nacional desvaneceram-nos tanto como as observações que exteriorizavam acêrca do espírito que orienta e anima a actividade desta casa.

### Uma reportagem da Emissora Nacional

Os magníficos serviços da Emissora Nacional radiodifundiram a cerimónia e os discursos proferidos. E à noite o nosso distinto colega Augusto Pinto fêz ao microfone uma circunstanciada reportagem do acontecimento.

### O nosso número de ontem

O número comemorativo da inauguração da nova sede do *Diário de Notícias* alcançou um êxito que excedeu em muito o que contávamos.

Inicialmente, esperando o interêsse que êle iria despertar no público, fizemos uma tiragem que excedeu grandemente o normal. E, afinal, a tiragem foi insuficiente. O número especial do *Diário de Notícias*, com grande rapidez se esgotou. Nova tiragem houve de fazer-se e mesmo assim muitos pedidos ficaram por atender.

Telegramas e telefonemas de vários pontos do País foram nesta redacção recebidos. Todos êles de felicitação calorosa, redigidos com palavras de elogio e admiração, que muito nos sensibilizaram.

Com desvanecimento registamos êste acontecimento jornalístico e a todos os que tiveram a gentileza cativante de nos cumprimentar pelo êxito invulgar do número especial os nossos grandes e sinceríssimos agradecimentos.

### Cumprimentos ao «Diário de Notícias»

Não é possível fazer referência aos milhares de cartas, telegramas e bilhetes de felicitações que recebemos a-propósito da inauguração do nosso novo edifício. Referiremos, porém, entre outros, os cumprimentos das seguintes pessoas e colectividades:

D. Maria da Luz Coelho de Castro e Brito, neta de Eduardo Coelho, por si, seu marido e filhas; João Fraga Pery de Linde, filho do nosso saudável camarada Pery de Linde; Embaixador Teixeira de

Sampaio; Ministro e secretários da Legação da China; profs. drs. Egas Moniz, Azevedo Neves e António Pereira Forjaz; dr. Martins de Carvalho; Batalha Reis; engenheiros Vasconcelos Correia e Branco Cabral, respectivamente, presidente e secretário geral da C. P.; Aquilino Ribeiro, dr. Alfredo Pimenta, dr. Alberto Pinheiro Tôrres, Maria Matos, Berta de Bivar, José Alves da Cunha, dr. Norberto Lopes, Alberto Barbosa, dr. José Galhardo, Luiz Galhardo, Basílio Pardal Monteiro, Frimet Giordana, dr. Mário Calixto, dr. Pereira Caldas, dr. Palma Carlos, dr. Eloi do Amaral, Ivo Cruz, José Reis, dr. João Ulrich, Afonso Gaio, Urbano Rodrigues; Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Campo de Santana Futebol Clube; Italo Rizzeti, director da «Italcable»; Sportivo Clube Ocidental, Rádio-Vitória, Moreira da Silva & Filhos, Artur dos Santos, João Dias, Figueiroa do Cinema Batalha, do Pôrto; D. Maria Celeste Ribeiro da Costa, José Miguel Santos Farinha, Fernando Costa Tavares, José Lopes Malheiro, Vasco Sampaio Castelo Branco, Henrique Augusto da Silva Martins, agente Baldy Belém, Rodrigo Aboim, C. Figueiredo, Gualberto de Freitas, Caetano Rodrigues Tapada, Raul Esteves dos Santos, António Hipólito, Osvaldo Martins, António Manuel Maurício, Júlio Vieira, D. Laura Costa e António Mongiardim da Costa, Inválidos do Comércio, Cooperativa Lisbonense de «Chauffeurs», Fradique de Sousa, Casa Hipólito, Associação Comercial e Industrial das Caldas da Rainha, João Amaro Soares, Carlos A. dos Santos, João Dias, Obra das Mães pela Educação Nacional, Eduardo Cerqueira, Braga de Carvalho, Fernando Correia dos Santos, capitão José Catela, Associação Humanitária «Cruz de Malta», Linhares Barbosa, Guilherme Puga, além de muitos dos nossos solícitos agentes e correspondentes.

### Apreciação dum jornalista inglês

Entre as pessoas que assistiram à inauguração do novo edifício do nosso jornal encontrava-se o jornalista inglês Henry Buckley, redactor do *Daily Express*, que acaba de chegar a Lisboa em missão jornalística.

Henry Buckley, em conversa com um dos nossos redactores, exprimiu a sua admiração pelas instalações do nosso jornal em termos lisonjeiros, não apenas para o *Diário de Notícias*, mas também para o nosso País.

«Gostaria — disse-nos — que os jornais londrinos tivessem edifícios como êste».

## Referências da Imprensa

Muitas e desvanecedoras foram as referências que a Imprensa dispensou à inauguração da nova sede do nosso jornal.

Queremos destacar, pelo brilhantismo e pelo «record» de velocidade alcançado, a reportagem feita pelo *Diário de Lisboa* às cerimónias de ontem e as referências amigas dos nossos prezados colegas *O Século*, *Jornal do Comércio e das Colónias*, *A Voz*, *Novidades*, *República* e *Jornal de Notícias*, do Pôrto.

O sr. dr. Augusto de Castro recebeu do sr. Guilherme Pacheco, ilustre director do *Jornal de Notícias*, o seguinte penhorante telegrama:



A inauguração oficial da nova sede do «Diário de Notícias»  
O sr. Ministro do Interior assinando o Livro de Honra dos visitantes  
À sua direita o sr. Carlos Reis que dá a direita ao Chefe do Estado.  
À sua esquerda o sr. dr. Augusto de Castro, tendo à sua esquerda o sr. Alfredo  
Moreira. No segundo plano o sr. Ministro da Educação Nacional e o architecto  
sr. Pardal Monteiro

«Na hora da inauguração das novas instalações do jornal que V. Ex.<sup>a</sup> tão brilhantemente dirige, em meu nome e no da empresa do *Jornal de Notícias*, felicito V. Ex.<sup>a</sup>, a Empresa Nacional de Publicidade e todos os seus cooperadores, fazendo votos de ininterruptas prosperidades».

Também do sr. general Teixeira Botelho, em seu nome pessoal e pela direcção da *Revista Militar* e do sr. Serrão Correia, director da Agência Americana, recebemos amáveis telegramas de saudação.

A direcção do Centro da Imprensa Estrangeira em Portugal e o sr. Afonso Correia, representante do *Diário de Luanda*, saudaram também o nosso jornal.

O nosso solícito correspondente em Lourenço Marques, sr. João Oscar Rodrigues Gouveia, enviou um telegrama ao nosso colega de redacção Armando de Aguiar, encarregando-o de o representar na inauguração das novas instalações do *Diário de Notícias*.

### Colaboradores da festa de ontem

Muitas entidades e pessoas nos prestaram a sua colaboração valiosa para o brilho raro da festa de ontem. Entre elas, assinalamos a Câmara Municipal, que gentilmente nos cedeu as plantas que ornamentaram as dependências deste jornal. E do trabalho dedicado da sua colaboração se desempenhou o sr. eng. Jorge Amorim; a Fábrica de Porcelanas de Vista Alegre cedeu «bibelots» e porcelanas; a Ourivesaria Eloy de Jesus emprestou as lindas pratas da mesa de honra; o florista Carlos A. Santos, proprietário do «Pequeno Jardim do Chiado», concorreu com as suas lindas flôres e a sua competência.

Erico Braga, artista ilustre, foi, com a sua grande distinção, o organizador à altura da festa de ontem.

E ainda no dia seguinte, 26, completava assim as notas referentes a esta inauguração:

O sr. Ministro da Justiça foi das pessoas que mais se interessaram pelo nosso suplemento

Anteontem, quando o Chefe do Estado pôs em movimento a nossa rotativa e esta começou a imprimir o suplemento com a reportagem gráfica e literária das cerimónias que acabavam de realizar-se, uma das pessoas que mais se interessaram por esse êxito jornalístico foi o ilustre Ministro da Justiça, que inquiriu dum dos nossos redactores o tempo gasto aproximadamente em cada um dos serviços da confecção desse trabalho. E o sr. dr. Manuel Rodrigues não ocultou a sua satisfação pelos progressos técnicos que assim exuberantemente se demonstraram.

Uma interessante carta do sr. dr. Joaquim Manso

Do nosso querido amigo e ilustre director do *Diário de Lisboa*, sr. dr. Joaquim Manso, recebeu o nosso director a seguinte carta:

*Meu amigo — Estive na festa do Diário de Notícias, mas não fiquei até o fim, por ter uma ponta de febre.*

*Desculpe-me, pois, da saída prematura. Não quero, porém, deixar de o felicitar, visto que o Diário de Notícias é também uma das suas obras — uma grande parte pertence-lhe moralmente. O novo edificio honra Lisboa e também a Imprensa portuguesa, visto que um jornal que progride não deve provocar nos seus colegas mais que satisfação e aplauso.*

*Porque muito o estimo e admira, desejo sinceramente que o seu nome como director de um grande jornal seja sempre uma garantia de honra para o labor jornalístico. No tempo em que vamos é necessário que os homens que dispõem de um poder como o Diário de Notícias estejam sempre prontos a defender os grandes princípios que salvarão da ruína a nossa civilização ameaçada.*

*Porque sei do seu valor intelectual e moral, conte-me sempre entre os seus amigos e admiradores. — Joaquim Manso.*

### As grandes reportagens do «Diário de Notícias»

O nosso camarada de redacção Belo Redondo dirigiu ao director do *Diário de Notícias* uma carta em que diz:

*Meu querido director — No artigo que escrevi para o número comemorativo da inauguração da nossa sede saíu que António Ferro não conseguira entrevistar Adolfo Hitler. Trata-se duma inexactidão involuntária, porque António Ferro, «repórter» que não conhece dificuldades, conseguiu, de facto, ouvir o chefe nazi.*

*Pelo amor que todos devemos à verdade, peço e agradeço que me permita esta rectificação, que a camaradagem impõe. — Seu dedicado, Belo Redondo.*

### A acta da inauguração

A acta da inauguração da nossa sede, assinada pelo Senhor Presidente da República no momento de retirar-se, era escrita em gótico e tinha uma bela iluminura do distinto artista e escritor sr. dr. Magnus Bergström.

### Referências da Imprensa

Quási todos os jornais diários fizeram largas e lisonjeiras referências à inauguração do edificio do *Diário de Notícias*.

Assim, *O Século* disse associar-se ao acto de regozijo para o *Diário de Notícias*, para o seu ilustre director, sr. dr. Augusto de Castro, e para quantos ali trabalham. O *Diário da Manhã*, que publicou uma larga reportagem da nossa festa, disse, do nosso edificio, que «é sem

dúvida um dos mais belos e mais bem apropriados em que terá a sua sede um grande jornal europeu».

*Novidades* escreveu: «Na edição — suplemento especial do jornal da manhã — que o *Diário de Notícias* ontem publicou e distribuiu com a reportagem da própria inauguração da sua nova sede, quando ela ainda nem tinha acabado, e tirado da potente rotativa à vista de todos os visitantes, liam-se estas palavras:

«Por nós, temos de fixar, com o ambiente de entusiasmo e de carinho que acolheu o Sr. Presidente da República nesta casa nova do *Diário de Notícias* — «hall» majestoso de Lisboa — o orgulho de verificarmos que ao lado do venerando Chefe do Estado se encontram



Na inauguração das novas instalações do «Diário de Notícias»  
Da esquerda para a direita: sr. dr. Augusto de Castro, sr. General Carmona,  
sr. Ministro do Interior, sr. Ministro da Educação Nacional, sr. Alfredo  
Moreira e sr. Carlos Reis

nas nossas salas representantes do Governo e algumas das mais altas personalidades da vida portuguesa em tôdas as modalidades. Políticos, economistas, jornalistas, escritores, cientistas, militares, artistas, todos os que pelo pensamento ou pela acção predominam na sociedade portuguesa aqui vieram trazer-nos, com o seu aplauso, o estímulo da sua presença numa hora de alegria em que se consagram o forte prestígio e a larga expansão dêste jornal». Assim foi; e a estas palavras poderíamos limitar o nosso relato, para darmos aos nossos leitores uma idéa exacta da grandiosidade que o acto revestiu».

O *Jornal do Comércio e das Colónias* acentuou que «o caso de dia, ontem, em Lisboa, foi, incontestavelmente, a inauguração oficial das novas instalações do nosso colega *Diário de Notícias*».

A *Voz* abriu a sua reportagem com estas expressivas palavras: «É motivo de justificado orgulho para todos os jornalistas portugueses a inauguração das novas e magníficas instalações do nosso prezado colega *Diário de Notícias*. Jornal antigo, fundamente enraizada no nosso meio e com uma obra de utilidade pública e de propaganda nacional a que muito poucos saberão fazer justiça, a velha gazeta da rua dos Calafates está hoje instalada em condições de honrar a Imprensa portuguesa. Todos os jornalistas que ontem acorreram a felicitar e visitar o grande órgão matutino sentiram-se também prestigiados, contentes ao lado dos seus camaradas que lá trabalham».

O *Comércio do Pôrto* referiu as suas velhas relações de amizade com o *Diário de Notícias*. O *Jornal de Notícias* disse da nossa sede: «É um edifício majestoso, de formosa arquitectura e modelares instalações, que dão a fisionomia de um grande jornal moderno, semelhante ao das primeiras cidades americanas ou europeias».

O *Primeiro de Janeiro* e o *Diário de Coimbra* fizeram também lisonjeiras referências à nossa festa.

A todos manifestamos o nosso reconhecimento.



Anteontem, quando o Chefe do Estado ia a terminar a sua visita às nossas instalações, o presidente da comissão administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas, sr. dr. João Moreira de Almeida, apresentou ao sr. general Carmona os respeitosos cumprimentos, e as calorosas saudações daquele organismo corporativo, pedindo lhe fôsse permitido notar a circunstância feliz de haver, ontem mesmo, sido publicada — por este jornal e pelos outros diários do País — a informação de ter o sr. Subsecretário de Estado das Corporações aprovado os novos estatutos do mesmo Sindicato Nacional e a cotização de todos os jornalistas, nos termos do decreto n.º 29.031, o que concorrerá ainda para que a data de 24 de Abril do ano corrente possa assinalar-se com «pedra branca» na vida da Imprensa portuguesa.

O Chefe do Estado afirmou que lhe eram muito gratas essas palavras.



Por lapso não referimos na nossa reportagem de ontem que entre os visitantes que honraram o *Diário de Notícias* com a sua presença estava o sr. Ribeiro de Carvalho, distinto director da *República*.

## Mais cumprimentos e saudações

O sr. coronel João José de Melo Miguéis, presidente da comissão da União Nacional da freguesia da Ajuda, comunica-nos que aquêlê organismo aprovou uma moção em que se diz: «A Comissão da União Nacional da Freguesia da Ajuda não pode ficar indiferente a tão grande melhoramento, não só pela muita consideração que lhe merece a Imprensa portuguesa, mas mais ainda por o *Diário de Notícias* ser um dos maiores paladinos na propaganda dos serviços prestados pelo Estado Novo à Nação. Na época das comemorações do Duplo Centenário do Império Português êste jornal contribue com um grande melhoramento para o engrandecimento dos festejos e por consequência do Império Português. Ao ex.<sup>mo</sup> director, sr. dr. Augusto de Castro, e a todos os seus ilustres colaboradores, as saudações desta Comissão; por tão grandiosa empresa».

Recebemos também cumprimentos de: pessoal da Casa do Alentejo, Associação Industrial Portuguesa, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Associação de Socorros Mútuos e Caixa de Previdência dos Vendedores de Jornais, Assistência Nacional aos Tuberculosos, Círculo da Cultura Musical, Sindicato Agrícola da Região de Arouca, Comissão de Melhoramentos de Santo Estêvão das Galés, Casa de Entre Douro e Minho, Ministro da Argentina, general Fernando Borges, dr. Braga Paixão, dr. Aldo Bizarri, D. Amália de Proença Norte, D. Amélia Trajano, tenente-coronel Velhinho Correia, dr. Manuel Maia, prof. dr. Moreira Júnior, Mercedes Blasco, dr. Manuel Ribeiro Ferreira, Henrique de Castro Lopes, Bourbon e Meneses, Francisco Romano Esteves, dr. Túlio Bettencourt Ferreira, Carlos Leal, dr. Jorge Monjardino, prof. dr. Barbosa de Magalhães, prof. dr. Vitorino Nemésio, Vasco Santana, marquês de Fontes, Manuel dos Santos Mendonça, Cardoso Júnior, Neves Correia, Álvaro Malafaia, Henrique Abecassis, José Cardoso, Ursula Ivens, D. Alice Esteves Alves, João José Ferraz de Gouveia, etc.

Tal foi a reportagem que dêste importantíssimo acontecimento nos deu o próprio jornal que o originou.

Na véspera, quere dizer, no dia da inauguração acima descrita, o *Diário de Notícias* publicou-se com 32 páginas.

NA 1.<sup>a</sup> dava-se a nota cronológica das direcções que o *Diário de Notícias* teve, desde o seu início, e alguns aspectos gráficos do novo edificio.

NA 2.<sup>a</sup> expunham-se dois dos elementos da grande rotativa HOE em que o *Diário de Notícias* passava a imprimir-se, sa-

liendo-se que esta máquina mede nove metros de altura por quinze de comprimento e pode atingir uma tiragem de cento e vinte mil exemplares por hora. No texto, e por esta ordem publicavam-se os seguintes artigos:

## PALAVRAS DE FELICITAÇÃO

por Alfredo da Cunha

Quando recebi convite do ilustre director do *Diário de Notícias* para colaborar neste número de tão festivo significado, ocorreu-me



A inauguração da nova sede do «Diário de Notícias»  
O sr. dr. Augusto de Castro, discursando

uma lembrança, sem dúvida um tanto estranha, mas que talvez quem me leia não averbe de despropositada. Por extravagante que o caso pareça, assaltou-me a recordação daquela agitada e ruidosa quermesse do segundo acto do *Fausto*, de saudável memória para os frequentadores do S. Carlos de há trinta anos.

Como é sabido, a êsse movimentado quadro, que representa uma feira anual da antiga Leipzig, animam-no e enchem-no de vida, de côr e de som, em colóquios, cantos e danças, as expansões alegres de gente de tôdas as condições e idades — estudantes, burgueses de ambos os sexos, militares, matronas e raparigas do povo, e também as prin-

cipais personagens do libreto. E na cena aparecem igualmente alguns velhos, que entoam um côro trémulo e rouquenho, que, no original francês, principia pela frase — *Aux jours de dimanche...*

Eu próprio sorri da singular e súbita evocação, que me acudiu menos por acção reflectida da vontade do que por sugestão imprevista da memória.

O que é, porém, certo é que, no meio das justificadas manifestações de legítimo júbilo que hoje devem rodear os proprietários do *Diário de Notícias*, e de que participarão quantos com elles cooperam, e que terão certamente a sua natural repercussão nas colunas d'este jornal, eu hei-de dar, com o aparecimento destas minhas insulsas linhas, impressão comparável à de um dos trôpegos coristas da peça de Gounod, no quadro a que aludi. Ao soltar a voz sumida e desafinada de septuagenário, a-par-dos claros e estridentes hosanas dos outros celebrantes e aclamadores do acontecimento que neste dia se soleniza, devo assemelhar-me a um daqueles burgueses velhuscos entre a multidão mossa e irrequieta da quermesse do *Fausto*. Porque eu, que consagrei a minha actividade ao *Diário de Notícias* durante mais de um dos três quartos de século que elle conta de existência, creio não estar em êrro supondo-me o decano de quantos a esta fôlha deram alguma vez a colaboração do seu trabalho.

A minha vetustez, porém, não acode ao chamamento que houve a penhorante deferência de se me fazer, para, como o rabugento ancião do Restêlo, vir, com «aspecto venerando» e «experto peito», prognosticar maus êxitos. Nem por sombras intento perguntar aos festejados da hora presente — tal qual, segundo o épico, aquele «velho honrado» perguntava impertinentemente ao Gama — com «voz pesada» e «me-neando três vezes a cabeça descontente»:

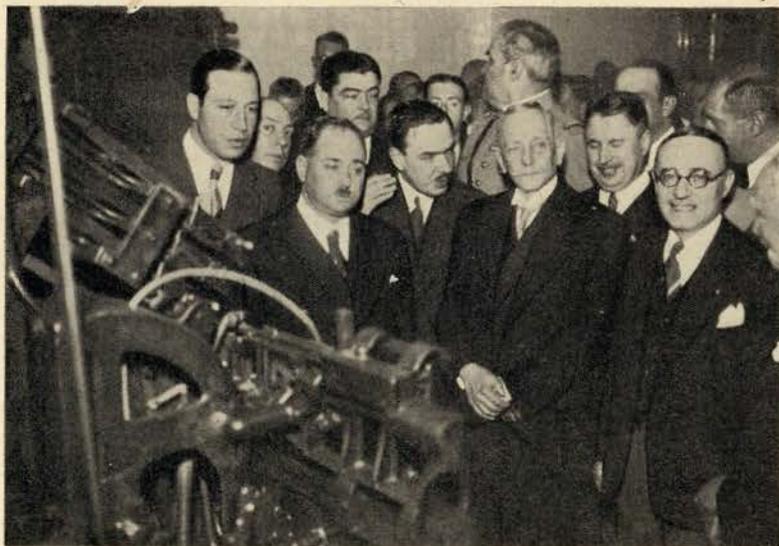
*Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?*

advirão à gente ousada que meteu ombros à empresa de mudar o *Diário de Notícias* de uma parte para outra? Porque é evidentemente um «triumfo» e uma «vitória», que lhes trará as compensadoras «palmas», o tirarem o jornal do modesto prédio que foi sede secular da tipografia onde se tem até agora redigido, composto e imprimido, para o palacete de requintado gôsto e aprimorada architectura que se ostenta na maior e melhor avenida da capital!

Venho, pelo contrário, à imitação dos propectos coristas da partitura, entoar, em surdina, na versão italiana, que mais se coaduna com a situação:

*Nei di... de festa  
...amo parlar.*

E, parlando efectivamente na festa de hoje, não quero deixar de assinalar, com aplauso, que os actuais donos do *Diário de Notícias* realizaram o que o meu casmurro baírrismo nunca teve a decisão de levar a têrmo. Porque, de cada vez que eu, ante o crescente desenvolvimento dos serviços e a maior expansão do periódico, sentia a necessidade de ampliar-lhe as instalações, para lhe desafogar e melhorar a vida, subia em andares, ou descia e profundava em subterrâneos, e não me decidia a mudar-lhe o ancoradouro! Sempre me faltou o ânimo para o tirar da sua rua, para o arrancar da casa onde nascera, e onde Tomaz Quintino Antunes e Eduardo Coelho o viram e fizeram cres-



As novas instalações do «Diário de Notícias»  
Os visitantes examinando uma das máquinas de compor. No primeiro plano vêem-se da esquerda para a direita o sr. Ministro da Justiça, o Chefe do Estado, o sr. Ministro da Educação Nacional e o sr. dr. Augusto de Castro  
No segundo plano o sr. Ministro do Interior

cer, medrar e engrandecer-se. Mas êsse sentimentalismo, um tanto piegas, aliás, até certo ponto, explicável por considerações de carácter pessoal, não podiam nem deviam tê-lo os que sucederam aos sucessores daqueles dois inteligentíssimos e beneméritos revolucionários do jornalismo nacional, de que foram honra e glória. E por isso muito bem se fêz em transportar o jornal da arqueológica, tortuosa e sombria rua do Bairro Alto, onde se comprimia o seu arcaboço, quasi sufocava a sua cada vez mais robusta constituição e mal respiravam os seus, dia a dia, mais amplos e desenvolvidos pulmões, para local

arejado e soalheiro, e portanto com melhores requisitos para mais cómodo e saudável trabalho.

Lembrada no convite do seu Director — grande e notável jornalista moderno — a minha qualidade de antigo Director do *Diário de Notícias*, para me não dispensar de colaborar neste número, não quis eu propositadamente dar ao que me propus escrever a feição grave de um artigo doutrinário. É isto, não porque — como ainda cantavam os senis burgueses da feira lipsiana,

*...la gente a meditar  
Si stanca la testa*

mas sim porque preferi deixar nestas linhas uma simples impressão pessoal. Breve recordação do passado, a-par-de fervorosos votos pelo futuro, ao redigir e endereçar a quem de direito esta espécie de despretençioso e desenfastiado cartão de felicitações, outro intento não tive além do de manifestar o meu sincero regozijo por ver dar um passo tão largo e de tal decisão e coragem, no caminho do seu progresso e engrandecimento, a fôlha a que me ligam as mais gratas recordações da minha extinta vida de profissional da Imprensa.

## NO MONTE DA SAÛDADE

por Eduardo Schwalbach

Quási a argolar às portas dos 80... Vamos com Deus, que é já ter andado bastante! O sino toca a hora do silêncio.

.....  
No Monte da Saüdade a que subi, desdobro o meu olhar em volta, e no luar diáfano a iluminar tôda a paütagem adormecida do meu passado — onde lobrigo contornos de capelinhas de antigas devoções e vultos imprecisos que, pelo esbôço dos seus acenos, meu coração adivinha — distinguem-se, lado a lado, duas tórres em cujas grimpas, pela calada da noite, dois galos, dando por mim, soltam em sobressalto um àlerta trazido até os meus ouvidos por viração galerna. Duas tórres que abrigam: uma o Teatro, outra o Jornal. Irmãos gémeos que se completam na conjugação permanente das suas expressões. A ambos muito quis, a ambos — porque não dizê-lo? — muito quero. São hoje as minhas duas Tórres do Tombo.

Ao àlerta já rouco tento responder com um estridente «Àlerta está!», mas a voz embarga-se-me na garganta, a mão desfalece-me no gesto, as pernas vergam e os olhos semi-cerram-se. Deixo-me sair ao acaso sôbre um dos gastos padrões da minha mocidade, cerro de todo os olhos e sonho.

.....  
Que lindo sonho! Fanfarras à frente, metais faiscantes, todo um passado a desfilar numa galopada wagneriana ante a minha imaginação!

É manhã clara. A ronda dos rapazitos saindo em tropel das tipografias a musicarem o espaço com os seus pregões — *Diário de Notícias! Diário! Diário!*... — sacode-me. Dá-me um baque o coração. ¿Acabara de brilhar Vénus, a estrêla de alva do meu Destino? Sinto a alma a tomar fôlego como um balão a encher-se de gás. Põem-me em delírio os toques estrídulos das fanfarras. À sua frente o Cavaleiro da Aventura com um sorriso de esperança nos lábios e o brandir reluzente da sua espada convida-me de longe a acompanhá-lo. De repelão atiro para as ortigas a carta do meu curso e meto-me pelo jornalismo. E lá vou de velas enfunadas — diviso-me bem! — na esteira das mais afamadas reportagens.

O ambiente do sonho tem mudado de aspecto. Embrenho-me na vida em campo aberto de florescentes crenças e entusiasmos juvenis. Sol acariciador. Eterna *kermesse* de sofrimentos e alegrias. A multidão acotovela-se, a curiosidade aguça-se, a fôlha volante afila o interêsse da novidade.

Esporeado pelo acicate da independência, apenas com 2400 rs. na algibeira, decido fundar um jornal. Três dias depois estava na rua *A Tarde*, e decorrido um ano, com a ufania de ter sido o primeiro que, entre nós publicava a gravura dum acontecimento lisboeta três horas depois de se ter dado, ainda sem sombra de senho dos processos modernos, apenas com Manuel Gustavo a traçar o desenho e Francisco Pastor a gravá-lo em madeira, entrava de bandeira desfraldada pela casa dos 20.000. Hurrá!

Surge, inesperado, grave assunto político. Apela-se para a minha lealdade. É quanto basta. E não passa uma semana que com *A Tarde* não se levantem fogueiras na Praça de Camões e no Rossio. Abandono a obra que com tanto amor criara e que irá acabar em mãos mercenárias num fim inglório. E lá volto ao jornalismo por conta alheia.

Já não se ouvem as fanfarras, o vulto do Cavaleiro da Aventura esfuma-se no espaço, a atmosfera adensa-se, o campo florescente de crenças e entusiasmos é todo êle feno sêco. O sonho sofre uma breve solução de continuidade, mas depressa se reata num alegre e buliçoso panorama. Estrugem palmas e os aplausos refervem em vibrações triunfais. Lá regressa o Cavaleiro da Aventura empinado nos estribos, de novo já se ouvem perto as estridências das fanfarras. Céu aberto dum azul de Nossa Senhora. Sol abrasador.

Sempre com um jornal na mão — breviário das minhas orações quotidianas — a luz fascina-me, o *brouhaha* atraí-me. Escancaram-se-me

as portas do Teatro e numa confiante arremetida invisto pelo palco. Em alvoroçada farândula, sob arcos de rosas e mirtos e mãos com mãos, dentro em pouco rodeiam-me, ao som de berrantes Evoés, *O Intimo*, *A Cruz da esmola*, *Os Postiços*, *O Poema de amor* e *A Bisbilhoteira*, *A Sr.<sup>a</sup> Ministra...* Mas o que me empolga, o que me envaidece — digo-o com orgulho — é a grande acção nacionalista exercida pelas minhas revistas, a fazerem rôsto à alucinada intolerância de há pouco mais de vinte anos e que se esboça na apoteose da *Mulher Portuguesa do Dia de Juízo*, se afirma a seguir com uma coragem heróica na *Tradição do Ovo de Colombo* — dizia-me Moreira de Almeida: «Eu tremia por você e pelo que se seguiria» e se remata no *Ao Deus dará*.

Ah! que bela noite a 15.<sup>a</sup> desta última revista! Como o sonho ma recompõe fielmente com tôda a sua vibração! Sem me conhecer e sem convite, Sidónio Pais assiste ao espectáculo. Findo o primeiro acto, quando o pano vai subir para as chamadas do estilo, um official sai dum bastidor e diz-me apressado: «O Senhor Presidente pede-lhe que vá já ao seu camarote». Sigo-o quási em correria. Sidónio espera-me à porta. Num ápice agarra-me por um braço, leva-me até à frente do camarote, volta-me para o público, recua um pouco e rompe os aplausos com as mais quentes palmas que as suas mãos podiam dar. Como se mola oculta o movesse, todo o teatro se põe de pé e secunda-o com ovações sôbre ovações. Sidónio Pais armara-me assim Cavaleiro do Nacionalismo que através do Teatro — via infalível e segura — eu inoculara na alma do povo. ¡A luz do sonho aquece e vejo então o tremular de bandeiras ao alto, as espadas erguidas em saüdação, e oiço entre aclamações ruïdosas os clarins anunciando a alvorada duma vida noval O Cavaleiro da Aventura perfila-se em continência.

É rápido o momento. À incandescência dum sol rutilante succede, em transição brusca, uma atmosfera nebulosa. O negrume envolve quanto me cerca. A fender um silêncio mortal apenas o ciciar duma oração e um soturno dobrar de sinos. Com o coração afistulado, curvo-me sôbre a terra para me aproximar do Céu. Tento reerguer-me. Não posso. O desalento toma-me de todo, até que uma réstea de sol coada pela escuridão ilumina mão amiga e generosa que me levanta e num arranco me repõe na vida. Sinto um estremeção, prenúncio de que o sonho vai fïndar. E findou.

Recupero-me. Do Monte da Saüdade vejo Augusto de Castro sentar-me na cadeira que Eduardo Coelho e Alfredo da Cunha, com tanta honra, saber e intelligência tinham ocupado e que êle *sponte sua* abandonava para um vôo mais largo. Trocámos um abraço: êle parte e eu fico. Numa volta de mão o *Diário de Notícias* absorve-me, ressuscita-me. ¡Que horas tão plenas de ansiedade, de cogitações contínuas para manter o aprumo da pesada e valiosa herança entregue ao meu cui-

gado! Hoje uma idéia, amanhã outra, um êxito agora e logo outro na forja. Avançando sempre, auxiliado por uma camaradagem nunca desmentida e apoiado numa inexcedível dedicação da Empresa, que não cessa de me dar repetidas provas de sincera estima e de alta consideração — gente boa e sã, de cérebro arejado e coração largo — assim pude continuar a gloriosa obra de Augusto de Castro, vendo os milhares da tiragem a aumentar às dezenas com a velocidade adquirida pelo impulso do seu braço que a tôda a parte chega e do seu talento que tudo ilumina.

Por isso grande é o meu jubilo ao ver o meu esforço também a contribuir em parte para se chegar à glorificação do dia de hoje, à



As novas instalações do «Diário de Notícias»  
Junto das máquinas de compor. Outro aspecto

instalação do novo edifício que se inaugura e que constitue sem dúvida a apoteose dum trabalho honesto e produtivo para a prosperidade nacional. Ao *Diário de Notícias* dei-lhe tudo quanto lhe podia dar: dedicação, inteligência, defesa estrénuua da sua dignidade, preocupação constante do seu engrandecimento. Um dia, porém, chegou em que mais não podia ser: por muito ter produzido, a máquina cansou e teve de ser substituída.

Para o Monte da Saúde, a saúde eu trouxe dèsses quinze anos de ressurreição, dessa grande parte de vida da minha vida, em que eu subia todos os dias as escadas do *Diário de Notícias* como quem sobe

a escada duma bem-amada para lhe dar o beijo do *bom dia* e em que, alta noite, eu a descia... para com a bem-amada ir sonhar.

Daqui, do Monte da Saúde, à Empresa do jornal, que tão minha amiga sempre foi e tão minha amiga continua a ser, aos meus companheiros de trabalhos, seja qual fôr a sua categoria, também sempre tão affectuosos, e a Augusto de Castro, grande e querido amigo que me deu a honra de ser meu antecessor e a honra me dá de ser meu successor, um grande e apertado abraço. Sobre a terra do Monte onde as violetas se casam com os *forget-me-not*, eu ajoelho e peço a Deus a sua bênção para todos!

E agora... O sino toca a silêncio. Não se torna a falar. Reza-se.

## UMA CARTA

de Armindo Monteiro

*O dr. Armindo Monteiro, Embaixador de Portugal em Londres, onde está prestando ao País os mais altos serviços, e cujo nome illustre figura, como um dos mais brilhantes, na galeria dos colaboradores de todos os tempos dêste jornal, honra o número de hoje do Diário de Notícias com a carta, notável pela beleza literária e pela cultura de espírito que caracteriza tudo o que sai da sua pena — e do seu formosíssimo e consagrado talento.*

*É com infinito prazer que nestas colunas inscrevemos e recordamos a sua assinatura.*

Meu caro Augusto de Castro:

Há mais de vinte anos coube-me em herança, no *Diário de Notícias*, a grande tradição da «Crónica Financeira», servida em gerações seguidas, por dois dos mais distintos economistas do Portugal moderno: Manuel e Fernando Emídio da Silva. Modestamente procurei continuar o sulco por êles aberto. Com emoção recordo êsse comêço da minha vida activa, ao receber a carta em que me anuncia a passagem do *Diário de Notícias* para instalações mais amplas, longe do velho e já acanhado prédio do Bairro Alto.

¡Louvado Deus, tudo vai mudando para melhor em Portugal! E que mudanças, desde êsse ano de 1918, em que fielmente lhe comecei a levar — com que ansiedade às vezes! — o meu artigo semanal. Os trabalhos dos homens esquecem de-pressa. Talvez nem V. se lembre já de que nesse tempo entrámos nós, sem pensamento político e apenas por amor da Nação, no combate aos processos que diariamente iam fazendo da nossa terra um campo de ruínas. Às vezes, quando o tumulto rugia na rua e mesmo do Poder baixavam contra nós vozes ameaça-

doras, pelejámos contra o «déficit», a inflação, o desperdício arvorado em instituição permanente, o empréstimo transformado em insuportável recurso diário, a irregularidade administrativa com seu longo cortejo de desordens — ordenados recebidos fora de horas, juros pagos fora de prazos, dívidas em atraso, a onzena a levar o melhor dos rendimentos do Tesouro — o desbarato dos valores nacionais, a instabilidade governativa, a mentira da política. Das colunas do *Diário de Notícias* fizemos vasta sementeira de elementares verdades portuguesas. Muito daquilo que então combatemos é apenas no nosso espírito uma recordação e na vida do País, felizmente, uma sombra que entrou na História.

Em dia já remoto comentávamos, junto duma das janelas do seu antigo gabinete de redacção — que olhava uma rua estreita e escura de que nunca soube o nome — qualquer acontecimento, dêsses que pareciam tirar à Nação tôda a esperança de vida digna, alta e próspera; alguém resumiu o sentimento comum em três palavras de desalento total. E V., com um gesto nervoso de revolta contra o destino que parecia claro, em frases curtas, lançou o seu vaticínio: «êste trambullhar tem de parar um dia. Não sei como; mas há-de aparecer o homem que mude tudo». Tenho essa pequena cena tão viva na lembrança como cousa desta manhã.

Afinal V. teve razão contra a sólida descrença de todos os portugueses; nas últimas gerações tinham-se visto no palco da política tão confusas mudanças e tantas personagens, tantas promessas e perjúrios, tantas meias-verdades apregoadas para esconderem mentiras e tantas mentiras propagadas e aceitas como verdades, que já, designadamente, assistíamos aos acidentes da função governativa como a representação num imenso teatro público. Muita gente tinha, a pouco e pouco, fechado o espírito na consideração dos interesses próprios, aferindo as altas e baixas da Nação pela sua prosperidade ou decadência pessoal.

O Homem do destino apareceu. Nos momentos que exigem grande esforço de salvação colectiva, a raça tem produzido quasi sempre o chefe de que precisa. Mas confesso-lhe que, na obra da renascença que temos acompanhado, menos me surpreende o milagre do homem do que o milagre da Nação. A-pesar-de criada na escola do cepticismo, a grande massa da nossa gente soube aceitar com fé, seguir com devoção e persistência, admirar e louvar sinceramente o trabalho silencioso, hercúleo, mais feito com cuidado do futuro do que com a preocupação do imediato, que depois de 1928 nasceu e tomou corpo. De longe vinha o português ensinado a não se admirar de si próprio no esforço e na vitória dos homens do seu sangue; a repetição de críticas que não conheciam a justiça levava-o a considerar quasi como ofensa os triunfos dos outros, generalizando-se a atrofiadora sensação de que um português tem qualidade para poder ser tudo e fazer tudo no Mundo —

menos admirar outro português ou cousa portuguêsã. Contudo, a verdade é que o País, — guiado pelo Exército — desde o primeiro minuto, aceitou, compreendeu e seguiu o Chefe de dotes excepcionais que em Abril de 28 chegou ao Poder. E êsse foi o facto que, dominando todos os mais, tornou possível a conquista do equilibrio financeiro, o início da marcha para a abastança colectiva, a restauração dum Estado honrado, o orgulhoso aparecimento de Portugal entre as Nações como povo que todos os dias ajunta alguma cousa ao cabedal da sua riqueza e cultura e que, nada devendo, nada perde.

Acima de tudo, essa foi, nos últimos anos, a grande mudança nacional. Todos vêem as ilimitadas esperanças que abriu diante de nós; e só pela duração do mesmo estado de espirito, pela decisão de o manter, pode agora o País seguir os seus rumos. O destino dos povos não é principalmente forjado por fórmulas de Govêrno: é feito, sobretudo, pelo carácter da gente. Quando os regimes políticos — que são formas de disciplina social — não sabem adaptar-se às qualidades e defeitos da grei, acabam sempre por cair sem glória. Na queda, às vezes estrebucham longamente, por terem radicado paixões ou interesses. Mas as suas convulsões já não são efeito da vida: são a prova da morte: e a fôrça alheia — mesmo que o apoio estranho os não cobrisse para sempre de ignomínia — nunca poderia operar o milagre da ressurreição. Em política o que passou, morreu.

O acontecido nestes últimos anos em Portugal mostra que, por debaixo da desordem corrente, a vontade colectiva se mantinha intacta. Nenhuma certeza pode ser mais consoladora do que esta, em momento de tão grandes dúvidas e ansiedades. Sôbre o Mundo adensa-se a escuridão. Por muito tempo a Europa não voltará a ser o que foi. A roda da civilização em que fomos criados — e que o século passado olhava como aquisição inabalável e progressiva — pairam as mais sinistras ameaças. A assoladora marcha da guerra vai atirar para a pobreza povos que eram ricos e, por mais generosos que sejam as palavras e as intenções, aguçar todos os egoísmos. Calculadamente, dia a dia as nações vão-se tornando mais indiferentes à sorte alheia, na idéia de que, no isolamento, podem defender melhor a sua vida, cultura e interesses. O instinto de cada povo segreda-lhe que é principalmente sôbre as suas próprias fôrças, morais e materiais, que assenta a defesa do seu presente e a segurança do futuro. Mas o preço da catástrofe tem de ser pago por todos; e nem por se julgar longe dos grandes campos de batalha poderá Portugal fugir a dar para êle a sua quota.

Só a unidade inquebrantável da gente pode evitar que os nossos sacrificios sejam comparáveis aos dos países que caíram já sob as asas imensas da guerra. Mas não nos iludamos: ninguém pode evitar que ela nos toque em pontos vitais. Por a luta não ser iluminada ainda

por grandes clarões de tragédia, o julgamento de muitos apouca o valor e a extensão das ruínas que se vão acumulando. Por ora afrontam-se forças profundas, mas nem por escondidas menos violentas; se a guerra durar, como a noite segue o dia, assim as outras acabarão por se bater em desesperado duelo. As destruições já operadas na vida económica, financeira, política e social dos povos são imensas. Os últimos seis meses passaram sobre a Europa como uma devastadora revolução. A calma portuguesa oculta aí as extensas mudanças, materiais e espirituais, que grande parte da Europa sofreu neste pouco tempo — e não deixa chegar nitidamente aos olhos de todos a imagem dos sacrifícios que, como diária grandeza de alma, os povos vão suportando. Racionamentos, considerável alta de preços, restrições monetárias, abolição da liberdade comercial, economias directa e indirectamente impostas, absorção das pequenas ou grandes disponibilidades de cada bôlsa, serviços públicos novos postos a cargo de todos como contribuição de trabalho, abertura obrigatória de cada lar a evacuados, diminuição de confortos habituais, queda da qualidade dos géneros, limitação de lucros e salários, tributos esmagadores e crescentes formam o fundo do quadro da mobilização da energia e da riqueza da Europa para a guerra. Cada dona de casa tem de dar diariamente a sua batalha ao inimigo, e, fora das trincheiras e acampamentos, tem cada civil de pagar, em desconfortos, privações e tributos novos, a sua quota de combatente.

Muito de tudo isto nos chegará em pequena escala, se soubermos compreender a gravidade desta hora e aceitar a disciplina que ela exige; se não soubermos, a substância da Nação terá de pagar por alto custo a nossa ligeireza de alma e todos nós, não com sacrifícios mas com misérias individuais e sociais, teremos de saldar o preço da nossa vassalagem à loucura europeia.

Creio que, por debaixo dos episódios e aparências, se enfrentam hoje no Mundo o equilibrado espírito do Ocidente e o espírito gregário do Oriente: — o primeiro, erguido sobre séculos de doutrinação cristã, filho do Direito romano, deixou-se dominar pela idéia de solidarizar a acção do Estado com a do cidadão, abrindo campos largos à iniciativa deste, ansioso sempre por conciliar as liberdades necessárias à vida de todos; o segundo, vindo de estepes misteriosas, nascido do calor de sentimentos que nos parecem bárbaros, surge-nos como um triturador de todos os conceitos morais e jurídicos sobre que se funda a nossa milenária civilização e tão desprezador da família e do indivíduo como dos valores afectivos e culturais que ambos representam: atento, apenas, à obra de implantar a divindade do Estado sobre os escombros da personalidade humana, é-lhe estranho tudo que não seja o seu próprio poder ou força, o seu comando discricionário e total.

Ninguém pode ignorar que, a coberto dos acontecimentos dos últimos anos, com paciência que não conhece o cansaço, este último estendeu no Mundo uma rede vasta e complicada de adesões, interessadas ou ingenuas. Perdida a guerra de Espanha, esta guerra é a sua última oportunidade. Muitas nações estão hoje sob o fogo da sua propaganda, que nuns meios é pacifista e noutros cheia de ardor patriótico, que aqui ajuda os que protestam contra a alta dos preços e ali se coloca ao lado dos que pedem as subidas de salários que hão-de tornar aquela inevitável, que, junto duns, ataca os Governos pela sua incúria e junto doutros pelo seu zelo excessivo, em toda a parte procurando criar motivos de confusão, de desconfiança e de descrédito, entenebrecendo o que é claro, adulterando o que é simples, resistindo ao que é necessário, desanimando, exagerando, deturpando, inventando, para que o honesto pareça criminoso e se afigure corrupção ou traição tudo o que é defesa do bem público, da verdade ou da ordem.

Mais uma vez estamos hoje diante desta triste realidade. A salvação comum reclama que todos a conheçam e que ninguém a esqueça. A luta criou obrigações e encargos morais pesados e permanentes aos Governos e aos simples cidadãos. Nesta hora de suprema crise estará ao lado dos inimigos da Nação quem não souber ou não quiser estar ao lado dos que a defendem. Em toda a parte chegamos a momento em que tem de ser patriota pela força quem o não fôr pelo sentimento ou pela razão.

E aqui está, meu caro Augusto de Castro, como, ao fim de tantos anos, só porque V. lhe deu um pretexto, este seu velho cronista voltou a prègar do alto das colunas do *Diário de Noticias* as idéias que lhe parecem claras e portuguezas. Desta vez tem de lhas mandar de muito longe. Levam, por isso infinitas saúdaes da terra, que são mal teimoso.

Muito seu

ARMINDO MONTEIRO

NA 3.<sup>a</sup>, em destaque, nas duas primeiras colunas ao alto, o seguinte artigo, não assinado:

### QUANDO SE MUDA DE CASA

O *Diário de Noticias* deu um exemplo. Vindo instalar-se no coração da Lisboa moderna, procurando dar à sua nova sede o esplendor, o conforto, a perfeição técnica e material dum grande jornal europeu, a velha gazeta de Eduardo Coelho e do Conde de S. Marçal não mudou apenas de casa: realizou um acto simbólico. Tomou uma ati-

tude. Deu um passo — e um grande e visível passo — ao encontro duma Lisboa que se transforma, na direcção dum espírito nacional mais vasto. Deixou um bêco. Fixou-se numa avenida.

Era certamente um bêco familiar e glorioso — êsse em que êste jornal nascera, se criara, engrandecera e prosperara. Tôda a sua história, literária, política, noticiosa, industrial, está ligada à pequena rua estreita e pitoresca que ouvira os seus primeiros vagidos, em que usara as primeiras fraldas e deitara as primeiras calças compridas.

Eu próprio consagrei àquele prédio antigo do Bairro Alto as mais vivas e melhores recordações que me ligam a estas colunas, de que, mesmo através duma ausência de mais de quinze anos, nunca perdi inteiramente o hábito — e que nunca perderam, elas também, os afec-



As novas instalações do «Diário de Notícias»  
O Chefe do Estado na secção de gravura

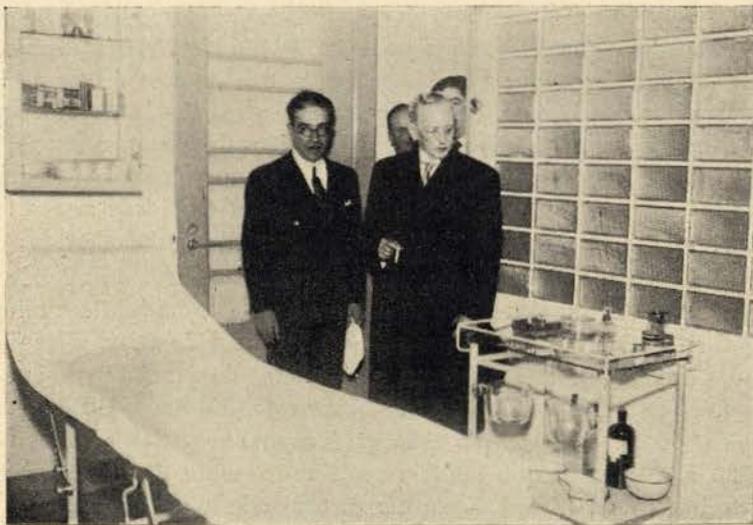
tos que lhes deixei. Confesso que não abandonei sem pena aquêles lugares tradicionais, em que pela primeira vez entrara há vinte anos para substituir o ilustre Alfredo da Cunha — e em que ficara, substituindo-me, um mestre na arte da amizade e do talento, Eduardo Schwalbach (porque não basta na vida ter talento e ter afectos — é preciso sabê-los ter).

No dia em que parti do velho e pequeno gabinete, que dava sôbre a rua do Norte, cheia de guitarradas e de gatos — para vir instalar-me diante desta nova mesa, donde avisto as olaias da Avenida, vestidas de Primavera, senti o coração bater com mais pressa. Estive

quási a comovêr-me. Para evitar a pieguice da despedida, não olhei para trás. Estou habituado a viagens mais longas. Pois esta viagem não foi das menos impressionantes.

E, mesmo agora que cheguei, que já desfiz as malas, que arrumei os papéis e a bagagem, não resisto à tentação de acenar, de longe, o meu lenço branco de saúdades às horas, vivas, combativas, ardentes e felizes, que lá me ficaram — entre aquelas paredes históricas, de cabelos brancos, que viram êste jornal menino, foram as suas amas sêcas, e, na sua humildade, tinham qualquer coisa de maternal e protector.

Mas o Destino é o Destino — e ninguém lhe foge. O *Diário de Notícias* e a rua Diário de Notícias fizeram casa à parte. Ficaram ami-



As novas instalações do «Diário de Notícias»  
O Chefe do Estado visitando o Posto de Socorros

gos, mas separaram-se. E a história dêste jornal está por tal forma ligada à história de Lisboa nestes últimos setenta anos, que é forçoso ver no facto qualquer coisa que excede o simples e banal episódio duma transferência de bairro e de mobília. Se não receasse o exagêro, que pode ser classificado de imodéstia profissional, diria que tenho quási a impressão de que não foram só os velhos prelos e os velhos hábitos que se deslocaram — foi a velha Lisboa que mudou de prédio.

É preciso sacrificar alguma coisa ao progresso — e à vida. Sem darmos por isso, nós próprios lhe sacrificamos todos os dias qualquer coisa: os bigodes, as polainas, a aba do chapêu, o corte das calças, a

côr da gravata e as botas de elástico. Um pouco da nossa personalidade vai assim evoluindo permanentemente, sem nós sentirmos. Acontece às cidades — que, no fundo, não são senão a nossa imagem, em grande — a mesma coisa. Também elas mudam, sem darem por isso, de colete, de côco e de feitiço de barba. Lisboa transformou-se. Com ela transformou-se este jornal.

O *Diário de Notícias* foi e continua a ser uma criação de Lisboa. O segredo do seu êxito foi este. Os vindouros encontrarão nestas colunas a crónica e o espelho, igualmente fiéis, dos últimos três lustres lisboetas: desde as intrigas das suas ruas, o pitoresco das suas anedotas, o balanço das suas misérias, o quadro das suas glórias e dos seus tipos, a sua maneira de viver, as suas trapeiras e os seus pátios, até à sua expressão literária, que vai de Camilo e Ramalho a Eça e a Júlio César Machado.

À medida que Lisboa progredia, o *Diário de Notícias* desenvolvia-se. Pode dizer-se que não houve nestes três quartos de século iniciativa ou acontecimento, que interessassem a existência cidadina, que não tivessem encontrado neste jornal a sua inspiração ou o seu órgão. O *Diário de Notícias*, cidadão de Lisboa, foi, através da sua carreira, o mais lisboeta de todos os lisboetas. Fisionomia da cidade nunca teve melhor retrato. Os pregões de Lisboa nunca tiveram melhor pregão.

A Lisboa do Bairro Alto, da Praça da Figueira, dos Poiais de S. Bento e do mangerico botou avenidas novas, flor na lapela e relógio de pulseira. Arranjou vestido novo, deu-se a andar de avião, a frequentar o *Clipper* e a tratar por tu a América, de janela para janela. E o *Diário de Notícias* seguiu o movimento. Encomendou um fato à moda, de corte inglês, pôs uma gardénia no casaco — e mudou de prédio. É esse caso, que poderia ser simplesmente doméstico, é um acontecimento de Lisboa — porque corresponde a um ritmo novo da cidade e do jornal que se habituou, insensivelmente, a resumí-la.

Mas lá dentro — na cidade e no jornal — a alma é a mesma. As personalidades duma e doutra ficam intactas, da mesma forma que nós, por trocarmos a farpela, não deixamos de ser quem somos. Lisboa do aeroporto, da auto-estrada, a cinco horas de Londres e a um salto de Nova York, pode sonhar com o seu arranha-céus — quem, mesmo na sua idade, não sonha com um brinquedo? — mas, no fundo, é a mesma bonacheirona, alegre, cantadora e florida Lisboa, que, ainda debaixo do seu vestido alfaiate, azul-marinho, não sabe esquecer a sua velha saia de ramagens e o seu avental de cravos.

E o *Diário de Notícias*, mesmo na Avenida, a dois passos dum Parque que tem o nome dum rei inglês, permanece fiel àquele bairrismo que fez a sua glória — e continua a ser o teu amigo e o teu

confidente, o teu espelho e o teu intérprete, Lisboa que o criaste e dêle fizeste o que êle é hoje: um cidadão do Mundo.

NA 8.<sup>a</sup> acompanhados pelas gravuras: Camilo no ano da fundação do *Diário de Notícias*-1864; Ramalho Ortigão em 1870, quando de colaboração com Eça de Queiroz escreveu o «Mistério da Estrada de Sintra» para o *Diário de Notícias*; Júlio César Machado, Barão de Roussado e Ramalho Ortigão. (Água forte de Rafael Bordalo no «Calcanhar de Aquiles»); o antigo edifício do *Diário de Notícias* e reprodução das primeiras páginas de alguns jornais que o antecederam e se imprimiram na tipografia que ali existiu desde 1748; Eça de Queiroz em 1870, quando de colaboração com Ramalho Ortigão escreveu o «Mistério da Estrada de Sintra» para o *Diário de Notícias*; — liam-se os artigos que vamos dar pela ordem em que vinham paginados:

#### PEQUENA HISTÓRIA

### O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» E O SÉCULO XIX

por Luiz Teixeira

«Todo o reino é paz», acentua Teixeira de Vasconcelos na sua crónica política em pleno verão de 1864. Os tumultos do Minho, sem ideal nem objectivo, foram, há dois anos, as reticências finais de meio século de guerra civil e agitadas convulsões políticas. Acabou na Ajuda o diálogo de affectuosas confidências entre o Rei jôvem e querido e o bibliotecário isolado e intransigente. Numa gala festiva de vermelhos e dourados reais as galeotas e bergantins sobem o Tejo com uma Princesa de Itália que vai começar aos quinze anos, aqui, um reinado feliz. Fontes, no jôgo da sua política de realidade — «pedem-me estradas em vez de reformas...» — define a época numa réplica serena, em S. Bento: — «Temos tido cinco anos de paz profunda e a mais completa liberdade». O espírito da *Regeneração* esclarece-se, triunfa. Alvorece o rotativismo entre longos desabafos declamatórios nas Côrtes e murmúrios de intrigas rasteiras na Arcada.

Chiado abaixo, mais velho, um pouco embranquecido, mas sempre elegantíssimo, António da Cunha Soto Maior gasta alguns meses de férias longe do pôsto diplomático de Estocolmo, que exerce há dez anos. Passa por êle, na volta para o Rossio, o vulto alto de Latino

Coelho. Nem se cumprimentam. O duelo daquela temota manhã de Setembro, lá em cima, no Alto de S. João, não foi esquecido ainda por nenhum dos contendores. Agora, a poucos meses de receber do Rei o título de visconde, a lembrança das patavras com que Latino o afrontou — «modelo dos devassos» — entristece-o. É pára um pouco. O olhar perde-se no espaço em doce rebuscar de recordações. Evoca num momento a sua estreia parlamentar, quando, depois de comparecer às quatro primeiras sessões da Câmara, completamente envolvido nas pregas fartas dum targo «carrick» vermelho e de complicadas romeiras, o presidente, indicando num gesto vago as graves casacas negras dos outros deputados, o convidou a retirar-se «por não estar em traje conveniente e digno». E sorri agora como também sorrira então ao deixar cair dos ombros o enorme capote para se exhibir, em plena sensação geral da Câmara, na opulência requintada da sua casaca verde-bronze, perfeitíssima, e, numa vénia, pronunciar pausadamente as primeiras palavras da sua carreira política:

— «Quere V. Ex.<sup>a</sup>, sr. Presidente, dizer-me onde é o seu alfaiate?...»

Julga ouvir num eco amortecido o gargalhar descuidado da sua mocidade por botequins e casas de jogo da Lisboa boémia do tempo da regência; a algazarra das desenfreadas «batidas» fora de portas; o clamor da Câmara baixa quando o velho Saldanha se ergueu para o esmagar do alto do seu prestígio com o pêso de desonrosas acusações. No entanto, neste inverno de 64, Júlio César Machado, no folhetim da «Revista Contemporânea», lembra-o apenas como «eloqüente parlamentar», «esplêndido conversador a quem os *dandys* chamam príncipe da elegância, os políticos um génio ardente e os homens de letras um cintilante estilista». À noite olham-no atentamente em S. Carlos e tôda uma geração de novos janotas o inveja.

Uma calma bocejante e melancólica envolve as almas e as coisas da cidade. Pelas ruas quási despovoadas mistura-se num sussurro enfadonho o chocalhar das últimas seges e traquitanas com a lamúria dos pregões arrastados. Uma população preguiçosa e enfastiada passa as tardes em sonolências mornas sob as árvores velhas do Passeio Público, com namorados lânguidos pelos bancos, vendedores de capilé por tôda a parte e os velhos do Asilo seguindo o rasto dos senhores de chapéu alto na pista das pontas dos charutos de vintém.

Depois são as noites enormes e mudas, tão tristes que parecem à observação dum novo folhetinista da «Gazeta» «um arrependimento da vida». Ilumina-se uma janela no Paço e lá dentro o senhor D. Luiz, sem cuidados alarmantes da política, no intervalo da tradução de duas cenas de Shakespeare, faz gemer no violoncelo tôda a desolação e enlêvo nostálgico do tempo. E já talvez o Sérgio tenha passado da orquestra do teatro ligeirinho do Socorro, à espera que Fialho apareça

para o ouvir imitar, sôbre as cordas, as gargalhadas do Diabo junto do balcão de Margarida na serenata do *Fausto*...

O romantismo dissolve-se na monotonia duma prolongada estagnação.

Garrett recolheu-se à sua «linda casa dos Prazeres». Herculano, cansado de incompatibilidades pessoais, saúdoso do seu amigo Rei e descrente da época, vai partir em breve para a quinta de Vale de Lobos. Castilho trabalha ainda. O seu antigo secretário, homem baixo, de olhar penetrante e bondoso sob a ampla frente, perde-se agora nos trabalhos da Imprensa diária a redigir correspondências para os jornais do norte e crónicas do dia a dia na *Revolução de Setembro* e no *Conservador*. Chama-se Eduardo Coelho. Certa noite recebe na redacção daquela última fôlha a visita dum jóvem de vinte anos, desconhecido, que lhe solicita a influência a favor da publicação das suas primícias literárias. É Manuel Pinheiro Chagas no início duma carreira triunfal.

Sente-se que a autoridade dominadora de Castilho — um gigante! — começa a receber os primeiros ataques de gerações ansiosas que chegam. João de Deus discute as suas teorias e aquêle «môço pálido, distraído, simples», a quem o autor dos *Contos ao Luar* chama neste inverno de 64 «uma criança sublime que sabe tudo aos vinte anos — talvez sucessor de Garrett um dia!»: — Teófilo Braga é um aguerrido arauto da luta que se aproxima.

«Pelos caminhos de ferro rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha, torrentes de coisas novas, idéias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interêsses humanitários», e em Coimbra, com Antero a justificar a lógica da encíclica de Pio IX, Teófilo e as suas *Tempestades sonoras*, Anselmo de Andrade com as *Epopeias da História*, José Falcão, Eça, e outros rapazes dos dezoito aos vinte e dois anos, explode num alarido de discussões um movimento intelectual vibrante, fecundo e arejado que vai ferir de morte o romantismo já em lances de decrepitude evidente.

Novas influências se distribuem na conquista do espírito moderno: Heine, Proudhon, Baudelaire, Michelet, Hegel, Balzac, a enorme sombra de Hugo...

Eça diria mais tarde: «Todos nos movíamos, com efeito, entre fantasmas, por nós gerados para gastar sôbre êles a abundância do nosso entusiasmo ou sôbre êles cevar santas indignações».

O jornalismo do tempo ou é essencialmente político, com projecção do estilo insolente e agressivo que antes celebrizara o padre de Beja na *Tripa Virada*, ou poético, anedótico, recreativo, com pesadas colunas de erudição, versos magoados ou narrações históricas empoladas de adjectivação sem medida.

A *Revista Universal Lisbonense* anunciara no seu programa: «Este século, tão destruidor como criador, matou a Livraria e pôs em

seu lugar o Jornalismo. Assim deveria ser porque este século é popular». Castilho, que redigia a revista e ali publicou a crítica do *Eurico* e do *Frei Luiz de Sousa*, chamando a «S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Garrett» o «redentor ou verdadeiro criador do Teatro português», espalhava pelas suas páginas, sempre tocadas dum nítido sabor didáctico, entre poesias, contos e epigramas, artigos de combate ao suicídio e ao duelo — dois índices do tempo — ou largos rasgos filosóficos e de polémica sobre pontos teológicos e teorias de agricultura... Havia também, é certo, uma pequena «secção de notícias» — a primeira — mas notícias de semana a semana e mesmo assim asfixiadas por uma excessiva preocupação literária que fazia honras ao que se chamava «enfeitado e maravilhoso artifício do estilo».

No «Panorama», o «histórico» e o «literário» transbordavam dos longos romances e estudos, das anedotas e vulgarização científica, colocando-o ainda mais longe do sentido necessário que a Imprensa iria em breve adoptar. Rafael Bordalo, com o guiso alegre do seu génio de caricaturista, atinge quasi a estatura de Sampaio nas proporções do combate político em trincheiras do periodismo lisboeta.

Atento aos sintomas de próxima transformação na vida portuguesa, ao movimento das idéias, aos primeiros choques de novos sentimentos e aspirações, às tentativas de evolução da literatura, perscrutando de horizontes que caminha ombro a ombro com o povo, auscultando os seus anseios e observando com segurança as suas reacções, Eduardo Coelho deixa frequentemente a carteira de redactor do *Conservador* para ir às oficinas da Tipografia Universal entreter-se em conversas de misteriosos projectos com Tomaz Antunes.

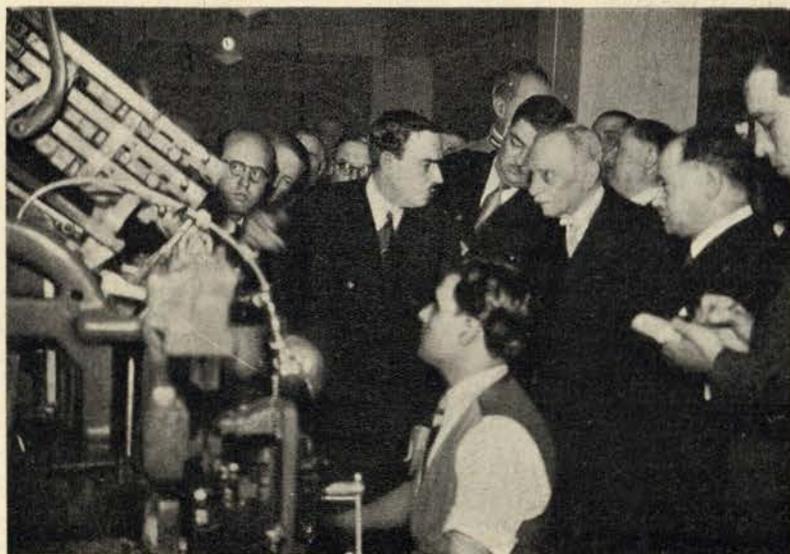
A concepção de jornal vai mudar.

Ele continuará a ser, como queria Castilho, «uma carreação continuada de materiais para a História», mas será, sobretudo, em completa extensão, a fôlha dia a dia renovada de actualidade, intensa de palpitações de vida, onde a multidão regista pormenorizadamente as suas memórias.

O *Diário de Notícias*, que aparece em fins de 1864, surge com a força dum acontecimento civilizador e audaz num meio tímido atrofiado de desânimos e estéril de iniciativas. É elle que introduz, finalmente, em Portugal a REPORTAGEM, num brusco clarão de progresso. Onde havia pretextos para longos artigos de doutrina parcial, para exuberâncias de lirismo enfadoso, para o exclusivismo do «deita abaixo» ou para a retórica apolegética dos partidários, para o efeito dramático e carpidor dos temas sombrios, para o alucinado destrambelho das campanhas pessoais ou sorridente e ingénua cerzir dos «potins» incisivos dos salões, dos bastidores, do mundanismo e da vida pública, passa a haver a rigidez e a séria sobriedade da informação

com interêsse e sem interêsses. Abre-se uma janela na velha casa lusitana. Renova-se o ar do interior. Cria-se uma expansão maior à curiosidade geral. O público quebra o seu indiferentismo num alvoroço de surpresa. Este «estrondo tipográfico» — o jornal — deixa de ser só um boletim de grupos dispersos, um órgão isolado de opiniões isoladas e belicosas. Adquire uma expressão mais profunda. Enquadra-se como factor de primeira importância no ressurgimento da mentalidade que se desembaraça de convencionalismos anacrónicos.

O *Diário de Notícias* é, desde logo, um facto social do maior relêvo que acompanha no seu sector, num sincronismo perfeito, os



As novas instalações do «Diário de Notícias»  
O chefe das oficinas, sr. Guilherme Pereira, explica ao Chefe do Estado  
o funcionamento de uma linotipo

novos rumos do pensamento português. Quando sai o seu primeiro número termina Antero o curso de Direito em Coimbra. Estala a questão do «Bom senso e bom gosto» e desce sobre Lisboa um grupo de homens novos, activos, que vai empenhar a irreverência da sua mocidade e a preparação actualizada da sua inteligência nas agitações dum grande esforço pela renovação da cultura e da crítica. Já não encontram pelas nossas ruas os «cegos papelistas». É que com os primeiros números deste jornal aparecem também os primeiros ardinas no giro alegre da cidade.

Lisboa continua a procurar por algum tempo os espectáculos dos acrobatas e das «ménageries» nos circos da Baixa; a suspirar junto dos

chorões nas margens dos lagos do Passeio; a aplaudir o Vale e o Tabor no Ginásio e na rua dos Condes. O Vimioso morreu há seis meses e com êle fechou-se uma época de fidalguia que fêz escala desde os serões das Laranjeiras às arruaças nocturnas da rua do Capelão. No «atelier» de Vítor Basto amontoa-se o barro que terá a forma da figura do épico para a estátua que tarda.

E seis anos passam.

O *Diário de Notícias* é o jornal mais barato da Europa e fixou-se numa população absoluta e consagradora. Este convívio fulminante do povo com o jornalismo criou até agora — 1870 — mais de vinte prosélitos do periódico de Eduardo Coelho. E ao contrário do que sentenciava a *Revista Universal* a Livraria progride também expressivamente. Com o desenvolvimento do prazer da leitura sobem de ano para ano as tiragens das edições. A indústria tipográfica caminha num impulso impetuoso e rápido. Sacode-se numa excitação de ansiosa curiosidade a alma popular.

Ramalho, mais definida a sua personalidade excepcional, talvez nem se queira lembrar já da carta que escreveu há três anos chamando-se «escritor distinto» e pedindo a concessão da Ordem de Cristo para enfeitar a sua casaca em noites solenes duma viajata a Paris.

«Era preciso que o público se desse um pouco o incómodo de vir, êle, um bocadinho até nós. Tratava-se de achar um golpe estranho, desusado, violento, que ferisse profundamente a atenção e o obrigasse a olhar para nós...» escreveria êle, nas *Farpas*, tempos depois, a propósito dum facto sensacional ligado à história desta fôlha no sexto ano da sua existência. «Numa noite de verão, no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em tórno de nós cabeceava de sono ao som dum soluçante «pot pourri» dos *Dois Foscaris*, deliberámos reagir sôbre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à baixa das alturas do *Diário de Notícias*.

E foi assim, «para que os lessem», que no dia 24 de Julho de 1870 começou nestas colunas a publicação do *Mistério da Estrada de Sintra*. Ramalho escreve de Lisboa, Eça de Queiroz, administrador do concelho, escreve os seus folhetins em Leiria, na pensão da sr.<sup>a</sup> D. Isabel, a S. Joaneira, onde entre solos de viola do amanuense Couceiro e partidas de bisca com os padres da Sé vai calculando já os futuros capítulos do «Crime». «Penso na guerra: eis a minha ocupação»; tôdas as tardes lamento as humilhações da França», diz êle nas cartas a Eduardo Coelho. Camilo aplaude a audácia da grande reportagem forjada. Em seu entender o «Mistério» iniciou a reforma das milícias literárias

---

Consultado: *O Diário de Notícias* — pelo dr. Alfredo da Cunha.

indígenas... Marca-o como princípio da evolução do estilo, afirmando que êle vai ficar assinalado no desenvolvimento das belas coisas que estavam embrionárias no vocabulário marasmado durante dois séculos.

E o *Diário de Notícias* prossegue a sua obra. Nada lhe é indiferente. A campanha do iberismo altera-lhe um pouco os hábitos para atingir quasi o tom de polémica contra os derrotistas doentios e a favor da plena integridade e absoluta independência política da Nação. Tem influência decisiva em todos os empreendimentos úteis ao progresso e ao País. O terceiro centenário de Camões é um passo enorme no rumo do renascimento português. A comissão organizadora não hesita em atribuir a êste jornal o êxito completo das comemorações. Fontes, nos azedumes da presidência, resolve não ler jornais, mas o seu ministro das Obras Públicas — António A. de Aguiar, grande propulsor do ensino industrial — aponta a fôlha de Eduardo Coelho e classifica-a: «Vale à sua parte por muitas escolas». E já é o órgão oficial da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses.

O País transforma-se. Lisboa é uma cidade diferente e maior. O espírito do século XIX cedeu o seu lugar a outras ansiedades e alcançou mais vastos horizontes. Quando o *Diário de Notícias* começou, êste local onde escrevemos hoje, no alto da Avenida, era — e foi ainda durante muitos anos — ocupado por terras de cultura e hortas frescas, arredores do Rossio por onde a burguesia se espreguiçava em indolências de folga...

Aqui perto, junto da Anunciada, nasceu há quatrocentos anos um mártir, Fr. Tomé de Jesus, que escreveu «com o seu próprio sangue» um livro famoso.

Bem pode dizer-se que hoje, nas alucinações da vida intensa da reportagem, no esgotamento constante de energias ao serviço do público em casas como esta que se inaugura, o homem dos jornais parece imitar no fervor da sua dedicação profissional a atitude estranha daquele escritor místico do século XIX...

LUIZ TEIXEIRA

## PENAS QUE HONRARAM AS COLUNAS DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

por Gomes Monteiro

Citar todos os altos espíritos que deram a sua colaboração ao *Diário de Notícias* seria tarefa impraticável, atendendo ao reduzido espaço de que dispomos.

De entre o grande número de colaboradores que Eduardo Coelho

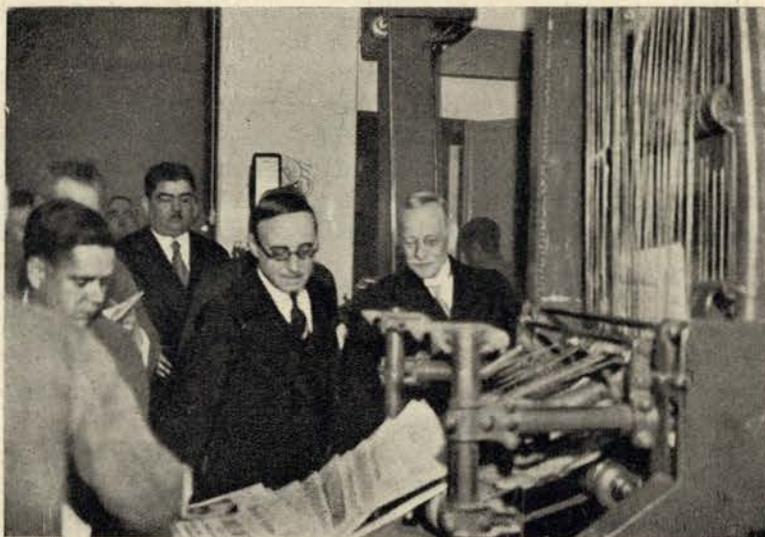
conseguiu reunir à sua volta, destacaremos alguns dos que mais celebridade alcançaram nas letras pátrias.

Não citaremos nenhum dos que felizmente ainda vivem, visto pudermos, melhor do que ninguém, dar sinal de si.

Começaremos pelo excelso Camilo que, nos princípios de 1866, se prontificou a escrever para o *Diário de Notícias* folhetins à razão de 4.500 réis cada um.

Ele próprio avisava nestes termos o seu amigo António Feliciano de Castilho: «escrevo uns folhetins ligeiros e magros para o *Diário de Notícias*. V. Ex.<sup>a</sup> lá verá».

O primeiro dêsses folhetins — *Dois corações guisados* — ocupou quatro números do popular jornal (421 a 424, de 5 a 8 de Junho de



Inauguração oficial do «Diário de Notícias»  
O Chefe do Estado e o sr. Ministro do Interior vendo funcionar a máquina de impressão. No primeiro plano o sr. dr. Augusto de Castro

1866), seguindo-se o intitulado *Estudantes portugueses em Salamanca* (n.º 433 e 434, de 21 e 22-IV-1866); *O primeiro baile de máscaras em Portugal* (n.º 455, de 18-VII-1866); *Saüdade* (n.º 470, de 0-VIII-1866); *Dezassete anos depois* (n.ºs 541 e 543, de 27 e 30-X-1866) e *Folhetim científico* (n.ºs 596 e 597, de 4 e 5-I-1867).

Escreveu, ainda, o *Parente de 53 monarcas*, que Eduardo Coelho aproveitou para o *Brinde aos senhores assinantes do «Diário de Notícias»*, em 1867.

Estes trabalhos foram, pouco depois, reünidos no volume *Cousas leves e pesadas*.

Em 1870, começou a colaborar no *Diário de Notícias* o grande jornalista António Augusto Teixeira de Vasconcelos, que se encontrava em precárias circunstâncias, visto «as eventualidades públicas — como êle próprio confessou — o haverem condenado a um ostracismo momentâneo, e de nenhuma sorte merecido, com o que padecia uma família inteira».

Eduardo Coelho, não esquecendo a boa amizade que nêle encontrara em dias de pouca fortuna, nesse Paris distante, proporcionou-lhe trabalho remunerador nas colunas do *Diário de Notícias*.

Teixeira de Vasconcelos escreveu ali artigos sôbre instituições económicas e vários folhetins que formaram o volume intitulado *Papéis velhos*, editado em 1872.

Um dia, Ramalho Ortigão propôs a Eduardo Coelho a publicação de um semanário que, saindo às segundas-feiras, suprisse a falta do *Diário de Notícias* que não se publicava nesse dia da semana.

Intitular-se-ia *Gazeta da segunda-feira*, a publicar na tipografia do *Diário de Notícias*, e os anúncios que os concorrentes ao escritório dêste jornal quisessem fazer inserir na fôlha da segunda-feira, seriam ali recebidos, sendo remunerado convenientemente o empregado que se encarregasse dêsse trabalho. A empresa do *Diário de Notícias* receberia uma percentagem por estes anuncios que a *Gazeta da segunda-feira* recebesse por sua intervenção.

A proposta não foi aceita. Isto, porém, não fêz esfriar as relações de amizade entre Ramalho Ortigão e Eduardo Coelho.

Em fins de Julho de 1870, o *Diário de Notícias* começou a publicar, em folhetins, *O mistério da estrada de Sintra* que Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão engendraram, causando a maior sensação no público lisboeta.

A guerra franco-prussiana estava então no seu auge e Eça de Queiroz, colocado em Leiria, escrevia ao director do *Diário de Notícias*:

*Meu caro Eduardo Coelho*

*Escrevo-lhe do meu exilio administrativo. Aborreço-me como Ovídio desterrado e como Francisco I prisioneiro. Penso na guerra: eis a minha occupação. Tôdas as manhãs aplaudo as derrotas do 2.º Império; tôdas as tardes lamento as humilhações da França.*

*Ai está, meu caro Eduardo, porque lhe escrevo a pedir-lhe que seja longo nos seus compte-rendus militares, que eu devoro cheio de gula, e que me mande o mapa da guerra que ai há pouco publicou. E o nosso Mistério? Mistério!...*

*É o caso de cantar como nas óperas cómicas de Scribe:*

Quel est donc ce mystère?

*Mil saúdades. Mande o mapa.*

Et nunc et semper.

EÇA DE QUEIROZ

O estranho caso tomou um tal incremento que a Polícia ficou alarmada e muita gente deixou de ir para Sintra, visto a estrada proporcionar, pelos modos, tão pavorosas surpresas.

¿Como surgiu a idéia deste romance?

«...Numa noite de Verão, no Passeio Público — declaram os autores no prefácio da 2.<sup>a</sup> edição em volume — em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em tórno de nós cabeceava de sono ao som de um soluçante *pot-pourri* dos *Dois Foscariis*, deliberámos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à baixa das alturas do *Diário de Notícias*.

«Para êsse fim, sem método, sem escola, sem documentos, sem estilo — prosseguem êles — recolhidos à simples «tôrre de cristal da imaginação» desfechámos a improvisar êste livro, um em Leiria, outro em Lisboa, cada um de nós com uma resma de papel, a sua alegria e a sua audácia.

«Parece que Lisboa, efectivamente, despertou pela simpatia ou pela curiosidade, pois que tendo lido na larga tiragem do *Diário de Notícias* o *Mistério da estrada de Sintra*, o comprou ainda numa edição em livro, e hoje manda-nos V. as provas de uma terceira edição, perguntando-nos o que pensamos da obra escrita nesses velhos tempos, que recordamos com saúde...»

Camilo, ao ler o trabalho de Eça e Ramalho «achou-o admirável pelas brilhantes audácias da linguagem».

«Foi êsse livro — salienta o egrégio escritor — que iniciou a reforma das milícias literárias indígenas, a tropa fandanga de que eu fui cabo de esquadra».

E acrescenta:

«Seja como fôr, o *Mistério* há-de ficar assinalado no desenvolvimento das belas coisas que estavam embrionárias no vocabulário marmasmado durante dois séculos. Ramalho Ortigão avisadamente andou mandando os clássicos a ares, e o Eça não andou mal não os admitindo em casa».

O *Diário de Notícias* era uma verdadeira academia em que figuravam nomes ilustres como os de Rebêlo da Silva, Mendes Leal, Antó-

mo Feliciano de Castilho, Teófilo Braga, D. António da Costa, Silva Túlio, Manuel Pinheiro Chagas, Visconde de Ouguela, José Silvestre Ribeiro, João Bonança, Sousa Viterbo, Brito Aranha, Costa Godolfim, Ricardo Jorge, Alfredo Mesquita e Manuel de Sousa Pinto.

Cada secção estava confiada a autênticas competências como D. Luiz de Castro, lente do Instituto de Agronomia e Veterinária, na secção agrícola; prof. Manuel de Oliveira Ramos, na secção artística; dr. Bettencourt Ferreira, na secção científica; Júlio Neuparth, na secção musical; Manuel Emídio da Silva (L. Mano), nas secções financeira e de costumes; Cândido de Figueiredo, nas secções filológica e literária; general Morais Sarmiento, na secção militar; dr. Guilherme Enes, na secção médica, e Pedro Deniz, antigo oficial da Marinha portuguesa, na secção marítima, tendo ainda a colaboração de Marx Sori, oficial de Marinha, erudito naval e um grande amigo de Alexandre Herculano.

No Pôrto, o *Diário de Notícias* era representado por João Grave e em Coimbra pelo dr. Manuel da Silva Gaio.

Amenizaram as colunas massudas deste jornal primitivo, numa época em que tanto em Lisboa como no Mundo a estética da paginação era completamente desconhecida, poetas da envergadura de Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Tomaz Ribeiro, Bulhão Pato, Luiz Augusto de Palmeirim, Ernesto Marecos, Luiz de Araujo e tantos outros.

Brilharam no folhetim Júlio César Machado, Leite Bastos, Gervásio Lobato, Manuel Roussado e Camilo Mariano Froes.

Deram também a sua valiosa colaboração Pedro Vidoeira, D. Tomaz de Melo, Paulo Midosi, J. da Costa Cascais, Eduardo Garrido, Francisco Palha, Bernardino Martins, Francisco Serra, Vasconcelos Abreu e J. M. de Andrade Ferreira.

Foram decorrendo os anos, três quartos de século, e o *Diário de Notícias*, em vez de envelhecer, definhar e morrer como os seus dedicados colaboradores, está cada vez mais novo, mais vigoroso e perfeito.

GOMES MONTEIRO

## HÁ 38 ANOS NO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

por Eduardo Noronha

O professorado incompatibilizava-me com o cargo de secretário da redacção das *Novidades*, pela coincidência dos horários. Procurei ocupação no *Diário de Notícias*. Concedeu-ma o dr. Alfredo da Cunha, director do jornal, de forma penhorante, como consta do número de 13 de Junho de 1902.

Se o meio divergia na orientação das fôlhas — uma de forte essência política, outra de sólida base incolor —, os corações e os cérebros dos meus novos camaradas atenuaram em muito as saúdes experimentadas pelos que deixava, Brito Aranha, redactor principal, Baptista Borges, Albino Pimentel, redactores desde a fundação, Eduardo Coelho, Fraga Pery de Linde, cada um dentro do seu temperamento e da sua especialidade, foram para mim companheiros que nunca mais esqueci e a quem evoco com dorida, mas perdurável estima, bem como os que se lhe seguiram, tantos que não cabe neste simples artigo a sua enumeração. À sua frente está Rangel de Lima, um dos meus melhores amigos, carácter de diamante, de facetas rútilas, de firme e afectiva estrutura, mais dedicado à emprêsa jornalística que a si próprio.

Se nas *Novidades* eu sentia a extraordinária fôrça política que do fogo e do omnimodo talento do seu director dimanava, ao trabalhar no *Diário de Notícias* reconheci, desde o princípio, o potencial formidável que representava o sistema persuasivo, a propaganda persistente e subtil, mas segura, exercida no ambiente social português, principalmente de Coimbra para o sul.



Eduardo Coelho e Tomaz Quintino Antunes tinham criado poderosa alavanca, o dr. Alfredo da Cunha robusteceu-a, aperfeiçoou-a. À semelhança de Vilemessant, no *Figaro*, de Paris, êle «Y pensait toujours». Todos nós, consoante as nossas intellectualidades e energias, seguíamos o lábaro por êle desfraldado.

Naquela pequena Babilónia, de modestas moradias, anexas umas às outras, o melhor que os mestres de obras puderam conseguir, improvisaram-se oficinas, escritórios, gabinetes, sala de redacção, casa de máquinas, etc. O enorme edificio exigido por um jornal de agora encontrava-se ali com todos os melhoramentos indispensáveis, distribuídos, concentrados, por assim dizer condensados, em compartimentos diversos, até de nível variável.

Um dia rasgou-se uma grande sala. Inaugurou-se nela a primeira e última — até hoje — exposição de todos os quadros de um grande pintor, Columbano. Durante mais de um mês, enquanto o artístico certame era visitado por toda Lisboa, desde el-rei D. Carlos até ao incipiente aluno da Escola de Belas Artes, o jornal fêz-se, quasi sobre o joelho, onde calhava; mas o público não notou a mínima diferença.

Noutra ocasião o quadro tipográfico, esquecendo quanto devia à emprêsa — muito —, declara a greve. Os leitores do *Diário de Notícias* não deixaram de o ter. Na espaçosa sala, suspenso de ganchos apropriados, em cima das mesas, ostentava-se todo o original que deixara de ser composto. Dilatou-se por dias a anómala situação. A sala

desde pela manhã até à noite velha enchia-se de visitantes, atraídos pela novidade. A providência da direcção «furou» o movimento coibitivo.

Nunca âmbito tão acanhado e de tão divergente destino e objectivo foi mais cautelosa e habilmente aproveitado. Havia amor ao lar, respeito pela tradição. O jornal dera o nome à rua e não lhe queria ser infiel. Tudo tem um termo. A impenetrabilidade da matéria tornou inevitável uma nova sede. Praza a Deus que a magnífica instalação actual seja tão fértil em benesses de tôda a espécie como o foi a despretensiosa estância antiga.



De tôdas as profissões, bastantes, em que a minha actividade se tem exercitado, a mais aliciante para mim é a do jornalista. Aprende-se



As novas instalações do «Diário de Notícias»  
O Chefe do Estado visita a Sala da Biblioteca

e ensina-se. Constitue um sacerdócio. São milhares de olhos assestados sobre a nossa escrita, numerosíssimos critérios a discutirem a nossa opinião, a avaliarem, a interpretar, a assimilarem o que pensamos. Poucos se resignam a renunciar, a prescindir dessa conversa quotidiana com a multidão anónima, convertida em nosso juiz, e, com freqüência, em nossa amiga.

Tendo-me cabido a subida honra de representar, por vezes, em

festividades, banquetes, reuniões, etc., o *Diário de Notícias*, por amável incumbência do seu director, recordo-me ainda hoje, como os velhos se recordam das coisas idas, agradáveis, da íntima satisfação com que me desempenhava do tão grato encargo. Era assim uma forma de embaixada, em que eu me sentia nobilitado não só pelo meu chefe, pelos meus pares, mas ainda por dezenas de milhares de pessoas que me elevavam, no momento, nos escudos do seu aprêço. O homem vive tanto do que lhe ministram fisicamente como de evocações que lhe lisonjeiam o espírito e a vaidade de bom quilate.

A Eduardo Schwalbach e a Augusto de Castro as minhas calorosas homenagens pelas suas férteis e progressivas direcções.

## O NINHO DO COLOSSO

de Rocha Martins

Aquelas ruas do Bairro Alto tão turbulento do tempo de D. João V, com essa população bizarra de maruja, calafates, vendilhões e algumas inditosas, albergava também, pelo menos, uma oficina tipográfica.

Fundara-a Francisco Luiz Ameno, mestre de meninos, que tendo, por azares da vida, deixado o curso de Cânones, vivia da férula e do estabelecimento denominado *Tipografia Patriarcal*, instalada no modesto prediozinho onde devia florescer o *Diário de Notícias*.

Foi o abarracamento de 1748 o ninho de que deviam sair publicações variadas antes de ter vida e glória o colosso.

Imagina-se o professor de primeiras letras, que também teria discípulos de gramática latina, turbado por sonhos de fartura e consideração como tantos outros que herdariam a sua oficina, passada de mão em mão com insegurança mas que conduziria finalmente ao triunfo.

Imprimiram-se naquela primitiva loja algumas obras musicais, eclesiásticas, cantoções, sobretudo, mas também óperas chanceladas pela rubrica «Nella Stomperio Ameniana», que não era diferente da singela *Tipografia Patriarcal*.

David Peres, maestro famoso, mestre das filhas de el-rei D. José, foi o colaborador ilustre de Ameno, autor de óperas e proprietário da imprensa do Bairro Alto.

Utilíssimo se tornou o seu trabalho intitulado «*Índice Geral de todos os apellidos e cousas notáveis que se comprehendem nos dezenove tomos da História Geneológica da Casa Real Portuguesa*». Lisboa 1749.

Sob o pseudónimo feminino de D. Leonor Tomazia de Sousa e Silva, Ameno publicou um método de ensino para a infância e, reto-

mando a sua personalidade, escreveu novenas à mistura com óperas pagãs, preferindo disfarçar-se no nome de Fernando Lucas Alvim para as produções profanas. Também adpotara o anagrama; por êle se chamava Lucas Moniz Cerafino.

Longos anos viveu na sua oficina, dando-se a trabalhos de tóda a ordem, nos quais mostrava faculdades de engenho e arte. Nascera em 1713, em Arcozelo, morrera em Lisboa por meados de 1793. Oitenta anos viveu o primeiro proprietário conhecido da oficina tipográfica sob cujo teto ainda se albergou o *Diário de Notícias* na sua iniciação.

Francisco Luiz Ameno legou aos investigadores obra preciosa: *O Almanaque de Lisboa de 1782*. Êste, pelo menos, foi composto e impresso na oficina do laborioso escritor e industrial «Com Privilégio de Sua Majestade».

As pequenas páginas do livrinho dão-nos notícias de individualidades e muitos outros conhecimentos úteis.

É crível que o plano e a iniciativa pertencesse à Academia Real das Ciências de Lisboa, cujo patrocínio foi adquirido para aquêle repertório elegante, mas na Tipografia Patriarcal êle nasceu para a publicidade.

O operoso que Ameno se chamou despediu-se do Mundo quando rugia a revolução em França e Pina Manique, hercúleo e bondoso, procurava deter a sua marcha como se fôsse possível conter a água de um dique colossal na concha de qualquer mão.

Vieram os franceses; seria de labores tipográficos o prediozito mingado onde, em 1835, João Baptista Morando fêz a redacção do primeiro jornal português que se apregoou nas ruas. Havia quinze anos que ali estabelecera a sua imprensa.

¡E digam-nos que as casas não têm como os humanos os seus destinos!

O periódico intitulava-se *A Guarda Avançada* e era um adejo ingénuo, o eco suspiroso das revoluções distantes cujas doutrinas vojavam em Portugal como bolas de sabão rebentadas ao menor sópro.

O programa da fôlha e do seu pregão pertenceu aos irmãos Castilho, José, Augusto e António, sendo êste o cego que tanta luz nos deu.

Eram novos e tinham almas de poetas; buscavam viver das penas em terra de iletrados. De penas realmente viveriam como todos os fantasistas que se deixam enlevar em tal desatino.

Equivale a pretenderem elevar-se agarrados a vistoso balão de papel de sêda.

*A Guarda Avançada*, a-pesar-dos brados dos vendedores, só durou desde 6 de Fevereiro a 29 de Maio de 1835 com seus números curiosos, ainda em aliciador chamamento sob o título acrescentado: *A Guarda*

*Avançada dos Domingos.* Nem sob êste aspecto foi além de 19 de Abril a 24 de Maio daquele ano.

A oficina continuava a laborar e nela vegetava como aprendiz um atilado rapaz de quinze anos, de nome Tomaz Quintino Antunes, que aprendera as suas letras na aula régia do Felix e fôra compositor na casa do Morando, que, falhando-lhe o trabalho, viu o seu antigo aprendiz passar para a tipografia do *Independente*, redigido por Oliveira Marrecã e António Luiz Seabra, depois visconde de Seabra. O operário também seria visconde, escolhendo a invocação de S. Marçal quando as receitas do *Diário de Noticias* o enriqueceram. Morreria conde do mesmo título.



A nova Sede

O Chefe do Estado admirando o panorama que se disfruta duma das varandas do terraço

¡O que viu aquela casa onde o Ameno tentara a sua sorte!

Proseguira, entretanto, a tarefa na oficina que aumentara os seus caixotins e máquinas braçais sob a direcção dos novos proprietários Eduardo Faria e Jorge Cleiffe. Lisboa romântica dispunha-se a chorar por conta das comoções literárias. Apareceu editada naquela casa, já centenária, a *Biblioteca Económica*, o *Diccionario da Língua Portuguesa*, fontes de bons lucros. A felicidade desnudara-se e o gerente abusara da sua generosidade e ela, aborrecida, abandonára-o. Eduardo de Faria, boémio alucinado, emigrou para o Brasil; acabaria em Inglaterra crivado de dívidas e ennodado.

Em 1841, a *Tipografia Universal*, assim se crismara a antiga *Tipografia Patriarcal*, imprimia a *Gazeta dos Tribunaes*, que iniciou a publicação em 2 de Outubro daquele ano, tendo saído, no dia anterior, a *Revista Universal Lisbonense*, dos irmãos Castilho, que ali se encontravam com os directores daquele periódico forense, os drs. António Gil e António Maria da Costa Holtremann.

Assim se labutou literariamente na oficina da rua dos Calafates, 160, em pleno Bairro Alto, voltando ao âmbito da casa, que o vira aprendiz, aquêlê Tomaz Quintino Antunes, já operário expedito e bem cotado artista, moral e politicamente. Era homem de um só rosto; nanja de «viva quem vence».

Os Castilhos despediram-se das lides da imprensa por conta própria, ficando o encargo da *Revista Universal*, jornal de conhecimentos físicos, morais e literários, a Sebastião Ribeiro de Sá. Fidalgo da Casa Real, chefe de repartição do Ministério das Obras Públicas, entregara-se apaixonadamente ao desenvolvimento das letras e não se consagrava só à sua propaganda na *Revista Universal* e na *Revista Popular*, dos seus sétimos tomos em diante, mas cultivava êle próprio a literatura de vários géneros. Se escrevia singelamente os *Contos ao Serão*, lançava-se também em larguíssima fantasia ao dar à publicidade o livro *O que será o mundo no ano de 3000?*; a biografia rigorosamente histórica da infanta D. Beatriz, duquesa de Saboia, foi obra sua com algumas outras.

Mudaria mais uma vez de proprietário a oficina cuja secular existência evocamos e à qual o *Diário de Notícias* juntou a sua colossal legenda, os seus fastos de oiro.

Estabelecera-se ali a *Imprensa e Lei* do ilustre Rebêlo da Silva, que teve vida desde 16 de Agosto de 1853 a 16 de Novembro de 1856. Seis anos depois falecia Sebastião Ribeiro de Sá quando o notável escritor que abandonara o seu infrutífero jornal já cedera a quota da *Tipografia Universal* a Albano da Silveira Pinto, de cujas mãos passaria para as de Tomaz Quintino Antunes, o gráfico que lá começara a sua carreira e cujo trabalho, valor, método e probidade lhe daria a propriedade do estabelecimento onde o imaginoso Ameno imprimira as suas óperas e os cantochões.

A oficina desenvolvera-se; compunha e imprimia os periódicos mais ecléticos: o *Pais*, o *Comércio de Lisboa*, *Progresso e Ordem*, *Jornal de Lisboa* e o *Conservador*, a cuja redacção pertencia Eduardo Coelho.

Já que o tipógrafo ganhava sua vida trabalhando na oficina para os jornais alheios porque não se associaria à idéia de possuir uma dessas fôlhas que podem gerar ruínas mas também erguer fortunas e constituem forças nas mãos de seus proprietários?

Mais uma vez, ao cabo de cento e vinte anos, brotava uma iniciativa publicitária naquela casa evocadora. Nasceria o *Diário de Notícias*. Foi ali o ninho do colosso que soube desenvolvê-lo, aumentá-lo, tornando-o grandioso mas ainda demasiadamente pequeno para o seu vulto.

A lembrança dos seus antecessores, nados na casa primitiva, perdeu-se ou obscureceu; a do *Diário de Notícias* perdurará e ao erguer o formidável vôo arrebatá consigo as lendas e as tradições do seu valho lar.

NA 9.<sup>a</sup> *Gravuras*: A sala da redacção; Almada Negreiros, visto por T. Cabral; o átrio onde se acham instalações os serviços de anúncios, encomendas de trabalhos gráficos, serviços de publicações, de correio e de telégrafo; aspecto parcial das instalações dos serviços administrativos. *Artigos*, pela ordem da publicação:

## OS QUE TRABALHARAM NO NOVO EDIFÍCIO

O architecto Pardal Monteiro  
entrevistado por Oldemiro César

Velha como o próprio Mundo, a Architectura, mãe de tôdas as outras artes plásticas, nascida da necessidade do homem primitivo se abrigar nas cavernas das fortes intempéries, sempre teve entre nós os mais insignes cultores. Sem pretender abordar fácil erudição, e reportando-me apenas aos tempos de hoje, e ao caso especial em foco, há que citar o nome illustre de Pardal Monteiro, a alma criadora do novo edificio do *Diário de Notícias*, nome que algumas obras notáveis já consagraram, tais como a igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Fátima, de tão curiosas e elegantes linhas modernas, a estação do Cais do Sodré, os vastos e sumptuosos edificios do Instituto Superior Técnico e do Instituto Nacional de Estatística, os seminários de Almada e Olivais, a sede da Ford-Lusitana, em tudo digna da sua sede longínqua, o edificio da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Providência, no Pôrto, etc.

Espírito culto, estudioso, viajado, tendo percorrido a Europa inteira, colaborador assíduo das principais revistas estrangeiras da sua especialidade, amiúde vendo-se transcrito na famosa e exigente revista *Le Mois* (honra que nem a todos é concedida), Pardal Monteiro concluiu o seu curso na escola de Lisboa, em 1919, e foi discípulo de Ventura Terra e José Luiz Monteiro, dois grandes mestres que êle evoca sempre com a comovida veneração e respeito dum discípulo agradecido que muito aproveitou as suas lições.

Não foi pensionista do Estado nem possui qualquer condecoração, mas foi distinguido várias vezes com o Prémio Valmor, pobre na valia monetária mas opulento no seu significado moral, e é hoje professor da cadeira de architectura no Instituto Superior Técnico, presidente do S. N. dos Architectos, vogal da Junta de Educação Nacional e do Conselho Superior de Obras Públicas.

Descendente de família humilde, logo à saída da escola lançou-se ao trabalho, e é esse o seu melhor título de glória pela conquista merecida do triunfo, disputado palmo a palmo, de que hoje legitimamente disfruta.

Tal o Artista (com A maiúsculo) que se incumbiu de levantar a nova sede do *Diário de Notícias*.

### ***O passado e o presente — O destino de um edificio***

Pardal Monteiro recebe-me no seu gabinete de trabalho onde, sob uma tela de Lino António e dois belos bustos de Leopoldo de Almeida, entre montanhas de livros e revistas, o estirador do officio, coberto de plantas em esbôço, defronta com a janela para receber a luz em cheio.

Foram ali dependências, hoje inteiramente transformadas com simplicidade e bom gosto, do antigo directório do P. R. P. Onde ontem se intrigou, caluniou e gritou em agitadas reuniões políticas, vive agora horas de paz e recolhimento, no estudo e no trabalho um dos maiores architectos portugueses. Não posso deixar de mentalmente evocar esses tempos de abalos e incertezas, que tão de perto acompanhei na minha já longa vida jornalística, ao acender o cigarro que o Artista me oferece antes de iniciarmos a palestra que se me impunha.

— Foi, talvez, um pouco por ter viajado e tomado contacto com os mais célebres architectos lá de fora, que ficou mais completamente esclarecido sobre o verdadeiro problema architectural?

— De facto, após a Grande Guerra, encontrei-me em face de problemas novos no ramo da minha profissão. Novas condições económicas e sociais puseram a architectura sob um aspecto totalmente diverso do que até aí tinha sido considerada. Embora tivesse sempre a mesma finalidade, o modo de resolver as questões que com ela se prendem é que de maneira alguma podia ser o mesmo de antes da guerra. E na verdade, como V. muito bem acentuou na sua primeira pergunta, não posso deixar de reconhecer que foi, efectivamente, o contacto com outros povos mais avançados, outros países onde os problemas architecturais abundavam, que me fez compreender melhor o porquê de certas dificuldades que também tinha encontrado ao procurar resolvê-las no nosso meio.

— Foram, portanto, proveitosas as grandes lições recebidas ao apreciar as soluções doutros architectos, ouvindo-os nos seus raciocínios?

Modestamente o confessa, como homem habituado à compulsão dos livros, ávido de saber e aprender.

— É que a Grande Guerra, meu amigo, teve, para a Architectura sobretudo, esta característica: o novo problema architectural punha constantemente perante nós, architectos, temas impostos pela obrigação de atender, sobretudo às necessidades das multidões. Foi, principalmente, a obra architectural de carácter social a que passou de então para cá a predominar: as escolas, os hospitais, as igrejas, os cinemas, os novos teatros, as edificações desportivas, toda a espécie de edifícios ligados ao complexo sistema das comunicações, os grandes aglomerados de habitações, e com tudo isto a moderníssima concepção do urbanismo e outras tantas questões impondo soluções apropriadas aos architectos de todo o Mundo.

### *Velhas fórmulas, processos novos*

— Em contra-partida as condições económicas?...

— Muito mais difíceis, como é óbvio acentuar. Chegaria, portanto, a questão a tomar aspectos de insolúvel, se os architectos de todo o Mundo não fôsem, acima de tudo, architectos, isto é, homens práticos, estudiosos e com a noção exacta da responsabilidade do seu papel no conjunto das actividades humanas. Daqui nasceu, evidentemente, como consequência lógica destas circunstâncias dominantes, uma tendência nova na expressão plástica da Architectura, que deu origem a correntes e até a partidos nesta República das Artes, que hoje se podem considerar mortos porque o tempo e a experiência confirmaram e consolidaram novos princípios. Tal como na política, em que até os que se intitulam arreigados às velhas fórmulas reconhecem a necessidade de aplicar processos novos para darem, honestamente, conta da sua tarefa. A-par daquelas circunstâncias, outras, que a Providência parece ter feito agrupar convergentemente para facilitar aos homens a sua missão, só fizeram acentuar tendências, hoje comuns a todos os povos, e que terão de sofrer fatalmente, como sempre, tal evolução que hão-de chegar um dia a exprimir em cada país o carácter próprio nacional, constituindo então a obra perfeita e harmónica como toda a obra do passado.

Uma pausa. Outro cigarro. O Artista passeia de cá para lá, ao longo do improvisado *atelier*, enquanto me disponho, deliciado, a continuar a ouvir a sua admirável lição.

— Basta, porém, de filosofias, continua. Vamos ao nosso caso.

O problema do novo edificio do *Diário de Notícias* põe-nos, precisamente, perante esta realidade a que me referi. ¿Que temos nós a resolver ao defrontar-nos com a questão de um edificio destinado aos múltiplos serviços dum jornal moderno? Em síntese, isto: um complexo encadeado de partes que constituem um organismo industrial, e uma grande quantidade de serviços, os mais diversos, de carácter administrativo, técnico e comercial. O público, hoje, exige que lhe sejam fornecidas, rapidamente, as notícias mais recentes que envolvem os assuntos palpitantes da vida inteira em todo o Mundo. É, ainda, um problema imposto pela necessidade de dar satisfação às multidões. E assim, um jornal moderno tem de ser produzido dentro de instalações dum tal rendimento que seja possível atingir êste objectivo — fornecer um jornal completo que contenha as notícias de factos passados momentos antes. Aqui está, portanto, um exemplo bem vivo do que é o problema da Architectura moderna.

— No entanto, velhos hábitos levam ainda muita gente a apreciar a obra de architectura apenas pelo seu aspecto exterior, o seu lado talvez mais fácil e acessível...

— É certo. Fica no olvido o essencial, que é saber se aquilo que está por detrás da pele satisfaz ou não rigorosamente à função que justifica o aparecimento de qualquer obra de Architectura.

— ¿No caso das novas instalações do *Diário de Notícias*?

### ***Algumas dificuldades que foi preciso resolver***

— No caso especial de que vimos tratando, a questão envolve estes dois objectivos essenciais: rendimento do trabalho e resultado prático seguro. Por isso, quem conheça (e V. muito bem a conhece) o que seja a organização dum jornal moderno, qual a natureza e a complexidade dos seus diversos serviços, avaliará facilmente o que teria sido difficil ordenar a distribuição de todos êsses serviços num terreno cujas características não eram as mais favoráveis, e conseguir chegar a conclusões que permitissem, sem grande risco, determinar a realização das obras.

E o Artista passa a exemplificar:

— Num jornal (todos o sabem), há dois grandes grupos de serviços: a parte administrativa e redactorial e aquêles que são propriamente de carácter industrial, isto é: o primeiro comporta gabinetes, escritórios, salas de redacção, biblioteca, arquivos, e constitue um núcleo, para assim dizer, burocrático. O outro é constituído essencialmente por oficinas. No entanto, estes dois grupos, cuja arrumação exige uma certa independência, constituem uma unidade ou um conjunto que reclama a intima ligação entre ambos. Dentro de cada um deles há, ainda, partes que têm contacto directo com o exterior e outras que

só vivem a vida interna da instituição. Não pode, portanto, ser indifferente a distribuição de cada uma das partes que constituem o todo, por mais insignificante que ela possa parecer, pois correr-se-ia o risco de prejudicar os objectivos essenciaes.

«Num rápido esquema, podemos definir assim, estes serviços:

«No primeiro grupo, tôdas as partes de contacto com o público: a direcção, a redacção, secretarias, contabilidade, administração. No segundo grupo: a composição, a revisão, a fotografia, a gravura, a impressão e a expedição».

— ¿Outras dificuldades de ordem técnica a resolver?

— Em primeiro lugar, como já lhe disse, as que resultavam das características do terreno, um lote vulgar encravado entre dois prédios, felizmente com frente para duas artérias importantes. A exiguidade do terreno impunha a solução em altura e a distribuição dos serviços em *cascata*. Sob o ponto de vista técnico dois problemas importantes a resolver: o das fundações e o dos isolamentos. O primeiro, porque sabíamos estar sobre um terreno que fôra em tempos aterrado, o que nos levou a fundar os alicerces nalguns casos a cêrca de vinte metros abaixo do nível da Avenida da Liberdade. O segundo, porque, tratando-se de uma instalação na qual deviam funcionar máquinas ruidosas, era necessário a todo o transe encontrar uma solução que desse garantia de tranquillidade para os que residem nas proximidades. Nenhum dos casos constituiu surpresa, pois qualquer dêles fôra previsto e estudado muito antes de se iniciar a construção. E vem agora muito a-propósito, antes de pôr termo a esta já longa palestra, uma referência especial aos vários indivíduos que trabalharam na obra.

### *Uma obra notável do pintor Almada Negreiros*

«Na primeira fila do grupo de colaboradores que comigo trabalharam no projecto e nas outras peças técnicas que deviam constituir a base para a execução das obras, destacarei, como é justo, os engenheiros Rodrigues de Carvalho, Eduardo e José Carlos de Arantes e Oliveira, que fizeram os estudos do problema do betão armado, e Leote Tavares, que estudou tôda a parte de ventilação, aquecimento, electricidade e sanitária.

Da parte do isolamento fónico e antivibrátil foi incumbido o engenheiro francês I. Katel, especialista universalmente conhecido, cuja competência fica largamente demonstrada neste novo edificio.

Um nome é justo destacar de modo especial: o do engenheiro Gabriel Ramires dos Reis, técnico distintíssimo e funcionário dedicado do *Diário de Notícias*. A êste engenheiro devo a maior parte do bom resultado prático das instalações, pois de tudo se occupou tão pormeno-

rizadamente que não posso deixar de classificá-lo como o meu colaborador número um nesta obra.

Embora lhe competisse, por dever do seu cargo de engenheiro da Empresa, dar-me assistência, a acção deste colaborador excedeu tudo quanto dum funcionário dedicado se poderia esperar. O engenheiro Gabriel Reis ocupou-se das novas instalações do *Diário de Notícias* como duma obra que tivesse nascido do seu espírito e a que agora procurasse dar vulto.

À sua incansável dedicação e ao seu entusiasmo pelo novo edifício é justo que preste a mais rendida homenagem e o testemunho do meu profundo reconhecimento.

«Na execução das obras ponho à cabeça o empreiteiro Felipe Rodrigues Vacas e os seus sócios, que com inteligência e boa vontade,



A inauguração oficial da nova sede do «Diário de Notícias»  
O operário Francisco Silva lendo o seu discurso ao Chefe do Estado

sob responsabilidade técnica do engenheiro Ângelo Ramalheira, realizaram os trabalhos de construção civil. E vamos, para concluir, à parte artística. Nessa, um único nome a fazer referência — o do pintor Almada Negreiros, que executou os grandes frescos do *hall* público. Mais uma vez este artista de excepcional talento deu provas de quanto vale. Já trabalhara em colaboração comigo como vitralista e decorador. Ninguém o conhecia ainda como fresquista, mas o que realizou no novo edifício do *Diário de Notícias*, vendo a sua primeira obra no género,

é suficiente, como já aconteceu noutros casos anteriores, para o consagrar como um mestre».

Acertada definição — a de Mestre — que, a respeito da personalidade original de Almada Negreiros, o architecto Pardal Monteiro acentuou com entusiasmo ao concluir a sua entrevista.

Artista moderno, com larga estadia de estudos sérios em Paris e Espanha, onde trabalhou nas decorações de várias casas particulares, dos cinemas S. Carlos e Barceló e no teatro Muñoz Secca, Almada Negreiros, sempre fiel ao objectivo supremo da sua acção artística e intelectual por êle mesmo definida — «congregar em tórno da Arte tôdas as actividades do espírito português» — tem espalhado por inúmeras revistas e jornais, pelo livro, pela conferência e pelo teatro, desde o início do movimento moderno em Portugal depois dos primeiros manifestos do futurismo assinados por Marinetti, uma intensa e valiosa acção que marcou à sua personalidade um pôsto de primeiro plano.

Prestar-lhe justiça, a-propósito dos interessantes frescos que pintou para o grande *hall* público da nossa nova casa, é um prazer para quem estas linhas escreve, como o foi igualmente para quem em boa hora para colaborador o chamou.

OLDEMIRO CÉSAR

## O ESPÍRITO NÃO MUDA

por Vasco Borges

¿Quem lê jornais alguma vez se terá entretido em ver na colecção dum periódico como estes eram há quarenta ou cinqüenta anos? Nessa época, a bem dizer, não se passava nada que merecesse designação de acontecimento. Pelo menos não os havia como aquêles que enchem agora o noticiário.

Só notícias da Arcada e da Sociedade, à mistura com casos de rua, compunham a primeira página dum jornal de informação, como já era nesse tempo o *Diário de Notícias*. E tudo em colunas tão apertadas e com «tipo» tão miüdinho que fazia lembrar os postais em que prodígios de caligrafia conseguem meter tôda uma estância dos «Lusíadas». Ninguém então sonhava, sequer, a guerra dos nervos; e, para o noticiário das gazetas, o estrangeiro quási era como se não existisse. As outras três páginas do *Diário de Notícias* só tinham anúncios.

De quando em quando, o relato dum grande crime, tétrico e desenvolvido ao máximo, fazia aumentar a tiragem dos jornais; mas faltavam-lhes gravuras impressionantes de acontecimentos fotografados no dia anterior... até no outro hemisfério.

Só o *Diário Ilustrado*, do elegante Pedro Correia, trazia diária-

mente uma gravura na primeira página, por via de regra algum varão ilustre.

A respeito da informação de crimes tétricos, lembro-me de me contarem que certa pessoa dêsse tempo, muito conhecida — era official superior da Armada — e que tinha dois filhos, dois rapazes, sempre que os jornais publicavam uma reportagem dêsse género, costumava chamá-los à sua presença, para lha ouvirem ler de ponta a ponta. E, no fim, era uma tremenda tarefa em cada um dêles, acabando por dizer-lhes: «Isto é para vocês nunca se lembrarem de fazer coisa parecida...»

Os pobres pequenos, mal ouviam apregoar na rua: «Cá está o *Diário de Notícias*, traz o grande e horrível crime!» — já não sabiam onde meter-se, e tremiam de pavor.

Foi com a leitura do *Diário de Notícias* de há cinqüenta anos que eu, mal soletrava ainda, comecei a tirar proveito do ensino das primeiras letras. Por assim dizer, foi também através do velho jornal da Rua dos Calafates que se estabeleceu o meu primeiro contacto com o mundo exterior. ¿E quem poderia ter-me dito que, um dia, êle haveria de ocupar lugar importante na minha vida?

A primeira vez que entrei no gabinete da Direcção do *Diário de Notícias*, Augusto de Castro era o seu director. Somos amigos desde os dez anos, e em Coimbra fomos companheiros.

As nossas relações affectuosíssimas fizeram que eu começasse a estimar o próprio jornal onde o encantamento do espírito do seu director — talvez o mais brilhante da minha geração — e a sua boa amizade me acolhiam. Seguiu-se-lhe na Direcção Eduardo Schwalbach. O glorioso mestre do teatro e do jornalismo conhecia-me desde que nasci, e, eu era e sou seu amigo como não posso ser de mais ninguém.

A sua bondade tão fácil e tão pródiga, que não vi ainda outra assim, o seu interêsse por mim e até a sugestão do seu espírito vivo, esfuziante e aventureiro, eternamente môço e afim do que d'Artagnan simboliza romanescamente — puderam iniciar-me na tarefa de escrever em jornais.

Schwalbach foi, no *Diário de Notícias*, o meu mestre, e, depois disso, já lá vão quinze ou dezasseis anos de colaboração e vida íntima vivida no velho jornal em que soletrei as primeiras letras que me ensinaram.

¿Seria possível não lhe querer como a um velho amigo?

Pois o *Diário de Notícias* mudou agora de casa. Do Bairro Alto, onde surgiu à luz e viveu setenta e seis anos, transportou-se para um palácio sumptuoso da Avenida, erguido por um belo e louvável esforço. ¿Significará o facto que a mais antiga e egrégia tradição da Imprensa portuguesa vai também alterar-se de algum modo?

Não; a sua tradição guardá-la-á religiosamente o espírito que, através de diferentes empresas proprietárias, conservou sempre intactos, sob a escada de madeira que dá acesso à redacção do *Diário de Notícias*, os primitivos e polidos degraus de pedra que os seus primeiros redactores subiram. Esse espírito vai com o jornal para a sua nova sede na Avenida. Materialmente, a fôlha criada pela inteligência do ínclito Eduardo Coelho não poderia, dirigida por Eduardo Schwalbach ou Augusto de Castro, continuar a ser o que ela era há cinquenta anos. Casa, serviços, instalações, tudo teve de alterar-se. Mas o espírito não muda.

O mais velho órgão da Imprensa portuguesa continuará a iluminar Portugal com o seu brilho inconfundível.

*A nova casa.* (Reprodução do capítulo, então inédito, deste volume, no qual se descreviam tôdas as instalações).



No dia da inauguração oficial do novo edificio do «Diário de Notícias». O Chefe do Estado põe em movimento a grande máquina rotativa para a extracção do número «Suplemento» que nesse dia se publicou

NA 13.<sup>a</sup> Página respeitante ao Pôrto.

*Gravuras:* O monumento ao Infante D. Henrique; A característica fonte da Praça da Ribeira; a Avenida dos Aliados e a Praça da Liberdade; A ponte de D. Luiz, ligando o Pôrto a Gaia. Acompanhando estas gravuras, lia-se o seguinte texto:

## A ACTIVIDADE DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» NO PÓRTO

Vinte anos de triunfos em benefício do engrandecimento da cidade e da melhor e maior aproximação entre o Sul e o Norte

*Aos testemunhos que nos seria fácil reünir, preferimos a simples enumeração dos factos, por ordem cronológica, para apresentarmos, com a maior simplicidade e clareza, a obra realizada e a influência exercida pelo Diário de Notícias no Pôrto e no Norte, desde que, em 1919, iniciou a sua expansão pela província, e, nomeadamente, nesta região.*

*Dando a cada trabalho o merecido destaque e relêvo, formar-se-á juízo seguro de quanto o nosso jornal tem feito em benefício da gloriosa Cidade da Virgem, num preito de justa homenagem ao mais laborioso dos grandes centros populacionais portugueses e à índole e carácter dos nortenhos, que se afirmam cada vez mais dignos das tradições e renome que conquistaram por suas virtudes e qualidades.*

*Os exemplares do Diário de Notícias que iam para o Pôrto e para o Norte, em 1919, não excediam algumas centenas de exemplares. Decorridos vinte anos, aquelas escassas centenas de jornais elevaram-se a muitos milhares e o Diário de Notícias deixou de ser apenas o grande jornal de Lisboa, para mais pròpriamente se tornar o grande jornal português— o traço de união, a cadeia forte que liga a Capital com tôdas as cabeças de distrito, as grandes e pequenas cidades, vilas e aldeias, estabelecendo entre tôdas os mais estreitos laços de solidariedade e boa harmonia.*

*O Pôrto e o Norte são extremamente sensíveis a quaisquer manifestações de aprêço e sempre souberam corresponder à amizade que lhes dedicam. Existe na boa gente do Norte, bem radicado, o sentimento de gratidão; como sabe manter íntegra a justa fama de hospitaleira que nunca deixaram de lhe atribuir e de que tem dado as mais eloqüentes e exuberantes provas através dos tempos.*

*Contribuiu também para que o acolhimento dado ao Diário de Notícias fôsse o mais lisonjeiro, o reconhecimento pelos serviços que o nosso jornal, tão sincera como desinteressadamente, lhe prestou nestes últimos quatro lustros.*

*Nada fala melhor ao coração dos nortenhos do que a apreciação franca e desassombrada das suas qualidades e defeitos; e nada os impressiona mais do que a defesa das suas legítimas aspirações, que são sempre orientadas por anseios de perfeição e têm por objectivo colocar a terra que lhes foi berço a par das mais progressivas.*

*Sendo o porta-voz das suas reivindicações junto do Poder Central; pugnando pelos seus interesses; levando a todo o País a informação das obras que realizou — o Diário de Notícias, cumprindo rigorosamente o programa que se impôs e as promessas feitas, ao mesmo tempo que se tornou crêdor da sua simpatia e amizade, contribuiu com uma apreciável quota parte de trabalho para a realização de muitos dos seus projectos.*

*Fiel ainda àquêle seu propósito, continuará, com o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação, a advogar os interesses do Pôrto e do Norte, defendendo as suas aspirações e participando nos seus empreendimentos, ou para os estimular, ou para os louvar e auxiliar, dando-lhes a maior projecção.*

*Houve ainda outro factor importante a assinalar a acção do Diário de Notícias e que foi devidamente apreciado: — o empenho que sempre manifestou no sentido de uma cordial aproximação entre o Norte e o Sul, desfazendo equívocos e esclarecendo mal-entendidos; aplaudindo boas-vontades e limando arestas, de maneira que entre o Pôrto e Lisboa houvesse a mais perfeita união e o melhor entendimento. E muito se fêz, pois terminaram as rivalidades que não se justificavam, embora filiadas em bairrismos mal compreendidos e que eram desnecessários como propulsores de uma actividade mais intensa.*

*Não faltam aos nortenhos nem o espírito empreendedor, nem as qualidades de trabalho indispensáveis à realização de grandes obras. A atestá-lo estão aí, bem patentes, as formidáveis tarefas que nestes últimos anos levou a cabo, transformando a cidade do Pôrto, — «o grande aldeão», do Garrett — numa capital moderna e bela, com suas amplas avenidas, sumptuosos edifícios, magníficas praças, etc., etc.; a atestá-lo estão os grandiosos melhoramentos realizados nos concelhos limitrofes, Gaia, Matosinhos, Gondomar, Valongo, Maia, etc., e em tôdas as cidades e vilas desta rica e fértil região.*

*Continuem o Pôrto e o Norte a trabalhar no mesmo ritmo que tornou possível aquela progressiva e notabilíssima transformação, dêem-nos o ensejo de continuarmos a apontá-los como exemplos ao País e, orgulhosamente, nos manteremos na primeira fila dos seus admiradores, para lhes tributarmos as nossas entusiásticas homenagens.*

*E vejamos agora o que fêz o Diário de Notícias, no Pôrto, nas duas últimas décadas, apontando apenas os factos mais salientes e que mais se evidenciaram.*

### **É criada a Inspeção do Norte e instala-se uma Sucursal**

*Ao ser remodelado o Diário de Notícias, em 1919, ficou desde logo assente estender a sua acção a todo o País.*

O Pôrto e o Norte tiveram a honra de serem os primeiros objectivos da expansão que procurava fazer-se, tanto pela sua importância como centro populacional e laborioso, como por constituir um dos mais brilhantes núcleos intelectuais, cuja influência na vida portuguesa bastaria a justificar a primazia.

E assim se estabeleceu a Inspeção do *Diário de Notícias* no Norte, nomeando-se Inspector João Duque, que à administração jornalística se dedicara desde muito novo, dando-lhe valiosa colaboração.

Persistentemente e com superior critério, o Inspector do Norte organizou a zona da sua jurisdição, escolhendo correspondentes em tôdas as cidades e vilas e onde os julgou necessários, criando agências nos centros mais importantes.

Ao mesmo tempo o redactor Júlio de Oliveira, que exercia simultaneamente as funções de chefe da redacção de *O Primeiro de Janeiro*, o repórter António Loureiro Dias, o desportista Sousa Martins e os correspondentes nomeados completavam a acção do Inspector, iniciando a colaboração no jornal e dando-lhe o melhor do seu trabalho, tanto no que respeita a noticiário, como em artigos e reportagens.

Pouco a pouco, a máquina foi-se aperfeiçoando e já em 1923 o *Diário de Notícias* se ligava a grandes iniciativas, como a «Feira do Pôrto» e a «Feira de Guimarães», certames notabilíssimos da actividade portuense e do Norte.

Em 1924, reconheceu-se a necessidade de se estabelecer no Pôrto uma sucursal e escolheu-se a Tabacaria Africana, na esquina da Rua Trinta e Um de Janeiro e Praça da Batalha.

Eis como o *Diário de Notícias* de 8 de Novembro daquele ano se referiu à inauguração da sucursal:

«Esta nobre e invicta cidade, onde ontem se realizou a solene inauguração duma sucursal do *Diário de Notícias*, não podia ser indiferente a um tão festivo acontecimento.

Esta terra, de tradições liberais e de incontidas ânsias de progresso, teve sempre pela Imprensa jornalística um grande culto e um grande respeito. E não seria até de pequeno interêsse o estudo, embora ligeiro, das características acentuadamente reformadoras e progressivas dos jornais portuenses, que surgiram sempre para defender causas de interêsse popular e regionalista ou para serem propulsores do desenvolvimento das energias do País.

Portanto, uma terra como a nossa e com tais tradições de culto pela Imprensa, não pode deixar de ver com desvanecimento que o mais poderoso órgão de publicidade do nosso País, dia a dia procura consagrar os efeitos benéficos da sua larguíssima publicidade a esta cidade, que é, incontestavelmente, a capital da vasta, operosa e rica região do Norte.

Os tempos vão mudando, as gerações vão-se sucedendo com outro preparo, com outras aspirações, com ânsias de tudo conhecer e de tudo aprender. E um jornal moderno, como o *Diário de Notícias*, com a sua vastíssima e oportuna informação de factos e de conhecimentos de diversa ordem, tem de acompanhar, como realmente tem feito, essas tendências e essas aspirações.

A inauguração da sucursal, que esta tarde oficialmente se instalou, se não representa a realização, de há muita acarinhada, duma instalação com mais largos intuitos, é, no entanto, o início de uma obra que, dentro de pouco, procurará tornar-se completa, dando ao Pôrto mais um elemento efectivo de publicidade e de defesa dos seus interesses».

Desde 1924 a 1927, ali se centralizou a actividade do *Diário de Notícias* no Pôrto, procurando-se tornar o grande jornal acessível a quantos o distinguiram com a sua preferência. E as escassas centenas de exemplares que vinham para o Norte passaram a aumentar numa progressão que excedia tôdas as previsões — o que era poderoso incentivo para novos e mais largos empreendimentos.

Para corresponder a essa obra acolhida, criou-se uma secção diária do Pôrto, sendo raro o número do jornal que não inseria também notícias do Norte.

E o que acontecia aqui com a expansão e venda, registava-se nos principais centros dos distritos para além do Mondego.

Em cêrca de cinco anos, o *Diário de Notícias*, relativamente pouco divulgado no Norte, passou a tornar-se uma necessidade e a ser um dos órgãos mais apreciados da Imprensa portuguesa, tanto pela sua índole construtiva, como pela factura moderna que o impunha.

### ***Novos elementos de trabalho e uma Página Semanal do Pôrto***

Em fins de Novembro de 1924 quis-se dar maior relêvo à parte do jornal destinada ao Pôrto e foi o jornalista José Pinto de Miranda convidado a organizar uma nova e importante secção: — uma página semanal, que tinha por missão dar ao País a idéia exacta da vida portuense no que ela tivesse de mais característico e notável nas artes, nas letras, nas ciências e nas indústrias. Era como que uma resenha da actividade da laboriosa cidade, justamente denominada a capital do Norte, e, sem favor, aquela onde o trabalho é o fulcro de uma vida intensa de progresso e engrandecimento.

Em 1 de Dezembro entrou José Pinto de Miranda, jornalista e bibliotecário, para o corpo redactorial do *Diário de Notícias*, sendo-lhe entregue a organização e direcção das Páginas Semanais do Pôrto, cuja publicação começou a ser feita em 4 de Dezembro.

Estas páginas, que tanto interesse despertaram no público por-

tuense, eram publicadas regularmente e a sua colaboração variadíssima visava a captivar os múltiplos sectores do campo intelectual e artístico e dos meios laboriosos.

À reportagem flagrante juntou-se a entrevista curta e incisiva, focando o acontecimento de maior vulto da semana; ao artigo puramente literário sucedia o artigo de investigação ou de crítica; à crónica juntava-se o comentário ligeiro ou a apreciação de determinado problema de ordem técnica; e, para lhe dar mais ligeireza, ilustrava-se a página com desenhos de artistas e caricaturas oportunas.

Chegou-se mesmo a enriquecê-las com interessantes inéditos:— As curiosíssimas cartas de D. Maria da Glória Soares de Passos e as do pintor Francisco José Resende, que eram publicadas sob a forma de livro e com o título «Romance de Amor».

Para se avaliar a importância e o valor das Páginas Semanais do Pôrto, basta dizer que nelas colaboravam efectivamente, além do seu organizador, com artigos e entrevistas, os professores drs. Mendes Correia, Damião Peres, Cardoso Júnior, Ângelo Ribeiro, Manuel Ribeiro, Bertino Daciano, Almeida Garrett, Aarão de Lacerda, Alexandrina Reynault, Armando Leça, José António dos Santos e Bento Carqueja; os drs. Pedro Vitorino, Joaquim Costa, Joaquim Madureira (Braz Burity), A. de Magalhães Basto, Adolfo Mota (Rui Moreno), Fernando de Macedo Lopes, Moraes Costa, Campos Monteiro, Pai, Vilas Boas Neto, Alberto Pinheiro Tórres, Bernardo Lucas, Silva Leal; a senhora D. Helena Liuzada; os srs. general Sousa Dias, capitães Adriano Rodrigues, Barros Basto, José Augusto Fernandes, Eugénio Aresta e tenente Ribeiro Salgado; os escritores Júlio Brandão, João Grave e Carvalho Barbosa; os jornalistas Eleutério Cerdeira, Raul Tito, António Chaves, Júlio Caiola, Higino Assunção, Jacinto Júnior e os artistas Cunha Barros, D. Fuas, dr. Manuel Monterroso, José de Brito, etc.

### *Uma crónica diária, um inquérito à vida do Pôrto e grandes reportagens*

Em 19 de Março de 1925, anunciava o nosso jornal, na sua primeira página, que ia iniciar-se a publicação da crónica diária do Pôrto, em que seriam tratados os mais importantes problemas e defendidas as mais legítimas aspirações da capital do Norte.

José de Miranda desempenhou-se da nova incumbência que lhe fôra atribuída, enviando, regularmente, as crónicas dos acontecimentos predominantes da capital do Norte. Nelas se ocupou dos problemas que mais interessavam ao Pôrto, das legítimas aspirações das classes e de tudo quanto representava progresso, acompanhando-as sempre de notas oportunas, quando não sugeria a solução dos vários problemas

focados e em aberto. Uma grande parte das causas que advogou tiveram um desfecho satisfatório, conquistando assim para o *Diário de Notícias* muitos dos sectores da opinião.

Em Abril do mesmo ano, o nosso jornal anunciou um minucioso inquérito à vida portuense. Em artigos e entrevistas sucessivas, José de Miranda tratou, com largueza e desassombro, os problemas fundamentais à vida da cidade: os problemas da água, luz e viação, do saneamento e da limpeza; das obras da cidade, dos mercados, matadouros e impostos; da educação e ensino e da assistência; da situação do funcionalismo, etc., etc.

Em Junho seguinte, o *Diário de Notícias* dedicou a sua página de honra ao Primeiro Centenário da Escola Médica do Pôrto, hoje Faculdade de Medicina, sugerindo uma homenagem ao insigne psiquiatra dr. Magalhães Lemos. A página mereceu os mais calorosos e entusiásticos aplausos e a sugestão da homenagem em breve se transformou em realidade, sendo inaugurado, solenemente, na Faculdade de Medicina, o busto em mármore do eminente professor e alienista.

Em Junho do mesmo ano, iniciaram-se as grandes reportagens no Pôrto, ao mesmo tempo que prosseguiram as campanhas em benefício de melhoramentos que a cidade reclamava. Ouviram-se as figuras mais representativas dos diversos departamentos oficiais e todos aquêles que poderiam dar opinião autorizada.

Essa longa série de artigos e entrevistas teve uma larga repercussão na capital e em todo o País, pois muitos dos assuntos versados, além de interessarem especialmente ao Pôrto, serviram também de base e norma à discussão dos problemas em aberto em muitas cidades portuguesas.

Os problemas da exportação do Vinho do Pôrto, do abastecimento de água e de carnes, e o do saneamento mereceram a atenção particular dos povos que ainda os não tinham resolvido satisfatoriamente.

Alongando um pouco o campo de acção, fêz-se em Novembro de 1925 uma grande reportagem da Póvoa do Varzim. No dia 1 de Janeiro de 1926, coube ao Pôrto fazer o juízo do ano, numa longa entrevista com J. Rabestana, o astrólogo então em voga — entrevista que obteve grande êxito. E, em fins do mesmo ano, interessou também vivamente a sensacional morte do Padre Olímpio Rebêlo, em Guimarães.

Mantendo-se a crónica diária e uma secção com noticiário seleccionado, o nosso jornal ia conquistando, cada vez mais, o público, portuense e nortenho. Sempre que se oferecia a oportunidade, desenvolvia-se maior acção e àqueles trabalhos outros se juntavam mais largos e de maior vulto.

Reconhecendo-se, porém, que seria necessário alargar os serviços

para corresponder ao acolhimento dispensado ao nosso jornal, instalou-se no Pôrto uma Delegação do *Diário de Notícias* com suas secções administrativas e redactorial.

### ***A delegação do «Diário de Notícias» e uma secção muito desenvolvida do Pôrto***

Foi em 4 de Maio de 1927 que se inaugurou a Delegação do *Diário de Notícias* no Pôrto, ficando instalada no Palácio de «A Nacional», à Avenida dos Aliados, 9, 1.º, onde ainda hoje se conserva.

Foi nomeado Delegado João Duque, antigo Inspector do Norte; José de Miranda passou a ser o chefe dos serviços redactoriais, contratando-se ainda os redactores António Marques da Cunha e António Brochado e os informadores João Santos, Carlos Gonçalves e João Martins, bem como o fotógrafo Álvaro Martins. Para os serviços administrativos foram também admitidos António Chaves e Manuel Bastos.

E começou então a fazer-se a secção o *Diário de Notícias* no Pôrto, que mais tarde passou a «O Pôrto Dia a Dia» — um jornal sintético, mas completo.

Além do encargo de toda a informação da capital do Norte e arredores, à Delegação foi atribuída a reportagem de todos os grandes acontecimentos do Mondego para cima.

### ***Intensos e originais serviços de informação e mais de cem «placards» diários***

Além dos trabalhos redactoriais que se estendiam e tornavam mais intensos, a Delegação do *Diário de Notícias* no Pôrto não descurava a propaganda e expansão do jornal, utilizando todos os recursos ao seu alcance. E, assim, organizou um serviço de «Placards», que foi aperfeiçoando progressivamente, a ponto de, após alguns meses, fazer afixar, diariamente, mais de cem nos pontos concorridos da cidade, em todos os «terminus» de linhas de carros eléctricos e nos centros de maior afluência dos concelhos limítrofes.

E na Delegação instalou também um grande «placard» que, pela sua óptima localização, é um dos elementos de informação mais apreciados pelos portuenses.

No desejo de alargar a expansão do *Diário de Notícias*, em Outubro de 1927 completou-se aquêle «placard» impresso, já tão largamente espalhado, com notícias do Pôrto e outras informações, fazendo-se à noite, durante os intervalos, a distribuição gratuita de muitas centenas de exemplares nos teatros e cinemas.

Esta iniciativa foi entusiásticamente recebida pelo público, que bastas vezes manifestou o seu reconhecimento.

Em tôdas as «Voltas a Portugal em Bicicleta» organizou serviços especiais e originais de informação, mantendo sempre o interêsse do público, assim como organizou também as transmissões de desafios importantes de futebol e exibiu numerosas vezes o «Quadro Eléctrico».

A Delegação montou, igualmente, serviços especiais de informação das guerras da Abissínia e de Espanha, na sua sede e nos pontos mais centrais da cidade, distribuindo muitos «placards» e alimentando grande número de «placards» do Norte.

### ***O «Diário Sonoro», jornal radiofónico realizado pela delegação do Pôrto***

Aproveitando a expansão e desenvolvimento das emissoras portuenses, a Delegação do *Diário de Notícias* organizou, em 1933, o «Diário Sonoro» que era emitido, às 20,30, pela Sonora-Rádio, a retransmissão da Emissora Nacional.

Este jornal radiofónico, de factura ligeira, foi o primeiro que se organizou em Portugal. É curioso notar que, um ano depois, apareceram jornais radiofónicos em várias capitais europeias vasados nos mesmos moldes. Manteve-se até começos de 1938.

### ***Grandes reportagens feitas pela delegação desde 1927 a 1940***

Na impossibilidade de citar tôdas as grandes e sensacionais reportagens feitas pela Delegação do *Diário de Notícias* no Pôrto nos seus treze anos de existência, destacaremos as seguintes:

As das viagens do Chefe de Estado ao Pôrto, Viana, Braga, Vidago e Vila Real; as das visitas do Presidente do Conselho e Ministros ao Pôrto e ao Norte; a do julgamento dos portugueses inocentes de Mañufe, em Pontevedra; a da greve dos ferroviários, em Orense; a da morte do Cardial Neto e a da visita do Príncipe de Gales e do Duque de Kent à Argentina, a bordo do «Oropesa», desde Santander; a do descarrilamento de Ribadávia; as das grandes reuniões dos Lavradores do Douro, na Régua; a do crime da Paióia; a mulher-homem, em Paredes; a da Santa de Lamego; a do auto de fé de Soalhães; a do crime da Giraldina, em Santo Tirso; a de Lindberg em Portugal, em Valença; a do navio fantasma, ao largo do Pôrto; a do Príncipe de Gales, depois Eduardo VIII, no Pôrto; a da Exposição Colonial Portuguesa; a de um petroleiro em perigo, ao largo de Leixões; a do crime de Arrifana; a do Entrepósito Vinícola do Pôrto; a das Festas do Trabalho em Barcelos, Braga e Famalicão; a do assassinio do Abade de Loureiro, na

Régua; a do crime de Vila Chã, em Esposende; a da Virgem decapitada, Nossa Senhora da Vitória, no Pôrto; a do Congresso das Misericórdias; a do crime de Canelas, em Gaia; a dos naufrágios dos vapores «Gauss» e «Deister»; a da chegada dos aviadores polacos, etc., etc.

Fizeram-se também reportagens em Amarante, Paredes, Vila Real, Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Caminha, Póvoa de Lanhoso, Monção, Amares, Chaves, Guimarães, Vizela, Penha, Vila Verde, Ponte do Lima, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Arouca, S. Cosmado, Braga, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Sinfães, Fafe, Famalicão, Trofa, Vougado, Barcelos, Felgueiras, Vila Pouca de Aguiar, Chaves, Miranda do Douro, Bragança, Moncorvo, Vimioso, Candemil, Marco de Canavezes, Entre-os-Rios, Penafiel, Ovar, Paços de Ferreira, Gerez, Baião, Vila Flor, Mirandela, etc., etc.

Teve retumbância nacional a entrevista feita por Marques da Cunha, nas Pedras Salgadas, com o Conselheiro João de Azevedo Coutinho, após a morte de D. Manuel II; e muitos dos problemas focados em artigos e entrevistas, como por exemplo os que respeitavam à construção do caminho de ferro de cintura do Pôrto, pôrto de Leixões, mendicidade, assistência aos tuberculosos e aos doídos, exportação do Vinho do Pôrto, etc., mereceram a atenção dos poderes públicos e para a sua solução muito contribuiu o *Diário de Notícias*.

### ***A I Grande Parada dos Bombeiros Portugueses***

Para encerrar as festas da Exposição Colonial Portuguesa, realizou-se, no Pôrto, em 9 de Setembro de 1934, a I Grande Parada dos Bombeiros Portugueses, organizada pelo *Diário de Notícias* em colaboração com os Bombeiros Voluntários Portuenses, que eram comandados pelo capitão Gabriel Cardoso.

Esta Parada, que teve os aplausos e as aclamações de muitos milhares de pessoas constituiu um espectáculo de majestosa imponência e verdadeira apoteose.

Nela tomaram parte cerca de 2.400 bombeiros e 150 corporações.

Como recordação desta gloriosa jornada dos Bombeiros Portugueses o *Diário de Notícias* mandou cunhar uma medalha comemorativa que ofereceu a todos os que nela tomaram parte.

### ***I Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil***

Embora tivesse sido organizado apenas em 20 dias, o I Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil, que se realizou no Pôrto, de 27 a 29 de Abril de 1935, teve projecção nacional, pelo número e qualidade das teses que a êle foram apresentadas e discutidas.

A sua sessão inaugural num ambiente de solenidade requintadamente elegante realizou-se no sumptuoso salão nobre do Palácio de Cristal Portuense.

Integrando-se no grandioso programa de realizações festivas do «X Salão Automóvel» e servindo-lhe de complemento, a nossa iniciativa, coroando, brilhantemente, o êxito magnífico daquele certame, conseguiu despertar a consciência da Nação para prudente e criterioso estudo de importantes problemas que se relacionam com o progresso do automobilismo e da aviação civil — problemas de flagrante oportunidade, que, por certo, vão merecer também a mais delicada atenção de todos os portugueses.

O «II Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil» realizou-se no Pôrto, de 8 a 11 de Abril de 1937, por ocasião do «XI Salão Automóvel». Nêle tomaram parte cêrca de quinhentos congressistas, tendo sido apresentadas quâsi uma centena de teses e comunicações.

Esse Congresso feito sob o alto patrocínio do Estado teve a valiosa coadjuvação das direcções do Automóvel Clube de Portugal, do Aero Clube do Pôrto, do Aero Clube de Braga, da Câmara Sindical dos Negociantes de Automóveis e Indústrias Anexas, da Câmara Sindical dos Agentes e Importadores de Automóveis, do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa, da Sociedade de Propaganda de Portugal e ainda pela cooperação constante e preciosa do Comissário Geral do «XI Salão Automóvel», inaugurou-se no magnífico recinto do Palácio de Cristal Portuense e na presença de um público de escol, o «II Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil».

Empreendimento de indiscutível e nobilíssimo alcance patriótico, êste Congresso, presentemente renovado, constitue, sob múltiplos aspectos, uma iniciativa sobremaneira honrosa e dignificante para as gloriosas tradições do nosso jornal, interessado sempre na defesa e propaganda de assuntos relacionados com o progresso e o engrandecimento da nossa Pátria.

Vila do Conde teve a gentileza de oferecer um almôço regional aos Congressistas que tiveram uma recepção entusiástica, tendo-lhes dado as boas-vindas o Presidente da Câmara. Durante o almôço, exhibiram-se os ranchos de rendilheiras da Praça e do Monte.

O «II Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil» foi solenemente encerrado pelo sr. Presidente da República, a quem a população portuense tributou entusiástico acolhimento, durante uma recepção de verdadeira apoteose.

Realizou-se um grandioso baile no Palácio da Bólsa, que constituiu um espectáculo deslumbrante de requintada elegância e mundanismo.

Também por iniciativa do Congresso, fêz-se um passeio de grande turismo a Braga, tomando parte no cortejo o Chefe de Estado. Mais de 600 automóveis, conduzindo individualidades em destaque nos nossos meios sociais, acompanharam o sr. general Carmona até à capital do Minho, sobrevoando-o uma esquadrilha de cinco bimotores.

Vila do Conde ofereceu um chá aos Congressistas.

### ***I Congresso Nacional de Transportes***

Inaugurou-se, solenemente, no Palácio de Cristal, às 21 horas e meia do dia 23 de Março de 1939, tendo presidido à sessão o sr. Subsecretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações.

Inscreveram-se mais de mil e cem Congressistas, com oitenta teses e comunicações.

Além das sessões do Congresso, realizou-se uma exposição de aviominiatura e uma grande parada de viaturas automóveis, na qual tomaram parte mais de mil camionetas vindas de todos os pontos do País.

Aos Congressistas foi oferecido um grande concerto de música portuguesa e a inscrição gratuita na Romagem Patriótica que se efectuou ao Castelo de Vila da Feira.

A festa que a Câmara da Vila da Feira ofereceu aos Congressistas foi brilhantíssima.

Editou-se o «Programa Oficial do Congresso», volume luxuoso que também foi distribuído gratuitamente, inserindo artigos, a lista dos Congressistas, o programa das festas, as conclusões das teses e os relatórios das diversas secções.

Também se realizou uma Parada Desportiva Pró Estádio do Pôrto, e um campeonato de duração de vôo no Campo de Aviação de Espinho.

Nessa magna reunião, fizeram-se estudos sobre a coordenação dos transportes em Portugal. Trataram-se problemas de trânsito e circulação e evidenciaram-se as possibilidades turísticas do País, aproveitando o movimento dos seus portos, a sua rede de estradas e as suas comunicações ferroviárias. O automobilismo e a aviação apresentaram-se ali, sob o ponto de vista da sua influência na vida económica e na defesa nacional, lado a lado com os aspectos desportivo e turístico, que não podem abandonar.

### ***Romagem patriótica ao Castelo da Feira***

Uma das mais interessantes manifestações complementares do «I Congresso Nacional de Transportes» foi a Romagem Patriótica ao Castelo de Vila da Feira, iniciativa da comissão organizadora da grande

conferência, de acôrdo com a Comissão de Vigilância e Defesa do Castelo e as autoridades locais.

Para tal fim se organizou garbosa caravana automobilista que logo de manhã cêdo se começou a formar ao longo da avenida dos Aliados, junto à Delegação do *Diário de Notícias*. Nela se encorporaram numerosos carros particulares, conduzindo Congressistas e pessoas de suas famílias, e quatro dos magníficos auto-carros da «Auto-Mecânica de Portugal».

No Castelo, esperava os visitantes como legítimo representante dos amigos do magnífico monumento, o sr. dr. Vaz Ferreira — que foi magnífico cicerone através das ameias rendilhadas e dos telheiros e pátios da vetusta construção.



A inauguração oficial das novas instalações do «Diário de Notícias» vendo funcionar a grande rotativa. À esquerda do sr. dr. Augusto de Castro o sr. General Carmona. À esquerda do sr. Alfredo Moreira o sr. Ministro da Educação Nacional e à direita o sr. Ministro do Interior, Entre êstes dois o sr. Carlos Reis

No interior do Castelo, foram servidos doces regionais com vinho da região e do Pôrto.

### *A parada das viaturas automóveis*

Foi um dos números mais interessantes do variado e sensacional programa das solenidades comemorativas do encerramento do «Congresso dos Transportes» a aparatosa e concorrida parada de viaturas

automóveis que, em honra dos Congressistas e em homenagem ao sr. Presidente do Conselho, desfilou pelas ruas da cidade, que, no género, era acontecimento ainda inédito no nosso País.

Mais de um milhar de veículos nela tomaram parte, destacando-se a comparência dos mais modernos, e confortáveis auto-carros e caminhetas de passageiros, representando a quasi totalidade das carreiras de transportes colectivos, desde a região algarvia até ao extremo do Alto Minho e à acidentada provincia transmontana.

E, entre todas essas viaturas, impunham-se, sem dúvida, os luxuosos e imponentes veículos da «Auto-Mecânica de Portugal» — a arrojada e bela iniciativa do antigo Ministro e Congressista engenheiro Plínio Silva.

NA 15.<sup>a</sup>. Ao centro o mapa de Portugal, com a rede de correspondentes e agentes; ao alto, à direita, uma alegoria expressiva: o *Diário de Notícias* envolvendo todo o País.

Texto:

### A ACÇÃO REGIONALISTA DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» TEM O APLAUSO E O LOUVOR DE TODOS OS GOVERNADORES CIVIS

*O Diário de Notícias, que nasceu em Lisboa e pronto cresceu, e foi, e tem sido sempre, o jornal mais dilecto do povo de Lisboa, não é — devemos dizê-lo — um jornal exclusivamente lisboeta.*

*Os grandes quotidianos do Mundo, em geral, são do Mundo, mas são-no, especialmente, das terras em que se publicam — de Nova York, de Londres, de Paris, de Berlim, de Roma... O Diário de Notícias é de Portugal inteiro. Todo o País lhe merece reparos e carinhos devotados. A vida portuguesa estua, de Norte a Sul, em todas as suas páginas. E não apenas aquela que possa ter repercussões para além das suas fronteiras metropolitanas. Aquela, também, que estabelece e regula os sentimentos de estima, de compreensão e de interesse, entre a Capital e as suas onze Provincias, entre as cidades e as aldeias mais remotas, entre — por melhor dizer — todas as populações do País, na mutualidade dos seus anseios, dos seus afãs, da sua existência.*

*O Diário de Notícias, desde sempre, e sobretudo desde que iniciou a sua acção regionalista, procurou estreitar esses laços de afecto entre quantos vivem, trabalham e sofrem em terra portuguesa. Da acção desse departamento salam, mais do que tudo o que disséssemos neste momento, anos e anos dum labor perseverante, proficuo e atestado em milhares e milhares de números deste jornal. É desnecessário fazermos*

*-lhe referências especiais, quando, em nome das populações que superiormente regem, sobre ela se pronunciam, honrando e valorizando esta página com as suas palavras tão cativantes, os senhores Governadores Cíveis dos dezóito distritos do Continente.*

*¿Que mais seria possível dizer, na sua eloquência e evidência, da acção regionalista do Diário de Notícias?*

*O que nos resta, neste dia em que nos instalamos em nova casa, e se não em comêço de vida nova, em princípio duma nova, mais ampla e moderna fase da nossa actividade, é garantir a tôdas as regiões do País que elas vão ainda merecer maiores e melhores cuidados aos que nela trabalham e a dirigem. Que ainda mais estreitamente apertaremos ao nosso peito, e portanto mais junto do nosso coração a teremos, tôda a terra portuguesa, de Norte a Sul. E, assim, a todos os que muito dedicadamente connosco se esforçam para bem cumprir e bem servir — os nossos correspondentes — e aos que pagam com tanta largueza êsse nosso empenho, comprando e lendo com prazer e diária fidelidade êste jornal — os nossos leitores — só temos a pedir-lhes hoje, dia grande nesta sua casa:*

*— Que nos continuem sempre a dispensar tão alta e boa amizade, pois tudo, por nosso lado, faremos para continuarmos a ser dignos dela.*

O jornal que Eduardo Coelho fundou — em tão boa hora que cada dia da sua vida representa uma afirmação de valor — tem sido, trilhando o bom caminho, um dos meus melhores colaboradores. Muito lhe devem os humildes e os desamparados da fortuna. Muito lhe deve também o distrito que tenho a honra de chefiar, pois o *Diário de Notícias* tem sido propagandista valioso do espírito regionalista e, simultâneamente, esteio de vulto das suas necessidades.

Jornal dirigido e orientado por figuras ilustres do jornalismo, a algumas das quais me ligam laços de amizade que me desvanece e de camaradagem que me orgulha, põe sempre a sua actividade ao serviço da Nação.

Nesta hora em que dá nova e exuberante afirmação do seu valimento como força intérprete da opinião pública, dirijo-lhe as minhas saudações: como chefe do distrito e em nome de tantas crianças, de tantos pobres e de tantos humildes que nêle têm tido braço amigo a ampará-los.

**ARTUR LOBO DA COSTA**

*Governador Cível de Lisboa*

O *Diário de Notícias*, dada a sua justificada expansão, é lido nas cidades e nos campos, nas vilas e nas aldeias, contando-se por dezenas de milhar as pessoas que não recebem outro alimento espiritual.

As idéias destas são quási só as que o jornal divulga, e os nossos

actos serão bons ou maus, conforme a apreciação, de aplauso ou de censura, que nas suas colunas dêles se fizer.

Isto significa que um jornal não pode considerar-se um simples órgão de informação, antes lhe compete orientar a opinião pública, preparando o ambiente necessário à realização de reformas e obras de maior interesse nacional.

Dá-nos razão o próprio *Diário de Notícias* ao afirmar, em editorial de 10 de Fevereiro, que «a opinião pública em Portugal caminha inversamente à sua evolução normal, do construtivo para o destrutivo. Todo o esforço criador, entre nós, é intermitente, desacompanhado ou hostilizado e sujeito, por isso mesmo — porque lhe falta o apoio indispensável e a correção, não menos indispensável, do ambiente — ao arbítrio, ao desalento ou ao azedume».

Dar-lhes êsse apoio, corrigir os nossos erros, e ajudar a criar uma forte e esclarecida consciência colectiva, é, no momento que decorre, a função da Imprensa, a exercer por meio duma persistente e criteriosa acção educativa.

E porque o *Diário de Notícias* tão claramente aponta os males de que sofre a opinião pública, espero que use de todos os seus magníficos recursos e da sua poderosa organização para os fazer desaparecer, contribuindo dêste modo para a solução dum problema que interessa profundamente a Nação.

Não é, pois, sem motivo que me associo ao júbilo dêste jornal no momento em que se instala em nova sede e põe ao seu serviço novos meios de aperfeiçoamento gráfico que lhe permitirão, se é possível, desenvolver a sua magnífica acção regionalista e cultural e faço-o enviando-lhe o meu cartão de cordeais felicitações com os votos das maiores prosperidades.

#### **TRIGO DE NEGREIROS**

*Governador Civil do Pôrto*

Tenho acompanhado de perto a magnífica acção regionalista do *Diário de Notícias*, acção muito notável e muito proveitosa, quer no sentido turístico — pela vulgarização das belezas naturais, dos valores artísticos, das curiosidades e das tradições — quer na defesa dos mais altos e justos interesses de cada localidade, ainda a mais humilde.

O distrito e a cidade de Aveiro têm sido particularmente distinguidos nessa prestimosa obra. Os seus mais importantes problemas, as suas reivindicações legítimas, tôdas as suas aspirações de progresso encontram sempre benévolo e largo eco nas colunas dêste grande jornal.

A cidade, sobretudo, deve-lhe grandes deferências e serviços. Com o seu patrocínio realizou, nos últimos anos, festas brilhantíssimas, e, graças à sua considerável expansão e insistente propaganda, viu criar-se um vivo movimento de curiosidade e interesse em volta do seu nome

e de quanto êle simboliza, como centro duma região rica e populosa, próspera e de singular beleza.

Conquistou, assim, em Aveiro, a-par do indiscutível prestígio de grande diário nacional, funda simpatia e merecido reconhecimento e qualificou-se como um inestimável elemento de divulgação e apoio de tôdas as iniciativas que sirvam o bom nome ou o desenvolvimento locais.

São inúmeros os benefícios prestados pelo *Diário de Notícias* neste distrito. Por todos bem merece e por todos bem haja.

**JOSÉ DE ALMEIDA AZEVEDO**

*Governador Civil de Aveiro*

Sendo-me solicitadas breves palavras para êste número especial do *Diário de Notícias*, elas não podem deixar de ser senão de elogio pela grande obra regionalista que o mesmo jornal tem desenvolvido e que de todos os recantos do País tem feito chegar até ao Poder Central as legítimas aspirações dos povos.

Em nome do distrito que me foi confiado, eu agradeço ao *Diário de Notícias* a acção que tem desenvolvido em prol do mesmo.

**JOÃO PULIDO**

*Governador Civil de Beja*

O *Diário de Notícias* merece e de facto tem tôda a simpatia da boa gente desta região, pois que é neste canto abençoado de Portugal que a gratidão se manifesta sempre para com tôdas as entidades que patrocinam e acolhem bem os seus interesses. Ora, o grande órgão da Imprensa da Capital propulsionou, em todos os tempos, tudo quanto diz respeito ao progresso e bem estar do Minho e designadamente do distrito de Braga.

Desta sorte, é com tôda a alegria que vemos as melhorias e desenvolvimento do *Diário de Notícias* e desejamos a todos quantos nêle trabalham Paz e Felicidade de tôda a ordem.

**JOSE JOAQUIM DE OLIVEIRA**

*Governador Civil de Braga*

É hoje dia de festa para o *Diário de Notícias*.

E porque o regionalismo construtivo que êle vem propugnando e defendendo é altamente patriótico, daqui lhe endereçamos os nossos melhores cumprimentos.

Não porque desejemos que êle desenvolva acção só de aplauso a tudo o que de bom e mau se tente fazer ou se leve a efeito; mas para que nunca deixe de fazer relato e crítica justa, sempre benéficos para,

cada vez mais e melhor, se poder realizar, nesta Época de Engrandecimento que Carmona e Salazar, com tanta nobreza, dirigem e comandam.

E saibamos nós, atentos às vozes e ao magnífico exemplo daqueles prestigiosos chefes, colaborar em tão patriótica obra, dando-lhes o nosso mais decidido esforço e dedicado concurso.

**SALVADOR NUNES TEIXEIRA**

*Governador Civil de Bragança*

Com sincera satisfação saúdo o *Diário de Notícias* neste dia de triunfo, por não esquecer a forma patriótica e desinteressada como tem defendido os legítimos interesses da Província da Beira Baixa, dando a conhecer ao seu numeroso público as belezas, valor e qualidades de trabalho honesto e produtivo da boa gente desta Província de Portugal.

**ANTONIO MARIA PINTO**

*Governador Civil de Castelo Branco*

Porque o *Diário de Notícias* é um grande jornal entre os melhores órgãos da Imprensa diária do País e porque muitos benefícios lhe devem as populações do distrito de Coimbra, congratulo-me com os seus progressos e faço votos sinceros para que eles sejam cada vez maiores.

**DOMINGOS CALADO BRANCO**

*Governador Civil de Coimbra*

Manifesta a grande Imprensa um carinho especial pela acção regionalista.

Com efeito o estudo e a publicidade das actividades e costumes regionais constituem valioso incentivo para o desenvolvimento da vida local e para o fortalecimento das tradições que tão expressivamente a enquadram.

Um conjunto de aguarelas de côr imperecível e de águas-fortes de vigoroso traço ilustra e documenta a existência multi-secular de Portugal-Nação.

Graças sejam rendidas aos que devotadamente recolhem, da frescura dos nossos campos, as tintas naturais que matizam umas, e extraem, da estrénuo labuta da terra, o ardor corrosivo que recorta as outras.

E uma palavra de particular aprêço e de caloroso aplauso signifique ao *Diário de Notícias* o reconhecimento devido por tão meritória tarefa, ao serviço do interesse nacional.

**HIPOLITO ALVARES**

*Governador Civil de Évora*

É-me grato patentear, como governador civil do distrito de Faro, o meu aprêço ao *Diário de Notícias*, com o testemunho do meu reconhecimento por tudo quanto tem feito em prol do progresso moral e material do Algarve.

Desempenho, há dezóito meses, nesta linda província, o honroso cargo que me foi confiado pelo Govêrno da Nação e, neste espaço de tempo, tenho verificado que nas suas colunas é tratado, com inteligência e carinho, tudo quanto interessa o Algarve na gama polícroma dos seus interêsses.

Não minto se disser que foi o *Diário de Notícias* o jornal que atraiu a minha atenção para esta parte curiosíssima do nosso País; nas terras da Beira Alta, onde tenho vivido a maior parte da minha vida, comecei a sentir a ânsia de conhecer de perto os seus hábitos e costumes, a beleza da sua paisagem encantadora, as doçuras do seu clima, a poesia dos seus poentes maravilhosos, as ruínas sagradas dos seus castelos, o seu folclore...

E bem longe estava de que me seria confiada a árdua missão de governar o Algarve! Árdua — entendamo-nos — porque a missão de governar é sempre espinhosa.

De resto a ânsia de progresso que anima os algarvios, o seu amor entranhado ao rincão onde nasceram, o seu patriotismo, facilitam o labor de quem tem por missão coordenar o ritmo da sua vida administrativa e política.

Sem intuitos de lisonja que sempre me repugnaram, não posso deixar de destacar nesta ligeira apreciação, a acção do seu redactor regional, sr. dr. Mário Lyster Franco, espírito culto a quem se deve uma propaganda inteligente e constante da sua província natal. Ele tem o direito de compartilhãr da gratidão dos seus conterrâneos pela propaganda que o *Diário de Notícias* tem feito do Algarve.

#### MONTEIRO LEITE

*Governador Civil de Faro*

Se a inteligente acção regionalista que devemos ao *Diário de Notícias* não tivesse outros méritos, bastava-lhe êste:

Fazer a história viva e palpitante duma época em que uma sãdia e magnífica exaltação reconstrutiva galvaniza o País de norte a sul.

As suas páginas regionais, falando-nos da fé vibrante com que as nossas terras trabalham para ver satisfeitas as suas mais gratas aspirações ou noticiando as constantes inaugurações festivas de melhoramentos públicos já realizados, são como que janelas que se abrem para «varrer com rajadas de ar fresco o ar apodrecido» por exalações mefíticas de certas agitações sombrias e inconfessáveis com que se tente

ainda, por vezes, desfigurar «o verdadeiro estado da consciência nacional».

Bem haja o *Diário de Notícias* pelo alto serviço que assim presta à Nação.

**FRANCISCO MANUEL HENRIQUES  
PEREIRA CIRNE DE CASTRO**

*Governador Civil da Guarda*

Sendo-me pedidas algumas palavras para o número especial do *Diário de Notícias*, comemorativo da inauguração das suas novas instalações, quero corresponder à gentileza, acompanhando com grande simpatia esta afirmação de prosperidade do grande quotidiano português.

Um grande órgão da Imprensa desempenha hoje, no corpo nacional, a função do coração na fisiologia humana. Derrama dia a dia pelo País o fluxo vital da actividade pública central, recolhendo no mesmo ritmo a actividade esparsa na periferia e, alargando esta acção ao Mundo inteiro, integra o País no imenso latejar de vida do planeta que habitamos.

Dêste conjunto da actividade do *Diário de Notícias*, quero destacar a acção regionalista, neste momento posta em especial relêvo.

Sob êsse aspecto, é verdadeiramente meritória a sua acção, pois, graças a ela, o País inteiro terá sido revelado a si próprio no conjunto dos seus atributos, em revista minuciosa e global às suas actividades presentes e passadas e dando corpo às suas aspirações de futuro.

A prova frisante dêste facto tem-na o distrito de Leiria, nas ainda recentes e brilhantes reportagens que o ilustre jornalista Urbano Rodrigues aqui realizou.

Desde o carinhoso e admirativo relêvo histórico dos seus monumentos à exibição do seu esforço industrial e económico, desde a multiplicidade de aspectos da sua beleza panorâmica à notação palpitante da vida das populações, através do seu esforço quotidiano e das manifestações superiores e profundas da sua vida espiritual, tudo foi notado, admirado e revelado.

Assim, em Leiria, assim em Portugal inteiro, pelo que aqui lhe trago a gratidão dos povos que administro.

**MARIO DE VASCONCELOS**

*Governador Civil de Leiria*

A acção regionalista do *Diário de Notícias*, neste distrito, pode, sem favor, classificar-se de notável.

Sempre que a cidade ou qualquer dos concelhos manifesta um desejo, exterioriza uma aspiração, logo aparece êste denodado órgão

da Imprensa a bater-se por elas, com galhardia e desinterêsse, ao lado dos seus mais estrénuos defensores.

Interpretando o sentir das populações agradecidas, muito me apraz deixar aqui consignadas estas palavras de justiça e louvor.

**MANUEL DE MAGALHÃES PEREIRA**

*Governador Civil de Portalegre*

Absolutamente integrado dentro das suas altas e nobres funções de orientador e órgão da opinião pública, o *Diário de Notícias* caminha de triunfo em triunfo e êste ano de 1940 pode marcá-lo com grande pedra branca.

Devido à orientação inteligente e moderna do seu ilustre director, sr. dr. Augusto de Castro, nome há muito consagrado como exímio cultor das letras pátrias, e à dedicação e competência profissional do corpo redactorial, donde é devido destacar o nome de Urbano Rodrigues, jornalista e escritor como há poucos, só merece elogio e reconhecimento a acção do jornal que tanto tem contribuído para o desenvolvimento e progresso da província.

Nesta hora de intenso júbilo em que inaugura as suas novas instalações, em plena cidade nova, bem devidos lhe são um brado de aplauso pelo passado, os emboras sinceros pelo presente e uma palavra de incitamento para o futuro.

**EUGÉNIO DE LEMOS**

*Governador Civil de Santarém*

Pede-me o belo jornal que é o *Diário de Notícias* meia dúzia de linhas que traduzam dalguma forma o interêsse que lhe têm merecido as coisas desta terra e dêste distrito.

Nada mais justo que o pedido e até a modestíssima contribuição do muito que lhe devemos.

Na acção regionalista é preciso que destaquesmos o *Diário de Notícias* — a que a pena de oiro do distinto homem de letras que é o seu director veio dar ainda mais realce e brilho — que o tem feito com tanto interêsse, tanta galhardia e tanta generosidade.

Nunca se lhe pediu guarida que as suas portas se não abrissem, de par em par, facultando com a gentileza mais cativante as suas colunas para a defesa justa das aspirações desta região.

Tem sido ainda, nas suas páginas regionais, um poderoso e benéfico auxiliar das autoridades administrativas.

Pelo que se refere ao distrito de Setúbal, o *Diário de Notícias* e o seu ilustre representante nesta cidade merecem uma chamada especial com quentes aplausos da plateia, que segue, com o mais vivo empenho, tudo o que vem fazendo-se em seu benefício. E há-de ainda





ver a Imprensa, com aquêlê esplêndido diário à frente, saber lutar pelos interesses superiores da linda cidade do Sado, ajudando-a na realização dos seus projectos e na efectivação dos seus mais urgentes melhoramentos, contribuindo, desta maneira, com uma importante soma de esforços para todos fazermos dela uma das mais lindas terras do País.

**A. BARREIROS CARDOSO**

*Governador Civil de Setúbal*

Pela sua notável acção regionalista, tantas vezes posta ao serviço dos interesses de Viana do Castelo, bem merece o *Diário de Notícias* o reconhecimento e a gratidão do povo dêste distrito.

Em nome dos vianenses dirijo ao grande diário da capital calorosas saudações.

**ROGÉRIO FERREIRA**

*Governador Civil de Viana do Castelo*

O vetusto jornal *Diário de Notícias* actualizou-se, fêz o seu Solar, instalou a sua residência num dos lugares mais fidalgos e mais distintos de Lisboa, entrou na nobiliarquia da Imprensa do Mundo.

Dotou a nossa linda capital com mais um sumptuoso edifício, engrandeceu o local mais alegre e mais central da mais formosa cidade, que mira o Tejo, retocou, com mais uma pincelada artística e modernizante, o velho «Passeio Público», crismado pelas novas idéias com o pomposo nome de «Avenida da Liberdade», coração alfacinha e alma em devaneios, a mais carinhosamente aquecida e iluminada pelo lindo sol dêste céu azul de Portugal.

No dia em que a ilustre Direcção do *Diário de Notícias*, em estreito abraço com os seus muito queridos, dedicados e prestantes patriotas, companheiros no trabalho, colaboradores e obreiros, vai inaugurar as suas novas instalações, quero, com o justo regozijo dos Ulissiponenses, associar-me à satisfação que devem sentir pelo triunfo que representa para um jornal português, para a capital e para o País, a realização dum tão grande empreendimento.

Temos, pois, o nosso Palácio da Imprensa. Coube ao *Diário de Notícias* a honra de dotar a Pátria com o Solar do Jornalismo Português.

As minhas homenagens e o meu reconhecimento.

Homenagens pelo triunfo e agradecimento como português ao velho jornal que tão bem tem sabido dar Portugal ao Mundo e o Mundo a Portugal, nas suas páginas, livro dia a dia sempre aberto à nossa ansiedade, ora trazendo-nos idéias novas e novos acontecimentos, ora abrindo portas aos humildes para a Vida, na sua «página de anúncios», ora batendo-se ardorosamente e com ternura pelos pobrezinhos que têm fome e amargura, lançando amiúde as suas iniciativas de caridade.

A gente dêste meu rincão transmontano associa-se, pela minha voz, aos louvores e agradecimentos que aqui quero deixar ainda pelo muito que a província deve ao *Diário de Notícias* pela sua acção regionalista, em que tão bem sabe dizer das nossas aspirações e direitos e tão bem sabe cantar as maravilhas da nossa terra.

**H. DE ASSIS GONÇALVES**

*Governador Civil de Vila Real*

Defender o regionalismo no que nêle há de típico e característico, nos usos, costumes e até na linguagem, é por certo obra meritória da Imprensa, e ela aceita estar ao serviço da Pátria, pois serve-a quem procura mantê-la viva em tudo que faz dela uma unidade diferenciada. O regionalismo, porém, não pode ser só isso. Há costumes obsoletos que perderam já, em virtude de transformações de tãda a ordem, o seu meio próprio; êsses há que deixá-los morrer e será tarefa inútil fazê-los viver artificialmente. E será essa uma maneira de fazer regionalismo.

Dar-se-á regionalismo, também, melhorando as condições da vida local, tornando-a mais confortável, higiênica e atractiva, por modo a evitar a sedução dos grandes meios com o seu quê de incaracterístico e monótono. É sobretudo êste último que a Imprensa pode e deve praticar fazendo-se eco das reclamações e melhoramentos locais, criando interêsse por êles, levando até quem haja de atendê-los e realizá-los o desejo e necessidade que os fizeram surgir. Neste aspecto particular é-me muito grato reconhecer os inestimáveis serviços que o *Diário de Notícias* tem prestado ao distrito de Viseu.

Não há reclamação, obra ou melhoramento ao serviço do qual o *Diário de Notícias* não ponha desinteressadamente o seu grande poder de expansão. É um procurador solícito, autorizado e... gracioso. Por tudo bem merece do distrito de Viseu.

**ANTÓNIO ABRANTES TAVARES**

*Governador Civil de Viseu*

NA 16.<sup>a</sup>. Duas gravuras: Azulejos executados sôbre desenhos de Roque Gameiro e Alberto Sousa existentes no vestíbulo do 1.<sup>o</sup> andar do antigo edifício do *Diário de Notícias*. Um aspecto do grande incêndio no Teatro Baquet, do Pôrto, segundo uma gravura da época.

No texto, e por sua ordem, os seguintes artigos:

## SETENTA E CINCO ANOS DE VIDA NACIONAL

Um dia, há setenta e cinco anos, juntaram-se dois homens e fizeram um jornal. Os dois homens chamavam-se Eduardo Coelho e Tomaz Quintino Antunes. O dia escolhido foi o 29 de Dezembro de 1864. O jornal chamou-se *Diário de Notícias*.

Eduardo Coelho era o sonhador, o poeta, o jornalista. A idéia de um jornal popular, essencialmente popular, andava-lhe no cérebro, fervia-lhe no sangue, absorvia-lhe o espírito havia já anos. Um jornal independente, noticioso, inofensivo, que vivesse do povo e para o povo, sem grandes vôos de literatura, sem colunas maciças de erudição académica, sem complicadas questões de política internacional. O facto. A notícia. O dia-a-dia da vida nacional e dos acontecimentos gerais. De educação profundamente liberal — seu pai militou no cêrco do Pôrto, nas hostes de D. Pedro — a sua inteligência vivaz e romântica, a sua vocação desde menino e moço levaram-no a trocar o balcão da rua dos Capelistas e o outro da rua dos Fanqueiros pela sua mansarda, humilde e pobre, daquele 5.º andar que torneja da travessa de S. Nicolau para a rua dos Douradores, velha trapeira onde êle ceava com as estrêlas e cultivava as suas ilusões.

Tomaz Quintino Antunes, homem prático, honrado português ao sabor da época, já então dono da Tipografia Universal, completava, para as realidades da vida, o romântico sonhador da «Crónica dos Teatros», do «Conservador» e da «Revolução de Setembro».

E o espírito criador e animado de Eduardo Coelho, em perfeita simbiose com o espírito ponderado, administrativo e prático de Tomaz Antunes lançaram o *Diário de Notícias*. Escritura simples. O jornal saía e seria dos dois. Eduardo Coelho teria a seu cargo a redacção. Quintino Antunes a administração. Ordenados, lucros, quando pudesse ser. Primeiro, a realização da idéia. Depois, a sua parte material. Lançado o jornal, firmados os alicerces, tornado o sonho prometedora realidade fêz-se a primeira escritura com data de 20 de Abril de 1865, ratificada em 1873, modificada em 1913, e que deu mais tarde aquela que hoje vigora sob a designação de Empresa Nacional de Publicidade.

O êxito do novo jornal foi um assombro. Saíndo com uma tiragem excepcional para a época, de 5.000 exemplares, atingia, no fim do seu primeiro ano 9.600, com 26.000 em 1885, com 150.000 em 1925. Um colosso.

Jornal acentuadamente lisboeta até à direcção do sr. dr. Alfredo da Cunha, a partir de 1919 tornou-se num jornal do País, de todo o País, alargando a sua esfera de acção a todos os recantos de Portugal e suas colónias, ganhando, pelo seu esforço o justo título do jornal de maior expansão em todo o território da República.

O primeiro aumento de formato do *Diário de Notícias* deu-se ainda em 1865, e em 1866 o seu formato era já o dôbro do formato primitivo, para ser de novo aumentado em 1867, e em Dezembro de 1870 iniciava a sua publicação aos domingos, precisamente no ano em que nas suas páginas se publicava o romance de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão «O Mistério da estrada de Sintra» cuja publicação foi no Portugal dêsse tempo um caso sensacional. Em 1882 o *Diário de Notícias* salientava, com justificado e compreensível júbilo, que era sete vezes maior do que o pequenino jornal que vira a luz da publicidade em 1864, na velha rua dos Calafates, que um ano depois se transformava em rua do «Diário de Notícias»

A 14 de Maio de 1889, morre Eduardo Coelho e assume a direcção do jornal Tomaz Quintino Antunes, então visconde de S. Marçal, tendo, como seu redactor principal, Pedro Venceslau de Brito Aranha, e como redactores dos mais distintos Sousa Viterbo e Júlio César Machado.

Em 1893, o sr. dr. Alfredo da Cunha entra para o jornal com o cargo de secretário da empresa, e dois anos depois, 1895, o *Diário de Notícias* sofre novo aumento de formato.

A 16 de Fevereiro de 1898, morre, já conde de S. Marçal, Tomaz Quintino Antunes, e, em 1 de Janeiro de 1900, o sr. dr. Alfredo da Cunha assume publicamente a direcção do jornal, que, em Dezembro de 1907, lança a público o seu 1.º número de vinte e quatro páginas, o maior que até então se havia publicado na Imprensa portuguesa.

Em 1904, inaugurou-se, em S. Pedro de Alcântara, o monumento a Eduardo Coelho, que foi aumentado com o medalhão de Tomaz Quintino Antunes em 1914, data do cinquentenário.

Dirigiu o sr. dr. Alfredo da Cunha o *Diário de Notícias* até 31 de Maio de 1919, ano em que foi substituído neste lugar pelo sr. dr. Augusto de Castro, que nêle se manteve até Abril de 1924 para ir ocupar em Londres o lugar de ministro de Portugal junto da côrte inglesa. Em Junho, o sr. Eduardo Schwalbach Lucci assume a direcção dêsse jornal, até que, em 1939, quinze anos depois, o sr. dr. Augusto de Castro retoma o seu antigo lugar de director e nêle se encontra.



Podemos dividir a história do *Diário de Notícias* em quatro períodos distintos: 1.º, de 29 de Dezembro de 1864 (data da fundação) até 14 de Maio de 1889 (morte de Eduardo Coelho); 2.º, desta data até 15 de Fevereiro de 1898 (morte de Tomaz Quintino Antunes); 3.º, de 1898 a 29 de Dezembro de 1914 (data do cinquentenário); 4.º, finalmente, de 1914 a 29 de Dezembro de 1939 (bodas de diamante). Cada

um destes períodos tem a sua fisionomia própria, os seus triunfos, as suas preocupações, o seu desenvolvimento natural e lógico.

São capítulos dum mesmo volume, pedras dum mesmo edifício, anseios duma mesma aspiração. Eduardo Coelho lançou-o a público na visão magnífica dum triunfo que se tornou realidade. O sr. dr. Alfredo da Cunha, energia e método, intuição e firmeza, alicerçou-o com caboucos indestrutíveis. O sr. dr. Augusto de Castro rasgou-lhe de par-em-par as janelas do País e fez, dum grande jornal lisboeta o maior de todos os jornais portugueses.

O sr. Eduardo Schwalbach manteve a posição que recebera. E de novo numa hora difícil de renovação mundial se encontra ao leme desta grande nau do nosso jornalismo o mesmo director que, no período de 1919 a 1924, lhe dera o maior impulso e conseguira com os seus colaboradores a sua invejável expansão.

Em cada um destes períodos teve o *Diário de Notícias* quer na sua redacção, quer na sua colaboração, os melhores nomes do nosso escol intelectual. O *Diário de Notícias* não é apenas um vasto repositório dos factos mais importantes da História do Mundo nestes setenta e cinco anos de existência gloriosa e activa, é ainda o arquivo dos nossos nomes mais ilustres que nas suas páginas versaram os assuntos mais palpitantes e de maior interesse em todos os ramos do saber humano e da humana aspiração. Pode afirmar-se que nenhum dos nossos grandes intelectuais, nestas últimas sete décadas, deixou de passar por esta casa, de firmar o seu nome nestas páginas. Também não houve acontecimento nacional, de lágrimas ou de triunfos, de alegria ou de sacrifício, a que o *Diário de Notícias* não desse o melhor da sua atenção e do seu esforço, exaltando ou consolando.



Entreí, como redactor, para o *Diário de Notícias* em 1913, convidado pelo seu então director, o sr. dr. Alfredo da Cunha. Nesse tempo a redacção do *Diário de Notícias* vinha ainda do Passado. Fraga Pery de Linde, Francisco Vidal, Ludgero Viana, Eduardo Coelho (filho), o velho repórter Almeida, e dos novos que começavam alguns elementos que ocupam hoje, fora ou dentro do *Diário de Notícias*, lugares de justo destaque. Os que faziam então o jornal constituíam, de-facto, uma família. A classificação estava certa, porque representava uma verdade. A factura dum jornal era diferente da que é hoje. Não se inventara ainda o dinamismo dos tempos modernos, e a vida, embora já nos inícios da Grande Guerra, era ainda uma vida razoavelmente pacata. O futebol não era, por esses recuados tempos, uma paixão absorvente, e as discussões incidiam mais sobre o belo sexo e a política

do que sôbre angustiosos problemas que tornam a vida um inferno de preocupações asfixiantes. O jornal fechava às quatro horas e meia, quatro e três quartos. Ficava apenas o redactor de piquete, e lá ao fundo da sala, à direita, por detrás do seu «realejo» — velha secretária com meio século de existência — o Fraga Pery de Linde acendia a lâmpada de álcool, estrelava os seus dois inevitáveis óvos e aquecia o seu cafèzinho com leite. Feito o repasto, punha a tiracolo a sua mala de «globe-trotter» e lá íamos, eu e êle, marche que marche, «pedibus calcantibus», até à calçada da Tapada, onde ambos morávamos. As críticas teatrais eram feitas por Eduardo de Noronha, «gentleman» impecável, sempre de charuto, de sorriso e de cravo vermelho na lapela. Depois, veio a fase da guerra e alargou-se a secção do estrangeiro por onde passaram, entre muitos outros, Luiz de Freitas Branco, que anos mais tarde ingressava como professor no Conservatório Nacional de Música, e o dr. Caetano Beirão, hoje chefe da secção de Correspondência e escritor de renome feito. A partir de 1920, a vida interna e externa do *Diário de Notícias* modificou-se por completo. A sua expansão ascendeu à centena de milhar, criaram-se em todo o País sucursais e filiais, «placards» simples e luminosos, aumentou-se o número de correspondentes e levou-se o *Diário de Notícias* a todos os recantos do Portugal continental, insular e colonial.

Foi assim que o *Diário de Notícias* se fêz o grande jornal que hoje é, o de maior expansão em Portugal, firmando lá fora o seu nome como um dos órgãos públicos de mais justa e justificada reputação entre os jornais portugueses.

JOÃO PAULO FREIRE

## A ACÇÃO CULTURAL DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

Nenhuma força espiritual, nas incertezas da vida moderna, se pode comparar à do jornal: nas suas colunas cabem o artigo doutrinário ou científico, a crítica nas suas múltiplas modalidades, o interêsse palpitante dos romances, os complexos problemas sociais e todos os assuntos que cativam a fantasia dos leitores.

Entre nós essa supremacia espiritual pertence ao *Diário de Notícias*, que desde o dia do seu aparecimento, 29 de Dezembro de 1864, até hoje sempre se esforçou por ser o excelso defensor das mais puras manifestações do pensamento português e da arte que tão nobremente floriu nesta nossa abençoada terra. Assim, em 1879, publicou o seu primeiro incitamento à celebração do tricentenário de Camões, e, em 1880, tomou a patriótica iniciativa de distribuir por todo o País, gra-

tuitamente, a monumental edição dos *Lusíadas*, dirigida pelo sábio professor F. Adolfo Coelho e que compreendia 30.000 exemplares. O nome do glorioso vate chegaria, com o entusiasmo da propaganda, aos mais humildes recantos de Portugal e às afamadas corporações científicas e literárias da Europa.

Os fundadores do *Diário de Notícias* tinham o culto da literatura, numa época em que abundavam famigerados poetas e prosadores, e tal facto originou os volumes que, constituindo «brinde aos senhores assinantes», nunca perderam o seu encanto na rápida fuga do tempo e representam, no actual momento, preciosíssima colecção, onde ficaram os melhores fulgores do génio literário português na segunda metade do século XIX.

Logo de princípio, foi Eduardo Coelho quem narrou, em pequeno e formoso romance, a curiosa tradição da Casa de Bragança, e Camilo Castelo Branco, em 1866, no seu sossêgo de S. Miguel de Seide, escreveu, para um dos mais famosos brindes, as páginas vibrantes de «O Parente de Cinquenta e três Monarcas»; depois, em 1881, apareceu outro volume de raro valor, homenagem da Empresa à memória do grande Vitor Hugo, e, no ano de 1891, o dr. Alfredo da Cunha enriqueceu a colecção com o trabalho «Eduardo Coelho — A sua vida e a sua obra», monumento erguido ao esforço admirável desse exemplar cidadão que, entre nós, tanto soube dignificar a profissão jornalística. Nos trinta e cinco volumes dos «brindes aos senhores assinantes» guarda-se a história da renovação literária em Portugal, através de alguns milhares de suas páginas cintilam ainda os nomes sempre saudosos de Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Bulhão Pato, Francisco Gomes de Amorim, Silva Túlio, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Barão de Rousado, Luciano Cordeiro, Alberto Pimentel, Sousa Viterbo, Brito Aranha, Gervásio Lobato, Cesário Verde, Cândido de Figueiredo, Teófilo Braga, Trindade Coelho, Cristóvão Aires, Leite Bastos, João Cesário de Lacerda, Guiomar Torresão, Lourenço Caiola, etc.

Em 1923, a Direcção do *Diário de Notícias*, compreendendo que os clássicos, em qualquer país, são os úteis estimuladores do carácter nacional, resolveu iniciar a «Biblioteca Clássica Portuguesa», a que o dr. Manuel de Sousa Pinto concedeu todo o prestígio do seu nome de prosador: «O Lima», de Diogo Bernardes, veio prestar relevantíssimo serviço aos estudiosos, porquanto tivera até então apenas quatro edições, sendo a primeira de 1596 e a última de 1820. O poeta da ternura e da tristeza não devia andar esquecido da nova geração, e os dois volumes de «O Lima», com as suas vinte églogas e trinta e três cartas, revelam o notável plano cultural da Empresa Nacional de Publicidade, digno dos mais rasgados elogios. Apareceram a seguir

«Ronda de Lisboa», de Francisco de Castro, e «As Eglogas», de Francisco Rodrigues Lobo.

No mês de Abril de 1924, surgiu a «Colecção Patrícia», que se propunha tornar conhecida a nossa literatura com as suas magníficas sínteses. Esta Colecção, dirigida por Albino Forjaz de Sampaio, mercê da sua finalidade, foi louvada pelo Ministério da Instrução Pública.

Como na Alemanha, Inglaterra, Suécia e Noruega existisse uma literatura infantil animada daqueles fictícios acontecimentos que seduzem as inocentes imaginações, a Empresa Nacional de Publicidade, em Maio de 1927, criou a «Biblioteca dos Pequenos», sob a direcção da ilustre escritora sr.<sup>a</sup> D. Emília de Sousa Costa.

A função cultural do *Diário de Notícias*, sôbre-modo proveitosa com o «Falar e Escrever», de Cândido de Figueiredo, ao incutir na juventude do meu tempo o verdadeiro gôsto pelos estudos gramaticais e pela própria pureza da linguagem, estava destinada a realizar-se também pela influência do livro, porque a acção benéfica dêste é mais permanente; em 1928, a Empresa Nacional de Publicidade fundou a sua «Secção de Edições», que, a-pesar-das dificuldades e obstáculos do nosso ingrato mercado literário, conseguiu despertar simpatia e alto interêsse intelectual, não só dando amparo aos novos escritores, aos quais tantas vezes costumam rarear os bens materiais necessários para a obtenção dos legítimos triunfos, como editando obras de divulgação histórica e científica. A produção literária, índice seguro do progresso artístico dos povos, mereceu-lhe o maior desvêlo: assim os romances, novelas e contos publicados desde «O Amor e o Tempo» e «Sexo 33», do dr. Augusto de Castro, livros que ocupam lugar primacial na nossa literatura contemporânea, «Desenhos Animados», de Rocha Júnior, obra que prima pela elegância do estilo, «Bocage», de Rocha Martins, magnífica evocação da vida aventureira dum dos maiores poetas portugueses, até «Cinco Aventuras sem importância», de Urbano Rodrigues, telas de delicioso colorido, «Sinfonia Incompleta» e «Sempre Noiva», de Mário Barros, onde o leitor encontra, em prosa vigorosa e sugestiva, caracteres femininos esplêndidamente estudados. Os poetas não foram esquecidos: «Fábulas e Historietas», de Acácio de Paiva, são um livro adorável, cuja leitura devia ser obrigatória nas nossas Escolas; «Promontório Sacro», de Cândido Guerreiro, contém formosos sonetos dedicados à glória do Infante D. Henrique, e «Rôbaiyat», de Omar Khayyam, pode considerar-se óptima interpretação de Gomes Monteiro.

Vantajosa propaganda cultural da «Secção de Edições» foi, certamente, a que se destinou «aos humildes de Aquém e de Além Mar, aos exilados trabalhadores, proscritos das aulas pelo ingresso na escola da luta pelo pão», propaganda levada a efeito com a publicação da

«História de Portugal» e «História das Colónias Portuguesas», da autoria de Rocha Martins. São igualmente dignos de menção, sob o aspecto histórico: «D. Maria I», do dr. Caetano Beirão, volume de 474 páginas, em que se recolheram subsídios para o conhecimento perfeito do reinado efectivo da caluniada Rainha; «D. Sebastião», do prof. dr. Queiroz Veloso, obra de sólida investigação, toda ela escrita à luz de documentos inéditos; «Os Judeus e os Protocolos dos Sábios de Sião», de João Paulo Freire, estudo erudito e probo acerca do povo que tantas virtudes e defeitos possuiu no perpassar dos séculos, e «Elementos de História de Portugal», de Alfredo Pimenta, trabalho de notável objectividade nas suas conclusões e oficialmente aprovado para livro único, nos liceus, nos anos lectivos de 1936-1937 e 1937-1938.

As obras de mais forte divulgação publicadas pela Empresa Nacional de Publicidade, por intermédio da sua «Secção de Edições», foram: «Prontuário de Ortografia», de Costa Leão, volume portátil, de utilíssima e fácil consulta, onde o autor resolve dificuldades ortográficas e de linguagem; «Mãe e Filho», «Arte de Educar» e «Vida de Campo», do prof. dr. Ferreira de Mira, livros que revelam, além do cientista sempre prêso aos problemas da inteligência, o escritor de prosa fluente e elegantíssima; «Apontamentos de Epigrafia Portuguesa», «Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo» e «Inscrições Sepulcrais da Sé de Lisboa», de J. M. Cordeiro de Sousa, subsídios valiosos para os que se interessam pelas coisas do passado; «Compêndio de Economia Política» e «Teorias de Comércio», do dr. António Filomeno Lourenço, bem como «Elementos de Direito Comercial», do dr. J. Pires Cardoso, «Noções de Tecnologia e Mercadorias», do dr. António Pedro Mendes, e «Noções de Contabilidade» do dr. F. V. Gonçalves da Silva, que pela exposição clara e rigor de doutrina vieram beneficiar professores e alunos do Ensino Técnico Profissional; os trinta e um folhetos da «Colecção Rústica» fornecem modernos e sólidos ensinamentos agrícolas aos nossos lavradores; os cinco fascículos da «Colecção de Vulgarização Médica» encerram oportunos conselhos aos doentes, especialmente diabéticos e tuberculosos; «A Justiça e a Ciência», do prof. dr. Santana Rodrigues, mostra o que foi a justiça na antiguidade, o que é a química e os seus métodos de análise nas pesquisas judiciais.

A «Secção de Edições» da Empresa Nacional de Publicidade também publicou algumas obras de Teatro, de subido valor literário, como «Amor», do dr. Augusto de Castro, «O Perfume do Pecado», «Sol Poente», «Recompensa», «Consciência» e «Duas Mães», do dr. Ramada Curto, «Auto da Aclamação de El-Rei D. João II — Cruz de Guerra», de A. Cardoso dos Santos, e «O Inimigo», de Cristiano Lima.

«Salazar — O Homem e a sua Obra», de António Ferro, inquérito de-veras notável sob o aspecto político, a que não faltam os máximos

primores literários, «Pequenos Mundos e Velhas Civilizações», de Ferreira de Castro, «História de Portugal», de Rocha Martins, e «Profetas e Profecias», de João Paulo Freire, constituem, sem dúvida, os maiores êxitos editoriais da Empresa Nacional de Publicidade nos últimos anos.

Para terminar este despretencioso artigo, desejo frisar o carinho com que a Empresa Nacional de Publicidade acolheu o aparecimento da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», procedendo à sua distribuição, e é com saúde que evoco, na minha qualidade dum dos seus primitivos directores, os momentos de trabalho intenso e de boa camaradagem, ao lado de João de Sousa Fonseca, inteligência lucidíssima e vontade de ferro, Costa Leão, conhecedor profundo da boa linguagem portuguesa, dr. António Maria Godinho, distinto professor e economista, e dr. António Sérgio, eminente pensador.

MAGNUS BERGSTRÖM

## AS GRANDES REPORTAGENS DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

A reportagem, a mais nobre e a mais difícil das artes do jornalismo, a que mais qualidades exige e maiores virtudes requiere, é o espelho da Vida, reflecte em todos os cambiantes, mais do que nenhuma, o drama humano, no seu tumulto de angústias, de ansiedades e de alegrias. Retrato animado das gerações nos contrastes que as épocas oferecem, pode dizer-se que cada reportagem tem a expressão do seu tempo.

Eis por que, na paz pôdre da metade do século XIX, quando surgiu o *Diário de Notícias*, a reportagem, sem a intensidade nem a vibração que tem hoje, era quasi só — coscuvilhice... Os repórteres andavam nas redacções em pantufas e ali aguardavam que os indiscretos ou os amigos lhes levassem as notícias. É preciso dizer que a reportagem, com pouco mais de vinte anos, constituía uma novidade no jornalismo português.

Eduardo Coelho, que criou o jornal popular, foi também, neste capítulo, um reformador. Para lançar o seu diário, que ia ser essencialmente um órgão de informação na época em que o primado era da fôlha política e literária, fez que a reportagem descesse à rua e interpretasse, nos seus altos e baixos a vida das mais diversas classes.

O fundador do *Diário de Notícias* fizera já, no «Conservador» e na «Revolução de Setembro», uma brilhante carreira de repórter. Ao lançar a público a fôlha de dez réis chamou para o seu lado Santos

Nazaré e, mais tarde, José Francisco de Assis Almeida — e os três foram os primeiros noticiaristas do *Diário de Notícias*. A reportagem passou a ser um sacerdócio, em que os Pais iniciavam os Filhos. Assis de Almeida industriou seu filho, José Joaquim de Almeida, que foi repórter d'êste jornal durante 40 anos; êste, por sua vez, lançou seu filho Júlio de Almeida, que, há vinte anos ininterruptamente, aqui trabalha; e já conquistou pôsto na Imprensa um filho d'êste e bisneto do primeiro, Armando Jorge de Almeida, esperançoso moço de 20 anos.

### ***A reportagem simples e ingénua de há três quartos de século***

Há três quartos de século a reportagem não tinha exigências superiores às de mero relato. As côres simples e ingénuas e os conceitos morais, por vezes com citações bíblicas, eram os preferidos para enquadrar os grandes acontecimentos. Quem quizer acompanhar a galopada que ela fêz até os nossos dias tem de mergulhar, para entender os contrastes, nas curiosas notícias daquela época.

Não é fácil, num simples e desprezencioso artigo de jornal, registrar tôdas as grandes reportagens do *Diário de Notícias*, nos 76 anos decorridos, e menos ainda fixar os nomes dos jornalistas que as fizeram, porque os repórteres de outrora trabalhavam anònimamente, sacrificando a sua individualidade à do jornal, num tempo em que o leitor não tinha, como hoje, a curiosidade de saber quem estava por detrás do relato que o entusiasmava ou comovia.

A primeira grande reportagem que figura nos meus apontamentos e na qual, segundo julgo, colaborou João Grave, o romancista excelso de «Os Famintos», foi a do horroroso incêndio do teatro Baquet, no Pôrto, na noite de 20 de Março de 1888. Representava-se a tradução da zarzuela «Gran-Via», em benefício do actor Firmino, quando as chamas irromperam, destruindo em pouco tempo todo o edifício, que era iluminado a gás. Morreram 52 pessoas e, entre elas, 3 da família de Firmino.

Outra reportagem, notável pela extensão e pela minúcia, foi a do funeral do rei D. Luiz, em 26 de Outubro de 1889, na qual julgo ter colaborado tôda a redacção. É suficiente lembrar, para que se calcule o que os noticiaristas tinham de relatar, num caso em que todos os pormenores interessavam, que o cortejo fúnebre, saído dos Jerónimos às 10,30, só chegou a S. Vicente cinco horas depois!

A reportagem, que até ali fôra apenas amálgama informe de pormenores, valendo a notícia tanto mais quanto maior espaço ocupava, adquiriu certo relêvo literário com Eduardo Coelho, Filho, nos princípios d'êste século. Tive ainda o prazer de trabalhar com êle. Eduardo Coelho, Filho, que dominava o francês com a facilidade e a elegância

com que cultivava o português, era um parisiense de alta estirpe e passava grande parte da sua existência em Paris. Não admira, por isso, que sentisse o influxo progressivo da Imprensa francesa. Dêle se lembra, por exemplo, uma viagem curiosa e emocionante através dos colectores de Lisboa, com uma personagem que ficou célebre na tradição popular: o «Luciano das Ratas».

De 1902 a 1906 estiveram no *Diário de Notícias* dois informadores de nomeada, em quem o sentido da notícia superava o cuidado literário, mas que fizeram suar as estopinhas a muito jornalista de pulso: Joaquim do Rosário Albuquerque, já falecido, e David Salsa, ainda em plena actividade. São dêles reportagens como a das visitas do rei Eduardo VII, do imperador Guilherme II, da Rainha Maria, do Presidente Loubet e de Afonso XIII, a do crime do cabo 115 da Guarda Municipal e a da fuga de um leopardo no Jardim Zoológico.

Sucedeu-lhes José Joaquim de Almeida, a quem se devem as emocionantes reportagens da acusação e libertação de «O Bigode» e do assassinio dos velhos do Barreiro. O regicídio, em 1 de Fevereiro de 1908, foi descrito por um dos mais elegantes espíritos do tempo, Luiz Trigueiros, auxiliado por Adriano Costa, um dos maiores carreadores de notícias que o jornalismo português conheceu.

### ***A proclamação da República, a Grande Guerra e o 19 de Outubro***

Creio ter sido feita por Almeida e Adriano Costa, em 11 de Abril de 1907, a reportagem do trágico incêndio da Madalena, em que morreram 14 pessoas e que profundamente abalou o País inteiro. Um dos moradores salvos dêsse hediondo crime de António Fernandez e Leandro Gonzalez foi o meu distinto colega António Ferro, então menino.

A proclamação da República, em 1910, talvez por determinantes de ordem política, não deu reportagem de relêvo, tudo se limitando à publicação de quatro edições com «informes chegados à Redacção, quer por via telefónica, quer por indicações particulares».

Júlio de Almeida e Santos Constantino fizeram, depois, uma reportagem que deu brado em todo o País e da qual se falou durante muitos anos: a dos escândalos da quinta da Formiga, tema que inspirou desde o panfleto ardido e campanudo ao estribilho malicioso das revistas do ano.

Xavier de Carvalho foi o cronista da Grande Guerra, e nela perdeu um filho. Mas não podem ser esquecidas as magníficas reportagens de Hermano Neves, que, como enviado especial do *Diário de Notícias*, acompanhou à França e à Inglaterra o Presidente Bernardino

Machado, em Outubro de 1917. Vem a-propósito lembrar outras esplêndidas reportagens do *Diário de Notícias* sobre viagens de Chefes do Estado: as de D. Carlos a Londres, por Hogan Teves; do Presidente António José de Almeida ao Brasil, em 1922, por Acúrcio Pereira; e do Presidente Carmona: a Sevilha, em 1930, por António Ferro e Armando Boaventura; à África Ocidental, em 1938, por Metzner Leone, que publicou o livro «Rumo do Império»; e à África Oriental, em 1939, por José Augusto, que publicou a respeito o livro «Padrão de Soberania».

Reatemos o fio destas evocações, com a revolução de Sidónio Pais, em Dezembro de 1917. O Bairro Alto ficou isolado do resto da cidade, mas o jornal nunca deixou de publicar-se. Prisioneiros na redacção, durante dois dias, sem terem de comer, o dr. Jaime Leitão e Eugénio Bettencourt fizeram, pelo telefone, tóda a reportagem do grande acontecimento.

Em 1919, prendem a atenção os longos e interessantes relatos de Mário Barros sobre os julgamentos dos revolucionários de Monsanto, entre os quais figuravam Azevedo Coutinho, Aires de Ornelas, João Moreira de Almeida, etc. Mais tarde, em 1922, o mesmo repórter trata largamente dos julgamentos dos implicados no movimento de 19 de Outubro e dos tripulantes da «camioneta-fantasma», que haviam tido em Adriano Costa o primeiro noticiário.

#### ***Duas sensacionais entrevistas do dr. Augusto de Castro: com Bento XV e Afonso XIII***

Em 1921, começam as «Voltas a Portugal» em bicicleta, iniciativa que sempre movimentava o País inteiro, como a maior prova desportiva nacional. A reportagem da I foi feita por Oldemiro César; da II e III por mim; da IV por mim e Mário Rosa; da V por mim, Mário Rosa e José de Freitas; da VI por Carlos Neves, Mário Pires e Rebêlo da Silva; da VII por José Augusto e Alberto Freitas; e da VIII pelo dr. Fernando Teixeira e Alberto Freitas.

O jornalismo português sofrera, entretanto, desde 1919, o salutar influxo do dinamismo, larga visão e superior cultura do dr. Augusto de Castro. A reportagem, mais psicológica e literária, sem perder o seu carácter objectivo descobriu mais amplos horizontes. O próprio director do jornal, rompendo uma velha tradição de inactividade decorativa, foi em busca da notícia sensacional. O repórter e o diplomata, inspirados por uma segura visão política dos acontecimentos, honraram superiormente a missão informativa e orientadora do jornal.

Não esqueceram ainda as duas maiores reportagens desse período áureo do *Diário de Notícias*, ambas com larga repercussão na Imprensa

estrangeira e com interessantes conseqüências. A primeira, em Outubro de 1921, foi a entrevista com Bento XV, o Papa da Grande Guerra. Entre outras afirmações sensacionais, o Pontífice disse ao jornalista: — «O clero católico tem o dever de respeitar todos os sistemas políticos». Era o reconhecimento de que o Catolicismo não tinha incompatibilidades com a República, o termo de um longo período de conflitos e cizânias em Portugal. Dentro em pouco, a convite de Roma, o Presidente da República impunha, solenemente, o barrete cardinalício ao Cardial Locatelli.

O outro trabalho foi a entrevista com Afonso XIII, em Setembro de 1922. Foi ela discutida apaixonadamente, do mais diverso modo. O Rei falou de «internacionalizar-se uma zona de pesca, porque os espanhóis tinham melhores engenhos piscatórios e os portugueses mais peixe», ...referiu-se ao aproveitamento das quedas do Douro (tornado realidade alguns anos depois) ...e comentou: — «O escudo baixa e êsse fenómeno, com a sua natural repercussão, pode acarretar desagradáveis conseqüências». Tudo isto, de natureza sensacional, deu enorme prestígio ao *Diário de Notícias* e ao jornalismo português.

Em Abril de 1921, Norberto de Araújo e Mário Barros fizeram as brilhantes reportagens da inhumação do Soldado Desconhecido e da peregrinação das mães dos soldados mortos na Grande Guerra.

Em 1922, registámos uma grande reportagem de Edmundo de Oliveira, sobre a travessia aérea do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, feito imorredoiro, que Portugal e o Brasil consagraram em entusiasmo. Em 1923, por sugestão do dr. Augusto de Castro, os dois heróis são recebidos solenemente na Sorbonne, recebem uma justa consagração internacional, e Rocha Júnior, para os acompanhar ali, faz a maior viagem aérea — 2 mil quilómetros, de Lisboa a Paris — que jornalistas peninsulares registavam.

Em 1923, a-propósito do «raid» hípico à volta de Portugal, ganho por Tanganho, e, em 1924, por causa da terminação da guerra de Marrocos, Oldemiro César faz duas magníficas reportagens, da última das quais ficou o livro «Terras de Mistério».

Nesse período de 1923 a 1924 há ainda a registar de notável: o grande incêndio da casa Crespo, em Coimbra, onde pereceram 16 pessoas, e uma página sobre Évora, trabalhos de João Paulo Freire; e uma entrevista com Sarmento de Beires e a grande catástrofe da Lamarosa, por Artur Portela. !Que singular cortejo de angústias, de aspirações e de alegrias!

Em 1925, para apanhar o «Sud-Express» e dar em primeira mão aos leitores do *Diário de Notícias* a sensacional resposta do general Freire de Andrade ao relatório Ross, que nos acusara de escravagistas perante a Sociedade das Nações, Augusto Pinto toma o avião da carreira

Genebra-Leão e ganha, assim, um dia sôbre todos os outros competidores.

Nesse mesmo ano Aprígio Mafra faz a reportagem da grande peregrinação nacional a Roma e Gomes Monteiro, com uma campanha sensata, facilita a solução do conflito existente entre as populações de Alpiarça e Chamusca, a-propósito da posse da freguesia de Vale de Cavalos.

Em 1928, o *Diário de Notícias* obteve um dos maiores êxitos do jornalismo de todos os tempos. Foi nos Jogos Olímpicos. Portugal ganhara, em futebol, ao Chile e à Iugoslávia e esperava-se que uma vitória sôbre o Egipto o levasse às meias-finais. A ansiedade pública, mesmo dos portugueses que não eram desportistas, não pode descrever-se. Ricardo Ornelas transmitiu do próprio campo o relato do jôgo, ligado telefonicamente de Amsterdão a Londres, de onde, pela rádio-telefonía, um empregado da Marconi o retransmitia ao *Diário de Notícias*. Pode calcular-se o êxito da informação, lembrando que ela era dada ao público, em Lisboa, pelos nossos alto-falantes, com uma demora apenas de 42 segundos, numa distância de mil quilómetros!

Adolfo Hitler foi um dos homens mais difíceis para a nossa reportagem. Em 1929, António Ferro conseguiu apenas entrevistar um dos seus secretários; em 1932, avistei-me em Berlim com o chefe nazista, mas obtive uma negativa formal e não pude escrever, a seu respeito, mais do que uma pilhéria; mas, em 1937, Armando Boaventura foi mais feliz e conseguiu a primeira entrevista publicada com êsse homem público por um português em jornais portugueses.

### ***As reportagens da guerra da Espanha foram feitas por oito dos nossos repórteres***

A partir de 1928, há de importante a intensa e patriótica campanha de Maurício de Oliveira a-propósito do ressurgimento da Marinha de Guerra.

Em 1930, Luiz Teixeira e Oldemiro César vão a Bruxelas e Liège e Amadeu de Freitas faz em França uma curiosa reportagem sôbre os portugueses que por lá ficaram do C. E. P. Em 1931, Fausto Vilar trata da impressionante endemia da lepra. E, proclamada a República em Espanha, António Ferro, Oldemiro César e eu somos mandados ali, como enviados especiais. Nesse mesmo ano, batendo todos os repórteres parisienses, Paulo Osório envia ao *Diário de Notícias* a comunicação do falecimento do marechal Joffre, que publicámos muitas horas antes dos jornais de Paris.

1932, foi o ano de António Ferro, pelas suas entrevistas com Salazar, reunidas em volume e publicadas hoje em quási todos os idiomas, e

as sensacionais declarações de D. Manuel de Bragança, obtidas quando o grande repórter foi a Londres fazer o relato do julgamento de William Waterlow, fabricante das notas do Banco Angola e Metrópole. Comigo e Ferreira de Albuquerque fêz, mais tarde, em Lisboa, a reportagem do julgamento dos implicados na grande burla.

A reportagem da guerra de Espanha, de 1936 a 1939, feita por Aprígio Mafra, Oldemiro César, José Augusto, Maurício de Oliveira, Armando Boaventura, Mário Pires, Mário Rosa e Armando de Aguiar, custou ao *Diário de Notícias* 250 contos, sendo de assinalar que José Augusto foi o primeiro português a entrar em Barcelona quando ela caía em poder dos nacionalistas e que Mário Rosa, em avião fretado especialmente em Lisboa, atravessou a zona «vermelha» para assistir ao ataque a Irun.

Em 1937, Urbano Rodrigues, recentemente chegado dos Balcãs, foi mandado a Londres às festas da coroação de Jorge VI e obteve, então, importantes declarações de Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros de S. M. Britânica.

Luiz Teixeira, um dos melhores valores da geração nova, deve fechar este relato despretençioso com a referência ao trabalho que lhe valeu o prémio nacional da reportagem de 1939: — «Epopéia dos humildes — Romance de um homem do povo, heróico companheiro de Mousinho em Chaimite».

BELO REDONDO

NA 17.<sup>a</sup> Quatro gravuras: a fachada posterior do novo edifício, na Rua Rodrigues Sampaio; um trecho da oficina de composição; a secção de livraria no átrio principal, vendo-se ao alto um dos frescos de Almada Negreiros; dois aspectos do terraço sôbre a Avenida da Liberdade.

Texto, por sua ordem, os seguintes artigos:

## A CASA VELHA E O BAIRRO ALTO

De-certo que sim. De-certo que viemos todos trabalhar com muitíssimo agrado no edifício novo do *Diário de Notícias*, erguido agora em suas linhas modernas, ao alto da Avenida da Liberdade. Nem sequer seria possível que algum de nós se não regalasse com a mudança, dado o ambiente de beleza, de limpeza, de conforto e de progresso que o envolve, e lhe facilita e alegra a tarefa diária. Mas...

...Mas o caso é que todos — porque não dizê-lo, também — trazemos saúdades, e havemos de ter de vez em quando muitas saúdades

da velha casa do *Diário de Notícias*, abandonada agora no dédalo das ruelas sombrias do Bairro Alto.

Nessa casa nasceu, e medrou, e viveu larga e linda vida de 76 anos o nosso jornal. O prédio, ao tempo do seu despoite, era da Tipografia Universal, e dobrava da rua dos Calafates para a travessa do Poço da Cidade. Tinha ali estado, anteriormente, a impressão de José Baptista Morando.

Quando, em 1864, Quintino Antunes, ligado a Eduardo Coelho, intentou e fez vingar o *Diário de Notícias* imprimiam-se ali, a par de muitos livros e obras de Imprensa, vários jornais.

Mas todos êles se tiravam ainda a braço de homem num velho e gemebundo prelo de madeira, que se molhava com balas de tinta. E as tiragens eram tão escassas e de tão pouca expansão na cidade que os exemplares para serem lidos tinham de correr, por empréstimo, de mão em mão, por tôdas as casas duma rua.

Assim apareceu também o *Diário de Notícias*, que pronto havia de fornecer vida nova àquela casa e àquele bairro.

O bairro era, como ainda é, um dos mais típicos de Lisboa. Nêle moravam fidalgos e gente do povo, dessa gente que, à tarde, vinha das fainas das ribas do rio, encarvoada e alcatroada. E ali se acoitava também, por detrás de cortinas de chita, a desgraça da cidade.

Tinha carácter o Bairro Alto. E tinha côr. Por varandins cresciam nespereiras e entornavam-se guedelhas verdes de espargos e de erva da fortuna. Lá de vez em quando, surgia nota viva dos cravos rubros de Junho e das sardinheiras, que dão flor todo o ano. E, pela semana adiante, às chuvas dos invernos morrinhentos, ou na alacridade dos sóis da Primavera ou da canícula, era rara a casa donde não pendia o estendal das roupas domésticas e multicolores.

E o bairro andava sempre cheio de bolício e de som.

Manhã a dealbar, mal passava a mulher da fava-rica e o formigueiro dos ardinhas se dispersava para levar as fôlhas impressas dos jornais a todos os recantos de Lisboa, principiava o chorrilho dos pregões mais claros e variados — o dos peixes, e das hortaliças, e das frutas, consoante o favor das estações. E enxameavam pelas ruas, de nomes de sabor marítimo — das Gáveas, da Atalaia, do Norte — as varinas de saias e de blusas quadriculadas: os quinquilheiros com cestos onde luziam maravilhas humildes; as velhas com gigas de pomos suculentos e lindos como jóias; e, no seu tempo e ainda às vezes, recentemente, os galegos aguadeiros com seu barril e o seu berro soturno. Desciam dos altos andares cordas com sua cestinha suspensa. E o alarido das mercas, e discussões e pragas que elas causavam, restolhava como em feira brava.

Partiam homens para as labutas do Tejo e das oficinas. Pouco

depois, os empregados do comércio e de escritório, e os funcionários públicos modestos, e algum senhor das moradias melhores cruzavam-se com as gentes da administração do *Diário de Notícias*, que vinham para as suas carteiras e os primeiros repórteres, que, mal dormidos, acorriam a saber dos mandos da agenda. Os pregões iam-se cruzando e esboroando. Mulheredo, que na véspera, à noite, ainda luzia para elas galas e europeis, saía às sacadas ou às calçadas, de farripas em despenheio e batas carnavalescas. E dava meio-dia na torre de S. Roque.

Pela tarde, a bicha dos anunciantes enrolava-se e desenrolava-se à porta do nosso jornal. E nêle entravam e saíam pessoas importantes, que vinham por mil assuntos. O rumor do gentio, pelas travessas, nos seus vai-vens, não estancava. E a miúdagem, que já voltava das escolas, principiava em seus brincos e jogos, atropelando quem se lhe antepunha. Ralhavam mães, pelos portais, interrompendo trabalhos de costura. Outras comadravam, contando de vizinhas. Já, pelas tabernas, vicejavam os primeiros fregueses certos. E a tarde ia-se diluindo em tons de pérola ou côr de rosa.

Quando a noite chegava, por fim, o bairro, alumiado ainda a candeeiros de gás, ganhava outro ar, não menos característico. As gambiarras eléctricas do *Diário de Notícias* punham clarões de oásis luminoso no meio da sua meia penumbra, já propícia às deambulações da sua fauna esturdia e nocturna. Apareciam estivadores, em mangas de camisa, pelas janelas. Abriam-se, numa orgia de berros, manípulos de telefonias. E quando havia esquadra estrangeira no pôrto surgiam bandos de marujos loiros ou morenos, com galfarragem à ilharga, a traduzir-lhe indicações num esperanto incrível, mas sempre compreensível.

E a noitada febril do jornal começava. Arribavam às mesas da redacção novas de longe e de perto. Chocalhavam, dentro da tipografia, as matrizes das «Linotipes». Besoirava o pessoal nas suas andanças. De vez em quando, lá de fora, chegavam sons de cantatas de borrachos, apitos, os ecos duma vaga desordem, que faziam partir de corrida o repórter de piquete. E se era verão, e havia brisa da barra, entrava pelas janelas escancaradas, com tudo isso, o cheiro acre da maresia.

Pela meia noite, muitas vezes, depois de festas ou de teatras famosas, enchia-se a nossa casa de gente de casaca e de fatos de baile. E se eram noites de arruído popular — as de Carnaval ou de Santo António, S. João e S. Pedro — de «troupes» de «pierrots» que tocavam em bandolins músicas dedicadas ao nosso jornal, e marchas de garbosas raparigas, que eram sempre fotografadas e davam, no fim, muitos vivas ao *Diário de Notícias*. Noutras ainda — de acontecimentos maiores — era a rua que se atafalhava de manifestantes académicos, ou políticos, ou desportivos, em brados, enquanto uma comissão trepava as

escadas, passava junto dos azulejos alegóricos de Roque Gameiro e vinha trazer cumprimentos à direcção e à redacção.

O *Diário de Notícias* foi, durante quasi oitenta anos, por assim dizer, a cabeça e o coração do Bairro Alto da cidade de Lisboa. Viviam, é certo, vidas à parte. Mas entendiam-se muitíssimo bem. A turbulência da sua boémia nunca perturbava o trabalho calmo das nossas penas e das nossas máquinas. Os nossos triunfos não ofendiam a sua humildade. E aos olhos e aos ouvidos de quem por ali passava — embora ambos fossem tão diferentes na sua essência — não destoava o alarde e o rumor da nossa colmeia progressiva entre o borborinho daquelas ruelas de burgo setecentista. Sentia-se que bairro e jornal eram dois bons e velhos amigos.

Por isso a nossa abalada nos deixou saudades e aos seus habitantes profunda tristeza.

Em torno do antigo solar do *Diário de Notícias* abrem-se agora, sem alacridade, as doces manhãs de Abril. Os pregões, à sua volta, perderam frescura — parecem carpidos, chorados. Nos varandins amarelecem ervas de má fortuna. Pelo dia fora rareiam as gentes estranhas aos seus comadrios. E quando a noite vem, e sobretudo as madrugadas, onde as nossas lâmpadas punham nas suas sombras clarões de sol, os vultos à sua volta — raríssimos — parecem levados por um sonambulismo de fantasmas. E dentro de tôdas as casas não se aquieta a insónia, de olhos pisados e sangrentos. Há três semanas que os moradores do Bairro Alto, ao derredor da casa do *Diário de Notícias*, não dormem. Falta-lhes, como ao decantado moleiro da lenda, o barulho da mó do moínho, das rotativas estrepitosas que lhes afugentavam os pesadelos, os embalavam em calmos sonhos — as rotativas que na avenida da Liberdade, maiores e mais vertiginosas ainda, nem elles nem mais ninguém conseguem ouvir.

Falta-lhes o que era affecto do seu coração. E não dormem.

AUGUSTO PINTO

## A COLABORAÇÃO QUE O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» TEM DADO À CAUSA DA AVIAÇÃO

A aviação, que se tem desenvolvido nos nossos dias com notável incremento, encontrou sempre, nas colunas do *Diário de Notícias*, carinho bem merecido.

E dizemos carinho bem merecido não só porque tudo quanto se fizesse em prol de tão valiosa manifestação de Progresso era dever amparar, como também porque os aviadores portugueses — prestemos-

-lhes justiça — sempre compreenderam o interêsse que o *Diário de Notícias* tem dispensado à causa do ar.

Essa causa, nobre e arrojada, é sem dúvida uma das mais notáveis da época que vimos atravessando.

São dos nossos dias as grandes proezas aeronáuticas: o «salto» da Mancha, por Blériot, a primeira travessia do Atlântico Sul, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e a «aparição» de Lindbergh sobre Paris.

O seu rápido progresso, a sua expansão determinaram no Mundo compreensível alvorôço.

Não há memória de que qualquer outra manifestação do Progresso tenha despertado tanto entusiasmo entre as multidões como a aeronáutica.

Embora assente em princípios científicos, a aviação transformou-se, rapidamente, numa causa popular.

O *Diário de Notícias* deu-lhe amparo e estímulo e por isso recorda neste número especial a colaboração que deu a algumas das maiores manifestações da aviação portuguesa.

Desde os primeiros vôos efectuados em Portugal até às grandes viagens que nos deram fama mundial, a todos êsses feitos dos nossos bravos aviadores dedicámos o melhor da nossa atenção, divulgando-os e contribuindo para a formação dum espírito aeronáutico que hoje felizmente existe, embora ainda não tanto como seria para desejar.

Mas o *Diário de Notícias* não limitou a sua acção ao campo de aplaudir iniciativas. Foi mais longe. Colaborou, organizou, lançou a público idéias e realizações em prol da aeronáutica, e com tanto entusiasmo o fêz que — quantas vezes — os que trabalham nesta casa e os aviadores se confundiram no mesmo ambiente de camaradagem.

E essa tradição, que através dos tempos tem estreitamente ligado os aviadores e o *Diário de Notícias*, mantém-se, felizmente, bem viva e cada vez mais fortalecida, reforçada por tantos anos de trabalho comum.

No espaço limitado de que dispomos não podemos fazer uma resenha completa do que tem sido até ao presente a acção do nosso jornal no campo aeronáutico.

Mas dela daremos uma idéia, embora pálida, recordando coisas que andam já esquecidas, num jornadear que nos desperta saúdades.

Logo que, em Outubro de 1916, abriu oficialmente, em Vila Nova da Rainha, o primeiro curso de aviadores militares, passámos a acompanhar de perto a actividade dos nossos aviadores, como até ali tínhamos feito perante as iniciativas de propaganda aeronáutica então levadas a cabo, desde o lançamento de balões até à vinda de pilotos estrangeiros, quando então contávamos apenas com D. Luiz de Noronha, o primeiro aviador português.

Depois de pequenas viagens a Madrid, Paris, Madeira e Açores, a aviação portuguesa lançou-se num feito que havia de dar brado no Mundo inteiro: a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, em Março de 1922.

O *Diário de Notícias* «sentiu» bem que estava em presença dum acontecimento de valor invulgar e deu-lhe o relêvo que êle bem merecia.

A 28 daquele mês fornecíamos ao público a notícia de que os bravos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho iam tentar essa viagem a caminho do Brasil, publicando uma carta do saudável piloto na qual se descrevia o plano elaborado para a realização dessa extraordinária proeza.

E depois, dia a dia, tivemos sempre palavras de aplauso para tão arrojada tentativa, coroada de êxito clamoroso.

No decorrer da viagem, o *Diário de Notícias* lançou a idéia da construção de dois padrões evocadores do feito. O País aplaudiu-a.

O escultor Francisco Santos esboçou as maquetas, e, por subscrição aberta nas colunas dêste jornal, procedeu-se à construção dos padrões, um foi para o Brasil e o outro lá está na doca do Bom Sucesso, donde os destemidos aviadores largaram, a assinalar o arrojado feito.

Nos trabalhos da comissão de recepção a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o sr. dr. Augusto de Castro, então também director do *Diário de Notícias*, apresentou uma proposta para que se fizesse no estrangeiro uma cuidada propaganda da 1.<sup>a</sup> travessia do Atlântico Sul.

E quando do acidente que inutilizou o «Lusitânia», nestas colunas foi aberta uma subscrição para a compra dum hidroavião, realizando-se a 19 de Julho de 1922 um grandioso festival no Jardim Zoológico, de homenagem aos aviadores, organizado pelo nosso jornal.

A bordo do «Bagé» seguiu Edmundo de Oliveira, nosso enviado especial, para acompanhar de perto a viagem dos heróis do ar.

Preparámos a recepção a Santos Dumont, de passagem por Lisboa, e que, numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, exaltou o significado e o valor da viagem ao Brasil.

A 22 de Agosto daquele ano, publicámos um autógrafo de René Fonk, o grande ás da aviação francesa, sobre o vôo de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Regressados os bravos aviadores a Portugal, o *Diário de Notícias*, dentro da idéia exposta pelo seu director nos trabalhos da comissão de recepção, colaborou com o Comité France-Portugal e o Aero Clube de França para a consagração, na Sorbona, dos heróis da 1.<sup>a</sup> travessia do Atlântico Sul.

A 5 de Maio de 1923, o sr. dr. Augusto de Castro transmitiu aos

arrojados aviadores o convite do Aero Clube de França para a viagem a Paris.

Passados dias, no banquete mensal do «Bureau» da Imprensa Latina, o director do *Diário de Notícias* pronunciou um vibrante discurso de homenagem ao feito dos aviadores portugueses. Esse discurso constitue um capítulo do livro «Dentro e fora de Portugal» do sr. dr. Augusto de Castro.

Nesse mesmo mês, Gago Coutinho e Sacadura Cabral partiram para Paris, em aviões da «Latécoère», gentilmente postos à sua disposição.

Num dos aparelhos seguiu o nosso enviado especial, Rocha Júnior.

Em Paris, os srs. dr. Augusto de Castro, Paulo Osório e Rocha Júnior acompanharam os aviadores em tôdas as homenagens que lhes foram prestadas.

Ficou memorável pela fulgurante projecção que teve em todo o Mundo essa brilhante consagração de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, na Universidade da Sorbona. A Imprensa mundial referiu-se-lhe em termos de grande admiração por Portugal.

Foi uma jornada gloriosa, que o *Diário de Notícias* evoca com satisfação.

Quási que ainda não se tinham extinguido os ecos de tão belos momentos para a nossa sensibilidade de patriotas e logo outra iniciativa de valor se revelou: a viagem Lisboa-Macau, com Sarmento de Beires, Brito Pais e Manuel Gouveia.

Partiram os aviadores no «Pátria», em 7 de Abril de 1924, e logo a 12 escreveram ao *Diário de Notícias* a contar o que fôra a tormentosa etapa de Milfontes a Málaga.

Depois, nestas columnas, fêz-se eco da falta de recursos com que lutavam os aviadores.

E no dia seguinte, 22 de Abril, o *Diário de Notícias* abriu uma subscrição, que teve entusiástico acolhimento em todo o País.

Sensibilizado, o pai de Brito Pais agradeceu a atitude do nosso jornal.

A viagem foi levada a bom termo, constituindo mais uma página de ouro da história da aviação portuguesa.

Nunca os aviadores esqueceram a nossa atitude.

Depois demos o nosso aplauso a tôdas as viagens realizadas, de entre as quais destacamos: a de Pinheiro Correia, Sérgio da Silva e Manuel António, a Bolama; a travessia nocturna do Atlântico Sul, no «Argus», por Sarmento de Beires, Jorge de Castilho e Manuel Gouveia; a de Pais Ramos, Oliveira Viegas, Esteves e Manuel António, a Angola e Moçambique; a de Moreira Cardoso e Sarmento Pimentel, à Índia; a de Costa Macedo e Vicente Santo, a Bolama; a de Humberto da Cruz

e Carlos Bleck, a Luanda, a de Carlos Bleck, à Índia; a de Humberto da Cruz e Lobato, às colónias portuguesas no Oriente; o cruzeiro aéreo às colónias, etc.

Ainda nos domínios do ar, o *Diário de Notícias* colaborou, em 1934, com o Aero Clube de Portugal e o *Petit Parisien* no festival internacional da Amadora, de homenagem ao malogrado acrobata capitão Plácido de Abreu. O festival repetiu-se, no Pôrto, no improvisado campo da Senhora da Hora.

Os portugueses puderam então admirar os melhores valores europeus da acrobacia aérea.

Depois, com o Aero Clube de Portugal, trabalhámos também no ano seguinte, na organização de outro «meeting» na Amadora, na 1.ª Exposição Internacional de Aeronáutica, e num «rallye», que tiveram no tenente-coronel Pinheiro Correia um animador infatigável.

Nestas colunas foram acarinhados os projectos dos aviadores José Pimenta e Humberto da Cruz, para a ligação com Angola, pelo deserto do Sahará, e o de Costa Macedo e Carlos Bleck para o «raid» ao Brasil em menos de 48 horas.

São da iniciativa do *Diário de Notícias* os Congressos de Aviação e Automobilismo, que se têm realizado no Pôrto.

A primeira grande manifestação de aviominiatura foi também levada a cabo com o patrocínio do nosso jornal.

Referimo-nos ao I Concurso Nacional de Aviominiatura, efectuado no Campo do Jockey Clube, em 1938, iniciativa que encontrou no saudável alferes Barão da Cunha e em Ricardo de Sousa Lima dois organizadores entusiastas.

O redactor aeronáutico do nosso jornal tem acompanhado, como passageiro, os principais vôos de grupo efectuados em Portugal, por concessão gentil dos comandantes do extinto Grupo de Esquadrilhas de Aviação República e da Escola Militar de Aeronáutica.

A aviação militar, o Aero Clube de Portugal, as escolas de pilotagem de Lisboa e de vários pontos do País têm contado e podem contar com a colaboração do nosso jornal.

À aviação comercial, à propaganda do aproveitamento da nossa posição geográfica, como escala de aparelhos de carreira, tem dedicado o *Diário de Notícias* particular interesse.

Podemos afirmar que não se efectuou em Portugal qualquer manifestação aeronáutica à qual não déssemos o merecido relêvo, e muitas delas fomentámos, orientados sempre no sentido de bem servir a Pátria.

MÁRIO ROSA

## REVISÃO E REVISORES

Há nas lides jornalísticas, e nas da Imprensa em geral, uma categoria de profissionais que passa despercebida. E, ao contrário do que poderia supor-se, êles próprios desejam que assim suceda sempre, porque, quando neles se fala, é mau sinal...

Queremos referir-nos aos revisores.

Desde que se inventou a imprensa de tipos móveis houve, necessariamente, revisores, mas dos que leram os nossos «incunábulo» não há notícia, nada se sabe. E só decorrida a primeira metade do século XVI, em 1554, é que surge o primeiro revisor conhecido, o primeiro revisor oficial, pelo menos — «correytor de impressão», conforme era designado.

Depois de ter dotado a Universidade de Coimbra com uma magnífica tipografia — diz Teófilo Braga — D. João III criou o lugar de revisor, com o ordenado anual de 12\$000, por provisão de 1549. Deu ao reitor e conselho da Universidade a faculdade de prover a primeira nomeação pelo tempo de três anos. Não consta quem foi o primeiro revisor nomeado. É certo, porém, que no grande século da Renascença a revisão tipográfica andava confiada aos mais consumados eruditos.

De facto, o primeiro revisor conhecido de que há notícia foi nada menos que Fernão de Oliveira, licenciado, clérigo de missa, homem de extraordinária competência e ainda de mais extraordinária e aventureira vida.

A-propósito da sua gramática da língua portuguesa, a primeira que se imprimiu (1536), classifica-o Barbosa Machado de «perito na ortografia materna». Mas doutras cousas bem estranhas ao seu ministério era igualmente conhecedor. Em 1555, publicou uma «Arte da guerra no mar», que Henrique Lopes de Mendonça aponta como uma das obras mais perfeitas sobre assuntos bélicos que nos legou o século XVI.

Nascido em Aveiro em 1507, estava aos treze anos no convento dos dominicanos de Évora, onde conviveu com André de Resende. Foi professor e entre os seus discípulos contam-se os filhos do «mui nobre johã de Barros», como êle lhe chama — o Tito Lívio português, autor da segunda gramática impressa da língua portuguesa (1539). Fugindo do convento, passou a Castela e aí começou a sua agitada peregrinação. Esteve depois em França, em Itália, em Inglaterra, duas vezes prêso nos cárceres da Inquisição de Lisboa, vindo a falecer em Paris, depois de 1580 — partidário, ao que parece, do infelizmente Rei D. António.

Fernão de Oliveira nomeado em 18 de Dezembro de 1554 pouco tempo exerceu o lugar de revisor — «correytor de impressão» — mas o seu ordenado foi aumentado para 20\$000, a começar em 1 de Janeiro de 1555. Tendo sido prêso neste ano pela Inquisição, foi interinamente substituído por Cristóvam Nunes, lente do Colégio Real, que passou

a receber o primitivo ordenado de 12\$000. Depois de solto, Fernão de Oliveira não voltou a Coimbra, e a Cristóvam Nunes sucedeu no cargo de revisor Sebastião Stochamer, fidalgo da casa de El-Rei e estudante na Universidade, mas com o ordenado anual de 20\$000.

Para se avaliar a importância relativa desta remuneração, basta saber-se que o mais pequeno ordenado anual de um lente da faculdade de Canones era então de 60\$000 e que, pela mesma época, Fernão Lopes de Castanheda, o autor ilustre da «História do Descobrimento e Conquista da Índia», auferia pelos cargos de bedel da Faculdade de Artes e guarda da biblioteca da Universidade «des mill rrs de mantimento e muito poucos percalços», e mais tarde, mas ainda no século XVI, Diogo Gomes, impressor da Universidade, que sucedeu a António de Barreira, tinha em cada ano 6\$000 de ordenado sómente.

Se neste cargo da Imprensa se não contam muitos nomes da categoria literária e científica do primeiro revisor quinhentista, contudo muitos homens de reconhecido mérito transitaram pelas redacções dos jornais, mais ou menos demoradamente, no desempenho do ingrato serviço de revisão. E no que respeita ao *Diário de Notícias*, no exercício dêste mister, aqui se têm ocupado, no decorrer dos três quartos de século da sua existência, alguns que foram distintos cultores das letras, oficiais do Exército, médicos, advogados, etc.

FRAZÃO DE VASCONCELOS

## A MAIOR INICIATIVA DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

Tenho um amigo que vive num perpétuo alheamento das realidades. Generoso de coração, espirituoso sem malícia, desinteressado até à inverosimilhança, quando se liberta das suas obrigações diárias engolfa-se nos seus livros a ponto de ignorar o que se passa perto dêle — e longe também.

Encontrei-o ontem ocasionalmente. Tive de lhe falar. Ia distraído, como de hábito, e certamente que passaria por mim sem me ver. Conversámos. E surpreendeu-me, assombrou-me prodigiosamente ao dizer-me:

— Lindo salto deu o *Diário de Notícias* para a Avenida da Liberdade.

Mas logo me restituiu a serenidade com esta observação que só pessoas como êle poderiam fazer:

— Que grandes e belas coisas o *Diário de Notícias* poderia ter feito, se quisesse. Mas não quis...

A sorrir — que a sério não havia motivo, tratando-se dêste alheado perpétuo — objectei-lhe:

— ¿Para ti as iniciativas do *Diário de Notícias* não contam?

— ¿As iniciativas?

— Sim, homem, as iniciativas. A primeira, e retumbante, ainda tu não eras distraído, quere dizer, ainda não tinhas vindo a êste Mundo: em 1880 o tri-centenário de Camões. Interessou as suas minorias literárias, artísticas e políticas. Entusiasmou a população. Galvanizou o País. Portugal, que dormitava, acordou; que se neurastenizava no pessimismo vibrou na alegria e no movimento. Reagiu. Recuperou a confiança.

Céptico, o meu amigo volveu:

— Despertou à força de palavras, com elas se embalou e adormeceu de novo...

— Enganas-te. Da apoteose ao épico de «Os Lusíadas» nasceu, por exemplo, o partido republicano.

— O *Diário de Notícias* manejou, então, contra a monarquia...

— Foi uma das conseqüências imprevistas da comemoração camoniana a que êle foi absolutamente estranho.

O meu amigo, que adora as objecções, lembra-se logo duma:

— Mas isso foi há sessenta anos. E depois?

— Depois vieram muitas. Entre as relativamente recentes posso citar-te uma que me ocorreu: os Congressos da Imprensa Latina. Não deste, por êles, com certeza...

— Enganas-te. Lembra-me, e muito bem, que êsses congressos reuniram em várias cidades de dois continentes, Lisboa e Portugal compreendidos, jornalistas dos melhores. Desfizeram equívocos, repararam injustiças, destruíram erros, geraram fraternidades e contribuíram para um entendimento mais claro dos povos e governos de muitos países da Europa e América. A sua obra foi fecunda, grande e bela.

O meu amigo lembrava-se. E ia já exteriorizar-lhe a minha admiração quando êle a esfriou com uma frase:

— Não sabia que tinha sido uma iniciativa do *Diário de Notícias*.

— E o «Dia das Misericórdias»

— ?

— Sim, o «Dia das Misericórdias», que abrangeu todo o País?

— Estupendo, com certeza. Em tôdas as terras de Portugal surgiram, por encanto, oradores e se ouviram discursos. O «Dia da Misericórdia» foi de-certo «O Dia Máximo do Palavriado».

— Foi um dos mais belos dias que elas tiveram. Rendeu-lhes milhares de contos.

Citei-lhe outra iniciativa: o «Raid» Hípico. O meu amigo lembrava-se. Naturalmente estranhei:

— ¿Pois tu, tão distraído, recordas-te?

— Quem poderia ficar indiferente ao grande entusiasmo que êle

provocou. Não se falava noutra coisa... parecia que nada mais existia, que nada mais se passava nessa ocasião... Discutiam-se, furiosamente, por tôda a parte, pessoas em que ninguém um mês antes ouvira falar. Pessoas e cavalos. Um chamado Tanganho, ignorado de tôda a gente, tornou-se um ídolo da multidão. Ela queria, exigia que êle ganhasse. Quando chegou a Lisboa, em segundo lugar, que decepção!... que desespero!... que clamores indignados!... E acabou por ganhar.

O meu abstracto amigo, que vive, idealmente na Lua, foi sacudido por uma iniciativa do *Diário de Notícias* e arrastado por um entusiasmo de que mais tarde se admirou. Confessou-me até, com certo pudor irónico, que sem dar por isso, se tornou, dum dia para o outro, «tanganhista» impenitente — e intolerante!

Quantos indiferentes como êle se tornaram, então, apaixonados?

O ciclismo, por exemplo, durante muitos anos, esteve murado de indiferença. Desdenhado pela multidão, que lhe voltara costas, quasi agonizava; os seus raros mas fiéis abencerragens esperavam, como um acontecimento triste e fatal, a sua morte inglória.

As corridas eram espaçadíssimas e reüniam poucos concorrentes. À partida assistiam apenas os que lá tinham, por obrigação, de comparecer. E à chegada alguns curiosos, quasi todos gente de palmo e meio. Os corredores circulavam nas estradas despercebidos.

O *Diário de Notícias* lança a idéia da «Volta a Portugal em bicicleta». E nasce logo o entusiasmo; aumenta o número dos corredores, que percorrem o País entre chuvas de flores, trovoadas de aplausos, girândolas de foguetes, sob o olhar entusiasmado dos homens e embevecido das mulheres. Os melhores tornam-se ídolos de grandes multidões.

O ciclismo é, agora, o que jamais foi. Nunca houve, em Portugal, tanto ciclista e tantas bicicletas. Alastrou como uma epidemia. Desporto de ninguém que estava a ser, tornou-se um dos mais populares. Contagiu raparigas. No ano que passou, em praias, termas, vilas e aldeias, em tôdas as terras de verão surgiram teorias de ciclistas encantadoras, plenas de alegria e juventude.

Outras iniciativas poderíamos recordar: as Mães do Soldado Desconhecido e os Congressos de Transportes. Mas seria, talvez, ocioso fazê-lo. Ninguém as esqueceu certamente. E, por isso, as omitimos. Limitamo-nos a recordar a mais importante, a primeira, que tornou possíveis tôdas as outras: a do jornal a 10 réis.

Ao lançá-la, com a sua fundação, o *Diário de Notícias* fez a mais bela das transformações, se quiserem das revoluções pacíficas: o jornal, assim barateado, chegou ao povo, ficou dêle para sempre.

NA 18.<sup>a</sup>. Finalmente na 18.<sup>a</sup> página vêm aquelas notas que são minúcias da construção e das quais damos os tópicos principais:

## O CONSTRUTOR, OS FORNECEDORES E OS COLABORADORES DAS OBRAS DO NOVO EDIFÍCIO DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

### *A insonorização do novo edifício do «Diário de Notícias»*

O isolamento fónico das construções modernas, tais como casas de habitação, escritórios e, principalmente, casas de saúde e hospitais, é problema de indiscutível importância.

As precauções a tomar tornam-se imperativas para as construções mistas, utilizadas em parte para fins industriais, quer dizer, onde serão instaladas máquinas e, em parte, para escritórios.

Neste caso a questão toma um aspecto duplo, pois tem de se procurar impedir tanto a transmissão dos ruídos e vibrações incómodos para os locais onde se encontrem instalados a direcção e os escritórios, como para os prédios vizinhos, contíguos ou separados por uma rua.

Foi justamente este problema que se levantou ao delinear-se o novo edifício do *Diário de Notícias*, e especialmente por se erigir no melhor bairro da cidade.

Tôdas as pessoas que têm tido ocasião de assistir à tiragem dos jornais na sala das rotativas dum grande periódico sabem até que ponto os ruídos dessas máquinas são incómodos. Na verdade, o barulho produzido por uma rotativa é considerado como um dos mais importantes, na escala dos ruídos de tôdas as máquinas.

Ora, cada máquina transmite dois géneros de ruídos: os que se propagam pelo ar e os que se propagam pelos sólidos, isto é, pela construção do próprio edifício e pelo solo.

Estes factos são particularmente graves quando se trata de máquinas instaladas em edifícios de cimento armado ou de ossatura de ferro; o que aliás é fácil de compreender, pois a velocidade do som no ferro é de 5.100 metros por segundo, e assim o ruído produzido na cave dum prédio não necessita senão de cerca de cinco a dez milésimos de segundo para ser ouvido no andar superior.

Note-se que, graças ao fenómeno da ressonância, que tem como consequência a amplificação do som, pode acontecer que uma máquina pequeníssima, que não produza senão fracos ruídos e vibrações difficilmente perceptíveis no próprio local onde esteja instalada, se torne muito

incômoda dois ou três andares acima ou abaixo daquele onde se encontra.

É evidente que não é lícito ignorar questões de tal magnitude, quando se trata dum edifício como o que está em causa, sem risco de comprometer tôda a construção. A não observação destes factos e a ausência das precauções necessárias prèviamente estudadas e devidamente applicadas quando da construção do prédio podem ter as mais desastrosas conseqüências. Todos os remédios ulteriores se tornam não só mais onerosos, mas, e é o que sobretudo importa, menos eficazes.

O sr. prof. Pardal Monteiro, architecto do edificio, merece as mais sinceras felicitações por ter encarado já no seu projecto inicial tôda a importância deste problema.

Mas as homenagens que se lhe prestarem devem tornar-se extensivas à Direcção da Empresa Nacional de Publicidade, que não se poupou a esforços e despesas relativamente importantes com o fim de obter para o novo edificio tôdas as vantagens dos novos métodos de construção, inclusive o da sua insonorização.

Sinto-me na verdade satisfeitíssimo por reconhecer que, na minha longa experiência em França e noutros países, só muito raramente me aconteceu ser encarregado dum estudo e duma realização tão completos como estes.

No entanto, a-pesar-da grande liberdade que me foi concedida, não desprezei, tanto quanto era possível, e sem prejuízo dos resultados que se pretendem, o factor economia.

Sobre este ponto de vista limitámo-nos aos seguintes trabalhos:

1.º — O isolamento antivibrátil de tôdas as máquinas, desde a rotativa até à mais pequena máquina industrial ou doméstica, o qual impedirá a propagação dos ruídos e vibrações através do próprio edificio.

Chamam-se máquinas domésticas os ascensores, monta-cargas, ventiladores, caldeiras, bombas, compressores, etc.

2.º — A isolação fónica de tôdas as salas de máquinas, isto é, o isolamento das paredes, do chão e dos tetos, a-fim-de impedir a propagação, no edificio e no exterior, dos ruídos aéreos. Escusado será dizer que portas e janelas são duma construção especial que abafa o som.

3.º — A disposição dos tubos de ventilação e seu revestimento interior absorvente foram particularmente estudados para se impedir que os ruídos dum local barulhento penetrem noutro local ou passem para o exterior.

4.º — Todos os pisos do edificio que separam os andares estão isolados contra a transmissão dos ruídos ordinários; mas não foi previsto nenhum outro isolamento fónico para os escritórios, que se encontram nos 1.º, 2.º e 3.º andares. Apenas as cabinas telefónicas estão perfeitamente isoladas, tanto entre si como em relação a todo o edificio.

Para evitar qualquer decepção da parte dos nossos leitores não competentes na matéria quero sublinhar que os trabalhos a que me tenho referido não estabelecem um silêncio absoluto em determinados locais do edifício e no exterior. O problema considera-se resolvido desde que os ruídos e vibrações não ultrapassem a tolerância correntemente admitida, sobretudo tendo em conta a multiplicidade de barulhos duma cidade moderna.

Trata-se praticamente de não provocar queixas justificadas dos vizinhos e de evitar mal-estar no interior do edifício.

Espero que as precauções tomadas darão os resultados desejados e que as novas instalações do *Diário de Notícias* servirão de exemplo útil neste País.

I. KATEL

***Osório Luiz Soeiro colaborou nas obras do novo edifício do «Diário de Notícias»***

Dizer que Osório Luiz Soeiro, especializado em trabalhos artísticos, estuques, «staff», decorações, pintura e maquetas, colaborou em grande escala nas novas instalações do *Diário de Notícias*, o mesmo é dizer que uma requintada sensibilidade orientou a execução dessas obras.

Eis uma afirmação que os factos comprovam.

Basta visitar as novas instalações do nosso jornal para se verificar quanta verdade encerram estas palavras.

***«Philips»***

A importante organização Sociedade Comercial Philips Portuguesa, com sede na Avenida da Liberdade, 3, forneceu para tôdas as instalações e numerosas secções da nossa nova sede, todos os candeeiros eléctricos necessários à sua vasta iluminação, isto nos modelos mais modernos e variados.

***Casa Zickermann***

A Sociedade Zickermann, S. A. R. L., há muitos anos estabelecida na nossa praça e ultimamente no Rossio, 3, foi a casa fornecedora de vários materiais e metais, ferro principalmente.

***«A Portuguesa», de José Carvalho, cuidou de trabalhos respeitantes a carpintaria e marcenaria***

Nos trabalhos de construção do novo edifício do *Diário de Notícias* uma das empresas que prestou serviços foi «A Portuguesa», de José Carvalho.

As aplicações dessa modalidade industrial estiveram a cargo daquelas oficinas.

### ***Empresa de Pavimentos e Isolamentos, Ltd.***

Tudo o que necessite de ser protegido contra a infiltração de águas e humidade, pode ser confiado à Empresa de Pavimentos e Isolamentos, L.<sup>da</sup>, rua António Pedro, 24.

Foi o que fez o *Diário de Notícias*. Confiou-lhe essas obras.

Registemos que aquela empresa se tem revelado em trabalhos de isolamentos de caldeiras, tubos, condutores de vapor, câmaras frigoríficas, etc.

Nos pavimentos do *Diário de Notícias* foi empregado o «Durepil», que se afirma como uma excelente execução.

### **«Lusalite»**

Dêste excelente produto de fibrocimento nacional, foi fornecido para a nossa nova sede, pela sua distribuidora exclusiva, a «Corporação Mercantil Portuguesa, L.<sup>da</sup>» (Rua de S. Nicolau, 123) grande quantidade de chapas lisas e tubagens, que aliás já há bastante tempo se têm empregado com o mais seguro êxito em muitas e importantes obras.

### ***Felipe Rodrigues Vacas alcançou um magnífico êxito na realização desta obra***

A construção dum edifício da importância daquele onde se instalaram agora as dependências do *Diário de Notícias* é obra de vulto que não se observa, com frequência, em Lisboa, mesmo em todo o País.

Tratando-se dum estabelecimento de carácter muito especial, pela sua importância e destino, e dadas as condições especiais do terreno e do edifício, e os problemas técnicos e estéticos que se deparam para realizar tal obra, a construção dum prédio de tão grande envergadura e de tão vastas proporções é problema difícil a que poucos se poderão abalarçar. E os que o conseguirem fazer com êxito podem ter a certeza de que alcançaram um grande triunfo. Isso aconteceu com o construtor civil que se encarregou das obras do novo edifício do nosso jornal, o sr. Felipe Rodrigues Vacas, que, por tal motivo, merece bem a homenagem que lhe prestamos.

Noutro lugar se faz a descrição completa das novas instalações do *Diário de Notícias*. Por ela se podem verificar as dificuldades a vencer em obra de tanta monta, dificuldades que surgiram a cada passo no plano, na construção e na decoração.

O novo edifício do nosso jornal — diz o ilustre architecto Pardal Monteiro na sua memória descriptiva — foi estudado por forma tal que se pode considerar rara, em edificios particulares, podendo mesmo citar-se a sua realização como um elemento valioso de progresso para as condições de trabalho do pessoal das oficinas e dos escritórios.

A construção de tal edificio era, pois, «obra de exame» para um construtor civil, até mesmo «obra de mestre», pois poucos se abalanchariam a ela.

A maneira como o conseguiu fazer o sr. Felipe Rodrigues Vacas é o melhor elogio que ao seu trabalho poderíamos fazer.

Se outros elementos não houvesse para o classificar como um grande construtor civil, bastaria a construção do novo edificio do *Diário de Notícias* para lhe dar tal categoria.



A empreitada da obra de construção do novo edificio do nosso jornal abrangia a construção completa do prédio, tal como se previa no respectivo projecto, e todas as peças anexas, abrangendo, portanto, todas as partes do trabalho directo ou indirecto, preparatório e complementar, e incluindo o fornecimento de tudo quanto era necessário, excepto as pinturas decorativas do átrio e do vestibulo, a pintura da faiança do cartaz da fachada lateral norte, o apetrechamento do posto de transformação e das câmaras escuras e algum mobiliário, máquinas, aparelhos e ferramentas que não eram do encargo do empreiteiro. Dêste modo, todo o edificio foi entregue — e muito bem — nas mãos do sr. Felipe Rodrigues Vacas. Ficou também a seu cargo o mobiliário do grande átrio do público e do refeitório dos empregados.

As obras das fundações principiaram no dia 10 de Maio de 1937 — há quasi três anos. Essas obras foram de grande categoria. Aliás, quem conhecesse o local não ignorava as dificuldades que ali se deparavam para efeito de qualquer construção urbana. Os desaterros foram levados até uma profundidade de 25 metros, pois no subsolo estão dois andares, com a casa das grandes rotativas, os armazéns de papel e de outros materiais, oficinas e outras secções.

A construção, nesta sua primeira fase, foi muito demorada e difficil, dadas as condições do terreno, a necessidade de dotar todas as paredes e pavimentos de extraordinária resistência, pois destinavam-se a suportar pesos de muitas toneladas, e ainda por via das sucessivas inundações provenientes dos grandes temporais dessa época em Lisboa, inundações que levaram a escorar prédios e paredes e a trabalhar num ritmo acelerado e vigoroso. Todas as dificuldades foram, porém, paciente e

inteligentemente vencidas. Conseguiram-se, por isso, óptimos e surpreendentes resultados.

Ocuparam-se dezenas, centenas de operários nesses trabalhos e consumiram-se meses para os realizar. Por vezes, um ou outro precalço veio demorar a seqüência normal das obras. Pouco a pouco, porém, mercê da direcção imprimida à actividade dos trabalhadores, caminhou-se e alcançou-se os objectivos previstos e desejados. Os processos adoptados foram os mais indicados e os mais sólidos.

Dêste modo, nasceu a estrutura do grande edificio que hoje é inaugurado oficialmente. Nêle, na sua construção, tudo importou: a solidez, a elegância, o conforto, o isolamento perfeito da humidade do solo ou do ambiente, o isolamento dos ruídos, o isolamento térmico, o arejamento e aquecimento especiais e, sobretudo, a necessidade de atender à disposição especial das secções e dos serviços mais variados que há dentro dum grande jornal como o *Diário de Notícias*.

É preciso que se diga que nada foi encarado ou realizado à pressa. Calmamente, atentamente, seguiram-se os projectos e planos e, pouco a pouco, o edificio surgiu e tôdas as suas instalações ficaram preparadas de modo a resistir durante anos e anos, durante séculos.

Todos os trabalhos foram realizados com materiais das melhores procedências e por operários especializados. Todos — fornecedores e trabalhadores — cumpriram à maravilha, auxiliando o construtor.

Do desaterro passou-se às fundações e destas às estruturas de cimento armado — como nunca se fizeram em Lisboa, pois foram realizadas, por vezes, como nas oficinas de estereotipia, para cargas excedentes elevadíssimas, uma coisa como 3.800 quilos por metro quadrado.

Os processos de construção foram, em grande parte, também empregados, pela primeira vez, em Lisboa e em Portugal. Os materiais — sãbiamente escolhidos — destinam-se a resistir à acção do tempo, dos tremores de terra ou dos incêndios. As tintas empregadas são também especiais e garantidas para longos anos.

Tudo o que fica no exterior está particularmente estudado e preparado para resistir à acção do tempo: blocos de cantaria, mosaicos cerâmicos inalteráveis, mármore, etc.



A construção do novo edificio do *Diário de Notícias* era obra para classificar e dignificar a pessoa que dela se encarregasse.

O sr. Felipe Rodrigues Vacas conseguiu não só desempenhar-se maravilhosamente da missão a que se impôs, como afirmar, de modo indelével, as suas magníficas possibilidades para a realização de toda e qualquer obra.

### **Primax, Ltd.<sup>a</sup>**

Todos os relógios eléctricos, em bonitos e modernos modelos, instalados nas nossas diversas secções, foram fornecidos por Primax, L.<sup>da</sup>, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º.

#### ***A Sociedade Industrial Metalúrgica executou os admiráveis trabalhos de serralharia que guarnecem o novo edifício do «Diário de Notícias»***

Os magníficos trabalhos de serralharia que guarnecem o novo edifício do *Diário de Notícias* foram executados com notável maestria pela Sociedade Industrial Metalúrgica.

A parte dos trabalhos executados no edifício do *Diário de Notícias* pela Sociedade Industrial Metalúrgica, onde foram aplicados os aços macios de perfis especiais, o bronze e o latão, mereceu o cuidado habitual, o esmero conhecido que é dispensado pelos técnicos daquela empresa.

Daí a admirável impressão que se colhe ao observar êsses trabalhos.

Tôda a serralharia exterior, que não é construída em aço inoxidável, foi submetida ao tratamento anti-óxido mais moderno. Em alguns casos, houve tal preocupação quanto ao cuidado dispensado a êsse tratamento como o do próprio material tratado, numa luta vitoriosa contra a ferrugem. Por êste pormenor se avalia o escrupulo que orienta a execução dos trabalhos confiados à Sociedade Industrial Metalúrgica.

#### ***Os trabalhos de pintura das novas instalações do «Diário de Notícias» estiveram a cargo do construtor civil J. Freitas Garcia***

Registamos com satisfação a vitória dêste técnico, a quem foram confiados os trabalhos de pintura das novas instalações do *Diário de Notícias*, sob a direcção artística do architecto Pardal Monteiro.

À testa dêsses trabalhos, realizados com perfeição admirável, esteve o encarregado de pintura José Dias, que foi diligentíssimo na interpretação técnica e artística do plano do architecto Pardal Monteiro.

Tôda a gente, ao entrar no novo edifício do nosso jornal, não pode deixar de manifestar a sua muita admiração pela beleza de execução dos trabalhos de pintura.

Não se pode fazer melhor.

### ***Electro Reclamo, Ltd.\****

A conhecida e acreditada casa Electro Reclamo, L.<sup>da</sup>, procedeu à instalação de 270 metros de tubos luminescentes no novo edifício do *Diário de Notícias*. Nos trabalhos de ornamentação luminosa foram utilizados tubos «Neon». Torna-se digna de aprêço a confecção e montagem dum texto do *Diário de Notícias* que esteve a cargo da Electro Reclamo, L.<sup>da</sup>.

### ***As instalações eléctricas foram executadas pela firma Nogueira, Ltd.\****

Um dos aspectos mais curiosos a considerar na grande obra que representa o novo edifício do *Diário de Notícias* é o das instalações eléctricas — elemento tão necessário para a elaboração dum grande jornal.

Estas instalações foram efectuadas pela firma Nogueira, Limitada. Merece a pena descrevê-las para se avaliar da sua grandiosidade e da excelente montagem de tais serviços. Compõem-se de instalações de iluminação, força motriz, telefónica, sinalização e de relógios eléctricos.

Tôdas estas instalações, no que se refere à parte do edifício reservada a escritórios, são de tipo anterior, em tubo de aço galvanizado, com caixas de ferro fundido e fio vulcanizado. São tôdas comandadas por aparelhagem automática.

A intensidade luminosa está muito bem calculada, dando uma luz difusa, empregada e distribuída segundo métodos modernos.

A instalação da iluminação na parte do edifício destinada às oficinas é do tipo exterior, em cabo especial contra a humidade. Na instalação da força motriz, cada oficina possui o seu quadro blindado privativo de manobra e todos estes quadros, em número de 42, são, por sua vez, controlados por um quadro geral de distribuição blindado.

A outras instalações de sinalização com quadros de alvos luminosos, telefones do Estado, central telefónica, telefone P. A. B. X., telefones de intercomunicação e relógios eléctricos foram executadas com critério técnico idêntico. Os trabalhos foram dirigidos pelo sr. eng.<sup>o</sup> Mário Santos e realizados sob a direcção do montador sr. Domingos Ferreira.

A maior parte do material eléctrico empregado nesta instalação é do fabrico dos *ateliers* da «Constructions Electriques», de Charleroi, de que a firma Nogueira, L.<sup>da</sup> é há muito tempo representante no nosso País.



As restantes páginas, não mencionadas nesta sùmula, continham o texto normal do *Diário de Notícias* e publicidade.



Ainda no dia 24, fêz-se um *Suplemento Especial* no qual se descrevia a honrosa visita do Chefe do Estado e se registaram as palavras proferidas pelo sr. General Carmona ao entrar no novo edifício:

— *Sinto uma grande alegria em encontrar-me entre os trabalhadores do Diário de Notícias, o grande jornal popular, que tem prestado tantos serviços à Nação.*



Tal foi a inauguração solene do novo edifício do *Diário de Notícias*, fecho das comemorações das suas BODAS DE DIAMANTE e início dum novo quarto de século a caminho do seu centenário.

Com êste registo se encerram estas páginas onde procurámos reunir tudo quanto nos pareceu indispensável para a História do *Diário de Notícias* nestes setenta e cinco anos da sua existência.

Lisboa, 1939-1940.

EFEMÉRIDES  
DO  
"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

DE 1 DE JANEIRO  
A 31 DEZEMBRO DE 1939

REVISED

1900

"MANUAL OF NOTICES"

• 1900  
A. S. DICKINSON

## 1939

### Janeiro

- 1 — Regista um telegrama do sr. Governador Civil de Lisboa, coronel Lôbo da Costa, e muitas outras cartas e telegramas, felicitando o Diário de Notícias pela passagem do seu 74.º aniversário.
- 3 — Regista as referências que ao 74.º aniversário do Diário de Notícias fez no Jornal de Notícias, do Pôrto, o seu colaborador Paulo Freire, antigo redactor do Diário de Notícias (1).
- 5 — Insere nova lista de pessoas que enviaram felicitações pela passagem do 74.º aniversário.
- 8 — Informa que as organizações Notícias-Sports promovem neste dia a disputa da segunda série de provas do Campeonato de «Cross» Ciclo-Pedestre que está dotado com valiosos prémios, en-

tre os quais a artistica taça «Olimpiadas».

- 23 — Noticia ter terminado com grande brilhantismo o Campeonato de «Cross» Ciclo-Pedestre das organizações Notícias-Sports.
- 24 — Insere um telegrama de Viana do Castelo, no qual se informa que na sessão solene realizada na Associação Comercial de Viana do Castelo, para descerramento dos retratos dos srs. Presidente do Conselho e Ministro das Obras Públicas, foi largamente destacada a acção do Diário de Notícias pelo seu interêsse na defesa dos melhoramentos de Viana.

### Fevereiro

- 6 — Noticia que o Diário de Notícias e Os Sports vão organizar, para encer-

---

(1) O *Jornal de Notícias*, do Pôrto, publica na sua correspondência da capital, datada do último dia do ano passado, largas e amáveis referências ao nosso 74.º aniversário. E quasi uma columna de prosa, em que se regista o acontecimento, se fala da história do *Diário de Notícias*, do seu programa inalterável e sempre cumprido, e a-propósito se focam os nomes de antigos directores e redactores dêste jornal, bem como os de aquêles que hoje nêle superintendem: os nossos queridos director Eduardo Schwallbach; director-delegado da Empresa Nacional de Publicidade dr. Beirão da Veiga e subdirector dr. João do Amaral.

A atenção do *Jornal de Notícias* e do seu correspondente em Lisboa, o jornalista Paulo Freire, nosso antigo companheiro de redacção, com o relêvo e nos termos em que nos é prestada, muito nos penhora. Mais do que uma gentileza, considerámo-la prova de boa amizade. E damos-lhe, com os nossos agradecimentos, o devido registo.

ramento do I Congresso Nacional de Transportes, uma exposição e um concurso de aviominiatura, uma parada de viaturas automóveis, um desfile de atletas e uma caravana automobilista ao Pôrto.

- 20 — Insete a fotografia das crianças mascaradas que visitaram o *Diário de Notícias*.  
21 — *Idem*.

#### Março

- 14 — Informa que vão muito adiantados os trabalhos da construção do novo edifício do *Diário de Notícias* na Avenida da Liberdade.  
16 — Notícia a inauguração, realizada neste dia, do XII Salão Automóvel, no Palácio de Cristal do Pôrto, e refere-se, em número especial, ao 1.º Congresso Nacional de Transportes (2).

(2) Esse número especial abria com o seguinte artigo:

## I CONGRESSO NACIONAL DE TRANSPORTES

Já em 1935, quando a Câmara Sindical dos Agentes e Importadores de Automóveis do Pôrto projectava realizar o X Salão Automóvel em moldes novos, imprimindo-lhe um cunho acentuadamente moderno e acrescentando-o de manifestações complementares de carácter cultural, o *Diário de Notícias*, anuindo ao convite que lhe foi dirigido, tomou sobre si o encargo da organização do I Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil, que reuniu pouco mais de uma centena de congressistas e apreciou e discutiu três dezenas de trabalhos oportunos e de interesse.

Tanto o Salão como o Congresso foram largamente divulgados em todo o País através da Imprensa; e até junto de quem de direito foram levadas as aspirações e sugestões de quantos apresentaram estudos de problemas de viação acelerada e desejam resolvê-los no interesse da colectividade.

Em 1937 e ainda a convite da Câmara Sindical, o *Diário de Notícias* lançou e organizou o II Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil, que reuniu cerca de quinhentos congressistas, elevando-se a bastantes dezenas o número de teses e comunicações que foram discutidas e apreciadas.

Este Congresso encerrou o XI Salão Automóvel, tendo sido honrado com a presença do venerando Chefe do Estado e alguns Ministros.

Ao iniciar os trabalhos preliminares do XI Salão Automóvel, a Câmara Sindical voltou a dirigir-nos convite para organizarmos o III Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil.

Entendeu o *Diário de Notícias* que deveria alargar mais a sua iniciativa, convocando uma assembleia magna dos representantes de todos os sectores de meios de locomoção.

E tê-lo porque julgou chegado o momento de se procurar estabelecer, em bases justas e equitativas, um entendimento entre os vários sistemas de transportes. Foi, pois, dentro do espirito de coordenação que lançou as bases do Congresso Nacional de Transportes, que será inaugurado no próximo dia 23, no Palácio de Cristal.

Para se avaliar o interesse que despertou em todo o País, interesse que bem demonstra quanto é oportuna a sua realização, basta dizer que o número de congressistas inscritos se elevou a um milhar e serão apreciados mais de setenta trabalhos, na sua quasi totalidade estudos valiosos.

Entre as colaborações que o *Diário de Notícias* encontrou destacamos a que nos deram a Câmara Sindical dos Agentes e Importadores de Automóveis, o Automóvel Clube de Portugal e o Grémio dos Industriais em Transportes Automóveis, por intermédio das suas ilustres direcções, respectivamente, presididas pelos srs. J. Lopes Cardoso, conde de Monte Real e Rodolfo Teixeira.

Dos Aero Clubes de Portugal, Pôrto e Braga, Auto Clube Médico, Câmara Sindical

dos Negociantes de Automóveis de Lisboa, Clube dos 100 à Hora, Companhias dos Caminhos de Ferro Portugueses, Nacional de Navegação, Colonial de Navegação, Moto Clube de Portugal, Sindicatos Nacionais dos Carregadores e Descarregadores do Distrito do Pôrto, Ferroviários do Norte, Centro e Sul de Portugal, Capitães e Oficiais de Marinha Mercante de Lisboa, dos Motoristas de Lisboa e Pôrto, Sociedade Propaganda de Portugal e comissário geral do XII Salão Automóvel, bem como da Imprensa diária de Lisboa, Pôrto, Coimbra e Braga, recebemos também a mais valiosa e dedicada colaboração.

Os organizadores do Congresso encontraram também o melhor acolhimento nas altas esferas oficiais. Tôdas as direcções gerais do Ministério das Obras Públicas e ainda o Conselho Nacional de Turismo e a Junta Autónoma de Estradas nomearam delegados ao Congresso.

Praticariamos falta imperdoável se não registassemos o entusiasmo que *Os Sports* e o seu director, Raul de Oliveira, têm pôsto na organização da Parada Atlética Pro-Estádio do Pôrto; a frutuosa actividade de Alberto Ferreira Pinto e dos orientadores da Grande Parada de Viaturas Automóveis; a dedicação de Ricardo de Sousa Lima, o animador apaixonado do Campeonato de Duração de Vôo e do I Salão Português de Aviominiatura; e o inteligente concurso que deu à organização do Congresso o nosso camarada Fernando Teixeira.

O I Congresso Nacional de Transportes, superiormente orientado pelo sr. prof. dr. Caetano Maria Beirão da Veiga, ilustre director-delegado da E. N. P., há-de resultar imponente, e o seu trabalho há-de contribuir eficazmente para a solução dos vários problemas que neste momento preocupam todos os que a elles têm interesses ligados.

Assim procura corresponder o *Diário de Notícias* à sua missão de grande jornal português.

JOSÉ DE MIRANDA



Para se avaliar da importância dêste certame, damos a seguir a seguinte nota arrancada à 1.ª página dêsse número especial:

## LISTA DOS EXPOSITORES

Vacuum Oil Company — Sala A, Stands 4, 6, 13 e 22 — Essências e Lubrificantes — Rua Infante D. Henrique — Pôrto.

Electro Central Vulcanizadora — Sala A, Stand 1 — Óleos Penzoi — Rua Alexandre Herculano — Pôrto.

Armando da Silva Santos — Sala A, Stand 2 — Radiadores e Acessórios — Rua Duque de Loulé — Pôrto.

Álvaro Rodrigues — Sala A, Stand 3 — Rodas para automóveis e carros atrelados — Trav. Anselmo Braamcamp — Pôrto.

Soc. Comercial Remus — Sala A, Stand 5 — Pneus Kelly — Av. dos Aliados — Pôrto.

António Acácio Leite — Sala A, Stands 7 e 8 — Acessórios para automóveis — Rua do Campo Alegre — Pôrto.

Escritório Técnico Roberto Cudell — Sala A, Stand 9 — Material Bosch — Rua Passos Manuel — Pôrto.

A Decalcomania — Sala A, Stand 14 — Decalcomanias — Rua do Sol — Pôrto.

E. D. Ferreira & Irmão — Sala A, Stand 12 — Acessórios para automóveis — Rua da Boa Hora — Pôrto.

Valadas, Limitada — Sala A, Stand 16 — Óleos e Acessórios — Rua Mousinho da Silveira — Pôrto.

- Nuno Salgueiro, Filho — Sala A, Stands 17 e 18 — Extintores de incêndio — Avenida Montevideu — Pôrto.
- Companhia Portuguesa de Petróleos Atlantic — Sala A, Stands 19, 20 e 21 — Essências e Lubrificantes — Rua Passos Manuel — Pôrto.
- Shell Company of Portugal — Sala A, Stands 24 e 25 — Essências e Lubrificantes — Rua Mousinho da Silveira — Pôrto.
- J. Mota — Sala A, Stand 26 — Acessórios — Rua Soares dos Reis — V. N. de Gaia.
- Soc. de Representações Niepport — Sala B, Stands 1, 2, 3 e 4 — Automóveis Orch, Wander, D. K. W. e Auto-Union — Avenida dos Aliados — Pôrto.
- Soc. Indústria e Comércio de Automóveis, Ld.<sup>a</sup> — Sala B, Stand 5 — Automóveis Hudson — Avenida dos Aliados — Pôrto.
- Stand Moderno — Sala B, Stand 6 — Automóveis Chenard Walquer — Rua Actor Taborda — Lisboa.
- Manuel Bramão, Sala B, Stand 0 — Aviões Cude — Avenida da Liberdade — Lisboa.
- J. J. Gonçalves, Suc. — Sala B, Stands 7, 9 e 11 — Automóveis Austin — Rua Alexandre Herculano — Pôrto.
- Soc. Comercial Matos Tavares — Sala B, Stands 8, 10 e 12 — Automóveis Mercedes-Benz e Aviões — Rua Augusto Rosa — Pôrto.
- Auto Omnia Importadora — Sala B, Stand 13 — Automóveis Honomag e Studebaker — Rua Magalhães — Pôrto.
- Agência Orey Antunes — Sala B, Stand 14 — Automóveis Packard e Peugeot — Avenida dos Aliados — Pôrto.
- Manuel da Silva Carmo & C.<sup>ta</sup> — Sala B, Stands 15 e 17 — Automóveis Renault — Rua Santa Catarina — Pôrto.
- António Marques da Fonseca — Sala B, Stand 16 — Automóveis B. M. W. — Rua Augusto Rosa — Pôrto.
- Rebêlo Valente & C.<sup>a</sup> — Sala B, Stand 19 — Automóveis Lancia, Willys e Overland — Avenida Camilo — Pôrto.
- Tasso de Sousa & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup> — Sala B, Stand 20 — Automóveis Morris — Rua Cândido Reis — Pôrto.
- Mário Ferreira — Sala B, Stands 21 e 23 — Automóveis Adler e Hottkiss — Avenida dos Aliados — Pôrto.
- Fiat Portuguesa — Sala B, Stand 22 — Automóveis Fiat — Rua Santa Catarina — Pôrto.
- Automóveis Citroën — Sala B, Stand 24 — Automóveis Citroën — Avenida dos Aliados — Pôrto.
- General Motors Overseas Corporation — Sala B, Stand 25 — Automóveis La Salle, Pontiac, Buick, Oldsmobile, Opel, Cadillac, Chevrolet, Vauxhall — Avenida 24 de Julho — Lisboa.
- António Sardinha — Sala B, Stand 26 — Automóveis Hillman — Rua Santa Catarina — Pôrto.
- Soc. de Construção de Gasogénios — Sala C, Stand 2 — Gasogénios — Av. Fernão Magalhães — Pôrto.
- Fassio, Limitada — Sala C, Stand 3 — Motores e Gasogénios — Rua Jardim do Regedor — Lisboa.
- Fraga & Aleixo — Sala C, Stand 4 — Motocicletas F. N., bicicletas Royal e Enfield, Andre Ledouque, Pelissier — Rua de Santa Catarina — Pôrto.
- Pinto Leite & Vasques — Sala C, Stand 5 — Motocicletas e bicicletas Maphnerl — Campo dos Mártires da Pátria — Pôrto.
- Soc. de Representações Nieport — Sala C, Stands 9 e 10 — Motocicletas D. K. W. — Avenida dos Aliados — Pôrto.
- Vilarinho & Moura — Sala C, Stand 11 e 12 — Bicicletas e Acessórios — Rua do Bonjardim — Pôrto.

Artur C. Pebre — Sala C. Stands 13 e 14 — Motos B. M. W. — Rua Mousinho da Silveira — Lisboa.

Stand Nacional Palácio — Sala D, Stand — Produtos Chrysler — Avenida dos Aliados — Pôrto.

Manuel Alves de Freitas — Salas E e F — Produtos Ford — Avenida dos Aliados — Pôrto.

J. J. Gonçalves, Suc. Recinto H, Pavilhão I — Camiões Austin — Rua Alexandre Braga — Pôrto.

Tasso de Sousa & C.<sup>ª</sup>, L.<sup>da</sup> — Recinto H, Pavilhão 2 — Camiões Morris — Rua Cândido dos Reis — Pôrto.

Manuel da Silva Carmo & C.<sup>ª</sup> — Recinto H, Pavilhão 3 — Camiões Renault — Rua Santa Catarina — Pôrto.

Soc. Comercial Matos Tavares — Recinto H, Pavilhão 4 — Camiões Mercedes-Benz — Rua Augusto Rosa — Lisboa.

Auto-Industrial — Recinto H, Pavilhão 5 — Camiões Bedford e Oldsmobile — Avenida dos Aliados — Pôrto.

Automóveis Citroën — Recinto H, Pavilhão 6 — Camiões Citroën — Avenida dos Aliados — Pôrto.

General Motors Overseas Corporation — Recinto H, Pavilhão 7 — Camiões Chevrolet e Blitz — Avenida 24 de Julho — Lisboa.

Fassio, Limitada — Recinto H, Pavilhão 8 — Camiões Latil e Condor — Rua Jardim do Regedor — Lisboa.

Stand Berliet — Recinto H, Pavilhão 9 — Camiões Berliet — Pôrto.

Auto Importadora Omnia — Recinto H, Pavilhão 10 — Camiões Studebaker e Bussing-Nag — Rua Magalhães Lemos — Pôrto.

Laboratório Electro-Mecânico — Sala T. S. F., Stand 2 — Rádios — Rua Alexandre Herculano — Pôrto.

#### Comissão de Honra

Presidente da República.

Ministro da Guerra.

Ministro do Interior.

Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Ministro do Comércio e Indústria.

Ministro da Marinha.

Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

Subsecretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações.

Subsecretário de Estado da Guerra.

Conselho Nacional de Turismo.

Director Geral dos Serviços de Viação.

Director Geral dos Caminhos de Ferro.

Director Geral dos Serviços Fluviais e Hidráulicos.

Presidente da Junta Autónoma de Estradas.

Governador Civil do Pôrto.

Presidente da Câmara Municipal do Pôrto.

Comandante da 1.<sup>ª</sup> Região Militar.

Chefe do Departamento Marítimo do Norte.

Bispo do Pôrto.

Conde de Monte Real — Presidente da Direcção do Automóvel Clube de Portugal.

D. Costa Felix — Presidente da Assembléa Geral do Aero Clube de Portugal.

Eng. António Vasconcelos Correia — Presidente do Conselho de Administração da C. Portuguesa.

Rui Ulrich — Presidente do Conselho de Administração da Companhia Nacional de Navegação.

Dr. Ângelo César — Da Câmara Sind., dos Agentes e Imp. de Automóveis do Pôrto. Directores dos jornais diários de Lisboa, Pôrto, Coimbra e Braga.

### Comissão Organizadora

*Diário de Notícias* — Prof. Caetano M. Beirão da Veiga — Director-Delegado da Empresa Nacional de Publicidade.

Automóvel Clube de Portugal — Dr. Mário Madeira — Director Secretário.

Auto Clube Médico Português — Dr. Mário Moutinho — Presidente da Direcção.

Aero Clube de Braga — José Esteves de Aguiar — Director Secretário.

Aero Clube do Pôrto — Capitão Dario Tamegão — Presidente da Direcção.

Aero Clube de Portugal — Tenente-coronel Alfredo Sintra — Presidente da Direcção.

Câmara Sindical dos Agentes e Importadores de Automóveis do Pôrto — J. Lopes Cardoso — Presidente da Direcção.

Câmara Sindical dos Negociantes de Automóveis de Lisboa — José Manuel de Orei — Presidente da Direcção.

Clube dos «100 à hora» — Dr. Manuel dos Santos Lourenço — Presidente da Direcção.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Engenheiros Carlos Santos e Henrique Bravo.

Companhia Colonial de Navegação — Antero Pacheco da Silva Moreira.

Companhia Nacional de Navegação — Engenheiro Sebastião Rêgo — Secretário Geral da C. N. N.

Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis — Rodolfo Teixeira — Presidente da Direcção.

Moto Clube de Portugal — Manuel dos Santos Ivo — Presidente da Direcção.

Sindicato Nacional dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Distrito do Pôrto — Francisco de Aguiar — Delegado oficial.

Sindicato Nacional dos Ferroviários do Centro e Sul de Portugal — Aduindo Carlos Quintas, João Júlio Pina Côrtes e Mateus Gregório da Cruz — Presidentes das Direcções.

Sindicato Nacional dos Ferroviários do Norte de Portugal — Manuel Monteiro Bonifácio — Presidente da Direcção.

Sindicato Nacional dos Capitães, Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante — Comandante Sebastião Augusto da Silva — Presidente da Direcção, e José dos Santos.

Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa — Francisco Marques — Presidente da Direcção.

Sindicato Nacional dos Motoristas do Pôrto — Joaquim Martins das Neves — Presidente da Direcção.

Sociedade de Propaganda de Portugal — Conde de Penha Garcia — Presidente da Direcção.

Comissário Geral do XII Salão Automóvel — António Marques Gomes.

Secretário Geral do Congresso — José de Miranda.

### Delegados oficiais à Comissão Organizadora

Conselho Nacional de Turismo — Capitão Almiro Maia Loureiro.

Direcção Geral dos Serviços de Viação — Engenheiro Cícero de Azevedo.

- 21 — Notícia ter saído na véspera o 1.º número do jornal A Noite, sob a direcção do sr. dr. Augusto de Castro, e pertença da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do Diário de Notícias.
- 24 — Notícia ter-se realizado na véspera, com grande brilhantismo, no Pôrto, a sessão inaugural, sob a presidência do sr. Subsecretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações, do 1.º Congresso Nacional de Transportes, feliz iniciativa do Diário de Notícias, que foi sublinhada com louvor nos vários discursos proferidos.

#### AbriI

- 5 — Salieta nas «Actualidades Gráficas» que o Congresso de Transportes, realizado por iniciativa do Diário de Notícias, foi um acontecimento de interesse nacional com larga projecção em vários sectores da actividade portuguesa.
- 14 — Notícia ter falecido no Brasil o antigo jornalista e redactor do Diário de Notícias, D. José Paulo da Câmara (3).

Direcção Geral dos Caminhos de Ferro — Engenheiro Luiz Vanzeler Cabral.  
 Direcção Geral dos Serviços Fluviais e Hidráulicos — Eng. Mário José Filguciras.  
 Junta Autónoma de Estradas — Eng. José da Rocha Ferreira.

#### Comissão Executiva

Presidente — Dr. Caetano Maria Beirão da Veiga — Director-Delegado da Empresa Nacional de Publicidade.  
 José de Miranda — Secretário Geral.

#### Relatores

- 1 — Automobilismo — Alberto Toste e dr. A. Sacramento Monteiro.
- 2 — Aviação — Tenente-coronel Pinheiro Correia.
- 3 — Caminhos de Ferro — Engenheiro Branco Cabral.
- 4 — Circulação e Trânsito — Raul de Oliveira.
- 5 — Estradas — Raul de Oliveira.
- 6 — Navegação e portos — Dr. José Adelino Lima Lôbo.
- 7 — Turismo — Luiz Lúpi.

#### Colaboradores

Grande Parada Desportiva Pró-Estádio do Pôrto — Raul de Oliveira.  
 Grande Parada de Veículos Automóveis — Alberto Ferreira Pinto, J. Espírito Santo & Irmão, Joaquim Francisco de Oliveira e Manuel António de Oliveira.  
 Rally Automóvel — A. de Campos Júnior, director de *O Volante*.  
 Exposição de Traços Regionais — F. J. Marques da Costa.  
 Director da Exposição de Aviominiatura — Ricardo de Sousa Lima.  
 Director da Exposição de Gravuras e Miniaturas — A. Pinto Machado.  
 Director da Caravana Automóvel — Joaquim da Silva Neto Júnior.

(3) Vejamos a notícia em referência:

«Uma triste, dolorosa notícia caiu ontem às primeiras horas da noite na nossa

redacção, lançando em profunda tristeza todos os que nesta casa trabalham: morreu no Brasil, em Campinas, D. José Paulo da Câmara. Perderamos já há muito a convivência do seu adorável espírito, mas mantínhamos ainda a esperança de algum dia recuperarmos essa mesma saudável convivência, sempre alegre, do mais comunicativo bom humor, mesmo nas horas mais amargas da vida. Perdemos-a agora, para sempre, essa esperança. O querido amigo e camarada, jornalista e dramaturgo brilhante, finou-se bem longe, nessa outra Pátria de além-Atlântico, para onde partira há anos, na ânsia de conquistar melhor futuro, tendo, felizmente, a ampará-lo nos últimos instantes o carinho de seu filho mais velho e de seu irmão, o engenheiro D. Tomaz da Câmara.

No amigo que se foi reflectiam-se prodigamente tôdas as admiráveis qualidades de talento, de nobreza, de carácter e de uma extrema modéstia que tanto caracterizaram o seu illustre pai, o grande escritor que foi D. João da Câmara.

Como êle, D. José era fundamentalmente um bom, facilmente impressionável por tôdas as desditas alheias, fazendo o bem sem olhar a quem, como êle também um extraordinário temperamento de homem de teatro bem revelado no grande e merecido êxito que entre nós e no Brasil obtiveram as suas encantadoras operetas *A Moreninha*, *A Prima e Estáis com uma pressa!*, tôdas escritas de colaboração com Luna de Oliveira e para as quais linda música escreveu o saudável Felipe Duarte; *As Andorinhas* e *A Maçaroca*, de colaboração com Feliciano Santos.

Mas não foi apenas ao teatro que D. José Paulo da Câmara dedicou a sua actividade e o seu formoso talento. Algumas novelas, dezenas de traduções, além de exaustivo e variado trabalho jornalístico no *Correio da Manhã* e no *Diário Nacional*, dos quais foi redactor, e ainda no *Diário de Notícias*, onde desempenhou o lugar de subchefe da redacção, constituíam por si só abundante e valiosa bibliografia se os seus triunfos no teatro o não impusessem como um notável comediógrafo.

Fiel ao seu credo monárquico, fêz parte das hostes incursoras de Paiva Couceiro nos primeiros anos da República, e soube briosamente cumprir o seu dever de armas na mão na defesa do seu ideal.

Como dissemos, um belo dia embarcou para o Brasil, seduzido por uma feliz miragem, que de miragem não passou. Continuou lá a trabalhar muito, como cá. Tentou o comércio, traduziu livros, colaborou em jornais e revistas, dispersando assim aos quatro ventos a sua energia e a sua privilegiada inteligência.

Até que a morte o venceu.

Que descanse em paz o pobre amigo, companheiro sempre lembrado de tantas noites de fadiga que êle, como ninguém, sabia aligeirar com uma graça natural, inimitável, impondo-se à admiração e estima de todos pela sua inigualável lealdade e a sua incomparável modéstia.

D. José Paulo da Câmara faleceu com cinqüenta e um anos. Era filho de D. João da Câmara e da sr.<sup>a</sup> D. Eugénia de Melo Breyner da Câmara, irmão do conde de Maфра, irmão do falecido médico D. Vicente da Câmara e do engenheiro D. Tomaz da Câmara, e casado com a sr.<sup>a</sup> D. Helena de Melo Costa da Câmara, filha da sr.<sup>a</sup> condessa de Ficalho, de quem tinha cinco filhos.

Logo que o triste acontecimento foi conhecido, a sr.<sup>a</sup> condessa de Ficalho dirigiu-se à residência da viúva, em Cascais, onde também se reuniram pessoas de família e muitas outras das suas relações e amizade, entre elas os srs. Henrique Chaves, João da Câmara e esposa, a sr.<sup>a</sup> marquesa de Ficalho e filho, sr.<sup>es</sup> de Pombeiro e Castelo Branco, a sr.<sup>a</sup> D. Isabel de Melo Costa (Ficalho), etc.

D. José Paulo tencionava vir ainda êste ano a Portugal em visita a sua família, tendo ouvido há pouco seus filhos pela «Hora da Saúde» da Emissora Nacional.

À família enlutada, especializando a mãe e a viúva do nosso saudável camarada, apresenta o *Diário de Notícias* a expressão do seu mais sentido pesar.»

15 — *Refere-se de novo à morte, no Brasil, de D. José Paulo da Câmara* (4).  
30 — *Notícia o falecimento de Lino Fer-*

*reira, figura de relevo no Teatro português e redactor da «Página Teatral» do Diário de Notícias* (5).

(4) Doloroso acontecimento, mais amargurante pelo imprevisto, a notícia da morte de D. José Paulo da Câmara, ocorrida no Brasil, como ontem referimos, causou profunda consternação em todos os meios lisboetas onde o nosso saudável camarada era conhecido e, onde, portanto, os peregrinos dotes da sua inteligência e do seu carácter lhe granjearam firmes amizades.

Há largos anos ausente de Portugal, de onde abalara para terras brasileiras no anseio duma melhor situação material, sem nunca, todavia, esquecer os que lhe eram queridos, D. José Paulo residia nos últimos tempos na cidade de Campinas, onde a morte o surpreendeu, tendo a assistir-lhe aos últimos momentos o filho mais velho e seu irmão, o eng. D. Tomaz da Câmara, que exerce o professorado em Minas Gerais.

O brilhante jornalista e escritor teatral, digno herdeiro do fulgurante talento e dos nobres predicados de alma de seu pai, o grande dramaturgo D. João da Câmara, era presentemente chefe da publicidade das Empresas Electricas Brasileiras. Fidalgo pelo sangue, D. José Paulo não o era menos nas qualidades pessoais, sobrelevando em tôdas elas a modéstia e a lealdade. Choram-no a familia extremosissima e, com a mesma comovia sinceridade, quantos, como nós, seus camaradas nas labutas jornalisticas, tivemos ensejo de apreciar a lhanesa do seu convívio e a magia do seu espirito.



D. José Paulo da Câmara



Lino Ferreira

(5) A notícia era concebida nestes termos:

«A morte de Lino Ferreira, ainda que a todo o momento esperada, causou em Lisboa e causou-nos, especialmente, uma profundissima impressão de pesar.

Desaparece com Lino Ferreira uma das figuras mais simpáticas da vida portuguesa, nestes últimos quarenta anos. A sua popularidade, que a tinha como pouca gente, era uma derivante natural do seu feitio extremamente comunicativo, sem dúvida, mas também, e sobretudo, da sua fisionomia franca, atraente, irradiando jovialidade e bondade. Onde Lino Ferreira estivesse ou aparecesse, tinha-se fatalmente de olhar para êle, de

preguntar quem era, de lhe adivinhar na pupila boiando em sol, no lábio sempre sorridente, um mundo de afabilidade e gentileza. E, se o conhecíamos, tínhamos logo de lhe dirigir a palavra, de lhe ir dar um abraço, de lhe ir apertar efusivamente as mãos. Era um gosto sentir-se perto de Lino Ferreira, senti-lo a nosso alcance, junto do nosso espírito e nosso coração.

Compreende-se, pois, que nós, precisamente porque o tivemos tantas vezes, tantas noites, à beira da nossa vida, trabalhando e falando, amigo e camarada incomparável, sintamos, como as pessoas de sua família e da sua maior intimidade, a mágoa indizível da sua morte.

Já de há muitos meses a esta parte — Lino Ferreira finava-se, pouco a pouco, a tratos com uma dessas doenças que não perdoam — o seu lugar nesta redacção estava deserto, vazio da sua presença, da sua bonhomia e graça esfusante. E todos nós sentíamos a falta que nos fazia, embora apegados sempre à esperança de que havia de melhorar, e voltar, e com elle tornar a esta casa a clara alegria da sua actividade, dos seus ditos espirituosos, do seu convívio cordial. Não quis o Destino que assim fôsse, infelizmente. Mas se a sua decisão irrevogável nos rouba um grande companheiro, não poderá levar-nos saúdades com que dêle ficamos, e que hão-de ser evocação constante e viva da sua personalidade excepcional. E, como nós, milhares dos seus amigos e admiradores o mesmo sentirão — os que o rodeavam nas tertúlias, onde se atardava; nos centros de diversão, onde sempre se via o seu vulto festivo; nas ruas da cidade, onde não havia ninguém que o não cumprimentasse e lhe sorrisse; nos bastidores dos teatros, onde era o mais familiar dos seus personagens.

Lino Ferreira tinha dado ao Teatro Português o melhor das suas energias, entusiasmos e até da sua fortuna.

Podia haver quem no amor ao Teatro o igualasse, talvez; mas nesse carinho, nessa dedicação, com certeza, ninguém o superou.

Foi dos seus devotos mais fiéis, dos seus sacerdotes mais fervorosos, dos seus amantes mais cegos. Amante, é bem o termo — porque embora a sua paixão lhe trouxesse, por vezes, dissabores e infortúnios, tudo e sempre lhe perdoava, prêso das suas seduções, rendido inteiramente ao seu domínio. De modo que se pode afirmar, sem receio de engano ou de exagêro, que o Teatro Português perde em Lino Ferreira um dos seus mais extremos e mais competentes servidores.

Não se vá supor, no entanto, que êsse affecto era absorvente e exclusivo. De forma alguma. Era apenas uma expressão da intrínseca bondade da sua alma, que se repartia em tesouros de ternura para com tôda a gente da sua estima — família, íntimos, colaboradores dos mais próximos aos mais distantes, camaradas, conhecidos e até desconhecidos. Os mimos que dispensava aos seus não se descrevem. Constituiriam, narrados, um dêsses poemas discretos, íntimos, sublimes pela nobreza e pelo exemplo. Os desvelos tidos para com aquêles que associava aos seus trabalhos eram primorosos. E os seus gestos de bizarría para quem dêle necessitava, fôsse quem fôsse, duma largueza e espontaneidade inexcedíveis. Daí uma grandeza de ânimo, uma probidade, uma isenção e uma satisfação de ser útil, que eram timbre de carácter do mais puro quilate. Dir-se-ia que o maior prazer de Lino Ferreira, na vida, foi o de ser prestável, generoso e bom, que a sua maior felicidade era a de ver — virtude raríssima — os outros felizes.

Lino Ferreira nasceu em 26 de Julho de 1884, em Lisboa, na freguesia do Campo Grande, iniciando a sua vida após o seu curso da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio, no comércio, a que sempre se dedicou, sendo últimamente o gerente da importante casa Júlio Gomes Ferreira & C.<sup>a</sup>, à rua do Ouro.

Mas foi no teatro, a grande paixão da sua vida, que marcou brilhantemente a sua individualidade tão curiosa, quer como empresário, quer como autor dramático, deixando uma obra notável, tanto pela quantidade como pela qualidade das suas produções.

A sua acção de empresário durou vinte e dois anos no Nacional, no S. Luiz, no Avenida, no Apolo, no Eden, no Maria Vitória e no Politeama. Foi elle o último empresário dos grandes artistas Brazão, Álvaro, Joaquim Costa e José Ricardo, e a elle se deveram arrojadas iniciativas de trazer a Portugal alguns dos mais famosos artistas estrangeiros do palco e do *ecran*, entre estes últimos o célebre Max Linder.

Estreou-se como amador dramático na Academia Recreativa Instrução e Recreio Operário, dos operários do Caminho de Ferro do Norte e Leste, revelando excepcionais dotes que em muitas outras récitas de amadores se confirmaram e mais tarde o cinema, a que deu valiosa colaboração criando algumas típicas personagens dos filmes *Bocage*, *Maria Papoila* e o médico João Semana das *Pupilas do sr. reitor*.

A sua primeira tradução, a comédia em um acto *Não apertem a tarracha!*, representou-se no Apolo em 1907, e a sua primeira revista, *Sol e Sombra*, de colaboração com Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes, no mesmo teatro dois anos mais tarde.

Fêz parte da comissão de leitura do Teatro Nacional, era presidente do Conselho Fiscal da Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes Portugueses e, como delegado da mesma sociedade, tomou parte no Congresso Internacional de Autores Teatraes, realizado em Sevilha em 1935.

Muito viajado e culto, foi muitas vezes a Espanha, França, Itália, Alemanha, Suíça, Bélgica, Inglaterra e Rio de Janeiro, freqüentando teatros e estudando com afino assuntos de arte dramática, conseguindo reunir uma biblioteca de teatro que pode talvez considerar-se uma das primeiras, senão a primeira do País.

Ultimamente trabalhava na continuação e actualização da *Carteira do Artista*, de Sousa Bastos, para o que tinha já organizados alguns milhares de fichas com biografias de artistas e escritores de teatro.

Como jornalista da sua especialidade e escritor humorista colaborou assiduamente no *Século da Noite*, *Ilustração*, *Domingo Ilustrado*, *Ilustração Portuguesa*, em muitas revistas e jornais de teatro, sendo redactor do *Diário de Notícias* desde 1921.

Era official de Sant'Iago da Espada e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Mas é sobretudo como escritor teatral que o seu nome para sempre ficará saudosamente lembrado, sempre pronto a agregar, como colaboradores (e tantos foram elles!) todos os novos que pelo teatro mostravam decidida paixão.

É vastíssima, nesse campo, a sua obra, de sua única autoria ou, como dissemos, em colaboração. Originaes, traduções, arranjos, adaptações em todos os géneros — revistas, comédias, dramas, operetas — a tudo infatigavelmente se abalançou, marcando quasi todos esses trabalhos os maiores êxitos dos últimos vinte anos da cena portuguesa.

Citá-los a todos seria exhaustiva tarefa. Muitos deles estão ainda na memória de todos os freqüentadores de teatro, para o qual foi, durante tanto tempo, para assim dizer, quasi o exclusivo fornecedor.

Apontaremos, contudo, os principais, que de memória nos ocorrem:

Revistas: *Agulha em palheiro*, *Aldeia dos Macãcos*, *Bichinha gata*, *Auto aqui!*, *Burro em pé*, *Cabaz de Morangos*, *Caras e caretas*, *Cartaz de Lisboa*, *Cozido à portuguesa*, *A espiga*, *Feira da Alegria*, *Festa brava*, *Giga Joga*, *Há festa na Mouraria*, *Lisbia amada*, *Lua cheia*, *A mãe Eva*, *O nosso fado*, *Ricôcô*, *Papagaio real*, *O pé descalço*, *Pérola da China*, *Pim, Pam, Pum!*, *O Pivilau*, *Secretário dos amantes*, *Sol e Sombra*, *Siga a dança*, *Terra de cantigas*, *Trombeta da Fama*, *A vara larga*, *X. P. T. O.*, *O Zabumba*; *Zás*, *Traz*, *Paz!*, etc.

Setenta e três revistas, ao todo, segundo nota manuscrita do autor entre os seus papéis encontrada, sessenta e quatro comédias, dez *vaudevilles*, onze operetas, sete dramas, nove pantomimas, zarzuelas, episódios, diálogos, etc. Tal foi a formidável tarefa do escritor.

Das comédias e *vaudevilles* salientaremos, pelo seu particular êxito: *A carta anónima*, *O alfinete*, *Casos do dia*, *O coca bichinhos*, *A dama misteriosa*, *A estrada da vida*, *O grande homem*, *Joana a doída*, *O homem dos sete officios*, *A luva branca*, *O maluco*

das *Avenidas Novas*, *Cobardias*, *O Hotel dos Dois Pombinhos*, *A garota da sorte*, *Kit*, *A mulher do próximo*, *Oiro americano*, *Sua Alteza Real*, *Topa-a-tudo*, *Uma mulher que não mente*, *A ventoinha*, *O grão de bico*, *O pardal maluco*, *A tia Carolina*, *Sópa de massa*, *O Patriota*, etc.

Das operetas destacaremos: *A Mouraria*, *De capa e batina*, *Caracol da Graça*, *Maria da Luz*, *O Chico do Intendente*, *O Pilha de Alcântara*, *O Solar das Picóas*, etc.

Conhecedor a fundo da técnica teatral, de todos os segredos da Arte, tão particularmente difícil, de empolgar as platéias, pode dizer-se que não houve artista nenhum das últimas gerações que não fôsse seu intérprete, e graças aos seus conselhos e aos papéis que sensatamente lhes ditribuía, não lograsse produzir trabalho de agrado, quando não superiores criações cómicas ou dramáticas.

Com êle colaboraram, entre outros: Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes, Fernando Santos, André Brun, Henrique Roldão, Artur Rocha, Lopo Lauer, Xavier de Magalhães, Silva Tavares, Lourenço Rodrigues, Fernando Avila, Alvaro Santos, Oldemiro César, etc.

Ainda não há muito reuniu-se em sua casa, numa festa íntima, todos os seus colaboradores e a essa reunião, de estuziante alegria, não faltou uma nota de sentida saúde por aquêles que a morte já levou, recordados com a justiça que seus méritos impunham.

Com Lino Ferreira desaparece agora uma figura que a História do Teatro Português tem de registar nas suas melhores páginas. No palco e na Imprensa, muito lhe ficou devendo. As páginas teatrais do *Diário de Notícias*, as festas de beneficência por êste jornal patrocinadas, pelo nosso camarada organizadas com particular carinho, foram a sua última demonstração de apaixonado amor pela Arte Dramática, que tôda a vida bem serviu e honrou.»

(6) A morte do nosso querido camarada e distinto escritor teatral Lino Ferreira impressionou profundamente todos os que o conheciam e, como merecia, o estimavam, e mais particularmente o pequeno mundo de artistas, escritores e jornalistas com quem mais de perto conviveu e que dêle guardará para sempre as mais saúdosas recordações de alegre convivio espiritual e de inúmeros gestos de solidariedade, nobres exemplos de leal amizade e camaradagem, que eram uma das maiores virtudes do seu grande coração.

A sua casa, na rua Rosa Araújo, esteve, durante todo o dia de ontem e pela noite adiante, repleta de gente que ali foi deixar a sua expressão de muito sincero sentimento. Sem que se estabelecessem turnos, a câmara ardente teve a assistência ininterrupta de amigos e camaradas do finado. Numerosos ramos de flores cobriram o corpo do saúdo amigo, em cujo peito se destacavam as condecorações de Sant'Iago e de Cristo, justos galardões aos seus méritos de escritor.

O nosso director, sr. Eduardo Schwalbach, e o nosso chefe de redacção, sr. Urbano Rodrigues, amigos íntimos e companheiros de muitos anos da vida teatral e de jornalismo do extinto, estiveram várias vezes na sua residência.

A tarde, o nosso camarada Oldemiro César foi depor sôbre o féretro, com os sentimentos de quantos trabalham na nossa redacção, e, em nome de todos, uma coroa de saúdes e martírios com uma palma e fitas de sêda, com a seguinte dedicatória: «A Lino Ferreira — Os seus camaradas de trabalho do *Diário de Notícias*».

A ilustre actriz D. Palmira Bastos deixou ali também um lindo ramo de cravos, tendo permanecido largo tempo junto do féretro, profundamente emocionada. Nessa ocasião encontravam-se na câmara ardente as artistas Maria Matos, Maria Helena, Ausenda de Oliveira, Zita Trindade, Virginia Soler, Margarida Martinó, Maria das Neves e Maria

- 3 — *Notícia do funeral de Lino Ferreira, o qual constituiu uma expressiva manifestação de saúde* (7).      6 — *Informa que no dia 14 se dá começo às organizações de carácter desportivo e turístico empreendidas pelos jornais*

Alvarez, e as escritoras Alice Ogando, Branca de Gonta Colaço, Laura Chaves e grande número de outras senhoras.

Na residência foram recebidas centenas de telegramas e cartões de pêsames, entre os quais dos srs. comandante Jaime Athias, viscondes de Santa Margarida, engenheiros Eduardo Ramires dos Reis, Armando Ferreira e Fernando Martins Carvalho Júnior; dñs. Eduardo de Oliveira Martins, Francisco Esteves da Fonseca, Vítor Sobral de Carvalho, Santos Tavares, Rolando da Silva, José Carreira, Mário de Sousa Neuparth, Oliveira Guimarães, Magalhães de Barros, Eurico Lisboa, Mário Rodrigues e Miguel Trancoso; empresários, artistas, maestros e músicos teatrais; jornalistas e numerosos amigos e admiradores do falecido, grande parte dos quais tomaram parte nos turnos.

As empresas teatrais do Norte enviaram telegramas, bem como a Sociedade Artística «Embaixada da Alegria». A Caixa de Providência de Profissionais da Imprensa de Lisboa fez-se representar nos turnos pelos directores, que deixaram sobre o féretro um ramo de flores; o Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais representou-se pelo sr. Augusto Soares; *A Voz do Operário*, de onde o finado foi sócio de muitos anos, pelo sr. Raul Esteves dos Santos; a Associação Industrial Portuguesa, pelo sr. José Maria Álvares; o Museu Teatral Português pelo sr. João Florêncio Gomes, e o escritor Celestino Gaspar da Silva, ausente no Brasil, por seu filho Amílcar Sarmiento da Silva.

#### Condolências enviadas ao «Diário de Notícias»

Na nossa redacção receberam-se, também, numerosos telegramas e cartões de várias pessoas e entidades, entre os quais dos srs. general Vasconcelos Pôrto, que nos pede que o representemos no funeral; dr. Saraiva Lima; os comediógrafos portuenses Arnaldo Leite e Campos Monteiro, que incumbiram o nosso camarada Belo Redondo de os representar; a Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, onde o finado era sócio há mais de trinta anos, e a Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, que exprime, assim, o seu pesar:

«A Direcção desta colectividade apresenta a V. Ex.<sup>a</sup> a expressão do seu sentimento pela morte de Lino Ferreira, cuja passagem pelo vosso jornal marcou como modelo de carácter e de lealdade.»

#### Uma homenagem dos vendedores de jornais

A Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, grata à memória de Lino Ferreira, que muito contribuiu para a obra humanitária daquela instituição, resolveu homenagear, oportunamente, o seu protector. Manifestando essa intenção, a respectiva Direcção enviou-nos o seguinte officio:

«A redacção do *Diário de Notícias*. — Tendo esta colectividade conhecimento da morte do seu sócio honorário e grande amigo Lino Ferreira, reuniu-se extraordinariamente, tendo resolvido o seguinte: 1.º, colocar a bandeira da colectividade a meia adriça; 2.º, representar-se no funeral e convidar os associados a procederem de igual forma; 3.º, lançar na acta um voto de sentimento pela lutuosa ocorrência; 4.º, comunicar estas resoluções à família do extinto; 5.º, expressar sentidas condolências à redacção do *Diário de Notícias* pela perda dum elemento tão valioso.

Como o funeral do saudável extinto é feito a horas que brigam com os serviços da venda dos jornais, a Direcção oportunamente levará a efeito uma homenagem póstuma à memória daquele que foi um dos grandes amigos da classe e que tanto trabalhou pelo seu desenvolvimento e progresso. — (a) *Domingos Pereira de Oliveira*, presidente.»

(7) Lá ficou anteontem a descansar, em jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, de uma vida de afadigoso trabalho, sempre votada ao culto da família e dos

amigos, com uma lealdade e um carinho inextinguíveis, o nosso bom e querido camarada Lino Ferreira.

A essa última morada o acompanharam muitas centenas de pessoas de tôdas as classes sociais, desde as mais humildes (e não foram essas as que menos significativa representação tiveram no seu funeral) às mais categorizadas — gente com nome nas ciências, nas artes, nas letras, no jornalismo e no teatro, trabalhadores da cena e dos jornais, simples e desconhecidas criaturas por quem êle em vida derramou em benefícios os dotes preciosos do seu bondoso e excelente coração. As lágrimas que a todos os olhos assomavam, o desejo de quasi todos de acompanharem a pé o préstito fúnebre na longa distância que separava a residência do extinto do cemitério, a sentida manifestação dos vendedores de jornais, tudo isto foi bem uma expressiva demonstração da saúde que o bom Lino nos deixou, pela parte que nos toca — a nós, seus companheiros de trabalho de tantas noites — eterna, como o é a de muitos outros companheiros queridos que a morte tem arrebatado ao nosso convívio.

Muito antes da hora marcada para o funeral, já a casa da rua Rosa Araújo, ninho acolhedor de tantos amigos e também, nas horas amargas da vida, de tantos infelizes, regurgitava de gente. O trânsito tornara-se difícil na larga e pacata artéria que vai desembocar na Avenida, tal o número de automóveis que a pejavam e a multidão enorme que ali se ia juntando, a cada momento aumentando mais e mais.

Iam chegando coroas, lindos ramos de flores naturais com sentidas dedicatórias, amontoando-se na câmara ardente, onde os mais íntimos amigos desde a véspera se iam revezando em turnos numa última homenagem prestada ao saudável morto.

Igual homenagem traduziam as dedicatórias dessas coroas e ramos — dos seus camaradas de trabalho no *Diário de Notícias*, da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, que muito lhe ficou devendo; da empresa do Politeama, dos empregados da Sociedade de Autores e Compositores Teatraes, dos porteiros do Teatro Maria Vitória, da actriz Palmira Bastos, da família Joaquim Teixeira da Silva Júnior, muitos outros sem dedicatória, e uma pequena coroa de flores artificiais dos vendedores de jornais de Entre-Campos, a mais valiosa, sem dúvida, pelo expressivo significado da sua modéstia.

As dez horas procedeu-se à soldagem da urna, na presença da família e pessoas da sua intimidade, e meia hora depois compareceu o rev. padre António Serrano, coadjutor da freguesia do Coração de Jesus, para rezar as orações do ritual, sendo a urna transportada para um carro fúnebre, puxado a duas parellhas, desaparecendo totalmente sob as montanhas de flores as suas negras decorações.

E com dificuldade se organizou o préstito, seguindo logo atrás do carro a direcção e numerosos associados da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, com a sua bandeira envolta em crepes.

#### A caminho do cemitério

Depois a multidão, a pé, de cabeça descoberta, desprezando os automóveis, que seguiam em interminável fila na retaguarda do préstito. Impossível colhêr uma nota exacta de nomes, tantos os que a Lino Ferreira quiseram prestar êste derradeiro preito de saúde.

De entre êsses, porém, e dos que no cemitério se reuniram, citaremos:

Todo o pessoal da redacção, administração, oficinas, etc., do *Diário de Notícias*, com o seu director, sr. Eduardo Schwalbach, que representava também o sr. general Vasconcelos Pôrto; chefe da redacção, Urbano Rodrigues, que representava o nosso sub-director, sr. dr. João do Amaral, e o sr. dr. Ramada Curto; Abel Moutinho, secretário geral, com a representação do sr. dr. Beirão da Veiga, administrador-delegado da Empresa Nacional de Publicidade; dr. Adolfo Andrade, do Conselho de Administração da mesma Empresa, que representava o sr. José Carlos da Silva; eng. Gabriel Reis, inspector geral das oficinas do *Diário de Notícias*; dr. Augusto de Castro, Pereira Coelho,

Matos Sequeira e Augusto Ricardo, do jornal *A Noite*; Tórres de Carvalho, pela redacção de *A Voz*; Maurício de Oliveira e Rogério Peres, do *Diário de Lisboa*; Ariosto Saturnino, da administração do *Diário de Notícias*; Luiz Lupi, pela Sociedade Propaganda de Portugal; general Vieira da Rocha; Pedro Bandeira, pela Sociedade dos Autores e Compositores Teatrais; Rafael Marques, pelos artistas do Maria Vitória; dr. Vasco Borges, Raul Esteves dos Santos, pela *Voz do Operário*; Alberto Tota, eng. Armando Ferreira, António Gomes Susano, Eduardo Fernandes (Esculápio), Ricardo Covões, Luiz Pereira, capitão César Loureiro, Félix Pinheiro, Álvaro de Andrade, Silva Tavares, Maria Matos e sua filha, Maria Helena, major Óscar de Freitas, inspector geral dos Espectáculos; Nobre Martins, Pereira Saraiva, do Teatro Variedades; José Machado de Oliveira Carvalho, pela Federação de Tiro Nacional Português; tenente-coronel aviador Pinheiro Correia, coronel Cifka Duarte, actores Manuel Correia e António Gomes, Dario Canas, da Câmara Municipal de Loures; dr. Tito Arantes, Júlio de Sousa, da Imprensa Libânio da Silva; empresário José Loureiro, dr. Campos Figueira e Campos Coelho, visconde de Asseca, actrices Emília Candeias, Mirita Casimiro, Margarida de Almeida, Josefina Silva, Hortense Luz, Gina Conde, Luiza Durão, Maria Salomé, Cesária Henriques, Albertina de Oliveira e Maria Albertina; actores Alfredo Henriques, Alberto Ghira, Henrique Albuquerque, Silvestre Alegirim, Luiz Pinto, Carlos Santos, Jorge Grave, João Gaspar, Rafael Ferreira, redactor de *O Século*; visconde de Santa Margarida, architecto António do Couto, cenógrafos Renda, Serra e Amâncio; J. Barros Queiroz, Stuart Carvalhais, actor Vasco Santana, redactores e tipógrafos da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, direcções do S. N. dos Jornalistas, do S. N. dos Pontos, contra-regras e maquinistas teatraes, Albino Alhandra, direcção da Fox Filmes, Limitada; actriz Irene Gomes, José da Câmara Manuel, dr. Freitas Esmeraldo, Alfredo Vieira Pinto, da Renascença Gráfica; capitão Barros Queiroz, maestro Artur Trindade, Bonifácio Guimarães, chefe dos armazéns do *Diário de Notícias*; Avelino de Sousa, actriz Elisa de Guisette, Mário de Figueiredo, do *Primeiro de Janeiro*, representado por Fernando da Assunção, da Agência do mesmo jornal; Gastão de Bettencourt, Luciano Moreira, Xavier de Magalhães, dr. Alfredo Cortez, Almêida Amaral, Alberto Barbosa, Félix Bermudes, João Bastos, José e Luiz Galhardo, Amadeu do Vale, Bento Faria, dr. José Ribeiro dos Santos, Júlio Coimbra, Fernando Ávila, Horto Júnior, David Lopes, José Malheiro, actrices Amélia Perry e Maria de Oliveira, actores Álvaro Pereira, Álvaro de Almeida, António Silva, João Perry, Augusto Soares e Eugénio Salvador, empresário Lopo Lauer, José Barbosa Júnior, cenógrafos Baltasar Rodrigues, Reinaldo Martins e Francisco Campos, D. Maria de Deus Silva, caricaturista Amarelhe, actor Estêvão Amarante, Carlos de Ornelas, director da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*; Gomes Monteiro, com a representação de Rocha Martins; Humberto Lallemand, Vasco Formigal, cenógrafo Joaquim Viegas, António Guedes, eng. Vasconcelos Melo, Fernando dos Santos, Cândido Soto Maior, tenente-coronel Santos Lôbo, José Bartolomeu Rodrigues, Jorge Ramos, pela *Gazeta Teatral* do Rio de Janeiro; J. Gomes da Silva, contra-regra Carlos Durão, António Assunção, Manuel Alfredo Rodrigues, Deniz Bordalo Pinheiro, Frutuoso Gaio, Herculano Levi, dr. Ferreira Deusdado, direcção da Companhia Portugália, George Heisé, Manuel Caiola, José de Almeida, actor João Calazans, direcção da Sociedade Central de Cervejas, Ricardo Teixeira, eng.º José de Jesus Pires, Moisés Israel, da Paramount Filmes; eng.º Luiz da Costa Amorim, Edouard Sattler, Jaime Graça, do jornal *A República*; António de Andrade, Luiz Palmeirim, dr. Germano Martins, actrices Maria Brasão e Amélia Trajano; direcção da Ass. dos Bombeiros Voluntários de Lisboa; maestros Venceslau Pinto, Frederico de Freitas, Bernardino Ferreira e António Lopes; actores Rosa Mateus, Piero, Francis, Francisco Costa e Mendonça de Carvalho; Nogueira de Brito, representantes de todos os jornais de Lisboa e Porto, Belo Redondo, representando os escritores portuenses Arnaldo Leite e Campos Monteiro; Fausto Vilar, representando o subchefe da Redacção do *Diário de Notícias*; Aprigio Mafra, Mário Barros, pelo sr. Amâncio Caiola Zagalo, secretário da Empresa Nacional de Publicidade; Sabino Correia, com a representação dos srs. Leopoldo O'Donnell

Diário de Notícias, Os Sports e O Volante, com um interessante passeio-piquenique de Lisboa a Mafra com visita ao Convento e à Tapada. 13 — Notícia ter deixado o cargo de subdirector do Diário de Notícias o sr. dr. João do Amaral (8).  
14 — Em fundo, artigo de Luiz Teixeira

e José Figueirôa, respectivamente sócio do falecido no Teatro Maria Vitória e secretário do Salão Batalha, no Pôrto; dr. Francisco Veloso representando a direcção da Associação Commercial e o seu presidente, o sr. Roque da Fonseca; Cardoso dos Santos, etc.

Por tôdas as ruas do extenso trajecto a multidão se descobria respeitosa e comovida ao saber que iam passando os restos mortais de quem em vida tanta e tão merecida popularidade conquistara pelos seus belos dotes de carácter e de inteligência, incorporando-se ainda muitas pessoas no préstito funebre numa das mais sentidas manifestações de pesar a que temos assistido.

#### Os turnos

No cemitério foram feitos os seguintes turnos, conduzindo a urna aos ombros os que nêles tomaram parte:

Do carro mortuário até à capela, os vendedores de jornais, srs. Raul Marques Pereira, Mário Soares, Manuel Dias de Matos, Evangelino Pereira, Cecílio Costa, Manuel Ferreira Matoso e Diamantino Monteiro.

Da capela até ao jazigo, ainda os vendedores de jornais, srs. Mário Soares, José António Resse, Manuel Francisco Matos, Adriano Mendes, António Milheiros e João Fernandes da Silva.

Actores srs. José Alves, Fernando Isidro, Santos Carvalho (Ricardo), Francisco Ribeiro, José Campos e Alberto Miranda.

Antigos camaradas de trabalho na redacção do *Diário de Notícias*: Augusto Pinto, Mário Barros, Augusto Cordeiro, Pinto Monteiro, Oldemiro César, Rodrigueto e Belo Redondo.

Colaboradores do extinto, os srs. Xavier de Magalhães, Almeida Amaral, Santos Tavares, Fernando Santos, Lourenço Rodrigues, Ernesto Rodrigues (filho) e Fernando Avila.

Dirigiu o funeral o sr. João Lopes Guerra.

Enviaram telegramas de pésames, entre outras muitas pessoas, os srs.: Acácio de Paiva, Arnaldo Leite, Campos Monteiro, D. Ana Rosa, D. Ana Matos, José Leitão, João Fernandes, Ascenção Barbosa, Elisa Carreira, Craveiro Lopes, D. Maria Antero Pardal, etc.



A Federação das Sociedades de Educação e Recreio enviou-nos um expressivo officio manifestando o seu pesar pelo falecimento do nosso querido camarada e fêz-se representar no funeral pelo sr. Manuel Vaz Ferreira, em nome de tôdas as suas federadas, em cujos palcos Lino Ferreira iniciou a sua vida de autor e amador dramático

Também nêle se fizeram representar o Secretariado da Propaganda Nacional, o Sindicato Nacional dos Jornalistas e o S. N. dos Criticos de Teatro.

(8) Na 1.<sup>a</sup> página, a seguir ao fundo:

«Deixa hoje o cargo de subdirector do *Diário de Notícias* o sr. dr. João do Amaral, jornalista dos mais ilustres da nossa terra e que não só no exercicio daquela função, mas também como seu antigo colaborador, a êste jornal dedicou alguns dos melhores e mais brilhantes momentos da sua actividade intellectual. Não é sem profundo pesar que vemos afastar do nosso convívio de tôda a hora uma personalidade tão culta e por tantos títulos distinta.»

sobre Eduardo Coelho, com a recordação de fazer neste dia cinqüenta

anos que morreu o fundador do Diário de Notícias (9).

(9) Arquivamos com o respectivo título, as referências em questão:

## EDUARDO COELHO

### A romagem de hoje ao túmulo do fundador do «Diário de Notícias»

*Faz hoje cinqüenta anos que morreu Eduardo Coelho.*

*Eduardo Coelho foi um dos fundadores do Diário de Notícias. E foi — justo é recordá-lo e repeti-lo mais uma vez — o seu principal animador.*

*Homem de lúcida inteligência e de larga visão, pôs nessa iniciativa o melhor do seu entusiasmo e de sua fé. Soube escolher os seus colaboradores. Soube conduzir, com tato, o jornalzinho modesto que lançava a público, e por forma a vê-lo singrar, poucos meses depois, em maré de fortuna. Soube fazê-lo vencer.*

*Tão claras, tão formais e tão seguras foram as directrizes marcadas ao seu empreendimento que nesta casa os herdeiros da sua obra apenas tiveram a tarefa de a continuar no mesmo rumo. Estava-lhes por êle aberta uma senda, rude embora, mas iluminada pelo seu fervor, saber e experiência, de maneira a desbravarem, com facilidade, quantas dificuldades se lhes antolhassem. Quando Eduardo Coelho morreu o Diário de Notícias estava feito, firmado na vida, dotado de tôdas as forças para bem prosseguir na sua missão. Era o primeiro jornal português. Continuou a sê-lo. E assim continuará, esperámo-lo bem.*

*Compreende-se portanto que nesta data — a do cinquentenário da morte do fundador dêste jornal — quantos nêle trabalham se considerem no dever de prestar uma sentida homenagem à sua memória tutelar. E hajam, por isso, resolvido ir hoje, em piedosa romagem ao túmulo de Eduardo Coelho, levar-lhe o preito da sua muita saúde e do seu reconhecimento. Assim, quando alguém há dias aqui sugeriu êsse gesto logo para êle encontrou o assentimento geral dos trabalhadores do Diário de Notícias. E que se tratava dum acto de absoluta justiça, caro a seus corações.*

*A romagem ao túmulo de Eduardo Coelho faz-se hoje, às 14 horas e meia, hora a que todo o pessoal dos escritórios, oficinas e redacção dêste jornal, tendo à frente os seus chefes, director e membros da Administração da Empresa Nacional de Publicidade, se concentrarão para êsse efeito, à porta do cemitério dos Prazeres.*



No dia 28 de Dezembro de 1848, os Magros, almocreves das recovagens entre Coimbra e Lisboa, entravam na capital, ao entardecer, trazendo em sua companhia um rapaz de treze anos que vinha tentar a vida do comércio numa loja de ferragens da rua dos Capelistas. Aí se demorou em serviços humildes de marçano até passar para a rua dos Fanqueiros, onde, até 1854, vendeu pregos e ia escrevendo às escondidas, pelos cantos do armazém, os primeiros versos e os capítulos tímidos dum romance de estreia: «O pastor da floresta». De mau humor, o patrão profetizava-lhe um futuro de pelintrice se continuasse com a mania da poesia. Alguns anos depois, porém, esquecidas as discussões do passado, escreveria ao seu antigo caixeiro, já então director do *Diário de Notícias*, pedindo-lhe que apresentasse ao público, nestas columnas, os versos de seu filho — o poeta Cesário Verde. Quando Eduardo Coelho, com um capital de cinco mil réis de economias, deixa a casa de José Anastácio Verde e atravessa com a sua maleta cheia de livros as ruas da cidade em busca de pensão, encontra o funeral de Garrett a caminho do Cemitério dos Prazeres.

O primeiro periodo do Romantismo empalidece. Ainda há noites estrondosas em

— Regista que no passeio que neste dia 15 — Descreve a romagem ao túmulo de se realiza a Mafra tomam parte 160 Eduardo Coelho, realizada na vésperas (10).  
automobilistas e motociclistas.

S. Carlos, mas os bailes fantásticos das Laranjeiras — espuma de amor e de elegância — acabavam; Herculano ainda não partiu para Vale de Lobos; Castilho traduz Anacreonte, mas já medita «O Outono», na trágica solidão de sua cegueira; Camilo redige o «Almanaque do Povo» e um jovem da ilha de S. Miguel, barbas de apóstolo e olhar transparente fitando o céu, numa ambição, passa por aqui a caminho da Universidade de Coimbra. Loulé está no Poder e nas nossas ruas surgem as primeiras *caleches* e *coupés*. Lisboa, calma e sonolenta, arrasta o seu viver entre galanteios nas alamedas do Passeio Público, ditos de espírito à porta da Mónaco, tropejar declamatório de retórica em S. Bento e um prolongado e bocejante sossêgo de indiferença por tóda a parte. Compositor tipográfico e cronista do «Jardim Literário» e do «Parlamento», Eduardo Coelho lança o «Boletim Noticioso», prefácio remoto do *Diário de Notícias*. D. Pedro V visita os hospitais cheios de doentes atacados pela febre amarela, e passa por uma cama de enfermaria onde, coberto com um lençol e considerado perdido pelos médicos, Eduardo Coelho parece abandonar a vida. Salvo, deixa a Imprensa Nacional e entrega-se com mais fervor ao jornalismo e às letras. Colabora em muitas fólhas periódicas desde a «Revolução de Setembro» à «Crónica dos Teatros». Duas grandes figuras do século — José Estêvão e António Feliciano de Castilho — têm-no como secretário. É ele quem apresenta ao público Pinheiro Chagas, num folhetim do «Conservador».

Homem pobre, a sua bondade extraordinária e excepcional não tem comparação. Nunca fecha à chave a porta do seu quarto. Certa noite, quando ia para deitar-se, encontra dormindo tranquilamente no seu modesto leito um homem desconhecido, mais pobre do que ele. Nem o acordou. Desce as escadas e vai passar o resto da noite sobre velhos papéis, na sala da redacção... A Imprensa portuguesa da época, asfixiada de amadorismo, de literatura romântica e de desregramento polemista, ia ter, finalmente, um grande jornal de informação. Mestre de reportagem, patriota entusiasmado, trabalhador infatigável, «ninguém como ele tem realizado o milagre de fazer duma simples fôlha de papel impressa dos quatro lados uma necessidade pública», escreve Guilherme de Azevedo. As suas qualidades «quasi santamente cândidas», no dizer de Oliveira Martins, e a sua visão fizeram deste jornal um forte instrumento da vida portuguesa dedicado sem reservas ao serviço da Pátria e às exigências do progresso, embora superiormente orientado por este princípio definido por um dos seus antigos directores: «O *Diário de Notícias* e os seus dirigentes têm também sempre reivindicado para si o direito de de se conservarem alheados de manejos ou conjuras de facções, e superiores — ou inferiores, se assim se entender melhor — às paixões que se debatem nas arenas dos partidos» (a).

Faz hoje cinquenta anos que morreu Eduardo Coelho. A glória do seu nome e a nobreza da sua vida, iluminada pela claridade dos mais puros ideais e do mais ardoroso amor da Pátria, continuam vivas através destas páginas, onde uma grande família de gente de trabalho procura seguir o seu exemplo admirável num intenso esforço de todos os dias e de tódas as horas.

LUIZ TEIXEIRA

(a) Consultado: «O *Diário de Notícias* — A sua fundação e os seus fundadores», pelo dr. Alfredo da Cunha.

(10) A Eduardo Coelho, espírito gentil que há 50 anos abandonou a transitoriedade terrena, foi ontem prestada homenagem calorosa pelos continuadores da sua obra.

A ele se deve a iniciativa magnífica da criação dum grande jornal popular, de um jornal que sendo do povo servisse a Nação, que fôsse instrumento e órgão do progresso e da grandeza de Portugal. Assim nasceu há 75 anos o *Diário de Notícias*.

Aquêles que nesta casa trabalham, que continuam a sua obra e se orgulham em

— Descreve pormenorizadamente o que 16 — Sob a rubrica Eduardo Coelho, volta  
foi o anunciado passeio automobilístico a Mafra. a referir-se à saudável romagem que  
na antevéspera se fez.

seguir as directrizes traçadas por Eduardo Coelho, foram ontem ao Cemitério dos Prazeres em sentida romagem de saúde.

Lá estavam os srs. Eduardo Schwalbach, director do *Diário de Notícias*, dr. Beirão da Veiga, dr. Adolfo Andrade, José Carlos da Silva, dr. Alfredo da Cunha, Abel Montinho, Urbano Rodrigues, eng.<sup>o</sup> Gabriel Reis, dr. Fernando Emídio da Silva, general Pereira Bastos, dr. José Coelho da Cunha, coronel Pereira Coelho, que representava «A Noite» e o seu director, sr. dr. Augusto de Castro, Antero Nobre, pelos «Sports» e pelo seu director, sr. Raul de Oliveira, e os chefes de tôdas as secções do *Diário de Notícias*, assim como delegações do pessoal.

Uma vez junto do jazigo de familia de Eduardo Coelho, onde se encontravam muitas senhoras, o sr. Eduardo Schwalbach depôs sobre o ataúde do antigo jornalista um formoso ramo de cravos.

Depois, o sr. dr. Beirão da Veiga, administrador-delegado da Empresa Nacional de Publicidade, pronunciou, entre o respeitoso recolhimento dos presentes, o seguinte discurso:

«Perfaz hoje 50 anos que o corpo inerte de Eduardo Coelho repousa sob as pedras frias desta sepultura e 50 anos faz hoje também que a sua alma partiu para a vida misteriosa e eterna.

O seu corpo, corroído, como é princípio fatal da Natureza, por vermes irreverentes, decompôs-se aqui, perto de nós, quasi à vista do nosso olhar contristado.

Mas a sua alma, essa, elevou-se até às culminâncias do espaço etéreo e lá vive e de lá nos contempla na labuta constante do nosso trabalho. Foi nela que o *Diário de Notícias* se gerou. A nossa casa, fruto vigoroso do seu pensamento, é um padrão de glória a comemorar o êxito da perseverante honradez.

A Eduardo Coelho, como directos colaboradores da sua obra, como membros da sua familia espirital, devemos todos grato reconhecimento pelo trabalho honesto que nos legou, e, como continuadores do seu esforço, obediência severa aos lemas fundamentais do seu pensamento, fidelidade esta que constitue a mais expressiva manifestação de respeito absoluto prestado à sua tão digna e gloriosa memória.

O *Diário de Notícias* despontou, um dia, qual sonho ingénuo na imaginação luminosa de Eduardo Coelho. Depois, o sonho tornou-se pensamento constante, idéia fixa, a ponto de o seu espirito o procriar com affecto mais do que maternal.

Alfim o sonho chegou a realidade e o *Diário de Notícias* surge à luz do dia rodeado de mil cuidados extremos, instalado em pequeno e modesto berço, à cabeceira do qual vela atento o seu progenitor.

No periodo incipiente dos primeiros passos hesitantes, Eduardo Coelho ampara-o carinhoso, condu-lo cautelosamente pelo caminho bem gradado da virtude, da verdade e da bondade.

Os anos rodam e o pequenino *Diário de Notícias*, sempre sujeito à vontade enérgica e ao bom senso incomparável do seu tutor, desenvolve-se, robustece-se, prestigia-se e atinge finalmente a maioridade quando já por todos os coevos era reconhecido como alto valor nacional.

Ia o *Diário de Notícias* dobrando as suas vinte e cinco primaveras quando, no dia 14 de Maio de 1889, o seu progenitor parte para a viagem final, deixando cobertos de luto e pungidos de dor os corações dos parentes, dos colaboradores, dos amigos numerosos e dos admiradores sem conta.

Mas Eduardo Coelho morre, porém, depois de bem cumprir o seu dever de português, por isso que, finando-se, lega à Pátria um dos mais poderosos elementos de

ao túmulo do fundador do *Diário de Notícias* (11).

21 — *Notícia que o sr. dr. Augusto de Castro assumiu as funções de director*

do *Diário de Notícias*, que já exercera e que lhe foram agora transmitidas pelo sr. Eduardo Schwalbach (12).

aglutinação das forças da ordem que neste período, por vezes tão convulsionado dos últimos cinqüenta anos, surgiu na terra lusitana.

A memória de Eduardo Coelho nem só de nós, como directos colaboradores e continuadores da sua obra, merece homenagens de respeito e gratidão, pois essas homenagens são-lhe devidas também por todos os portugueses que fazem da Pátria divindade e da ordem religião.

As singelas flores que aqui deixamos simbolizam a expressão do nosso mais profundo culto pelo exemplo que Eduardo Coelho nos dá, através da sua vida e da sua obra, de lutador honestíssimo e de plebeu português nobilíssimo.

Breve, porém, estas flores hão-de murchar, pouco durará o seu perfume delicado, bem pouco perdurarão suas cores variegadas.

Mas nós, como trabalhadores do *Diário de Notícias* e como portugueses amantes da nossa terra, pedimos a Deus que o teu exemplo, Eduardo Coelho, viva dentro de nossa alma como uma luz a norteá-nos na vida, como uma voz a animar-nos no labor quotidiano, como um padrão a lembrar-nos os deveres de patriota, como um farol a marcar-nos o caminho da honra e como uma relíquia sagrada a incitar-nos à prática do bem.

Que paz eterna dê Deus à tua alma e que o teu exemplo fortifique os nossos espíritos.

Terminado o discurso, o sr. Eduardo Schwalbach propôs que a romagem se estendesse aos mausoleus de Brito Aranha, grande colaborador e amigo de Eduardo Coelho, Sousa Viterbo e Tomaz Quintino Antunes (conde de S. Marçal), que, com o homenageado, fundaram o *Diário de Notícias*.

Finda a cerimónia, os presentes cumprimentaram os srs. drs. Alfredo da Cunha e José Coelho da Cunha.

(11) A homenagem anteontem prestada à memória de Eduardo Coelho, fundador deste jornal, a-propósito do 50.º aniversário do seu falecimento, assistiram, além das pessoas a que nos referimos, a sr.ª D. Maria da Luz Coelho de Castro Brito, filha de Eduardo Coelho, e seu marido, o sr. dr. Diogo de Castro e Brito, assim como as suas três filhas, e as duas netas do mesmo ilustre jornalista, filhas do falecido José Tomaz Coelho, e seus maridos.

Todos se mostraram muito sensibilizados pela iniciativa do *Diário de Notícias*, e ouviram com manifesta comoção as sentidas palavras do formoso discurso do sr. dr. Beirão da Veiga.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, antigo director deste jornal, veio ontem agradecer-nos, em nome da família de Eduardo Coelho, a homenagem prestada à memória do saudoso fundador do *Diário de Notícias*.

Impossibilitado de comparecer, por motivo de serviço inadiável, o nosso camarada sr. engenheiro Paulo de Brito Aranha fêz-se representar na piedosa romagem de anteontem pelo nosso colega Mário Barros.

(12) O sr. dr. Augusto de Castro tomou ontem, à tarde, posse do cargo de director deste jornal. Ou melhor: reassumiu, depois dum interregno de quinze anos, as funções que no *Diário de Notícias* exercera de 1919 a 1924.

Recebeu êsses poderes das mãos do seu grande amigo Eduardo Schwalbach, numa cerimónia muito simples, sem deixar de ser muito solene e muito impressionante.

A solenidade emprestou-lhe a presença de muitas dezenas de pessoas de alta categoria social, que encheram a nossa redacção para testemunharem, igualmente, ao direc-

tor que deixava o seu pósto e ao que nêle lhe sucedia, altissimo aprêço e consideração. Bem se pode afirmar, com effeito, que nenhuma dessas individualidades esteve ontem no *Diário de Notícias* especialmente para abraçar apenas Eduardo Schwalbach, na hora em que se retirava da vida activa do jornalismo, ou apenas o dr. Augusto de Castro, na hora em que regressava ao seu antigo pósto. Para e por ambos vieram, unindo-os no seu mesmo carinho e amizade.

E porque de amizade foi a cerimónia, daí a profunda impressão, impressão mista de tristeza e de alegria, que todos sentiram nesses momentos.

De entre as muitas pessoas que estiveram às 17 horas na sala da redacção do *Diário de Notícias*, e por completo a encheram, registamos os nomes dos srs. dr. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências; dr. Augusto de Vasconcelos, eng. Silva Bastos, do S. P. N.; José Maria Álvares, presidente, e drs. Cortez Pinto e Torcato Pardal Monteiro, eng. Octávio Leitão, Sebastião Alfredo da Silva, directores, e dr. Manuel Trancoso, secretário geral da Associação Industrial Portuguesa; Joaquim Roque da Fon-



Posse do sr. dr. Augusto de Castro, em 20 de Maio de 1939

seca, presidente da Associação Comercial de Lisboa; professores dr. Abel de Andrade e dr. Fernando Emídio da Silva, dr. Vasco Borges, dr. Manuel de Oliveira Ramos, José de Abreu Reis, dr. António Centeno e Elio de Melo Rêgo, administradores das C. R. G. E.; dr. Ribeiro Lopes, eng. Monteiro de Barros, Júlio Caiola, agente geral das Colónias; coronel António Maia, inspector da Aeronáutica Militar; dr. José Bruno Carreiro, Alfredo Soares, Félix Bermudes e Luiz Galhardo, presidente e director da Sociedade dos Escritores e Compositores Teatraes Portugueses; Ricardo Covões, dr. José Galhardo, António de Macedo, Alberto Barbosa, dr. Freitas Esmeraldo, Rocha Martins, João Monteiro, dr. Campos Coelho, dr. Ricardo Jorge (filho), Gustavo de Matos Sequeira, Cardoso Marta, Francisco Laje, coronel Mário de Campos, tenente-coronel Silvão Loureiro, João Ortigão Ramos, Manuel Ortigão Burnay, Fernando Fragoso, Luiz Lupi, representante da Agência Reuter; John P. Mcknight, representante da Associated Press, Jaime de Carvalho, António Lopes Ribeiro, dr. Eurico Serra, Luiz de Montalvor, Bourbon e

Meneses, Jaime Silva (filho), Ricardo Vale, Leitão de Barros, Lôbo de Campos, D. Oliva Guerra, eng. João Terenas, José Carreira, Edmundo de Oliveira, representando a revista *Indústria Portuguesa*; Celestino Soares, Campos Júnior, Assis Esperança, José Lopes Vieira, etc., além de todo o Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónias: Carlos Ramires dos Reis, Álvaro Baptista Jacquet, Alfredo Moreira, Manuel Gonçalves da Silva, Ermete Pires e José Casimiro Deniz; Administração da Empresa Nacional de Publicidade: drs. Adolfo Andrade e Beirão da Veiga e José Carlos da Silva; coronel Pereira Coelho, dr. João Ameal, Artur Maciel e todo o corpo redactorial de *A Noite*; funcionários superiores de tôdas as secções do *Diário de Notícias*, seus redactores e principais colaboradores, etc.

Quando os srs. Eduardo Schwalbach e dr. Augusto de Castro entraram na sala a assistência recebeu-os com uma grande salva de palmas.

O nosso antigo director fêz a entrega dos seus poderes em meia dúzia de palavras concisas, comovidas e ouvidas no meio dum largo silêncio. Que tinha a maior honra e o maior prazer em devolver a direcção do *Diário de Notícias* ao seu velho e querido amigo dr. Augusto de Castro, de quem a recebera quinze anos antes. E falou das saúdes que levava de todos os que haviam com êle trabalhado. Restava-lhe, no entanto, uma compensação: a certeza de que o jornal ficava confiado a muito boas mãos.

O sr. dr. Adolfo Andrade, presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade; o sr. dr. Beirão da Veiga, director-delegado dessa Empresa, e o sr. Carlos Ramires dos Reis, presidente do Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, depois de renderem homenagem aos fulgores da inteligência, do espírito e do coração de Eduardo Schwalbach, que viam com pena afastar-se da direcção efectiva deste jornal e congratularam-se pela volta do sr. dr. Augusto de Castro ao exercício de funções em que muito se distinguira, certos de que engrandeceria, como nesse tempo, o *Diário de Notícias*, o manteria na mesma senda e mesma posição da primeira fila na Imprensa portuguesa.

Por fim o sr. dr. Augusto de Castro acentuou que, se não fôsem imposições protocolares e a presença de tão qualificadas pessoas que davam àquela cerimónia muito lustre e honra, dispensados muito especialmente ao *Diário de Notícias*, se limitaria a terminá-la em abraços affectuosos e cordiais aos seus colegas de ontem e de hoje, na maior intimidade. Contudo, por causa de assistência tão numerosa e escolhida, obrigado se considerava em agradecer publicamente as palavras que se lhe haviam dirigido. Para Eduardo Schwalbach reservava os agradecimentos num artigo que iria (o artigo em fundo inserido) publicar em número de hoje. Ao dr. Caetano Beirão da Veiga, em saudação muito carinhosa, e aos srs. dr. Adolfo Andrade e Carlos Ramires dos Reis assegurava a sua mais viva e absoluta disposição em consagrar-se ao serviço do *Diário de Notícias*, que o mesmo era dizer do País, com a boa vontade e a dedicação com que já o fizera. Não traçava programa, porque o seu programa era o que mantivera em cinco anos, era o programa seguido, afinal, durante os setenta e cinco anos da vida deste jornal. Limitar-se-ia, portanto, a dizer:

— O *Diário de Notícias* continua!

Os srs. Eduardo Schwalbach e dr. Augusto de Castro receberam depois efusivos cumprimentos de tôdas as pessoas presentes. Muitas outras pessoas lhes telefonaram, telegrafaram ou escreveram, ou vieram, pelo resto da tarde e noite, ao *Diário de Notícias* com o mesmo intento de os saúdar.



Em fundo, e sobre a personalidade do ex-director sr. Eduardo Schwalbach, trouxe neste dia o *Diário de Notícias* o seguinte artigo:

## O JORNAL E A VIDA

Eduardo Schwalbach, que deixou ontem a direcção do *Diário de Notícias*, é uma alta figura nacional. Escritor de teatro, as raízes da sua larga e admirável obra ligam o seu espírito à melhor e mais bela tradição portuguesa. O seu riso, que iluminou Lisboa durante duas gerações, foi sempre profunda, exclusivamente português — português pela côr local, pela malícia desprovida de fel, pelo poder da caricatura, pelo traço lírico da graça. Esse satirista é um bom até à medula; êsse incorrigível noctívago nunca deixou de ser, pela claridade, pelo sol da alma, um sadio e um forte.

A figura de Schwalbach pertence a uma época de ouro do Teatro português. Entre essa pleiade de escritores, de filiação garrettiana, que começa em Lopes de Mendonça e acaba em Marcelino e D. João da Câmara, e tem em Júlio Dantas o seu mais alto representante vivo — entre essa pleiade de escritores, o autor dessa obra prima que se chama a *Bisbilhoteira* salta quatro séculos — e vai procurar na tradição vicentina a viva fonte da sua inspiração popular. As suas «revistas» constituíram grandes frescos da farsa portuguesa e admiráveis albuns ilustrados do seu tempo.

Os grandes caricaturistas dessa época foram Rafael Bordalo e Schwalbach. A caricatura, para constituir uma expressão nobre de arte, não é apenas a demolição. A sátira de costumes tem de ter alguma coisa de construtivo para ser um instrumento social. A arte é, por essência, criadora: nunca pode ser apenas a negação. Rafael Bordalo foi, sob êsse aspecto, um criador. O «Zé Povinho» ficou um símbolo nacional. Schwalbach criou igualmente uma galeria de tipos que a sua prodigiosa veia cômica e a sua emoção, deliciosamente lírica, animaram de uma flagrante e humana vida cénica.

Êsse diabo de homem esguio, com uma barbicha sentimental, dois olhos de Aristófanes, um monóculo da melhor escola romântica, teve sempre o teatro no sangue. E a alegria, que foi, na arte como na vida, a sua fôrça, representa uma das formas da sua ternura — dessa ternura trasbordante, irresistível, que é nêle a respiração da alma. Rindo, foi espalhando pelo Mundo coração com uma prodigalidade que não tem limites. O seu coração foi e continua a ser o grande luxo e a grande boémia doirada dêsse gentleman literário — que é talvez, em Portugal, o último abencerragem de uma grande tradição de espírito.

Entre o teatro e o jornalismo há afinidades de sangue. A escola de observação, de improvisação é a mesma. A mesma a escola do público. Em regra, os grandes homens de teatro saem do jornalismo. Do jornalismo para o êxito do palco saíram em Portugal Pinheiro Chagas, António Enes, o próprio D. João da Câmara. Schwalbach, grande senhor da comédia portuguesa, saiu do jornalismo — e ao jornalismo militante, numa dada época, voltou. O *Diário de Notícias* deveu à sua passagem brilhante por esta casa quinze anos inolvidáveis que terminaram ontem.

O jornalista que êle, em 1924, substituiu vem hoje, por seu turno, substituí-lo. A vida tem destas singulares coincidências. O Destino é mais forte do que os homens. E o abraço de acolhimento e despedida dado há quinze anos, renovámo-lo ontem — e com igual sinceridade. E assim como êle, durante os anos de ausência, conservou junto de si o retrato e a sombra amiga de quem hoje regressa, êste saberá conservar, intacto, neste pequeno gabinete, que foi de ambos, a recordação afectuosa da sua despedida e da sua camaradagem.

Quinze anos. Foi ontem. Foi ontem que quem escreve estas linhas saíu, com uma ponta de comoção que deve ter conseguido disfarçar mal, dêste mesmo lugar e nestas mesmas colunas, os leitores que deixava — e que novamente encontra hoje. Somos velhos conhecidos — nós e os leitores dêste jornal. Iamos a dizer — velhos amigos.

Um dos empolgantes e misteriosos segredos dêste officio, duro mas tentador, do jor-

22 — *Refere-se à cerimónia posse do director do Diário de Notícias (13).*

ao Diário de Notícias do dia 5 (14).

12 — *Relata que chega dentro de dias a Lisboa o «Bonifácio», e que entre os milhares de prospectos lançados ontem de avião sobre a cidade, a*

### Junho

7 — *Regista cativantes referências de A Voz*

nalismo é o contacto disperso, fluido, imponderável que, através das fôlhas ennegrecidas de um jornal, liga todos os dias, sem cessar, o pensamento de um escritor à anónima e fiel simpatia de milhares de criaturas que o seguem. Há neste labor ininterrupto, nesta tarefa tódas as madrugadas concluída e sempre incompleta, como que uma sensação de intimidade imperfeita e de renovação permanente, que constitue o seu irresistível sortilégio.

O público de um grande jornal cria, com o tempo, uma espécie de alma colectiva, como que uma invisível personalidade distante e sempre presente. Não nos conhecemos todos pelo nome, mas acabamos por nos entender à força de, durante meses e anos, nos encontrarmos à mesma hora unidos pela atracção comum do mesmo pensamento ou do mesmo acontecimento. E assim como o jornalista faz o jornal, pode dizer-se que o jornal faz o jornalista. O leitor molda o nosso espírito, como nós moldamos essa massa plástica, viva, rebelde e indefinível que se chama o público. Esfôrço esgotante, recíproco e maravilhoso de que cada manhã nasce a mesma e uma nova imagem.

Os homens que servem esta máquina imensa e trepidante que é a imprensa moderna passam. O jornal fica. O homem que parte, um homem que entra — simples incidente sem importância de maior. Ontem e hoje são palavras sem significado nesta profissão, que quotidianamente se cria e destrõe na mesma expectativa insatisfeita.

Schwalbach deixa um lugar, mas estas fôlhas de papel que o seu espírito encantador habitou durante tanto tempo, conservarão a marca que êle lhes deixou. Parece que tudo se perde num jornal — e nada afinal se perde. E o próprio Director de há quinze anos que volta hoje encontra aqui alguma coisa de si próprio e que não se perdeu também. Não saberia, nem que quisesse, dizer o quê. Onde ficou um pouco da nossa alma, ficámos nós também. E é dèsses milhares de almas esparsas, que se fundem, se renovam, se multiplicam, no espaço e no tempo, que nasce esta criação impessoal de que afinal é autor muito mais quem lê do que quem escreve.

¿Não é verdade, meu caro Schwalbach? Nós somos todos os pais e os escravos da mesma sombra incerta que se chama a Vida e de que o jornal é, no Mundo moderno, a mais flagrante e palpitante imagem.

(13) Na notícia que ontem publicámos da posse do sr. dr. Augusto de Castro demos relação dos nomes de muitas pessoas de categoria, que ilustraram com a sua presença êsse acontecimento. Mas, dada a quantidade e dificuldade dèsse apressado trabalho de registo, necessariamente algumas haveriam de ficar fora dos nossos apontamentos. Estão, nesse caso, por exemplo, cinco pessoas amigas, que só por êsses motivos não citámos: os srs. Fausto de Figueiredo, architectos Pardal Monteiro e Cotinelli Telmo, drs. José Cabedo e José Charters Lopes Vieira. Do que lhes pedimos desculpa.

(14) Sob a epigrafe *Diário de Notícias*, dizia ontem o nosso prezado colega *A Voz*: «Magnífico o número de ontem do *Diário de Notícias*. Representa êle um êxito de reportagem verdadeiramente excepcional. Tódas a homenagem ontem prestada em Salamanca aos combatentes portugueses é relatada com minúcia, largamente documentada com textos, acompanhada de abundantíssima e sugestiva reportagem fotográfica.

Certos estamos de que nenhum jornal espanhol fêz tanto. Se os acontecimentos tivessem ocorrido em Lisboa, não podia a reportagem ser melhor.

Um triunfo, pelo qual felicitamos o *Diário de Notícias*.

Constitue êste número do nosso colega homenagem jornalística verdadeiramente digna dos heróicos «Viriatos». Não só nas notícias e nos textos dos discursos estava a

anunciar a sua chegada, foram distribuídos três mil escudos.

- 17 — Notável página do *Diário de Notícias* sobre a visita do Chefe de Estado a Moçambique e Cabo Verde.
- 19 — Descida de «Bonifácio» em paraquedas, na Luz, anunciando a VIII Volta a Portugal em Bicicleta e a publicação da novela desportiva e cinematográfica «A Varanda dos Rouxinóis».
- 24 — Notícia que «Bonifácio» visita neste dia Faro.
- 25 — Regista que em termos penhorantes o Correio dos Açores se referiu ao sr. dr. Augusto de Castro, a propósito do

seu regresso ao cargo de director do *Diário de Notícias*.

- Informa que, organizada pelo *Diário de Notícias*, se vai realizar no Coliseu uma grande festa regionalista a favor dos pobres de Lisboa.

#### Julho

- 14 — Notável entrevista do director do *Diário de Notícias*, sr. dr. Augusto de Castro, feita, em Burgos, com o generalíssimo Franco.
- 16 — O *Diário de Notícias* promete, em fundo, aos seus leitores, a criação de novas secções (15).
- 17 — Regista que em homenagem ao Diá-

homenagem, mas também em dois honrosos autógrafos, que o *Diário de Notícias* reproduziu em zincogravura.»

E depois de transcrever os autógrafos dos generais Fidel d'Avila e Milan Astray, conclue *A Voz*:

«Este honroso testemunho dos dois grandes cabos de guerra é dos que devem arquivar-se no haver moral da nossa gente.»

Muito agradecemos as referências do nosso prezado colega acima reproduzidas e que traduzem uma boa camaradagem.

(15) Um jornal moderno não é apenas um repositório de factos. Deve ser também um veículo de idéias e realizar uma missão educadora, cívica e cultural. Cónscio dessa missão e fiel às tradições que o criaram e lhe deram o lugar que ocupa na sociedade portuguesa, o *Diário de Notícias* vai organizar e desenvolver a sua leitura, por forma a interessar cada vez mais todas as camadas de opinião e todos os sectores do público que fielmente o seguem. Assim, a despeito da falta de espaço que por vezes nos impede de dar um maior desenvolvimento a todas as secções, o *Diário de Notícias* começa hoje a publicar uma página — *A Vida, os Homens e os Factos* — em que inserirá artigos sobre todos os problemas que interessam, de baixo do aspecto social, político, científico ou artístico, a existência e a cultura portuguesas. Será uma página cultural, em que colaborarão as figuras mais representativas do Espírito Português, inserindo, não apenas estudos sociais, crónicas e críticas literárias, mas notícias e factos de Portugal e do estrangeiro sobre os diferentes problemas e conhecimentos da actualidade intelectual.

Dentro em dias iniciaremos igualmente, com os mesmos intuitos, uma página — *A Mulher, a Criança e o Lar* — consagrada a tudo o que interessa a vida feminina, a vida doméstica, a puericultura, a pedagogia, a literatura infantil.

Outras páginas, que serão periódicamente publicadas e se alternarão, virão sucessivamente realizar o propósito que o *Diário de Notícias* tem de corresponder, pela variedade, pelo interesse e pela função da sua leitura, à curiosidade e à simpatia do público português, que procura hoje, como todos os públicos do Mundo, no jornal não apenas distrair-se e informar-se, mas educar e cultivar o seu espírito.

A página *A vida, os Homens e os Factos*, que iniciamos com o número de hoje, tem o seguinte sumário:

*Portugal e a Academia de Itália*, por Alberto de Oliveira; *Velasquez, neto de portugueses*, de Reinaldo dos Santos; *Espiões do valido de Felipe IV*, de Rocha Martins; *A porta principal dos Jerónimos*; *Cultura portuguesa, Cultura estrangeira*; *Bibliografia*.

- rio de Notícias foi brilhante a festa realizada na véspera, à noite, no Grémio de Pedrogão Grande. Foi oferecido ao representante do Diário de Notícias um «Pôrto de Honra» no qual se trocaram afectuosos brindes.
- 24 — Regista a visita do «Rancho das Rosas», da Figueira da Foz, feita na véspera ao Diário de Notícias.
- Regista festas de homenagem ao Diário de Notícias realizadas na Casa de Ferreira do Zêzere e um sarau na Casa de Lafões.
- 27 — Informa que, em substituição de Rocha Martins, assumiu a direcção do Arquivo Nacional o jornalista Gomes Monteiro (16).
- 30 — Notícia do falecimento do dr. Ricardo Jorge, que foi um dos mais ilustres colaboradores do Diário de Notícias (17).
- Inicia a publicação da grande novela popular «Varanda dos Rouxinóis».
- Regista o êxito obtido no Coliseu dos Recreios com a grande festa regiona-

(16) Por motivo das suas muitas occupações, tanto mais que está a elaborar o livro monumental *Os grandes vultos da Restauração de Portugal*, para o Duplo Centenário, o nosso ilustre colaborador Rocha Martins abandonou a direcção do *Arquivo Nacional*, que fundou e para o qual escreveu, dando-lhe brilho invulgar, alguns trabalhos sensacionais.

Substitue-o, a partir do número de ontem, o nosso querido e distinto colega Gomes Monteiro, que já exercia as funções de redactor principal e tem dado ao interessante semanário um valioso esforço. Integrado nos objectivos do *Arquivo Nacional*, Gomes Monteiro, jornalista e escritor de consagrados méritos, vai valorizar em muito a popular revista.

(17) Cêrca das 22 horas faleceu ontem o sr. dr. Ricardo Jorge na sua casa do Campo dos Mártires da Pátria.

Há muito tempo que a morte rondava a sua porta. Períodos de melhoras, recaídas depois e assim oscilava a vida do eminente higienista e escritor ilustre.

Conforme noticiámos, o sr. dr. Ricardo Jorge, dadas as poucas esperanças que havia de o salvar, era transportado ontem da Casa de Saúde de Benfica para a sua residência.

Ao princípio da noite o ilustre sábio, nosso querido colaborador, deixou aquêl estabelecimento de saúde e foi conduzido a sua casa.

Pouco depois de ali chegar expirou, numa agonia lenta, rodeado apenas por pessoas de sua família.



Com a morte do eminente professor Ricardo Jorge pode dizer-se, sem o menor receio de exagêro, que está de luto a Ciência Médica de todo o Mundo civilizado, tão conhecido e admirado era o seu nome no estrangeiro. O seu nome e a sua obra, sob tantos aspectos notável, de literato e cientista.

Era portuense o grande higienista, nascido e criado no velho burgo, que tão ingrato lhe foi e a que sempre consagrou, através dos seus livros, a mais saúdosa das recordações. Filho de um humilde ferreiro — êle próprio se disse em inconfundível prosa cheia de beleza e sentimento, consagrando à memória do pai um dos seus livros — teve a ventura de viver no Pôrto numa época em que a capital do Norte era um extraordinário foco literário, dos mais brilhantes e característicos, em que se distinguiam Camilo na prosa, na filosofia Pedro de Amorim Viana, na poesia Guilherme Braga, Soares de Passos e Manuel Duarte, no romance histórico Arnaldo Gama e Coelho Lousada, na ciência económica Rodrigues de Freitas e tantos, tantos outros.

Freqüentou o liceu com distinção, tendo por condiscípulos rapazes que foram mais tarde homens notáveis, tais como Júlio de Matos, Basílio Teles, Bruno, Maximiano de

Lemos, Emídio de Oliveira, etc., sempre um dos primeiros do curso, como na Escola Médica, onde aos vinte e um anos se formava, seduzindo-o desde logo as doenças nervosas, assunto das suas teses — *Um ensaio sobre o nervosismo, de saída do curso, e Localizações motrizes no cérebro*, com que se apresentou a um brilhante concurso para professor.

Com os trabalhos professorais ia acumular a direcção e redacção de uma *Revista Científica*, onde colaboraram, entre outros, Oliveira Martins, Rodrigues de Freitas e Bernardino Machado, deixando nas suas páginas artigos que marcaram na época sobre pedagogia e biologia geral.

Em 1883, partiu para o estrangeiro, a frequentar os serviços da Faculdade de Medicina de Estrasburgo, onde professavam as maiores sumidades da medicina alemã. E na volta ei-lo a defender, numa acesa campanha, a necessidade da reforma do nosso ensino médico, realizando no Pôrto as conferências célebres que reuniu no precioso volume (hoje raríssimo) *Higiene social aplicada à nação portuguesa*, que mereceram rasgados encômios do difícil Camilo, trazendo a sua estada no estrangeiro excelentes conseqüências práticas para a Escola Médica da capital nortenha.

Em 1889, publicava um grosso volume sobre a *Demografia e higiene da cidade do Pôrto*. Este livro, com as conferências citadas, marca as primeiras passadas do grande higienista e historiador da medicina que Ricardo Jorge viria a ser.

Entretanto faz valiosos estudos clínicos e experimentais sobre as águas do ãerez e occupa-se do saneamento do Pôrto, entrando para a Câmara da cidade como seu médico municipal e para a cadeira de higiene e medicina legal da Escola Médica como professor catedrático.

Em 1894, estuda com Câmara Pestana uma epidemia de diarreia de grande e rápida difusão aparecida em Lisboa. Novo livro deste estudo, em que expunha os métodos das suas investigações e o resultado a que o conduziram, mostrando que se realizara o seu prognóstico como veio a realizar-se o seu diagnóstico com a marcha epidémica e a individualização bacteriológica do bacilo.

Inicia o *Boletim Mensal de Estatística Sanitária*, forrageia pelo Arquivo Municipal dados importantíssimos que utiliza para as *Origens e desenvolvimento da população do Pôrto*, e no mesmo ano em que publica tão notável trabalho, que o devia consagrar entre os seus pares no estrangeiro, irrompe a peste bubónica na cidade, por êle descoberta clínica e bacteriológicamente. Forma-se, com o auxilio da força armada e enfrentando motins e revoltas, o cordão sanitário.

Era em 1899. Interesses feridos, política, campanhas injustas da Imprensa, tudo isso move contra o médico ilustre um feroz combate que o fere na sua mais íntima sensibilidade. E ei-lo de abalada para Lisboa, onde o Govêrno o coloca no Terreiro do Paço, como director geral de saúde, e a Escola Médica lhe oferece a regência da cadeira de Higiene.

E Ricardo Jorge vai criar e dirigir os serviços de sanidade do País num dos mais críticos períodos da vida portuguesa.

São resultado dessa faina difícil e delicada os seus notáveis trabalhos de estatística, profilaxia e epidemiologia, as *Tabelas preliminares do movimento fisiológico da população de Portugal*, os seus estudos sobre a defesa contra o cólera e o combate ao sezónismo em Portugal. Desde 1912 delegado do Govêrno ao «Office Internacional d'Hygiène», mais tarde membro e presidente da Comissão de Higiene da Sociedade das Nações, onde representou o «Office» por vontade expressa dos seus membros, foi o eminente sábio encarregado de elaborar relatórios sobre as mais momentosas questões mundiais de higiene e epidemiologia, relatórios que causaram a admiração de estrangeiros e lhe renderam as mais honrosas e expressivas homenagens.

Mas ao lado do cientista, de cuja bibliografia até 1929 conhecemos nada menos de 209 trabalhos, todos notáveis, há que citar o historiador da medicina portuguesa e o homem de letras — um dos maiores cultores da lingua pátria, espalhando por livros,

- lista promovida pelo Diário de Notícias a favor dos estudantes pobres da capital.
- 32 — Em fundo, um notável artigo sobre a alta personalidade do dr. Ricardo Jorge (18).
- Salaria a profunda mágoa causada no País com a notícia do falecimento do dr. Ricardo Jorge.
- Página gráfica sobre a grande festa regionalista realizada por iniciativa do Diário de Notícias no Coliseu dos Recreios e que resultou brilhantíssima.

jornais e revistas, e também pelas colunas deste jornal, de que por muito tempo foi um dos mais assíduos e ilustres colaboradores, algumas das mais belas páginas da literatura portuguesa.

São exemplo do que afirmamos os seus estudos sobre o Greco e Rodrigues Lobo, Camilo e António Aires, os seus apontamentos de viagem (*Canhenho de um vagamundo*, *Passadas de erradio*, *Terra Santa e Terras de Mafoma*), as suas conferências e artigos de polémica (*A intercultura de Portugal e Espanha*, *Contra um plágio do prof. Teófilo Braga*), em que refulge em toda a sua pureza o ouro vernáculo da nossa língua, inconfundível no estilo maleável do eminente cientista e escritor, tantas vezes comparado ao do Maior de Todos, o genial autor do *Amor de Perdição*.

«Maior do que a sua cátedra — afirmou um dos seus biógrafos e seu médico assistente, o sr. dr. Eduardo Coelho — foi a tribuna dos seus escritos e a sua situação privilegiada no «Comité du Office de Paris» e do «Comité» da Sociedade das Nações, onde era ouvido e acatado por todo o mundo interessado nos altos problemas da hygiene.»

Não tem par entre nós a obra médica que realizou, na hygiene e epidemiologia, como não tem par a sua obra literária.

Citá-la de cor impossível seria, ao traçarmos estas rápidas notas sob a profunda comoção que a notícia da sua morte nos causou.

Morreu um sábio eminente, um literato da mais alta valia, um português — um portuense — dos que mais souberam ilustrar a terra que lhe foi berço.

Portugal deve muito a Ricardo Jorge, porque através de todas as vicissitudes soube fazer respeitar a sua terra. Nos congressos científicos internacionais sempre Portugal era erguido por Ricardo Jorge à altura do seu justo valor. Em artigos de jornal, em opúsculos, em obras de tomo, nas suas afirmações de pureza da língua e da revivescência portuguesa o grande cientista cantou Portugal, fê-lo levantar de conceito, de mérito, de galhardia antiga. Nem a sua convivência com a civilização estrangeira amorteceu a sua obra de valorização nacional, como ciência, como étnica, como história, como literatura. Foi Ricardo Jorge um português que amou a sua terra e a dignificou a toda a hora, com devoção, com carinho, com desassombro.

Morreu o Homem, mas a sua obra perdurará naqueles vastos domínios — da Ciência e das Belas Letras — enquanto houver médicos e artistas no Mundo.

Tinha o sr. dr. Ricardo Jorge vários trabalhos entre mãos, que seus filhos compilarão segundo prévias indicações recebidas de seu pai, para serem depois publicados.

O funeral do ilustre extinto realiza-se amanhã, a hora ainda não determinada.

A família enlutada e em especial a seu filhos, os srs. drs. Artur e Ricardo Jorge, apresentamos a expressão das nossas mais sentidas condolências.

(18) Com Ricardo Jorge, que hoje vai a enterrar, desaparece um dos últimos representantes duma época. Sem deminuição da sua grande memória, pode mesmo dizer-se que esse professor, sábio, esteta, literato, era um sobrevivente — sobrevivente não apenas dum tempo, que teve a sua forte expressão, mas duma modalidade de espirito que começa a ser ignorada.

O primeiro aspecto curioso da vida deste homem singular é a fidelidade, sem desfalecimentos, que ela revela às suas primeiras origens.

Nascido no Porto, ficou sempre, através dum cosmopolitismo somente de aparência,

um portuense. Ser portuense da geração a que Ricardo Jorge pertenceu não era apenas ter nascido nos Clérigos, na Boavista, ou rua das Flores, ou ter frequentado a Praça Nova e a Cordoaria. Há cinquenta ou sessenta anos o Pôrto, minha inolvidável terra, tinha ainda, inconfundivelmente, a sua literatura, a sua arte, as suas gravatas, os seus grandes homens, os seus cenáculos e os seus janotas. O portuense era um bairrista. Já depois de Camilo, Guilherme Braga, Amorim Viana, Soares de Passos, Augusto Luso, Basílio Teles e Bruno representaram uma pleiade de espíritos marcados por essa espécie de bairrismo intelectual, a que ainda recentemente não escaparam Júlio Brandão e João Grave.

Havia uma literatura do Pôrto, uma cidade do Pôrto, uma política do Pôrto. Uma das características dessa verdadeira escola era o seu feitio polémico, o seu retraimento um pouco boémio e romântico. Camilo imprimira, com o seu génio, à vida portuense, na segunda metade do século passado, uma feição que foi, mais do que literária, social, e levou perto de cinquenta anos a perder-se: o estadulho, uma certa truculência de estilo, um gongorismo nas imagens e nos chapéus, o gosto pela erudição vistosa, pela discussão e pela literatura, — e uma incorrigível tendência para olhar de alto Lisboa.

Mais tarde, o Pôrto, numa dessas crises de injustiça colectiva que as cidades e as próprias nações, às vezes, têm e que as circunstâncias do momento explicam, havia de repudiar esse seu filho ilustre. Ricardo Jorge exilou-se, refugiou-se desde então numa vagabundagem internacional, em que prestou a Portugal altíssimos serviços — mas, nas raízes do seu carácter, como na sua formação moral, ficou sempre inalteravelmente portuense.

O «camilianismo» — que fôra o inspirador das suas primeiras letras — ficara-lhe no sangue. A sua forma literária, através de mais de quarenta anos de actividade como polígrafo, é de essência acentuadamente camiliana. Escrevia admiravelmente. Mas nunca perdera uma certa solenidade de sintaxe que impedia o seu estilo de ser popular. De Camilo, seu mestre e seu amigo, conservara uma certa acidez sarcástica que às vezes lhe ensombrou o pensamento. E conservara, talvez exacerbados, o gosto pela riqueza lexicológica e a preocupação do vocabulário frondoso, que davam à sua palavra um carácter excessivamente arquitectónico.

A sua erudição era tão notável como a sua perspicácia crítica. Os seus estudos sobre o Grego e sobre Rodrigues Lobo são verdadeiras obras primas pelo maravilhoso senso estético, como pela excelente cultura que revelam. Os seus livros de viagens estão cheios de personalidade e de uma visão rara. Tinha olhos de lince — e uma alma de camilheiro. Deixa-nos, das suas pègadas pelo Mundo e das suas observações sobre a vida, páginas modelares, grandiloquentes, que lembram às vezes Chateaubriand.

A ciência portuguesa, em que foi um mestre, deve-lhe serviços inestimáveis. Foi Ricardo Jorge incontestavelmente quem, entre nós, rehabilitou a literatura na ciência. Antes dêle, julgava-se em Portugal que uma obra didáctica, de índole rebarbativa, devia ser naturalmente mal escrita — ou, pelo menos, não ter pretensões literárias. Ricardo Jorge meteu a literatura no relatório, na comunicação académica, na linguagem médica. Escrevia sobre pintura espanhola, uma paisagem do Oriente, um canto de Paris, como sobre um caso de higiene ou os neurones, com a mesma opulência verbal e a mesma dignidade de forma. Foi talvez dispersivo — mas a sua curiosidade mental não teve



Dr. Ricardo Jorge

## Agosto

- 1 — Regista o êxito obtido no Pôrto com a publicação do artigo do sr. dr. Augusto de Castro, «Uma figura e uma época», inserto em fundo no Diário de Notícias da véspera.
- Dá noticia do funeral do dr. Ricardo Jorge.
- 2 — Noticia ter pedido a demissão do seu cargo o sr. dr. Beirão da Veiga (19).
- Informa, com largos pormenores, que principia no dia seguinte a «8.ª Volta a Portugal em Bicicleta», com quarenta corredores seleccionados.
- 3 — Início da «8.ª Volta a Portugal em Bicicleta».
- 11 — Noticia que o Diário de Notícias patrocinava as grandes provas náuticas de Cascais em honra do Chefe de Estado.
- Noticia que o primeiro concurso infantil do Diário de Notícias se realizou na véspera com grande entusiasmo na Figueira da Foz.
- 16 — Noticia a morte de Carlos Simões, antigo colaborador do Diário de Notícias (20).

limites. Este grande humanista, profundamente do século XIX, se tivesse vivido no século XVI, teria sido amigo e companheiro de Erasmo e de Damião de Góis.

Em Portugal, como regra, o túmulo é o grande dispensador de justiça. E só justiça — embora triste justiça — é dizer-se que o prestígio nacional de Ricardo Jorge está muito longe de corresponder à universalidade e à unanimidade da sua reputação internacional. Ricardo Jorge era, pelos seus trabalhos científicos, conhecido e admirado em todos os grandes centros estrangeiros. Pela sua luminosa actividade nos congressos e reuniões cosmopolitas, foi considerado um dos primeiros higienistas do Mundo e catalogado entre as grandes celebridades da Europa. Creio que poucos portugueses o sabem.

Neste país de tantas nomeadas de latão, Ricardo Jorge era um autêntico, um real valor universal. Com orgulho sentia a desproporção existente entre a projecção da sua figura na sua terra — e a que lhe dava a consagração fora de fronteiras. Sentia-o, com sarcasmo. E fechava-se mais num desdém soberbo, numa amargura justificada. Foi este um dos últimos traços do seu espirito.

Se na imortalidade há ainda um jardim de Epicuro, a estas horas Ricardo Jorge já lá está sentado, à sombra duma velha oláia do Pôrto — e Camilo, que não esqueceu de certo o seu velho e fiel discípulo, deve ter vindo, com José Agostinho de Macedo, ao seu encontro.



Carlos Simões

Quando hoje o funeral de Ricardo Jorge passar, descubramo-nos, não apenas perante a sombra dum homem, mas perante o luto duma época que desaparece.

(19) Na 1.ª página, a seguir ao fundo:

«Por ter pedido a demissão do seu cargo, deixou as funções de administrador-delegado da Empresa Nacional de Publicidade o sr. dr. Caetano Maria Beirão da Veiga — funções que exerceu durante perto de vinte anos.

Ao noticiar a sua saída desta casa e ao apresentar-lhe os seus cumprimentos de despedida, o *Diário de Notícias* regista, com a longa camaradagem que o brilhante espirito do sr. dr. Beirão da Veiga pôs ao serviço desta empresa, as suas notáveis qualidades».

(20) Lia-se no *Diário de Notícias* na secção respectiva:

- 20 — Regista que as festas de Viana do Castelo, realizadas este ano sob o patrocínio do Diário de Notícias atingiram um esplendor e um movimento jamais verificado.
- 21 — Regista que mais de cem mil pessoas vitoriam na véspera, no Campo 28 de Maio, os vencedores da «8.ª Volta a Portugal em Bicicleta».

#### Setembro

- 1 — Notícia que começa neste dia a funcionar a Colónia de Férias do Diário de Notícias, na Quinta da Fronteira, em Belas, onde vai utilizar o magnífico acampamento que serviu na «8.ª Volta a Portugal em Bicicleta».
- Informa que teve o maior êxito o Concurso Infantil promovido pelo Diário de Notícias na Póvoa de Varzim.

- Regista o falecimento em Marecos (Penafiel) do sr. Domingos Vilela, solícito correspondente do Diário de Notícias naquela localidade.
- (Houve neste dia duas edições por se terem malogrado as tentativas para salvar a Paz e publicou-se, além disso, um «Suplemento» com a invasão da Polónia pelas tropas do Reich. Em fundo, formulam-se «votos ardentes para que, ao menos, o mal se não prolongue e breve a Europa retome o grande e luminoso caminho da sua civilização»).
- 2 — Regista que o Times se refere a um artigo do Diário de Notícias, o que tinha por título «Política de sensação».
- 7 — Notícia que, a partir deste dia, começa a colaborar no Diário de Notícias, como cronista da guerra, o sr. coronel Barreto de Oliveira (21).

«Faleceu ontem na sua residência, rua Pinto Ferreira, 14, 1.º, à Junqueira, o sr. Carlos Simões, bibliotecário do Instituto Superior de Agronomia. O extinto, que contava sessenta anos, foi durante muito tempo colaborador de diversos jornais de feição humorística, tendo escrito, com André Brun, as peças *O Tabelaio do Pote das Almas* e *A Lenda dos Tarlatanas*, esta última musicada pelo maestro Pedro Blanch.

Deixou numerosa colaboração nos jornais *O Chinhelo*, *Sátira*, *Diário de Notícias* (edição da noite), *A Luta*, *Tiro e Sport*, *Ilustração Portuguesa*, *Sempre Fixe e Varões Assinalados*.

Foi o gracioso autor das legendas dos *Catálogos Cômicos* de numerosas exposições da Sociedade de Belas Artes, ilustrados por Francisco Valença, e reuniu em volume, intitulado *Saldo de contos*, os folhetins humorísticos publicados em *O Mundo*, com desenhos também de Valença.

Era casado com a sr.ª D. Jacinta Simões e pai de D. Francelina, D. Lucília, António, Benvindo e Carlos Simões. O seu funeral realiza-se hoje, às 11 horas, da morada acima indicada para o cemitério da Ajuda.

(21) Começa hoje a colaborar no *Diário de Notícias*, como cronista da guerra, um dos mais ilustres e mais distintos oficiais do Exército português: o sr. coronel Barreto de Oliveira.

A magnitude do prélio que está travado na Europa e cujas conseqüências desastrosas mal se podem prever, exige, para que o público possa compreender e apreciar devidamente os acontecimentos, que alguém com autoridade técnica indiscutível não los exponha e comente de maneira a podermos tirar dos factos narrados as conclusões seguras a que elles conduzem.

Essa missão, confiada pelo *Diário de Notícias* ao sr. coronel Barreto de Oliveira, representa para o *Diário de Notícias* mais uma prova do interêsse que pomos sempre em informar e — mais que informar — orientar devidamente o público.

O sr. coronel Barreto de Oliveira, que tem o curso do Estado Maior e está tirocinado para general, é actualmente inspector da Arma de Infantaria.

Foi, durante onze anos, professor de tática de infantaria na Escola do Exército,

12 — O Chefe de Estado, por intermédio do Diário de Notícias, saúda a Nação ao aproximar-se da Metrópole no regresso da sua viagem a terras de Africa.

#### Outubro

- 9 — Informa que a festa do Jardim Zoológico, patrocinada pelo Diário de Notícias, decorreu brilhantemente com a assistência de milhares de pessoas. A festa destinava-se, com o seu produto, ao desenvolvimento da benemérita instituição dos Parques Infantis.
- 12 — Em telegrama de Paris, informa que «o artigo de fundo do director do Diário de Notícias, intitulado «O novo Governo francês», foi transcrito ou citado com os mais lisonjeiros resultados em quasi todos os jornais de Paris e nos seguintes jornais da provincia: Nouvelliste e Nouveau Journal, de Leão; Marseille-Soir e Le Soleil, de Marselha; L'Eclaireur du Soir, de Nice; Le Petit Meridional, de Montpellier; Le Journal d'Amiens, La République, de Forbes; L'Union Catholique, de Rodes, e Tunis-Soir.
- 13 — Noticia o falecimento do sr. Joaquim Antunes Curado, de 72 anos, natural da Igreja Nova, concelho de Ferreira

do Zêzere, subchefe da Policia de Segurança Pública, aposentado, e empregado do Diário de Notícias.

14 — Refere-se ao acampamento infantil do Diário de Notícias e às facilidades para êle espontaneamente conseguidas (22).

— Em telegrama de Paris informa que «a rádio francesa, no seu boletim de imprensa deu, em tradução, diversas passagens do artigo de fundo do Diário de Notícias de 13, intitulado «O espirito nacional da França».

#### Novembro

- 2 — Dá conta de ter sido transcrito integralmente no jornal oficial do Governo italiano Rassegna della Stampa Esfera, do Ministério de Cultura Popular, o artigo de fundo do Diário de Notícias, «A posição da Itália».
- Noticia ter o brigadeiro sr. Barreto de Oliveira deixado de escrever para o Diário de Notícias as suas «Crónicas de guerra» por ir exercer o alto cargo de comandante militar da colônia de Angola.
- 3 — Informa que, na sua emissão em lingua portuguesa, a B. B. C., de Londres, se referiu ao artigo do director

depois de um concurso por provas públicas brilhantissimo; comandou a Escola Prática de Infantaria; foi chefe do Estado Maior da 1.<sup>a</sup> e da 4.<sup>a</sup> divisões do Exército e tomou parte nas campanhas do sul de Angola (1914-1915), sob o comando do general Pereira de Eça.

Tem publicados diversos trabalhos sobre estratégia e tática que o colocam na posição de um dos mais completos técnicos do nosso Exército.

(22) Muitas e valiosas facilidades nos foram dispensadas para a realização do primeiro Acampamento Infantil do Diário de Notícias, a tôdas sobrelevando, sem menosprezo por quaisquer outras, a cooperação verdadeiramente abnegada do illustre chefe do distrito, sr. coronel Lôbo da Costa, cuja larga obra de assistência aos desventurados bastaria para tornar imperecível a sua acção no exercício daquele alto cargo administrativo.

Ainda ontem nos deram mais uma penhorantissima demonstração de generoso apoio àquela nossa iniciativa: a Cooperativa Lisbonense de «Chauffeurs» (Taxis Palhinhas) oficiou-nos a comunicar que, atendendo aos fins benemerentes do Acampamento Infantil do Diário de Notícias, resolvera oferecer-nos o serviço feito com os seus esplêndidos autocarros, quando do transporte dum turno de crianças para a aprazível quinta da Fonteira, em Belas, onde, como se sabe, o mesmo acampamento esteve instalado, por obsequiosa cedência do seu propritário, sr. Eduardo Pinto Basto.

do Diário de Notícias, publicado sob o título «A guerra que não se vê», cujo artigo, diz, causou a melhor impressão nos meios políticos de Londres.

10 — Notícia do falecimento do jornalista José Sarmento, que foi chefe de redacção do Diário de Notícias (23).

11 — Informa que quasi todos os jornais de Bruxelas publicam, nas suas edições da tarde, longos extractos do artigo do director do Diário de Notícias consagrado ao Burgo-Mestre Max, e salientam a emoção e o belo relêvo literário desse artigo.

— Informa que a noticia da morte de José Sarmento causou grande consternação no meio jornalístico.

12 — Noticia que a Câmara Municipal da Nazaré aprovou um voto de agradecimento ao Diário de Notícias pela publicação do artigo do nosso redactor regionalista sobre a necessidade da construção de um pórtico de abrigo naquela praia.

— Noticia do funeral de José Sarmento, no qual se fizeram representar o Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade pelo seu presidente sr. dr. Adolfo de Andrade, e o Diário de Notícias por um dos seus redactores.

13 — Regista que vários jornais norte-americanos, entre elles o New-York Times, se referem largamente à entrevista que o general Gamelin concedeu ao

(23) Surpreendeu-nos dolorosamente ontem, à noite, a noticia da morte de José Sarmento, jornalista illustre, cronista cintilante, escritor distinto. Há três semanas que se encontrava doente, mas o seu estado não era grave nem requeria cuidados especiais. O seu fim foi, portanto, inesperado.

Faleceu em sua casa, avenida Visconde Valmor, 38, 1.º. Contava setenta anos. Nasceu em Coimbra. A sua actividade jornalística foi grande e fecunda. Trabalhou em muitos jornais, entre elles o *Jornal da Noite*, *Novidades*, de Emídio Navarro; *Dia*, de António Enes; *O Século*, *Diário*, *Capital*, *Domíngio Ilustrado*, *Notícias Ilustrado*, *Manhã*, *A Vitória* e *Primeiro de Janeiro*.

Pode dizer-se que colaborou em quasi todos os jornais e na maioria das revistas literárias do seu tempo. Quasi todos os seus trabalhos na Imprensa tinham bom e fino recorte literário. Fêz critica literária e teatral. Divulgou, em Portugal, em traduções meticulosas, alguns dos melhores autores franceses. A sua última tradução, *Vida de Jesus*, de Mauriac, appareceu, há meses, nas vitrinas dos livreiros. Dedicou-se também ao teatro. Em 1923, era commissário do Governo no Teatro Nacional.

Traduziu também para o teatro. De entre muitas peças citamos as seguintes: *Miquete et sa mère*, de Flers et Cavaillet; *Mamã Colibri*, de Henri Bataille; *Banco*, de Alfred Savoir; *L'Amour Defendu*, de Pierre Wolf; *Le Comedienne*, de Duvenois; *La Flamme*, de Charles Méré; *Idílio num quinto andar*, *Virtudes de Germana* e *Para fazer-se amar loucamente*.

Em 1925, José Sarmento foi, neste jornal, seu chefe de redacção. Amigo intimo e antigo camarada de letras de Melo Barreto, foi seu chefe de gabinete quando êle assumiu a pasta dos Negócios Estrangeiros. Conviveu com as figuras de maior relêvo da politica, da literatura e da arte. Colaborou com Eça de Queiroz na elaboração do *Almanaque Enciclopédico*.

Era funcionário aposentado da C. P., onde foi, durante muitos anos, inspector de publicidade. Tinha várias condecorações nacionais e estrangeiras.



José Sarmento

enviado especial do Diário de Notícias.

- 15 — Regista que da Câmara Municipal de Pombal se recebeu um amabilíssimo telegrama a agradecer as referências feitas àquêl concelho no artigo «Por terras de Leiria», do nosso redactor regionalista.
- Agradece ao sr. conselheiro Fernando de Sousa as referências amáveis feitas em A Voz ao Diário de Notícias e ao seu director.
- 16 — Regista a comunicação, por officio, de que a Casa do Distrito de Leiria aprovou um voto de louvor ao Diário de Notícias pelas referências que têm sido feitas àquêl distrito.
- 21 — Regista que o Daily Telegraph, no seu número de 3 do corrente, aludiu ao artigo de fundo do Diário de Notícias, «A guerra que não se vê».
- 22 — Regista que o jornal italiano Il Regime Fascista Cremona se refere com muita simpatia ao director do Diário de Notícias, e que o boletim official do Ministério das Colónias francêes transcreve largos extractos do artigo que o Diário de Notícias publicou sobre a «Protecção da produção das colónias portuguezas».
- 24 — Regista que a Câmara Municipal de Leiria, em amabilíssimo officio assinado pelo seu presidente substituto,

sr. Fernando Augusto César de Sá, exprimiu os seus agradecimentos pela série de artigos nos quais o redactor regionalista do Diário de Notícias se occupou daquele distrito.

- Regista também um cativante telegrama traduzindo o sentir dos habitantes de S. Martinho do Pôrto, a Junta de Figueira, as comissões de Turismo e as da União Nacional, em reconhecido agradecimento por iguais referências àquela praia.
- 26 — Dá conta de terem vindo na véspera cumprimentar o Diário de Notícias os srs. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, dr. Francisco Cortês Pinto e dr. Paulino Leilão, directores da Casa de Leiria, e agradecer as referências feitas ultimamente neste jornal àquêl seracissimo e formosissimo recanto de Portugal.
- Anuncia que o jornalista Urbano Rodrigues fará no próximo dia 29 uma conferência acerca dos diferentes concelhos daquele distrito, para assistir à qual foi convidado o director do Diário de Notícias.
- Regista ainda os agradecimentos da Câmara Municipal de Alcobaca, por idêntico motivo.
- 27 — Dá conta duma homenagem da Federação das Sociedades de Recreio ao nosso falecido camarada Lino Ferreira (24).

(24) Viva sempre na saúde de tantos que com êle conviveram, em nós, seus companheiros de trabalho de tantos anos numa camaradagem permanente de cada noite que a sua bondade e a sua graça natural sabiam sempre amenizar, mais que em quaisquer outros, a memória de Lino Ferreira vai receber hoje da Federação das Sociedades de Recreio uma justa consagração.

Justa, acentuemos, porque pelas agremiações recreativas, mormente aquelas que mantêm ainda a tradição dos seus teatrinhos particulares, donde têm saído para os palcos públicos verdadeiros artistas de valor, sempre Lino Ferreira se interessou, acarinhando-as e auxiliando-as com o seu espirito particularmente empreendedor e entusiasta. A sua vida de autor dramático nessas academias de recreio se iniciou, e foi, como todos sabem, brilhante e operosa, sucedendo-se com vantagem o autor ao actor-amador.

Por isso mesmo quis a Federação das Sociedades de Educação e Recreio afixar na sua sede uma lápida comemorativa da acção de Lino Ferreira como escritor de teatro, e essa homenagem muito nos sensibiliza pelo que representa de merecida evocação.

A cerimónia será precedida duma sessão solene, que, às 21.30, se realiza, sob a presidência do chefe do distrito, em que farão uso da palavra vários oradores em nome dos amadores dramáticos e das colectividades federadas.

Far-se-ão representar, além da familia do nosso querido camarada, os sindicatos

## Dezembro

- 1 — Inicia, com a verba de 500 escudos, a sua costumada subscrição para o Natal dos Pobres.
- 4 — Insete um penhorante officio do Burgo-Mestre da cidade de Bruxelas, agradecendo, em nome da cidade, ao director do Diário de Notícias, o seu artigo de 10 de Novembro sobre Adolfo Max.
- 6 — Dá conta duma palestra do director do Diário de Notícias, como convidado de honra, no almoço rotário do Rotary Clube de Lisboa, sobre a Exposição do Mundo Português.
- 10 — Regista que o Times, chegado na véspera, se refere ao editorial do Diário de Notícias intitulado «O salto do urso».
- 12 — Informa que o Diário de Notícias, com a colaboração do Governador Civil de Lisboa, do Secretariado da Propaganda Nacional e da Emissora, vai promover uma série de festas infantis.
- 18 — Regista os agradecimentos dos srs. dr. Luiz Baptista, presidente da Câmara Municipal da Covilhã, e José Ranito Baltasar, presidente da Comissão de Turismo, pelo interesse posto pelo Diário de Notícias na defesa das legítimas aspirações daquela cidade e seu concelho.
- 20 — Anuncia que o 75.º aniversário do Diário de Notícias vai ser comemorado com grandiosas «matinées» infantis em Lisboa e em tôdas as capitais de distrito.
- Noticia o falecimento de Bonifácio da Silva Guimarães, um dos mais antigos empregados do Diário de Notícias (25).
- 21 — Refere-se às manifestações de pesar ocorridas pela morte de Bonifácio da Silva Guimarães (26).

nacionais dos Jornalistas, Artistas Teatrais e Vendedores de Jornais, o *Diário de Notícias*, a Inspeção Geral dos Espectáculos e a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, além dos muitos colaboradores de Lino Ferreira.

(25) No edificio do *Diário de Notícias*, onde residia, faleceu esta madrugada o sr. Bonifácio da Silva Guimarães, um dos mais antigos empregados deste jornal. Esplêndido carácter, afabilíssimo e zeloso cumpridor dos seus deveres, granjeara a merecida estima de quantos com êle privaram, assim se explicando as funções de confiança que durante largos anos exerceu nesta casa, como fiel dos armazéns, e das quais recentemente fôra aposentado.

Bonifácio Guimarães, ainda rapaz, começou trabalhando como aprendiz da antiga Tipografia Universal, de que eram proprietários os fundadores do *Diário de Notícias*, vindo mais tarde a ser encarregado daquelas oficinas, de onde transitou para o serviço das deste jornal.

Contava sessenta e cinco anos. Era casado com a sr.<sup>a</sup> D. Elvira Caparica Guimarães, irmão do sr. Abel Guimarães, também funcionário deste jornal, e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Guimarães.

Não tinha filhos. E dedicava a um afilhado, Luiz Bonifácio Antunes, que educou, uma ternura verdadeiramente paternal.

(26) A morte do nosso antigo companheiro de trabalho Bonifácio da Silva Guimarães, ocorrida na madrugada de ontem, como referimos, causou profundo pesar entre quantos com êle privaram, sobretudo no *Diário de Notícias*, onde o saudável extinto serviu, durante largos anos, desde aprendiz de tipografia até fiel dos armazéns, integrando tôda a sua actividade nesta casa até ser aposentado recentemente. Funcionário dedicadíssimo e probo, bem mereceu, por isso, o aprêço e a confiança dos proprietários do *Diário de Notícias*, assim como pela lhaneza e lealdade do seu convívio, soubera granjear a firme estima de todos os que aqui trabalham.

Assim que soube do falecimento de Bonifácio Guimarães, o director deste jornal, sr. dr. Augusto de Castro, mandou apresentar condolências à familia enlutada.

Na residência do extinto, no edificio do *Diário de Notícias*, de onde hoje sairá o

- 22 — Notícia do funeral de Bonifácio da Silva Guimarães (27).
- 23 — Informa que começam neste dia as «malinês» infantis promovidas pelo Diário de Notícias comemorando o 75.º aniversário do jornal.
- 28 — Regista o donativo de 1.000 escudos oferecido pelo sr. Governador Civil de Lisboa para os pobres do Diário de Notícias.
- 29 — Número comemorativo do 75.º aniversário do Diário de Notícias 1864-1939. Reproduções de vários números do Diário de Notícias ocupam toda a primeira página. A direita da página, reprodução do «garoto dos jornais» que se encontra no monumento de Eduardo Coelho; na 2.ª página, artigos alusivos a este acontecimento e a reportagem das festas comemorativas (28).
- 30 — Notícia sobre as festas comemorativas

funeral, às 10 horas, para o cemitério do Alto de S. João, estiveram, também, entre muitas outras pessoas, os srs. dr. Adolfo Andrade e José Carlos da Silva, do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade; coronel Pereira Coelho, secretário geral do *Diário de Notícias*; dr. Alfredo da Cunha, antigo director deste jornal; eng. Gabriel Reis, Abel Moutinho, drs. Filomeno Lourenço, Alberto Reis, Caetano Beirão da Veiga, Diogo de Castro e Brito e António Horta e Costa, Amâncio Caiola Zagalo, Rocha Martins, Ariosto Saturnino e Ângelo Pereira.

O cadáver tem sido velado, em sucessivos turnos, por pessoal da Administração, Redacção e demais secções do *Diário de Notícias*.

(27) No cemitério do Alto de S. João ficaram antes sepultados os restos mortais do nosso antigo companheiro de trabalho Bonifácio da Silva Guimarães.

O funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar e nêle se incorporaram muitas centenas de pessoas de todas as categorias sociais, que seguiram o carro fúnebre, a pé, desde a residência do extinto até ao cemitério.

Todas as secções do *Diário de Notícias* estavam largamente representadas pelos seus chefes e respectivos funcionários, assim como a nossa Delegação do Pôrto, pelo sr. João Duque. O Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade fêz-se representar pelos srs. dr. Adolfo Andrade e José Carlos da Silva, representando este último o sr. Carlos Ramires dos Reis, presidente do Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónias.

O nosso director, sr. dr. Augusto de Castro, a Redacção e a secretaria geral do *Diário de Notícias* estavam representados pelo nosso camarada Pinto Monteiro.

Entre outras entidades, fizeram-se representar: o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Offícios Correlativos, a Associação de Socorros Mútuos Tipográfica Lisbonense, a direcção e comando da Associação Humanitária «Cruz de Malta», o Colégio Instituto Secundário, etc.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, antigo director do *Diário de Notícias*, estava representado por seu filho, sr. dr. José Coelho da Cunha, e o nosso colaborador sr. Rocha Martins pelo sr. Calderon Deniz.

Sobre o féretro foram colocados muitos ramos de flores com sentidas dedicatórias.

A família de Bonifácio Guimarães recebeu numerosos cartões e telegramas de pêsames, especialmente de Alcobaça, contando-se entre elles um da Câmara Municipal daquela vila, que põe em destaque os serviços prestados pelo extinto à sua terra natal.

(28) Dos artigos a que este registo se refere, merecem aqui especial relêvo os seguintes:

## 1.º

### COMO NASCEU O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

Caiu a uma quinta-feira o dia 29 de Dezembro de 1864 e Lisboa ouviu, pela primeira vez, anunciar o *Diário de Notícias*.

Pequeno, menor que qualquer lenço de algibeira dos usados na época, o número

do 75.º aniversário. Informa que dez mil crianças assistiram na véspera, em Lisboa, às «matinées» organizadas pelo Diário de Notícias.

31 — Notícia do que se passou nas capitais da provincia com as festas comemorativas do 75.º aniversário, que foram extraordinariamente concorridas.

programa mais lembrava periódico infantil do que jornal destinado a enfileirar na linha ousada das batalhas, ainda pungentes, na ressaca das grandes lutas do constitucionalismo.

Não vinha, porém, pelear nem erguer o estandarte de partido ou facção o minguido quarto de papel, e nisso se distinguia em tempos tão ardidos.

Timido, a ponto de não pedir assinaturas além de trimensais — mil e setenta e cinco réis — vendendo a dez réis o exemplar, a gazeta confessava a sua feição singela; arvorava o seu designio.

Queria ser «um jornal de todos e para todos, para pobres e ricos de ambos os sexos, de todas as condições, classes e partidos».

A aspiração tornou-se num propósito, foi um lema.

Abolia o «artigo de fundo», o perrixil, o picante aperitivo da imprensa da época; eliminava-o no que tinha de mais característico: o conflito, o arrebatamento.

O jornalzinho, ainda nas suas faixas de fragilíssimo papel, mostrava vontade e decisão ao asseverar: «não discute política nem sustenta polémica».

Abria-se com sinceridade para que não o acusassem de exageros ou de vãs promessas: «Registra, com a possível verdade, todos os acontecimentos, deixando ao leitor, quaisquer que sejam os seus princípios e opiniões, o comentá-los a seu sabor. Escrito em linguagem decente e urbana, as suas colunas são absolutamente vedadas à exposição de actos da vida particular dos cidadãos, às injúrias, às alusões deshonestas e reconvenções insidiosas».

Tendia-se ao equilibrio e ao apaziguamento. Eram humildes os homens que se propunham efectivar aquêl programa.

Tomaz Quintino Antunes fôra rebelde e ardente batalhador. Tipógrafo, como o seu colega Eduardo Coelho, deixara-lhe o encargo da redacção e entregara-se à oficina com afincio, confiado no poeta que pedira ao componedor o pão amargurado pela lira.

Numa carta para Leite Bastos, o romancista cuja infeliz existência foi trágica como qualquer dos entrecchos de suas obras, Eduardo Coelho confessava as terríveis provas sofridas numa mansarda da rua de Martim Vaz, onde despontara, entre torturas, «a primavera da sua vida social». E dizia:

«O inverno temeroso, com suas tempestades, frios, fomes passara-o eu, esquecido de todos, aí nos recantos mais negros e húmidos da capital, sem os sorrisos da amizade, sem os clarões da esperança, sem as palavras consoladoras que todos devem aos gemidos e às aflições; passara-o pungindo largas horas de mingua entre a desesperança e o suicídio».

Arrancámos esta carta aos arcanos de velhas folhas de angústias. Nela luzia uma esperança: «o amor ao trabalho», que o poeta, operário e jornalista capitulava de seu «único património, segundo Evangelho, fiel anjo da guarda. Não tinha que corar nem de envergonhar-se do próprio infortúnio.»

Ia tentar uma obra e entregou-se-lhe com o ardor dos soldados dispostos à vitória ou à morte. Começou-a com o colega, bravo como êle, na pobre oficina instalada no n.º 110 da rua dos Calafates, hoje engalanada com o título triunfal do *Diário de Notícias*. Foi berço do gigante aquêla tipografia humilde da esquina de uma rua melancólica, às vezes alvoroçada por deshoras.

Imagina-se o que seria aquêla luta dos fundadores do jornal, ávidos de vitória. Sofriam pela persistência em não alterarem o seu plano quando outros arraialavam em aventuras; mas na vida das instituições, como na dos homens, se as habilidades podem dar aparências de grandeza, só o carácter solidifica os êxitos. A Justiça acaba sempre por

chegar, e aí das almas descrentes, timoratas, hesitantes ou receosas, que renegam a sua estrada honesta e direita.

Já o excelente Sá de Miranda cantara:

*Quem sabe para onde vai  
Leva sua conta feita:  
Nunca do caminho sai,  
Não olha a quem diz tomar  
A esquerda ou a direita.*

Lindos os versos, encantadora a sentença. E êles, Eduardo Coelho e Tomaz Quintino Antunes — que morreria conde de S. Marçal — sabiam para onde marchavam: tinham «sua conta feita», não escutavam avisos nem desafios; tampouco fugiam da via escolhida, embora lhes sugerissem, aconselhassem e até lhes intimassem a «esquerda ou a direita».

Levantava-se em grita a política, e nas suas arenas digladiavam-se colossos e gnomos; travavam-se duelos parlamentares que, por vezes, iam até ao campo denominado da honra; trovejavam as vozes dos profetas apocalípticos; morria uma glória ou um mendigo acabava a sua existência de limo humano, e o *Diário de Notícias* informava cabalmente o público.

Ranchos gracios de crianças agradeciam os frutos da caridade; devastadores incêndios geravam ruínas; deflagravam guerras ou tremia convulsivamente a Terra, sacudida por abalos; um bandido espantava o mundo por seus crimes ou um poeta estreava sua lira, empunhando-a com um ramo de açucenas; fundava-se uma escola, inaugurava-se um jardim prometedor de sombras e rosas, e o *Diário de Notícias* contava aos seus leitores o que se passara no Mundo.

Registava «com a possível verdade» — assim se acentuava no programa — tudo quanto sucedia; «numa compilação cuidadosa de tôdas as notícias do dia, de tôdas as especialidades em noticiário universal».

Os acontecimentos, formidáveis ou vulgares, épicos ou singelos, arquivavam-se nas páginas do jornal, que crescia, medrava, ia como um gigante de botas de sete léguas avançando pelo País, contendo em seu espírito o sonho de um titã.

Eduardo Coelho escrevera:

«Agora o povo já lê! Às portas dos arsenais, das oficinas, dos quartéis, nas horas de ócio, o soldado, o operário, o artista, agrupam-se e lêem.»

---

Faltava ao povo o pão do espírito; eu dei-lho.»

Eis o brado altivo e nobre saído do peito de um homem que, abraçado a um sonho, chegara à beira do desalento precursor de todos os desesperos.

A obra que emprendera venceu porque não se desviou da linha direita. Os continuadores de Eduardo Coelho — Alfredo da Cunha, Eduardo Schwalbach, Augusto de Castro, que pela segunda vez dirige o jornal — imprimiram ao *Diário de Notícias* as características próprias de seus talentos e temperamentos, conservando-lhe, porém, a robusta estrutura do seu inicial compromisso.

Três académicos, mestres de jornalismo, formaram constelação.

O jornal marchou com o tempo, avançou como uma grande e cintilante máquina, na velocidade que o público exigiu, e desde há setenta e cinco anos o seu título, sonoro e vibrante, ecôa cheio de mais promessas.

Retumba na voz do colosso a garantia dada nos vagidos soltos nas páginas pequeninas, no berço pobre da oficina mesquinha, onde dois trabalhadores lutavam pela honra do seu grandioso programa.

ROCHA MARTINS

## 2.º

### O VENDEDOR DE JORNAIS

que há cêrca de quarenta anos serviu de modêlo para o «ardina»  
do monumento a Eduardo Coelho, ainda hoje apregoa  
o «Diário de Notícias»

— «N'ícias!»! Olha o «N'ícias!»!

E vão passados quarenta anos que João Maria da Costa Mortágua, no embalo e no estímulo dêste pregão alegre, agência a sua vida e mantém o seu lar. Conhecemos os vendedores de jornais como os cantores de ópera — pela voz. E distinguimos, no tumulto de pregões que fazem a alvorada das ruas, a voz do nosso «ardina», do que habitualmente nos traz, mensageiro benvindo, o Mundo singular e turbulento que se condensa nas colunas de um jornal.

Este Mortágua, que foi imortalizado no bronze três séculos depois de instituídos os «cegos papelistas» — que tinham o privilégio de apregoar e vender pelas ruas livrinhos, folhinhas, gazetas, relações, suplementos e outros papéis avulsos impressos — é, na realidade, o verdadeiro tipo do vendedor de jornais — activo, honrado e alegre. Enquanto moço, correu a cidade de lês-a-lês com o seu grito triunfante que era o anúncio das grandes novas: — «N'ícias!»! Olha o «N'ícias!»! Cá 'stá o «N'ícias!»! E, ao mesmo tempo que gahhava o seu pão, parecia feliz de ser, no seu pitoresco simpático, um correio da instrução popular e personagem dinâmica no drama ininterrupto da urbe.

Mas, no dobar dos anos, a velhice havia de bater-lhe à porta. E agora que já não é ágil e vivo como outrora, fatigado da existência corrida ao sol, ao frio e à chuva, no tempo em que as escadas mais íngremes eram subidas aos galgões, para que não demorasse a chegada do *Diário de Notícias* aos lares onde era ansiosamente esperado, o Mortágua confinou-se numa das esquinas da Baixa e mantém no giro das ruas três dos seus cinco filhos: Manuel, de dezanove anos; José Maria, de dezasseis, e António de doze. Todos principiaram a ganhar a vida na idade em que êle começou e com o mesmo pregão alegre: — «N'ícias!»! Cá 'stá o «N'ícias!»!

João Maria da Costa Mortágua, que tem agora cinqüenta anos, é natural da Murtosa. Aos onze anos veio para Lisboa. Aprendeu a ler e fêz-se vendedor de jornais. Vendia na linha do Estoril e de-presa grangeou numerosa freguesia, porque todos sympathizavam com o seu pregão cantado e o seu rosto jovial.

Andava já no ar a idéia de se erguer em Lisboa um monumento a Eduardo Coelho, fundador do jornal popular. Lançara-a, em Dezembro de 1894, José da Assunção Marques, humilde leitor do *Diário de Notícias* e secretário de uma associação de socorros mútuos que tinha como patrono aquêle jornalista. Mais tarde, uma comissão constituída pelo conde de Valenças, Simões de Almeida, Diogo Seromenho, Jaime Artur da Costa Pinto, João José de Sousa Teles, Luiz Eugénio Leitão, Paul Plantier, Rodrigo Afonso Pequito e Pedro Venceslau de Brito Aranha fêz executar, por subscrição pública, o monumento que hoje se admira no jardim de S. Pedro de Alcântara — obra do architecto Alvaro Machado e do escultor Costa Mota.

— Como isso vai longe, «meu colega!» — exclamou êle, na conversa que entreteve ontem com um redactor do *Diário de Notícias*. E lembrou:

— Fêz-se um concurso, para ver qual dos *ardinas* miúdos tinha mais *planta* para figurar na estátua. E vai daí fui eu o escolhido para modêlo do vendedor de jornais. Tinha, então, quinze anos de idade e quatro de *Universidade*...

— Lembra-se do escultor Costa Mota?

— Se me lembro! Trabalhei tanto tempo com êle e com o Sobrinho no *atelier* da Pampulha... Era muito bom homem, tinha muito jeito para a escultura... e foi sempre meu amigo. Pagava-me a 2\$500 réis cada hora de *pose* — aquilo é que foi ganhar

dinheiro! Mas era exigente: queria-me sempre na mesma posição de correr e apregoar, a mesma dobra na calça, o mesmo vinco no barrete. Fiquei tal qual era. Por fim, em 19 de Dezembro de 1904, em S. Pedro de Alcântara, os senhores mais importantes de Lisboa inauguraram a estátua. Eu estava lá, ninguém reparou em mim, mas não me importei; daquela gente toda o que ficava ali para sempre, com o sr. Eduardo Coelho, era eu...

— Voltou mais vezes a S. Pedro de Alcântara?

— De vez em quando vou lá ver-me: tenho saúdaes dos meus tempos de miúdo.. E, há três anos, quando se fêz a romagem do pessoal do *Diário de Notícias*, o falecido repórter Adriano Costa levou-me lá e fui eu quem, em nome de todos, pôs um ramo de flores no monumento.

— A maior recordação da sua vida de *ardina*?

— Além dessa de ter servido de modêlo para a estátua, os casos mais reinadios foram passados com a Polícia quando ela queria apreender os jornais que diziam mal do Governo e a gente fugia a sete pés para salvar a *massa* das fôlhas. Até saltei muros para salvar a venda... Mas o meu jornal preferido foi sempre o *Diário de Notícias* e esse nunca me deu desgostos nem me obrigou a saltar muros...

### 3.º

## A ACÇÃO DE BENEMERÊNCIA DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» DURANTE O ANO DE 1939

O jornal, essa fôlha de papel que se compra por quatro tostões e que dura um dia, é uma das mais curiosas fôrças do mundo de hoje.

É nêle que se lançam as idéias generosas, que se encontra ambiente para as iniciativas altruistas, que se recebem os apêlos desencontrados e angustiosos, ditados por corações que a fatalidade domina.

Até ao jornal vêm as cartas tristes do estudante que não tem dinheiro para a matrícula; dos doentes que, amarrados aos leitos de dor do hospital, pedem uma telefonia; do cego que necessita dum instrumento de música, seu único consôlo e ganha-pão; da mulher que se vê rodeada de filhos e de tristeza; de todos, enfim, que necessitam de lançar ao Mundo um genido em que vai a sua dor e a sua necessidade de socorro.

O jornal transmite o apêlo. Fê-lo discretamente, sem carregar as côres tristes, sem especular com a tragédia dos outros.

Mas os leitores compreendem. Imediatamente acorrem os óbolos necessários. Um sobrescrito fechado contém o dinheiro da matrícula, vieram duas telefonias para os infelizes doentes, o violino para o artista cego, a esmola para a viúva...

O jornal, que bate a tôdas as portas, que se senta a tôdas as mesas, que se demora em tôdas as casas, faz o milagre.

Durante o ano — dia após dia — esta cadeia não se interrompe — fazer bem!

O asilo que necessita de legados, o dispensário que precisa de dedicações, a obra a que falta compreensão e carinho encontram no jornal o melhor e mais perfeito auxiliar.

Tal é, desde o seu primeiro ano — e já lá vão 75! — a obra levada a cabo pelo *Diário de Notícias*.

Concebido para servir o público, a êle deve o seu êxito e a sua vitória. Hoje o *Diário de Notícias*, dentro do seu poderosissimo raio de acção, realiza a favor dos humildes uma obra enorme. Leva-a a cabo, uma vez mais e sempre, graças ao carinho do público, à sua inteira e completa identificação com os problemas dêste jornal, que não aspira a mais senão a servir pelo bem comum e a realizar uma obra que transcende os limites da sua própria acção.

Ano após ano sobe o nível do movimento do *Diário de Notícias* em todos os sectores da sua vida. O benfazer ressentese dêste acréscimo de actividade. Cada ano que entra é maior número de protegidos, desde os pensionistas aos pobres eventuais que batem à

nossa porta no desejo — legítimo mas nem sempre possível de satisfazer — de receberem um pouco daquilo que espalhamos entre os que necessitam.

Na roda do tempo correu um ano. Ano em que surgiram novas preocupações que vieram tornar ainda mais difícil a vida, já de si difícil e dura.

Durante 1939 quanto demos para os pobres? Quanto recebemos para eles dos nossos leitores? Quantos donativos, quantos apelos com fins especiais? Quantos legados vieram recordar nomes de beneméritos que ao abandonarem para sempre o transitório terrestre quiseram praticar um último gesto de caridade?

Os números, na sua expressiva eloquência, falam melhor do que as palavras. Quanto fizemos se pode apreciar nesta rápida resenha.

Receberam-se para os nossos pobres 36.826\$34. Essa verba é composta por 18.370\$80 que nos enviou a caridade dos nossos leitores e 18.455\$54 com que o *Diário de Notícias* concorreu para esse fundo especial. Desta importância total foram distribuídos até hoje 32.614\$70, de que beneficiaram 2.093 indigentes.

Mas nem só em esmolas se manifestou a actividade do *Diário de Notícias* neste capítulo de Beneficência. Dezassete apelos sucessivos renderam 4.885\$10, que foram entregues integralmente aos necessitados por quem intercedemos. Dezassete casos tristes que, graças aos leitores do *Diário de Notícias*, foram solucionados, ou, pelo menos, a que foi dada momentânea e profícua satisfação. Caso idêntico é o dos donativos especiais. Recebemos 3.267\$40 que foram satisfazer necessidades prementes.

Para auxílio a estudantes pobres recebemos 60\$00 e entregámos a 26 estudantes 2.640\$15. Conveniente se torna frisar que nesta verba para estudantes se incluem os casos gerais e não aquêles para os quais fizemos um apêlo especial e cujo caso se encontra englobado na verba «Apelos».

Ainda neste campo, o *Diário de Notícias* promoveu uma festa no Coliseu dos Recreios, com o valioso patrocínio do sr. coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa, e destinado aos estudantes pobres. O produto da festa, que rendeu 13.398\$45, foi entregue ao chefe do distrito para aquêle fim.

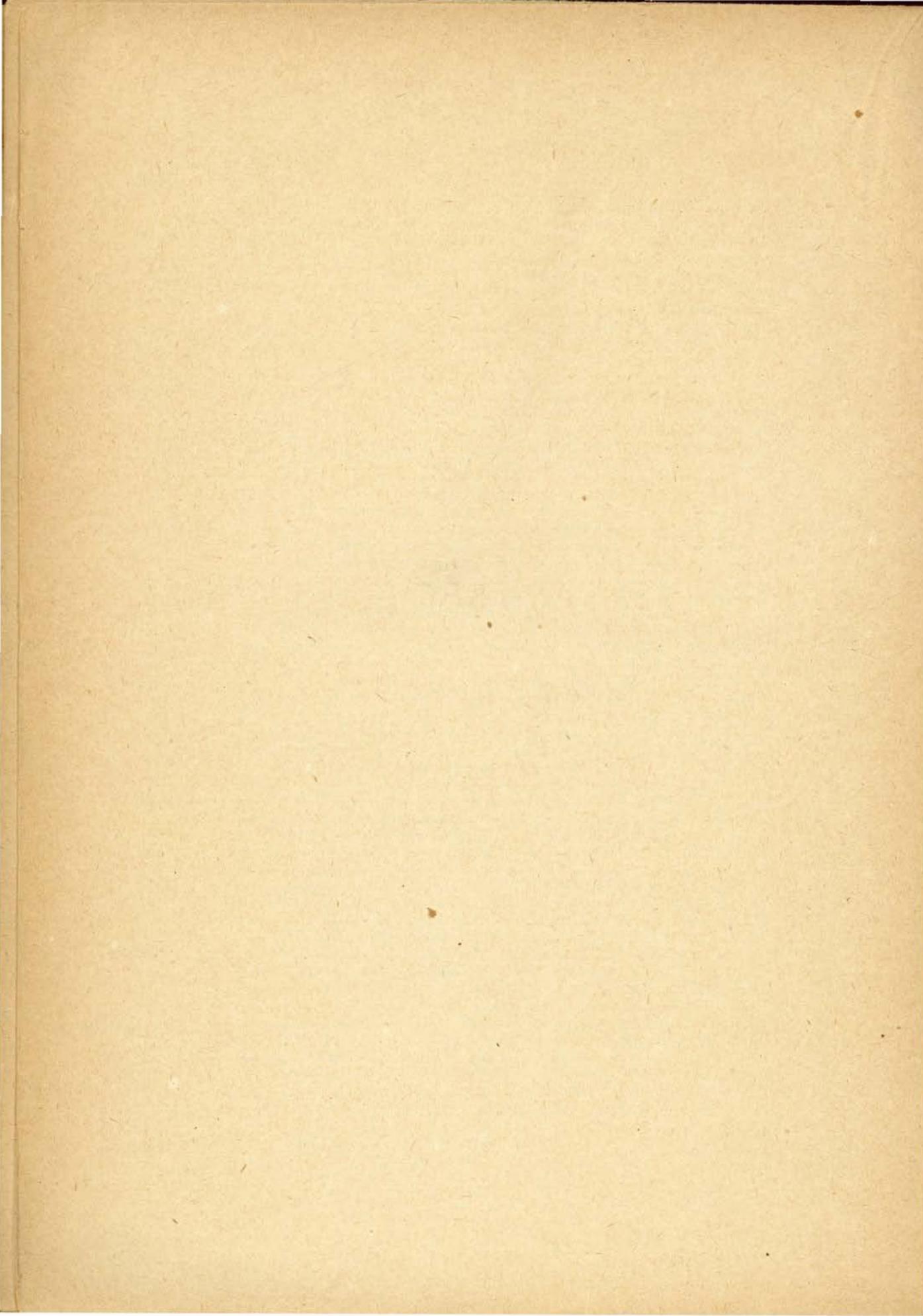
Finalmente, recebemos em legados 35.250\$00. Não queremos deixar de aqui recordar as memórias de dois beneméritos que não se esqueceram dos nossos pobres. Recordar os seus nomes é prestar o melhor preito às suas memórias — Artur Cília deixou 20.000 escudos e Eduardo Ribeiro Silva 15.000. O resto é constituído por pequenos legados — pequenas importâncias, é certo, mas grande exemplo. Do total dos legados foram já distribuídos, por 2.861 pobres, 32.380\$00.

Se somarmos tôdas estas verbas teremos que o total do que recebemos — compreendendo nessa verba cêrca de 20.000 escudos com que o *Diário de Notícias* concorreu para este fundo — alcançou 80.288\$84 e que foram já distribuídos 75.787\$35.

A criança mereceu, também, o nosso melhor carinho, pois para ela realizámos, mais uma vez, com o valioso apoio do sr. governador civil, uma colónia infantil em Belas, cujos benéficos resultados excederam as mais lisonjeiras expectativas.

Ainda acarinhámos alguns outros problemas de transcendente importância para a vida da Nação. Assim, a exemplo de outros anos e continuando uma obra por nós iniciada em feliz hora de solidariedade, fizemos, com ardente entusiasmo, a propaganda da luta contra o cancro, interessámo-nos no seu peditório anual; abrimos nas nossas colunas uma subscrição, que está sendo amplamente produtiva para os leprosos, e acolhemos durante o ano nas nossas colunas todos os inúmeros pedidos de apoio que nos foram dirigidos para iniciativas de interêsse humanitário e altruista.

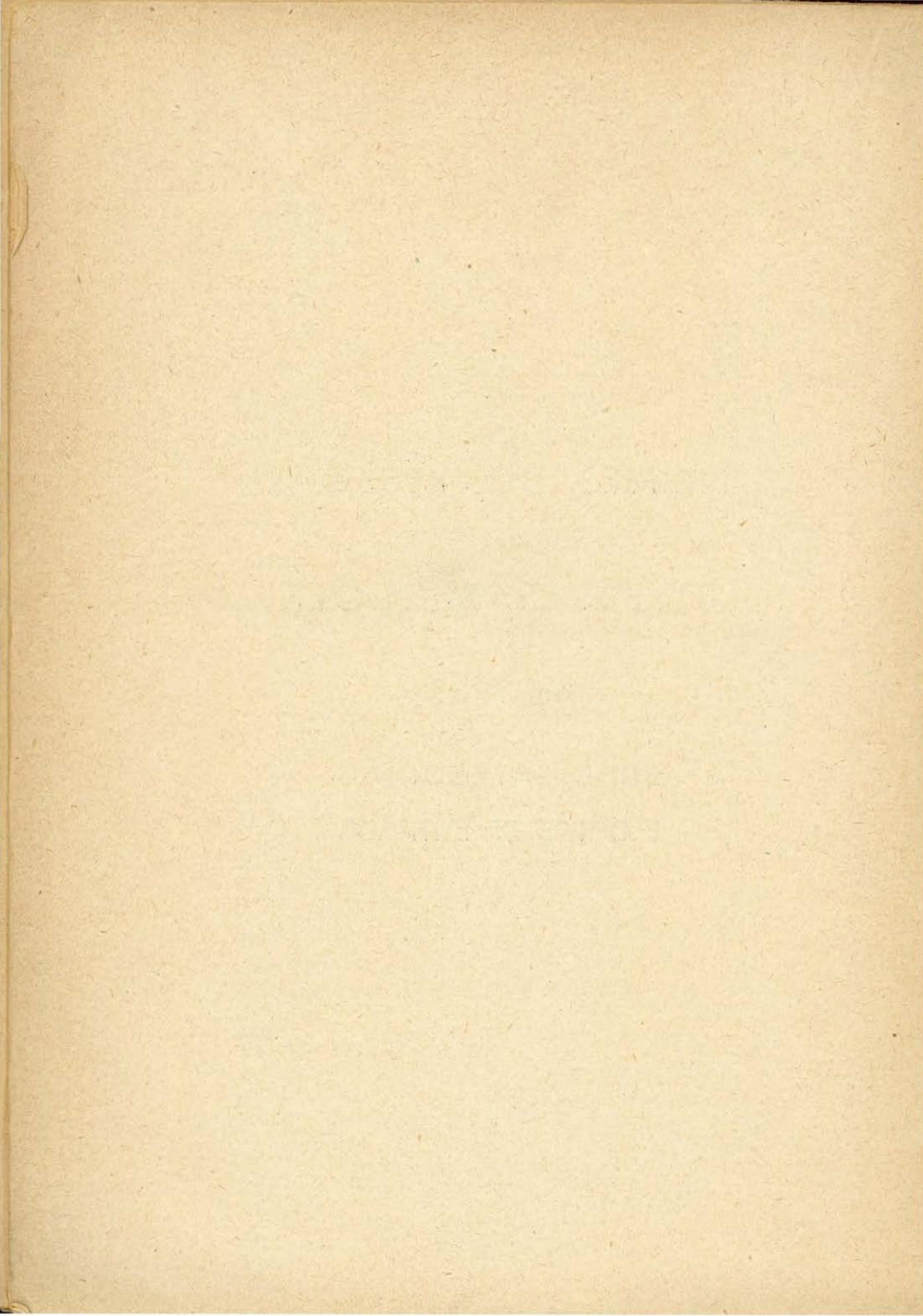
Tal é, em rápida resenha, a actividade do *Diário de Notícias* no campo do benfazer. Para continuarmos a nossa obra necessitamos do auxílio nunca negado dos nossos leitores. Para eles, para que não se esqueçam dos nossos pobres, apelamos uma vez mais, certos de que nosso pedido não soará no deserto, antes encontrará corações compadecidos da dor alheia.



NOMES DO PESSOAL  
DAS  
DIVERSAS SECÇÕES

em 1939

SUAS CATEGORIAS  
E DATAS DE ENTRADA



# "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

## DIRECÇÃO

DR. AUGUSTO DE CASTRO — Director

### REDACÇÃO

#### Chefe

Aprígio Mafra, 2 Janeiro 1919 (1).

#### Subchefes

Dr. Jaime Leitão, Junho 1913.  
Ernesto Belo Redondo, Abril 1915.

#### Redactores

António Ferro, 29 Abril 1924.  
António Lepierre Tinoco, 24 Outubro 1938.  
Artur Maciel, 7 Junho 1939.  
Augusto Pinto, 15 Novemb. 1924.  
Carlos Rebelo da Silva, 3 Maio 1924.  
Cristiano Lima, 21 Novemb. 1924.  
Eduardo Gomes Vieira, 13 Fevereiro 1921.  
Fausto Vilar, 3 Maio 1924.  
Dr. Fernando Teixeira, 23 Dezembro 1934.  
Francisco Veloso, Agosto 1936.  
Guterre de Oliveira, 3 Outubro 1936.  
Dr. João de Campos Lima, 1 Novembro 1928.

José Augusto dos Santos, 8 Setembro 1934.

José Mongeardini de Freitas, 1 Março 1929.

Júlio de Almeida, Janeiro 1920.

Luiz Teixeira, 1 Outubro 1927.

Manuel Castelo Branco, Setembro 1927.

Manuel Luiz Rodrigues, 21 Março 1932.

Oldemiro César, 1 Maio 1924.

Tomé Vieira, 7 Junho 1939.

Fernando Fragoso, 1 Julho 1939.

#### Colaboradores efectivos

Alberto Cardoso dos Santos, 12 Maio 1924.

Alfredo Pimenta, 17 Junho 1936.

D. Alice Santos, 1 Junho 1939.

António da Costa Leão, 30 Setembro 1913.

António Santos (Antonito), 1 Junho 1939.

General Fernando Borges, Novembro 1924.

José Parreira, Fevereiro 1897.

D. Irene Garcia, Maio 1924.

(1) Todas as datas referem-se à entrada do funcionário na Empresa, ou no jornal.

Eng.º Paulo de Brito Aranha, 1  
Maio 1924.

Colaboradores eventuais  
com remuneração fixa

Francisco da Rocha Martins, 4 De-  
zembro 1927.

Dr. João Ameal, 1919.

Maurício de Oliveira, Janeiro 1930.

Jorge Monteiro, 8 Junho 1939.

Ricardo Ornelas, 8 Junho 1939.

Hortênsia Monteiro Ferreira, 1 Ju-  
nho 1939.

F. Ferreira Dias de Sousa, Janeiro  
1939.

Artur dos Santos Jorge, 18 Maio  
1934.

Stuart Carvalhais, Dezembro 1936.

António da Costa, Março 1937.

Colaboradores eventuais

Brig.º Agostinho Barreto de Oli-  
veira.

Dr. Reinaldo dos Santos.

Dr. Joaquim Madureira.

Rui Coelho, Maio 1923.

Bourbon e Meneses.

General Luiz Augusto Ferreira  
Martins, Janeiro 1935.

Dr. Ferreira de Mira, Dezembro  
1922.

Dr. António Rita Martins.

João Correia Pereira.

Dr. Alberto de Oliveira.

Dr. António de Sousa Gomes.

Dr. Amílcar Ramada Curto.

António Bôto.

Nogueira de Brito.

Manuel Rodrigues (El Rodri-  
guito).

Ramiro Barros e Silva.

Luiz Reis Santos.

João Bastos.

Dr. António Rodrigues Cavalheiro.

D. Ester Côrte Real.

D. Gabriela Castelo Branco.

Isidro António Gaio.

Armando de Sá.

Repórteres

Amílcar Sarmiento da Silva, 10 De-  
zembro 1935.

António Pinto Monteiro, 1 Outu-  
bro 1924.

Armando de Aguiar, 11 Novem-  
bro 1927.

Augusto Cordeiro, 7 Fever.º 1929.

Eliseu Piteira de Almeida, 1 No-  
vembro 1926.

Fernando Alegrim, 1 Agosto 1927.

José Ferreira de Albuquerque, 1  
Março 1923.

Júlio Marques da Costa, 1 Agosto  
1907.

Júlio de Oliveira Barroca, 1 Ju-  
nho 1924.

Mário Rosa, 1 Maio 1934.

Informadores com remuneração

Alberto Herculano de Morais, Ju-  
lho 1931.

Álvaro Anselmo, Outubro 1937.

Ângelo Pereira, Julho 1912.

António Rodrigues, Julho 1938.

Armando Ferreira da Silva, Agosto  
1932.

Emílio de Freitas, Junho 1925.

Eugénio de Melo, Junho 1927.

Firmino da Silva, 1932.

Guilherme Moura de Azevedo.

João Hidalgo, Setembro 1927.

João Mendes Duarte, Novembro  
1938.

Jaime Celestino Pereira, 1 Março  
1901.

Joaquim de Carvalho, Julho 1928.

José António Pereira, 5 Julho 1932.  
José Lima Duque, 26 Outubro  
1927.  
José Maria Nogueira, 1897.  
José Robalo, Janeiro 1919.  
Júlio de Moura Teixeira, 1 Fevereiro 1919.  
Manuel de Carvalho, Janeiro 1934.  
Manuel Lusitano, Janeiro 1935.  
Mário de Castro, 14 Abril 1936.

#### Informadores sem remuneração

António Maria da Silva.  
Abílio da Costa Polónio.  
Francisco Gaspar.  
António Marques de Campos.  
João Mendes Duarte.  
10 correspondentes com remuneração fixa mensal.  
4 correspondentes do estrangeiro com remuneração fixa mensal.  
1.557 correspondentes do País sem remuneração.

#### Chefe da reportagem fotográfica

Álvaro Ferreira da Cunha, 1 Agosto 1933.

#### Repórteres fotográficos

Anselmo Franco, 1 Novembro 1910.  
Firmino Marques da Costa, 13 Março 1926.  
Jaime Santos, 13 Março 1926.  
Júlio Marques da Costa, 1 Agosto 1907.

#### Retocadores

José Ferreira de Albuquerque, 1923.  
Pedro Knotz, 1924.

## SECRETARIA

### Secretário geral

Coronel José Maria Pereira Coelho, 7 Junho 1939.

### Chefe da Secretaria

Mário Barros, 16 Novembro 1920.

### Funcionários

Abílio de Carvalho, 1 Maio 1920.  
António de Sá, 1 Novembro 1929.  
Francisco Veloso, 1939.  
Jaime Silva, 1 Maio 1919.  
Urbano Rodrigues Carrasco, 16 Agosto 1937.

## ARQUIVO E BIBLIOTECA

### Chefe

Joaquim Gomes Monteiro, 1 Julho 1921.

### Arquivistas

Américo da Silva Veiga, 1 Junho 1935.  
Cândida Galante Veiga, 16 Novembro 1928.

### Bibliotecário

Carlos Schwalbach, 4 Maio 1937.

### Arquivistas

Eduardo Junqueiro de Matos, 9 Outubro 1908.  
José Gaspar da Cruz Felipe, 14 Janeiro 1938.

### Chefe do arquivo de gravuras

José Cordeiro de Sousa, 1 Abril 1930.

### Arquivistas

Manuel L. Soares da Rocha, 6 Janeiro 1911.  
Severino Soares, 1 Maio 1924.  
Urbano Rodrigues Carrasco, 16 Agosto 1937.

## SERVIÇOS DE PROPAGANDA E DAS PROVÍNCIAS

### Chefe

Francisco Abel Moutinho, 18 Junho 1919.

### Inspectores

Alexandre Certã, 16 Dezembro 1927.

José João, 15 Junho 1939.

Mário Nunes de Carvalho, 15 Outubro 1926.

### Redactor regionalista

Urbano Rodrigues, 16 Fevereiro 1934.

### Dactilógrafa

Alda Rodrigues Oliveira, 1 Janeiro 1925.

### Funcionários

Carlos Neves, 1 Março 1928.

D. Clotilde Carmona, 1 Novembro 1934.

Duarte Rosado, 1 Julho 1928.

Fernando de Sousa, 16 Dezembro 1919.

José Augusto Sáfera Costa, 1 Setembro 1924.

Mary Henriques Barbosa, 10 Junho 1938.

### Delegados distritais

Alberto Couto, 17 Agosto 1931.

Armando Boino de Azevedo, 17 Agosto 1928.

Augusto Baltasar da Silva, 7 Março 1928.

Eduardo Ala Cerqueira, 26 Novembro 1930.

Guilherme Faria, 28 Abril 1932.

João Marcelino, 1 Junho 1928.

Jorge de Macedo, 1 Junho 1928.

Leonídio Ferro de Abreu, 16 Outubro 1932.

Mário Lister Franco, 27 Outubro 1928.

## PUBLICAÇÕES

### «NOTÍCIAS AGRÍCOLA»

#### Directores

Dr. Artur Urbano de Castro, 1 Outubro 1924.

Dr. Joaquim Pratas, 2 Janeiro 1926.

#### Colaboradora

D. Matilde Taveira, 1 Agosto 1936.

### «ARQUIVO NACIONAL»

#### Director

Joaquim Gomes Monteiro, 1 Julho 1921.

#### Revisor

José Câmara Manuel, 2 Janeiro 1922.

#### Colaborador

Eurico Coelho da Silva, 30 Dezembro 1937.

### «OS SPORTS»

#### Director

Raul de Oliveira, 24 Abril 1927.

#### Chefe da redacção

Raul das Neves Reis, 7 Fevereiro 1926.

#### Redactores

Manuel Pereira Rodrigues, 6 Junho 1932.  
Vasco Almeida Rocha, 10 Julho 1939.

#### Colaboradores

Jorge Monteiro, 16 Agosto 1922.  
Dr. Fernando Teixeira, 26 Dezembro 1934.  
Mário Rosa, Maio 1934.  
Ricardo Ornelas, Janeiro 1925.  
Humberto Reis, 18 Dezembro 1936.  
António Ribeiro dos Reis, 2 Outubro 1925.  
Manuel Mota, 24 Outubro 1934.

Dr. José Salazar Carreira, 14 Novembro 1920.

Dr. Antero Nobre, 11 Dezembro 1933.

Alberto de Freitas, 10 Outubro 1924.

Rodrigues Teles, 1939.

Reinaldo Monteiro, Dezembro 1925.

Diamantino Dias, Agosto 1937.

Carlos Correia, 1939.

António F. Pereira Cruz, 1938.

José Dias Pereira, 27 Março 1933.

Abílio Gil Moreira, 21 Julho 1933.

#### Fotógrafos

Jorge Garcia, Setembro 1937.

João dos Santos, 1 Setembro 1938.

## REVISÃO

#### Chefe

José Frazão de Vasconcelos, 1 Dezembro 1909.

#### Subchefe

António Joaquim Rosa, 1 Maio 1921.

#### Revisores principais

Américo José Luiz Coelho, 21 Março 1932.

Mariano Arnz Franco, 21 Março 1932.

#### Revisores

António José Gomes, 9 Maio 1936.

António da Silva Prata, 12 Junho 1933.

António Vicente Duarte Palhota, 12 Junho 1933.

Armando Lázaro, 17 Janeiro 1930.

Dionísio Bento, 13 Maio 1936.

Eduardo Paulo de Macedo, 12 Junho 1933.

Fernando Augusto Simões, 13 Maio 1936.

Francisco Alfaro, 12 Junho 1933.

Francisco Camacho de Brito, 5 Maio 1921.

Francisco Rangel de Lima, 13 Maio 1924.

Henrique Bizarro, 12 Junho 1933.

Horácio da Luz de Brito, 12 Junho 1933.

Jacinto de Melo Garrido, 9 Fevereiro 1931.

João de Oliveira Baptista, 2 Novembro 1934.

José Maria Calvet Cardoso, 28 Maio 1934.

José Gaspar de Almeida, 17 Janeiro 1930.

José de Macedo Ferreira, 5 Maio 1921.

José Vitoriano de Moraes Areias, 13 Maio 1936.

Luiz José Pereira, 9 Setembro  
1920.

João da Cunha Rêgo, 1 Setembro  
1923.

Revisores supras

Henrique António Pereira, 15 Fe-  
vereiro 1937.

Jorge de Mariz Sarmento, 22 Ou-  
tubro 1938.

Olegário de Sousa Miguéis, 13  
Maio 1936.

Ricardo Mira Godinho, 22 Outu-  
bro 1938.

Rogério de Paula Bastos, 29 Outu-  
bro 1938.

Vitorino Freire de Meneses, 22  
Outubro 1939.

## SERVIÇOS DE TESOURARIA

### TESOURARIA

#### Tesoureiro

Carlos Robalo dos Santos, 1 Março  
1926.

#### Caixas

Manuel Carlos Bastos Teixeira,  
8 Fevereiro 1924.

Joaquim Silva, 30 Maio 1927.

### SERVIÇO DE COBRANÇAS

#### Chefe

Alberto Calderon Deniz, 7 Julho  
1920.

#### Escriturários

Acácio Barata, 1 Setembro 1927.

António Cardoso, 20 Fevereiro  
1936.

Aureliano da Fonseca Matos, 24  
Agosto 1924.

D. Emília de Brito Moreira, 6  
Abril 1938.

Francisco Ribeiro da Silva, 1 Abril  
1933.

João Moreira Ventura, Setembro  
1926.

Maria de Lourdes Valente Pedro,  
12 Abril 1922.

Narciso da Silva Bastos, 4 Abril  
1935.

#### Cobreadores

António Marques, 1 Outubro 1922.  
Genésio Silva, 16 Junho 1932.

José Caetano Nereu, Julho 1919.  
José Mateus, 24 Fevereiro 1937.

José Valentim Serra, 15 Julho 1924.  
Júlio Pinheiro Abranches, Agosto  
1932.

Luiz José Miguéis, 1915.  
Miguel Nunes, 28 Maio 1937.

## SERVIÇOS DE CONTABILIDADE

### CONTABILIDADE INDUSTRIAL

#### Chefe

António Matias Ferreira Gomes,  
2 Setembro 1916.

#### Subchefe

Mário Costa, 1 Julho 1925.

#### Escriturários

Adelino Borges Mousinho, 15  
Agosto 1931.

António Gomes Entresêde, 15  
Março 1939.

Henrique Lopes Moreira, 13 Ju-  
nho 1927.

João Silva, 15 Janeiro 1906.  
José da Silva Ramos, 6 Março  
1929.  
Manuel Antunes Alpiarça, 4 Julho  
1938.

#### CONTABILIDADE COMERCIAL

##### Chefe

José da Costa Barros, 23 Abril  
1923.

##### Escriturários

Afonso Félix, 1 Junho 1936.  
Andreolina Ferreira Correia, 17 Ju-  
nho 1920.  
António Cunha da Silva, 3 Agosto  
1938.  
Edmundo Ferreira Marques, 7  
Março 1927.  
Eduardo Madeira, 15 Janeiro 1930.  
José dos Santos Lopes, 21 Junho  
1928.  
Mário de Oliveira Nunes, 7 Abril  
1933.  
Rogério de Campos, 20 Abril 1935.

Severo de Oliveira Pires Marinho,  
14 Maio 1938.

#### CONTABILIDADE CENTRAL

##### Chefe

Ariosto Saturnino, 1 Maio 1907.

##### Escriturária

Clotilde Roubaud y Pujol, 13 Ju-  
nho 1929.

##### Escriturários

José Abel Pedroso Sáfera Costa,  
28 Maio 1932.  
Raul Homem Cristo, 11 Junho  
1932.  
Rui Pinheiro Faria de Oliveira,  
1 Agosto 1936.

##### Praticantes

Armando da Conceição Marques,  
1 Fevereiro 1939.  
Fernando Pinto de Mesquita, 10  
Outubro 1938.

### SERVIÇOS DE EXPEDIENTE

#### CORRESPONDÊNCIA E ARQUIVO

##### Chefe

Dr. Caetano de Abreu Beirão, 27  
Dezembro 1920.

##### Subchefe

D. Celeste do Rosário, 15 Maio  
1927.

##### Arquivista

D. Ernestina Barbosa Gil Mouti-  
nho, Junho 1924.

##### Escriturária

D. Ilda Nunes da Conceição, 1 Ou-  
tubro 1923.

##### Dactilógrafos

Faustino José de Abreu Morais, 3  
Abril 1934.

Fernando da Cunha Guerra, 29  
Outubro 1935.

D. Sara Vilares Fragoso, 28 Julho  
1938.

#### EXPEDIENTE COMERCIAL

##### Chefe

Francisco de Paula Bastos, 1 Maio  
1918.

##### Escriturária

D. Adelaide Maria Amaro, 17 Fe-  
vereiro 1928.

Escriturário

Eduardo Augusto Elder, 1 Setembro 1939.

Escriturárias

Elizabeth Correia de Sousa, 23 Julho 1924.

Isaura Cortez, 19 Abril 1924.

Maria do Céu da Cunha Frazão, 7 Março 1926.

Maria Helena de Bastos Coelho Anjos, 21 Junho 1930.

Maria José Oliveira Mousinho, 11 Março 1929.

## SERVIÇOS DE «CONTRÔLE» E ESTATÍSTICAS

### CONTRÔLE E ORGANIZAÇÃO

Chefe

Dr. António Filomeno Lourenço, 3 Abril 1922.

Escriturários

Aguiinaldo Mousinho, 3 Novembro 1920.

António Correia, 26 Junho 1915.

Francisco Mário Ribeiro dos Santos, 1 Maio 1911.

José Vítor F. de Melo Ilharco, 30 Junho 1933.

Ramiro Alves de Sousa, 1 Dezembro 1918.

Vítor Manuel Ferreira Vasques, 7 Dezembro 1937.

Dr. Magnus A. Bergström, 2 Janeiro 1928

## SERVIÇOS TÉCNICOS

### SECÇÃO TÉCNICA

Chefe geral das oficinas

Engenheiro Gabriel Ramires dos Reis, Outubro 1930.

Inspectores

Manuel Celestino Matias, Outubro 1928.

Sotero Martins da Silva, Abril de 1928.

Escriturários

José de Paula, Novembro 1938.

### ORÇAMENTOS

António Justino da Fonseca, Novembro 1919.

### ARMAZÉNS

Chefe

Manuel da Silva Simplício, Junho 1939.

Funcionário

José Marcos, Outubro 1921.

Serventes

Augusto Joaquim Baptista, Novembro 1911.

Joaquim Torrinha, Agosto 1934.

## SERVIÇOS DO CONTENCIOSO

Advogado

Dr. Alberto Ramires dos Reis, 1 Janeiro 1923.

Adjunto

Dr. António Horta e Costa, 16 Outubro 1937.

Solicitador

Abílio Barbosa Duarte Cruz, 1923.

## SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA

### PÓSTO MÉDICO

#### Médico

Dr. Afonso Alfredo da Silva Tavares, 1 Agosto 1939.

### CAIXA DE BENEFICÊNCIA E DONATIVOS DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

Raul Homem Cristo — Escritório — 11 Junho 1928.

## REFORMAS E DOENÇAS

Alfredo dos Santos, 7 Junho 1926.

António Pereira, 1 Março 1929.

Augusto Felipe dos Santos, 11 Novembro 1901.

Bonifácio Guimarães, 24 Dezembro 1887.

Carlos Ferreira, 4 Agosto 1904.

João Amaro Soares, Julho 1907.

João Moniz Ferreira, 1 Março 1929.

Joaquim Horto, Março 1892.

José Gil, 1 Agosto 1909.

José Sebastião Franco, 1893.

D. Maria Henriqueta Reis, 23 Dezembro 1927.

D. Maria da Luz Almeida Reis, 18 Abril 1920.

Miguel Martins, 1905.

Vasco Félix, 19 Outubro 1928.

## SERVIÇOS COMERCIAIS

### PUBLICIDADE

#### Chefe

Arnaldo José Faria de Oliveira, 12 Junho 1912.

#### Subchefes

Eugénio Costa, 3 Setembro 1916.

João Dias Beltran, 1 Janeiro 1918.

#### Escriturários

António Júlio dos Santos, 15 Dezembro 1919.

Dina Pereira, 15 Maio 1922.

Eduardo Coelho de Mendonça, 16 Dezembro 1926.

Francisco de Moura, 1 Junho 1935.

Francisco Ribeiro dos Santos, 1 Maio 1911.

Frederico Luciano, 18 Agosto 1918.

João Caldas Paz, 2 Agosto 1937.

João da Costa Campos, 2 Setembro 1919.

José de Sousa Miranda, 1 Outubro 1916.

Mário Correia Girão, 1 Março 1919.

Norberto Wolmar Silva, 1 Abril 1927.

#### Arquivista

José Sebastião Ramos, 1 Agosto 1934.

#### Desenhador

Vasco dos Santos Costa, 15 Janeiro 1935.

#### Angariadores de anúncios

Adriano Durão, 28 Março 1927.

António Romariz Monteiro, Outubro 1936.

Eduardo Martins, 24 Outubro  
1924.

Jaime Cristiano Ferreira Serra, 9  
Março 1926.

Paulo Simões Costa, 14 Outubro  
1927.

Rodrigo Simões Costa, 1 Junho  
1906.

Luiz Coucelo, 1934.

Berta Quaresma, 1922.

João Duque.

Francisco Ribeiro da Silva, Agosto  
1939.

Celestino Soares.

#### Corretores de anúncios

Coutinho Júnior, 1932.

David Lopes.

Santos Veira, 1933.

#### EXPEDIÇÃO

##### Chefe

Raul de Moraes Coelho, 1 Agosto  
1929.

##### Escriturário

António de Bastos Coelho, 6 Março  
1933.

António Simões Pôrto, 21 Junho  
1938.

Henrique Pinhão, 1 Junho 1927.

Joaquim Luiz de Castro Júnior,  
16 Março 1938.

Manuel de Almeida, 24 Setembro  
1921.

#### CASA DA VENDA DOS JORNAIS

Joaquim Nunes, 5 Abril 1925.

João Maria da Silva, 15 Janeiro  
1906.

Manuel Tavares de Oliveira.

Luiz Fernandes, 19 Maio 1919.

Luiz José Miguéis, 1915.

João Augusto da Silva.

Armando Nunes.

#### EDIÇÕES

José Galino Marques, 1 Fevereiro  
1930.

Mário Santana, 7 Setembro 1907.

Luiz da Cunha Rodrigues, 1 Ju-  
nho 1935.

D. Leónia Joseph Bar, 4 Maio  
1935.

#### ARMAZÉM DE LIVROS

José da Cruz Coelho, 1 Setembro  
1920.

Raul Vasconcelos, 1 Junho 1936.

Graciano Madeira, 18 Março 1929.

Jaime Gomes Mendes, 1 Abril  
1930.

#### COMPRAS

Manuel da Silva Simplício, 13 Ju-  
nho 1939.

### DELEGAÇÕES E FILIAIS

#### DELEGAÇÃO DO ROSSIO

##### Chefe

Francisco Álvaro Pereira, 11 Ja-  
neiro 1915.

##### Escriturários

Armando Simões da Silva, 1 Julho  
1939.

Lúcio Pereira, 17 Janeiro 1937.

Hélio Dias, 30 Novembro 1930.

Joaquim Saavedra, 4 Julho 1938.

José dos Santos Araújo, 2 Dezem-  
bro 1928.

##### Caixeiros de livreria

Luiz Cardoso, 10 Dezembro 1938.

Marcolino Cardoso, 1 Outubro  
1938.

Raul Ardeiro, 1 Outubro 1938.  
D. Violante Schultz Certã, 1 Julho  
1938.

Caixeiros dos Correios

António da Rocha Marabute, 1  
Outubro 1938.  
Fernando Américo da Silva, 1 Fe-  
vereiro 1939.

Praticante

Jaime de Matos Pinto, 1 Novem-  
bro 1938.

FILIAL LARGO TRINDADE  
COELHO

Encarregado

Abel da Silva Guimarães, 7 Março  
1929.

Empregado

José Carvalho, 1 Junho 1936.

Servente

Luiz Fernandes, 19 Maio 1919.

DELEGAÇÃO DO PORTO

Delegado e chefe da Delegação

João Duque, 19 Agosto 1919.

Chefe da redacção

José Pinto de Miranda, 1 Dezem-  
bro 1924.

Redactores

António Marques da Cunha, 1  
Maio 1927.

António Brochado, 1 Junho 1927.

Repórter

Daniel Felgueiras, 18 Julho 1937.

Cobrador e escriturário

Manuel Bastos, 1 Fevereiro 1927.

Informadores

J. Santos, 1 Fevereiro 1927.

Alfredo de Oliveira, 1 Fevereiro  
1937.

Francisco Meireles, 1 Agosto 1936.

Correspondente de «Os Sports»

Luiz Martins.

Fotógrafo

José Mesquita, 1 Agosto 1930.

«Grooms»

Elpídio Ribeiro, 1 Dezembro 1936.

José Mateus.

DELEGAÇÃO DE COIMBRA

Delegado e chefe da Delegação

António da Rocha Júnior, 1 Ja-  
neiro 1921.

Repórter

Adriano Peixoto, 1 Fevereiro 1936.

Contínuo

António Ferreira, 18 Fevereiro  
1937.

DELEGAÇÃO DE LEIRIA

Delegado e chefe da Delegação

Augusto Baltasar da Silva, 7 Março  
1928.

Escriturário

Augusto Seça Baltasar, 1 Maio  
1934.

DELEGAÇÃO DE SANTARÉM

Delegado e chefe da Delegação

Eurico Correia, 1 Outubro 1939.

Redactor

Manuel Figueiredo, 15 Junho 1937.

## PESSOAL MENOR

### CONTINUOS

#### Chefe

Carlos Viegas, 11 Novembro 1918.

#### Contínuos

Albertino Unhão, 1918.

Angelino Rafael Cifka, 15 Abril 1914.

Francisco Maria Júnior, 25 Janeiro 1938.

Jaime Gomes, 1 Agosto 1920.

João de Almeida, 7 Junho 1936.

Joaquim da Silva Ramos, 9 Outubro 1927.

José Fernandes, Outubro 1929.

Luiz Faria, 1 Julho 1936.

Agostinho Cardoso, 23 Outubro 1938.

José da Silva.

Mário Ferreira, 20 Fevereiro 1938.

#### Chefe

João Paiva da Mata, 30 Junho 1921.

#### Subchefe

Patrocínio José Pernes, 3 Maio 1923.

#### Contínuos

António Rodrigues, 9 Março 1928.

Miguel Rodrigues Firmino, 1 Julho 1921.

João Mendes da Silva, 28 Março 1938.

Vicente Sequeira da Fonseca, 1 Dezembro 1929.

João do Carmo, 15 Junho 1933.

### PORTEIROS

Carlos Cresol, 25 Janeiro 1937.

José da Silva.

Tiago Brito, Abril 1920.

Angelino Rafael Cifka, 15 Abril 1914.

Tomaz Ferreira, 29 Abril 1921.

Luiz Faria, 1 Julho 1936.

### LIMPEZA

Ana Marques, 26 Setembro 1927.

Maria Lopes da Fonseca, 7 Janeiro 1922.

Maria Martins, 30 Março 1928.

Celestina de Jesus.

Emília da Conceição, 6 Agosto 1932.

Helena dos Santos, 1 Fevereiro 1935.

Justiniana da Silva, 1 Junho 1935.

Lúcia Fernandes.

Maria da Glória, 30 Março 1927.

Maria José dos Santos.

Matilde dos Santos Pinheiro.

## SERVIÇOS TELEFÓNICOS

### Telefonistas

Brígida da Conceição Gabriel, 6 Novembro 1933.

Ester Tavira, 27 Abril 1934.

Eulália de Matos, 10 Março 1930.

Fernanda Xavier Marques, 27 Abril 1934.

Gertrudes da Conceição Gabriel, 8 Dezembro 1927.

Maria de Lourdes Moura, 22 Outubro 1938.

Sara Douwens, 23 Novembro 1919.

## ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

---

CAPITULO PRIMEIRO — Organização geral .....	17
CAPITULO SEGUNDO — Descrevem-se minuciosamente as instalações do novo edifício .....	109
CAPITULO TERCEIRO — Uma publicação em curso — <i>Os Sports</i> — <i>O Arquivo Nacional</i> — Duas grandes publicações cada uma no seu género — A cooperação ao desporto nacional — Episódios da História ao alcance do público .....	119
CAPITULO QUARTO — Publicações que existiram — <i>O Notícias Ilustrado</i> — <i>Paris-Notícias</i> , edição semanal do <i>Diário de Notícias</i> publicada em Paris — <i>Eva</i> , revista feminina — Brindes aos senhores assinantes do <i>Diário de Notícias</i> e Colecção <i>Diário de Notícias</i> — <i>Diário de Notícias</i> ilustrado, grande edição de luxo .....	153
CAPITULO QUINTO — Cultura económica e cultura científica — <i>O Notícias Agrícola</i> — As suas publicações — A sua acção junto da lavoura nacional — A revista <i>Electricidade e Mecânica</i> .....	175
CAPITULO SEXTO — A secção de edições — Obras editadas — Exitos obtidos — Algumas edições notáveis — Bibliografia geral .....	189
CAPITULO SÉTIMO — O que é, o que vale e o que representa, na vida social, desportiva e económica do País a iniciativa da «Volta a Portugal em bicicleta». Como se faz, jornalisticamente, a reportagem da «Volta» — A Inglaterra e Portugal, segundo Urbano Rodrigues — Um episódio de relêvo, na vida de um repórter, depoimento de Belo Redondo .....	223
CAPITULO OITAVO — O que representa o <i>Diário de Notícias</i> na economia da Nação, como força construtiva — Depoimentos da Associação Industrial Portuguesa, da Associação Comercial de Lisboa (Câmara de Comércio) e da Associação Central da Agricultura Portuguesa .....	237
CAPITULO NONO — <i>O Diário de Notícias</i> no Algarve — Depoimento do dr. Mário Lyster Franco .....	247

CAPITULO DÉCIMO — O <i>Diário de Notícias</i> no Império Colonial Português. Uma memorável campanha pró-Colónias — Depoimento do ilustre colonialista sr. coronel Lopes Galvão .....	255
CAPITULO DÉCIMO PRIMEIRO — A projecção do <i>Diário de Notícias</i> na cultura da Nação como força construtiva — Alguns depoimentos notáveis que abrangem tôdas as províncias de Portugal .....	273
CAPITULO DÉCIMO SEGUNDO — A inauguração oficial da nova sede .....	305
Efemérides .....	429

## ÍNDICE DAS GRAVURAS

*Em cima ao alto:* A fachada das sete casas situadas no Largo das Escolas e rua contigua, que constituem o Bairro *Diário de Notícias* em Benavente, a que nos referimos no 1.º volume; *ao centro:* Cabeçalhos do *Diário de Notícias* segundo as modificações operadas na propriedade do jornal até 1900; *à esquerda e à direita:* Caricaturas de Eduardo Coelho, respectivamente de J. Navarro e Rafael Bordalo Pinheiro, a 1.ª em *O Penacho* e a 2.ª no *Album das Glórias*; *em baixo, à esquerda:* Eduardo Coelho, retrato tirado em Madrid a 27 de Setembro de 1887 e oferecido a sua filha D. Maria Adelaide; *ao centro:* Caricaturas de Rafael Bordalo e Eduardo Coelho executadas e oferecidas pelo primeiro, com os seguintes dizeres: «Lx.ª 25 Agosto 1879. A Eduardo Coelho — Rafael Bordalo Pinheiro — e ao fundo: Agradece» .....

	5
Dr. Adolfo de Andrade .....	9
José Carlos da Silva .....	11
Dr. José Gonçalves .....	13
Dr. João Deniz .....	15
A nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — A entrada vista de frente .....	21
A nova sede — O átrio onde se acham instalados os serviços de anúncios, encomendas de trabalhos gráficos, venda de publicações e serviços de correio e telégrafo .....	25
Dr. Caetano Beirão, Ariosto Saturnino, dr. Filomeno Lourenço, Armando Faria de Oliveira .....	28
Carlos Robalo dos Santos, Alberto Calderon Deniz, António Matias Ferreira Gomes, José António da Costa Barros .....	29
Dr. Alberto Reis, dr. Horta e Costa, Abílio Barbosa Duarte Cruz .....	31
Nova sede — A fachada do edificio na rua Rodrigues Sampaio .....	33
Nova sede — Outro aspecto do átrio para serviço do público .....	37
Engenheiro Gabriel Reis .....	39
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — A escada principal e o ascensor .....	39
A nova sede — Junto da grande rotativa .....	41
Nova sede — Um aspecto do terraço coberto, sobre a Avenida da Liberdade .....	41
A nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — O gabinete do Director .....	45
Nova sede — A venda de publicações no átrio destinado ao público .....	49
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — Sala de visitas do gabinete da Direcção .....	53
A grande máquina rotativa do <i>Diário de Notícias</i> de 9 m. de altura por 15 de comprimento, oficialmente inaugurada em 24-5-940 .....	55

O ascensor da grande rotativa do <i>Diário de Notícias</i> , que transporta os exemplares do jornal directa e automaticamente da máquina à casa de expedição .....	57
Abel Moutinho, João Duque, José de Miranda, Rocha Júnior .....	61
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O pessoal na secção de distribuição .....	63
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — Outro aspecto — Serviços administrativos (Secções de Contrôl e Correspondência) .....	63
Nova sede — Um trecho da oficina de composição .....	67
Aspecto das instalações dos serviços administrativos das novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> .....	71
As instalações dos serviços administrativos na nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — Outro aspecto .....	71
Projecto de illustração para a capa do Brinde aos senhores assinantes do <i>Diário de Notícias</i> em 1871 (caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro), o carro alegórico do <i>Diário de Notícias</i> no cortejo realizado por ocasião das Festas da Cidade de Lisboa em Junho de 1913 (projecto e ornamentação de Augusto Pinto), o frontispício do Almanaque do <i>Diário de Notícias</i> para 1885 .....	73
Uma página notável de Celso Herminio .....	77
Reprodução, em tamanho natural, dum postal n.º 551 da Coleção F. A. Martins — Edição de 1903 .....	81
A Feira do Pôrto, em 1923 .....	83
Júlio Cândido da Costa, major Júlio José Domingues, Raul Homem Cristo, Jaime Silva, Vasco Anjos Félix .....	87
António da Costa Leão, Gomes Monteiro .....	98
Frazão de Vasconcelos, J. M. Cordeiro de Sousa .....	99
Revisores do <i>Diário de Notícias</i> num almôço de confraternização, em 9-3-911 .....	102
Curiosa ementa de um almôço realizado pela Revisão do <i>Diário de Notícias</i> , em 1931, constituída por uma <i>prova</i> tipográfica, devidamente emendada .....	103
Francisco de Paula Bastos, Raul de Moraes Coelho .....	105
A nova sede do <i>Diário de Notícias</i> vista da Rotunda .....	111
O novo edificio visto do norte para o sul .....	115
Um número de <i>Os Sports</i> .....	121
Raul de Oliveira, Rocha Martins .....	144
Reprodução a 1/4 do 1.º número do <i>Arquivo Nacional</i> quando passou a ser editado pela Empresa Nacional de Publicidade .....	151
Capa de o <i>Noticias Ilustrado</i> .....	155
Leitão de Barros, Paulo Osório .....	158
Capa do 1.º número da revista <i>Eva</i> .....	163
Frontispício do 1.º volume dos Brindes aos senhores assinantes do <i>Diário de Notícias</i> .....	166
Frontispício do 1.º volume da colleção <i>Diário de Notícias</i> .....	167
Reprodução a 1/4 da 1.ª página do n.º 1 do <i>Diário de Notícias</i> illustrado .....	169
O 1.º número do <i>Noticias Agrícola</i> , 4 de Março de 1933 .....	177
Dr. Joaquim Pratas, dr. Urbano de Castro .....	179
Reprodução a 1/4 da 1.ª página do n.º 1 da revista <i>Electricidade e Mecânica</i> .....	185
Dr. Magnus Bergström, engenheiro Luiz de Sequeira Oliva Júnior, Bonifácio Guimarães .....	187
Aspecto do Catálogo de 1938 .....	193
Aspecto do Catálogo de 1933 .....	197
Aspecto do Catálogo de 1938 .....	201
Volta a Portugal em 1938, 19 de Agosto — Outro aspecto .....	227
Dr. Fernando Teixeira, Urbano Rodrigues .....	230
Belo Redondo .....	233
José Maria Alvares .....	239
Roque da Fonseca, Conde de Penha Garcia .....	242
O representante do <i>Diário de Notícias</i> no Algarve, falando, em Loulé, na cerimonia	

da inauguração do monumento ao escritor Ataíde Oliveira, iniciativa do <i>Diário de Notícias</i> .....	251
Dr. Mário Lyster Franco .....	253
Coronel Lopes Galvão .....	270
António Correia de Oliveira, dr. Agostinho de Campos .....	277
Dr. Sousa Costa .....	280
Dr. Ferreira de Mira .....	284
Manuel Ribeiro .....	288
Dr. Ramada Curto .....	290
Dr. Hernani Cidade .....	293
Dr. Lopes de Oliveira .....	294
Júlio de Lemos .....	296
Dr. Celéstino David .....	299
Abade de Baçal .....	301
Dr. Cândido Guerreiro .....	302
Inauguração oficial do <i>Diário de Notícias</i> — A chegada do Chefe do Estado .....	308
A visita do Chefe do Estado às novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O sr. General Carmona aperta efusivamente a mão ao sr. Alfredo Moreira .....	309
O Chefe do Estado inaugurando as instalações do <i>Diário de Notícias</i> em 24 de Abril de 1940 .....	313
Na inauguração da nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — Vêm-se na gravura: o sr. dr. Adolfo de Andrade, o sr. José Carlos da Silva, o sr. dr. Augusto de Castro, o sr. General Carmona, o sr. Carlos Reis e o sr. Alfredo Moreira .....	317
Na inauguração da nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — O Chefe do Estado assina o Livro de Honra dos visitantes .....	320
A inauguração oficial da nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — O sr. Ministro do Interior assinando o Livro de Honra dos visitantes .....	324
Na inauguração das novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O sr. dr. Augusto de Castro, sr. General Carmona, sr. Ministro do Interior, sr. Ministro da Educação Nacional, sr. Alfredo Moreira e sr. Carlos Reis .....	327
Inauguração da nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — O sr. dr. Augusto de Castro, discursando .....	330
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — Os visitantes examinando uma das máquinas de compor .....	332
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — Junto das máquinas de compor — Outro aspecto .....	336
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O Chefe do Estado na secção de gravura .....	342
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O Chefe do Estado visitando o Pósto de Socorros .....	343
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O chefe das oficinas, sr. Guilherme Pereira, explica ao Chefe do Estado o funcionamento de uma linotipo .....	349
Inauguração oficial do <i>Diário de Notícias</i> — O Chefe do Estado e o sr. Ministro do Interior vendo funcionar a máquina de impressão .....	352
As novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — O Chefe do Estado visita a Sala da Biblioteca .....	357
A nova sede — O Chefe do Estado admirando o panorama que se disfruta duma das varandas do terraço .....	360
Inauguração oficial da nova sede do <i>Diário de Notícias</i> — O operário Francisco Silva lendo o seu discurso ao Chefe do Estado .....	367
No dia da inauguração oficial do novo edifício do <i>Diário de Notícias</i> — O Chefe do Estado põe em movimento a grande máquina rotativa para a extracção do número «Suplemento» que nesse dia se publicou .....	370
A inauguração oficial das novas instalações do <i>Diário de Notícias</i> — Vendo funcionar a grande rotativa .....	382

«Suplemento» do <i>Diário de Notícias</i> feito e publicado em 24-V-340 durante a visita do Chefe do Estado às novas instalações .....	391
D. José Paulo da Câmara, Lino Ferreira .....	439
Posse do sr. dr. Augusto de Castro, em 20 de Maio de 1939 .....	451
Dr. Ricardo Jorge .....	459
Carlos Simões .....	460
José Sarmento .....	463





